

JULES MICHELET

TRADUÇÃO: LUIZ FERNANDO S M CORREIA

---



HISTÓRIA DA  
FRANÇA  
Tomo I  
Livros I e II  
(até 987 d.C.)

1ª Edição  
Rio de Janeiro  
Luiz Fernando Serra Moura Correia

**JULES MICHELET**

*tradução: Luiz Fernando Serra Moura Correia*

# **HISTÓRIA DA FRANÇA**



## **TOMO I - Livros I e II**

(até o ano 987 d.C.)

**1ª edição**

**Rio de Janeiro - 2013**

**Luiz Fernando Serra Moura Correia**

**HISTÓRIA DA FRANÇA**  
**TOMO PRIMEIRO - LIVROS I e II (até 987 d. C.)**  
(Paris – 1833)

**Por *Monsieur Michelet*,**  
Professor Suplente à Faculdade de Letras, Professor  
à Escola Normal, Chefe da Seção Histórica  
dos Arquivos do Reino

\*

**Tradução: Luiz Fernando Serra Moura Correia**  
(Rio de Janeiro – 2013)

***MICHELET, Jules*** (1798-1874)

***Editor:*** Luiz Fernando Serra Moura Correia (Prefixo editorial 915812)

***Ilustradores:*** Rodolfo Guilherme P. Moura Correia e Maria Fernanda P. Moura Correia

Tipo: título independente;

Assunto: História da Europa

Idioma: português

Suporte: e-book

Formato: AZW

1ª edição – 2013 – Rio de Janeiro

***ISBN 978-85-915812-1-4***

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução, transmissão de partes ou da totalidade deste livro, armazenamento, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito do editor. Direitos exclusivos desta edição reservados por Luiz Fernando Serra Moura Correia. Permitida a disponibilização para venda pela Amazon em formato digital, consoante termos e condições do KDP.

## DEDICATÓRIA DO AUTOR

JULES MICHELET

Eu dedico este livro aos meus mestres, àqueles que vivem e àqueles que não mais estão.

Eu o ofereço aos meus alunos, eles mesmos tornados mestres. Eu o ofereço sobretudo aos meus críticos, àqueles que desejarão corrigi-lo, melhorá-lo, refazê-lo, colocá-lo ao nível dos progressos ulteriores da ciência. “*Plurimi pertransibunt, et multiplex scientia*”[\[1\]](#).

Meu livro (a crítica mais severa convirá) saiu inteiro de fontes originais. Entretanto, devo muito a alguns dos nossos contemporâneos. É um dever, para mim, dizê-lo, é uma alegria para o amigo ou o discípulo deles nomear os homens aos quais ele se sente unido pelo laço mais estreito, o parentesco intelectual, a comunhão do pensamento. A imensa, a conscienciosa história de nosso venerável Sismondi, as belas narrativas dos dois Thierry, eis as obras que jamais me deixaram. Todavia, eu devo ainda àquelas de *Monsieur Guizot*[\[2\]](#). Sob a história dos fatos, ele viu a história das idéias. Não havia, absolutamente, antes de seu Curso, uma tal análise dos grandes feitos sociais e intelectuais. Se quisesse enumerar minhas obrigações em relação ao ilustre historiador, a lista seria longa. Há uma que eu não reconheceria jamais se não pelo meu coração; falo do benevolente interesse que ele sempre tomou nos meus trabalhos.

Para explicar do quê eu me aproximo e do quê me distancio das duas escolas que me precederam, far-se-ia necessário dizer sob qual ponto de vista eu encaro o método histórico. Mas para tratar do método, é preciso possuir autoridade. Eu deixarei falar meu livro. Que ele diga seu método, se ele puder.

Uma palavra apenas de ordem geral:

No primeiro volume, *as raças*. Elas são unidas, mas não misturadas, no império romano, no império carolíngio.

No segundo, *as províncias*, sua geografia; então, sua tendência em direção à unidade monárquica. Este período feudal de nossa história terminou antes de 1300, com São Luís, o fim e o ideal da Idade Média. A Idade Moderna começa com Felipe, o Belo, com o rebaixamento do papado, com o tapa em Bonifácio VIII.

No terceiro volume, *as instituições*; sua originalidade, seus empréstimos às instituições estrangeiras. Determinação da nacionalidade francesa.

Nos quarto e quinto volumes, o progresso desta nacionalidade desde o décimo quarto século até nossos dias, a grande obra da igualdade e da ordem civil, lentamente preparada pela Monarquia, consumada pela República, coroada e proclamada na Europa pelas vitórias de Bonaparte.

Venho de resumir a história política, a história exterior. Mas, no meu livro, ela está esclarecida pela história interior, pela da filosofia e da religião, do direito e da literatura. O esforço é grande, se a obra não o for. Não é menos que uma narrativa e um sistema, uma fórmula da França, considerada, de uma parte, na sua diversidade de raças e de províncias, na sua extensão geográfica e, de outra parte, no seu desenvolvimento cronológico, na unidade crescente do drama nacional. É um tecido no qual a trama é o espaço e a matéria e a cadeia é o tempo e o pensar. Tal é, ao menos, o ideal que buscamos.

1º de novembro de 1833

NOTA-PREFÁCIO DO TRADUTOR

Sobre o Autor[3]

Jules Michelet nasceu em Paris no dia 21 de outubro de 1798, onde também faleceu no dia 09 de fevereiro de 1874. Viveu, portanto, numa época de eventos dramáticos para a história da França e da Europa.

Nascido no seio de uma família protestante, seu pai, que o iniciou no trabalho da impressão, era mestre-impressor que se viu arruinado pelas ordenanças de Napoleão contra a imprensa, vindo a ser aprisionado em virtude de dívidas. Sua mãe era originária de uma família camponesa. Graças à sua experiência, foi-lhe oferecida uma posição na Imprensa Imperial; entretanto, seu pai proibiu-lhe, preferindo impor-se sacrifícios para enviá-lo à escola, onde ele se distingue. Em 1824, é nomeado professor de história.

Ainda que tivesse ideias políticas firmes que lhe foram transmitidas por seu pai e um republicanismo fervente temperado com um romantismo livre-pensador, ele é um homem de letras e um pesquisador do passado, pertencendo à escola que pensa que a história deve ser, antes de tudo, um curso de ensino filosófico e suas primeiras obras são manuais escolares destinados principalmente aos seus alunos.

Em 1830, com a mudança do monarca, no evento que ficou conhecido como a “Monarquia de Julho”, dois professores seus (Abel-François Villemain e François Guizot) são levados ao poder, o que lhe vale um cargo nos Arquivos Nacionais, assim como o título de Professor Suplente de Guizot, na Faculdade de Letras de Paris, o que trouxe-lhe grandes facilidades para o estudo e o aprofundamento de suas idéias.

Em 1831, ele começa o que é considerado sua obra maior, ou seja, a *Histoire de France*, que vai ocupá-lo pelos próximos trinta anos. Não com exclusividade, porém, pois no curso do trintênio, ele também escreve outros livros.

Suas obras – principalmente a “Origines du Droit Français” (Origens do Direito Francês) – são escritas no estilo próprio do autor; é dizer, conciso e enérgico, conseguindo dar relevo aos temas mais áridos e reviver o passado. Ele fala de si próprio: *Augustin Thierry chamou a história de “narração”; Guizot, de “análise”; eu a chamo “ressurreição”*.

O ano de 1838 o encontra na plenitude de sua capacidade, seus estudos tendo nutrido sua natural aversão aos princípios de autoridade e às práticas eclesiásticas. Nomeado para o Colégio de França, passa a se envolver numa polêmica contra a impopular ordem dos jesuítas e os princípios que ela representa; ele escreve três livros onde denuncia a traição da Igreja Romana em relação ao povo (“Os Jesuítas”, com colaboração de Edgar Quinet, “O padre, a mulher, a família” e “O povo”). O clero, finalmente, consegue proibir suas obras e sua carreira pública foi destroçada, já que nunca mais recuperou o Professorado.

Em 1848, quando da revolução, ele não aceitou entrar na vida política, ao contrário de vários homens de letras. Os excessos da revolução, os tiros das tropas sobre o povo, o convencem que a democracia só será possível se for pré-definida e ensinada ao conjunto dos cidadãos. Assim, ele se entrega com mais força a seu trabalho literário, retomando sua “História da França”.

Com o advento do Segundo Império, sob Napoleão III, em abril de 1852, ele foi destituído, por decisão ministerial, de sua cátedra de história e moral no Colégio de França, visto que dela criticara o clero e a realeza em favor da República. Em seguida, perde seu cargo nos Arquivos Nacionais e vai viver em Nantes, no sul da França.

Ele não viveu tempo suficiente para finalizar sua última grande empreitada sobre o século XIX.

Morto em 1874 e enterrado no cemitério de Hyères, seus restos foram depois transportados, em homenagem fúnebre oficial, até o cemitério do Père-Lachaise, no que foi acompanhado por mais de 25 mil pessoas.

Sobre a tradução

Esta tradução, a primeira em língua portuguesa, refere-se ao Tomo I da História da França, compreendendo um período de aproximadamente dois mil anos, ou seja, por volta de 1.000 a. C. até o ano 987.

Tentei, sempre que me pareceu interessante, e na medida em que os recursos de pesquisa me possibilitaram, trazer a tradução alheia do latim ou, por obra de esforço pessoal, traduzi-las. Não pude fazê-lo em relação à totalidade dos textos porque o meu foco principal não era esse. Ainda assim, para a vasta maioria das passagens em latim e grego vertidas para o português, fui buscar sua tradução em fontes não originais, isto é, em traduções feitas majoritariamente em inglês[4], francês ou português.

Arrisquei-me, também, a traduzir para o português o francês arcaico que o defino, de modo bem amplo, como aquele misturado ao latim, às línguas celtas, ao românico e o francês em formação e sistematização. Nessa toada, aqueles que, por oportunidade ou curiosidade, leram poemas ou trechos escritos em português arcaico, poderão aquilatar que a tarefa não foi das mais fáceis

O estágio atual da rede mundial de computadores foi de colossal importância para esclarecimento de passagens históricas, pesquisa em outras fontes, para resolução de expressões idiomáticas. Nessa toada, elogio as iniciativas governamentais e particulares voltadas ao progresso e à educação do gênero humano, com a disponibilização digital de textos, manuscritos, livros que se encontram em domínio público.

Assim, não posso deixar de agradecer, por exemplo, aos meus constantes parceiros, que muito me auxiliaram quando arrisquei-me a inserir “Notas do Tradutor”, isto é, à Bibliothèque Nationale de France (BNF), que mantém a biblioteca numérica Gallica (gallica.bnf.fr), ao Projeto Gutenberg (gutenberg.org), à Biblioteca do Congresso dos Estados-Unidos da América, à organização Internet Archive (www.archive.org) e à Wikipedia (wikipedia.org), de quem me tornei doador mensal permanente e cuja confiabilidade sempre pus à prova confrontando-a com as fontes escritas reputadas confiáveis (por exemplo, Edward Gibbon e seu monumental “The Decline and Fall of the Roman Empire”, edição da Britânica de 1952 e parte integrante da coleção “Great books of the Western World”, a Encyclopaedia Britannica, a Enciclopédia Larousse, tendo preferido, invariavelmente, declinar a Wikipédia para facilitar o acesso às fontes que menciono). O Google (www.google.com.br), com seu serviço de pesquisas, mapas, satélites e disponibilização de livros eletrônicos foi, também, uma fonte valiosíssima pois permite parametrizações para busca. Ao longo da

tradução, menciono diversos outros sítios da internet, aos quais presto minha reconhecida homenagem: faço menção particular àquele de Philippe Remacle ([www.remacle.org](http://www.remacle.org)), professor belga falecido em dezembro de 2011, cuja página é mantida pelo amor e memória de seus filhos Anne-Sophie e Jean-François (<http://remacle.org/obituary.htm>), a qual contém centenas de textos e documentos em francês compreendendo a Antiguidade Clássica e a Idade Média, tanto da cultura ocidental como da oriental, sendo, enfim, definido pela Wikipedia como “indispensável a todos os estudos e pesquisas sobre a Antiguidade e a alta Idade Média” ([http://fr.wikipedia.org/wiki/Philippe\\_Remacle](http://fr.wikipedia.org/wiki/Philippe_Remacle)).

Desde o início, tive em mente que usaria as segundas pessoas do singular e do plural. O francês é eloquentemente sutil para que o “tu” seja utilizado nas relações familiares, de amizade, proximidade, enquanto o “vós” é reservado para ocasiões solenes, vínculos formais ou onde as pessoas envolvidas se colocam a uma certa distância. Impus ao leitor brasileiro, há décadas desacomodado com o emprego, escrito ou falado, da segunda pessoa do plural, um certo sacrifício). Mas é que, para além do respeito às idiossincrasias da língua francesa, ponderei que seriam pouco críveis os diálogos, cartas, pronunciamentos, afirmações e frases feitos há centenas ou milhares de anos, se eu os corrompesse com os pronomes “você” ou “vocês”.

Todas as notas não originais do livro, é dizer, todas aquelas que, a meus exclusivos juízo e risco, resolvi inserir são antecedidas pela sigla (NT) ou Nota do Tradutor. Se elas mais atrapalharam que ajudaram o leitor, cubem-me exclusivamente (ainda assim, insisto, julgo-as importantes, mormente no tópico sobre a Auvérnia, nos “Eslarecimentos”, cujo texto original possui mais de 70% de seu conteúdo em latim).

**Desapontamentos, Esperança e Auto-Prefácio**

Tentei fazer com que essa primeira edição fosse impressa e não digital. Para tanto, apurei os preços de uma eventual tiragem impressa e findei por achá-los elevados para, na qualidade de editor pessoa física, fazê-la com meus próprios recursos. Assim, procurei uma editora tradicional e, aparentemente, a praxe “do mercado” é enviar algum material e aguardar a resposta, sendo certo que a falta de resposta significa recusa (a esta altura, portanto, posso considerar que esta tradução foi recusada pois nada foi-me respondido; ainda assim, penso que uma satisfação por parte da editora seria de elogiável polidez).

Antevendo, porém, a falta de interesse da “editora de papel”, encaminhei, na seqüência, *e-mails* para algumas grandes empresas francesas que operam no Brasil, dizendo-lhes do ineditismo desta tradução, da importância da obra (ao menos, essa é a minha avaliação) e que, se fosse do interesse das mesmas associarem seus nomes à publicação, eu estaria à disposição para expor-lhes o trabalho a fim de melhor avaliarem a possibilidade de um patrocínio. Estimei que, para elas, e considerando uma tiragem de cerca de quinhentos exemplares, o custo significasse, talvez, algo em torno de alguns segundos (melhor dizendo: alguns décimos ou milésimos de segundos) de seus lucros anuais, motivo pelo qual teriam, no mínimo, algum impulso patriótico. Também não recebi resposta de nenhuma das cinco.

Felizmente, nesse ínterim, tomei conhecimento do Kindle Direct Publishing (KDP), que permite a um autor ou editor pessoa física levar seu trabalho ao público sem que, para isso, tenha que dispendir recursos outros que não seu tempo e a energia elétrica caseira, possibilitando-lhe, também, estipular um preço bem mais atrativo para o público potencial. Agradeço, portanto, à Amazon e elogio a mentalidade estadunidense que, em amando o risco e a ousadia, acaba por incentivar o caminho dos livros, da cultura, da informação, do conhecimento.

À falta de uma caixa-postal, utilizei um formulário padrão existente no sítio Internet do Consulado-Geral da França no Rio de Janeiro (*Maison de France*), no qual escrevi uma respeitosa mensagem dirigida ao Sr. Cônsul francês no Rio de Janeiro, indagando-lhe se desejaria considerar a hipótese de escrever um prefácio para esta tradução, que é a primeira em língua portuguesa. Também não obtive resposta.

Então, em poucas palavras, **que o prefácio seja** o valor intrínseco do trabalho ao qual me dediquei e a quantidade de amor que nele foi empregado. Para mim, é o quanto basta.

**Coda**

Esta tradução não provém do engenho de um experimentado tradutor. Em efeito, é a primeira longa tradução à qual me arrisco.

Representou um vasto oceano a ser enfrentado com fé que, vez ou outra, era testada. Neste momento, vêm-me à lembrança alguns sorrisos incrédulos e olhares misericordiosos de parentes, amigos, colegas de trabalho; volta-me aos lábios, que se abrem em um sorriso doce, o inquebrantável otimismo infantil de meus filhos **Rodolfo** e **Maria Fernanda**, respectivamente com 10 e 7 anos, que me ajudaram nas ilustrações aqui existentes: ele desenhou o machado cujo nome, franquisque (ou frâncica ou francisque), acabou por batizar a tribo germânica que ficou conhecida como sendo a dos Francos e, na evolução, a França; ela, chamando seriamente seu trabalho de “Projeto Flor-de-Lis”, desenhou o símbolo eterno desse país. Agradeço também a **Jane Assunção** que me ajudou com a criação de hiperlinks no índice de matérias.

É possível que esta tradução, apesar das revisões que fiz, possua um ou outro erro, a respeito dos quais peço desculpas antecipadas. Invoco, porém, as tocantes palavras do autor: esta tradução é “aos meus críticos, àqueles que desejarem corrigi-la, melhorá-la”. Neste caso, se erros forem encontrados, peço que me sejam trazidos ao conhecimento ([editor\\_luizfernando@hotmail.com](mailto:editor_luizfernando@hotmail.com)).

Rio de Janeiro, do final do verão a meados do inverno de 2013 e 180 anos após a primeira publicação em Paris.



# LIVRO PRIMEIRO – TOMO I

## CELTAS – IBEROS – ROMANOS

---

### CAPÍTULO PRIMEIRO

#### Celtas e Iberos

---

“O caráter comum de toda a raça gaulesa, disse Estrabão (Strabonius), de acordo com o filósofo Poseidônio (Posidonius), é que ela é irritável e louca por guerra, pronta ao combate; de resto, simples e sem malignidade. Se irritados, eles marcham juntos direto para o inimigo e o atacam de frente, sem se importarem com qualquer outra coisa. Também pelo ardil consegue-se levá-los aonde se quiser; pode-se jogá-los ao combate quando se quiser, onde se quiser, pouco importam os motivos; eles estão sempre prontos, ainda que não tivessem outra arma que não fosse sua força e sua audácia. Todavia, pela persuasão, eles se deixam levar sem pena às coisas úteis; eles são suscetíveis à cultura e à instrução literária. Fortes em sua alta dimensão e número, eles se juntam desembaraçadamente em grande multidão, simples e espontâneos que são, tomando de bom grado para si a causa daquele a quem se oprime”[5]. Tal é o primeiro olhar da filosofia sobre a mais simpática e a mais perfectível das raças humanas.

O gênio desses gauleses ou celtas não é, de início, outra coisa que movimento, ataque e conquista; é pela guerra que se misturam e se aproximam as nações antigas. Povo de guerra e de barulho, eles correm o mundo de espada à mão, menos, ao que parece, por avidez do que por um vago e vão desejo de ver, de saber, de agir; quebrando, destruindo à falta de ainda poder produzir. São as crianças do mundo nascente; grandes corpos macios, brancos e louros; do impulso, pouca força e fôlego[6]; jovialidade feroz, esperança imensa; frívolos, não tendo ainda encontrado nada que os detivesse à sua frente. Eles quiseram ir ver o que era esse tal de Alexandre, este conquistador da Ásia, à frente de cuja face os reis desfaleciam de temor[7]. “Que temeis?”, pergunta-lhes o homem terrível. “Que o céu desabe”, diriam eles[8]; não haveria outra resposta. O próprio céu não lhes espantava muito; eles lançavam-lhe flechas, quando trovejava[9]. Se mesmo o Oceano transbordava e lhes chegava, eles não recusavam o combate e marchavam a ele, espada à mão[10]. Era uma questão de honra jamais recuar; eles se obstinavam, não raro, a permanecer sob um teto incendiado[11]. Nenhuma nação fazia melhor preço de sua vida. Via-se quem, por algum dinheiro, por um pouco de vinho, se engajava a morrer; eles subiam sobre um estrado, distribuíam a seus amigos o vinho ou o dinheiro, deitavam sobre seus escudos e esticavam a garganta[12].

Seus banquetes não eram jamais terminados sem batalha. A coxa do animal pertencia ao mais bravo[13], e cada um queria ser o mais bravo. Seu maior prazer, após aquele de se baterem, era o de cercar de cuidados o estrangeiro, de fazê-lo sentar-se, de bom ou mau grado, com eles, de fazer-lhe contar as histórias das terras distantes. Esses bárbaros eram insaciavelmente ávidos e curiosos; eles faziam a *prensa* dos estrangeiros, levando-os aos mercados e às estradas e os forçavam a falar[14]. Eles mesmos, faladores terríveis, infatigáveis, abundantes em figuras de linguagem, solenes e burlescamente graves em sua pronúncia gutural[15], era um problema, em suas assembléias, manter a palavra ao orador entre as interrupções. Fazia-se necessário que um homem encarregado de manter o silêncio caminhasse, espada à mão, sobre o interruptor; na terceira intimação, ele cortava-lhe um bom pedaço de sua vestimenta, de modo que ele não mais pudesse vestir o restante[16].

Uma outra raça, aquela dos Iberos, cedo aparece ao sul da Gália, ao lado dos Galos e, mesmo, antes deles. Esses Iberos, cujos tipo e língua se conservaram nas montanhas dos Bascos, eram um povo de gênio medíocre, laborioso, agricultor, mineiro, ligado à terra para dela extrair os metais e o trigo[17]. Nada indica que eles fossem primitivamente assim tão belicosos quanto se tornaram desde que, pisoteados nos Pirineus pelos conquistadores do sul e do norte, encontrando-se, malgrado si próprios, guardiões dos desfiladeiros, eles foram tantas vezes cruzados, quebrados, endurecidos pela guerra. A tirania dos Romanos pôde uma vez empurrá-los para um desespero heróico; mas geralmente sua coragem fora aquela da

resistência[18], como a dos Gauleses era a do ataque. Aparentemente, os Iberos não tinham, como eles, o gosto pelas expedições longínquas, pelas guerras aventureiras. As tribos ibéricas emigraram, mas contra a sua vontade, empurradas por povos mais poderosos.

Os Galos e os Iberos formavam um perfeito contraste. Estes, com suas vestes de pêlo negro e duas botas tecidas de crinas[19]; os Galos, cobertos de tecidos berrantes, amigos das cores vivas e variadas, como a manta dos modernos gaélicos da Escócia[20], ou bem quase nus, cobrindo seus peitorais brancos e seus membros gigantescos com maciças correntes de ouro[21]. Os Iberos encontravam-se divididos em pequenas tribos montanhesas que, diz Estrabão, não se ligam nunca entre si em virtude de um excesso de confiança em suas próprias forças. Os Galos, ao contrário, associam-se de bom grado em grandes hordas, acantonando-se em grandes vilarejos, nas grandes planícies abertas, ligando-se graciosamente com os estrangeiros, familiares com os desconhecidos, eloqüentes, risonhos, oradores; misturando-se com todos em tudo, dissolutos por leviandade, entregando-se às cegas, ao acaso, aos prazeres infames[22] (a brutalidade da embriaguez pertence mais aos Germânicos); todas as qualidades, todos os vícios de uma simpatia rápida. Não se devia confiar muito nesses alegres companheiros. Eles gostavam de, por qualquer coisa, *motejar*, como se dizia na Idade Média. Para eles, a palavra não tinha nada de sério. Eles prometiam, depois riam, e tudo estava dito (*Ridendo fidem frangere*[23]. TIT.-LIV.)

Os Galos não se contentaram em empurrar os Iberos até os Pirineus, eles ultrapassaram essas montanhas, estabeleceram-se sobre os dois ângulos sudoeste e noroeste da península sob seu próprio nome; ao centro, misturando-se aos vencidos, eles tomaram os nomes de Celtiberos e de Lusitanos[24].

Então, ou talvez anteriormente, as tribos ibéricas dos Sicanos e dos Lígures[25] passaram da Espanha para a Gália e para a Itália; mas na Itália, como na Espanha, os Galos os atacaram. Estes cruzaram os Alpes sob o nome de Ambra (valentes[26]), estreitaram os Lígures sobre a costa montanhosa do Ródano ao Arno e empurraram os Sicanos até a Calábria e até a Sicília.

Nas duas penínsulas, os Celtas vitoriosos se miscigenaram com os habitantes das planícies centrais, enquanto os Iberos vencidos se mantiveram nas extremidades, na Ligúria e na Sicília, nos Pirineus e na Bética. Os Galos-Ambra da Itália ocupavam todo o vale do Pó e se estendiam pela península até a foz do Tibre. Eles foram subjugados, na sequência, pelos Rasenas ou Etruscos, cujo império foi mais tarde estreitado entre o Macra, o Tibre e os Apeninos, em virtude de novas emigrações célticas.

Dois povos estavam à frente da civilização nesta alta antiguidade, os Gregos e os Fenícios. O Hércules de Tiro ia, então, por todos os mares, comprando e arrebatando, em cada região, seus mais preciosos produtos. Ele não negligencia o grená da costa dos Gauleses, o coral das ilhas de Hières; ele se informa das minas preciosas que, então, os Pirineus escondiam à flor da terra, os Cevenas e os Alpes[27]. Ele vem e retorna e acaba por se assentar. Atacado pelos filhos de Netuno, Albion e Liguria (essas duas palavras significam *montanhês*[28]), ele teria sucumbido se Júpiter não tivesse substituído suas flechas esgotadas por uma chuva de pedras. Essas pedras ainda cobrem a planície do Crau, na Provença. O Deus vencedor funda Nemausus (Nîmes), torna a subir o Ródano e o Saône, mata em seu covil o salteador Taurisco que infestava as estradas e constrói Alesia sobre o território Eduen (região de Autun). Antes de sua partida, ele funda a via que atravessava o Passo da Tenda[29] e que conduzia da Itália, pela Gália, à Espanha; é sobre esses primeiros assentamentos que os Romanos construíram a Via Aurélia e a Domitia.

Aqui, como alhures, os Fenícios não fizeram senão franquear a rota aos Gregos. Os Dóricos de Rhodes sucederam aos Fenícios e foram, eles mesmos, suplantados pelos Jônicos de Focea. Estes fundaram Marselha. Esta cidade, lançada tão distante da Grécia, subsistiu por milagre. Por terra, ela estava cercada por possantes tribos gaulesas e lígures que não lhe deixavam pegar um torrão de terra sem combate. Por mar, ela se deparava com as grandes frotas dos Etruscos e dos Cartagineses que haviam organizado, sobre as costas, o mais sanguinário monopólio; o estrangeiro que comerciava na Sardenha devia ser afogado[30]. Tudo foi bem sucedido para os Marselheses; eles tiveram a alegria de ver, sem desembainhar a espada, a marinha etrusca destruída em uma batalha pelos Siracusos; depois, a Etrúria, a Sicília, Cartago, todos os estados comerciantes anulados por Roma. Cartago, tombando, deixa um espaço imenso que Marselha bem invejou, mas não cabia a um humilde aliado de Roma tomar um papel tamanho, a um povo de um gênio honesto e ecônomo, porém mais mercantil que político que, no lugar de ganhar e de adjudicar os bárbaros da vizinhança, estivera sempre em guerra com os mesmos. Tal foi, entretanto, a boa conduta e a perserverança dos habitantes de Massalia[31] que eles estenderam seus assentamentos ao longo do Mediterrâneo, desde os Alpes marítimos até o Cabo Saint-Martin, quer dizer, até às primeiras colônias cartaginesas. Eles fundaram Mônaco, Nice, Antibes, Eaubes, Saint-Gilles, Agde, Ampurias, Denia e algumas outras cidades[32].



Ao momento em que a Grécia começava a civilizar o litoral meridional, a Gália do norte recebia a sua, dos próprios Celtas. Uma nova tribo celta, aquela dos Kymry (Cimérios?)[\[33\]](#), vem se juntar à dos Galos. Os recém-chegados, que se estabeleceram principalmente no centro da França, sobre o Sena e o Loire, tinham, ao que parece, mais seriedade e continuidade nas idéias; menos indisciplinados, eles eram governados por uma corporação sacerdotal, aquela dos Druidas. A religião primitiva dos Galos, que o druidismo kímrico vem substituir, era uma religião da natureza, ainda grosseira, sem dúvida, e bem distante da forma sistemática que ela pôde tomar na sequência, nos territórios gaélicos da Irlanda[\[34\]](#). A dos Druidas kímricos, tanto quanto podemos entrevê-la através das secas indicações dos autores antigos e pelas tradições fortemente alteradas dos Kymry modernos do País de Gales, possuíam uma tendência moral muito mais elevada; eles professavam a imortalidade da alma. Todavia, o gênio dessa raça era por demais materialista para que de tais doutrinas viesse, em boa hora, o seu fruto. Os Druidas não puderam fazê-la sair da vida do clã; o princípio material, a influência dos chefes militares, subsistiu ao lado da dominação sacerdotal. A Gália kímrica não foi senão imperfeitamente organizada. A Gália gálica não o foi de todo: ela escapou dos Druidas e, pelo Reno, pelos Alpes, se derramou sobre o mundo.

É sobre essa época que a história coloca as viagens de Sigovésio e Bellovésio[\[35\]](#), sobrinhos do rei dos Bituriges, Ambigat, que teriam conduzido os Galos na Germânia e na Itália. Eles foram sem outro guia que não os pássaros, cujo vôo observavam. Em outra tradição, é um marido ciumento, um aruns etrusco que, para se vingar, fez os bárbaros apreciarem o vinho. O vinho pareceu-lhes bom e eles o seguiram à terra da vinha[\[36\]](#). Esses primeiros emigrantes, Eduos, Arvernos e Bituriges (povos gálicos da Borgonha, da Auvérnia, de Berry), se estabelecem na Lombardia, apesar dos Etruscos, e tomaram o nome de *Is-Ambra*[\[37\]](#), is-ombrios, insúbrios, sinônimo de Galos; era o nome dos antigos Galos ou *Ambra*, Úmbrios, que os Etruscos haviam submetido. Seus irmãos, os Aulerces, Carnutos e Cenomanos (Mancences e Chartrenses), vêm em seguida sob um chefe chamado “o Furacão”[\[38\]](#), se fazem assentar às expensas dos Etruscos do Vêneto e fundam Brixia e Verona. Enfim, os Kymry, invejosos das conquistas dos Galos, passam os Alpes à sua vez; mas o lugar já está ocupado no vale do Pô; é preciso que eles se vão até o Adriático, eles fundam Bolonha e Senagallia ou, melhor, eles se assentam nas cidades que os Etruscos haviam outrora fundado. Aos Galos era estranha a idéia da cidade medida e figurada de acordo com noções religiosas e astronômicas. Suas cidades não eram senão grandes vilarejos abertos, como *Mediolanum* (Milão). O mundo gálico é o mundo da tribo[\[39\]](#); o mundo etrusco-romano, aquele da cidade.

Eis então a tribo e a cidade em presença desse campo fechado da Itália. A princípio, a tribo tem a vantagem; os Etruscos são estreitados dentro da Etrúria propriamente dita e os Gauleses os seguem em pouco tempo. Eles passam os Apeninos, com seus olhos azuis, seus bigodes selvagens, seus colares de ouro sobre seus ombros brancos, eles vêm desfilar em face das muralhas ciclópicas dos Etruscos apavorados. Eles chegam à frente de Clusium e pedem terras. Sabe-se que, nesta ocasião, os Romanos intervieram em favor dos Etruscos, seus antigos inimigos, e que um terror pânico entrega Roma aos Gauleses. Eles ficaram bem atônitos, diz Tito-Lívio, de encontrar a cidade deserta; mais atônitos ainda de ver, às portas das casas, os velhos que permaneciam majestosamente aguardando a morte; os gauleses se familiarizaram pouco a pouco com essas figuras imóveis que, de início, se impunham; um deles, todavia, se atreve, com sua jovialidade bárbara, a acariciar a barba de um desses orgulhosos senadores que respondeu com um golpe de bengala[\[40\]](#). Este foi o sinal do massacre.

A juventude que se abrigara no Capitólio resistiu algum tempo e terminou por pagar um resgate[\[41\]](#). É, ao menos, a tradição mais provável. Os Romanos preferiram outra. Tito-Lívio assegura que Camille vingou sua pátria por uma vitória e massacrrou os Gauleses sobre as ruínas que eles fizeram. O que soa mais certo, é que eles permaneceram dezessete anos no Lácio[\[42\]](#), em Tibur mesmo, na porta de Roma. Tito-Lívio chama Tibur: *arcem gallici belli*. É neste intervalo que teriam tido lugar os duelos heróicos de Valerius Corvus e de Manlius Torquatus contra os gigantes gauleses. Os deuses tomaram parte: um corvo sagrado deu a vitória a Valerius; Manlius arrancou o colar (*torquis*) ao insolente que desafiara os Romanos. Muito tempo depois, era uma imagem popular: via-se sobre o escudo cimblico, tornado uma insígnia das lojinhas, a figura do bárbaro que enchia as bochechas e mostrava a língua[\[43\]](#).

A cidade devia levar vantagem sobre a tribo, a Itália sobre a Gália. Os Gauleses, expulsos do Lácio, continuaram as guerras, mas como mercenários a serviço da Etrúria. Eles tomaram parte, com os Etruscos e os Samnitas, dessas terríveis batalhas de Sentinum e do lago Vadimon que asseguraram a Roma o domínio da Itália e, por consequência, o do mundo. Eles aí mostraram sua vã e brutal audácia, combatendo nus contra pessoas bem armadas, chocando, ao grande barulho de seus carros de guerra, as massas impenetráveis das legiões, opondo ao terrível *pilum* péssimos sabres que cediam ante o primeiro golpe[\[44\]](#). É a história comum de todas as batalhas gaulesas. Jamais eles se corrigiram. Foram necessários, todavia, grandes esforços dos Romanos e a devoção de Décio. Ao fim, eles penetraram, por sua vez, nas terras dos Gauleses, retomaram o resgate do Capitólio e estabeleceram uma colônia no burgo principal dos Senones vencidos em Sena, no Adriático. Toda esta tribo foi exterminada, de maneira que não restou sequer um dos filhos daqueles que se orgulhavam de ter queimado Roma[\[45\]](#).

Esses reveses dos Gauleses da Itália devem, talvez, encontrar sua explicação na circunstância de que seus melhores guerreiros teriam tomado parte na grande migração dos Gauleses Transalpinos na direção da Grécia e da Ásia (ano 281 a.C.). Nossa Gália era como esse vaso da mitologia gaulesa, de onde surge e derrama incessantemente a vida[46]; ela recebia, por torrentes, a barbárie do norte para despejá-la sobre as nações do sul. Após a invasão druídica dos Kymry, ela sofrera a invasão guerreira dos Belgas ou *Bolg*. Estes, os mais impetuosos dos Celtas, como os Irlandeses seus descendentes[47], haviam, a partir da Bélgica, varado sua rota pelos Galos e os Kymry até o *midi*, até mesmo Toulouse, e se estabeleceram no Languedoc sob o nome de Arecômicos e Tectósagos. É daí que eles tomaram seu caminho para uma nova conquista. Galos, Kymry, mesmo alguns Germânicos, desceram com eles o vale do Danúbio. Esse enxame foi se abater sobre a Macedônia. O mundo da cidade antiga, que se fortificava na Itália pelos progressos de Roma, encontrava-se abalado na Grécia desde Alexandre. Todavia, essa pequena Grécia era tão forte de arte e de natureza, tão densa, tão cerrada de cidades e de montanhas, que nela não se entrava impunemente. A Grécia é como uma armadilha de três fundos. Podeis nela entrar e encontrar-vos preso na Macedônia, depois na Tessália, depois entre as Termópilas e o Istmo.

Os bárbaros invadiram com sucesso a Trácia e a Macedônia e aí fizeram monstruosas devastações, passaram ainda as Termópilas e vieram fracassar contra a rocha sagrada de Delfos. O deus defendeu seu templo; para derrotar os Gauleses, bastou uma tempestade e toneladas de rochas que os sitiados rolaram. Abarrotados de vinho e de comida, eles já se encontravam vencidos pelos seus próprios excessos. Um terror pânico se apodera deles à noite. Seu *brenn*, ou chefe, recomenda-lhes, para facilitar a retirada, queimar as carroças e degolar seus dez mil feridos[48]. Após, ele se embebedou e se apunhalou. Mas os seus não puderam jamais retirar-se de tantas montanhas e passagens difíceis, no seio de uma população encarniçada.

Outros Gauleses misturados com Germanos, os Tectósagos, Trócmos e Tolistógos, tiveram mais sucesso além-Bósforo. Eles se lançaram nesta grande Ásia, no meio das querelas dos sucessores de Alexandre. O rei da Bitínia Nicomédia e as cidades gregas que, à pena, se sustentavam contra os Selêucidas, compraram o socorro dos Gauleses, socorro interesseiro e funesto, como logo se viu. Esses hóspedes terríveis dividiram-se a Ásia-Menor para pilhar e extorquir[49]; aos Trócmos, o Helesponto; o sul, aos Tectósagos. Eis nossos Gauleses de volta ao berço dos Kymry, não distante do Bósforo Cimério; ei-los assentes sobre as ruínas de Tróia e nas montanhas da Ásia-Menor, onde os Franceses conduzirão, séculos depois, a cruzada sob a bandeira de Godefroi de Bouillon e de Luís, o Jovem.

Enquanto esses Gauleses empanurraram-se e engordam nessa branda Ásia, os outros vão, por todos os cantos, procurando fortuna. Quem deseja uma coragem cega e sangue barato, compra os Gauleses, prolífica e belicosa nação que serve a tantos exércitos e tantas guerras. Todos os sucessores de Alexandre tem Gauleses, Pirro sobretudo, o homem das aventuras e dos sucessos abortados. Cartago os possui também, na primeira guerra púnica. Ela os paga mal, como se sabe[50], e eles tiveram grande parte nesta horrível guerra dos Mercenários. O gaulês Autarito foi um dos chefes revoltados.

Roma aproveitou-se dos embaraços de Cartago e do entreato das duas guerras púnicas para abater os Lígures e os Gauleses da Itália.

“Os Lígures, escondidos ao sopé dos Alpes, entre o Var e o Macra, nos espinhais selvagens eriçados, eram mais difíceis de encontrar que vencer; raça de homens ágeis e infatigáveis[51], povo menos guerreiro que salteador, que depositava sua confiança na velocidade de sua fuga e na profundez de sua retirada. Todos esses ariscos montanheses, Salúvios, Deceatos, Eubúriates, Oxibeanos, Ingaunos, escaparam por muito tempo das armas romanas. Enfim, o cônsul Fulvius incendiou seus covis, Bébius os fez descer à planície e Posthumius os desarmou, mal deixando-lhes algum ferro para trabalharem seus campos (238-233 a. C.)”.

Meio século depois que Roma exterminara os Senones, a lembrança desse terrível acontecimento ainda não se apagara entre os Gauleses. Dois reis dos Boios (região da Bolonha), At e Gall[52], tentaram armar o povo para apoderar-se da colônia romana de Ariminum[53]; eles chamaram, além-Alpes, os Gauleses mercenários. Mais depressa que entrar em guerra contra Roma, os Boios mataram os dois chefes e massacraram seus aliados. Roma, inquieta dos movimentos que ocorriam na terra dos Gauleses, os irrita pela proibição de todo o comércio com eles, sobretudo o das armas. Seu descontentamento foi levado ao cúmulo por uma proposição do tribuno Flaminius. Ele pediu que as terras conquistadas aos Senones depois de cinquenta anos fossem, enfim, colonizadas e divididas entre o povo. Os Boios, que sabiam pela fundação de Ariminum o custo de ter os Romanos por vizinhos, se arrependeram de não terem tomado a ofensiva e quiseram formar uma liga com todas as nações do norte da Itália. Mas os Vênets, povo eslavo, inimigos dos Gauleses, recusaram-se a entrar na liga, os Lígures estavam esgotados, os Cenomanos secretamente vendidos aos Romanos. Os Boios e os Insúbios (Bolonha e Milão) ficaram

sós e foram obrigados a chamar, além-Alpes, os Gaesatae, os *Gaisda*, homens armados de *gais* ou lanças, que se colocavam, de boa-vontade, a soldo das ricas tribos gaulesas da Itália. Cooptou-se, à força de dinheiro e de promessas, seus chefes Aneroeste e Concolitan.

Os Romanos, de tudo instruídos pelos Cenomanos, alarmaram-se com esta liga. O Senado fez consultar os livros sibilinos e leu-se, com apreensão, que duas vezes os Gauleses deveriam tomar posse de Roma. Acreditou-se desviar essa infelicidade enterrando vivos dois Gauleses, um homem e uma mulher, no centro, mesmo, de Roma, no mercado de gado. Desta maneira, os Gauleses *tomavam posse do solo de Roma* e o oráculo se encontrava cumprido ou iludido. O terror de Roma ganhara a Itália inteira; todos os povos dessa região acreditavam-se igualmente ameaçados por uma pavorosa invasão de Bárbaros. Os chefes gauleses haviam tirado de seus templos as bandeiras de relevo de ouro que eles chamavam *as imóveis*; eles haviam jurado solenemente, e fizeram jurar a seus soldados, que eles não desatariam seus talabartes antes de terem subido ao Capitólio. Eles arrastavam tudo em sua passagem, manadas, lavradores garroteados que faziam marchar sob chicote; eles levavam até os móveis das casas. Toda a população da Itália central e meridional se levanta espontaneamente para deter um tal flagelo e setecentos e setenta mil soldados[54] se puseram prontos a seguir, caso necessário, as águias de Roma.

Dos três exércitos romanos, um devia guardar as passagens dos Apeninos que conduzem à Etrúria. Mas os Gauleses já estavam no coração deste lugar e a três dias de Roma (225). Temendo ser acuada entre a cidade e o exército, os Bárbaros retornaram sobre seus passos, mataram seis mil homens aos Romanos que os perseguiam e eles os teriam destruído se o segundo exército não tivesse se reunido ao primeiro. Eles então se distanciaram para colocar o butim em segurança; e já se retiravam até a altura do cabo Telamônio quando, por um surpreendente acaso, um terceiro exército romano, que vinha da Sardenha, desembarca perto do campo dos Gauleses que se encontravam enclausurados. Eles fizeram face dos dois lados, ao mesmo tempo. Os Gaesatae, por bravata, despiram toda a roupa, puseram-se nus no primeiro ranque, com suas armas e seus escudos. Os Romanos ficaram, um momento, intimidados com o bizarro espetáculo e com o tumulto que o exército bárbaro apresentava. “Além de uma multidão de corpos e de trompetes que não cessavam de soar, eleva-se, repentinamente, um tal concerto de urros que, não somente os homens e os instrumentos, mas a própria terra e as redondezas, pareciam querer gritar. Havia ainda qualquer coisa de pavorosa na postura e nos gestos desses corpos gigantescos que se mostravam nos primeiros ranques sem outras roupas que não suas armas; não se via algum que não estivesse paramentado de correntes, de colares e de braceletes de ouro.” A inferioridade das armas gaulesas deu a vantagem aos Romanos; o sabre gaulês não batia senão de talho e era de tão pobre têmpera, que se dobrava ante o primeiro golpe[55].

Os Boios foram subjugados na sequência dessa vitória, as legiões passaram o Pó pela primeira vez e entraram no país dos Insúbrios. O fogoso Flaminius aí pereceria se não houvesse, por um tratado, enganado os Bárbaros, até que se encontrasse forte. Convocado pelo Senado, que não o amava e que pretendia que sua nomeação fosse ilegal, ele quis vencer ou morrer: rompeu a ponte atrás de si e impôs aos Insúbrios uma vitória de alto calibre. Foi só então que ele abriu as cartas, onde o Senado, da parte dos deuses, pressagiava-lhe uma derrota.

Seu sucessor, Marcellus, era um bravo soldado. Ele matou em combate singular o *brenn* Virдумar e consagrou a Júpiter Ferétrio o segundo espólio *opimes*[56] (desde Rômulo). Os Insúbrios foram subjugados (222) e a dominação dos Romanos se estendeu sobre toda a Itália até os Alpes.

Ao momento em que Roma acreditava ter pavimentado os Gauleses da Itália sob si, eis que Aníbal chega e os levanta. O ardiloso Cartaginês tira bom partido disso. Ele os coloca no primeiro ranque e os faz passar, de boa ou má vontade, os manges da Etrúria: os Númidas lhes empurravam a espada nos rins[57]. Eles não se batem bem em Trasimeno[58], em Cannes. Aníbal ganha essas grandes batalhas com o sangue dos Gauleses[59]. Uma vez que estes lhe faltaram, pois ele se encontra isolado pelas águas no sul da Itália, não pode mais se mover. Essa Gália italiana era tão vivaz que, após os reveses de Aníbal, ela se movimenta ainda sob Asdrúbal, sob Magon, sob Amílcar. Foram necessários trinta anos de guerra (201-170) e a traição dos Cenomanos para consumir a ruína dos Boios e dos Insúbrios (Bolonha e Milão). Todavia, os Boios mais emigraram que se submeteram; os destroços de suas cento e doze tribos se ergueram em massa e foram se estabelecer sobre as bordas do Danúbio, na confluência desse rio e do Sava. Roma declarou solenemente que *a Itália estava fechada aos Gauleses*. Esta última e terrível luta teve lugar durante as guerras de Roma contra Felipe e Antíoco. Os Gregos acreditavam, então, serem a grande inspiração de Roma; mas não sabiam que ela empregava contra eles a menor parte de suas forças. Foram suficientes apenas duas legiões para derrubar Felipe e Antíoco enquanto que, durante vários anos consecutivos, Roma enviara dois cônsules, dois exércitos consulares, contra os obscuros povoados dos Boios e dos Insúbrios[60]. Roma tensionou seus braços contra a Gália e a Espanha; bastou-lhe apenas um dedo para tocar os sucessores de Alexandre e fazê-los cair.

Antes de deixar a Ásia, ela abateu o único povo que poderia renovar a guerra. Os Gálatas, estabelecidos na Frígia

depois de um século, haviam enriquecido às custas de todos os povos vizinhos sobre os quais eles impunham tributos. Eles haviam amontoado os despojos da Ásia-Menor em seus retiros do Monte Olimpo. Um fato caracteriza a opulência e o fausto desses bárbaros. Um de seus chefes ou tetrarcas decretou que, durante um ano inteiro, ele manteria sua mesa aberta a quem viesse; e não somente ele se dirigia à turba que vinha das cidades e campos vizinhos, como também fazia prender e reter os viajantes até que estivessem sentados à sua mesa.

Embora a maioria dos Gálatas houvesse recusado socorrer Antíoco, o pretor Manlius atacou suas três tribos (Trocmnos, Tolistóbogos, Tectósogos) e os forçou em suas montanhas com armas de arremesso, contra as quais os Gauleses, habituados a combater com o sabre e a lança, não opunham que pedras. Manlius os fez entregar as terras tomadas aos aliados de Roma, obrigou-os a renunciar à bandidagem e impôs-lhes a aliança de Eumênio que devia contê-los.

Não bastaria que os Gauleses fossem vencidos nas suas colônias da Itália e da Ásia se os Romanos não penetrassem na Gália, esse lar das invasões bárbaras. Eles aí foram chamados primeiramente por seus aliados, os Gregos de Marselha, sempre em guerra com os Gauleses e os Lígures da vizinhança. Roma necessitava ser a dona da entrada ocidental da Itália que os Lígures, do lado do mar, ocupavam. Ela atacou as tribos contra as quais Marselha reclamava e, depois, outras, a respeito das quais Marselha nada tinha a reclamar[61]. Ela deu a terra aos Marselheses, mas guardou os postos militares, entre eles o de Aix, onde Sexto fundou a colônia de *Aquæ Sextiæ*[62]. A partir daí, ela olhou as Gálias.

Duas vastas confederações dividiam essas terras: de uma parte os Eduos, povo que, veremos mais à frente, era estreitamente unido com as tribos dos Carnutos, dos Parisii, dos Senones etc.; de outra parte os Arvernos e os Alóbroges. Os primeiros parecem ser gente da planície, os Kymry, sujeitos à influência sacerdotal, o partido da civilização; os outros, montanheses da Auvérnia e dos Alpes, são os antigos Galos, outrora encerrados nas montanhas pela invasão kímica, mas tornados novamente preponderantes pela sua própria barbárie e forte ligação com a vida de clã.

Os clãs da Auvérnia estavam então reunidos sob um chefe ou rei chamado Bituito. Esses montanheses achavam-se invencíveis. Bituito enviou aos generais romanos uma solene embaixada para reclamar a liberdade de um dos chefes prisioneiros: via-se sua matilha real composta de enormes dogues trazidos recentemente da Bélgica e da Bretanha; o embaixador, soberbamente vestido, estava ladeado por uma tropa de jovens cavaleiros resplandecentes de ouro e púrpura; ao seu lado, mantinha-se um bardo, a *rotte*[63] na mão, cantando, por intervalos, a glória do rei, a da nação arverna e as façanhas do embaixador[64].

Os Eduos viram, com prazer, a invasão romana. Os Marselheses se entreolharam e obtiveram para eles o título de *aliados e amigos do povo romano*. Marselha introduzira os Romanos no sul das Gálias; os Eduos abriram-lhe a Céltica ou Gália Central e, mais tarde, os Remis da Bélgica.

Os inimigos de Roma se apressaram com a precipitação gálica e foram vencidos separadamente sobre as bordas do Ródano. O carro de dinheiro de Bituito e sua matilha de combate não lhe serviram de grande coisa. Apenas os Arvernos eram, entretanto, duzentos mil, mas ficaram terrificados com os elefantes dos Romanos. Bituito dissera, antes da batalha, vendo o pequeno exército romano agrupado em legiões: “Não há, ali, sequer o suficiente para o repasto dos meus cães[65].”

Roma pôs as mãos sobre os Alóbroges e os declarou seus súditos, assegurando-se, assim, da porta dos Alpes. O procônsul Domitius restaurou a Via Fenícia e a chamou *Domitia*. Os cônsules que seguiram não tiveram senão que prosseguir em direção ao poente, entre Marselha e os Arvernos (anos 120-118). Eles se encaminharam em direção aos Pirineus e fundaram, quase à entrada da Espanha, uma potente colônia, *Narbo-Martius*, Narbonne. Esta foi a segunda colônia romana fora da Itália (a primeira fora enviada a Cartago). Juntada ao mar por prodigiosos trabalhos, ela teve, à semelhança da metrópole, seu capitólio, seu senado, suas termas, seu anfiteatro. Foi a Roma gaulesa e a rival de Marselha. Os Romanos não mais quiseram que sua influência entre os Gauleses dependesse de sua antiga aliada.

Eles se assentavam pacificamente nesses torrões, quando um evento imprevisto, como um cataclisma do globo, arriscava tudo levar e a própria Itália. Esse mundo bárbaro, que Roma contivera ao norte com uma mão tão rude, ainda existia, entretanto. Esses Kymry, que ela exterminara em Bolonha e Senigallia, tinham irmãos na Germânia. Gauleses e Alemães, Kymry e Teutões, fugindo, diz-se, diante de uma cheia do Báltico, se puseram a descer para o sul. Eles haviam devastado toda



a Ilíria, batido um general romano às portas da Itália, o qual queria barrar-lhes a Nórica, e virado para os Alpes, pela Helvécia, cujas populações principais, Ômbrios ou Ambros, Tigurinos (Zurique) e Tuguênios (Zug), engrossaram suas hordas. Todos juntos penetraram a Gália, ao número de trezentos mil guerreiros; suas famílias, anciões, mulheres e crianças, seguiam nas carroças. Ao norte da Gália, eles reencontraram antigas tribos cimbrias e deixaram-lhes, segundo se diz, uma parte de seu butim em depósito. Mas a Gália central foi devastada, incendiada, esfaimada onde passaram. As populações dos campos se refugiaram nas cidades para deixar passar a torrente e foram reduzidas a uma tal escassez que tentaram se alimentar de carne humana[66]. Os Bárbaros, chegando à margem do Ródano, souberam que, do outro lado do rio, já era o Império Romano, cujas fronteiras eles já haviam confrontado na Ilíria, na Trácia, na Macedônia. A imensidão do grande Império do sul os encheu de um respeito supersticioso; com essa boa-fé simples da raça germânica, eles disseram ao magistrado da província, M. Silanus, *que se Roma lhes desse terras, eles se bateriam com prazer por ela*. Silanus respondeu orgulhosamente que Roma não tinha o que fazer com os serviços deles, atravessou o Ródano e foi derrotado. O cônsul P. Cassius, que veio em seguida defender a província, foi morto; Scaurus, seu tenente, foi aprisionado e o exército ficou sob o jugo dos Helvécios, não distante do lago de Genebra. Os Bárbaros encarniçados quiseram franquear os Alpes. Tratava-se apenas de saber se os Romanos seriam reduzidos à escravidão ou exterminados. Em seus barulhentos debates, eles resolveram interrogar Scaurus, seu prisioneiro. Sua resposta dura os colocou em furor e um deles o atravessou com sua espada. Todavia, eles refletiram e adiaram a passagem dos Alpes. As palavras de Scaurus foram, talvez, a salvação da Itália.

Os Gauleses Tectósogos de Tolosa[67], unidos aos Cimbrios por uma origem comum, os chamavam contra os Romanos, de cujo jugo haviam se livrado. A marcha dos Cimbrios foi por demais lenta. O cônsul C. Servilius Cepião penetrou na cidade e a saqueou. Ouro e prata outrora trazido pelos Tectósogos que pilharam Delfos, aqueles das minas dos Pirineus, esse que a piedade dos Gauleses cravava num templo da cidade ou jogava num lago vizinho, fizeram de Tolosa a mais rica cidade das Gálias. Cepião, ao que consta, tira daí cento e dez mil libras em ouro e um milhão e quinhentas mil de prata. Ele direcionou esse tesouro para Marselha fazendo-o ser arrebatado, na estrada, por gente sua, que massacrou a escolta. Essa bandidagem, todavia, não lhe aproveitou. Todos aqueles que tocaram esta presa funesta terminaram miseravelmente; e, quando se queria designar um homem devotado a uma fatalidade implacável, dizia-se: *Ele tem o ouro de Tolosa*.

De início, Cepião, invejoso de um colega inferior por nascimento, quer acampar e combater separadamente. Ele insulta os deputados que os Bárbaros enviavam ao outro cônsul. Esses, borbulhantes de furor, devotam solenemente aos deuses tudo aquilo que cair entre suas mãos. De oitenta mil soldados, de quarenta mil escravos ou valetes do exército, não escapam, diz-se, que dez homens. Cepião foi um dos dez. Os Bárbaros mantiveram religiosamente seu juramento; eles mataram, nos dois campos, todo ser vivente, recolheram as armas e jogaram o ouro e a prata, e mesmo os cavalos, dentro do Ródano[68].

Este dia, tão terrível quanto o de Cannes, abria-lhes a Itália. A fortuna de Roma os parou na Provença e os desviou na direção dos Pirineus. De lá, os Cimbrios se derramaram sobre toda a Espanha, enquanto o resto dos Bárbaros os aguardava na Gália.

À medida que eles assim perdem tempo e vão se quebrar contra as montanhas e a teimosa coragem dos Celtíberos, Roma, apavorada, mandara chamar Mário[69] da África. Não foi necessário nada além do homem de Arpinum, em quem todos os italianos viam um dos seus, para acalmar a Itália e armá-la unanimemente contra os Bárbaros. Esse duro soldado, quase tão terrível para os seus quanto para os inimigos, indomável como os Cimbrios que iria combater, foi, para Roma, um deus salvador. Durante os quatro anos em que se aguardou os Bárbaros, nem o povo, nem mesmo o Senado, puderam se decidir a nomear um outro cônsul que não fosse Mário. Chegando à Provença, ele inicialmente endureceu seus soldados por meio de prodigiosos trabalhos. Ele os fez cavar a *Fossa mariana*, que facilitava suas comunicações com o mar e permitia aos navios evitar a foz do Ródano, barrada pelos bancos de areia. Ao mesmo tempo, ele esmagava os Tectósogos e se assegurava da fidelidade da Provença antes que os Bárbaros se colocassem em movimento.

Enfim, estes últimos se dirigiram na direção da Itália, o único país do Ocidente que ainda havia escapado de suas devastações. Mas a dificuldade de alimentar uma multidão tão grande os obrigou a se separarem. Os Cimbrios e os Tigurinos desviaram pela Helvécia e pela Nórica; os Ambros e os Teutões, por um caminho mais direto, deviam passar sobre o ventre das legiões de Mário, penetrar na Itália pelos Alpes marítimos e reencontrar os Cimbrios às margens do Pó.

No campo entrincheirado de onde ele os observava, de início perto de Arles, depois sobre os muros de Aquæ Sextiæ (Aix), Mário recusou-lhes obstinadamente a batalha. Ele queria habituar os seus a verem esses Bárbaros, com sua enorme

altura, seus olhos destemidos, suas armas e suas vestes bizarras. O rei deles, Teutobochus, ultrapassava de um salto quatro e, mesmo, seis cavalos postos de frente[70]; quando ele foi conduzido em triunfo à Roma, ele era mais alto que os troféus. Os Bárbaros, desfilando em face das trincheiras, desafiavam os Romanos com mil ultrajes: *Não tendes nada a dizer a vossas mulheres?* eles diziam, *nós estaremos brevemente perto delas*. Um dia, um desses gigantes do norte veio até às portas do campo para provocar o próprio Mário. O general fez-lhe responder que se ele estivesse cansado da vida, ele não precisava fazer outra coisa senão ir enforcar-se e, como o Teutão insistisse, ele enviou-lhe um gladiador. Desta forma, ele continha a impaciência dos seus e, entretanto, ele sabia o que se passava no campo deles pelo jovem Sertorius, que falava a sua língua e que a eles se misturava sob vestes gaulesas.

Mário, para fazer que seus soldados desejassem mais vivamente a batalha, localizara seu campo sobre uma colina sem água que dominava um rio: “Vós sois homens”, ele lhes disse, “vós tereis água por sangue”. O combate, com efeito, logo ocorreu às margens do rio. Os Ambros, que estavam sós nesta primeira ação, a princípio surpreenderam os Romanos com seus gritos de guerra que faziam ecoar como um bramido dentro de seus escudos: *Ambros! Ambros!* Os Romanos venceram entretanto, mas foram repelidos do campo pelas mulheres dos Ambros; elas se armaram para defender sua liberdade e seus filhos, batendo-se do alto de suas carroças sem distinguir amigos de inimigos. Toda a noite, os Bárbaros choraram seus mortos com uivos selvagens que, repetidos pelos ecos das montanhas e do rio, levavam pavor até às almas dos vencedores. O dia depois do seguinte, Mário os atraiu, com sua cavalaria, a uma nova ação. Os Ambro-Teutões, levados por sua coragem, cruzaram o ribeirão e foram esmagados em seu leito. Um corpo de três mil Romanos os pegou por trás e decidiu a derrota deles. Segundo a avaliação mais moderada, o número de Bárbaros presos ou mortos foi de cem mil. O vale, engordurado de seu sangue, tornou-se célebre por sua fertilidade. Os habitantes da região não cercavam e não escoravam suas vinhas senão com os ossos dos mortos. A cidade de *Pourrières*[71] evoca, ainda hoje, o nome dado à planície: *Campi putridi*, campo da putrefação. Quanto ao butim, o exército o deu inteiro a Mário que, após um sacrifício solene, o queimou em honra dos deuses. Uma pirâmide foi erguida para Mário, um templo à Vitória. A igreja de Santa Vitória, que substituiu o templo, recebeu, até a Revolução Francesa, uma procissão anual, cujo hábito jamais foi interrompido. A pirâmide subsistiu até o décimo quinto século; e Pourrières tem, por armas da cidade, o triunfo de Mário representado sobre um baixo-relevo onde esse monumento foi ornamentado[72].

Entretanto, os Cimbrios, tendo passado os Alpes Nóricos, haviam descido para o vale do Ádige. Os soldados de Catulo não os viam, senão com terror, jogarem-se quase nus ao meio das geleiras e se deixarem escorregar, sobre seus escudos, do alto dos Alpes através dos precipícios[73]. Catulo, general metódico, acreditava-se em segurança atrás do Ádige, coberto por um pequeno forte. Ele pensava que os inimigos fariam uma manobra diversionária para forçá-lo. Eles amontoaram rochas, jogaram toda uma floresta por cima e passaram. Os Romanos fugiram e não pararam senão após o Pó. Os Cimbrios não sonhavam persegui-los. Aguardando a chegada dos Teutões, eles gozaram o céu e o solo italianos e se deixaram vencer pelas doçuras da bela e suave região. O vinho, o pão, tudo era novo para esses Bárbaros[74], eles derretiam sob o sol do sul e sob a ação ainda mais debilitante da civilização.

Mário teve tempo de se juntar a seu colega. Ele recebeu os deputados dos Cimbrios que desejavam ganhar tempo: *Dai-nos* – diziam eles – *terras para nós e para nossos irmãos, os Teutões*. – *Deixai lá vossos irmãos*, respondeu Mário, *eles têm terras; nós demos-lhes algumas que guardarão eternamente*. E como os Cimbrios o ameaçassem da chegada dos Teutões: *Eles estão aqui* – disse – *não seria bom partir sem saudá-los*, e fez trazer os teutões cativos. Os Cimbrios, tendo-lhe perguntado que dia e em qual lugar ele desejava combater *para saber de quem seria a Itália*, ele deu-lhes encontro para o terceiro dia, em certo campo, perto de Vercelli.

Mário posicionou-se de maneira a colocar o inimigo contra o vento, a poeira e os raios ardentes de um sol de julho. A infantaria dos Cimbrios formava um enorme quadrado, onde os primeiros ranques estavam ligados juntos por correntes de ferro. Sua cavalaria, forte de quinze mil homens, era apavorante de se ver, com seus cascos carregados de carcaças de animais selvagens e acrescida de asas de pássaros[75]. O campo e o exército bárbaro ocupavam uma légua de comprimento. No início, a ala onde se encontrava Mário, tendo acreditado ver fugir a cavalaria inimiga, lançou-se à perseguição e extraviou-se na poeira, enquanto a infantaria inimiga, semelhante às vagas de um mar imenso, veio chocar-se sobre o centro, onde estavam Catulo e Silla; e, então, tudo se perdeu dentro do nevoeiro de pó. A poeira e o sol mereceram a principal honra da vitória[76] (101).

Restava o campo bárbaro, as mulheres e as crianças dos vencidos. De início, vestidas em roupas de luto, elas suplicaram que fossem respeitadas e que lhes dessem por escravas às sacerdotisas romanas do fogo[77] (o culto dos

elementos existia na Germânia). Após, vendo suas súplicas sendo recebidas com desdém, elas próprias se precaveram de sua liberdade. O casamento, para esses povos, era coisa séria. Os presentes simbólicos das bodas, os bois atrelados, as armas, o corcel de guerra, bem anunciavam à virgem que ela se tornava a companheira dos perigos do homem, que eles estavam unidos a um mesmo destino, à vida e à morte (*sic vivendum, sic pereundum*, Tácito[78]). É à sua esposa que o guerreiro reportava seus ferimentos após a batalha (*ad matres et conjuges vulnera referunt; nec illae numerare aut exigere plagas pavent* [79]). Ela os contemplava, examinava sem empalidecer; porque a morte não deveria, absolutamente, separá-los. Assim, nos poemas escandinavos, Brunhild se queima sobre o corpo de Siegfried. De início, as mulheres dos Cimbrios libertaram seus filhos pela morte; elas os estrangularam ou os jogaram sob as rodas das carroças. Após, elas se enforcavam, atando-se por um nó de correr aos chifres dos bois e os espetavam para se fazerem enforcar e arrastar. Os cães da horda defenderam seus cadáveres e foi necessário exterminá-los a golpes de flechas[80].

Assim esvaneceu-se essa terrível aparição do norte que lançara tanto pavor na Itália. A palavra *címbrico* permaneceu sinônimo de *forte* e de *terrível*. Todavia, Roma não percebeu o gênio heróico dessas nações que deviam, um dia, destruí-la; ela acreditou em sua própria eternidade. Os prisioneiros que se pôde fazer dos Cimbrios foram distribuídos às cidades como escravos públicos ou destinados aos combates de gladiadores.

Mário fez esculpir sobre seu escudo a figura de um Gaulês mostrando a língua, imagem popular em Roma desde o tempo de Torquato. O povo o aclamou terceiro fundador de Roma, após Rômulo e Camilo. Fazia-se libações ao nome de Mário como em honra de Baco ou de Júpiter. Ele mesmo, embriagado com sua vitória sobre os Bárbaros do norte e do sul, sobre a Germânia e sobre as *Índias Africanas*, não bebia senão nesse copo de duas asas onde, segundo a tradição, Baco bebera após sua vitória das Índias[81].



## CAPÍTULO II

### Estado da Gália no século que precede à conquista – Druidismo – Conquista de César (58-51 antes J. C.)

-----

Este grande evento da invasão Címbrica não teve nada além de uma influência bem indireta sobre os destinos da Gália, que lhe foi o principal teatro. Os Kymry-Teutões eram por demais bárbaros para se incorporarem às tribos gaulesas que o druidismo já havia tirado de sua primitiva grosseria. Examinemos com algum detalhe esta religião druídica que iniciou a cultura moral da Gália, preparou a invasão romana e abriu a trilha ao cristianismo. Ela devia atingir todo o seu desenvolvimento, toda a sua maturidade, no século que precedeu a conquista de César; talvez, mesmo, ela pendesse na direção de seu declínio; a influência política dos Druidas tinha, ao menos, diminuído.

Parece que os Galos teriam, de início, adorado os objetos materiais, os fenômenos, os agentes da natureza: lagos, fontes, pedras, árvores, ventos, em particular o terrível *Kirk*[\[82\]](#). Este culto grosseiro foi, com o tempo, refinado e generalizado. Esses seres, esses fenômenos, tiveram seus gênios; e o mesmo se deu com os lugares e com as tribos. Daí, o deus *Tarann*, espírito da tempestade[\[83\]](#); *Vosège*, deificação dos Vosges; *Pennin*, dos Alpes; *Arduinne*, das Ardenas. Daí, também, o *Gênio dos Arvernos*; *Bibracte*, deusa e cidade dos Eduos; *Aventia*, para os Helvécios; *Nemausus* (Nîmes) para os Arecômicos, etc, etc.

Com um grau de abstração a mais, as forças gerais da natureza, aquela da alma humana e da sociedade foram também deificadas. *Tarann* tornou-se o Deus do céu, o motor e árbitro do mundo. O Sol, sob o nome de *Bel* ou *Belen*, fez nascer as plantas salutare e presidiu a medicina; *Heus* ou *Hesus*, a guerra[\[84\]](#); *Teutates*[\[85\]](#), o comércio e a indústria; a eloquência e a poesia tiveram seu símbolo em Ogmios[\[86\]](#), armado, como Hércules, com a maça e o arco e arrastando, atrás de si, homens unidos pela orelha a correntes de ouro e âmbar que saíam de sua boca.

Via-se que, com leves diferenças, era o Olimpo dos Gregos e dos Romanos[\[87\]](#). A semelhança se modificou para identidade desde que a Gália, submetida ao domínio de Roma, sofreu, em poucos anos somente, a influência das idéias romanas. Então, o politeísmo gaulês, honrado e favorecido pelos imperadores, findou por se fundir naquele da Itália, enquanto o druidismo, seus mistérios, sua doutrina, seu sacerdócio, foram cruelmente proscritos.

Os Druidas ensinavam que a matéria e o espírito são eternos, que a substância do universo permanece inalterável sob a perpétua variação dos fenômenos, onde domina, turno a turno, a influência da água e do fogo[\[88\]](#); que, enfim, a alma humana está submetida à metempsicose[\[89\]](#). A este último dogma se ligava a idéia moral de penas e de recompensas; eles consideravam os graus de transmigração inferiores à condição humana como estados de prova e de castigo. Eles possuíam, mesmo, um *outro mundo*[\[90\]](#), um mundo de felicidade. A alma aí conservava sua identidade, suas paixões, seus hábitos. Aos funerais, as cartas que o morto devia ler ou entregar a outros mortos eram queimadas[\[91\]](#). Frequentemente, mesmo, eles tomavam dinheiro emprestado a ser reembolsado na outra vida[\[92\]](#).

Essas duas noções combinadas da metempsicose e de uma vida futura faziam a base do sistema dos Druidas. Mas sua ciência não se limitava lá; eles também era metafísicos, físicos, médicos, feiticeiros e, sobretudo, astrônomos[\[93\]](#). Seu ano se compunha de lunações, o que fez os Romanos compreenderem que os Gauleses mensuravam o tempo por noites e não por dias; eles explicavam esse uso pela origem infernal desse povo e sua descendência do deus Plutão[\[94\]](#). A medicina druídica era unicamente fundada sobre a magia. Era preciso colher o *Samolus* em jejum e, com a mão esquerda, arrancá-lo da terra sem olhá-lo e jogá-lo da mesma forma nos poços onde as bestas iam beber; era um preservativo contra suas doenças[\[95\]](#). Preparavam-se para a colheita da selagem com abluções e uma oferenda de pão e de vinho; partiam de pés nus, vestidos de branco; tão logo percebia-se a planta, abaixava-se como por acaso e, deslizando a mão direita sob o braço esquerdo, ela era arrancada sem jamais empregar-se o ferro; depois, era envolta por um linho que não devia servir senão uma única vez[\[96\]](#). Outro cerimonial para a verbena. Mas o remédio universal, a panacéia, como a chamavam os Druidas[\[97\]](#), era o famoso *gui* (visco). Eles acreditavam que fora semeado sobre o carvalho por uma mão divina e viam na união de sua árvore sagrada com a verdura eterna do *gui* um símbolo vivo do dogma da imortalidade. Era colhido no inverno, à época da floração, visto que a planta é mais visível e que seus longos ramos verdes, suas folhas e os tufos amarelos de suas flores, enlaçados à árvore despojada, apresentam, sós, a imagem da vida ao meio de uma natureza morta e estéril[\[98\]](#).



Era no sexto dia da lua que o visco devia ser cortado; um Druida em toga branca subia à árvore, uma foice de ouro à mão, e cortava a raiz da planta que outros Druidas recebiam em uma manta[99], porque era necessário que ele não tocasse a terra. Então, eram imolados dois touros brancos cujos chifres eram atados pela primeira vez.

Os Druidas prediziam o porvir de acordo com o vôo dos pássaros e a inspeção das entranhas das vítimas. Eles também fabricavam talismãs, como rosários de âmbar que os guerreiros portavam sobre si nas batalhas e que são encontrados, com frequência, a seu lado nos túmulos. Mas nenhum talismã se igualava ao *ovo de serpente*[100]. Essas idéias de ovo e de serpente evocam o ovo cosmogônico das mitologias orientais, assim como a metempsicose e a eterna renovação, da qual a serpente era o emblema.

Os mágicos e as profetisas eram afiliados à ordem dos Druidas, mas sem usufruir suas prerrogativas. O instituto deles impunha leis bizarras e contraditórias; aqui, a sacerdotisa não podia revelar o amanhã senão para o homem que a profanara; ali, ela se votava a uma virgindade perpétua; lá, ainda que casada, ela era obrigada a longos celibatos. Eventualmente, essas mulheres deviam auxiliar sacrifícios noturnos, todas nuas, o corpo tingido de negro, os cabelos em desordem, agitando-se em transes frenéticos[101]. A maioria morava em baixios selvagens, no meio das tempestades do arquipélago armoricano. Em Sein (*Seio*) estava o célebre oráculo das nove virgens terríveis chamadas *Sènes* devido ao nome de sua ilha[102]. Para ter o direito de consultá-las, era necessário ser marinheiro e ainda ter feito o trajeto apenas para esse objetivo. Essas virgens conheciam o porvir; elas curavam os males incuráveis; elas prediziam e faziam a tempestade.

As sacerdotisas de Nannetes, na embocadura do Loire, viviam numa das ilhotas desse rio. Ainda que fossem casadas, seus homens não ousavam se aproximar de suas habitações; eram elas que, em épocas prescritas, vinham visitar seus maridos no continente. Partindo da ilha sob noite fechada, sobre leves barcas que elas próprias conduziam, passavam a noite nas cabanas preparadas para recebê-las; mas, desde que começasse a surgir a aurora, livrando-se dos braços de seus esposos, elas corriam para suas barquinhas e reconquistavam sua solidão à força de remos[103]. Cada ano, elas deviam, no intervalo de uma noite para outra, coroadas de heras e de folhagem verde, derrubar e reconstruir o teto de seu templo. Se uma delas, por infelicidade, deixasse cair no chão qualquer coisa desses materiais sagrados, ela estava perdida; suas colegas se precipitavam sobre ela com gritos horríveis, a despedaçavam e espalhavam, aqui e acolá, as carnes ensangüentadas[104]. Os Gregos acreditaram reencontrar nesses ritos o culto de Baco; eles assimilaram também às orgias de Samotrácia outras orgias druídicas celebradas numa ilha vizinha da Bretanha[105], de onde os navegadores escutavam com pavor, de pleno mar, gritos furiosos e o barulho de címbalos bárbaros.

A religião druídica tinha, senão instituído, ao menos adotado e mantido os sacrifícios humanos. Os sacerdotes furavam a vítima acima do diafragma e tiravam prognósticos da pose na qual ela caía, das convulsões de seus membros, da abundância e da cor de seu sangue; às vezes, eles a crucificavam a vigas no interior dos templos ou faziam chover sobre ela, até à morte, uma nuvem de flechas e de dardos[106]. Frequentemente, também, elevava-se um colosso em vime ou feno que era preenchido com homens vivos, um sacerdote jogava-lhe uma tocha acesa e tudo desaparecia logo numa maré de fumaça e de chamas[107]. Essas horríveis oferendas eram, sem dúvida, substituídas, às vezes, por doações votivas. Eles jogavam lingotes de ouro e de prata nos lagos ou os pregavam dentro dos templos[108].

Uma palavra sobre a hierarquia. Ela compreendia três ordens distintas. A ordem inferior era aquela dos Bardos que conservavam em suas memórias as genealogias dos clãs e cantavam sobre a *rotte*[109] as façanhas dos chefes e as tradições nacionais; depois vinha o sacerdócio propriamente dito, composto dos Ovados[110] e dos Druidas. Os Ovados eram encarregados da parte exterior do culto e da celebração dos sacrifícios. Eles estudavam especialmente as ciências naturais aplicadas à religião, a astronomia, a adivinhação etc. Intérpretes dos Druidas, nenhum ato civil ou religioso podia ser finalizado sem seu ministério[111].

Os Druidas, ou *homens dos carvalhos*[112], eram a coroação da hierarquia. Neles residia o poder e a ciência. Teologia, moral, legislação, todo alto conhecimento era seu privilégio[113]. A ordem dos Druidas era eletiva. A iniciação, que compreendia severas provas ao fundo dos bosques ou das cavernas, às vezes durava vinte anos; era necessário aprender de memória toda a ciência sacerdotal, já que eles não escreviam nada, ao menos até a época onde eles puderam se servir dos caracteres gregos[114].

A assembléia mais formal dos Druidas tinha lugar uma vez por ano sobre os território dos Carnutos, em um lugar consagrado que passava pelo ponto central de toda a Gália; ali acorriam as províncias as mais distantes. Os Druidas, então, deixavam sua solidão, deliberavam no meio do povo e prestavam seus julgamentos. Lá, sem dúvida, escolhiam o Druida

supremo, que devia velar pela manutenção da instituição. Não era raro que a eleição desse chefe excitasse a guerra civil.

Ainda que o druidismo não se enfraquecesse por essas divisões, a vida solitária à qual a maioria dos membros da ordem parece ter se votado, deveria torná-los pouco propícios a agirem poderosamente sobre o povo. Não era aqui, ademais, como no Egito, uma população aglomerada sobre uma estreita linha. Os Gauleses estavam dispersos nas florestas, nos pântanos e mangues que cobriam seu país selvagem, ao meio dos acasos de uma vida bárbara e guerreira. O druidismo não capturou o suficiente essas populações disseminadas, isoladas. Elas logo lhe escaparam.

Assim, desde que César invadira a Gália[115], ela parecia convencida da própria impotência para se organizar. O velho espírito de clã, a indisciplinabilidade guerreira, que o druidismo parecia dever comprimir, retomara vigor; somente, a diferença de forças estabelecera uma espécie de hierarquia entre as tribos; algumas eram clientes de outras, como os Carnutos dos Remis, os Senones dos Eduos etc. (Chartres, Rheims, Sens, Autun).

Cidades haviam se formado, espécies de asilos ao meio desta vida de guerra. Mas todos os cultivadores eram servos e César podia dizer: Não há senão duas ordens na Gália, os Druidas e os Cavaleiros (equites). Os Druidas eram os mais fracos. É um Druida dos Eduos quem chama os Romanos.

Falei, alhures, deste prodigioso César e dos motivos que o decidiram a abandonar, por tanto tempo, Roma pela Gália, a exilar-se para retornar soberano. A Itália estava esgotada, a Espanha indisciplinável; era necessária a Gália para avassalar o mundo. Eu quisera ver esta branca e pálida figura[116], murcha antes da idade pelas devassidões de Roma, este homem, delicado e epilético[117], marchando sob as chuvas da Gália, à cabeça das legiões, transpondo nossos rios a nado; ou, então, a cavalo, entre liteiras onde seus secretários eram levados, ditando quatro, seis cartas por vez, comovendo Roma do fundo da Bélgica, exterminando sobre seu caminho dois milhões de homens[118] e domesticando, em dez anos, a Gália, o Reno e o Oceano do Norte (58-49).

Esse caos bárbaro e belicoso da Gália era uma soberba matéria para um tal gênio. De todas as partes, as tribos gaulesas chamavam, então, o estrangeiro. O druidismo enfraquecido parecia ter dominados nas duas Bretanhas e nas bacias do Sena e do Loire[119]. Ao sul, os Arvernos e todas as populações ibéricas da Aquitânia eram geralmente fiéis a seus chefes hereditários. Na Céltica, mesmo, os Druidas não puderam resistir ao velho espírito de clã senão favorecendo a formação de uma população livre nas grandes cidades, cujos chefes ou patrões eram também eletivos como os Druidas. Assim, duas facções dividiam todos os estados gauleses; aquela da hereditariedade, ou de chefes de clãs, e aquela da eleição, ou dos Druidas e dos chefes temporários do povo das cidades[120]. À cabeça da segunda encontravam-se os Eduos; à cabeça da primeira, os Arvernos e os Sequanes. Assim começava, desde então, a oposição da Borgonha (Eduos) e do Franco-Condado[121] (Sequanes). Os Sequanes, oprimidos pelos Eduos que lhes fechavam o Saône e travavam seu grande comércio de porcos[122], chamaram da Germânia as tribos estranhas ao druidismo, que eram conhecidas pelo nome comum de Suevos. Esses bárbaros não pediam nada melhor. Eles passaram o Reno, sob a condução de um Ariovisto, bateram os Eduos e impuseram-lhes um tributo; mas eles trataram pior os Sequanes que os haviam chamado, tomando-lhes, segundo o costumes dos germanos, um terço de suas terras e querendo, ainda, outro tanto. Então, Eduos e Sequanes, reaproximados pela infelicidade, procuraram outros auxílios estrangeiros. Dois irmãos eram todos-poderosos entre os Eduos. Dumnorix, enriquecido pelos impostos e pedágios dos quais ele se fazia dar o monopólio voluntária ou forçadamente, tornou-se caro ao pequeno povo das cidades e aspirava à tirania; ele se ligou aos Gauleses helvéticos, esposou uma Helvécia, e engajou esse povo a abandonar seus vales estéreis pelas ricas planícies da Gália. O outro irmão, que era Druida, título verdadeiramente idêntico àquele de diviciaco que César lhe deu como nome próprio, procurou, para seu país, libertadores menos bárbaros. Ele se fez ouvir em Roma e implorou a assistência do senado[123], o qual chamara os Eduos *parentes e amigos do povo romano*. Mas o chefe dos Suevos enviou alguém de seu lado e encontrou meio de também se fazer dar o título de amigo de Roma. A invasão iminente dos Helvécios obrigava provavelmente o senado a se unir a Ariovisto.

Esses montanheses haviam feito, depois de três anos, tamanhos preparativos, que bem se via que desejavam proibir-se, para sempre, o retorno. Eles tinham queimado suas doze cidades e seus quatrocentos vilarejos, destruído seus móveis e as provisões que não poderiam carregar. Dizia-se que eles queriam varar toda a Gália e se estabelecer a ocidente, no país dos Santones (Saintes). Sem dúvida, eles esperavam encontrar mais repouso sobre as bordas do grande Oceano que em sua rude Helvécia, em torno da qual vinham se encontrar e combater todas as nações do mundo antigo, Galos, Cimbrios, Teutões, Suevos, Romanos. Contando as mulheres e as crianças, eles eram ao número de trezentos e setenta e oito mil. Esse cortejo incômodo os fazia preferir o caminho da província romana. Eles aí encontraram na entrada, na direção de Genebra, o romano César, que barrou-lhes o caminho e os entreteve tempo o suficiente para subir, do lago até o Jura, um muro de dez mil passos

de comprimento e de dezesseis pés de altura. Foi-lhes necessário, então, enfrentar os ásperos vales do Jura, atravessar o país dos Sequanes e tornar a subir o Saône. César os aguardava quando eles passavam o rio, atacou a tribo dos Tigurinos, isolada das outras, e a exterminou. Carente de víveres pela má vontade do eduo Dumnorix, ele foi obrigado a desviar na direção de Bibracte (Autun). Os Helvécios acreditaram que ele fugia e o perseguiram por sua vez. César, colocado assim entre os inimigos e os aliados malévolos, tira-se da disputa por uma aventura sangrenta. Os Helvécios, aguardados de novo na sua fuga na direção do Reno, foram obrigados a entregar as armas comprometendo-se, ainda, a retornar a seu país. Seis mil deles, que fugiram à noite para escapar dessa vergonha, foram recapturados pela cavalaria romana e, disse César, “*tratados como inimigos*”[\[124\]](#).

Nada adiantaria ter repellido os Helvécios se os Suevos invadissem a Gália. As migrações eram contínuas: já cento e vinte mil guerreiros passavam. *A Gália iria se tornar a Germânia*. César pareceu ceder aos pedidos dos Sequanos e dos Eduos oprimidos pelos Bárbaros. O mesmo Druida que solicitara o socorro de Roma guiou César até Ariovisto e encarregou-se de explorar o caminho. O chefe dos Suevos obtivera do próprio César, em seu consulado, o título de aliado do povo romano; ele se assustou em ser atacado por aquele: “Esta aqui”, dizia o bárbaro, “é minha Gália para mim; vós tendes a vossa... se me deixardes em repouso, ganhareis; eu farei todas as guerras que não desejais fazer, sem custo nem perigo para vós... Ignorais quais homens são os Germanos? pois, eis mais de quatorze anos que não dormimos sob um teto”[\[125\]](#). Essas palavras faziam grande impressão sobre o exército romano: tudo o que se dizia do tamanho e da ferocidade desses gigantes do norte apavorava os homenzinhos do sul[\[126\]](#). Não se via outra coisa, no campo, que pessoas a fazer seus testamentos. César fez-lhes passar vergonha: “Se me abandonais”, ele diz, “ainda assim eu irei: basta-me a décima legião”. Em seguida, ele os leva a Besançon, dela se apodera, penetra até o campo dos Bárbaros, não distante do Reno, os força ao combate, ainda que eles quisessem aguardar a lua nova, e os destruiu numa furiosa batalha: quase tudo que escapa perece dentro do Reno.

Os Gauleses do norte, Belgas e outros, julgaram, não sem verossimilhança, que se os Romanos tinham expulsado os Suevos, não foi por outra razão senão suceder-lhes na dominação das Gálias. Eles formaram uma vasta coalizão e César colheu esse pretexto para penetrar na Bélgica. Ele levava, como guia e intérprete, o divitiac dos Eduos[\[127\]](#); ele era chamado pelos Senones, antigos vassalos dos Eduos, pelos Remis, suzeranos dos país druídico dos Carnutos[\[128\]](#). Verdadeiramente, essas tribos devotadas ao druidismo ou, ao menos, ao partido popular, viam com prazer a chegada do amigo dos Druidas e contavam opô-lo aos Belgas setentrionais, seus ferozes vizinhos. É assim que, cinco séculos mais tarde, o clero católico das Gálias favoreceu a invasão dos Francos contra os Visigodos e os Borgonhenses arianos.

Entretanto, para um general menos ousado, era uma sombria e desencorajante perspectiva essas guerras nas campinas lodosas, nas florestas virgens do Sena e do Mosa. Como os conquistadores da América, César era frequentemente obrigado a abrir uma rota, machado à mão, a lançar pontes sobre os brejos, a avançar com suas legiões, ora sobre terra firme, ora a vau, ora a nado. Os Belgas entrelaçavam as árvores de suas florestas como aquelas da América o são naturalmente pelos cipós. Mas os Pizarros e os Cortezes, com uma tal superioridade de armas, faziam a guerra a golpe certo; e o que eram os Peruanos em comparação a essas duras e coléricas populações dos Belovacos e os Nérvios (Picardia, Hainault-Flandre), que vinham, com cem mil, atacar César? Os Belovacos e os Suessones se acomodaram por intermédio do divitiac dos Eduos[\[129\]](#). Mas os Nérvios, sustentados pelos Atrébatos e pelos Viromânduos, surpreenderam o exército romano em marcha, às margens do Sambre, na profundeza de suas florestas, e acreditaram, no momento, tê-lo destruído. César foi obrigado a agarrar uma bandeira e a postar-se, ele mesmo, na vanguarda: aquele bravo povo foi exterminado. Seus aliados, os Cimbrios, que ocupavam Aduat (Namur?), apavorados pelas obras com as quais César cercava sua cidade, fingiram render-se, jogaram uma parte de suas armas do alto dos muros e, com o resto, atacaram os Romanos. César os vendeu como escravos, cinquenta e três mil.

Não mais escondendo, então, o projeto de submeter a Gália, ele empreendeu a subjugação de todas as tribos ribeirinhas. Ele cruzou as florestas e lodaçais dos Menápios e Morinos (Zélande e Gueldre, Gand, Bruges, Boulogne); um de seus tenentes submeteu os Unelos, Eburões e Lexóvios (Coutances, Évreux, Lisieux); um outro, o jovem Crassus, conquistou a Aquitânia, ainda que os Bárbaros tivessem chamado da Espanha os velhos companheiros de Sertorius[\[130\]](#). O próprio César atacou os Venetes e outras tribos da nossa Bretanha. Esse povo anfíbio não residia nem sobre a terra, nem sobre as águas: seus fortes, em quase-ilhas inundadas e abandonadas inopinadamente pela maré, não podiam ser sitiados, nem por terra, nem por mar. Os Venetes comunicavam-se sem cessar com a outra Bretanha e daí tiravam auxílio. Para dominá-los, era necessário ser senhor do mar. Nada repelia César. Ele fez vasos, ele fez marinheiros, ensinou-lhes a fixar os navios bretões cravando-lhes mãos de ferro e repuxando os cordames. Ele tratou duramente esse povo duro; mas a pequena Bretanha não podia ser vencida senão pela grande. César resolveu passar a ela.

O mundo bárbaro do Ocidente que ele resolvera domar era triplo. A Gália, entre a Bretanha e a Germânia, estava em

relação com uma e outra. Os Cimbrios se encontravam nos três países; os Hélios e os Boios na Germânia e na Gália; os Parisii e os Atrébatos gauleses existiam também na Bretanha. Nas discórdias da Gália, os Bretões parecem ter sido pelo partido druídico, como os Germanos por aquele dos chefes de clãs. César golpeou os dois partidos, de dentro e de fora; ele passou o Oceano, ele passou o Reno.

Duas grandes tribos germânicas, os Usipos e os Tencteros, fatigados, ao norte, pelas incursões dos Suevos, como os Helvécios o tinham sido ao sul, acabavam de entrar na Gália (55). César os parou e, sob pretexto de que, durante os colóquios, fora atacado pelos jovens daqueles, fundiu-se sobre eles de improviso e os massacrou. Para inspirar mais terror aos Germanos, César foi procurar esses terríveis Suevos, perto dos quais nenhuma nação ousava se estabelecer; em dez dias, ele lançou uma ponte sobre o Reno, não distante de Colônia, malgrado a largura e a impetuosidade desse rio imenso. Após ter revistado em vão as florestas dos Suevos, ele repassou o Reno, atravessou toda a Gália e, no mesmo ano, embarcou para a Bretanha. Desde que se conheceu em Roma essas marchas prodigiosas, mais surpreendentes que as vitórias, tanta audácia e uma tão célere rapidez, um bramido de admiração se elevou. Decretou-se vinte dias de súplicas aos deuses. *Ao preço das explorações de César, dizia Cícero, o que fez Marius?* [\[131\]](#)

A partir do momento em que César quis passar para a grande Bretanha, ele não pôde mais obter dos Gauleses nenhuma informação sobre a ilha sagrada. O Eduo Dumnorix declarou que a religião o impedia de seguir César [\[132\]](#); ele tentou fugir, mas o Romano, que conhecia seu temperamento turbulento, fê-lo perseguir com ordem de ser trazido morto ou vivo; ele foi morto ao se defender.

A má-vontade dos Gauleses arriscava ser funesta à expedição de César. De início, eles o deixaram ignorar as dificuldades do desembarque. Os altos navios empregados sobre o Oceano faziam muita água e não podiam se aproximar da borda da praia. Era necessário que o soldado se precipitasse nesse mar profundo e que ele se formasse para a batalha no meio das ondas. Os Bárbaros, cuja margem estava coberta, tinham muita vantagem. Mas as máquinas de sítio vieram em auxílio e limpavam a praia com uma saraivada de pedras e setas. Entretanto, o equinócio se aproximava; era lua cheia, o momento das grandes máres. Em uma noite, a frota romana foi despedaçada ou posta fora de serviço. Os Bárbaros, que no primeiro susto haviam dado reféns a César, tentaram surpreender seu campo. Vigorosamente repelidos, eles ofereceram, ainda, sua rendição. César ordenou-lhes entregar reféns em número duas vezes maior; mas seus vasos estavam reparados e ele partiu na mesma noite sem esperar a resposta.

Alguns dias a mais, a estação não lhe permitiria retornar.

No ano seguinte, nós o vemos quase ao mesmo tempo na Ilíria, em Tréveris e na Bretanha. Não existe, além dos espíritos de nossas lendas, nada que tenha viajado assim. Desta vez, ele era conduzido na Bretanha por um chefe fugitivo do país que implorara seu socorro. Ele não se retirou sem ter posto em fuga os Bretões, sitiado o rei Caswallawn no perímetro pantanoso onde ele reunira seus homens e seus animais. Ele escreve a Roma que impusera um tributo à Bretanha e envia-lhe uma grande quantidade de pérolas de pouco valor que eram recolhidas sobre as costas [\[133\]](#).

Desde esta invasão à ilha sagrada, César não teve mais amigos entre os Gauleses. A necessidade de comprar Roma às expensas das Gálias, de saciar tantos amigos que lhe mantiveram o comando por cinco anos, tinham empurrado o conquistador às medidas mais violentas. Segundo um historiador, ele despojava os lugares sagrados, punha cidades para sofrer pilhagens sem que elas as tivessem merecido [\[134\]](#). Por toda a parte, ele posicionava chefes devotados aos Romanos e derrubava o governo popular. A Gália pagava caro a união, a calma e a cultura da dominação romana que devia fazer-lhe conhecer os bons feitos.

A penúria, obrigando César a dispersar suas tropas, a insurreição explode em todos os lugares. Os Eburões massacram uma legião e sitiavam uma outra. César, para livrar esta última, passa com oito mil homens através de sessenta mil Gauleses. No ano seguinte, ele reúne em Lutécia os estados da Gália. Mas os Nerviões e os Tréveros, os Senones e os Carnutos não compareceram. César os ataca separadamente e os abate. Ele passa, uma segunda vez, o Reno para intimidar os Germanos que gostariam de vir em auxílio daqueles. Em seguida, ele bate os dois partidos que dividiam a Gália; ele assusta os Senones, partido druídico e popular (?), pela morte de Acco, seu chefe, a quem fez solenemente julgar e condenar à morte; ele destrói os Eburões, partido bárbaro e amigo dos Germanos, caçando seu intrépido Ambiorix em toda a floresta das Ardenas e os entregando, todos, às tribos gaulesas que conheciam melhor seus esconderijos nos bosques e pântanos e que vieram, com uma covarde avidez, pegar um pedaço desta carniça. As legiões fechavam, de toda parte, essa infeliz pátria e impediam que alguém pudesse escapar.



Essas barbáries reconciliaram toda a Gália contra César (52 a. C). Os Druidas e os chefes dos clãs se puseram de acordo pela primeira vez. Mesmo os Eduos estavam, ao menos secretamente, contra seu antigo amigo. O sinal partiu da terra druídica dos Carnutos, de Genabum[135]. Repetido por gritos através dos campos e dos vilarejos[136], ele alcançou, ainda naquela tarde, cento e cinquenta milhas de distância, os Arvernos, outrora inimigos do partido druídico e popular e, hoje, seus aliados. O vercingetórix (general-em-chefe) da confederação foi um jovem Arverno, intrépido e ardente. Seu pai, o homem mais poderoso das Gálias em seu tempo, fora queimado como culpado de aspirar à realeza. Herdeiro de sua vasta clientela, o jovem homem repeliu sempre os avanços de César e não cessou, nas assembleias e nas festas religiosas, de animar seus compatriotas contra os Romanos. Ele convocou às armas até os servos dos campos e declarou que os covardes seriam queimados vivos; as faltas menos graves deviam ser punidas com a perda das orelhas ou de um olho[137].

O plano do general gaulês era de atacar de uma vez a Provença ao sul e, ao norte, os quartéis das legiões. César, que estava na Itália, adivinhou tudo, previu tudo. Ele passou os Alpes, assegurou a Provença, franqueou as Cevenas atravessando-a com seis pés de neve e apareceu, repentinamente, no lar dos Arvernos. O chefe gaulês, já tendo partido para o norte, foi obrigado a retornar; seus compatriotas tinham pressa em defender suas famílias. Era tudo o que César desejava; ele deixa seu exército sob pretexto de fazer recrutamentos entre os Alóbroges, sobe o Ródano, o Saône e, sem se fazer reconhecer, pelas fronteiras do Eduos, reencontra e reúne suas legiões. Enquanto o Vercingetórix crê atraí-lo sitiando a cidade eduana de Gergóvia (Moulins), César massacra tudo em Genabum. Os Gauleses acorreram e apenas para assistir à tomada de Noviodunum[138].

Então, o Vercingetórix declara aos seus não haver salvação alguma, se eles não conseguirem impor a fome ao exército romano: o único meio para isso é queimar, eles próprios, seus vilarejos. Eles cumprem heroicamente esta cruel resolução. Vinte vilarejos dos Bituriges foram queimadas por seus habitantes. Mas quando eles vieram à grande Agendicum (Bourges), os habitantes abraçaram os joelhos do Vercingetórix e suplicaram-lhe não arruinar o mais belo vilarejo das Gálias[139]. Essa deferência fez a infelicidade deles. A cidade, ainda assim, pereceu, mas por César, que a tomou por prodigiosos esforços.

Entretanto, os Eduos se haviam declarado contra César que, encontrando-se sem cavalaria pela defecção daqueles, foi obrigado a trazer Germanos para substituí-los. Labiênus, tenente de César, teria sido destruído ao norte se não tivesse se desembaraçado por uma vitória (entre Lutécia e Melun). O próprio César fracassou no sítio da Gergóvia dos Arvernos. Seus negócios iam tão mal, que ele desejava retornar à província romana. O exército dos Gauleses o perseguiu e o aguardou. Eles juraram jamais rever suas casas, suas famílias, suas mulheres e seus filhos, se não tivessem, ao menos, atravessado duas vezes as linhas inimigas[140]. O combate foi terrível; César foi obrigado a pagar de sua pessoa, ele foi quase capturado e sua espada ficou entre as mãos dos inimigos. Todavia, um movimento da cavalaria germânica a serviço de César lançou um terror-pânico nos ranques dos Gauleses e decidiu a vitória.

Esses espíritos volúveis caíram, então, para um tal desencorajamento, que seu chefe não pôde tranquilizá-los senão pelo entrincheiramento sob os muros de Alésia, cidade-forte situada no alto de uma montanha (no monte Auxois[141]). Tão logo cercada por César, ele despachou seus cavaleiros, encarregando-os de difundir por toda a Gália que ele tinha víveres para apenas trinta dias e de trazer, em seu socorro, todos aqueles que pudessem portar armas. De fato, César não hesitou em sitiar esse grande exército. Ele cercou a cidade e o campo gaulês de obras colossais; de início, três fossos, cada um com quinze ou vinte pés, oito fileiras de pequenos fossos, cujos fundos estavam erçados de espinhos e camuflados por ramagens e folhas, paliçadas de cinco fileiras de árvores, cujos galhos estavam entrelaçados. Esses trabalhos foram repetidos do lado do campo e prolongados em um circuito de quinze milhas. Tudo isso foi executado em menos de cinco semanas e por menos de sessenta mil homens.

A Gália inteira veio aí se despedaçar. Os esforços desesperados dos sitiados, reduzidos a uma horrível fome, e aqueles dos duzentos e cinquenta mil Gauleses que atacavam os Romanos do lado do campo, fracassaram igualmente. Os sitiados viram, com desespero, seus aliados, virados para a cavalaria de César, fugirem e se dispersarem. O Vercingetórix, conservando sua alma firme no meio do desespero dos seus, designa-se e entrega-se como autor de toda a guerra. Ele montou seu cavalo de batalha, vestiu sua mais rica armadura e, após ter girado em círculo em torno da tribuna de César, jogou, sem dizer uma única palavra, sua espada, sua azagaia e seu capacete aos pés do Romano[142].

No ano seguinte, todos os povos da Gália tentaram ainda resistir parcialmente e deteriorar as forças do inimigo que

eles não puderam vencer. Só Uxellodunum (Cap-de-Nac, em Quercy?) segurou César por longo tempo. O exemplo era perigoso; ele não tinha tempo a perder na Gália; a guerra civil podia começar a qualquer instante na Itália; ele estaria perdido se tivesse de consumir meses inteiros à frente de cada casebre. Ele fez, então, para aterrorizar os Gauleses, uma coisa atroz, da qual os Romanos, de resto, não haviam que tão frequentemente dado o exemplo: ele mandou cortar o punho de todos os prisioneiros.

Desse momento em diante, ele mudou de atitude em relação aos Gauleses: ele demonstrou em relação a eles uma extrema doçura; ele foi econômico para os tributos a ponto de excitar a inveja da Provença. O tributo foi, mesmo, disfarçado sob o honorável nome de *soldo militar*[\[143\]](#). Ele engajou, a qualquer preço, seus melhores guerreiros em suas legiões, cujos soldados ostentavam uma cotovia sobre seus capacetes e que se chamava, por esta razão, a *alauda*[\[144\]](#). Sob este signo tão nacional da vigilância matinal e da viva alegria, esses intrépidos soldados passaram os Alpes cantando e, até Farsália, perseguiram com seus ruidosos desafios as taciturnas legiões de Pompeu. A cotovia gaulesa conduzida pela águia romana tomou Roma pela segunda vez e se associou aos triunfos da guerra civil.

A Gália guardou, para consolo de sua liberdade, a espada que César perdera na guerra anterior. Os soldados romanos desejavam arrancá-la do templo onde os Gauleses a suspenderam: “Deixai-a lá”, disse César sorrindo, “ela é sagrada”[\[145\]](#).



## CAPÍTULO III

### A Gália sob o Império – Decadência do Império - Gália cristã

-----

Alexandre e César tiveram isso em comum: de serem amados, chorados pelos vencidos e de perecerem sob as mãos dos seus[146]. Tais homens não possuem pátria, eles pertencem ao mundo.

César não destruiu a liberdade (ela perecera desde há muito), mas, isso sim, comprometido a nacionalidade romana. Os Romanos viram, com vergonha e dor, um exército gaulês sob as águias, senadores gauleses permanecendo entre Cícero e Brutus. Na realidade, eram os vencidos que tiravam proveito da vitória[147]. Se César houvesse sobrevivido, todas as nações bárbaras teriam provavelmente enchido os exércitos e o senado. Ele já pegara uma guarda espanhola e o espanhol Balbus era um de seus principais conselheiros[148].

Antônio tentou imitar César. Ele realizou a mudança da sede do Império para Alexandria, ele adotou o costume e os mores dos vencidos. Otávio não prevaleceu sobre ele senão declarando-se o homem da pátria, o vingador da nacionalidade violada. Ele expulsou os Gauleses do Senado, aumentou os tributos da Gália[149]. Ele aí funda uma nova Roma, *Valentia* (era um dos nomes misteriosos da cidade eterna) e aí conduz diversas colônias militares em Orange, Fréjus, Carpentras, Aix, Apt, Viena etc. Uma multidão de cidades tornou-se, de nome e de privilégios, *Augusta*, como diversas cidades se tornaram *Julianas* sob César[150]. Enfim, em desprezo a tantas cidades ilustres e antigas, ele designou, como sede da administração, a cidade bem recente de Lyon, colônia de Viena e, desde seu nascimento, inimiga de sua mãe. Esta cidade, tão favoravelmente situada na confluência do Saône e do Ródano, quase encostada nos Alpes, vizinha do Loire, vizinha do mar pela impetuosidade de seu rio que lhe traz tudo como um raio, vigiava a Narbonense e a Céltica e parecia um olho aberto da Itália sobre todas as Gálias.

É em Lyon, em Aisnay, na ponta do Saône e do Ródano, que sessenta cidades gaulesas elevaram o altar de Augusto, sob os olhos de seu genro Drusus. Augusto passou a ter lugar entre as divindades da região. Outros altares foram erguidos em Saintes, em Arles, em Narbonne etc. A velha religião gálica se associou com prazer ao paganismo romano. Augusto construiu um templo ao deus Kirk[151], personificação desse violento vento que sopra na Narbonense; e sobre um mesmo altar, lê-se, numa dupla inscrição, os nomes das divindades gaulesas e romanas: Marte-Camul, Diana-Arduína, Belen-Apolo; Roma pôs Hésus e Nehalenia no número dos deuses indígenas.

Entretanto, o druidismo resistiu longo tempo à influência romana; nele se refugiou a nacionalidade dos Gauleses. Augusto tentou, ao menos, modificar essa religião sanguinária. Ele proibiu os sacrifícios humanos e tolerou somente leves libações de sangue[152].

A luta do druidismo não pode ser estranha à sublevação dos Gauleses sob Tibério, ainda que a história atribua-lhe como causa o peso dos impostos aumentados pela usura. O chefe da revolta era verdadeiramente um Eduo, Julius Sacrovir; os Eduos eram, como eu o disse, um povo druídico e o nome de *sacrovir* não pode ser senão que uma tradução de *druida*. Os Belgas foram assim também encantados por Julius Florus[153]:

“As cidades Gaulesas, fatigadas da enormidade dos débitos, tentaram uma rebelião, cujos mais ardentes promotores foram, entre os Tréviros, Julius Florus e entre os Eduos, Julius Sacrovir, todos dois de distinto nascimento e advindos de avós a quem suas belas ações haviam valido o direito de cidadania romana. Em conferências secretas, nas quais reuniam os mais audaciosos de seus compatriotas, bem assim aqueles a quem a indigência ou o temor dos suplícios fazia da insurreição uma necessidade, eles acordaram que Florus sublevaria a Bélgica e Sacrovir as aldeias mais vizinhas à sua.... Havia bem poucos grotões onde não fossem semeados os germens dessa revolta. Os Andecavos e os Turonianos (Anjou, Touraine) explodiram primeiro. O tenente Acilius Aviola fez marchar uma coorte que guarnecia Lyon e subjugou os Andecavos. Os Turonianos foram

derrotados por um corpo de legionários que o mesmo Aviola recebera de Visellius, governador da baixa Germânia, e ao qual se juntaram nobres gauleses, que escondiam, assim, sua defeção para se declararem em momento mais favorável. Viu-se, mesmo, Sacrovir bater-se pelos Romanos, a cabeça descoberta, a fim de, ele dizia, mostrar sua coragem; mas os prisioneiros asseguraram que ele quisera se colocar ao abrigo das setas, fazendo-se reconhecer. Tibério, consultado, desdenha esse aviso e sua irresolução alimentou o incêndio.

Entretanto, Florus, perseguindo seus desejos, tenta a fidelidade de uma ala da cavalaria levada a Tréveris e disciplinada à nossa maneira e a insufla a começar a guerra pelo massacre dos Romanos estabelecidos na região. A maioria permanece fiel a seu dever. Mas a multidão de devedores e de clientes de Florus pegou em armas; e eles procuravam ganhar a floresta das Ardenas quando legiões de dois exércitos, de Visellius e de C. Silius, chegando por caminhos opostos, fecharam-lhes a passagem. Destacado em uma tropa de elite, Julius Indus, compatriota de Florus, e cujo ódio por esse chefe animava a nos bem servir, dissipou essa multidão que ainda não parecia com um exército. Florus, favorecido pelos esconderijos desconhecidos, escapou durante algum tempo aos vencedores. Enfim, à vista dos soldados que sitiavam seu asilo, ele se matou de sua própria mão. Desta forma, terminou a revolta dos Tréviros.

Aquela dos Eduos foi mais difícil de reprimir porque esta nação era mais potente e nossas forças mais distantes. Sacrovir, com as coortes regulares, apoderou-se de Augustodunum (Atutun), sua capital, onde as crianças da nobreza gaulesa estudavam as artes liberais: eram os reféns que podiam adicionar à sua fortuna suas famílias e seus próximos. Ele distribuiu aos habitantes as armas fabricadas em segredo. Logo, ele estava à cabeça de quarenta mil homens, cuja quinta parte estava armada como os nossos legionários: o resto tinha varas de espetar, facões e outros instrumentos de caça. Ele ali agregou os escravos destinados ao ofício de gladiador e que nesse país se chamam crupelários. Uma armadura de ferro os cobria inteiros e os deixava impenetráveis aos golpes, inclusive para baterem-se em si próprios, caso ela os incomodasse. Essas forças foram acrescidas pelo concurso de outros Gauleses que, sem esperar que suas cidades se declarassem, vinham oferecer suas pessoas, bem assim pela falta de entendimento de nossos dois generais, os quais se disputavam a condução da guerra.

Durante esse tempo, Silius avançava com duas legiões, as quais eram precedidas de um corpo de auxiliares, e devastava os últimos burgados dos Sequanes (Franco-Condado) que, vizinhos e aliados dos Eduos, tinham pegos em armas com eles. Em pouco tempo, ele marcha em longas jornadas sobre Augustodunum... A doze milhas desta cidade, descobriu-se, numa planície, as tropas de Sacrovir: ele colocara na primeira linha seus homens cobertos de ferro, suas coortes sobre os flancos e, por trás, os bandos armados à metade. Os homens de ferro, cuja armadura era à prova de espada e de azagaia, resistiram só por alguns instantes. Então, o soldado romano, brandindo o machado-de-guerra e o machado-de-tronco[154], tal como se desejasse fazer brecha a uma muralha, fende a armadura e o corpo que ela envolve; outros, com alavancas ou forçados, viram essas massas inertes que permaneciam jazidas como cadáveres, sem forças para se levantarem. Sacrovir se retirou inicialmente para Augustodunum; em seguida, temendo ser entregue, ele se encaminhou, com os mais fiéis de seus amigos, para uma casa de campo vizinha. Lá, ele se matou de sua própria mão: os outros suprimiram-se mutuamente a vida; e a casa, à qual eles puseram fogo, a todos serviu de pira.”

Augusto e Tibério, severos administradores e verdadeiros Romanos, tinham, de alguma sorte, estreitado a unidade do Império comprometida por César, afastando do governo os provincianos, os bárbaros. Seus sucessores, Calígula, Cláudio e Nero adotaram um passo totalmente oposto. Eles descendiam de Antônio, do amigo dos bárbaros; eles seguiram o exemplo de seu avô; e já o pai de Calígula, Germânico, afetara imitá-lo. Calígula, nascido, segundo Plínio, em Tréveris, educado entre os exércitos da Germânia e da Síria[155], mostrou por Roma um desprezo incrível. Uma parte das loucuras que os Romanos lhe reprovavam encontra nisto sua explicação; seu reino violento e furioso foi um escárnio, uma paródia de tudo aquilo que se reverenciava. Marido de suas irmãs, como os reis do Oriente, ele não aguardou sua morte para ser adorado; ele se fez deus desde vivo; Alexandre, seu herói, se contentara em ser filho de um deus. Ele arrebatou o diadema do Júpiter Romano e o colocou em si próprio[156]. Ele paramentou ridiculamente seu cavalo com ornamentos do consulado. Ele vendeu em Lyon, peça a peça, todos os móveis de sua família, abdicando, assim, seus avós e prostituindo suas memórias. Ele próprio quis ocupar o ofício de meirinho-leiloeiro e de vendedor de hasta pública, fazendo a avaliação de cada objeto e os avaliando bem além de seu preço: “Este vaso”, ele dizia, “pertencera a meu avô Antônio; Augusto o conquistou na batalha de Áccio[157]”. Depois, ele instituiu ao altar de Augusto jogos burlescos e terríveis[158], combates de eloquência, onde o vencido devia apagar seus escritos com a língua ou se deixar lançar no Ródano. Sem dúvida, esses jogos haviam sido renovados a partir de algum rito antigo. Nós sabemos que era costume dos Gauleses e dos Germanos precipitar os vencidos como vítimas, homens e cavalos. Observava-se a maneira como eles turbilhonavam para daí tirar presságios do porvir. Os Cimbrios vencedores



trataram assim todos aqueles que encontraram nos campos de Cepião e de Manlius. Ainda hoje, a tradição designa a ponte do Ródano, de onde os touros eram precipitados.

Calígula tinha perto de si os Gauleses mais ilustres (Valerius Asiaticus e Domitius Afer); Cláudio era, ele mesmo, Gaulês. Nascido em Lyon[159], educado longe dos negócios por Augusto e Tibério, que desconfiavam de tais singulares “distrações”, ele envelhecera na solidão e na cultura das letras quando os soldados, apesar dele ser contra, o proclamaram. Jamais príncipe algum chocou, no mais alto grau, os Romanos e mais se distanciou de seus gostos e hábitos; sua gagueira bárbara, sua preferência pela língua grega, suas contínuas citações de Homero, tudo nele prestava-se ao riso; assim, ele deixou o Império nas mãos dos libertos que o rodeavam. Esses escravos, educados com tanto cuidado nos palácios dos grandes de Roma, podiam muito bem, como o disse Tácito, ser mais dignos de reinar que seus senhores. O reino de Cláudio foi uma espécie de reação dos escravos; eles governaram por sua vez e as coisas não foram nada mal. Os planos de César foram seguidos; o porto de Óstia foi escavado[160], o cinturão de Roma recuado, a drenagem do lago Fucino executada, o aqueduto de Calígula continuado; os Bretões derrotados em dezesseis dias e seu rei perdoado[161]. À autoridade tirânica dos grandes de Roma, que reinavam nas províncias como pretores ou procônsules, foram opostos os procuradores do príncipe, gente de nada, cuja responsabilidade era tanto mais segura e cujos excessos podiam ser mais facilmente reprimidos.

Tal foi o governo dos libertos sob Cláudio: tanto menos nacional quanto mais humano. Ele próprio não escondia sua predileção pelos provincianos. Ele escreveu a história das raças vencidas, aquela dos Etruscos, de Tiro e Cartago[162], reparando, assim, a longa injustiça de Roma. Ele instituiu, para ler anualmente essas histórias, um leitor e uma cátedra no Museu de Alexandria; não podendo mais salvar esses povos, ele tentou salvar-lhes a memória. A sua merecia ter sido melhor tratada; qualquer que tenha sido sua incúria, sua fraqueza, mesmo seu brutalamento nos últimos anos, a história perdoará mais aquele que se declarou o protetor dos escravos, proibiu os senhores de matá-los e tentou impedir que fossem expostos, velhos e doentes, para morrer de fome, na ilha do Tibre[163].

Se Cláudio tivesse sobrevivido, ele teria, disse Suetônio, dado a cidade a todo o Ocidente, aos Gregos, aos Espanhóis, aos Bretões e aos Gauleses, para começar com os Eduos. Ele reabriu o Senado a estes últimos, como fizera César. O discurso que ele pronunciou nesta ocasião, e que ainda se conserva em Lyon sobre tabuletas de bronze, é o primeiro monumento autêntico de nossa história nacional, o título de nossa admissão nesta grande iniciação do mundo[164].

Ao mesmo tempo, ele perseguia o culto sanguinário dos druidas. Proscritos na Gália, eles tiveram de se refugiar na Bretanha; ele foi forçá-los, ele próprio, neste último asilo; seus tenentes declararam província romana os sítios que formam a bacia do Tâmbisa e deixaram à oeste, em Camulodunum[165], uma numerosa colônia militar. As legiões avançavam sempre para oeste, derrubando altares, destruindo as velhas florestas e, sob Nero, o druidismo se encontra acuado na pequena ilha de Mona[166]. Suetônio Paullinus aí o seguiu; em vão, as virgens sagradas acorriam sobre as margens como fúrias, em hábitos de luto, desgrenhadas e segurando os archotes[167]; ele forçou a passagem, degolou tudo o que caiu entre suas mãos, druidas, sacerdotisas, soldados, e fez-se dia nessas florestas onde o sangue humano fora tantas vezes derramado.

Entretanto, os Bretões haviam se sublevado por trás do exército romano; à sua cabeça, sua rainha, a famosa Boadicéia[168] que tinha a vingar intoleráveis ultrajes; eles tinham exterminado os veteranos de Camulodunum e toda a infantaria de uma legião. Suetônio retornou sobre seus passos e reuniu friamente seu exército, abandonando a defesa das cidades e entregando os aliados de Roma ao ódio cego dos Bárbaros que degolaram setenta mil homens; mas ele os esmagou em batalha aberta; ele matou até os cavalos. Após ele, Cerialis e Frontinus perseguiram a conquista do norte. Sob Domiciano, o sogro de Tácito, Agrícola obtém a subjugação e inicia a civilização da Bretanha.

Nero foi favorável à Gália. Ele concebeu o projeto de unir o Oceano ao Mediterrâneo por um canal que teria sido estendido do Mosela ao Saône[169]. Ele consolou Lyon, incendiada sob seu reino. Também nas guerras civis que acompanharam sua queda, esta cidade permaneceu-lhe fiel. O principal autor desta revolução foi o aquitânio Vindex, então pró-pretor da Gália. Esse homem, “cheio de audácia para as grandes coisas”[170], excitou Galba na Espanha, ganhou Virginius, general das legiões da Germânia. Mas, antes que este acordo fosse conhecido dos dois exércitos, eles se atacaram numa grande carnificina. Vindex se matou de desespero. A Gália tomou ainda partido por Vitellius; as legiões da Germânia, com as quais ele venceu Othon e tomou Roma, compunham-se, em grande parte, de Germanos, de Batavos e de Gauleses[171]. Nada de espantoso se a Gália viu, com dor, a vitória de Vespasiano. Um chefe Batavo, chamado Civilis, zarolho como Aníbal e Sertorius e, como eles, inimigo de Roma, aproveitou esta ocasião. Ultrajado pelos Romanos, ele jurara não cortar sua barba e seus cabelos até se vingar. Ele cortou em pedaços os soldados de Vitellius e viu, em um instante, todos os Batavos, todos os Belgas, se declararem a seu favor. Ele foi encorajado pela famosa Velêda, que reverenciava os Germanos como inspirados pelos deuses ou, antes, como se ela própria fosse uma deusa. É a ela que se enviaram os cativos e os Romanos reclamaram sua

arbitragem entre eles e Civilis. De outra parte, os Druidas da Gália, há tanto perseguidos, saíram de suas tocas e se mostraram ao povo. Eles tinham ouvido dizer que o Capitólio fora queimado na guerra civil. Eles proclamaram que o império romano perecera com esse penhor da eternidade, que o império das Gálias iria sucedê-lo[172].

Tal era, entretanto, a força do vínculo que unia esses povos a Roma, que o inimigo dos Romanos acreditou ser mais seguro atacar, de início, as tropas de Vitellius, em nome de Vespasiano. O chefe dos Gauleses, Julius Sabinus, proclamava-se filho do conquistador das Gálias e se fazia chamar César. Assim, não foi sequer preciso um exército romano para destruir este partido inconseqüente: bastavam os Gauleses que permaneceram fiéis. A velha inveja dos Sequanes despertou contra os Eduos. Eles desfizeram Sabinus. Conhece-se a devoção de sua mulher, a virtuosa Eponine. Ela se tranca com ele no subterrâneo onde se refugiara e aí eles tiveram e criaram os filhos. Ao cabo de dez anos, ele foram, enfim, descobertos; ela se apresentou perante o imperador Vespasiano, rodeada desta família desafortunada que via o dia pela primeira vez[173]. A cruel política do Imperador foi inexorável.

A guerra foi mais séria na Bélgica e na Batávia. Todavia, a Bélgica ainda se submeteu; a Batávia resistiu em seus pântanos. O general romano Cerialis, duas vezes surpreendido, duas vezes vencedor, acabou com a guerra conquistando Velêda e Civilis. Este último pretendia não ter pego originariamente em armas contra Roma, mas somente contra Vitellius e, ainda assim, por Vespasiano.

Esta guerra não fez senão mostrar como a Gália já era romana. Nenhuma província, em efeito, havia mais prontamente, mais avidamente, recebido a influência dos vencedores[174]. Desde a primeira vista, as duas regiões, os dois povos, pareciam menos se conhecer do que se rever e se reencontrar. Eles se precipitaram um na direção do outro. Os Romanos frequentavam as escolas de Marselha, esta pequena Grécia[175], mais sóbria e mais modesta que a outra[176] que se encontrava à porta deles. Os Gauleses passavam os Alpes em multidão e, não somente com César sob as águias das legiões, mas como médicos[177], como reitores. Já é o gênio de Montpellier, de Bordeaux, Aix, Toulouse, etc., tendência toda positiva, toda prática; poucos filósofos. Esses Gauleses do sul (ainda não se pode tratar daqueles do norte), vivos, intrigantes, tais como os vemos sempre, deviam fazer fortuna e como bons faladores e como remendadores: eles deram a Roma seu Roscius[178]. Entretanto, eles tiveram êxito nos gêneros mais sérios. Um Gaulês, Trogo-Pompeu[179], escreve a primeira história universal; um Gaulês, Petrônio Arbiter[180], cria o gênero do romance. Outros rivalizam com os maiores poetas de Roma; nomeemos somente Varro Atacinus, das cercanias de Carcassone [181], e Cornélio Gallo, nativo de Fréjus, amigo de Virgílio[182]. O verdadeiro gênio da França, o gênio oratório, brilhava ao mesmo tempo. Este jovem poder da palavra gaulesa dominou, desde sua nascença, a própria Roma. Os Romanos tomaram, de bom gosto, os Gauleses por mestres, mesmo em sua própria língua. O primeiro reitor em Roma foi o gaulês Gniphó (M. Antonius). Abandonado no nascimento, escravo em Alexandria, liberto, espoliado por Sylla, ele se entrega tanto mais a seu gênio. Mas a carreira da eloquência política estava fechada para um infeliz gaulês liberto. Ele não pôde exercer seu talento senão declamando publicamente, nos dias de mercado. Ele estabeleceu sua cátedra na própria casa de Júlio César[183] e aí ele forma na eloquência os dois grandes oradores do tempo: o próprio César e Cícero[184].

A vitória de César, que abriu Roma aos Gauleses, permitiu-lhes falar em seu próprio nome e entrar na carreira política. Vemos, sob Tibério, os Montanus no primeiro ranque dos oradores e para a liberdade e para o gênio. Calígula, que se incomodava com a eloquência, teve dois Gauleses por amigos: um, Valério Asiático [185], nativo de Viena, homem honesto, segundo Tácito, findou por conspirar contra ele e pereceu sob Cláudio, por artifícios de Messalina, como culpado de possuir uma popularidade ambiciosa nas Gálias[186]; o outro, Domício Afer (Domitius Afer), de Nîmes, cônsul sob Calígula, eloquente, corrompido, ardente acusador, morreu de indigestão. A caprichosa emulação de Calígula falhara ao lhe ser funesta, como aquela de Nero o foi a Lucano (Marcus Annaeus Lucanus). O Imperador leva, um dia, um discurso ao senado; esta peça fortemente trabalhada, com a qual esperava superar a si próprio, nada mais era que um ato de acusação contra Domício e ela concluía com a sua morte. O Gaulês, sem se perturbar, pareceu menos abalado de se encontrar em situação de perigo do que com a eloquência do Imperador. Ele se confessou vencido, declarou que não ousaria mais abrir a boca após um tal discurso e ergueu uma estátua a Calígula[187]. Este não mais exigiu sua morte: bastou-lhe o silêncio daquele.

Na arte gaulesa, desde seu nascimento, aí houve algo de impetuoso, de exagerado, de trágico, como diziam os antigos. Essa tendência foi notável em seus primeiros ensaios. O gaulês Zenodoro, que se divertia em esculpir pequenas figuras e vasos com a mais minuciosa delicadeza, ergueu na cidade dos Arvernos o colosso do Mercúrio gaulês. Nero, que amava o grande, o prodigioso, o fez vir a Roma para erguer, ao pé do Capitólio, sua estátua, alta de cento e vinte pés, essa estátua que se via do monte Albano[188]. Assim, uma mão gaulesa dava à arte esse impulso em direção ao gigantesco, essa ambição do infinito, a qual devia, mais tarde, impelir as abóbadas de nossas catedrais.

Igual da Itália na arte e na literatura, a Gália não tardou a influenciar, de uma maneira mais direta, os destinos do Império. Sob César, sob Cláudio, ela dera senadores a Roma; sob Calígula, um cônsul. O aquitânio Vindex precipitou Nero e fez subir Galba; o toulousense Bec[189] (Antonius Primus), amigo de Marcial e, ele próprio, poeta, deu o império a Vespasiano; o provençal Agrícola submeteu a Bretanha a Domiciano; enfim, de uma família de Nîmes, saiu o melhor imperador que Roma teve, o piedoso Antonino, sucessor dos dois Espanhóis Trajano e Adriano, pai adotivo do Espanhol Marco Aurélio[190]. O caráter sofista de todos esses Imperadores filósofos e reitores prende-se aos seus laços com a Gália, ao menos tanto quanto a predileção deles pela Grécia. Adriano tinha por amigo o sofista de Arles, Favorinus, o mestre de Aulo-Gélio, homem bizarro cujo sexo permaneceu um problema[191], e que escreveu um livro contra Epiteto, um elogio da feiúra, um panegírico da febre quartã[192]. O principal mestre de Marco Aurélio foi o Gaulês M. Cornelius Fronto[193] que, de acordo com a correspondência por eles trocada, parece ter-lhe dirigido bem além da época onde se pode seguir as lições dos reitores.

Gaulês por nascimento[194], Sírio pela mãe, Africano pelo pai, Caracala apresenta essa discordante mistura de raças e idéias que oferecia ao Império àquela época. Em um mesmo homem, o ardor do norte, a ferocidade do sul, a bizarrice das crenças orientais, é um monstro, uma Quimera. Após a época filosófica e sofista dos Antoninos, o grande pensamento do Oriente, o pensamento de César e de Antônio despertava, esse sonho ruim que lançou no delírio tantos Imperadores, Calígula, Nero, Cômodo; todos possuídos, na velhice do mundo, da jovem lembrança de Alexandre e de Hércules. Calígula, Cômodo, Caracala parecem ter acreditado ser as encarnações desses dois heróis. Assim os califas Fatímidas e os modernos Lamas do Tibete reverenciam-se a si próprios como deuses. Esta idéia, tão ridícula do ponto de vista grego e ocidental, não tinha nada de surpreendente para os súditos orientais do Império, Egípcios e Sírios. Se os Imperadores se tornavam deuses após suas mortes, eles bem podiam sê-los em vida.

No primeiro século do Império, a Gália fizera imperadores, no segundo, ela fornecera imperadores gauleses, no terceiro, ela tentou se separar do Império que se aniquilava e formar um império galo-romano. Os generais que, sob Galiano[195], tomaram a púrpura na Gália e a governaram com glória, parecem ter sido quase todos homens superiores. O primeiro, Posthumius, foi cognominado o restaurador das Gálias[196]. Ele compusera seu exército em grande parte de tropas gaulesas e frâncicas[197]. Ele foi morto por seus soldados pois recusou-lhes a pilhagem de Mainz que se revoltara contra ele[198]. Eu conto, alhures, a história de seus sucessores, do armeiro Marius, de Victorinus e Victoria, a Mãe DAS LEGIÕES, enfim, de Tétrico, que Aureliano teve a glória de arrastar atrás de seu carro com a rainha de Palmira[199]. Ainda que esses eventos tenham tido a Gália por teatro, eles pertencem menos à história do país que àquela dos exércitos que a ocupavam.

A maioria desses imperadores provincianos, desses *tiranos*[200], como eram chamados, foi de grandes homens; aqueles que os sucederam e que restabeleceram a unidade do império, os Aurelianos, os Probus, foram maiores ainda. E, entretanto, o Império se aniquilava em suas mãos. Não são os bárbaros a quem se deve acusar; a invasão dos Cimbrios sob a República fora mais formidável que aquelas do tempo Imperial. E não é, nem mesmo, aos vícios dos príncipes que se deve ater. Os mais culpados, como homens, não foram os mais odiosos. Com frequência, as províncias respiraram sob esses príncipes cruéis que vertiam, em profusão, o sangue dos grandes de Roma. A administração de Tibério foi sábia e parcimoniosa[201]. O próprio Nero foi lamentado pelo povo e durante muito tempo seu túmulo estava sempre coroado de flores novas[202]. Sob Vespasiano, um falso Nero foi seguido com entusiasmo na Grécia e na Ásia. O título que Heliogábalo usou no império, foi de se crer neto de Sétimo Severo e filho de Caracala.

Sob os Imperadores, as províncias não tiveram mais, como sob a República, de mudar todos os anos de governadores. Dion[203] fez remontar esta inovação a Augusto. Suetônio nela acusa a negligência de Tibério. Mas Josefo disse expressamente que ele agiu assim “para aliviar os povos.” De fato, aquele que permanecia numa província findava por conhecê-la, por aí firmar alguns laços de afeição, de humanidade, que moderavam a tirania. Não era mais, como na República, um fazendeiro impaciente para fazer sua mão e partir para usufruir em Roma. Conhece-se a fábula da raposa, da qual as pulgas sugam o sangue: ela recusa a oferta do ouriço que deseja livrá-la pois viriam outras esfaimadas; ela disse: essas aqui estão saciadas e fartas[204].

Os procuradores, homens de nada, criaturas do príncipe e, perante este, responsáveis, tinham a temer sua vigilância. Enriquecer-se seria tentar a crueldade de um senhor que não exigia nada melhor para ser severo com a avidez.

Esse senhor era um juiz para os grandes e para os pequenos. Os Imperadores entregavam, eles próprios, a justiça. Em Tácito, um acusado que teme os preconceitos populares deseja ser julgado por Tibério, como superior a tais ruídos; ele

sustentava, além disso, que um juiz único melhor discerne a verdade[205]. Sob Tibério, sob Cláudio, os acusados escapavam à condenação por um apelo ao Imperador[206]. Cláudio, apressado em julgar uma causa onde seu interesse estava comprometido, declara que julgará ele próprio, para mostrar, em sua própria causa, como ele seria justo naquela de outrem[207]: ninguém, sem dúvida, ousaria decidir contra o interesse do Imperador.

Domiciano distribuía a justiça com assiduidade e inteligência; com frequência ele cassava as sentenças dos Centúviro, suspeitos de estarem influenciados pela intriga[208]. Adriano consultava, sobre as causas submetidas a seu julgamento, não seus amigos, mas os juriconsultos[209]. O próprio Sétimo Severo, esse selvagem soldado, não se dispensou desse dever e, no repouso de sua *villa*, ele julgava e entrava, com prazer, nos detalhes minuciosos da causa. Juliano é, pela mesma razão, citado por sua assiduidade em observar as funções de julgador[210]. Esse zelo dos imperadores pela justiça civil equilibrava uma grande parte dos males do império; ele devia inspirar um terror salutar nos magistrados opressores e remediar, no varejo, uma infinidade de abusos gerais.

Mesmo sob os mais nocivos imperadores, o direito civil sofreu sempre benfeitorias desenvolvimentos. O juriconsulto Nerva, avô do imperador de mesmo nome (discípulo do republicano Labeão, o amigo de Brutus e fundador da escola estoica de jurisprudência), foi o conselheiro de Tibério[211]. Papiniano e Ulpiano floresceram ao tempo de Caracala e de Heliogábalo, como Dumoulin, Hôpital e Brisson, sob Henrique II, Carlos IX e Henrique III. O direito civil, reaproximando-se de pouco em pouco da equidade natural e, por consequência, do senso comum das nações, tornou-se o mais forte liame do Império e a compensação da tirania política.

Esta tirania dos príncipes, aquela bem mais onerosa dos magistrados, não foram a causa principal da ruína do Império. O mal real que o minava não estava, nem no governo, nem na administração. Se tivesse sido simplesmente de natureza administrativa, tantos grandes e bons imperadores a teriam remediado. Mas era um mal social e nada podia fechar-lhe a fonte, a menos que uma sociedade nova viesse substituir a antiga. Esse mal era a escravidão; os outros males do Império, pelo menos na maior parte, a fiscalidade devoradora, a exigência sempre crescente do governo militar, não eram, como se verá, senão um resultado, um efeito direto ou indireto. A escravidão não era, de forma alguma, um resultado do governo imperial. Nós a encontramos em toda parte nas nações antigas. Todos os autores não-a mostram na Gália antes da conquista romana. Se ela nos aparece mais terrível e mais desastrosa no Império, é porque, de início, a época romana nos é melhor conhecida que aquelas que a precedem. Em continuação, o sistema antigo, estando lastreado sobre a guerra, sobre a conquista do homem (a indústria é a conquista da natureza), esse sistema devia, de guerra em guerra, de proscrição em proscrição, de servidão em servidão, culminar, lá pelo fim, numa aterrorizante depopulação. Tal povo da antiguidade podia, como esses selvagens da América, vangloriar-se de ter devorado cinquenta nações.

Eu já indicara, no meu “História romana”, como a classe dos pequenos cultivadores, tendo pouco a pouco desaparecido, os grandes proprietários que os sucederam os substituíram pelos escravos. Esses escravos se gastavam rapidamente pelo rigor dos trabalhos que lhes eram impostos; eles desapareceram bem rápido, de seu turno. Pertencendo em grande parte às nações civilizadas da antiguidade, Gregos, Sírios, Cartagineses, eles haviam cultivado as artes para seus senhores. Os novos escravos que os substituíram[212], Trácios, Germanos, Citas, puderam, tanto quanto, imitar grosseiramente os modelos que os primeiros deixaram. De imitações em imitações, todos os objetos que demandavam alguma indústria tornaram-se cada vez mais grosseiros. Os homens capazes de confeccioná-los, encontrando-se também cada vez mais raros, os produtos de seus trabalhos encareciam cada dia. Na mesma proporção deviam aumentar os salários de todos aqueles que o estado empregava. O pobre soldado que pagava cinquenta soldos[213] de nossa moeda na libra de carne e calçados grosseiros a vinte e dois francos, não devia ficar tentado em reclamar, sem cessar, novos bálsamos para sua miséria e fazer revoluções para obtê-las? Muito se declamou contra a violência e a avarícia dos soldados que, para aumentar seu soldo, faziam e desfaziam imperadores. Acusou-se as exações cruéis de Severo, de Caracala, dos príncipes que esgotavam o país em benefício do soldado. Mas já se pensou no preço excessivo de todos os objetos que ele era obrigado a comprar contra um soldo bem módico? Os legionários revoltados dizem em Tácito: “Estima-se em dez ases por dia nosso sangue e nossa vida. Vai além disso o necessário para ter vestes, armas e tendas; o necessário para pagar as folgas e obter-se e resgatar-se a barbárie do centurião etc.[214]”.

Foi ainda pior a partir do momento que Diocleciano teve de criar um outro exército, aquele dos funcionários civis. Até ele, existia um poder militar, um poder judiciário, mui frequentemente confundidos. Ele criou, ou ao menos completou, o poder administrativo. Esta instituição tão necessária não foi menos, em seu nascimento, uma carga intolerável para o Império já arruinado. A sociedade antiga, bem diferentemente da nossa, não renovava incessantemente a riqueza pela indústria. Consumindo sempre e não mais produzindo depois que as gerações industriais foram destruídas pela escravidão, ela reclamava sempre em maior número a terra; e as mãos que a cultivavam, essa terra, tornavam-se cada dia mais raras e menos



hábeis.

Nada de mais terrível que o quadro que nos deixou Lactâncio desta luta mortífera entre o fisco esfomeado e a população impotente que podia sofrer, morrer, mas não pagar. “Tão grande se tornara a multidão daqueles que recebiam em comparação com o número daqueles que deviam pagar, tal a enormidade dos impostos, que as forças faltavam aos laboriosos, os campos tornavam-se desertos e as culturas transformavam-se em florestas... Eu não sei quantos empregos e empregados derreteram em cada província, em cada cidade, *Magistri, Rationales*, provedores de prefeitos. Toda essa gente não conhecia senão condenações, proscricções, exações; exações não tão frequentes, mas perpétuas e, nas exações, ultrajes intoleráveis... Mas a calamidade pública, o luto universal, foi quando o flagelo do censo, tendo sido lançado nas províncias e cidades, os censores se esparramaram em todas as direções, perturbaram tudo: dir-se-ia uma invasão inimiga, uma cidade presa de assalto. Mensurava-se os campos por torrões de terra, contava-se as árvores, os pés de vinha. Inscrevia-se os animais, registrava-se os homens. Não se ouvia senão os estalidos dos chicotes, os gritos e a tortura; o escravo fiel era torturado contra o senhor, a mulher contra o marido, o filho contra o pai e, à falta de testemunha, eram torturados para depor contra si próprios; e, quando cediam, vencidos pela dor, escrevia-se aquilo que não disseram. Nenhuma desculpa para a velhice ou enfermidade; trazia-se os doentes, os enfermos. Estimava-se a idade de cada um, acrescia-se anos às crianças e suprimia-se aos anciãos; tudo estava pleno de luto e de consternação. Ainda, se não tivessem se reportado a esses primeiros agentes, enviava-se-lhes outros para encontrar mais e, estes últimos, nada encontrando, mas adicionando ao acaso para não parecerem inúteis, as taxas dobravam sempre. Entretanto, os animais diminuía, os homens morriam, e não se pagava menos o imposto para os mortos.[\[215\]](#)”

Sobre quem recaíam tantos insultos e vexações tolerados pelos homens livres? Sobre os escravos, sobre os colonos ou cultivadores dependentes, os quais o estado tornava, cada dia mais, vizinhos da escravidão. É a eles que os proprietários entregavam todos os ultrajes, todas as exações com as quais os atormentavam os agentes imperiais. A miséria e o desespero deles foram ao cúmulo na época em que Lactâncio vem de nos desenhar o quadro. Então, todos os servos das Gálias tomaram as armas sob o nome de *Bagaudas*[\[216\]](#). Em um instante, eles foram os senhores de todos os campos, queimaram várias cidades e executaram mais devastação que não poderiam fazer os Bárbaros. Eles se escolheram dois chefes, *Ælianus* e *Amandus* que, segundo uma tradição, eram cristãos. Não seria surpreendente que esta reclamação dos direitos naturais do homem tivesse sido em parte inspirada pela doutrina da igualdade cristã. O Imperador Maximiano abateu essa plebe indisciplinada. A coluna de Cussy, na Borgonha, parece ter sido o monumento de sua vitória [\[217\]](#); mas, muito tempo depois, Eumênio nos fala dos *Bagaudas* em um de seus Panegíricos[\[218\]](#). Idácio menciona várias vezes os *Bagaudas* da Espanha[\[219\]](#). Salviano deplora sobretudo o infortúnio deles: “Despojados pelos juízes de sangue, eles perderam os direitos da liberdade romana, eles perderam o nome de Romanos. Nós imputamo-lhes sua infelicidade, nós reprovamo-lhes esse nome que nós lhes demos. Como se tornaram eles *bagaudos*, se não por nossa tirania, pela perversidade dos juízes, por sua proscricção e sua rapina?[\[220\]](#)”.

Esses fugitivos contribuíram, sem dúvida, para fortificar Caráusio na sua usurpação da Bretanha. Esse Menápio (nascido perto de Anvers), fora encarregado de prender, com uma frota, os piratas Francos que passavam sem cessar na Bretanha; ele os prendia, mas na volta e, com isso, lucrava com o butim deles. Descoberto por Maximiano, ele se declarou independente na Bretanha e permaneceu, durante sete anos, senhor dessa província e do estreito[\[221\]](#).

O advento de Constantino e do cristianismo foi uma era de alegria e de esperança. Nascido na Bretanha, como seu pai Constâncio Cloro[\[222\]](#), ele fora a criança, a cria da Bretanha e da Gália. Após a morte de seu pai, ele reduziu o número daqueles que pagavam a capitação na Gália de vinte e cinco mil para dezoito mil[\[223\]](#). O exército com o qual ele venceu Maxêncio devia pertencer, em grande parte, a essa última província.

As leis de Constantino são aquelas de um chefe de partido que se apresenta ao Império como um libertador, um salvador: “*Longe!*” - grita ele – “*longe do povo! as mãos rapaces dos agentes fiscais*[\[224\]](#)! *Todos os que sofreram com suas concussões podem instruir os presidentes das províncias. Se estes dissimulam, nós permitimos a todos dirigirem suas queixas a todos os condes de províncias ou ao prefeito do pretório, se ele estiver nas cercanias, a fim de que, instruídos dessas roubalheiras, nós os façamos expiar os suplicios que eles merecem*”.

Essas palavras reanimaram o Império. A só vista da cruz triunfante já consolava os corações.

Esse signo de igualdade universal dava uma vaga e imensa esperança. Todos acreditavam ter chegado o fim de seus males.

Entretanto, o cristianismo não podia nada em relação aos sofrimentos materiais da sociedade. Os imperadores cristãos não os remediaram melhor que seus predecessores. Todas as tentativas que foram feitas não demonstraram senão a impotência definitiva da lei. Que podia ela, em efeito, senão girar dentro de um círculo sem objetivo? Logo ela se assustava com o despovoamento e tentava adoçar a sorte do colono, de protegê-lo contra o proprietário[225], e o proprietário gritava que ele não podia mais pagar o imposto; logo ela abandonava o colono, o entregava ao proprietário, o afundava na escravidão[226], esforçando-se em enraizá-lo à terra; mas o infeliz morria ou fugia e a terra tornava-se deserta. Desde o tempo de Augusto, a grandeza do mal provocara leis que sacrificavam tudo ao interesse da população, mesmo a moral[227]. Pertinax assegurara a propriedade e imunidade de impostos por dez anos àqueles que ocupassem as terras desertas na Itália, nas províncias e nas terras dos reis aliados[228]. Aureliano o imitou. Probus foi obrigado a transplantar da Germânia homens e gado para cultivar a Gália[229]. Ele aí fez replantar as vinhas extirpadas por Domiciano[230]. Maximiano e Constâncio Cloro transportaram Francos e outros Germanos para as solidões do Hainault, da Picardia, do país de Langres[231]; e, entretanto, o despovoamento aumentava nas cidades e nos campos. Alguns cidadãos cessavam de pagar o imposto: aqueles que restavam pagavam tanto mais. O fisco voraz e impiedoso atribuía todos os déficits aos curiais, aos magistrados municipais.

Se desejamos dar-nos o espetáculo da agonia do povo, é preciso percorrer o pavoroso código pelo qual o Império tenta manter o cidadão na cidade que o esmaga, que desaba sobre ele. Os infelizes curiais, os últimos que ainda possuíam um patrimônio[232] no empobrecimento geral, são declarados *os escravos, os servos* da coisa pública. Eles têm a honra de administrar a cidade, de repartir o imposto sob risco e perigo próprios; tudo que faltar é da conta deles[233]. Eles tem a honra de pagar ao Imperador o *aurum coronarium*. Eles são o *amplíssimo senado* da cidade, a *mui ilustre ordem* da cúria[234]. Todavia, eles sentem tão pouco sua bem-aventurança que tentam, sem cessar, dela escapar. O legislador é obrigado a inventar, todos os dias, novas precauções para fechar, para barricar a cúria. Estranhos magistrados que a lei é obrigada a guardar à vista, por assim dizer, e de atar às suas próprias cadeiras curiais. Ela os proíbe ausentarem-se[235], de morarem no campo[236], de se fazerem soldados[237], de se fazerem padres: eles não podem entrar nas ordens senão deixando seus bens a qualquer um que bem deseje ser curial em seu lugar. A lei não os poupa: “Certos homens covardes e preguiçosos desertam os deveres de cidadãos, etc... nós não os liberaremos enquanto não desprezarem seu patrimônio. Convém que espíritos ocupados com a contemplação divina conservem o apego por seus bens?”[238]...

O desafortunado curial sequer tem a esperança de escapar à servidão pela morte. A lei persegue mesmo os seus filhos. Sua carga é hereditária. A lei exige que ele se case, que ele engendre e crie as vítimas. As almas então tombaram no desencorajamento. Uma inércia mortal se espalhou por todo o corpo social. O povo deitou-se à terra por lassidão e desespero, como a besta de carga se deita sob os golpes e se recusa a levantar. Em vão, os Imperadores tentaram, por oferendas de imunidade, de isenções, reconvocar o agricultor para seu campo abandonado[239]. Nada o fez. Ao iniciar-se o século quinto, havia na *feliz* Campânia, a melhor província de todo o Império, quinhentos e vinte e oito mil arpentes[240] incultos[241].

Tal foi o temor dos Imperadores ante o aspecto dessa desolação que eles tentaram uma medida desesperada. Eles se aventuraram a pronunciar a palavra de liberdade. Graciano exortou as províncias a formar assembléias[242], Honório tentou organizar as da Gália[243], ele engajou, rogou, ameaçou, pronunciou multas contra aqueles que a elas não compareciam. Tudo foi inútil, nada despertou o povo entorpecido sob o peso de seus males. Ele já virava seu olhares para um outro lado. Ele não se inquietava mais com um Imperador impotente para o bem como para o mal. Ele não implorava mais que a morte, ao menos a morte do Império, e a invasão dos Bárbaros[244]. “Eles chamam o inimigo”, dizem os autores da época, “eles ambicionam a cativez... Nossos irmãos que se encontram entre os Bárbaros, bem se guardam de retornar; eles nos deixariam mais que depressa para ir reencontrá-los; e fica-se surpreso que todos os pobres não façam o mesmo, mas é que eles não podem levar consigo suas pequenas habitações”.

Vêm, então, os Bárbaros. A sociedade antiga está condenada. A longa obra da conquista, da escravidão, do despovoamento, está próxima de seu termo. É de se dizer, entretanto, que tudo isso seja cumprido em vão, que esta Roma devoradora não deixe nada sobre o solo gaulês do qual vai se retirar? O que aí resta dela, em efeito, é imenso. Ela aí deixa a organização, a administração. Ela aí fundou *a cidade*: a Gália, outrora, não tinha senão aldeias, vilarejos no máximo. Esses teatros, esses circos, esses aquedutos, essas estradas que ainda hoje admiramos, são o durável símbolo da civilização fundada pelos Romanos, a justificativa de sua conquista da Gália. Tal é a força desta organização que, ainda mesmo que a vida pareça se distanciar, ainda que os Bárbaros pareçam próximos de destruí-la, eles se sujeitarão, apesar de si próprios. Eles deverão, bom ou mau grado, habitar sob essas abóbadas invencíveis que eles não podem abalar: eles curvarão a cabeça e ainda receberão, tão vencedores que são, a lei da Roma vencida. Esse grande nome de Império, essa idéia de igualdade sob um monarca, tão oposta ao princípio aristocrático da Germânia, Roma a depositou sobre esta terra. Os reis Bárbaros dela vão aproveitar. Cultivada pela igreja, acolhida na tradição popular, ela fará seu caminho por Carlos Magno e pelo santo Luís o Piedoso. Ela nos levará, pouco a pouco, ao aniquilamento da aristocracia, à igualdade, à equidade dos tempos modernos.

Eis para a ordem civil. Mas ao lado dessa ordem, uma outra se estabeleceu que deve recolhê-la e salvá-la durante a tempestade da invasão bárbara. Por todos os lugares, ao lado da magistratura romana que vai se eclipsar e desemparar a sociedade em perigo, a religião arranhou-lhe uma outra que não lhe faltará. O título romano de *defensor civitatis* vai passar para os bispos. Na divisão das dioceses eclesiásticas subsiste aquela das dioceses imperiais. A universalidade imperial está destruída, mas a universalidade católica aparece. A primazia de Roma e de São Pedro começa a despontar confusa e obscura[245]. O mundo se manterá e se ordenará pela Igreja; sua hierarquia nascente é uma moldura sobre a qual tudo se coloca ou se modela. A ela, a ordem exterior e a vida interior. Esta última está sobretudo nos monges. A ordem de São Bento dá ao mundo antigo, deteriorado pela escravidão, o primeiro exemplo do trabalho realizado por mãos livres[246]. Pela primeira vez, o cidadão humilhado pela ruína da cidade abaixa o olhar para essa terra que ele desprezava. Ele se recorda do trabalho ordenado no início do mundo, na sentença lançada sobre Adão. Essa grande inovação do trabalho livre e voluntário será a base da existência moderna.

A própria idéia da personalidade livre, que nos aparecia confusa na barbárie guerreira dos clãs gálicos, mais distinta no druidismo, com sua doutrina de imortalidade, ela resplandesce no quinto século. O bretão[247] Pelágio assenta a lei da filosofia celta, a lei seguida por João Erígena (irlandês), o bretão Abelardo[248] e o bretão Descartes. Vejamos como foi conduzido esse grande evento. Não podemos explicá-lo senão esboçando a história do cristianismo gaulês.

Desde que a Gália, introduzida por Roma na grande comunidade das nações, tomara parte na vida geral do mundo, podia-se temer que ela se esquecesse de si própria, que ela se tornasse toda Grécia, toda Itália. Nos vilarejos gauleses ter-se-ia, em efeito, de procurar a Gália. Sob esses templos gregos, sob essas basílicas romanas, o quê se tornara a originalidade do país? Entretanto, fora das cidades, e sobretudo avançando em direção ao norte, nesses vastos grotões onde os vilarejos rareavam, a nacionalidade ainda subsistia. O druidismo proscrito se refugiara nos campos, no povo. Pescênio Níger, para agradar aos Gauleses, ressuscitou, dizia-se, velhos mistérios que, sem dúvida, eram aqueles do druidismo[249]. Uma mulher druida prometeu o Império a Diocleciano[250]. Uma outra, desde que Alexandre Severo preparava um novo ataque contra a ilha druídica, a Bretanha, se apresentou à sua passagem e gritou-lhe em língua gaulesa: “Vá, mas não espera, de forma alguma, a vitória; e não te fies em teus soldados”[251]. A língua e a religião nacionais não haviam definitivamente perecido. Elas dormiam silenciosas, sob a cultura romana, no aguardo do Cristianismo.

Quando esse último apareceu ao mundo, quando ele substituiu ao Deus-natureza o Deus-homem e, no lugar da triste embriaguez dos sentidos com os quais o antigo culto fatigara a humanidade, trouxe as sérias voluptuosidades da alma e as alegrias do martírio, cada povo acolheu a nova crença segundo seu temperamento. A Gália a recebeu avidamente, pareceu nela reconhecer-se e aí reencontrar seu bem. O lugar do druidismo ainda estava quente: não era coisa nova, na Gália, a crença na imortalidade da alma. Os Druidas parecem também ter professado um mediador. Assim, esses povos se precipitaram no Cristianismo. Em parte alguma ele contou com mais mártires. O grego da Ásia, São Potino ( π ο θ ε ι ν ὸ ς, homem do desejo?), discípulo do mais místico dos apóstolos, fundou a mística igreja de Lyon, metrópole religiosa das Gálias[252]. Aí ainda se exibem as catacumbas e a altura onde chegou o sangue dos dezoito mil mártires. Desses martírios, o mais glorioso foi o de uma mulher, uma escrava (Santa Blandina[253]).

O cristianismo se espalhou mais lentamente no norte, sobretudo nos campos. Ainda no quarto século, São Martinho[254] aí encontrava populações inteiras a converter e templos[255] a derrubar. Este ardente missionário tornou-se como um Deus para o povo. O espanhol Máximo[256], que conquistara a Gália com um exército de Bretões, não acreditou poder se afirmar senão chamando São Martinho para perto de si. A imperatriz o serviu pessoalmente à mesa. Na sua veneração idolátrica pelo santo homem, ela chegava ao ponto de amontoar e comer suas migalhas. Além disso, via-se virgens, cujo monastério ele visitara, beijar e lambe o lugar onde ele pousara as mãos. Sua trilha era, em todos os lugares, marcada por milagres. Mas o que recomenda sua memória para sempre, é que ele fez os últimos esforços para salvar os heréticos que Máximo desejava sacrificar ao zelo sanguinário dos bispos[257]: as piedosas fraudes nada lhe custaram; ele enganou, ele mentiu, ele comprometeu sua reputação de santidade; para nós, essa caridade heróica é o signo pelo qual o reconhecemos como um santo.

Coloquemos, ao lado de São Martinho, o arcebispo de Milão, Santo Ambrósio, nascido em Tréveris, e que podemos, a esse título, contar como Gaulês. Sabe-se com que altivez esse padre intrépido fechou a igreja a Teodósio, após o massacre de Tessalônica[258].

A igreja gaulesa não se honrou menos pela ciência que pelo zelo e pela caridade. O mesmo ardor com o qual ela verteu seu sangue pelo cristianismo, ela o levou nas controvérsias religiosas. O Oriente e a Grécia, de onde o cristianismo saíra, esforçavam-se em reconduzi-lo a eles, se posso dizer, e de fazê-lo entrar em seu seio. De um lado, as seitas gnósticas e maniqueístas o reaproximavam do Parsismo[259]; elas reclamavam parte do governo do mundo para Arimã ou Satan e queriam obrigar o Cristo a harmonizar-se com o princípio do mal. De outro, os platônicos faziam do mundo a obra de um deus

inferior; e os arianos, seus discípulos, viam no filho um ser dependente do pai. Os maniqueístas teriam feito do cristianismo uma religião toda oriental, os arianos uma pura filosofia. Os pais da igreja gaulesa os atacaram igualmente. No terceiro século, São Irineu escreveu contra os gnósticos: *Da unidade do governo do mundo*. No quarto, Santo Hilário de Poitiers sustentou, pela consubstancialidade do filho e do pai, uma luta heróica, sofreu o exílio como Atanásio e definiu vários anos na Frígia, ao mesmo tempo em que Atanásio se refugiava em Tréveris, ao lado de São Maximino, bispo dessa cidade, e também nativo de Poitiers. São Jerônimo não possui elogios suficientes para Santo Hilário que encontra neste a graça helênica e “a altivez do coturno gaulês”. Ele o chama “o Ródano da língua latina”. “A igreja cristã” - ele ainda diz - “cresceu e acreditou à sombra de duas árvores, Santo Hilário e São Cipriano” (a Gália e a África).

Até aí, a igreja gaulesa seguiu o movimento da igreja universal; ela o associa. A questão do maniqueísmo é aquela de Deus e do mundo; a do arianismo é a de Cristo, do homem-Deus. A polêmica vai chegar ao próprio homem e é então que a Gália tomará a palavra em seu nome. À mesma época onde ela vem de dar a Roma o imperador auverno Avito, onde a Auvérnia, sob os Ferreóis e os Apolinários[260], parece querer formar uma potência independente entre os Godos já assentados no sul e os Francos que virão do norte, a esta época, como eu dizia, a Gália reclama também uma existência independente na esfera do pensamento. Ela pronuncia, pela boca de Pelágio, esse grande nome da Liberdade humana que o Ocidente não deve mais esquecer.

Por que há mal no mundo? Eis o ponto de partida dessa disputa[261]. O maniqueísmo oriental responde: *O mal é um deus*, quer dizer, um princípio desconhecido. O cristianismo responde: O mal saiu da liberdade humana, não do homem em geral, mas de tal homem, de Adão, que Deus puniu na humanidade que dele saiu.

Esta solução não satisfaz senão incompletamente os lógicos da escola de Alexandria. O grande Orígenes com ela sofreu cruelmente. Sabe-se que esse mártir voluntário, não sabendo como escapar à corrupção inata da natureza humana, socorreu-se do ferro e se mutilou. É mais fácil mutilar a carne que mutilar a vontade. Não podendo resignar-se a crer que uma falta perdura naqueles que não a cometeram, não querendo acusar Deus, temendo encontrá-Lo autor do mal e de, assim, entrar no maniqueísmo, ele preferiu supor que as almas haviam pecado numa existência anterior e que os homens eram anjos caídos[262]. Se cada homem é responsável por si-próprio, é preciso que ele o seja de sua expiação, de sua redenção, que ele retorne a Deus pela virtude. “Que Cristo tenha se tornado Deus”, dizia o discípulo de Orígenes, o mestre de Pelágio, o audacioso Teodoro de Mopsuéstia, “eu não o invejo nada nisto; isso que ele se tornou, eu posso vir a sê-lo pelas forças da minha natureza[263]”.

Essa doutrina, toda marcada pelo heroísmo grego e pela energia estoica, se introduzia sem dificuldade no Ocidente onde ela nascera, sem dúvida, dela mesma. O gênio celta que é aquele da individualidade, simpatiza profundamente com o gênio grego. A igreja de Lyon fora fundada pelos Gregos, tanto quanto aquela da Irlanda. O clero da Irlanda e da Escócia não teve outra língua durante muito tempo. João o Escoto ou o Irlandês renovou as doutrinas alexandrinas ao tempo de Carlos, o Calvo[264]. Nós seguiremos alhures a história da igreja celta.

O homem que proclamou, em nome desta igreja, a independência da moralidade humana não nos é conhecido senão pelo nome de Pelágio (em armoricano quer dizer “o homem das margens do mar”[265]). Não se sabe se era um laico ou um monge. Reconhece-se que sua vida era irrepreensível. Seu inimigo, São Jerônimo, representa esse campeão da liberdade como um gigante; ele atribui-lhe a altura, a força e os ombros de Milão de Crotona[266]. Ele falava com dificuldade e, entretanto, sua palavra era possante[267]. Obrigado pela invasão dos bárbaros a se refugiar no Oriente, ele aí ensina suas doutrinas e foi atacado por seus antigos amigos, São Jerônimo e Santo Agostinho. Na realidade, Pelágio, negando o pecado original[268], tornava a redenção inútil e suprimia o cristianismo[269]. Santo Agostinho, que passara sua vida, até aí, a sustentar a liberdade contra o fatalismo maniqueísta, empregou o resto dela a combater a liberdade, a quebrar o orgulho pela graça divina, ao risco de aniquilá-lo. O doutor africano fundiu, nos seus escritos contra Pelágio, esse fatalismo místico que devia se reproduzir tantas vezes na Idade Média, sobretudo na Alemanha, onde foi proclamado por Gotteshalk, Tauler e tantos outros, até que vencido por Lutero.

Não foi sem razão que o grande bispo de Hipona, o chefe da igreja cristã, lutava tão violentamente contra Pelágio. Reduzir o cristianismo a não mais que uma filosofia, era bater-lhe à morte e furtar-lhe o porvir. De quê teria servido o seco racionalismo dos Pelagianos com a aproximação da invasão germânica? não era essa orgulhosa teoria da liberdade que se precisava pregar aos conquistadores do Império, mas a dependência do homem e o todo-poder de Deus. Para adoçar, para domar essa ferosa barba, não era de todo mal a potência religiosa e poética do cristianismo. O mundo romano instintivamente sentia que logo seria necessário refugiar-se no amplo seio da religião. Era sua única esperança e seu único



asilo, visto que o Império, que se dissera eterno, ia-se, por sua vez, junto com as nações vencidas.

Destarte, o pelagianismo, acolhido de início com favor e, mesmo, pelo papa de Roma, foi logo vencido pela elegância. Em vão, ele fez concessões e tomou na Provença a forma suavizada do semi-pelagianismo, tentando pôr de acordo e fazer concorrerem a liberdade humana e a graça divina[270]. Malgrado a santidade do bretão Fausto[271], bispo de Riez, malgrado o renome dos bispos de Arles e a glória desse ilustre monastério de Lérins[272], o qual deu à Igreja doze arcebispos, doze bispos, e mais de cem mártires, o misticismo triunfou. Com a aproximação dos bárbaros, as disputas cessaram, as escolas se fecharam e se calaram. Era de fê, de simplicidade e de paciência que o mundo, agora, tinha necessidade. Mas o germen fora posto. E ele frutificaria no seu devido tempo.



## CAPÍTULO IV

### Recapitulação - Sistemas diversos - Influência das raças indígenas, das raças estrangeiras - Fontes célticas e latinas da língua francesa - Destino da raça celta

-----

O gênio heleno-céltico é revelado por Pelágio na filosofia religiosa; é aquele do “eu independente”, da personalidade livre. O elemento germânico, de natureza toda diferente, virá lutar contra, obrigá-lo, assim, a se justificar, se desenvolver, soltar tudo o que está em si. A Idade Média é a luta; o tempo moderno é a vitória.

Mas antes de trazer os Alemães sobre o solo da Gália e de assistir a essa nova mistura, eu necessito voltar a tudo que precede, avaliar até que ponto as diversas raças assentadas sobre o solo gaulês puderam modificar o gênio primitivo da região, de procurar quanto essas raças contribuíram no todo, qual foi a contribuição de cada uma delas nessa comunidade, de apreciar o que podia restar de indígena sob tantos elementos estrangeiros.

Diversos sistemas foram aplicados nas origens da França.

Alguns negam a influência estrangeira; eles não querem, de forma alguma, que a França deva algo à língua, à literatura, às leis dos povos que a conquistaram. Que digo? se nos ativéssemos a eles, encontraríamos em nossas origens as origens do gênero humano! Le Brigant[273] e seu discípulo, Latour-d'Auvergne, o primeiro granadeiro da república, derivam todas as línguas do Baixo-Bretão; intrépidos e críticos patriotas, não lhes bastava libertar a França, eles queriam conquistar-lhe o mundo. Os historiadores e os juriconsultos são menos audaciosos. Entretanto, o abade Dubos não deseja que a conquista de Clóvis seja uma conquista; Grosley afirma que nosso Direito Costumeiro é anterior a César.

Outros espíritos, menos quiméricos talvez, mas firmes no mesmo ponto de vista exclusivo e sistemático, procuram tudo na tradição, nas diversas importações do comércio ou da conquista. Para eles, nossa língua francesa é uma corrupção do latim, nosso direito uma degradação do direito romano ou germânico, nossas tradições um simples eco das tradições estrangeiras. Eles dão metade da França à Alemanha e a outra aos Romanos; ela nada tem a reclamar de si própria. Aparentemente, esses grandes povos celtas, do qual tanto fala a antiguidade, eram uma raça tão abandonada, tão deserdada pela natureza, que ela teria desaparecido sem deixar traço. Esta Gália, que armou quinhentos mil homens contra César, e que parecia tão povoada sob o Império, ela desapareceu inteiramente, ela se fundiu pela mistura com alguma legiões romanas ou com os bandos de Clóvis. Todos os Franceses do Norte descendem dos Alemães, ainda que haja tão pouco do alemão em sua língua. A Gália pereceu, corpos e bens, como a Atlântida. Todos os Celtas pereceram e, se ainda restam alguns, eles não escaparão aos dardos da crítica moderna. Pinkerton não os deixa repousar no túmulo; é um verdadeiro Saxônico encarniçado sobre eles, como a Inglaterra sobre a Irlanda. Eles não tem, ele diz, nada de próprio, nenhum gênio original; todos os *gentlemen* descendem dos Godos (ou dos Saxões ou dos Citas; para ele é a mesma coisa). Ele desejaria, no seu divertido furor, que fossem instituídas cátedras de língua celta “para que se aprenda a zombar dos Celtas.”

Não estamos mais na época onde se podia escolher entre os dois sistemas e se declarar partidário exclusivo do gênio indígena ou das influências exteriores. Dos dois lados, a história e o bom senso resistem. É evidente que os Franceses não são mais os Gauleses; procurar-se-ia em vão, entre nós, aqueles grandes corpos brancos e macios, aqueles gigantes crianças que se divertiram a queimar Roma. Por outro lado, a têmpera francesa é profundamente distinta daquelas romana ou germânica; estas são impotentes para explicá-la.

Não pretendemos rejeitar os fatos incontestáveis: nula dúvida que nossa pátria deva muito à influência estrangeira. Todas as raças do mundo contribuíram para dotar esta Pandora.

A base originária, aquela que tudo recebeu, tudo aceitou, é esta jovem, suave e móvel raça dos Gaélicos, ruidosa, sensual e leviana, pronta a aprender, pronta a desdenhar, ávida das coisas novas. Eis o elemento primitivo, o elemento perfectível.

A tais crianças são necessários preceptores severos. Elas os receberão do norte e do sul. A mobilidade será fixada, a flacidez endurecida e fortificada; é necessário que a razão se junte ao instinto e, ao arrebatamento, a reflexão.

Ao sul, aparecem os Iberos da Ligúria e dos Pirineus com a dureza e o ardil do espírito montanhês, então, as colônias fenícias; longo tempo depois, virão os Sarracenos. O sul da França toma logo o gênio mercantil das nações semíticas. Os judeus da Idade Média encontraram-se como em sua própria casa[274]. As doutrinas orientais aí tomaram pé, sem dificuldade, na época dos Albigenses[275].

Do norte, descem, em bom momento, os teimosos Kymry, ancestrais de nossos bretões e dos Gauleses da Inglaterra. Estes não desejam, de forma alguma, passar em vão sobre a terra, são-lhes necessários monumentos; eles erguem as agulhas de Loc Maria Ker e os alinhamentos de Carnac; rudes e mudas pedras, impotentes ensaios de tradição que a posteridade não entenderá. O druidismo deles fala da imortalidade, mas sequer pode fundar a ordem na vida presente: ele terá somente revelado o germen moral que está no homem bárbaro, como o gui (visco), furando a neve durante o inverno, é testemunha da vida que repousa. O temperamento guerreiro o leva ainda. Os Bolgas descem do norte, o furacão atravessa a Gália, a Alemanha, a Grécia, a Ásia-Menor; os Galos se seguem, a Gália transborda pelo mundo. É uma vida, uma seiva exuberante, que corre e se espalha. Os Galo-Belgas tem o arrebatamento guerreiro e a potência prolífica dos Bolgas modernos da Bélgica e da Irlanda. Mas a impotência social da Irlanda e da Bélgica já é visível na história dos Galo-Belgas da antiguidade. Suas conquistas são sem resultado. A Gália está convencida da sua impotência para a aquisição como para a organização. A sociedade natural e guerreira do clã prevalece sobre a sociedade eletiva e sacerdotal do druidismo. O clã, fundado sobre o princípio de um parentesco verdadeiro ou fictício, é a mais grosseira das associações; o sangue, a carne é o liame; a união do clã se resume em um chefe, em um homem[276].

É preciso que uma sociedade comece onde o homem se devote, não mais ao homem, mas a uma idéia. De início, a idéia da ordem civil. Os *agrimensores* romanos virão, após as legiões, medir, demarcar, orientar, segundo os ritos antigos, as colônias de Aix, de Narbone, de Lyon. A cidade entra na Gália, a Gália entra na cidade. Esse grande César, após haver desarmado a Gália por cinquenta batalhas e a morte de alguns milhões de homens, abre-lhe as legiões e a faz entrar, a portas derrubadas, em Roma e no Senado. Eis os Galo-Romanos que se tornam oradores, reitores, juristas. Ei-los primar sobre seus mestres e ensinar o latim à própria Roma. Eles aí aprendem a igualdade civil sob um chefe militar; eles aprendem o que já possuíam em seu gênio nivelador. Não temei que eles jamais se esqueçam.

Todavia, a Gália não terá consciência de si própria senão após o espírito grego despertá-la. Antonino o Pio é de Nîmes. Roma disse: a Cidade. A Grécia estóica disse pelos Antoninos: a Cidade do mundo. A Grécia cristã o diz ainda melhor por São Potino e Santa Irene que, de Esmirna e de Pathmos, trazem a Lyon o verbo de Cristo. Verbo místico, verbo de amor, que propõe ao homem fatigado repousar-se, dormir-se em Deus, como o próprio Cristo, no dia da ceia, colocou a cabeça sobre o peito de quem ele amava. Mas há no temperamento Kímrigo, no nosso duro Ocidente, algo que repele o misticismo, que teima contra a doce e absorvente palavra, que não deseja perder-se no seio do Deus moral que o Cristianismo lhe traz, tanto quanto não quis submeter o Deus-natureza das antigas religiões. Esta reclamação do “eu”, ela tem por voz Pelágio, herdeiro do grego Orígenes.

Se estes argumentadores triunfassem, eles fundariam a liberdade antes que a sociedade estivesse assentada. São necessários auxiliares mais dóceis à religião, à igreja, os quais vão refazer o mundo. É preciso que os Alemães venham: quaisquer que sejam os males da invasão, eles logo secundarão a igreja. Desde a segunda geração, eles serão a ela. Basta a ela tocá-los, ei-los vencidos. Eles permanecerão encantados por mil anos. *Curva a cabeça suavemente, altivo Sicambro*[277]... O Celta indócil não quis curvá-la. Esses bárbaros que pareciam prestes a tudo destruir, eles se tornam, saibam ou não, os dóceis instrumentos da igreja. Ela empregará seus jovens braços para forjar a liga de aço que unirá a sociedade moderna. O martelo germânico de Thor e de Carlos Martel vai servir para martelar, domar, disciplinar, o gênio rebelde do Ocidente.

Tal foi o acúmulo de raças na nossa Gália. Raças sobre raças, povos sobre povos: Galos, Kymri, Bolgos, Iberos de outra parte, Gregos de ainda outra, Romanos, os Germanos vem por último. Isto dito, isso diz o que é a França? quase tudo ainda está a ser dito. A França se fez, ela própria, desses elementos dos quais toda outra mistura podia resultar. Os mesmos princípios químicos compõem o óleo e o açúcar. Os princípios dados, tudo não está dado: resta o mistério da existência própria e especial. Quão mais deve-se ter em conta quando se trata de uma mistura viva e ativa como uma nação; de uma miscigenação suscetível de se trabalhar, de se modificar? Esse trabalho, essas modificações sucessivas, pelas quais nossa pátria vai se transformando, é o objeto da história da França.

Não exageremos, então, nem o elemento primitivo do gênio celta, nem os acréscimos estrangeiros. Os Celtas o fizeram, sem dúvida, Roma também, a Grécia também e, ainda, os Germanos. Mas quem uniu, fundiu, desnaturou esses elementos, quem os transmudou, transfigurou, quem deles fez um corpo, quem deles tirou nossa França? A própria França, por esse trabalho

interior, por esse misterioso parto, mistura de necessidade e de liberdade, do qual a história deve prestar contas. A bolota do carvalho é pouca coisa em comparação com o carvalho gigantesco que dela saiu. Que se orgulhe o carvalho vivo que se cultivou, que se fez e se faz por si mesmo!

De início, é aos Gregos que se deve reportar a civilização primitiva das Gálias? Foi evidentemente exagerada a influência de Marselha. Ela pôde introduzir algumas palavras gregas no idioma céltico[278]; os Gauleses, à falta de uma escrita nacional, puderam, nas ocasiões solenes, tomar emprestados os caracteres gregos[279]; mas o gênio helênico era muito desdenhado pelos bárbaros para ganhar-lhes uma real influência. Pouco numerosos, cruzando o país com desconfiança e somente por necessidades comerciais, os Gregos muito diferiam dos Gauleses e, de raça e de língua; aqueles eram muito superiores para se unirem intimamente com estes. Era, com eles, como os Anglo-Americanos em consideração com os selvagens seus vizinhos: estes se enterravam nas terras e desapareciam, pouco a pouco, sem tomar parte dessa civilização desproporcionada que quisera penetrar-lhes de um só golpe.

Foi demasiado tarde, e sobretudo pela filosofia, pela religião, que a Grécia influiu sobre a Gália. Ela ajudou Pelágio, mas somente para formular o que já estava no gênio nacional. Então, os Bárbaros vieram e foram necessários séculos para que a Gália ressuscitada ainda se lembrasse da Grécia.

A influência de Roma é mais direta: ela deixou um traço mais forte nos costumes, no direito e na língua. Ainda hoje, é uma opinião popular que nossa língua é toda latina. Não haveria aqui, entretanto, um exagero?

Se acreditarmos nos Romanos, sua língua prevaleceu na Gália, como em todo o Império[280]. Os vencidos eram reputados como tendo perdido sua língua ao mesmo tempo que seus deuses. Os Romanos não queriam saber se havia outra língua que não fosse a deles. Seus magistrados respondiam aos Gregos em latim[281]. É em latim, diz o Digesto, que os pretores devem interpretar as leis[282].

Assim, os Romanos, não escutando mais que sua própria língua nos tribunais, nos pretórios e nas basílicas, imaginaram haver extinguido o idioma dos vencidos. Todavia, vários fatos indicam o que se deve pensar dessa pretensa universalidade da língua latina. Os Lícios rebeldes, tendo enviado um dos seus, que era cidadão romano, para rogar graça, aconteceu que o cidadão não sabia a língua da Cidade[283]. Cláudio se deu conta que dera o governo da Grécia, um local tão eminente, a um homem que não sabia o latim[284]. Estrabão observa que as tribos da Bética, que a maior parte daquelas da Gália meridional, tinham adotado a língua latina[285]; a coisa não era, assim, tão comum, eis que valeu a pena destacá-la. “Eu aprendi o latim”, disse Santo Agostinho, “sem temor nem castigo, entre carinhos, sorrisos e folgedos das minhas amas-de-leite[286]”. É exatamente o método com o qual Montaigne se felicita. Pelo visto, a aquisição dessa língua era ordinariamente mais penosa; caso contrário, Santo Agostinho não teria feito tal observação.

Que Marcial[287] se felicite de que em Viena todo o mundo possuísse seu livro às mãos[288]; que São Jerônimo escreva em latim às damas gaulesas, Santo Hilário e Santo Ávito às suas irmãs, Sulpício Severo à sua sogra; que Sidônio recomende às mulheres a leitura de Santo Agostinho[289], tudo isso prova unicamente o que ninguém é tentado a duvidar: que as pessoas distintas das Gálias, sobretudo nas colônias romanas, como Lyon, Viena, Narbone, falavam latim de preferência.

Quanto à massa do povo, e eu falo sobretudo dos Gauleses do norte, é difícil supor que os Romanos tenham invadido a Gália em assaz grande número para fazer-lhe abandonar o idioma nacional. As judiciosas regras postas por M. Abel Rémusant nos ensinam que, em geral, uma língua estrangeira se mistura à língua indígena na proporção do número daqueles que a trazem para o país. Pode-se, mesmo, acrescentar, no caso particular que aqui nos ocupa, que os Romanos, cerrados nas aldeias ou nos quartéis de suas legiões, devem ter tido poucas relações com os agricultores escravos, com os colonos semi-servos que estavam dispersos pelos campos. Mesmo entre os homens das aldeias e cidades, entre as pessoas distintas, na linguagem desses falsos Romanos que emergiram às dignidades do Império, nós encontramos traços do idioma nacional. O provençal Cornélio Gallo, cônsul e pretor, empregava a palavra *casnar* para designar *assectator puellæ*[290]. Quintiliano o reprovou por isso[291]. Antonius Primus, esse toulousense cuja vitória valeu o império a Vespasiano, se chamava originariamente *Bec*[292], palavra gaulesa que se encontra em todos os dialetos celtas, assim como em francês. Em 230, Sétimo Severo ordena que os fideicomissos serão admitidos, não somente em latim e em grego, mas também em *linguâ gallicanâ*[293]. Nós vimos, mais acima, uma druida falar em *língua gaulesa* ao imperador Alexandre Severo. Em 473, o bispo de Clermont, Sidônio Apolinário, agradece seu cunhado, o poderoso Ecdício, de ter feito a nobreza Arverna abandonar a rude língua céltica[294].

Qual seria, diríamos, essa língua vulgar dos Gauleses? Há espaço para acreditar que ela fora análoga aos dialetos galo e bretão, irlandês e escocês? Seríamos tentados a pensar assim. As palavras *Bec*, *Alp*, *bardd*, *derwidd* (druida), *argel* (subterrâneo), *trimarkisia* (três cavaleiros)[295]; uma quantidade de nomes de lugares, indicados nos autores clássicos, se encontra, ainda hoje, sem mudança.

Esses exemplos bastam para tornar verossímil a perpetuidade das línguas célticas e a analogia dos antigos dialetos gauleses com aqueles que falam as populações modernas de Gales, da Bretanha, da Escócia e da Irlanda. A indução não parecerá leviana aos que conhecem a prodigiosa obstinação desses povos, seu apego às suas tradições e seu ódio ao estrangeiro.

Um caráter notável dessas línguas é sua evidente analogia com as línguas latina e grega. O primeiro verso da Eneida, o *fiat lux* em latim e em grego, se acha puramente galês e irlandês[296]. Seríamos tentados a explicar essas analogias pela influência eclesiástica, se elas não se relacionassem senão às palavras científicas ou relativas ao culto; mas as encontramos igualmente no que se referem às afeições íntimas ou às circunstâncias da existência local[297]. Encontra-mô-las, igualmente, entre os povos que inegavelmente provaram a influência dos vencedores e aquela da igreja, em regiões mais ou menos sem comunicação e postas em situações geográficas e políticas bem diversas, por exemplo, entre nossos Bretões continentais e os Irlandeses insulares.

Uma língua tão análoga ao latim pôde fornecer à nossa um número considerável de palavras que, a favor de sua fisionomia latina, foram transmitidas à língua sábia, à língua do direito e da Igreja, bem mais que aos idiomas obscuros e desprezados dos povos vencidos. A língua francesa preferiu antes recomendar-se às suas ligações com essa nobre língua romana a fazê-lo ao seu parentesco com as irmãs menos brilhantes. Todavia, para afirmar a origem latina de uma palavra, é preciso poder assegurar que a mesma palavra não seja ainda mais próxima dos dialetos celtas[298]. Talvez dever-se-ia preferir esta última fonte, quando há espaço para hesitar entre uma e outra pois, aparentemente, os Gauleses foram mais numerosos na Gália que os Romanos seus vencedores. Eu bem quero ainda hesitar, desde que a palavra francesa se encontre em latim e em bretão somente; a rigor, o bretão e o francês podem tê-la recebido do latim. Mas quando essa palavra se encontra no dialeto galês, irmão do bretão, é muito provável que ela seja indígena e que o francês a tenha recebido do antigo celta.

A probabilidade transmuta-se em quase certeza quando essa palavra existe ao mesmo tempo nos dialetos gaélicos da alta Escócia e da Irlanda. Uma palavra francesa que se encontra nesses grotões longínquos, e agora tão isolados da França, deve remontar a uma época onde a Gália, a Grã-Bretanha e a Irlanda ainda eram irmãs, onde elas possuíam uma população, uma religião, uma língua análogas, onde a união do mundo celta não fora ainda rompida[299].

De tudo o que se viu, segue-se necessariamente que o elemento romano não é tudo, embora muito próximo, na nossa língua. Ora, a língua é a representação fiel do gênio dos povos, a expressão de seu caráter, a revelação de sua existência íntima, seu Verbo, por assim dizer. Se o elemento celta persistiu na língua, é preciso que ele, aliás, ainda tenha durado [300], que ele tenha sobrevivido nos costumes, como na língua, na ação, como no pensamento.

Eu falei alhures sobre a tenacidade celta. Que se ainda me permita a ela retornar, insistir sobre o obstinado gênio desses povos. Compreenderemos melhor a França se caracterizarmos fortemente o ponto donde ela partiu. Os Celtas mistos, que chamamos Franceses, explicam-se em parte pelos Celtas puros, Bretões e Galeses, Escoceses e Irlandeses. Custar-me-ia, aliás, não dizer aqui um adeus solene a esses populações, das quais a invasão germânica deve isolar nossa França. Que se me permita parar e erguer uma pedra no cruzamento onde os povos irmãos vão se separar para tomar rotas tão diversas e seguir um destino tão oposto. Enquanto a França, sofrendo as longas e dolorosas iniciações da invasão germânica e da feudalidade, vai marchar da servidão à liberdade e da vergonha à glória, as velhas populações celtas, sentadas nas rochas paternas e na solidão de suas ilhas, restam fiéis à poética independência da vida bárbara, até que a tirania estrangeira venha surpreendê-las. Eis os séculos que a Inglaterra, em efeito, as surpreendeu, as esmagou. Ela bate infatigavelmente sobre elas, como a vaga destroça a ponta da Bretanha ou da Cornualha. A triste e paciente Judéia, que contava seus anos pelas suas *servidões*, não fora tão duramente batida pela Ásia. Mas há uma tal virtude no gênio celta, um tal poder de vida nessas raças, que elas duram sob o ultraje e guardam seus costumes e sua língua.

Raça de pedra[301], imutável como seus rudes monumentos druídicos que eles ainda reverenciam[302]. O jogo dos montanhese da Escócia é de sobrepor rocha sobre rocha e de construir um pequeno dólmen à imitação dos dolmens antigos[303]. O galego que emigra cada ano deixa uma pedra e sua vida é representada por um montinho[304]. Os *Highlanders* dizem como símbolo de amizade: eu acrescentarei uma pedra ao vosso *cairn* (monumento fúnebre)[305]. No último século, eles ainda restabeleceram o túmulo de Ossian[306], deslocado pela impiedade inglesa. “A pedra monumental de Ossian (clachan Ossian), encontrando-se na linha de uma rota militar, o general Wade a fez erguer: encontrou-se, abaixo,



restos humanos com doze pontas de flechas. Os montanhese indignados vieram, em número de cerca de oitenta, recolhê-los e os levaram, ao som da gaita-de-fole, para um círculo de largas pedras, no pico de um rochedo, nos desertos do Glen-Amon ocidental. A pedra, envolvida por outras quatro pequenas e por uma espécie de recinto, guardou o nome de *cairn na huseoig*, o cairn da andorinha[307].”.

O duque de Athol, descendendo dos reis da ilha de Man, assenta-se ainda hoje, o rosto virado contra o nascente[308], sobre o outeiro do Tynwald. Há pouco tempo, as igrejas serviam de tribunais na Irlanda[309]. O traço do culto do fogo se encontra em todo lugar entre esses povos, na língua, nas crenças e tradições[310]. Para nossa Bretanha, eu relatarei, no começo do segundo volume, numerosos fatos que provam qual é a tenacidade do espírito Bretão.

Parece que uma raça que não mudava, enquanto tudo mudava a seu redor, deveria vencer por sua só persistência e findar por impor seu gênio ao mundo. O contrário ocorreu: mais essa raça se isolou, mais ela conservou sua originalidade primitiva e mais ela caiu e declinou. Permanecer original, preservar-se da influência estrangeira, repelir as idéias dos outros, é permanecer incompleto e fraco. Eis também o que fez, ao mesmo tempo, a grandeza e a fraqueza do povo judeu. Ele não teve senão uma idéia, a deu às nações, mas quase nada recebeu delas: ele sempre permaneceu ele, forte e limitado, indestrutível e humilhado, inimigo do gênero humano e seu escravo eterno. Infeliz a individualidade obstinada que deseja estar a si própria e recusa entrar na comunidade do mundo.

O gênio de nossos Celtas, e eu falo sobretudo dos Gaélicos, é forte e fecundo e também fortemente inclinado à matéria, à natureza, ao prazer, à sensualidade. A geração, e o prazer da geração, tem vasto lugar entre esses povos. Eu falei acima dos costumes dos Gaélicos antigos, e da Irlanda: a França manteve muitos. O *Verde galante* [311] é o rei nacional. Era coisa comum durante a Idade Média, na Bretanha, ter uma dúzia de mulheres[312]. Esse povo de guerra, que se alugava em todos os lugares[313], não temia bancar o soldado. Em todos os lugares, nas nações Celtas, os bastardos sucediam, mesmo como reis, como chefes de clã. A mulher, objeto do prazer, simples brinquedo da voluptuosidade, não parece ter tido entre esses povos a mesma dignidade que possuía nas nações germânicas[314].

Esse espírito materialista não permitiu aos Celtas ceder facilmente aos direitos que não se baseassem senão sobre uma idéia. O direito de primogenitura era-lhes odioso. Esse direito não é originariamente outro que a indivisibilidade do lar sagrado, a perpertuidade do deus paternal[315]. Entre os nossos Celtas, as partes são iguais entre os irmãos, como igualmente longas são suas espadas. Não se lhes faria facilmente compreender que apenas um devesse possuir. Isso é mais natural na raça Germânica[316]; o primogênito poderá alimentar seus irmãos e eles permanecerão contentes em guardar seu lugarzinho à mesa e ao lar fraternal[317].

Essa lei de sucessão igual que eles denominam *gabail-cine*[318] e que os Saxões tomaram deles, sobretudo no Kent (*gavelkind*), impõe a cada geração uma necessidade de partilha e modifica, a cada instante, o aspecto da propriedade. Assim que o possuidor começava a construir, cultivar, melhorar, a morte o leva, desagrega, embaralha e torne-se a recomençar. A partilha é também a ocasião de uma infinidade de ódios e de disputas. Assim, essa lei de sucessão igual que, numa sociedade madura e assentada, hoje faz a beleza e a força da nossa França, era, entre as populações bárbaras, uma causa contínua de problemas, um obstáculo invencível ao progresso, uma revolução eterna. As terras que lhes estavam submissas, permaneciam longo tempo semi-incultas e em matagal[319]. Quaisquer que tenham sido os resultados, é uma glória para nossos Celtas terem posto no Ocidente a lei da igualdade. Esse sentimento do direito pessoal, essa vigorosa reclamação do “eu” que nós já assinalamos na filosofia religiosa, em Pelágio, ela reaparece aqui ainda mais visível. Ela nos dá, em grande parte, o segredo dos destinos das raças Celtas. À medida que as famílias germânicas se imobilizam, que os bens aí se perpetuavam, que agregações se formavam pelas heranças, as famílias celtas iam se dividindo, se subdividindo, enfraquecendo-se. Essa fraqueza prendia-se principalmente à igualdade, à equidade das partilhas. Essa lei de equidade precoce fez a ruína dessas raças. Que ela também seja sua glória, que lhe valha ao menos a piedade e o respeito dos povos aos quais ela tão cedo mostrou um tal ideal.

Essa tendência à igualdade, ao nivelamento que, em direito, isolava os homens, teria que ser balanceada por uma viva simpatia que os reaproximasse, de sorte que o homem, libertado do homem pela equidade da lei, se afeiçoasse a ele por um liame voluntário. É o que se viu ao longo na nossa França e é isso que explica sua grandeza. Por ela, nós somos uma nação, enquanto os Celtas puros permaneceram no clã. A pequena sociedade do clã, formada pelo grosseiro vínculo de um parentesco real ou fictício[320], encontrou-se incapaz de admitir o de fora, de não se ligar a nada de estrangeiro; os dez mil homens do clã dos Campbell eram todos primos do chefe[321], todos se chamavam Campbell e não desejavam saber nada além disso; à pena se lembravam que eram Escoceses. Esse pequeno e seco núcleo do clã se encontrou sempre impróprio ao agregamento.

Não se pode construir com seixos, o cimento não se casa com eles[322]: ao contrário, o tijolo romano prende-se tão bem ao cimento que, hoje, cimento e tijolo formam juntos, nos monumentos, um só pedaço, um bloco indestrutível.

Tornadas cristãs, as populações celtas deviam, aparentemente, se suavizar, se aproximar, se ligar. Não foi assim. A igreja celta participou da natureza do clã. Fecunda e ardente de início, dizia-se que ela invadiria o Ocidente. As doutrinas pelagianas foram avidamente recebidas na Provença, mas foi para aí morrerem. Ainda mais tarde, entre as invasões alemãs que chegam do Oriente, vemos a igreja celta abalar-se do Ocidente, da Irlanda. Intrépidos e ardentes missionários desembarcam animados de dialética e de poesia. Nada de mais bizarramente poético que os bárbaros odisséicos desses santos aventureiros, desses pássaros viajantes que vem se abater sobre a Gália, antes e depois de São Columbano; o arrebatamento é imenso, o resultado pequeno. A fagulha tomba em vão sobre esse mundo todo molhado do dilúvio da barbaria germânica. São Columbano, diz o biógrafo contemporâneo, teve a ideia de cruzar o Reno e de ir converter os Suevos: um sonho o impede. O que os Celtas não fazem, os Alemães o farão por si próprios. O Anglo-Saxônico São Bonifácio converterá aqueles que Columbano desdenhou. Columbano passa na Itália, mas é para combater o Papa. A igreja celta se isola da igreja universal: ela resiste à unidade; ela se recusa a se agregar, a se perder humildemente na catolicidade européia. Os Culdeus[323] da Irlanda e da Escócia, casados, independentes sob a própria regra, reunidos doze a doze em pequenos clãs eclesiásticos[324], devem ceder à influência dos monges anglo-saxônicos, disciplinados pelas missões romanas.

A igreja celta perecerá como o estado celta já pereceu. Eles haviam tentado, em efeito, quando os Romanos abandonaram a ilha, formar uma espécie de república. Os Câmbrios e os Loegrianos (Gales e Inglaterra) se uniram, por um instante, sob o Loegriano Vortiguern, para resistir aos Pictos e Escotos do Norte. Mas Vortiguern, mal secundado pelos Câmbrios, foi obrigado a chamar os Saxões que, de auxiliares, logo se tornaram inimigos[325]. A Loégria conquistada, a Câmbrica resistiu sob o famoso Artur. Ela lutou duzentos anos. Os próprios Saxões deviam ser subjugados em uma só batalha por Guilherme o Bastardo[326]: tanto a raça germânica é menos própria à resistência! Os Francos, estabelecidos na Gália, foram, de mesmo, subjugados, transformados desde a segunda geração, pela influência eclesiástica.

Os Câmbrios resistiram duzentos anos pelas armas e mais de mil anos pela esperança. A indomável esperança (*inconquerable will*, Milton) foi o gênio desses povos. Os *Saeson* (Saxões, Ingleses, nas línguas da Escócia e de Gales) creem que Artur está morto: eles se enganam, Artur vive e aguarda. Os peregrinos o encontraram na Sicília, encantado sob o Etna[327]. O sábio dos sábios, o druida Merlin, está também em algum lugar. Ele dorme sob uma pedra, na floresta; culpa de sua Vyvyan: ela quis demonstrar seu poder e perguntou ao sábio a palavra fatal que podia acorrentá-lo; ele, que sabia tudo, não ignorava o uso que ela faria da palavra. Ele a disse, entretanto e, para agradá-la, deitou-se voluntariamente em seu túmulo[328].

Aguardando o dia de sua ressurreição, ela canta e chora, essa grande raça[329]. Seus cantos são plenos de lágrimas, como aqueles dos judeus nos rios da Babilônia. O pouco de fragmentos ossiânicos que são realmente antigos trazem esse caráter de melancolia. Nossos Bretões, menos infelizes, são, em sua língua, cheios de palavras tristes; eles simpatizam com a noite, com a morte: “Eu nunca durmo”, diz seu provérbio, “que é para não morrer de morte amarga”. E àquele que passa sobre uma sepultura: “Retirai-vos de cima do meu trespassado”. “A terra”, eles dizem ainda, “é por demais velha para produzir”.

Eles não têm grande motivo para serem alegres: tudo virou contra eles. A Bretanha e a Escócia se ligaram aos partidos fracos, às causas perdidas. Os chouans sustentaram os Bourbons, os highlanders os Stuarts. Mas o poder de fazer reis foi retirado dos povos celtas desde que a misteriosa pedra, outrora trazida da Irlanda para a Escócia, foi colocada em Westminster[330].

De todas as populações celtas, a Bretanha é a que menos tem a lamentar; ela fora associada, desde há muito tempo, à igualdade; a França é um lugar humano e generoso. - Os Kymry de Gales ainda foram, sob seus Tudors (desde Henrique VIII), admitidos a partilhar os direitos da Inglaterra. Todavia, é por torrentes de sangue, é pelo massacre dos Bardos, que a Inglaterra preludiu esta feliz fraternidade. Ela é, talvez, mais aparente que real[331]. - Que dizer da Cornualha, durante tanto tempo o Peru da Inglaterra, que não era vista senão por suas minas? Ela findou por perder sua língua: “Nós não somos mais que quatro ou cinco, que falamos a língua da região”, dizia um idoso em 1776, “e são velhos como eu, de sessenta a oitenta anos: todo aquele que é jovem, não conhece mais nem uma palavra[332]”.

Bizarro destino o do mundo celta. De suas duas metades, uma, embora seja a menos infeliz, perece, eclipsa-se ou, no

mínimo, perde sua língua, sua vestimenta e seu caráter. Eu falo dos highlanders da Escócia e das populações de Gales, Cornualha e Bretanha[333]. É o elemento sério e moral da raça. Ele parece moribundo de tristeza e, logo, apagado. A outra, plena de vida, de uma seiva indomável, multiplica e cresce a despeito de tudo: é bem claro que eu falo da Irlanda.

A Irlanda! pobre velha primogênita da raça celta, tão distante da França, sua irmã, que não pode defendê-la contra as marés! A *Ilha dos Santos*[334], *a esmeralda dos mares*, a toda fecunda Irlanda, onde os homens arrojaram-se como a relva, por pavor da Inglaterra, a quem todo dia se vem dizer: eles ainda são um milhão a mais! a pátria dos poetas, dos pensadores ousados, de João Erígena, de Berkeley, de Tolland, a pátria de Moore, a pátria de O'Connell[335]! Povo de palavra estrepitosa e de espada rápida, que conserva ainda nesta velhice do mundo o poder poético. Os Ingleses podem rir, quando escutam de alguma obscura casa de suas aldeias, a viúva irlandesa improvisar o *coronach* sobre o corpo de seu marido[336]: *chorar à irlandesa* (to weep irish) é, entre eles, uma expressão derrisória. Choraí, pobre Irlanda, e que a França chore também, vendo a Paris, sobre a porta da casa que recebe vossos filhos, essa harpa que clama em vão por socorro. Choremos por não poder retribuir-lhes o sangue que eles derramaram por nós. É, então, em vão, que quatrocentos mil Irlandeses combateram, em menos de dois séculos, em nossos exércitos[337]. É preciso que assistamos, sem dizer palavra, aos sofrimentos da Irlanda. Assim, desde há muito, nós negligenciamos, esquecemos os Escoceses, nossos antigos aliados. Entretanto, os montanhese da Escócia terão brevemente desaparecido do mundo[338]. As terras altas se despovoam todos os dias. As grandes propriedades que arruinaram Roma também devoraram a Escócia[339]. Tal terra tem noventa e seis milhas quadradas, uma outra tem vinte mil de comprimento por três mil de largura[340]. Logo, os Highlanders não mais estarão senão na história e em Walter-Scott[341]. Posicionamo-nos sob as portas, em Edimburgo, quando vemos passar o tartã e a claymore[342]. Eles desaparecem, eles emigram; a gaita-de foles não faz senão escutar um ar das montanhas[343]:

“*Cha till, cha till, cha till, sin tuile*”

Não retornaremos, não retornaremos, não retornaremos... Jamais.



FIM DO LIVRO I



# LIVRO SEGUNDO – TOMO I

## OS ALEMÃES

-----

### CAPÍTULO PRIMEIRO

#### Mundo Germânico-Invasão-Merovíngios

-----

Atrás da velha Europa céltica, ibérica e romana, desenhada tão severamente nas suas penínsulas e ilhas, estendia-se um outro mundo tão de outra forma vasto e vago. Esse mundo do norte, germânico e eslavo, mal determinado pela natureza, o foi pelas revoluções políticas. Não obstante, esse caráter de indecisão é sempre flagrante na Rússia, na Polônia, na própria Alemanha. A fronteira da língua, da população alemã, flutua até nós na Lorena, na Bélgica. A oriente, a fronteira eslava da Alemanha ia até o Elba, depois até o Oder, indecisa como o Oder, esse rio caprichoso que muda voluntariosamente seu curso. Pela Prússia, pela Silésia, alemães e eslavas ao mesmo tempo, a Alemanha mergulha na direção da Polônia e da Rússia, quer dizer, rumo ao infinito bárbaro. Do lado norte, o mar é, à pena, uma barreira mais precisa: as areias da Pomerânia continuam o fundo do Báltico e lá jazem, sob as águas, vilarejos e aldeias como aqueles que o mar engoliu na Holanda. E este último país não é nada mais que um campo de batalha para os dois elementos.

Terra indecisa, raças moveáveis. Ao menos, são assim representadas por Tácito em seu *Germania*. Pântanos, manguezais, florestas mais ou menos extensas conforme se iluminam e recuam frente ao homem, depois, espessam-se nos lugares que ele abandona; habitações dispersas, culturas pouco extensas, ambas transportadas cada ano para uma terra nova. Entre as florestas, as *marches*[\[344\]](#), vastas clareiras, terras vagas e comuns, passagem de migrações, teatro dos primeiros ensaios da cultura, onde caprichosamente se agrupam choupanas. “Suas moradas”, diz Tácito, “não são próximas: aqui, eles param perto de uma fonte, lá, próximo de um grupo de árvores”. Limitar, determinar a *marche* é a grande ocupação dos prudomens[\[345\]](#) florestais. Os limites não são bem precisos. “Até onde”, eles dizem, “o trabalhador pode estender sua cultura dentro da *marche*? tão distante quanto ele puder lançar seu martelo”. O martelo de Thor é o signo da propriedade, o instrumento dessa conquista pacífica sobre a natureza.

Entretanto, não se deverá inferir dessa cultura móvel, dessas mutações de moradas, que essas populações fossem nômades. Não observamos nelas esse espírito de aventura que levou os Celtas antigos, os Tártaros modernos, através da Europa e da Ásia.

As primeiras migrações germânicas são geralmente associadas a causas precisas. A invasão do Oceano decidiu os Cimbrios a fugir em direção ao sul, arrastando com eles tantos povos. A guerra e a fome, a necessidade de uma terra mais fértil, empurravam com frequência as tribos umas sobre as outras, como se vê em Tácito. Mas desde que elas tenham encontrado um solo fértil e defendido pela natureza, elas aí se fixam: testemunham os Frísios que, depois de tantos séculos, permanecem fiéis à terra de seus avós, assim como aos seus usos e costumes.

Os costumes dos primeiros habitantes da Germânia não eram outros, ao que parece, que não fossem os de tantas nações bárbaras[\[346\]](#), daquelas vivas cores que tanto agradaram Tácito pareá-las: a hospitalidade, a vingança implacável, o amor desenfreado pelo jogo e pelas bebidas fermentadas, a cultura abandonada às mulheres; tantos outros traços atribuídos aos Germanos, como lhes sendo próprios, por escritores que absolutamente não conheciam outros Bárbaros. Todavia, não deveriam confundi-los com os pastores Tártaros ou os caçadores da América. Os povoados da Germânia, mais próximos à vida agrícola, menos dispersos e sobre espaços menos vastos, apresentam-se a nós com traços menos rudes: eles parecem menos selvagens que bárbaros, menos ferozes que grosseiros.

À época onde Tácito apanha a Germânia, os Cimbrios e Teutões (Inguevões, Istevões) empalidecem e desaparecem no ocidente; os Godos e os Lombardos começam a despontar do oriente; a vanguarda saxã, os Angli, são, à pena, nomeados; a confederação frâncica ainda não foi formada; é o reino dos Suevos (Hermiões)[\[347\]](#). Ainda que diversas religiões locais

pudessem existir entre várias tribos, tudo leva a crer que o culto dominante fosse aquele dos elementos, aquele das árvores e das fontes[348]. Todos os anos, a deusa Hertha[349] (*erd*, a terra) saía, sobre um carro alado, do misterioso bosque onde ela possuía seu santuário, numa ilha do Oceano do norte[350].

Por cima dessas raças e religiões, sobre essa primeira Alemanha, pálida, vaga, indecisa, mundo criança ainda voltado à adoração da natureza, vem se postar uma Alemanha nova, tal como vimos a Gália druídica estabelecida na Gália gálica pela invasão dos Kymry. As tribos suévicas recebem uma civilização mais alta, um movimento mais ousado, mais heróico, graças à invasão dos adoradores de Odin, dos Godos (jutos, gépidas, lombardos, burgúndios) e dos Saxões[351]. Ainda que o sistema odínico estivesse, sem dúvidas, longe de ter os desenvolvimentos que ele mais tarde teve e, sobretudo na Islândia, ele trazia, desde então, os elementos de uma vida mais nobre, de uma moralidade mais profunda. Ele prometia a imortalidade aos bravos, um paraíso, um *Wahalla*, onde poderiam, todos os dias, talharem-se em pedaços e, em seguida, sentarem-se ao banquete do anoitecer. Sobre a terra, ele lhes falava de uma vida santa, de uma cidade dos Ases, *Aasgard*, lugar de felicidade e de santidade, pátria sagrada de onde as raças germânicas tinham sido outrora expulsas e que deviam procurar em suas corridas pelo mundo[352]. Essa crença pôde exercer alguma influência sobre as migrações bárbaras: talvez a procura da cidade santa não fosse estranha, assim como uma outra cidade santa foi, mais tarde, o objetivo dos cruzados.

Entre as tribos odínicas, nós observamos uma diferença essencial. Entre os Godos, Lombardos e Burgúndios, prevalecia a autoridade dos chefes militares que os conduziam aos combates, aquela dos Amali, dos Balti[353]. O espírito de bando guerreiro, do *comitatus*[354], já percebido por Tácito nos primeiro Germanos, era todo poderoso entre esses povos. “O papel de companheiro nada tem de que se possa envergonhar. Ele tem seus ranques, seus graus, o príncipe decide. Entre os companheiros, é a quem será o primeiro ao lado do príncipe; entre os príncipes, é a quem tiver mais companheiros e os mais ardorosos. É a dignidade, é o poder de estar sempre escoltado por um bando de elite: é um ornamento na paz, uma muralha na guerra. Aquele que se distingue pelo número e pela bravura dos seus torna-se glorioso e renomado não somente na sua pátria mas, ainda, nas cidades vizinhas. Ele é procurado por embaixadas; a ele são enviados presentes; com frequência, só o seu nome faz o sucesso de uma guerra. Sobre o campo de batalha, é vergonhoso ao príncipe ser ultrapassado em coragem; é vergonhoso ao bando não se igualar à coragem de seu príncipe. Eternamente infame aquele que sobrevive ao príncipe, que retorna sem ele do combate! Defendê-lo, cobri-lo com seu próprio corpo, render à sua glória o que se fez de belo, eis o primeiro juramento deles. Os príncipes combatem pela vitória, os companheiros pelo príncipe. Se a cidade que os viu nascer languesce na ociosidade de uma longa paz, esses chefes da juventude vão procurar a guerra contra algum povo estrangeiro, tanto essa nação odeia o repouso! Além disso, tornam-se mais facilmente célebres nos riscos e tem-se a necessidade do reino da força e das armas para entreter numerosos companheiros. É ao príncipe que eles pedem esse cavalo de batalha, essa vitoriosa e sangrenta frâmeca[355]. Sua mesa, abundante e grosseira, eis o soldo. A guerra o fornece e a pilhagem[356].”

Esse princípio de apego a um chefe, essa devoção pessoal, essa religião do homem em relação ao homem que, mais tarde, torna-se o princípio da organização feudal, não aparece tão cedo em outro ramo das tribos odínicas. Os Saxões parecem, de início, ignorar essa hierarquia do bando guerreiro da qual nos fala Tácito. Todos sendo iguais sob os deuses, sob os Ases filhos dos deuses, eles não obedecem a seus chefes senão enquanto estes falarem em nome do céu. O próprio nome Saxão é talvez idêntico àquele dos Ases[357]. Repartidos em três populações e doze tribos, eles repeliram, por muito tempo, qualquer outra divisão. Quando os Lombardos invadiram a Itália, a maior parte dos Saxões se recusou a segui-los, não querendo se sujeitar à divisão militar das dezenas e centenas que seus aliados admitiam[358]. Não foi senão tarde, quando os Saxões, pressionados entre os Francos e os Eslavos, se puseram a correr o Oceano e se jogaram sobre a Inglaterra, que os chefes militares prevaleceram e que a divisão dos *hundreds* se introduziu entre eles. Alguns querem que ela não tenha começado senão com Alfredo.

Parece que as populações saxãs, uma vez assentadas ao norte da Alemanha, preferiram, por muito tempo, a vida sedentária. Os Godos ou Jutos, ao contrário, se entregaram às migrações longínquas. Nós os vemos na Escandinávia, na Dinamarca e, quase ao mesmo tempo, sobre o Danúbio e o Báltico. Essas corridas imensas não puderam ter lugar senão que, outrotanto, a população inteira tivesse se tornado bando e que o *comitatus*, a corporação guerreira, assim se organizasse sob chefes hereditários. A pressão que os povos exerceram sobre todas as tribos germânicas as obrigou a colocarem-se em movimento, seja para dar lugar aos recém-chegados, seja para segui-los em suas expedições. Os mais jovens e os mais impetuosos tomaram lugar sob os chefes e começaram uma vida de guerras e aventuras. Esse é também um traço comum a todos os povos bárbaros. Na Lusitânia, na velha Itália, os jovens eram enviados às montanhas. O exílio de uma parte da população era consagrado, regularizado entre as tribos sabélicas sob o nome de *ver sacrum*[359]. Esses banidos ou bandidos (*banditi*), lançados da pátria ao mundo e da lei à guerra (*outlaws - foras da lei*), esses lobos (*warg*), como eram chamados no Norte[360], formam a parte aventureira e poética de todas as nações antigas.

A forma jovial e heróica sob a qual a raça germânica acidentalmente apareceu para o velho mundo latino foi tomada

como o temperamento invariável dessa raça. Historiadores graves, e cuja opinião é para mim de elevada autoridade, disseram que os Germanos trouxeram a esse mundo o espírito de independência, o gênio da livre personalidade. Restaria, entretanto, examinar se todas as raças, em circunstâncias semelhantes, não apresentaram os mesmos aspectos. Últimos bárbaros a chegarem, não teriam os Germanos emprestado seu nome ao gênio bárbaro de todas as épocas? Não se poderia, mesmo, dizer que o sucesso deles contra o Império tem a ver com a facilidade com que se aglomeravam em grandes corpos militares, com o seu apego hereditário pelas famílias dos chefes que os conduziam; em uma palavra, com a devoção pessoal e com a disciplinabilidade que, em todos os séculos, caracterizaram a Alemanha, de sorte que o que se apresentou como prova do indomável gênio, a forte individualidade dos guerreiros germanos, marcaria, ao contrário, o espírito eminentemente social, dócil e flexível da raça germânica[361]?

Essa máscula e juvenil alegria do homem que se sente forte e livre num mundo que ele se apropria em esperança, nas florestas cujos limites ele não conhece, sobre um mar que o carrega a praias desconhecidas, esse ímpeto do cavalo indomado sobre as estepes e os pampas, ela está, sem dúvida, em Alarico, quando ele jura que uma força desconhecida o arrasta aos portões de Roma. Ela está no pirata dinamarquês que orgulhosamente cavalga o oceano. Ela está sob a folhagem onde Robin Hood aguça sua boa flecha contra o xerife. Mas não a encontrais tanto quanto nas guerrilhas da Galícia, em D. Luis de Calderon, o *inimigo da lei*? Acaso é ela menor nesses regozijantes Gauleses que seguiram César sob o signo da cotovia, que se iam cantando tomar Roma, Delfos ou Jerusalém? Esse temperamento da personalidade livre, do orgulho desenfreado do “eu”, não é ele eminente na filosofia celta, em Pelágio, Abelardo e Descartes, visto que o misticismo e o idealismo compuseram o caráter quase invariável da filosofia e da teologia alemãs[362]?

Do dia quando, segundo a bela fórmula germânica, o *wargus* lançou a poeira sobre todos os seus parentes e jogou a relva por cima de seu ombro, onde, apoiando-se sobre seu bastão, ele saltou a cerca de seu campo, então, que deixe flunar a pluma ao vento[363], que ele delibere, como Átila, se atacará o império do Oriente ou aquele do Ocidente[364]: **a ele, a esperança, a ele, o mundo!**

É desse imenso estado de poesia que saiu o ideal germânico, o Sigurd[365] escandinavo, o *Siegfried* ou o Dietrich von Bern da Alemanha[366]. Nessa figura colossal está reunido o que a Grécia repartiu, a força heróica e o instinto andarilho, Aquiles e Ulisses: *Siegfried percorreu muitos grotões com a força de seu braço* [367]. Mas, aqui, o homem ardiloso, tão louvado pelos Gregos, é amaldiçoado pelo pérfido Hagen, assassino de Siegfried, Hagen da *face pálida* que não tem senão um olho, pelo anão monstruoso que escavou as entranhas da terra, que sabe tudo e que não deseja senão o mal[368]. A conquista do Norte é Sigurd, aquela do sul é Dietrich von Bern (Teodorico de Verona?). A silenciosa aldeia de Ravena guarda, ao lado do túmulo de Dante, o túmulo de Teodorico[369], imensa rotunda cujo domo de uma só pedra parece ter sido ali posta pelas mãos de gigantes. Eis, talvez, o único monumento gótico que ainda hoje resta no mundo. Nada há nessa massa que faça pensar nessa ousada e volúvel arquitetura que se chama “gótica” e que, em efeito, não expressa senão o arrebatamento místico do cristianismo na Idade Média. Seria, antes, necessário compará-la às pesadas construções pelásgicas dos túmulos da Etrúria e da Argólida[370].

As carreiras aventureiras dos Germanos através do Império e sua vida mercenária a soldo dos Romanos os puseram, mais de uma vez, uns contra os outros. O vândalo Estilício (*Flavius Stilicho*) arruinou, em Florença, seus compatriotas do grande exército bárbaro de Rodogasto. O cita Aécio[371] destruiu os Citas nos campos de Châlons: os Francos aí combateram por e contra Átila. Quem arrasta as tribos Germânicas a essas guerras parricidas? é esta fatalidade terrível da qual nos fala o Edda e os Nibelungos. É o ouro que Sigurd arrebatou ao dragão Fafnir e que provocará sua perda; esse ouro fatal que passa a seus assassinos para fazê-los perecer no banquete do avaro Átila.

O ouro e a mulher, eis os objetos das guerras, o alvo das incursões heróicas. Alvo heróico como o esforço: o amor, aqui, nada tem de debilitante e a graça da mulher é a sua força, a sua estatura colossal. Erguida por um homem, por um guerreiro (admirável frieza do sangue germânico[372]!), a virgem maneja as armas. Para possuir Brünhild, é preciso que Siegfried tenha lançado a azagaia contra ela, é preciso que, durante a luta amorosa, ela tenha feito, com suas fortes mãos, jorrar o sangue dos dedos do herói... A mulher, na Germânia primitiva, ainda estava curvada sobre a terra que ela cultivava[373]; ela cresceu na vida guerreira; ela se tornou a companheira dos perigos do homem, unida a seu destino na vida e na morte (*sic vivendum, sic perundum* - Tácito). Ela não se distancia do campo de batalha, ela o afronta com os olhos, ela aí preside, ela se torna a feiticeira dos combates, a valquíria encantadora e terrível que colhe, como uma flor, a alma do guerreiro agonizante. Ela o procura sobre a campina fúnebre como Edith *do pescoço de cisne* procurava Harold após a batalha de Hastings, ou essa corajosa inglesa que, para encontrar seu jovem marido, revirou todos os mortos de Waterloo.

Sabe-se a ocasião da primeira migração dos Bárbaros no Império[374]. Até 375, não houvera senão incursões,

invasões parciais. Àquela época, os Godos, exaustos das carreiras da cavalaria Huna que tornava toda cultura impossível, foram autorizados a passar o Danúbio como soldados do Império que desejavam defender e cultivar. Convertidos ao cristianismo, eles já se encontravam um pouco suavizados pelo trato com os Romanos. A avidez dos agentes imperiais, lançando-os à fome e ao desespero[375], eles devastaram as províncias entre o Mar Negro e o Adriático; mas, mesmo nessas investidas, eles ainda foram humanizados pelo gozo do luxo e pela mescla com as famílias dos vencidos. Comprados a qualquer preço por Teodósio, para ele ganharam duas vezes o Império do Ocidente. Os Francos haviam, de início, prevalecido nesse império, como os Godos no outro. Seus chefes, Malobaude sob Graciano, Arbogasto sob Valentiniano II (e depois sob o reitor Eugênio a quem Arbogasto vestiu a púrpura), foram efetivamente imperadores[376].

Nesse vergamento do império do Ocidente que se entregava, por si só, aos Bárbaros, as velhas populações célticas, os indígenas da Gália e da Bretanha, reergueram-se e deram-se chefes. Máximo (*Magnus Maximus*), espanhol como Teodósio[377], foi elevado às honras do Império pelas legiões da Bretanha (ano 383). Ele passou a Saint-Malo com uma multidão de insulares e destruiu as tropas de Graciano. Este, e seu franco Malobaude, foram postos à morte. Os auxiliares Bretões foram assentados na nossa Armórica sob seu *conan* ou chefe, Meriadoc ou, antes, *Murdoch*, que é designado como primeiro Conde da Bretanha[378]. A Espanha se submeteu graciosamente ao espanhol Máximo e esse hábil príncipe não tardou a arrebatá-la à Itália ao jovem Valentiniano II, cunhado de Teodósio. Assim, um exército, em parte bretão, sob um imperador espanhol, reunira todo o Ocidente.

Foi pelos Germanos[379] que Teodósio venceu Máximo: seu exército, composto principalmente de Godos, invadiu a Itália[380], enquanto o Franco Arbogasto operava uma manobra diversionária pelo vale do Danúbio. Esse Arbogasto permaneceu todo-poderoso sob Valentiniano II e deste se separou para reinar, por três anos, sob o reitor Eugênio [381]. É em grande parte aos Godos que Teodósio deve sua vitória sobre esse usurpador[382].

Sob Honório, a rivalidade do godo Alarico e do vândalo Estilício ensanguentou a Itália por dez anos. O Vândalo, nomeado tutor de Honório por Teodósio, tinha em suas mãos o imperador do Ocidente. O Godo, nomeado Senhor da província da Ilíria por Arcádio, imperador do Oriente, em vão solicitava a permissão de Honório para nela se estabelecer. Durante esse tempo, a Bretanha, a Gália e a Espanha tornaram-se independentes sob o bretão Constantino[383]. A revolta de um dos generais desse imperador[384] e, talvez a rivalidade entre a Espanha e a Gália, prepararam a ruína do novel império gaulês. Ela foi consumada pela reconciliação de Honório e dos Godos. Ataulfo, irmão de Alarico, desposou Placídia, irmã de Honório, e seu sucessor Wallia assentou seus bandos em Toulouse como milícia federada a serviço do Império (ano 411). Mas esse império não tinha mais necessidade de milícia na Gália: ele, por si só, abandonava essa província, tal como fizera com a Bretanha, e se concentrava na Itália para aí morrer. À medida que se ele retirava, os Godos se expandiam pouco a pouco e, no espaço de meio-século, eles ocuparam toda a Aquitânia e toda a Espanha.

A disposição desses Godos não foi nada menos que pouco hostil para com a Gália. Em sua longa viagem através do Império, eles não puderam ver, senão com espanto e respeito, essa prodigiosa obra da civilização romana, sem dúvida fraca e pronta a desmoronar, mas ainda de pé e em seu esplendor. Após a primeira brutalidade da invasão, eles se puseram, simples e dóceis, sob a disciplina dos vencidos. Seus chefes não ambicionavam outro título que não fosse o de restauradores do Império. Pode-se julgar isso pelas memoráveis palavras de Ataulfo que nos foram conservadas: “Eu me lembro”, diz um autor do século V, “de ter ouvido em Belém o bem-aveturado Jerônimo contar que ele vira um certo habitante de Narbonne alçado a altas funções sob o imperador Teodósio e, além disso, religioso, sábio e grave, que gozara, em sua cidade natal, da familiaridade de Ataulfo. Ele frequentemente repetia que o rei dos Godos, homem de grande coração e de grande espírito, tinha o hábito de dizer que sua ambição mais ardente fora, de início, aniquilar o nome romano e fazer de toda a extensão das terras romanas um novo império chamado Gótico; de sorte que, para falar vulgarmente, tudo que fosse ROMÂNIA se tornasse GÓCIA, e que Ataulfo encenou o mesmo papel que César Augusto outrora encenara; mas que, após ter se convencido, por experiência, que os Godos eram incapazes de obediência às leis, em virtude de sua barbárie indisciplinável, julgando que não era necessário e conveniente, de forma alguma, tocar as leis sem as quais a república cessava de ser república, ele tomara partido de procurar a glória pela consagração das forças dos Godos ao restabelecimento integral, e mesmo ao aumento, do poder do nome romano, a fim de que a posteridade, ao menos, o olhasse como o restaurador do Império que ele não podia transportar. Neste caminho, ele se abstinha da guerra e cuidadosamente procurava a paz[385]”.

O acantonamento dos Godos nas províncias romanas não foi um fato novo e estranho. Desde há muito tempo, os Imperadores possuíam os Bárbaros a seu soldo, os quais, sob o título de hóspedes, hospedavam-se com o Romano e comiam à sua mesa. O assentamento de recém-chegados teve, de início, uma imensa vantagem que foi a de acabar com a desorganização da tirania imperial. Os agentes do fisco, retirando-se pouco a pouco, o maior dos males do Império cessou por si próprio. Os Curiais, daí para frente, circunscritos à administração local das municipalidades, se encontraram aliviados de todos os



encargos com os quais o governo central os oprimia. Os Bárbaros se apoderaram, é verdade, de dois terços das terras[386] nos cantões onde se estabeleceram. Mas havia tantas terras incultas que essa cessão deve ter sido, geralmente, pouco onerosa aos Romanos. Parece que os Bárbaros haviam desenvolvido escrúpulos sobre essas aquisições violentas e que, algumas vezes, indenizaram os proprietários romanos. O poeta Paulino, reduzido à pobreza em consequência do assentamento de Ataulfo, e tendo se retirado à Marselha, aí recebeu, um dia, com grande espanto, o preço de suas terras que o novo possuidor[387] enviou-lhe.

Os Burgúndios, que se estabeleceram a oeste do Jura por volta da mesma época que os Godos na Aquitânia, tinham talvez ainda mais candura. “Parece que essa bonomia, que é uma das características atuais da raça germânica, cedo se mostrou entre esse povo. Antes de seu ingresso no Império, eles eram, quase todos, gente de ofício e arte, carpinteiros ou marceneiros. Eles ganhavam a vida nesse trabalho nos intervalos de paz e eram também estranhos a esse duplo orgulho do guerreiro e do proprietário ocioso que alimentava a insolência dos outros conquistadores bárbaros[388]. Desprotegidos sobre os domínios dos proprietários gauleses, tendo recebido ou tomado, a título de hospitalidade, os dois terços de terras e os dois terços de escravos, o que equivalia, provavelmente, à metade de tudo, eles se faziam escrúpulos de nada usurpar além disso. Eles não olhavam o Romano como seu colono, como seu *lite*, segundo a expressão germânica, mas como seu igual em direitos no cercado do que lhe restava. Eles demonstravam, mesmo diante dos ricos senadores, seus co-proprietários, uma sorte de embaraço de arrivista[389]. Acantonados militarmente em uma grande casa, podendo aí encenar o papel de senhores, eles faziam aquilo que viam fazer os clientes romanos do nobre anfitrião, reunindo-se para ir saudá-lo bem cedo, pela manhã[390]”. O poeta Sidônio nos deixou o curioso quadro de uma casa romana ocupada pelos Bárbaros, representando-os como incômodos e grosseiros, mas de forma alguma malvados: “A quem pedes um hino para a alegre Vênus? Àquele que é importunado pelos bandos cabeludos, àquele que suporta o jargão germânico, que dissimula um triste sorriso às canções do Burgúndio nutrido; ele canta, ele engordura seus cabelos com uma manteiga rançosa.... Homem feliz! tu não vês, antes do dia, esse exército de gigantes que vem te saudar, como seu avô ou seu pai que dá o alimento. A cozinha de Alcinous não poderia suportar. Mas basta de alguns versos, calemo-nos. Se aí se visse uma sátira[391]...?”

Os Germanos estabelecidos no Império com consentimento do Imperador não permaneceram tranquilos na posse das terras que ocupavam. Esses mesmos Hunos que outrora haviam forçado os Godos a passar o Danúbio, empurraram os outros Germanos que habitavam a Germânia e, todos juntos, passaram o Reno. Eis o mundo bárbaro rasgado sob duas formas. O bando já assentado sobre o solo da Gália e, de tanto em tanto, adquirido à civilização romana[392], a adota, a imita e a defende. A tribo, forma primitiva e antiga, que estava mais próxima do gênio da Ásia, segue com tropas de animais a cavalaria asiática, e vem pedir às suas crianças, que a tinham esquecido, uma parte no Império.

É uma particularidade notável na nossa história que as duas grandes invasões da Ásia na Europa, a dos Hunos no quinto século e a dos Sarracenos no oitavo, tenham sido repelidas na França. Os Godos tiveram o papel principal na primeira e os Francos na segunda.

Infelizmente, restou uma grande obscuridade sobre esses dois eventos. O chefe da invasão hunica, o famoso Átila, aparece, nas tradições, menos como um personagem histórico do que como um mito vago e terrível, símbolo e lembrança de uma destruição imensa. Seu verdadeiro nome oriental, Etzel[393], significa um coisa possante e vasta, uma montanha, um rio, particularmente o Volga, esse rio imenso que separa a Ásia da Europa. Também assim parece Átila nos Nibelungos, poderoso, formidável, mas indeciso e vago, nada humano, indiferente, imoral como a natureza, ávido como os elementos[394], absorvente como a água ou o fogo.

Seria de se duvidar que ele tivesse existido como homem se todos os autores do século V não concordassem com isso, se Prisco não nos dissesse com terror que o vira de frente e não nos descrevesse a mesa de Átila. E também na história, essa mesa é terrível, ainda que nela não se encontre, como nos Nibelungos, os funerais de toda uma raça. Mas é um grande espetáculo ver no último lugar da mesa, após os chefes dos últimos povoados bárbaros, sentarem-se os tristes embaixadores dos imperadores do Oriente e do Ocidente[395]. Enquanto os mímicos e os farsantes excitam a alegria e o riso dos guerreiros bárbaros, ele, sério e grave, recolhido em seu tamanho curto e grosso, o nariz esmagado, a testa larga e furada por duas têmporas ardentes[396], roda em pensamentos sombrios enquanto passa a mão entre os cabelos de seu jovem filho... Eles estão lá, esses Gregos que vem até a toca do leão tecer-lhe armadilhas; ele o sabe, mas basta-lhe devolver ao Imperador a bolsa com a qual acreditou-se comprar sua morte e endereçar-lhe essas palavras arruinantes: “Átila e Teodósio são filhos de pais mui nobres. Mas Teodósio, pagando tributo, está despojado de sua nobreza: ele se tornou o escravo de Átila; não é justo que ele prepare emboscadas a seu senhor, como um escravo malvado”.

Ele não se dignava, de outro modo, a vingar-se: apenas alguns milhares de onças de ouro a mais ele exigia. Se houvesse atraso no pagamento do tributo, bastava-lhe mandar dizer ao Imperador, por um de seus escravos: “Átila, teu senhor e o meu,



vem te ver; ele te ordena preparar um palácio em Roma[397]”.

De resto, o que ganhara esse Tártaro ao conquistar o Império? Ele fora asfixiado nessas cidades muradas, dentro desses palácios de mármore. Ele amava muito mais seu vilarejo de madeira, todo pintado e atapetado, com mil quiosques, com cem cores e, ao redor, a verde pradaria do Danúbio. É de lá que ele partia todos os anos com sua imensa cavalaria, com os bandos germânicos que o seguiam de bom ou mau grado. Inimigo da Alemanha, ele se servia da Alemanha: seu aliado era o inimigo dos Alemães, o vândalo Genserico estabelecido na África[398]. Os Vândalos, tendo desviado da Alemanha para a Espanha, haviam trocado o Báltico pelo Mediterrâneo: eles infestavam o sul do Império, enquanto o norte era desolado por Átila. O ódio do vândalo Estilício contra o godo Alarico reaparece em Genserico contra os Godos de Toulouse: ele pedira, depois mutilara cruelmente, a filha do rei deles. Contra eles, chamou Átila na Gália. Segundo o historiador contemporâneo Idácio (historiador pouco considerável, é verdade), Átila também fora chamado por seu compatriota Aécio[399], general do império do Ocidente, que desejava destruir os Godos pelos Hunos e os Hunos pelos Godos. A passagem de Átila foi marcada pela ruína de Metz e de muitas aldeias. A quantidade de lendas que se relaciona a essa época pode dar o veredito da impressão que esse terrível evento deixou na memória dos povos[400]. Troyes deve sua salvação aos méritos de São Lupo. Deus tirou São Servatius desse mundo para poupá-lo a dor de ver a ruína de Tongres. Paris foi salva pelas preces de Santa Genoveva[401]. O bispo Aniano[402] defendeu Orléans corajosamente: enquanto o aríete batia os muros, o santo bispo, em preces, perguntava se nada vinha. Duas vezes foi-lhe dito que nada aparecia; na terceira, foi-lhe anunciado que se distinguia uma fraca nuvem no horizonte: eram os Godos e os Romanos que acorriam em socorro[403].

Idácio assegura gravemente que Átila matou, perto de Orléans, duzentos mil Godos com o seu rei Teodorico. Turismundo, filho de Teodorico, queria vingá-lo, mas o *prudente* Aécio, que temia igualmente o triunfo dos dois partidos, vai encontrar Átila à noite e lhe diz: “Vós não destruístes senão a menor parte dos Godos; amanhã, virá uma multidão tão grande que, à pena, vós podereis escapar”. Átila, reconhecido, deu-lhe dez mil moedas de ouro. Depois, Aécio vai encontrar o godo Turismundo e lhe diz outro tanto; ele o faz temer, além disso, que se ele não se apressar a voltar para Toulouse, seu irmão usurpará o trono. Turismundo, por um tão bom conselho, lhe dá dez mil soldos. Os dois exércitos se distanciam rapidamente um do outro[404].

O godo Jornandes[405], que escreveu um século depois, não deixa de acrescentar as fábulas de Idácio mas, para ele, toda a glória é dos Godos. Na sua narrativa, não é Aécio, mas Átila, quem emprega a perfídia. O rei dos Hunos não a deseja senão a Teodorico, rei dos Godos[406]. Ele traz para a Gália toda a Barbaria do norte e do oriente[407]. É uma espantosa batalha de todo o mundo asiático, romano, germânico. Aí, ficam perto de trezentos mil mortos. Átila, ameaçado de se ver forçado dentro de seu campo, ergue uma imensa fogueira formada de selas de cavalos e se posiciona com a tocha na mão preparado a pôr fogo em tudo[408].

Há uma coisa terrível nessa narrativa e que não se pode absolutamente colocar em dúvida: dos dois lados, eram quase todos irmãos: Francos contra Francos, Ostrogodos contra Visigodos[409]. Após uma tão longa separação, essas tribos se encontravam para se combaterem e se degolarem. É o que os cantos germânicos expressaram de uma forma bem tocante nos Nibelungos, quando o bom margrave[410] Rüdiger ataca, para obedecer à esposa de Átila, os Burgúndios que ele ama, quando ele verte grossas lágrimas e que, em combatendo Hagen, ele empresta-lhe seu escudo[411]. Mais patético ainda é o canto de Hildebrando e Hadubrando: o pai e o filho, separados desde há muitos anos, se reencontram no fim do mundo; mas o filho não reconhece o pai e este se vê na necessidade de perecer ou de matar seu filho[412].

Átila se distanciava e o Império não podia lucrar com sua retirada. A quem devia restar a Gália? Aos Godos e Burgúndios, parece. Esses povos não podiam deixar de invadir as regiões centrais que, tais como Auvérnia, se obstinavam a permanecer romanas. Mas os próprios Godos não eram romanos? Seus reis escolhiam seus ministros entre os vencidos. Teodorico II empregava a pena do mais hábil homem das Gálias e se felicitava que admirassem a elegância das cartas escritas em seu nome. O grande Teodorico, filho adotivo do imperador Zenão e rei dos Ostrogodos estabelecidos na Itália, teve por ministro o declamador Cassiodoro. Sua filha, a sábia Amalasunta, falava, indiferentemente, o latim e o grego, e seu primo Teodato, que a fez morrer, afetava a linguagem de um filósofo.

Os Godos não foram senão muito bem sucedidos em restaurar o Império. A administração imperial reaparecera e, com ela, todos os abusos que trazia. A escravidão fora mantida severamente no interesse dos proprietários romanos. Imbuídos das ideias bizantinas devido à sua longa estadia no Oriente, os Godos haviam trazido o arianismo grego, essa doutrina que reduzia o cristianismo a uma espécie de filosofia e que submetia a igreja ao estado. Detestados pelo clero das Gálias, este era suspeito, não sem razão[413], de chamar os Francos, os Bárbaros do norte. Os Burgúndios, menos intolerantes que os Godos, partilhavam os mesmos temores. Essas desconfianças tornavam o governo cada dia mais duro e mais tirânico. Sabe-se que a lei gótica extraiu dos processos imperiais o primeiro modelo de inquisição[414].

O domínio dos Francos era tanto mais desejado quanto ninguém talvez se desse conta de quem eles verdadeiramente eram[415]. Não eram um povo, mas uma federação mais ou menos numerosa conforme fosse poderosa: ela deveria sê-lo ao tempo de Malobaude e de Arbogasto, pelo fim do quarto século. Então, os Francos certamente possuíam terras consideráveis no Império. Germanos de todas as raças compunham, sob o nome de Francos, os melhores corpos dos exércitos imperiais[416] e, mesmo, a guarda do Imperador[417]. Essa população flutuante, entre a Germânia e o Império, declarou-se contra os outros Bárbaros que, após ela própria, vinham invadir a Gália. Eles se opuseram em vão à grande invasão dos Burgúndios, Suevos e Vândalos em 406: muitos deles combateram Átila. Mais tarde, sob Clóvis, nós os veremos derrotar os Alemães, perto de Colônia, e fechar-lhes a passagem do Reno. Pagãos ainda e, sem dúvida indiferentes à vida indecisa que levavam sobre a fronteira, eles deviam aceitar facilmente a religião do clero das Gálias. Todos os outros Bárbaros desta época eram arianos. Todos pertenciam a uma raça, a uma nacionalidade distinta. Somente os Francos, população mista, pareciam permanecer inconstantes sobre a fronteira, prontos a qualquer ideia, a qualquer influência, a qualquer religião. Apenas eles receberam o cristianismo pela igreja latina, quer dizer, na sua forma completa, em sua alta poesia. O racionalismo pode seguir a civilização, mas não fará senão dissecar a barbárie, calar sua seiva, destruí-la de impotência. Situados ao norte da França, no ângulo noroeste da Europa, os Francos permaneceram fechados contra os Saxões pagãos, recém-chegados da Germânia, e contra os Visigodos arianos, enfim, contra os Sarracenos, todos igualmente inimigos da divindade de Jesus Cristo. Não é sem motivo que nossos reis investiram-se do título de “filhos primogênitos da Igreja”.

A igreja fez a fortuna dos Francos. O assentamento dos Burgúndios, a grandeza dos Godos, senhores da Aquitânia e da Espanha, a formação das confederações armóricas, aquela de um *reino Romano* em Soissons sob o general Egídio, parecia dever reagrupar os Francos na floresta Carbonária entre Tournai e o Reno[418]. Eles associaram os Armóricos, ao menos aqueles que ocupavam a embocadura do Somme e do Sena[419]. Eles associaram os soldados do Império, deixados sem chefe após a morte de Egídio[420]. Mas jamais seus fracos bandos teriam destruído os Godos, humilhado os Burgúndios, repellido os Alemães se, em todo lugar, eles não tivessem encontrado no clero um auxiliar ardente que os guiou, aclarou sua marcha e ganhou-lhes de avanço as populações.

Vejamos, de início, em quais termos modestos Gregório de Tours fala dos primeiros passos dos Francos na Gália. “Narra-se que assim que Clódio[421], homem poderoso e distinto em seu país, foi rei dos Francos, ele habitava Dispargum, na fronteira do país dos Turíngios de Tongres. Os Romanos ocupavam também esse país, quer dizer, em direção ao sul até o Loire. Além do Loire, o país era dos Godos. Os Burgúndios, também filiados à seita dos Arianos, habitavam além do Ródano, o qual corre próximo à cidade de Lyon. Clódio, tendo enviado espiões para a cidade de Cambrai e feito examinar toda a região, desafiou os Romanos e tomou essa cidade. Após ter aí permanecido algum tempo, ele conquistou o país até o Somme. Alguns pretendem que o rei Meroveu, que teve Childerico por filho, nascera dessa raça[422].”

É provável que diversos dos chefes dos Francos, esse Childerico, por exemplo, que nos é apresentado como filho de Meroveu, pai de Clóvis, tivessem títulos romanos como, no século precedente, tiveram Malobaude e Arbogasto. Vemos, em efeito, Egídio, um general romano, um partidário do imperador Majoriano, um inimigo dos Godos e da criatura destes, o imperador Arverno Avito, suceder ao chefe dos Francos, estando Childerico momentaneamente expulso pelos seus. Não há dúvida que é na qualidade de chefe hereditário e nacional[423], como senhor da milícia imperial, que Egídio substituiu Childerico. Este último, acusado de ter violado as virgens livres, retirou-se entre os Turíngios dos quais ele toma a rainha; ele retorna aos Francos após a morte de Egídio, e seu filho Clóvis, que o sucede, prevaleceu também sobre o patrício Siágrio, filho de Egídio. Siágrio, vencido em Soissons, refugia-se entre os Godos que o entregam a Clóvis (ano 486). Este último é vestido, mais tarde, com as insígnias do consulado pelo Imperador Anastásio de Constantinopla.

Clóvis não comandava senão a pequena tribo dos Francos de Tournai quando diversos bandos Suévicos designados sob o nome de All-men (todos homens ou completamente feitos de homens), ameaçaram passar o Reno. Os Francos tomaram as armas, como de ordinário, para fechar a passagem aos que vinham. Em casos assim, todas as tribos se uniam sob o chefe mais corajoso[424]. Clóvis teve então a honra da vitória comum. Ele abraçou nessa ocasião o culto da Gália romana que era o da sua mulher Clotilde, sobrinha do rei dos Burgúndios. Ele dizia que prometera, durante a batalha, adorar o deus de Clotilde se fosse vitorioso: três mil de seus guerreiros o imitaram[425]. Foi um grande regozijo no clero das Gálias que, desde então, coloca sobre os Francos a esperança de sua libertação. Santo Avito, bispo de Viena e súdito dos Burgúndios arianos, não hesitava em escrever-lhe: “Quando tu combates, é a nós a vitória[426]”. Essa palavra foi comentada eloquentemente por São Remígio (Rémi) no batismo de Clóvis: “**Sicambro, curva suavemente a cabeça: queima o que adoraste e adora o que queimaste**”[427]. Assim, a igreja solenemente tomava posse dos Bárbaros.

Esta união de Clóvis com o clero das Gálias parece ser fatal aos Burgúndios. Ele já tentara se aproveitar de uma guerra entre seus reis, Godegisel e Gundebad. Ele tinha, contra este último, seu arianismo e a morte do pai de Clotilde que fora morto por Gundebad. Nula dúvida que os bispos o chamaram: Gundebad se humilha e agrada os bispos pela promessa de se fazer

católico, confiando-lhes seus filhos para criar[428]. Ele concedeu aos Romanos uma lei mais suave que nenhum povo bárbaro ainda havia concedido aos vencidos. Enfim, submeteu-se ao pagamento de um tributo a Clóvis.

Alarico II, rei dos Visigodos, partilhando os mesmos temores, desejou ganhar Clóvis e o viu em uma ilha do Loire. Este último confiou-lhe boas palavras mas, imediatamente depois, ele convoca os Francos. “Desagrada-me”, ele diz, “que esses Arianos possuam a melhor parte das Gálias; vamos sobre eles com a ajuda de Deus e os expulssemos: submetamos a terra deles a nosso poder; faremos bem, pois ela é muito boa” (ano 507)[429].

Longe de encontrar qualquer obstáculo, parece que Clóvis foi conduzido por uma mão misteriosa. Uma corça indica-lhe um vau no Viena[430]. Uma coluna de fogo se ergue sobre a Catedral de Poitiers para guiá-lo à noite[431]. Ele ordenou consultar a sorte em Saint-Martin de Tours[432] e ela lhe foi favorável. De sua parte, ele não desconhecia de onde vinha o auxílio. Ele proibiu que Poitiers fosse pilhada. Perto de Tours, ele batera, de sua espada, um soldado que roubava feno no território dessa cidade sagrada pela presença do túmulo de São Martinho[433]. “Onde está”, ele diz, “a esperança da vitória se ofendemos o beato Martinho?[434]”. Após sua vitória sobre Siágrio, um guerreiro recusou ao rei um vaso sagrado que ele pedia na partilha para enviá-lo a São Rémi, à igreja de quem ele pertencia. Pouco depois, Clóvis, passando seus bandos em revista, arranca ao soldado a franquise[435] e, enquanto ele a retoma, Clóvis fende-lhe a cabeça com seu machado: “Lembra-te do vaso de Soissons![436]”. Um tal defensor dos bens da Igreja devia nela encontrar poderosos auxílios para a vitória. Ele de fato venceu Alarico em Vouglé, perto de Poitiers, avançou até o Languedoc e teria ido mais longe se o grande Teodorico, rei dos Ostrogodos da Itália e sogro de Alarico II, não tivesse coberto a Provença e a Espanha com um exército e salvado o que restava em favor do filho, ainda criança, daquele príncipe que, pela mãe, era seu neto.

A invasão dos Francos, tão ardentemente desejada pelos chefes da população galo-romana, quero dizer, pelos bispos, não pôde, pelo momento, senão aumentar a desorganização. Temos bem poucos registros históricos sobre os resultados imediatos de uma revolução tão variada, tão complexa. Em nenhuma parte, esses resultados foram adivinhados e analisados com mais felicidade que no Curso de *M. Guizot* (T. I, p. 297):

“A invasão, ou para melhor dizer, as invasões foram eventos essencialmente parciais, locais, momentâneos. Um bando chegava, geralmente muito pouco numeroso; os mais poderosos, aqueles que fundaram reinos, o bando de Clóvis, por exemplo, não era mais que cinco ou seis mil homens. Ele percorria rapidamente um território estreito, devastava um distrito, atacava um vilarejo e, tão logo se retirava carregando seu butim, imediatamente se estabelecia em algum lugar, atento para não se dispersar. Sabemos com qual facilidade, com qual prontidão, acontecimentos similares ocorrem e desaparecem. Casas são incendiadas, campos são devastados, colheitas arrebatadas, homens mortos ou capturados: todo esse mal feito, após alguns dias as ondas tornam a fechar, o sulco desaparece, os sofrimentos individuais são esquecidos, a sociedade entra, ao menos em aparência, no seu antigo estado. Assim se passavam as coisas na Gália no século V.

Mas também sabemos que a sociedade humana, essa sociedade que se chama um povo, não é apenas uma justaposição de existências isoladas e passageiras: se ela não fosse nada de mais, as invasões dos Bárbaros não teriam produzido a impressão que desenredam os documentos da época. Durante muito tempo, o número de lugares e de homens que com elas sofre foi bem inferior ao número daqueles que escapam. Mas a vida social de cada homem não é concentrada no espaço material que lhe é o teatro e nem no momento que se segue: ela se espalha sobre todas as relações que ele teceu sobre os diferentes pontos do território; e não somente sobre aquelas que ele teceu, mas também sobre aquelas que ele pode tecer ou apenas conceber; ela abraça não somente o presente, mas o porvir; o homem vive sobre mil pontos onde ele não mora, em mil momentos que ainda não são e, se esse desenvolvimento da sua vida é cerceado, se ele é forçado a se confinar nos estreitos limites de sua existência material e atual, a se isolar no espaço e tempo, a vida social é mutilada e a sociedade deixa de ser.

Aí estava o efeito das invasões, das aparições de bandos bárbaros, curtas, é verdade, e limitadas, mas renascentes sem cessar, possíveis em qualquer lugar, sempre iminentes. Elas destruíam: 1º toda correspondência regular, habitual e fácil entre diversas partes do território; 2º toda seguridade, toda perspectiva do porvir: elas quebravam os liames que uniam entre si os habitantes de uma mesma região, os momentos de uma mesma vida; elas isolavam os homens e, para cada homem, os dias. Em muitos lugares, durante muitos anos, o aspecto da região podia permanecer o mesmo, mas a organização social era atacada, os membros não mais seguravam uns aos outros, os músculos não se moviam mais; o sangue não circulava mais livre e nem seguramente nas veias; o mal explodia logo num ponto, logo em outro: uma aldeia era pilhada, um caminho tornado impraticável, uma ponte rompida; tal ou qual comunicação cessava, a cultura das terras tornava-se impossível nesse ou naquele distrito: em uma palavra, a harmonia orgânica, a atividade geral do corpo social eram, cada dia, entravadas, perturbadas; cada dia, a dissolução e a paralisia faziam algum novo progresso.

Todos esses laços pelos quais Roma, após tantos esforços, chegara a unir as diversas partes do mundo entre si; esse grande sistema de administração, de impostos, de recrutamento, de trabalhos públicos, de estradas, não pôde manter-se. Apenas restou o que podia subsistir isoladamente, localmente, é dizer, os destroços do regime municipal. Os habitantes se fecharam nas cidades; lá, eles continuaram a reger-se mais ou menos como outrora fizeram, com os mesmos direitos, pelas mesmas instituições. Mil circunstâncias provam essa concentração da sociedade nas cidades; veja-se uma que pouco se notou sob a administração romana: são os governadores de províncias, os consulares, os corretores, os presidentes, que ocupam a cena e retornam sem cessar nas leis e na história; no sexto século, seus nomes se tornam muito mais raros: vê-se bem, ainda, os duques, os condes, aos quais está confiado o governo das províncias; os reis bárbaros se esforçam em herdar a administração romana, a guardar os mesmos empregos, a fazer correr a administração deles nos mesmos canais; mas eles não foram bem sucedidos senão de forma muito incompleta, com grande desordem. Seus duques são muito mais chefes militares que administradores; evidentemente, os governadores das províncias não tem mais a mesma importância, não encenam mais o mesmo papel; são os governadores das cidades que preenchem a história; a maior parte dos condes de Chilperico, de Gontran, de Teodeberto, dos quais Gregório de Tours conta as exações, são condes de cidades, estabelecidos no interior de seus muros, ao lado de seus bispos. Seria um exagero afirmar que a província desapareceu, mas ela está desorganizada, sem consistência, quase sem realidade. A cidade, o elemento primitivo do mundo romano, sobrevive, quase solitária, à sua ruína”.

É que uma organização nova iria, pouco a pouco, se formar, na qual a cidade não seria mais o único elemento, onde o campo, computado por nada nos tempos antigos, tomaria o lugar por sua vez. Seriam necessários séculos para fundar essa nova ordem. Todavia, desde a época de Clóvis, duas coisas foram executadas que a preparavam de longe.

De uma parte, a unidade do exército bárbaro foi assegurada: Clóvis fez perecer todos os pequenos reis dos Francos por uma sequência de perfídias[437]. A Igreja, preocupada com a idéia da unidade, aplaudiu a morte deles. “Tudo lhe era bem sucedido”, diz Gregório de Tours, “porque ele caminhava com o coração reto diante de Deus[438]”. É desta forma que Santo Avito, bispo de Viena, felicitara Gondebaude pela morte de seu irmão, a qual terminara a guerra civil da Borgonha. Aquelas dos chefes francos, visigodos e romanos, reuniu sob uma mesma mão toda a Gália Ocidental, da Batávia à Narbonense.

Por outro lado, Clóvis reconheceu à Igreja o direito mais ilimitado de asilo e de proteção. Em uma época onde a lei não protegia mais, era excepcional reconhecer o poder de uma ordem que tomava em suas mãos a tutela e a garantia dos vencidos. Mesmo os escravos não podiam ser levados das igrejas onde se refugiavam. As casas dos padres deviam cobrir e proteger, como os templos, *aqueles que manifestavam viver como eles*[439]. Bastava que um bispo reclamasse, por meio de juramento, um cativo para que este logo lhe fosse entregue.

Sem dúvida, era mais fácil para o chefe dos Bárbaros conceder esses privilégios à Igreja que fazê-los respeitar. A aventura de Atatla, capturado como escravo tão distante de seu país, depois libertado como por milagre[440], nos ensina como a proteção eclesiástica era insuficiente. Era, pelo menos, alguma coisa que fosse reconhecida como direito. Os bens imensos que Clóvis assegurou às igrejas, particularmente à de Reims, cujo bispo era, pelo que consta, seu principal conselheiro, deveriam estender infinitamente essa salutar influência da Igreja. Qualquer bem que se colocava nas mãos eclesiásticas era sempre para subtraí-lo à violência, à brutalidade, à barbárie.

À morte de Clóvis (ano 511), seus quatro filhos se encontraram todos reis, segundo os usos dos Bárbaros. Cada um deles permaneceu à testa de uma das linhas militares que os acampamentos dos Francos tinham formado sobre a Gália. Teuderico residia em Metz: seus guerreiros foram postados na França oriental ou Ostrásia e na Auvérnia. Clotário residia em Soissons, Childeberto em Paris, Clodomiro em Orléans. Esses três últimos irmãos partilharam, entre outras, as cidades da Aquitânia.

Na realidade, não foi terra que se partilhou, mas o exército. Esse tipo de divisão não podia ser senão desigual. Os guerreiros bárbaros deveriam passar com frequência de um chefe a outro e seguir, em grande número, aquele cuja coragem e habilidade lhes promettesse mais butim. Assim, quando Teudeberto, neto de Clóvis, invadiu a Itália à frente de cem mil homens, é provável que quase todos os Francos o tenham seguido, e que muitos outros bárbaros se tenham juntado a eles.

A rápida conquista de Clóvis, cujas causas mal se conhecia, lançava tanto brilho sobre os Francos, que a maior parte das tribos bárbaras quis se ligar a eles como, outrora, aquelas que seguiram Átila. As raças mais inimigas da Alemanha, os Germanos do sul e os do norte, os Suevos e os Saxões, se federaram com os Francos: os Bávaros também o fizeram. Os Turingios, no meio dessas nações, resistiram e foram destruídos[441]. Os Burgúndios da Gália, ao contrário da época de Clóvis, pareciam em condições de resistir: o novo rei deles, São Sigismundo[442], aluno de Santo Avito, era ortodoxo e querido por seu clero. O pretexto de arianismo não mais existia. Os filhos de Clóvis então se lembram que, quarenta anos antes, o pai de Sigismundo fizera perecer aquele de Clotilde, mãe deles. Clodomiro e Clotário o desafiaram e o jogaram dentro de um poço que foi coberto por pedras. Mas a vitória de Clodomiro foi, para sua família, uma causa de ruína: ele próprio, morto na batalha, deixou seus filhos indefesos.

“Enquanto a rainha morava em Paris, Childeberto, vendo que sua mãe depositara toda sua afeição nos filhos de Clodomiro, consumido pela inveja e temendo que, pelo favor da rainha, eles tivessem parte do reino, enviou secretamente uma mensagem para seu irmão, o rei Clotário, a qual dizia: “Nossa mãe guarda com ela os filhos de nosso irmão e deseja dar-lhes o reino; é preciso que venhas prontamente a Paris e que, reunidos nós dois em conselho, determinemos o que devemos fazer deles, quer dizer, se ser-lhes-ão cortados os cabelos, como o resto do povo ou, tendo-lhes matado, nós dividiremos igualmente o reino de nosso irmão”. Bem exultante com essas palavras, Clotário vem a Paris. Childeberto já espalhara entre o povo que os dois reis estavam de acordo para elevar essas crianças ao trono. Então, eles enviaram à rainha, que morava na mesma cidade, uma mensagem e disseram-lhe: “Manda-nos as crianças que nós as elevaremos ao trono”. Ela, tomada de júbilo, e não sabendo do artifício deles, após ter dado de beber e comer às crianças, as enviou dizendo-lhes: “Eu acreditarei não ter perdido meu filho se eu vos vir suceder o seu reino”. As crianças partiram, mas logo foram presas e separadas de seus servidores e de suas amas; e foram aprisionados separadamente, de um lado, os servidores e, do outro, as crianças. Então, Childeberto e Clotário enviaram Arcádio, de quem já falamos, à rainha, portando tesouras e uma espada. Quando ele chegou perto da rainha, ele as mostrou dizendo: “Teus filhos, nossos senhores, ó mui gloriosa rainha, esperam que tu os faças saber tua vontade sobre a maneira pela qual deverão ser tratadas essas crianças: ordena que vivam com os cabelos cortados ou que sejam degoladas”. Conternada com essa mensagem e, ao mesmo tempo, tomada de uma grande cólera vendo essa espada nua e essas tesouras, ela se deixou transportar por sua indignação e, não sabendo, em sua dor, o que dizia, ela respondeu imprudentemente: “Se não forem alçados ao trono, prefiro vê-los mortos a tonsurados”. Mas Arcádio, pouco se inquietando com sua dor, e não procurando adentrar no que ela realmente pensaria em seguida, retorna diligentemente para perto daqueles que o haviam enviado e lhes diz: “Vós podeis continuar, com a aprovação da rainha, o que começastes, pois ela deseja que termineis vosso projeto”. Imediatamente, Clotário, pegando o



primogênito das crianças pelo braço, o lança à terra e, enfiando-lhe sua faca na axila, o matou cruelmente. Ante seus gritos, seu irmão se prostra aos pés de Childeberto e, abraçando-lhe os joelhos, dizia-lhe com lágrimas: “Socorre-me, meu bom pai, para que eu não morra como meu irmão”. Então, Childeberto, a face coberta de lágrimas, diz a Clotário: “Eu te rogo, meu mui querido irmão, tenha a generosidade de me conceder sua vida e, se tu não quiseses matá-lo, eu te darei, para comprá-lo, o que quiseses”. Mas Clotário, após ter-lhe coberto de injúrias, diz: “Empurra-o para longe de ti ou tu certamente morrerás no lugar dele; foste tu quem me incitaste a essa coisa e tu estás tão pronto a retomar tua boa-fé!” Childeberto, ante essas palavras, empurrou o menino e o lançou a Clotário que, recebendo-o, enfiou-lhe a faca nas costelas e o matou como o fizera com seu irmão. Eles mataram, na sequência, os servidores e as amas e, após terem sido mortos, Clotário, montando seu cavalo, se foi pelos arrabaldes, sem se perturbar minimamente com a morte de seus sobrinhos. A rainha, tendo mandado colocar esses corpinhos sobre uma liteira, os conduziu, com muitos cantos piedosos e um luto imenso, à igreja de São Pedro, onde são enterrados, todos os dois, da mesma maneira. Um tinha dez anos e o outro sete[443].”.

Teuderico, que não tomara parte na expedição da Borgonha, traz os seus a Auvérnia. “Eu vos conduzirei”, ele dissera a seus soldados, “em um país onde encontrareis tanto ouro e prata quanto podeis desejar, onde tomareis em abundância tropas de animais, escravos e roupas[444]”. Em efeito, essa província era a única que havia, até então, escapado à devastação geral do Ocidente. Tributária dos Godos, depois dos Francos, ela se governava por si só. Os antigos chefes das tribos Arvernas, os Apolinários, que valentemente defenderam essa região contra os Godos, sentiram, ante a aproximação dos Francos, que perderiam na troca e, então, combateram pelos Godos em Vouglé[445]. Mas lá, como em outros lugares, o clero estava geralmente a favor dos Francos. São Quinciano, bispo de Clermont e inimigo pessoal dos Apolinários, parece ter rendido o castelo; os Francos mataram, ao pé mesmo do altar, um padre contra quem o bispo se queixava.

O mais bravo desses reis Francos foi Teudeberto, filho de Teuderico, chefe dos Francos do Leste, de quem se recrutavam incessantemente todos os *Wargi* das tribos germânicas. Era a época onde os Gregos e os Godos se disputavam a Itália. Toda a política dos Bizantinos era de opor aos Godos, aos bárbaros romanizados, os bárbaros que permaneceram sempre bárbaros; é com os Mouros, com os Eslavos e com os Hunos, que Belisário e Narses obtiveram suas vitórias. Os Gregos e os Godos esperaram igualmente poder se servir dos Francos como auxiliares. Eles ignoravam que tipo de homens eles chamavam. Quando da descida de Teudeberto na Itália, os Godos vão ao seu encontro como amigos e aliados; ele se arremessa contra eles e os massacra. Os Gregos, então, acreditam que Teudeberto estava por eles, mas são igualmente massacrados[446]. Os Bárbaros transformaram as mais belas aldeias da Lombardia em um monte de cinzas, destruíram toda provisão e se viram, eles mesmos, famintos no deserto que haviam criado, languescendo sob o sol do sul, nos campos inundados que circundam o Pó. Muitos aí pereceram. Os que retornaram, trouxeram tanto butim, que uma nova expedição partiu pouco depois, sob a condução de um Franco e de um Suevo; eles correram a Itália até a Sicília, desperdiçaram mais que ganharam, mas o clima fez justiça com esses bárbaros[447]. Teuderico também estava morto[448] na Gália ao momento onde meditava descer o vale do Danúbio e invadir o império do Oriente. Justiniano era, entretanto, seu aliado e lhe cedera todos os direitos do Império sobre a Gália do sul[449].

A morte de Teudeberto e a desastrosa expedição da Itália que logo se seguiu foram o termo do progresso dos Francos. A Itália, logo invadida pelos Lombardos, desde então se encontrou fechada às invasões daqueles. Do lado da Espanha, eles fracassaram sempre[450]. Os Saxões não tardaram a romper uma aliança sem lucro e recusaram o tributo de quinhentas vacas que eles, antes, bem quiseram pagar[451]. Clotário, que o exigia, foi derrotado por eles.

Assim, as mais poderosas tribos germânicas escaparam à aliança com os Francos. É daí que começa essa oposição dos Francos e dos Saxões que deveria sempre crescer e constituir, durante tantos séculos, a grande luta dos Bárbaros. Os Saxões, aos quais os Francos fecham a terra do lado do ocidente, enquanto, no oriente, são empurrados pelos Eslavos, vão se virar para o oceano, na direção do norte; associando-se, de pouco em pouco, aos homens do norte, eles correrão as costas da França[452] e fortificarão suas colônias da Inglaterra.

Era natural que os verdadeiros Germanos se tornassem hostis a um povo entregue à influência romana, eclesiástica. É à Igreja que Clóvis devia em grande parte suas rápidas conquistas. Seus sucessores cedo se entregaram aos conselhos dos Romanos, dos vencidos[453]. E devia ser mesmo assim; sem contar que eles eram bem mais flexíveis, bem mais adúladores, apenas eles eram capazes de inspirar aos seus senhores algumas ideias de ordem e de administração, de substituir, pouco a pouco, um governo regular aos caprichos da força e de erigir a realza bárbara sobre o modelo da monarquia imperial. Vemos, já sob Teudeberto, neto de Clóvis, o ministro romano Partênio (Parthenius), que deseja impor tributos aos Francos e que é por estes massacrado após a morte daquele rei[454].

Um outro neto de Clóvis, Cramne, filho de Clotário, tinha por confidente o poitevino Léon[455]; por inimigo, o bispo de Clermont, Cantin, criatura dos Francos; por amigo, os Bretões, entre os quais ele se recolhe, uma vez que, tendo fracassado numa tentativa de revolta, ele foi perseguido por seu pai. O infeliz se refugiou com toda a sua família em uma cabana, onde seu pai o queimou.

Clotário, rei único da Gália (558-561) pela morte de seus três irmãos, deixava, morrendo, quatro filhos. Sigeberto teve



os acampamentos do leste ou, como falam os cronistas, o reino da Ostrásia e ele residia em Metz: próximo, assim, das tribos germânicas, das quais várias permaneciam aliadas dos Francos, parecia que ele deveria, cedo ou tarde, prevalecer sobre seus irmãos. Chilperico teve a Nêustria e foi chamado rei de Soissons. Gontran teve a Borgonha e sua capital foi Châlons-sur-Saône. Para o bizarro reino de Cariberto, que reunia Paris e a Aquitânia, a morte deste rei repartiu seus estados entre os seus irmãos. A influência romana foi mais forte ainda sob esses príncipes. Nós os vemos geralmente entregues a ministros gauleses, godos ou romanos. Essas três palavras são, então, quase sinônimas. Nas trocas com os bárbaros, os vencidos pegaram alguma coisa da energia dos primeiros. “O rei Gontran”, diz Gregório de Tours, “honrou com o patriciado Celsus, homem de altura elevada, forte de ombros, robusto de braços, cheio de ênfase em suas palavras e, a propósito de suas réplicas, por ter bem exercido a leitura do direito; ele se tornou tão ávido que espoliou frequentemente as igrejas etc[456]”. Sigeberto escolheu um Arverno para ser seu enviado a Constantinopla. Encontramos entre seus servidores um Andarchius, “perfeitamente instruído nas obras de Virgílio, no Código de Teodósio e na arte dos cálculos[457]”.

Daí em diante, é a esses Romanos que se deve atribuir em grande parte o que se fez de bem e mal sob os reis dos Francos. É a eles que se deve relacionar a fiscalidade renascente[458]; nós os vemos figurar, mesmo, na guerra e, frequentemente, com brilho. Assim, enquanto o rei da Ostrásia é derrotado pelos Avaros e se deixa aprisionar por eles, o romano Mummole, general do rei da Borgonha, bate os Saxões e os Lombardos, os força a comprar seu retorno da Itália para a Alemanha e a pagar tudo o que eles tomaram sobre a estrada[459].

A origem desses ministros gauleses dos reis Francos era, com frequência, muito baixa. Nada a demonstra melhor que a história do servo Leudaste que se tornou Conde de Tours. “Leudaste nasceu na ilha de Rhé, no Poitou, de um chamado Leocádio, servidor encarregado das vinhas do fisco. Ele veio para o serviço real e foi colocado nas cozinhas da rainha mas, como ele tinha, na sua juventude, os olhos remelentos, e que a acridez da fumaça lhes fizesse mal, ele passou do pilão para a masseira. Ainda que lhe parecesse agradável o trabalho da pasta fermentada, ele fugiu e abandonou o serviço. Ele foi reconduzido duas ou três vezes e, não se conseguindo impedi-lo de fugir, foi condenado a ter uma orelha decepada; então, como não lhe era possível enconder o sinal de infâmia com o qual fora marcado seu corpo, ele se subtraiu à casa da rainha Marcovêfe, que o rei Cariberto, tomado de um grande amor por ela, chamara a seu leito no lugar de sua (dela) irmã. Ela recebeu Leudaste de bom grado e o alçou às funções de guardião de seus melhores cavalos. Atormentado pela vaidade e abandonado ao orgulho, ele brigou pela função de conde das cavaliarias e, tendo-a obtido, ele desprezou e desdenhou todo mundo, inchou-se de vaidade, largou-se à dissolução, abandonou-se à cupidez e, favorito de sua amante, intrometeu-se, aqui e ali, em seus negócios. Após a morte dela, abarrotado de butins, ele conseguiu do rei Cariberto, por seus presentes, ocupar perto deste as mesmas funções; em seguida, como punição dos pecados acumulados pelo povo, ele foi nomeado Conde de Tours. Aí, ele orgulhou-se de sua dignidade com uma soberba ainda mais insolente, mostrou-se cúvido com a pilhagem, arrogante nas disputas, encharcado de adultério e, por sua atividade de semear a discórdia e levantar acusações caluniosas, ele acumulou tesouros consideráveis”. “Esse intrigador, que não conhecemos, é verdade, senão pelas narrativas de Gregório de Tours, seu inimigo pessoal, tentou, ele diz, fazer com que ele se perdesse acusando-o de ter falado mal da rainha Fredegunda. Mas o povo se reuniu em multidão e o rei se contentou com o juramento do bispo que disse a missa sobre três altares. Os bispos reunidos até ameaçavam o rei de privá-lo da comunhão[460]. Leudaste foi morto algum tempo depois pela gente de Fredegunda.

Os grandes nomes, os nomes populares dessa época, aqueles que permaneceram na memória dos homens, são os das rainhas e não dos reis: aqueles de Fredegunda e de Brunilda. A segunda, filha do rei dos Godos da Espanha, espírito imbuído da cultura romana, mulher plena de graça e de insinuação, foi chamada, por seu casamento com Sigeberto, à selvagem Ostrásia, nesta Germânia gaulesa, teatro de uma invasão eterna. Fredegunda, ao contrário, gênio todo bárbaro, tomou posse do espírito do pobre rei da Nêustria, rei gramático e teólogo, que deve aos crimes de sua mulher[461] o apelido de Nero da França. Ela o obrigou, de início, a estrangular sua mulher legítima, Galswinta, irmã de Brunilda, depois seus enteados e, enfim, seu cunhado Sigeberto. Essa mulher terrível, cercada de homens devotados que ela fascinava com seu temperamento mortífero e a quem ela turvava a razão com beberagens embriagantes[462], batia, através deles, seus inimigos. Os devotados antigos da Aquitânia e da Germânia, os sectários dos Assassinos[463] que, sob um sinal de seu chefe, saíam a matar e a morrer às cegas, podem ser encontrados nos servidores de Fredegunda. Ela própria, bela e homicida, completamente cercada de superstições pagãs[464], aparece-nos como uma Valquíria escandinava. Ela remediou com a audácia e com o crime a fraqueza da Nêustria, fez a seus poderosos rivais uma guerra de artilharia e de assassinatos e, talvez, tenha salvo o ocidente da Gália de uma nova invasão dos Bárbaros[465].

O marido de Brunilda, Sigeberto, rei da Ostrásia, chamara, de fato, os Germanos[466]. Chilperico não pôde arcar contra esses bandos. Eles se espalharam até Paris, incendiando cada vilarejo, levando cada homem em cativeiro. Sigeberto, ele mesmo não sabia como conter seus terríveis auxiliares que não lhe deixariam sobre o quê e quem reinar[467]. Ele conseguiu, entretanto, cercar Chilperico em Tournai e, já se vendo como rei da Nêustria, fazia-se erguer sobre o pavês[468], quando dois homens de Fredegunda, armados de facas envenenadas, saem da multidão e o apunham[469] (575). Seus

ministros godos[470] foram massacrados pelo povo no mesmo instante. Brunilda, de vitoriosa, de toda-poderosa que ela era, tornou-se cativa de Chilperico e de Fredegunda, que lhe deixaram, entretanto, viver[471]. Ela encontrou, em seguida, o meio de escapar, graças ao amor que inspirara em Meroveu, filho de Chilperico. O infeliz foi cegado por sua paixão ao ponto de esposar Brunilda: era como esposar a própria morte. Seu pai o mandou matar. O bispo de Rouen, Pretextato, homem imprudente e leviano, que tivera a audácia de casá-los, foi de início protegido pelos escrúpulos de Chilperico; mais tarde, porém, Fredegunda se livrou dele.

Brunilda entrou na Ostrásia, onde seu filho Childeberto II, ainda criança, reinava nominalmente. Mas os nobres não quiseram mais obedecer à influência gótica e romana. Eles estavam, mesmo, a ponto de matar o romano Lupus, duque de Champagne, o único dentre eles que era devotado a Brunilda. Ela se lançou no meio dos batalhões armados, dando-lhe, assim, tempo de escapar[472]. Os grandes da Ostrásia, sentindo sua superioridade sobre a Gália romana da Borgonha, onde reinava Gontran, quiseram descer com suas tropas bárbaras para o sul e prometiam parte a Chilperico. Vários dos grandes da Borgonha os chamavam. Chilperico deu-lhes a mão, mas suas tropas foram derrotadas pelo valente patrício Mommulus, cujos sucessos sobre os Saxões e Lombardos já haviam protegido o reino de Gontran. De outra parte, os homens livres da Ostrásia, rebelados contra os nobres, talvez por instigação de Brunilda, os acusavam de trair o jovem rei. De fato, parece que, nesta época, os grandes da Ostrásia e da Borgonha entenderam-se secretamente para se desembaraçarem dos reis Merovíngios.

Na Nêustria, ao contrário, o poder real parece se fortificar. Menos belicosa que o reino da Ostrásia, menos rica que o da Borgonha, a Nêustria só podia subsistir enquanto os vencidos se posicionassem ao lado dos vencedores. Assim, vemos Chilperico empregar milícias gaulesas contra os Bretões[473]: desde a queda do Império, essa foi a primeira vez que se confiou armas aos vencidos. Parecia, mesmo, que malgrado sua natural ferocidade, Chilperico tentava conciliá-los de uma maneira ainda mais direta. Numa guerra contra Gontran, ele matou um dos seus que não parava a pilhagem[474]. Ao mesmo tempo, ele construía circos em Soissons e em Paris[475] e dava espetáculos, a exemplo daqueles dos Romanos. Ele próprio fazia versos em língua latina[476], sobretudo hinos e preces. Ele tentou, como os Imperadores Zenão e Anastácio, impor aos bispos um CREDO de seu jeito, onde se nomearia Deus sem fazer distinção das três pessoas. O primeiro bispo a quem ele mostrou esse texto, o rejeitou com desprezo e, se estivesse mais próximo do príncipe, o teria rasgado[477]. A paciência deste último bem indica como ele lidava com a igreja[478].

Essas grosseiras tentativas de ressurreição do governo imperial empreenderam a renovação da fiscalidade que arruinara o Império. Chilperico ordenou a confecção de uma espécie de cadastro[479], exigindo, diz Gregório de Tours, uma ânfora de vinho por meio-arpente. Essas exações, talvez inevitáveis na luta terrível que a Nêustria sustentava contra a Ostrásia secundada pelos Bárbaros, nem por isso pareceram menos intoleráveis após uma tão longa interrupção. É sem dúvida por esse causa, tanto quanto pelos assassinatos dos quais Gregório de Tours nos transmitiu os horríveis detalhes, que os nomes de Chilperico e de Fredegunda permaneceram execráveis na memória do povo. Eles próprios acreditaram, quando uma epidemia levou os seus filhos, que as maldições dos pobres haviam lançado a cólera do céu sobre eles.

“Nesses dias, o rei Chilperico caiu gravemente enfermo e, quando ele começava a entrar em convalescença, o mais jovem de seus filhos, que ainda não havia sido regenerado nem pela água, nem pelo Espírito Santo, caiu doente, por sua vez. Estando na extremidade, ele foi lavado nas águas do batismo. Pouco tempo após, ele se encontrou um pouco melhor; mas seu irmão mais velho, chamado Clodeberto, foi tomado pela doença. Sua mãe Fredegunda, vendo-lhe em perigo de morte, foi tomada pela contrição e diz ao rei: 'Eis que durante muito tempo a misericórdia divina suporta nossas más ações; ela, com frequência, nos bateu com febres e outros males e nós não nos emendamos, pois vê que já perdemos filhos; as lágrimas dos pobres[480], os gemidos das viúvas, os suspiros dos órfãos vão causar a morte desses aqui e não nos resta mais a esperança de enriquecermos para ninguém; nós acumulamos e não sabemos para quem. Nossos tesouros serão despojados por possuidores cheios de rapina e de maldição. Nossos silos não transbordam de vinho? Os grãos de trigo não enchem nossos celeiros? Nossos tesouros, não estão eles repletos de ouro, de prata, de pedras preciosas, de colares e outros ornamentos imperiais? E eis que perdemos o que tínhamos de mais belo. Agora, se tu o consentes, vem e queimemos esses injustos registros; que nos baste, para nosso fisco, o que bastava a teu pai, o rei Clotário”.

Após dizer essas palavras, batendo-se no peito com os punhos, a rainha recebeu os registros que Marc lhe trouxera das cidades que lhe pertenciam. Jogando-os ao fogo, ela se virou para o rei e disse: 'O que te prende? Faz o que me vês fazer a fim de que, se perdermos nossos filhos, escapemos, ao menos, às penas eternas'. O rei, tomado de arrependimento, jogou ao fogo todos os registros de imposto e, tendo-os queimado, ordena a proibição de, no futuro, se fazerem outros semelhantes. Após isso, o mais jovem de seus pequenos filhos morreu sobrecarregado de uma grande fraqueza. Eles o levaram com muita dor de sua casa de Braine até Paris e o fizeram enterrar na basílica de Saint-Denis. Ajeitou-se Clodoberto sobre uma plataforma e ele foi conduzido à Soissons, à basílica de Saint-Médard. Eles o apresentaram ao túmulo do santo e fizeram um voto por ele; mas, já esgotado e sem fôlego, Clodoberto entregou o espírito no meio da noite. Eles o sepultaram na basílica de Saint-Crépin e Saint-Crépinien[481], mártires. Houve um grande lamento de todo o povo: os homens apresentaram seus obséquios em luto e as mulheres cobertas de vestimentas lúgubres, como elas tem costume de vestir nos funerais de seus maridos. O rei Chilperico, em seguida, fez grandes doações às igrejas e aos pobres[482].”.

“... Após o sínodo do qual falei, eu já havia dito adeus ao rei e me preparava para retornar à minha casa mas, não querendo partir sem ter dito adeus a Salvius e abraçá-lo, fui procurá-lo e o encontrei no pátio da casa do Braine; eu lhe disse que estava voltando para minha casa e nós, tendo-nos distanciado um pouco para conversar, ele me diz: 'Não vês acima desse teto o que eu ali percebo? - Eu ali vejo', respondo-lhe, 'uma pequena construção

que o rei recentemente fez erguer', e ele diz: 'Não vêes ali outra coisa? - Nada', respondo-lhe. Supondo que ele assim falava por brincadeira, eu acrescentei: 'Se vêes alguma coisa a mais, diga-me'. E ele, soltando um profundo suspiro, me diz: 'Eu vejo o gládio da cólera divina lançado e suspenso sobre esta casa'. E, verdadeiramente, as palavras do bispo não foram mentirosas pois, vinte dias depois, morreram, como o dissemos, os dois filhos do rei[483]”.

O próprio Chilperico logo pereceu, assassinado, segundo uns, por um amante de Fredegunda, segundo outros, pelos emissários de Brunilda que quisera vingar seus dois maridos, Sigeberto e Meroveu (ano 584). A viúva de Chilperico, seu filho criança e a igreja, todos os inimigos da Ostrásia e dos bárbaros, se viraram para o rei da Borgonha, para o *bom* Gontran. Este era, de fato, o melhor de todos esses Merovíngios. A não ser duas ou três mortes, nada mais era-lhe reprovado. Entregue às mulheres, ao prazer, ele parecia suavizado pelo comércio com os Romanos do sul e com a gente da Igreja: ele tinha muita deferência para estes últimos; “ele era”, diz Fredegário, “como um padre entre os padres[484]”.

Gontran declarou-se o protetor de Fredegunda e de seu filho Clotário II[485]. Fredegunda jura-o e o fez jurar, por doze guerreiros francos, que Clotário era o filho de Chilperico. Esse bom homem parece encarregado da parte cômica no drama terrível da história merovíngia. Fredegunda brincava com sua simploriedade[486]. A morte de todos os seus irmãos parece ter atingido vivazmente sua imaginação. Ele fez juramento de perseguir o assassino de Chilperico até a nona geração, “para fazer cessar esse péssimo costume de se matar os reis”. Ele próprio se acreditava em perigo. “Ocorreu que, num certo domingo, após o diácono conseguir silenciar o povo para que se ouvisse a missa, o rei, tendo se virado para o povo, diz: 'Eu vos conjuro, homens e mulheres que sois aqui presentes, guardai-me uma fidelidade inviolável e não me mateis como vós ultimamente matastes meus irmãos; que eu possa, ao menos durante três anos, criar meus sobrinhos que fiz meus filhos adotivos; de medo que tal não aconteça, o que queira Deus eterno evitar, que após a minha morte vós não mateis essas pequenas crianças, visto que não restaria, de nossa família, nenhum homem forte para defender-vos[487].”

Todo o povo dirigiu preces ao Senhor para que Lhe agradasse conservar Gontran. Apenas ele, em realidade, podia proteger a Borgonha e a Nêustria contra a Ostrásia, a Gália contra a Germânia, a igreja e a civilização contra os Bárbaros. O bispo de Tours se declarou altamente por Gontran: “Fizemos dizer (é o próprio Gregório quem fala) ao bispo e aos cidadãos de Poitiers que Gontran era, agora, pai de dois filhos de Sigeberto e de Chilperico e que ele possuía todo o reino como, outrora, seu pai Clotário.[488]”

Poitiers, rival de Tours, não seguiu minimamente a impulsão desta, achando melhor reconhecer o rei da Ostrásia que estava muito distante para sobrecarregá-la. Já os homens do sul, Aquitânios e Provençais, acreditaram que, no enfraquecimento da família merovíngia, eles poderiam se fazer um rei que dependeria deles. Eles chamaram de Constantinopla um Gondolvaldo que se dizia saído do sangue de reis Francos. A história dessa tentativa, dada ao longo por Gregório de Tours, permite conhecer admiravelmente os grandes do sul da Gália, os Mummole, os Gontran-Boson, pessoas equívocas e dúplices de origem e de política, metade romanas, metade bárbaras, e suas ligações com os inimigos da Borgonha e da Nêustria, com os Gregos bizantinos e os Alemães da Ostrásia.

“Gondolvaldo, que se dizia filho do rei Clotário, chegara em Marselha vindo de Constantinopla. É necessário aqui expor, em poucas palavras, qual era sua origem. Nascido nas Gálias, ele fora educado com cuidado, instruído nas letras e, segundo o costume dos reis desse país, usava as pontas de seus cabelos esvoaçantes sobre os ombros; ele foi apresentado ao rei Childeberto por sua mãe, que disse: “Eis teu sobrinho, o filho do rei Clotário como seu pai o odeia, toma-o contigo, pois ele é da tua carne.” Childeberto, que não tinha filhos, o tomou e o guardou consigo. Essa notícia, tendo sido anunciada ao rei Clotário, ele enviou mensageiros a seu irmão para dizer-lhe: “Envia-me esse jovem para que ele venha a mim”. Clotário, tendo-lhe visto, ordenou que se lhe cortassem a cabeleira, dizendo: “Ele não nasceu de mim”. Após a morte de Clotário, o rei Cariberto o recebeu, mas Sigeberto, tendo-lhe feito vir, cortou de novo sua cabeleira e o enviou à aldeia de Agripina, agora conhecida como Colônia. Seus cabelos tendo crescido, ele escapou desse lugar e foi para perto de Narses que, à época, governava a Itália. Lá, ele tomou uma mulher, gerou filhos e partiu para Constantinopla, onde, segundo se relata, ele foi, muito tempo depois, convidado por alguém a retornar às Gálias e, desembarcando em Marselha, foi recebido pelo bispo Teodoro que lhe deu cavalos para que fosse encontrar o duque Mummole. Mummole ocupava, naquele tempo, como já dissemos, a cidade de Avignon. Mas, por causa disso, o duque Gontran-Boson deteve o bispo Teodoro e o guardou, acusando-o de ter introduzido um estrangeiro nas Gálias e de querer, por esse meio, submeter o reino dos Francos à dominação do Imperador. Diz-se que Teodoro produziu uma carta assinada pelas mãos dos nobres do rei Childeberto e ele diz: “Eu nada fiz por mim mesmo, mas somente o que nos foi comandado por nossos mestres e senhores”.... Gondolvaldo se refugiou numa ilha do mar para aí aguardar os acontecimentos. O duque Gontran-Boson partilhou os tesouros de Gondolvaldo com um dos duques do rei Gontran e levou consigo para a Auvérnia, segundo se diz, uma imensa quantidade de ouro, de prata e de outras coisas.”

Antes de se decidir a favor ou contra o pretendente, o rei da Ostrásia fez demandar a seu tio Gontran a restituição das aldeias que faziam parte do patrimônio de Sigeberto. “O rei Childeberto enviou ao rei Gontran o bispo Egídio, Gontran-Boson, Sigevaldo e vários outros. Quando entraram, o bispo diz: “Rendemos graças a Deus todo-poderoso, ó rei mui piedoso, que após muitas fadigas Ele te pôs na posse de países que dependem de teu reino”. O rei responde-lhe: “Deve-se render dignas ações de graça ao Rei dos reis, ao Senhor dos senhores, cuja misericórdia dignou-se cumprir essas coisas, pois nenhuma se deve a ti que, por teus pérfidos conselhos e teus perjúrios, fizeste incendiar, no ano passado, todos meus estados;

tu, que nunca mantiveste tua palavra a nenhum homem, tu, cuja astúcia é famosa em qualquer lugar, e que te conduz, em todo lugar, não como bispo, mas como inimigo de nosso reino!”. Ante essas palavras, o bispo, arrebatado de cólera, se calou. Um dos deputados disse: “Teu sobrinho Childebarto te suplica render-lhe as cidades que o pai tinha em posse”. Gontran respondeu a este: “Eu já vos disse que nossos tratados me conferem essas cidades e é por isso que eu não desejo entregá-las”. Um outro deputado disse: “Teu sobrinho te roga entregar-lhe essa feiticeira da Fredegunda, que fez perecer muitos reis, para que ele vingue sobre ela a morte de seu pai, de seu tio e de seus primos”. O rei respondeu: “Ela não poderá ser entregue em vosso poder porque ela tem um filho que é rei; mas tudo o que dizeis contra ela, eu não acredito ser verdade”. Em seguida, Gontran-Boson se aproximou do rei para lembrar-lhe alguma coisa e, como o burburinho se espalhara que Gondoaldo vinha de ser proclamado rei, Gontran, prevenindo suas palavras, disse-lhe: “Inimigo de nosso país e de nosso trono que precedentemente foi de propósito ao Oriente para colocar sobre um trono um Ballomer (o rei assim chamava Gondoaldo[489]), homem sempre pérfido, tu nada manténs do que prometes”. Boson respondeu: “Tu, senhor e rei, tu estás sentado sobre o trono real e ninguém ousou responder ao que dizes; eu sustento que sou inocente desse negócio. Se há alguém que me seja igual e que me impute secretamente esse crime, que ele venha publicamente e que fale. Quanto a ti, mui piedoso rei, envia tudo ao julgamento de Deus e que Ele decida quando nos tiver visto combater em campo fechado”. A essas palavras, como todo mundo guardasse o silêncio, o rei disse: “Essa questão deve animar todos os guerreiros a repelirem de nossas fronteiras um estrangeiro cujo pai girou a mó e, para dizer a verdade, seu pai manejou o cardo e tingiu a lã”. E, ainda que fosse possível que um homem tivesse, ao mesmo tempo, esses dois ofícios, um dos deputados respondeu a essa reprovação do rei: “Tu pretendes então que esse homem teve dois pais, um cardador e um moleiro. Cessa, ó rei, de falar tão mal, pois não se pode ousar dizer que um só homem, salvo em matéria espiritual, possa ter dois pais”. Como essas palavras excitaram a hilariedade de várias pessoas, um outro deputado disse: “Nós te dizemos adeus, ó rei! Como tu não desejas render as cidades do teu sobrinho, sabemos que o machado que cortou a cabeça de teus irmãos está pronto e ele logo te fará saltar o cérebro”; e eles se retiraram assim, com escândalo. A essas palavras, o rei, inflamado de cólera, ordenou que fossem-lhes jogados sobre a cabeça estrume de cavalo, ervas podres, palha, feno podre e lama fedorenta da cidade. Cobertos de imundície, os deputados se retiraram, não sem sofrerem uma boa quantidade de injúrias e ultrajes”.

Essa resposta de Gontran uniu os Ostrasianos aos Aquitânios em favor de Gondoaldo. Os grandes do sul o acolheram[490] e, sob a conduta dos mesmos, ele fez rápidos progressos. Logo, ele se viu senhor de Toulouse, de Bordeaux, do Périgueux, de Angoulême. Ele recebeu, em nome do rei da Ostrásia, o juramento das cidades que tinham pertencido a Sigeberto. O perigo tornava-se grande para o velho rei da Borgonha. Ele sabia que Brunilda, Childebarto e os grandes da Ostrásia favoreciam Gondoaldo, que a própria Fredegunda estava tentada a tratar com ele, que o bispo de Reims estava secretamente a seu partido; todos aqueles do sul o estavam abertamente. A defecção do partido romano eclesiástico, do qual ele se sentia seguro, obrigou Gontran a se reaproximar dos Ostrasianos; ele adotou seu sobrinho Childebarto e o nomeou seu herdeiro, entregou-lhe tudo o que ele reclamava e prometeu a Brunilda deixar-lhe cinco das principais cidades da Aquitânia que sua irmã trouxera em dote, como antiga possessão dos Godos.

A reconciliação dos reis da Borgonha e da Ostrásia desencorajou o partido de Gondoaldo. Os Aquitânios mostraram tanta pressa em abandoná-lo quanto tiveram em acolhê-lo. Ele foi obrigado a se confinar na cidade de Comminges juntamente com os grandes que mais haviam se comprometido consigo. Estes últimos espreitavam o momento de entregar o infeliz e de fazer a paz às suas expensas. Um deles não aguardou sequer a ocasião e fugiu com os tesouros de Gondoaldo.

“Um bom número subia a colina e falava frequentemente com Gondoaldo, prodigalizando-lhe as injúrias e dizendo-lhe: 'És tu o pintor que, ao tempo do rei Clotário, enlambuzava, nos oratórios, as paredes e as abóbadas? És tu aquele que os habitantes das Gálias tinham o hábito de chamar pelo nome de Ballomer? És tu aquele que, por conta de suas pretensões, foi tão frequentemente tonsurado e exilado pelos reis dos Francos? diga-nos ao menos, ó mais miserável dos homens, quem te conduziu a esses lugares? quem te deu a extraordinária audácia de se aproximar das fronteiras de nossos senhores e reis? Se alguém te convocou, diga-o em voz alta. Eis a morte presente à vista dos teus olhos, eis a fossa que, durante muito tempo, tu procuraste e dentro da qual tu vens de te precipitar. Nomeia-nos teus satélites, declara-nos aqueles que te chamaram'. Gondoaldo, escutando essas palavras, se aproximava e dizia do alto da porta: 'Que meu pai Clotário me tivesse aversão, ninguém o ignora; que eu tenha sido tonsurado por ele e, em seguida, por meus irmãos, todos os sabem. Foi esse motivo que fez com que eu me retirasse na Itália, perto do prefeito Narses; lá, eu tomei mulher e gerei dois filhos. Minha mulher morta, eu fui com meus filhos para Constantinopla: eu aí vivi acolhido pelos Imperadores com muita bondade. Há alguns anos, Gontran-Boson, tendo ido a Constantinopla, eu me informei com rapidez das questões dos meus irmãos e soube que nossa família se encontrava fortemente diminuída e que não restavam senão Childebarto, filho de meu irmão, e Gontran, meu irmão; que os filhos do rei Chilperico foram mortos com ele e que ele deixara uma criancinha; que meu irmão Gontran não tinha filhos e que meu sobrinho Childebarto não era muito corajoso. Então, Gontran-Boson, após ter-me exposto exatamente essas coisas, convidou-me dizendo: *Vem, pois tu és convocado por todos os principais do reino de Childebarto e ninguém ousa dizer uma palavra contra ti, já que todos nós sabemos que és o filho de Clotário; e não restou ninguém nas Gálias para governar esse reino, a menos que tu venhas*. Tendo feito grandes presentes a Gontran-Boson, eu recebi seu juramento em doze lugares santos a fim de vir, em seguida, com segurança, a esse reino. Eu fui a Marselha, onde o bispo me recebeu com extrema bondade pois ele possuía as cartas dos principais do reino de meu sobrinho; de lá, eu avancei na direção de Avignon para perto do patrício Mummole. Mas Gontran-Boson, violando seu juramento e sua promessa, arrebatou meus tesouros e os reteve em seu poder. Reconhecei, então, que eu sou rei como meu irmão Gontran; entretanto, se vossos espíritos estão inflamados por um ódio tão grande, que eu seja, ao menos, conduzido a vosso rei e, se ele não me reconhecer como seu irmão, que ele faça o que quiser. Se não desejais sequer isso, que me seja permitido retornar para de onde vim. Ir-me-ei sem



fazer qualquer mal a ninguém. Para que saibais que é verdade o que digo, interrogai Radegunda em Poitiers[491] e Ingiltruda em Tours: elas vos afirmarão a verdade das minhas palavras”. Enquanto ele falava assim, muitos acolhiam seu discurso com injúrias e ultrajes...

Mummole, o bispo Sagitário e Waddon, tendo-se apresentado a Gondoaldo, disseram-lhe: 'Tu sabes quais juramentos de fidelidade nós te prestamos. Escuta, presentemente, um conselho salutar, distancia-te dessa cidade e apresenta-te a teu irmão como tu o pediste. Nós já falamos com esses homens e eles disseram que o rei não queria perder teu apoio, pois restaram poucos homens da tua raça.' Mas Gondoaldo, compreendendo o artifício deles e, banhado em lágrimas, disse-lhes: 'Foi sobre o vosso convite que vim às Gálias. Dos meus tesouros, que compreendiam somas imensas de ouro e de prata e de diferentes objetos, uma parte está em Avignon, uma parte foi pilhada por Gontran-Boson. Quanto a mim, depositando, com a ajuda de Deus, toda minha esperança em vós, confiei-me a vossos conselhos e sempre desejei reinar por vós. Agora, se vós me enganastes, por isso responderei a Deus e que Ele próprio julgue a minha causa'. Ante essas palavras, Mummole respondeu: 'Não te dizemos nada de mentiroso, mais eis corajosos guerreiros que te aguardam à porta. Desfaz agora meu talabarte de ouro, com o qual estás cingido, para não parecer andar com orgulho; pega tua espada e renda-a a mim'. Gondoaldo disse-lhe: 'O que vejo nessas palavras é que tu me espalias o que recebi e portei por amizade a ti'. Mas Mummole afirmava com juramento que não se lhe faria qualquer mal. Tendo, então, passado a porta, Gondoaldo foi recebido por Ollon, Conde de Bourges, e por Boson. Mummole, tendo entrado na cidade com seus satélites, fechou a porta mui solidamente. Vendo-se entregue a seus inimigos, Gondoaldo ergueu as mãos e os olhos para o céu e disse: 'Juiz eterno, verdadeiro vingador dos inocentes, Deus de quem toda justiça procede, a Quem a mentira desagrada, em Quem não reside qualquer ardil nem qualquer malvadeza, confio-Te minha causa rogando-Te vingar-me prontamente contra aqueles que entregaram um inocente às mãos de seus inimigos'. Após essas palavras, tendo feito o sinal da cruz, ele se foi com os homens acima denominados. Quando eles se distanciaram da porta, como o vale abaixo da cidade desce rapidamente, Ollon, tendo-o empurrado, fê-lo cair gritando: 'Eis vosso Ballomer que se diz irmão e filho de rei'. Tendo lançado sua azagaia, ele quis furá-lo, mas a arma, repelida pelos círculos da couraça, não lhe fez mal algum. Como Gondoaldo se erguesse e se esforçasse em subir para um lugar alto, Boson quebrou-lhe a cabeça com uma pedra: ele logo caiu e morreu. Toda a multidão acorreu e, tendo-lhe perfurado com suas lanças, eles ataram-lhe os pés com uma corda e o arrastaram em volta do campo. Arrancando-lhe os cabelos e a barba, eles o deixaram sem sepultura no lugar onde o haviam matado.”

Gontran, tranquilizado com a morte de Gondoaldo, pagaria aos bispos o apoio que estes lhe deram se, ele próprio, não tivesse sido precedido pela morte.

Esse evento, que abriu a Borgonha ao rei da Ostrásia, parecia, por conseguinte, entregar-lhe ainda a Nêustria. Ela resitiu entretanto: os Ostrasianos, tendo-a invadido, surpreenderam-se ao ver uma floresta móvel avançar contra si; era o exército neustriano que se cobrira de ramagens[492]; os Ostrasianos fugiram. Esse foi o último sucesso de Fredegunda e de Landerico, seu amante que, segundo se dizia, ela tinha se dado para substituir Chilperico. Ela morreu pouco tempo após. Childeberto estava morto antes dela. Toda a Gália se encontrou nas mãos de três crianças: os dois filhos de Childeberto, chamados Teudeberto II e Teuderico II, e Clotário II, filho de Chilperico. Este último era bem fraco contra os dois outros. Ele foi constrangido a ceder aos Burgúndios o que estava entre o Sena e o Loire e aos Ostrasianos as regiões entre o Sena, o Oise e a Ostrásia. Mas as dissensões dos vencedores logo deviam render-lhe mais do que perdera.

A velha Brunilda acreditara reinar sobre seu neto Teudeberto embriagando-lhe pelos prazeres. Ela foi muito bem sucedida: o príncipe imbecil foi logo governado por uma jovem escrava que tratou de expulsar Brunilda. Refugiada perto de Teuderico, na Borgonha, em um país entregue à influência romana, ela aí teve mais ascendência. Ela fez e desfez os prefeitos do palácio[493], matou Bertoaldo que lhe recebera bem, o substituiu por seu amante Protádio[494]; depois, o povo tendo posto em pedaços esse favorito, ela ainda teve o crédito de alçar ao poder um certo Cláudio. Esse governo foi de início sem glória. Os Ostrasianos e os Germanos seus aliados tomaram à Borgonha o Sundgau[495], o Thurgau[496], a Alsácia, a Champanhe e assolaram tudo o que se estende entre os lagos de Genebra e de Neufchâtel. O pavor dessas invasões parece ter reunido as populações do sul.

“No décimo-sétimo ano de seu reino, no mês de março”, diz Fredegário, “o rei Teuderico reúne um exército em Langres, de todas as províncias de seu reino, e o conduzindo por Andelot, após ter tomado o castelo de Nez, se encaminhou em direção à cidade de Toul. Lá, Teudeberto, tendo vindo a seu encontro com o exército dos Ostrasianos, eles se deram batalha na planície de Toul. Teuderico bateu Teudeberto e atropelou seu exército. Nesse combate, os Francos perderam uma multidão de homens valentes. Teudeberto, tendo virado as costas, atravessou o território de Metz, passou o Vosges, e chegou, sempre fugindo, a Colônia. Teuderico o seguia de perto com seu exército. Um homem santo e apostólico, Leonísio, bispo de Mainz, amando a valentia de Teuderico e odiando a tolice de Teudeberto, vem à frente deste último e disse-lhe: 'Finaliza o que começaste, pois tua vantagem exige que tu persigas e encontres a causa do mal. Uma fábula rústica conta que o lobo, estando um dia no topo de uma montanha, como seus filhos já começassem a caçar, ele os chamou a essa montanha e disse-lhes: tão longe quanto vossos olhos possam ver, de qualquer lado que vós os virais, vós não tendes quaisquer amigos, senão que alguns de vossa espécie. Finalizai, então, o que começastes[497].'

Teuderico, tendo cruzado as Ardenas, chegou a Tolbiac [498] com seu exército. Teudeberto, com os Saxões, os Turíngios e o resto das nações d'além-Reno que ele pudera reunir, marchou contra Teuderico e deu-lhe uma nova batalha em Tolbiac. Assegura-se que, nem os Francos, nem nenhuma outra nação de outrora, tinham ainda se entregue a um combate tão encarniçado... Entretanto, Teuderico venceu novamente Teudeberto, pois Deus marchava com ele e o exército de Teudeberto foi ceifado pela espada desde Tolbiac até Colônia. Em certos lugares, os mortos cobriam inteiramente a face da terra. No mesmo dia, Teuderico chegou em Colônia e aí encontrou todos os tesouros de Teudeberto. Ele enviou Bertário, seu camareiro[499], à perseguição de Teudeberto que fugia para além do Reno, acompanhado por poucas pessoas. Ele o capturou e, despojando-o dos trajes reais, o apresentou a Teuderico que lhe concedeu todos os despojos, toda sua equipagem real e seu cavalo; mas ele enviou Teudeberto, acorrentado, a Châlons”. A crônica de Santa Benigna relata que Brunilda, sua avó, de início, o fez ser ordenado padre e, após, o mandou matar. “De acordo com a ordem de Teuderico, um soldado segurou pelo pé um filho de Teudeberto, ainda criança, e o bateu contra a pedra até que seus miolos saíssem de sua cabeça quebrada[500].”



A Ostrásia e a Borgonha reunidas sob Teuderico ou, melhor, sob Brunilda, pareciam ameaçar a Nêustria de uma ruína certa. A morte de Teuderico e o advento de seus três filhos crianças não mudariam em nada essa situação se os inimigos de Clotário tivessem se unido. Mas a Ostrásia sentia-se envergonhada e irritada por sua recente derrota. Na Borgonha, mesmo, o partido romano e eclesiástico não era mais por Brunilda. Para estar certo desse partido, era necessário ter para si os eclesiásticos, ganhá-los a todo preço, e reinar com eles. Brunilda os colocou contra si ordenando o assassinato de São Desidério[501], bispo de Viena, que quisera trazer Teuderico de volta à sua mulher legítima e afastar dele as amantes com as quais sua avó o cercava. O irlandês São Columbano, o restaurador da vida monástica, esse missionário ousado que reformava tanto os reis como o povo, falou a Teuderico com a mesma liberdade e recusou-se a abençoar seus filhos: “São”, ele disse, “os filhos da incontinência e do crime”. Expulso de Luxeuil e da Ostrásia, ele se refugiou junto a Clotário II e pareceu legitimar a causa da Nêustria pela sua presença sagrada.

Tudo abandonou Brunilda. Os grandes da Ostrásia a odiavam como pertencente aos Godos, aos Romanos (essas duas palavras eram, então, quase sinônimas); os padres e o povo tinham-na em horror, a perseguidora dos santos[502]. Até aí inimiga da influência germânica, ela foi obrigada a se apoiar, contra Clotário, no auxílio dos Germanos, dos Bárbaros. Já o bispo de Metz, Arnulfo e seu irmão Pepino (Pipin), passaram a Clotário antes da batalha, os outros se fizeram bater e foram preguiçosamente perseguidos por Clotário. Eles ganharam de avanço. O prefeito Warnacário estipulara que ele conservaria esse cargo durante sua vida. A velha Brunilda, filha, irmã, mãe, avó de tantos reis, foi tratada com uma atroz barbárie: ela foi atada pelos cabelos, por um pé e por um braço, à cauda de um cavalo indomado que a fez em pedaços. A ela é atribuída a morte de dez reis; a ela se atribui, além desses crimes, a morte de Fredegunda. O maior, sem dúvida, aos olhos dos bárbaros, foi de ter restaurado, sob qualquer narrativa, a administração imperial. A fiscalidade, as formas jurídicas, a preeminência da astúcia sobre a força, eis o que tornava o mundo irreconciliável com a ideia do antigo Império que os reis godos tentaram reerguer. Brunilda, filha deles, seguira seus traços. Ela fundara inúmeras igrejas, monastérios; os monastérios eram, então, escolas. Ela favorecera as missões que o Papa enviava entre os Anglo-Saxões da Grã-Bretanha. O emprego desse dinheiro arrebatado ao povo por vários meios odiosos não foi sem glória e sem grandeza. Tal foi a impressão do longo reino de Brunilda que aquela do Império parece ter sido enfraquecida no norte das Gálias; o povo honrou a famosa rainha da Ostrásia com diversos monumentos romanos. Fragmentos de vias romanas que ainda aparecem na Bélgica e no norte da França são chamados “calçadas de Brunilda[503]”. Exibia-se, perto de Bourges, um castelo de Brunilda, uma torre de Brunilda em Étampes, a pedra de Brunilda próxima a Tournay, o forte de Brunilda próximo a Cahors.

A Nêustria resistiu sob Fredegunda; sob seu filho, ela venceu. Vitória nominal, se se deseja, que ela não devia senão ao ódio dos Ostrasianos contra Brunilda; vitória da fraqueza, vitória das velhas raças, dos Galo-Romanos e dos padres. No ano que se seguiu à vitória de Clotário (614), os bispos foram chamados à assemblém dos Leudos. Eles aí vieram de toda a Gália ao número de setenta e nove. É a entronização da Igreja. As duas aristocracias, laica e eclesiástica, tecem uma *constituição perpétua*. Vários artigos de uma notável liberalidade indicam a mão eclesiástica: proibição aos juízes de condenar, sem ouvi-lo, um homem livre ou, mesmo, um escravo – quem quer que viole a paz pública, deve ser punido de morte - os Leudos recebem os bens dos quais haviam sido despojados nas guerras civis - a eleição dos bispos é assegurada ao povo - os bispos são os únicos juízes dos eclesiásticos - os tributos criados a partir de Chilperico e seus irmãos são abolidos[504]. Os bispos, tornados grandes proprietários, deviam, mais que ninguém, lucrar com essa abolição. - Assim, começa com Clotário II essa dominação da Igreja que não faz que se consolidar sob os carolíngios e que não tem outro entreato que a tirania de Carlos Martelo[505].

Sabemos pouca coisa a respeito de Clotário II, mais sobre Dagoberto. Sábio, justo e justiceiro, Dagoberto começa seu reino fazendo um *tour* sobre suas propriedades, segundo o costume dos reis bárbaros[506]. Rei da Ostrásia do seu pai vivo, ele não guardou perto de si, por muito tempo, seus ministros ostrasianos. Os dois principais homens do país, Arnulfo, arcebispo de Metz, depois Pepino, seu irmão, foram afastados e deram lugar ao nêustrio Éga. Cercado de ministros romanos, do ourives Santo Elói e do referendário Santo Audoeno (*Saint-Ouen*), ele se ocupa em fundar conventos e mandar fabricar ornamentos de igrejas[507]. Seus escribas escrevem pela primeira vez as leis bárbaras[508]; escreve-se as leis assim que elas começam a desaparecer. O Salomão dos Francos, como aquele dos Judeus, povoa seus palácios com belas mulheres[509] e se divide entre suas concubinas e seus sacerdotes.

Esse príncipe pacífico é o amigo natural dos Gregos. Aliado do imperador Heráclio, ele intervém nas questões dos Lombardos e dos Visigodos. Nessa velhice precoce de todos os povos bárbaros, a decadência dos Francos ainda está cercada de uma espécie de brilho.

Todavia, é fácil perceber quanta fraqueza se esconde sob essas aparências. Desde que Clotário era vivo, a Ostrásia retomou as províncias que lhe foram arrebatadas; ela exigiu um rei particular e Dagoberto, rei desse país aos quinze anos, não

foi, efetivamente, senão um instrumento entre as mãos de Pepino e de Arnulfo. Seu pai torna-se rei da Nêustria, a Ostrásia ainda reclama um governo particular e se faz dar por rei o filho do rei, o jovem Sigeberto. Clotário II perdoou o tributo dos lombardos por uma soma uma vez paga[510]. Os Saxões, derrotados, diz-se, pelos Francos[511], se dispensam de entregar a Dagoberto as quinhentas vacas que pagavam, até então, todos os anos. Os Vândalos, libertos dos Avaros pelo Franco Samo, mercador guerreiro que eles tomaram por chefe[512], repelem o jugo de Dagoberto e derrotam os Francos, os Bávaros e os Lombardos unidos contra eles. Os próprios Avaros fugitivos se assentam forçadamente na Baviera e Dagoberto deles se desfaz por uma perfídia[513]. Quanto à submissão dos Bretões e dos Gascões, ela parece voluntária: eles rendem homenagem menos aos guerreiros que aos padres e o duque dos Bretões, São Judicael, recusa-se a comer à mesa do rei para tomar lugar àquela de Santo Audoeno[514].

É que, em efeito, o verdadeiro rei é o padre. Ao meio, mesmo, dessas ruidosas invasões de bárbaros que pareciam próximas de tudo destruir, a Igreja fizera seu caminho com pouco barulho. Forte, paciente, industriosa, ela havia, de alguma forma, estreitado toda a sociedade nova de maneira a penetrá-la. Bem cedo ela abandonara a especulação em favor da ação: ela repelira a ousadia do pelagianismo, adiado a grande questão da liberdade humana. Não era de liberdade, mas de submissão, que era necessário falar aos selvagens conquistadores do Império para fazê-los ajoelhar sob o jugo da civilização e da Igreja.

Herdeira do governo municipal, a Igreja saíra dos muros ante a aproximação dos Bárbaros; ela se postara como árbitro entre eles e os vencidos. E, uma vez fora dos muros, ela parou nos campos. Filha da cidade, ela compreendeu que nem tudo estava dentro da cidade: ela criou os bispados dos campos e dos burgados, os Corepiscos[515]. Sua salutar proteção estendia-se a todos: mesmo aqueles que não ordenou, ela os cobriu com o signo protetor da tonsura. Ela se tornou um imenso asilo. Asilo para os vencidos, para os Romanos, para os servos dos Romanos; os servos se precipitaram na igreja e, mais de uma vez, foi necessário fechar-lhes as portas pois não havia ninguém para cultivar a terra. Asilo para os vencedores, eles se refugiaram na Igreja contra o tumulto da vida bárbara, contra as paixões deles, suas violências, com as quais sofriam tanto quanto os vencidos. Assim, os servos subiram ao sacerdócio e os filhos de reis desceram ao episcopado: os pequenos e os grandes se reencontraram em Jesus Cristo. Ao mesmo tempo, imensas doações arrebanhavam as terras dos usos profanos para delas se fazer o dote dos homens pacíficos, dos pobres, dos servos. Os Bárbaros deram o que haviam tomado; eles acharam ter vencido pela Igreja.

E assim devia ser: como asilo, como escola, a Igreja tinha necessidade de ser rica. Os bispos deviam marchar como pares dos grandes para serem escutados. Era necessário que a Igreja se tornasse material e bárbara para educar os bárbaros para si; que ela se fizesse carne para ganhar esses homens de carne. Assim como o profeta que se deitava sobre a criança para ressuscitá-la[516], a Igreja se fez pequena para incubar esse mundo jovem.

Os bispos do sul, muito civilizados, reitores e argumentadores[517], pouco agiam sobre os homens da primeira raça. As antigas sés metropolitanas de Arles, de Viena, mesmo de Lyon e de Bourges, perdem sua influência. Os bispos por excelência, os verdadeiros patriarcas da França, são aqueles de Reims e de Tours. São Martinho de Tours é o oráculo dos Bárbaros como Delfos o era para a Grécia, o *ombilicus terrarum* - “umbigo do mundo” - o οὐραν ὀμφαλός.

É São Martinho quem garante os tratados. Os reis o consultam a cada instante sobre seus negócios, mesmo sobre seus crimes. Chilperico, perseguindo seu infeliz filho Meroveu, deposita um papel sobre o túmulo de São Martinho para saber se lhe era permitido tirar o suplicante da basílica. O papel permaneceu branco, diz Gregório de Tours. Esses suplicantes, em sua grande parte gente feroz e não menos violenta que aqueles que os perseguiam, embaraçam o bispo, algumas vezes terrivelmente: eles se tornam os tiranos dos asilo que os protege. É preciso ver no livro do bom bispo de Tours a história desse Eberulfo que deseja matar Gregório, que bate nos clérigos se eles demoram a trazer-lhe o vinho. Os servidores do bárbaro, refugiados com ele na basílica, escandalizam todo o clero olhando curiosamente as pinturas sacras que decoravam as paredes[518].

Tours, Reims e todas as suas dependências são isentas de impostos[519]. As possessões de Reims se estendem às regiões mais distantes, na Ostrásia, na Aquitânia. Cada crime dos reis bárbaros vale à Igreja alguma nova doação. E quem poderia culpar essas doações? Todo o mundo deseja se entregar à Igreja: é uma espécie de libertação. Os bispos não tem o menor escrúpulo em provocar, em alargar por fraudes piedosas, as concessões dos reis. O testemunho das pessoas da região os sustentará, se for o caso. Todos, se necessário, atestarão que essa terra, esse vilarejo, foram outrora dados por Clóvis, pelo bom Gontran, ao monastério, ao bispado vizinho, o qual não fora despojado senão por uma violência ímpia. Cada dia, a convivência dos padres e do povo devia assim tomar alguma coisa do bárbaro e lucrar com sua credulidade, com sua devoção e seus remorsos. Sob Dagoberto, as concessões remontam a Clóvis; sob Pepino o Breve, a Dagoberto. Este último dá, de uma

só vez, vinte e sete burgados para a abadia de Saint-Denis[520]. Seu filho, diz o honesto Sigeberto de Genblours, fundou doze monastérios e deu a São Remaclo, bispo de Tongres, doze léguas de comprimento, doze léguas de largura, na floresta das Ardenas[521].

A mais curiosa concessão é aquela de Clóvis a São Remígio (Saint-Rémi), reproduzida, ou mais provavelmente fabricada, sob Dagoberto:

“Clóvis estabelecera sua morada em Soissons. Esse príncipe encontrava grande prazer na companhia e nas entrevistas com São Remígio; mas, como o santo homem não possuía, na vizinhança da cidade, outra habitação que não uma pequena morada a qual fora, outrora, dada a São Nicácio, o rei ofereceu a São Remígio dar-lhe todo o terreno que ele pudesse percorrer enquanto ele próprio fizesse seu círculo, cedendo, nisso, ao rogo da rainha e aos pedidos dos habitantes que reclamavam da sobrecarga de exações e contribuições e que, por essa razão, gostavam mais de pagar à igreja de Reims que ao rei. O bem-aventurado Remígio pôs-se, então, a caminho e, ainda hoje, vê-se os limites que ele marcou. Fazendo o caminho, um moleiro repeliu o santo homem, não querendo que seu moinho fosse incluído no cercado. 'Meu amigo', disse-lhe com doçura o homem de Deus, “não ache mau que possuamos juntos esse moinho”. Aquele, tendo-o recusado de novo, imediatamente a roda do moinho pôs-se a girar ao reverso; então, o moleiro correu para perto de São Remígio e gritou: 'Vem, servo de Deus, e possuamos juntos esse moinho'. '- Não', respondeu o santo, 'ele não será nem a ti, nem a mim'. A terra logo o ocultou e um tal abismo se abriu que, desde então, neste lugar não foi mais possível construir um moinho.

Da mesma forma, o santo, passando perto de um bosque, aqueles a quem este pertencia, o impediam de incluí-lo dentro de seu domínio: 'Pois bem!' - ele disse - 'que desse bosque nunca folha alguma voe, nem galho caia, dentro do meu cercado'. O que foi, em efeito, observado pela vontade de Deus, tanto que o bosque durou intacto, ainda que fosse junto e contíguo.

De lá, continuando seu caminho, ele chegou a Chavignon, que ele também quis cercar, mas os habitantes o impediram. Logo repellido e logo retornando, mas sempre igual e sereno, ele caminhava sempre traçando os limites, tais como eles ainda existem. Ao fim, vendo-se completamente repellido, narra-se que ele lhes disse: *Trabalhai sempre e permanecei pobres e sofrendores*. O que se realizou ainda hoje, pela virtude e poder de sua palavra. Quando o rei Clóvis fez levantar seus limites, ele deu a São Remígio, por mandado de sua autoridade real, todo o terreno que ele cercara caminhando: e, desses bens, os melhores são Luilly e Cocy, dos quais a igreja de Reims ainda hoje goza pacificamente.

Um homem muito poderoso, chamado Euloge, condenado pelo crime de lesa-majestade contra o rei Clóvis, recorreu, um dia, à intercessão de São Remígio e o santo homem obteve-lhe graça para sua vida e seus bens. Euloge, em recompensa desse serviço, ofereceu a seu generoso patrono, em todo a extensão, sua aldeia de Épernay[522]: o bem-aventurado bispo não queria, de forma alguma, aceitar uma retribuição temporal como paga por sua intervenção. Mas, vendo Euloge coberto de confusão e decidido a se retirar do mundo porque nele não poderia mais permanecer, não merecendo mais viver senão pela clemência real, em desonra de sua Casa, São Remígio deu-lhe um sábio conselho, dizendo-lhe que se ele desejava ser perfeito, que vendesse todos os seus bens e o distribuisse, em dinheiro, aos pobres, para seguir Jesus Cristo. Em seguida, fixando o valor e pegando no tesouro eclesiástico cinco mil libras de prata, ele as deu a Euloge e adquiriu para a igreja a propriedade dos bens daquele. Deixando, assim, a todos os bispos e padres esse bom exemplo que, quando eles intercedessem por aqueles que viessem se jogar ao seio da Igreja ou entre os braços dos servidores de Deus e que lhes prestassem algum favor, jamais o fizessem à vista de uma de recompensa temporal, nem aceitassem em paga os bens passageiros mas, bem ao contrário, segundo o mandamento do Senhor, dar por nada como receberam por nada...

São Rigoberto obteve do rei Dagoberto cartas de imunidade para sua igreja, demonstrando-lhe que, sob todos os reis francos predecessores, desde o tempo de São Remígio e do rei Clóvis, por ele batizado, ela sempre fora livre e isenta de qualquer servidão e taxa pública. O rei, então, querendo ratificar ou renovar esse privilégio com a opinião dos seus grandes e, na mesma forma que os reis seus predecessores, ordenou que todos os bens, aldeias e homens pertencentes à Igreja de Reims ou à basílica de São Remígio, situados ou residindo tanto na Champagne, na cidade ou redondezas de Reims, quanto na Ostrásia, Nêustria, Borgonha, região de Marselha, Rouergue, Gévaudan, Auvérnia, Touraine, Poitou, Limousin e em qualquer outra parte de seus domínios e reinos, fossem, à perpetuidade, isentos de qualquer taxa; que nenhum juiz público ousasse entrar nas terras dessas duas santas igrejas de Deus para aí fazer estadia, aí julgar ou levantar qualquer taxa; enfim, que elas conservassem para sempre as imunidades e privilégios a elas concedidos pelos reis seus predecessores.

Esse venerável bispo tinha forte amizade por Pepino, mordomo do palácio, para o qual tinha o costume de enviar, com frequência, eulogias como sinal de benção. Ora, nesse momento, Pepino fazia uma estadia na povoação de Gernicourt e, tendo sabido pelo bispo que essa morada agradava-lhe, ele lha ofereceu, acrescentando que ele também lhe daria todo o terreno que ele conseguisse percorrer, enquanto ele, Pepino, repoussasse à hora do meia-dia. Rigoberto, seguindo então o exemplo de São Remígio, pôs-se em rota e fez postar, de distância em distância, os limites que ainda hoje se veem, traçando, assim, o perímetro para prevenir qualquer contestação. Ao acordar, Pepino, encontrando-o de volta, confirmou-lhe a doação de todo o terreno que ele acabava de cercar e, como prova memorável do caminho que ele seguiu, nele vê-se, em qualquer estação, a erva mais rica e mais verde que em qualquer outro lugar nas redondezas. É também um outro milagre, não menos digno de atenção, que o Senhor Se agrade em operar sobre essas terras, sem dúvida à vista dos méritos de Seu servo, pois desde a concessão feita ao santo bispo, jamais tempestade, nem granizo, provocou danos em seu domínio e, enquanto todos os lugares vizinhos são batidos e destroçados, a tempestade para nos limites da Igreja, sem nunca ousar transpô-los[523].”.

Desta forma, tudo favorecia a absorção da sociedade pela igreja, tudo nela entrava, Romanos e Bárbaros, servos e livres, homens e terras, tudo se refugiava no seio maternal. A igreja melhorava tudo o que ela recebia de fora; mas ela não podia fazê-lo sem se deteriorar na mesma proporção. Com as riquezas, o espírito do mundo entrava no clero, com o poder, a barbárie que dele era, então, inseparável. Os servos tornados padres guardavam os vícios dos servos: a dissimulação, a covardia. Os filhos dos Bárbaros, tornados bispos, permaneciam frequentemente bárbaros. Um espírito de violência e de grosseria invadia a igreja. As escolas monásticas de Lerins, de Saint-Maixent, de Reomé, da ilha Barbe, perderam seu brilho; as escolas episcopais de Autun, de Viena, de Poitiers, de Bourges, de Auxerre, subsistiam silenciosamente. Os concílios tornavam-se, de pouco em pouco, raros: cinquenta e quatro no século VI, vinte no VII, sete somente na primeira metade do oitavo século.

O gênio espiritualista da igreja se refugiou nos monges. O estado monástico foi um asilo para a igreja, como a igreja o fora para a sociedade. Os monastérios da Irlanda e da Escócia, melhor preservados da mistura germânica, tentaram uma reforma do clero gaulês. Assim, na primeira idade da igreja, o bretão Pelágio acendera a faísca que aclarou todo o Ocidente; então, o bretão Fausto, mais moderado nas mesmas doutrinas, abriu a gloriosa escola de Lerins. Na segunda idade, foi ainda um Celta, mas dessa vez Irlandês, São Columbano, que empreendeu a reforma das Gálias. Uma palavra sobre a igreja celta:

Os Kymry da Bretanha e de Gales, racionalistas, os Gaélicos da Irlanda, poetas e místicos, apresentam, todavia, em sua história eclesiástica, um caráter comum: o espírito de independência e a oposição contra Roma. Eles se entendiam melhor com os Gregos e mantiveram, por muito tempo, malgrado o distanciamento, malgradadas tantas revoluções e tantas misérias diversas, relações com as igrejas de Constantinopla e de Alexandria. Já Pelágio é um verdadeiro filho de Orígenes. Quatrocentos anos mais tarde, o irlandês Escoto traduz os Pais gregos e adota o panteísmo alexandrino. São Columbano, no século VII, proíbe também, contra o papa de Roma, o costume grego de celebrar a páscoa: 'Os irlandeses', ele disse, 'são astrônomos melhores que vós outros, Romanos[524]'. Foi um Irlandês, um discípulo de São Columbano, Virgílio, bispo de Salzburgo, quem afirmou, pela primeira vez, que a terra era redonda e que nós tínhamos pólos opostos. Todas as ciências eram, então, cultivadas com brilho nos monastérios da Escócia e da Irlanda. Esses monges, chamados Culdeus[525], não conheciam maior hierarquia que os modernos presbiterianos da Escócia. Eles viviam doze a doze, sob um abade por eles eleito[526]; o bispo não era, conformemente ao sentido etimológico, senão um vigilante. O celibato não parecia ser regularmente observado nessa igreja[527]. Ela se distinguia ainda pela forma particular de tonsura e algumas outras singularidades. Na Irlanda, batizava-se com leite[528].

O mais célebre desses estabelecimentos dos culdeus é aquele de Iona[529], fundado, como quase todos, sobre as ruínas das escolas druídicas. Iona, a sepultura de setenta reis da Escócia, a mãe dos monges, o oráculo do Ocidente no sétimo e oitavo séculos. Era a cidade dos mortos, como Arles nas Gálias e Tebas no Egito.

A guerra que os Imperadores sustentaram contra os numerosos usurpadores que saíram da Bretanha nos últimos séculos do Império[530], os papas a continuaram contra a heresia celta, contra Pelágio, contra a Igreja Escocesa e Irlandesa. A essa igreja, toda grega de língua e de espírito, Roma opôs frequentemente os Gregos; desde o início do século V, ela envia contra eles Palládios, platônico de Alexandria[531]; mas as doutrinas dele também logo pareceram tão pouco ortodoxas quanto aquelas que ele atacava. Homens mais certos foram enviados: São Lupo, São Germano de Auxerre[532] e três discípulos de São Germano, Dubrício, Illuto e São Patrício, o grande apóstolo da Irlanda. Sabe-se todas as fábulas com as quais enfeitou-se a vida desse último: a mais inacreditável é aquela segundo a qual ele não encontrara nenhum conhecimento sobre a escrita num país que vemos, em tão poucos anos, completamente coberto de monastérios e fornecendo missionários a todo o Ocidente. A invasão saxônica fez trégua às querelas religiosas mas, a partir do momento em que os Saxões ficaram permanente assentados, o Papa enviou à Bretanha o monge Agostinho da ordem de São Bento. Os enviados de Roma foram bem sucedidos junto aos Saxões da Inglaterra e começaram essa conquista espiritual que devia ter tão grandes resultados. Do monastério de Iona, fundado precisamente à mesma época por São Columba, saiu seu célebre discípulo São Columbano[533], de quem já vimos o zelo ousado contra Brunilda. Esse missionário ardente e impetuoso tornou a atar, por um instante, a Gália aos princípios da Igreja irlandesa.

A queda dos filhos de Sigisberto e de Brunilda, a reunião da Ostrásia à Nêustria, era uma ocasião favorável. Na Nêustria, em todo o sul da França, os traços da invasão desapareciam, os Germanos estavam como fundidos à população gaulesa e romana. As raças antigas retomavam força, a Nêustria repelira a Ostrásia sob Fredegunda e se reunira sob Clotário. Esse príncipe e seu filho Dagoberto, menos Francos que Romanos, deviam ser favoráveis aos progressos da Igreja celta, cujos costumes e luzes faziam vergonha ao caráter bárbaro que tomara aquela das Gálias.

São Columbano passara na Gália, de início, com doze companheiros. Uma multidão de outros parece tê-los seguido para povoar os numerosos monastérios que esses primeiros apóstolos fundaram. São Columbano se estabelece, inicialmente, nas mais profundas solidões dos Vosges, sobre as ruínas de um templo pagão [534], circunstância que seu biógrafo destaca em todas as fundações do santo. Lá, ele logo recebeu as crianças de todos os grandes dessa parte da Gália[535]. Mas a inveja dos bispos vem aí incomodá-lo: a singularidade dos ritos irlandeses prestava-se ao ataque daqueles[536]. A liberdade com a qual ele falou a Teuderico e Brunilda determinou sua expulsão de Luxeuil. Reconduzido pelo Loire para fora da Gália, ele aí tornou a entrar pelos domínios de Clotário II, que o recebeu com honra. Foi, em efeito, para esse príncipe, uma imensa vantagem aparecer aos olhos dos povos como o protetor dos santos que seus inimigos perseguiam. Daí, Columbano passou à Suíça, onde São Galo (da Suíça), seu discípulo, fundou o famoso monastério que leva seu nome; então, ele se fixou na Itália perto do bávaro Agilolfo, rei dos Lombardos; ele construiu para si um retiro em Bobbio e aí ficou até sua morte, apesar de algumas instâncias que lhe fez o vencedor Clotário no sentido de retornar para perto de si[537]. É de lá que ele escreveu ao Papa suas cartas eloquentes e bizarras para a reunião das igrejas irlandesa e romana. Ele aí fala em nome do rei e da rainha dos Lombardos, quer dizer, escreve atendendo ao pedido de ambos. Talvez as opiniões que ele expressa sobre a



superioridade da Igreja da Irlanda fossem compartilhadas por Clotário e Dagoberto, seu filho. Ao menos, vemos esses príncipes multiplicarem, por toda a França, os monastérios de São Columbano. Em sentido inverso, a raça ostrasiana dos carolíngios deve se unir estreitamente ao Papa e sujeitar todos os monastérios à regra de São Bento.

Das grandes escolas de Luxeuil e de Bobbio saíram os fundadores de muitas abadias: São Galo, do qual falamos, São Magno e Teodoro, primeiros abades de Kempten e Fuessen perto de Augsburgo, Santo Atalo de Bobbio, Santo Romarico de Remiremont, Santo Omero, São Bertino, Santo Amando, esses três apóstolos de Flandres, São Vandregisilo, parente dos carolíngios, fundador da grande escola de Fontenelle na Normandia que deve ser, por sua vez, a metrópole de tantos outros. Foi Clotário II quem elevou Santo Amando ao episcopado e Dagoberto quis que seu filho fosse batizado por esse santo. Santo Elígio, o ministro de Dagoberto, funda em Limousin Solignac, de onde saiu São Remaclo, o grande bispo de Liège. Ele, um dia, dissera a Dagoberto: “Senhor, concedei-me essa dádiva para que dela eu faça uma escada por onde vós e eu subiremos ao céu[538]”.

Ao lado dessas escolas, via-se virgens sábias abrir outras às pessoas de seu sexo. Sem falar daquelas de Poitiers e de Arles, aquela de Maubeuge, onde Santa Aldegunda escreveu suas revelações[539], Santa Gertrude, abadessa de Nivelles, fora estudar na Irlanda[540], Santa Bertilha, abadessa de Chelles, era tão célebre que uma multidão de discípulos dos dois sexos afluía a ela de toda a Gália e da Grã-Bretanha[541].

Qual era a regra nova a qual tantos monastérios se submeteram? Os Beneditinos[542] faziam questão de nos persuadir que ela não era outra senão aquela de São Bento e os próprios textos que eles alegam provam, evidentemente, o contrário. Por exemplo, as religiosas obtêm de São Donato, discípulo de São Columbano, que se tornou bispo de Besançon, que ele fará para elas uma aproximação das regras de São Cesário de Arles, de São Bento, de São Columbano; São Projectus fez outro tanto para outras religiosas. Essas regras não eram, então, as mesmas.

A regra de São Columbano, oposta aqui à regra de São Bento, não prescreve a obrigação de um trabalho regular; ela sujeita o monge a um número enorme de orações. Em geral, ela não traz essa impressão de espírito positivo que distingue a outra em um tão alto grau. Ela prescreve, igualmente, a obediência, mas não deixa as penas ao arbítrio do abade; ela as indica previamente para cada delito com uma minuciosa e bizarra precisão. Nesse estranho código penal, bem muitas coisas escandalizam o leitor moderno. “Um ano de penitência para o monge que tenha perdido uma hóstia; para o monge que errou com uma mulher, dois dias a pão e água e um dia apenas se ele ignorava que isso fosse uma falta”. Em geral, a tendência é mística; o legislador tem mais atenção aos pensamentos que aos atos. - “A castidade do monge”, ele diz, “estima-se por seus pensamentos: que serve se ele é virgem de corpo se não o for de espírito[543]?”

Essa reforma, duplamente notável por seu brilho e por sua ligação com o despertar das raças vencidas nas Gálias, estava longe, entretanto, de satisfazer às verdadeiras necessidades do mundo. Não era de práticas piedosas e de arrebatamentos místicos de que se tratava quando a barbaria pesava tanto e a nova invasão era sempre iminente sobre o Reno. São Bento melhor compreendera que era necessário, a uma tal época, um monaquismo mais humilde, mais laborioso, para penetrar a terra tornada inculta e selvagem, para penetrar o espírito dos Bárbaros. Longe de se colocar em oposição a Roma, centro natural da civilização romana e eclesiástica, era necessário estreitar-se em volta dela. Mas a Igreja Irlandesa, animada de um indomável espírito de individualidade e de oposição, não estava de acordo com Roma, nem consigo mesma. Santo Galo, o principal discípulo de São Columbano, recusou-se a segui-lo na Itália, permaneceu na Suíça e aí trabalhou por conta própria[544]. São Columbano, passando então na Itália, ocupou-se em combater o arianismo dos Orientais; significava virar-se na direção do mundo findo, em direção ao passado, ao invés de olhar na direção da Germânia, na direção do porvir. Como ele ainda estava sobre o Reno, ele teve, um instante, a idéia de empreender a conversão dos Suevos; mais tarde, a dos Eslavos. Um anjo o desviou em um sonho e, traçando-lhe uma imagem do mundo, designou a Itália[545]. Essa falta de simpatia pelos Germanos, para os trabalhos obscuros de sua conversão, é a condenação de São Columbano e da Igreja Celta. Os missionários Anglo-Saxões, discípulos submissos de Roma, vão, com o auxílio de uma dinastia ostrasiana, recolher na Alemanha essa cepa que a Irlanda não pôde ou não quis colher[546].

A impotência da Igreja Celta, sua falta de unidade, se encontra na monarquia que, nesta época, dominava nominalmente toda a Gália. A dissolução definitiva parece começar com a morte de Dagoberto. Sob ele, é provável que a influência eclesiástica fosse superior àquela dos nobres. Os padres, com os quais o vemos cercado, devem ter seguido as tradições do antigo governo nêustrio na sua luta contra a Ostrásia, quer dizer, contra os país dos Bárbaros e da aristocracia. Quando o famoso prefeito do palácio, Ebroín mandou pedir conselho ao bispo de Rouen, Santo Audoeno, o velho ministro de Dagoberto respondeu sem hesitar: “de Fredegunda, lembra-te[547]!”.

Os grandes, de início, sentiram seu golpe na Ostrásia, sob Sigeberto III, filho de Dagoberto. Pepino fora prefeito do palácio, depois seu filho Grimoaldo[548] e este, à morte de Sigeberto, tentara fazer rei um de seus próprios filhos. Ele era secundado por Dido, bispo de Poitiers, tio do famoso São Leodegário. O tio e o sobrinho eram os chefes dos grandes no sul[549]. O verdadeiro rei não tinha senão três anos. Dessa criança, eles se desembaraçam sem pena. Dido o conduziu à



Irlanda. Mas os homens livres da Ostrásia preparam emboscadas para Grimoaldo, o prenderam e o enviaram para Paris, ao rei da Nêustria Clóvis II, filho de Dagoberto, que o fez matar com seu filho.

Os três reinos encontraram-se, assim, reunidos sob Clóvis II, ou melhor, sob Erquinoaldo, prefeito do palácio da Nêustria. Durante a menoridade dos três filhos de Clóvis, o próprio Erquinoaldo, depois o famoso Ebroín, exerceram o mesmo cargo, apoiando-se no nome e na santidade de Batilda, viúva do último rei. Era uma escrava saxônica de quem Clóvis fizera uma rainha[550]. Esses prefeitos, inimigos dos grandes, opunham-lhes com superioridade, aos olhos dos povos, uma escrava e uma santa.

Qual era precisamente esse encargo dos *prefeitos ou mordomos do palácio*? M. de Sismondi não consegue acreditar que o prefeito tenha sido, originalmente, um oficial real. Ele aí vê um magistrado popular, instituído para a proteção dos homens livres, como o *justizia* de Aragão. Essa espécie de tribuno e de juiz tinha sido chamado *mord-om*, juiz do assassino. Essas palavras alemãs teriam sido facilmente confundidas com aquelas de *major domus* e a prefeitura assimilada ao cargo do antigo Conde do palácio imperial. Nula dúvida que o prefeito tenha sido frequentemente eleito e, mesmo antes, nas épocas de menoridade ou de enfraquecimento do poder real. Mas também, nula dúvida que ele tenha sido também escolhido pelo rei, pelo menos até Dagoberto[551]. Quem quer que conheça o espírito da *família*, não se espantará em encontrar no prefeito um oficial do palácio. Nessa família, a domesticidade enobrece. Todas as funções reputadas servis entre as nações do sul, são honoráveis para aquelas do norte e, em realidade, elas são realçadas pela devoção pessoal. Nos Nibelungos, o mestre das cozinhas, Rumolt, é um dos principais chefes dos guerreiros. Aos festins da coroação imperial, os eleitores recebiam com honra servir a bebida de aveia e pôr os pratos à mesa. Nessas nações, quem for grande no palácio, é grande entre o povo. O *maior* do palácio (*major*) devia ser o primeiro dos leudes, o chefe deles na guerra, seu juiz na paz. Ora, em uma época onde os homens livres tinham interesse de estar sob a proteção real, *in truste regiâ*, em tornar-se antrustiões[552] e leudes, o juiz dos leudes deveria, pouco a pouco, se encontrar como o juiz do povo.

O prefeito Ebroín empreendera o impossível: estabelecer a unidade quando tudo tendia à dispersão, fundar a realza quando os grandes se fortificavam por todas as partes. Os dois meios que ele toma, para nisso chegar, seriam úteis se pudessem ser empregados: o primeiro, foi escolher os duques e os grandes numa outra província que não fosse aquela onde eles tivessem suas possessões, seus escravos, seus clientes[553]; isolados assim de seus meios pessoais de poder, eles seriam os simples homens do rei e não teriam de render os encargos hereditários em suas famílias. Além disso, Ebroín parece ter tentado aproximar as leis, os usos diversos das nações que compunham o império dos Francos[554]; essa tentativa pareceu tirânica e ela o foi, em efeito, nessa época.

Dessa forma, a Ostrásia inicialmente escapou a Ebroín; ela exigiu um rei, um prefeito, um governo particular. Então, os grandes da Ostrásia e da Borgonha, entre outros São Leodegário, bispo de Autun, sobrinho de Dido, bispo de Poitiers (ambos eram amigos dos Pepinos[555]), marcham contra Ebroín em nome do jovem Childerico II, rei da Ostrásia[556]. Ebroín, abandonado pelos grandes da Nêustria, é confinado no monastério de Luxeuil. São Leodegário, que contribuíra para a revolução, nada lucrou. Ele foi acusado, à torto e à direita, de aspirar ao trono em concerto com o romano Victor, patricio soberano de Marselha, que viera para tratar uma questão com Childerico[557]. Os grandes do norte inspiraram no rei uma desconfiança natural contra os chefes dos grandes do sul e São Leodegário foi detido em Luxeuil com esse mesmo Ebroín que ele próprio aí trancafiara. A suavização dos costumes é, então, visível: sob os primeiros Merovíngios, uma tal suspeita teria infalivelmente levado à morte.

Entretanto, mal o ostrasiano Childerico respirou o ar da Nêustria que também se tornou inimigo dos grandes. Em um acesso de furor, ele mandou vergastar um deles chamado Bodilo. Esse castigo servil a todos irrita. Childerico II foi assassinado na floresta de Chelles; os assassinos sequer pouparam sua mulher grávida e seu filho criança[558].

Ebroín e São Leodegário saíram de Luxeuil reconciliados em aparência, mas logo se separaram para aproveitar das duas revoluções que vinham de se operar na Ostrásia e na Nêustria. Os papéis foram trocados: enquanto os grandes triunfavam com São Leodegário na Nêustria, pela morte de Childerico, os homens livres da Ostrásia haviam feito retornar da Irlanda aquela criança (Dagoberto II) que a família dos Pepinos havia, outrora, distanciado do trono na esperança dela própria nele se sentar. Os homens livres da Ostrásia formaram um exército para Ebroín, o conduziram triunfante na Nêustria, onde ele mandou degradar, cegar e matar São Leodegário como culpado de ter aconselhado a morte de Childerico II. Ao mesmo tempo, um outro Merovíngio era morto na Ostrásia pelos amigos de São Leodegário. Os dois Pepinos e Martinho, neto de Arnulfo, bispo de Metz, e sobrinho de Grimoaldo, fizeram, por meio de um conselho, condenar e apunhalar Dagoberto II, o rei dos homens livres, quer dizer, do partido aliado de Ebroín. Este vingou Dagoberto como vingara Childerico II. Ele lançou Martinho a uma conferência e aí o fez ser assassinado. Ele próprio foi morto, pouco depois, por um nobre franco que ele ameaçara de morte[559].

Esse homem notável defendera com sucesso, como Fredegunda, a França do oeste e retardado vinte anos o triunfo dos grandes da Ostrásia. Sua morte entregou-lhes a Nêustria. Seus sucessores foram derrotados por Pepino em Testry, entre Saint-

Essa vitória dos grandes sobre o partido popular, da Gália Germânica sobre a Gália Romana, não pareceu, de início, trazer uma mudança de dinastia. Pepino adotou o próprio rei em nome do qual Ebroín e seus sucessores haviam combatido. Pode-se, entretanto, considerar a batalha de Testry como a queda da família de Clóvis. Pouco importa que essa família ainda ostente o título de rei na obscuridade de algum monastério. Doravante, o nome dos príncipes merovíngios não mais será utilizado como símbolo de facção: eles logo cessarão de ser empregados, mesmo como instrumentos. O último termo da decadência chegou.

Segundo uma velha lenda, o pai de Clóvis, tendo arrebatado Basina[561], a mulher do rei da Turíngia, “ela lhe disse na primeira noite, quando estavam deitados: 'Abstenhamo-nos: levanta-te e aquilo que terás visto no paço do palácio, tu o dirás à tua serva'. Tendo se erguido, ele viu leões, unicórnios e leopardos que vagavam. Ele retorna e diz o que tinha visto. A mulher, então, lhe diz: 'Vá ver de novo e retorna para dizer à tua serva'. Ele sai e, dessa vez, vê ursos e lobos. Na terceira vez, ele vê cães e outros animais insignificantes. Eles passaram a noite castamente e, quando se levantaram, Basina disse-lhe: 'O que viste com teus olhos está fundado na verdade. Nascer-nos-á um leão; seus filhos corajosos terão por símbolos o leopardo e o unicórnio. Deles nascerão ursos e lobos, pela coragem e pela voracidade. Os últimos reis são os cães e a multidão de pequenos animais indica aqueles que atormetarão o povo mal defendido por seus reis[562]”.

A degenerescência é, de fato, rápida entre esses Merovíngios. Dos quatro filhos de Clóvis, um apenas, Clotário, deixa posteridade. Aqueles que se seguem morrem quase todos adolescentes. Parece que fora uma espécie de homens particulares: todo Merovíngio é pai aos quinze anos, caduco aos trinta. A maior parte não alcança esta idade. Cariberto II morre aos vinte e cinco anos; Sigeberto II, Clovis II, aos vinte e seis e vinte e três; Childerico II, aos vinte e quatro; Clotário III, aos dezoito; Dagoberto II, aos vinte e seis ou vinte e sete etc. O símbolo dessa raça é os *enervados* de Jumièges, os jovens príncipes a quem foram cortadas as articulações e que se vão, sobre um barco, à força da corrente do rio que os leva ao Oceano; mas, eles são recolhidos em um monastério[563].

Quem cortou seus nervos e quebrou seus ossos, a essas crianças dos reis bárbaros? foi a entrada precoce de seus pais nas riquezas e delícias do mundo romano que eles invadiram. A civilização dá aos homens luzes e prazeres. As luzes, as preocupações da vida intelectual, equilibram, entre os espíritos cultivados, o que os prazeres tem de debilitante. Mas os bárbaros que se encontram repentinamente numa civilização desproporcionada, dela não tomam senão os prazeres. Não é de admirar se eles aí se consomem e derretem, por assim dizer, como a neve em frente a um braseiro.

O pobre velho historiador Fredegário expressa bem tristemente, em sua linguagem bárbara, essa prostração do mundo merovíngio. Após ter anunciado que tentará continuar Gregório de Tours: “Eu desejaria que me fosse em parte abortada uma tal facúndia, que eu pudesse, ainda que pouco, a ele me parecer. Mas extrai-se dificilmente de uma fonte cujas águas secaram. Doravante, o mundo se faz velho, a ponta da sagacidade se enfraquece em nós. Nenhum homem desse tempo pode se comparar aos oradores das épocas precedentes, nenhum ousaria pretendê-lo[564].”



## CAPÍTULO II

### Carolíngios - Séculos VIII, IX e X

-----

“O HOMEM de Deus (São Columbano), tendo encontrado Teudeberto, aconselhou-o a pôr abaixo a arrogância e a presunção, a tornar-se clérigo, a entrar no seio da Igreja, submetendo-se à santa religião, de medo que, acima da perda do reino temporal, ele não incorresse naquela da vida eterna. Isso provocou o riso do rei e de todos os espectadores; eles diziam, em efeito, que jamais ouviram dizer que um Merovíngio alçado à realeza tivesse se tornado, voluntariamente, clérigo. Todo mundo, abominando esse discurso, Columbano acrescentou: 'Ele desdenha a honra de ser clérigo; pois bem! ele o será apesar de sua vontade'[565].”

Essa passagem faz-nos sensíveis a uma das principais diferenças que apresentam a primeira e a segunda raça: os Merovíngios entram na Igreja apesar de sua vontade, os carolíngios voluntariamente. O tronco desta última família é o bispo de Metz, Arnulfo, que tem seu filho Clodulfo por sucessor nesse bispado. O irmão de Arnulfo é abade em Bobbio; seu neto é São Vandregisilo. Toda essa família está estreitamente unida a São Leodegário. O irmão de Pepino o Breve, Carlomano, se faz monge no Monte Cassino; seus outros irmãos são arcebispo de Rouen, abade de Saint-Denis. Os primos de Carlos Magno, Adelardo, Wala e Bernardo são monges. Um irmão de Luís o Piedoso, Drogon, é bispo de Metz, três outros de seus irmãos são monges ou clérigos. O grande santo do sul, São Guilherme de Toulouse, é primo e tutor do filho primogênito de Carlos Magno. Esse caráter eclesiástico dos carolíngios explica bastante sua estreita união com o papa e sua predileção pela ordem de São Bento.

Arnulfo nascera, diz-se, de um pai Aquitânio e de uma mãe Sueva[566]. Esse aquitânio chamado Ansberto teria pertencido à família dos Ferreóis e seria genro de Clotário I. Tal genealogia parece ter sido fabricada para unir os carolíngios, de um lado à dinastia merovíngia, de outro à casa mais ilustre da Gália romana[567]. O que quer seja, eu acreditaria facilmente, segundo os frequentes casamentos das famílias ostrasianas e aquitânicas[568], que os carolíngios pudessem, de fato, sair de uma mistura dessas raças.

Essa casa episcopal de Metz[569] reunia duas vantagens que deviam assegurar-lhe a realeza. De uma parte, ela se prendia estreitamente à igreja; de outra, ela estava estabelecida na região mais germânica da Gália. Tudo, além, a favorecia. A realeza estava reduzida a nada, os homens livres diminuía em número a cada dia. Os grandes só, leudes e bispos, fortificavam-se e firmavam-se. O poder devia passar àquele que reunisse as características de grande proprietário e de chefe dos leudes. Era necessário, ainda, que tudo isso se encontrasse em uma grande família episcopal, em uma família ostrasiana, quer dizer, amiga da igreja, amiga dos bárbaros. A igreja, que chamara os Francos de Clóvis contra os Godos, devia favorecer os Ostrasianos contra a Nêustria, quando esta última, sob Ebroín, organizava um poder laico, rival daquele do clero.

A batalha de Testry, essa vitória dos nobres sobre a autoridade real ou, ao menos, sobre o nome do rei, não fez senão concluir, proclamar e legitimar a dissolução. Todas as nações deveriam ver aí um julgamento de Deus contra a unidade do Império. O sul, Aquitânia e Borgonha, deixou de ser França e logo vemos essas regiões serem designadas, sob Carlos Martelo, *países romanos*; ele penetrou, dizem as crônicas, até a Borgonha. A leste e ao norte, os duques alemães, os Frísios, os Saxões, Suevos, Bávaros, não tinham qualquer motivo para se submeterem ao duque dos Ostrasianos que, talvez, não tivesse vencido sem eles. Por sua própria vitória, Pepino se encontrou só. Ele apressou-se em se unir ao partido que ele próprio abatera, ao partido de Ebroín, que não era outro senão aquele da unidade da Gália: ele fez seu filho se casar com uma matrona poderosa, viúva do último prefeito do palácio e estimada pelo partido dos homens livres[570]. Externamente, ele tentou trazer ao domínio dos Francos as tribos germânicas que se haviam libertado, os Frísios ao norte, ao sul os Suevos. Mas suas tentativas estavam longe de poder estabelecer a unidade. Foi bem pior após sua morte: seu sucessor na prefeitura foi seu neto Teobaldo, sob sua viúva Plectrude. O rei Dagoberto III, ainda criança, encontrou-se submisso a um prefeito criança e ambos a uma mulher. Os Nêustrios libertaram-se sem dificuldade. Isso favoreceu quem quisesse atacar a Ostrásia, assim desarmada: os Frísios, os Nêustrios a devastaram, os Saxões correram todas as suas possessões na Alemanha.

Os Ostrasianos, comprimidos por todas as nações, deixaram Plectrude e seu filho para lá e tiraram da prisão um valente

bastardo de Pepino, *Carl*, cognominado “o Martelo”. Pepino nada deixara a este último. Era um ramo maldito da família, odioso à igreja, embebido do sangue de um mártir. São Lamberto, bispo de Liège, expressara, certa ocasião, à mesa real, seu desprezo por Alpaïde, a mãe de Carl, a concubina de Pepino; o irmão de Alpaïde forçou a casa episcopal e matou o bispo, que orava. Grimoaldo, filho e herdeiro de Pepino, tendo ido em peregrinação ao túmulo de São Lamberto, foi aí assassinado, sem dúvida pelos amigos de Alpaïde. O próprio Carl se assinalou como inimigo da igreja. Seu sobrenome pagão de MARTELO, me faria, com vontade, duvidar se ele era cristão. Sabe-se que o martelo é o atributo de Thor, o símbolo da associação pagã, o da propriedade, aquele da conquista bárbara[571]. Essa circunstância explicaria como um império, esgotado sob os reinos precedentes, forneceu repentinamente tantos soldados contra os Saxões e contra os Sarracenos. Esses mesmos homens, lançados nos exércitos de Carl pelo engodo dos bens da igreja que ele prodigalizou, puderam adotar, pouco a pouco, a crença na sua nova pátria e preparam uma geração de soldados para Pepino o Breve e Carlos Magno. Nessa família toda eclesiástica dos carolíngios, o bastardo, o proscrito Carl, ou CARLOS MARTELO[572], oferece uma fisionomia à parte e muito pouco cristã[573].

Inicialmente, os Nêustrios, derrotados por ele em Vincy, perto de Cambrai, chamaram em seu auxílio os Aquitânios que, desde a dissolução do império dos Francos, formavam uma potência temível. Eudes, o duque deles, avançou até Soissons e se uniu aos Nêustrios que não foram vencidos. Talvez ele tivesse continuado a guerra com vantagem, mas ele tinha, então, atrás de si, um inimigo: os Sarracenos, senhores da Espanha, tinham se apoderado do Languedoc. Da cidade romana e gótica de Narbonne, por eles ocupada, sua incontável cavalaria se lançava audaciosamente em direção ao Norte, até ao Poitou, até à Borgonha[574], confiante em sua leveza e no vigor infatigável dos cavalos africanos. A celeridade prodigiosa desses facínoras, que voltejavam por todos os lugares, parecia multiplicá-los; eles começavam a passar em maior número: temia-se que, de acordo com seus costumes, após fazerem um deserto de uma parte do Midi[575], eles não findassem por aí se estabelecer. Eudes, derrotado uma vez por eles, se dirigiu aos próprios Francos: um encontro teve lugar perto de Poitiers entre os rápidos cavaleiros da África e os pesados batalhões dos Francos (732). Os primeiros, após terem provado que nada podiam contra um inimigo temível por sua força e massa, se retiraram durante a noite. Qual perda os Árabes puderam experimentar, é o que não se sabe dizer.

Esse encontro solene dos homens do Norte e do Midi balançou a imaginação dos cronistas da época; eles supuseram que esse choque de duas raças não poderia ter lugar senão com um imenso massacre[576]. Carlos Martelo os perseguiu até o Languedoc, ele sitiou inutilmente Narbonne, entrou em Nîmes e tentou queimar as Arenas que se haviam transformado em fortaleza. Distingue-se ainda sobre os muros o traço do incêndio[577].

Mas não era do lado do Midi que ele deveria ter mais atenção, pois a invasão Germânica era muito mais preocupante que aquela dos Sarracenos. Estes estavam estabelecidos na Espanha e logo suas divisões os retiveram aí. Mas os Frísios, os Saxões, os Alemães, eram sempre chamados na direção do Reno pela riqueza da Gália e pela lembrança de suas antigas invasões: não foi senão por uma longa sequência de expedições que Carlos Martelo conseguiu rechaçá-los. Com quais soldados pôde ele fazer essas expedições? Nós o ignoramos, mas tudo leva a crer que ele recrutava seus exércitos na Germânia. Era-lhe fácil atrair guerreiros aos quais ele distribuía os despojos dos bispos e dos abades da Nêustria e da Borgonha[578]. Para empregar esses mesmos Germanos contra os Germanos seus irmãos, era necessário fazê-los cristãos. É isso que, já no final, explica como Carlos tornou-se amigo dos Papas e seu suporte contra os Lombardos. As missões pontificais criaram na Germânia uma população cristã amiga dos Francos e cada povoação devia se encontrar dividida entre uma parte pagã que restou obstinadamente sobre o solo da pátria no estado primitivo da tribo, enquanto a parte cristã forneceu bandos aos exércitos de Carlos Martelo, de Pepino e de Carlos Magno.

O instrumento dessa grande revolução foi São Bonifácio, o apóstolo da Alemanha. A igreja Anglo-Saxã, à qual ele pertence, não era como aquela da Irlanda, da Gália ou da Espanha, uma irmã, uma igual de Roma: era a filha dos Papas. Por esse igreja, romana de espírito[579], germânica de língua, Roma capturou a Germânia. São Columbano desdenhara pregar aos Suevos. Os celtas, com seu duro espírito de oposição à raça germânica, não podiam ser os instrumentos de sua conversão. Um princípio de racionalidade anti-hierárquica, um espírito de individualidade, de divisão, dominava a igreja celta. Era necessário um elemento mais unificante, mais simpático, para lançar no cristianismo os últimos retardatários dos bárbaros. Era-lhes necessário falar do Cristo em nome de Roma, esse grande nome que, depois de tantas gerações, preenchesse suas orelhas. Era preciso, para converter a Alemanha, que o gênio desinteressado da própria Alemanha[580] desse ao mundo o exemplo da missão à hierarquia e ensinar-lhe a resignar-se, pela segunda vez, à centralização romana.

Winfried (é o nome germânico de Bonifácio), entregou-se sem reservas aos Papas e sob seus auspícios lançou-se nesse vasto mundo pagão da Alemanha através das populações bárbaras. Ele foi o Colombo e o Cortez desse mundo desconhecido,



onde penetrava sem outra arma que não fosse a sua fê intrépida e o nome de Roma. Esse homem heróico, passando tantas vezes o mar, o Reno, os Alpes, foi o elo das nações; foi por ele que os Francos se entenderam com Roma, com as tribos Germânicas; é ele quem, pela religião, pela civilização, fixa ao solo essas tribos móveis e prepara, sem sabê-lo, a rota para as armas de Carlos Magno, como os missionários do século XVI abriram a América àquelas de Carlos V[581]. Ele ergueu sobre o Reno a metrópole do cristianismo alemão, a igreja de Mainz, a igreja do Império e, mais distante, Colônia, a igreja das relíquias, a cidade santa dos Países-Baixos. A jovem escola de Fulda, fundada por ele nas profundezas da barbaria germânica, torna-se a luz do Ocidente e instrui seus mestres. Primeiro arcebispo de Mainz, é pelo Papa que ele queria deter o governo desse novo mundo cristão que ele criara. Por seu juramento, ele se devota, ele e seus sucessores, ao príncipe dos apóstolos, “que, com exclusividade, deve dar o pálio aos bispos[582]”. Esta submissão nada tem de servil. O bom Winfried pergunta ao Papa, em sua simplicidade, se é verdade que ele, o Papa, viola os cânones e cai no pecado da simonia[583]; ele o anima a fazer cessar as cerimônias pagãs que o povo ainda celebra em Roma, para grande escândalo dos alemães. Mas o principal objeto de seu ódio são os ESCOTOS (nome comum dos Escoceses e Irlandeses). Ele condena-lhes seu princípio do casamento dos padres. Ele denuncia ao Papa, tanto o famoso Virgílio, bispo de Salzburgo[584], quanto um padre chamado Sansão que suprime o batismo. Clemente, outro Irlandês, e o gaulês Adalberto, também atrapalham a igreja. Adalberto erige oratórios e cruzeiros próximos a fontes (talvez nos antigos altares druídicos); o povo aí acorre e abandona as igrejas[585]; esse Adalberto é tão reverenciado que suas relíquias são disputadas, como suas unhas e seus cabelos. Autorizado por uma carta que recebeu de Jesus Cristo, ele invoca os anjos cujos nomes são desconhecidos; ele sabe, de avanço, os pecados dos homens e não escuta sua confissão. Winfried, implacável inimigo da Igreja Celta, obtém de Carlomano e Pepino que eles prendam Adalberto. Esse zelo áspero e feroz era, ao menos, desinteressado. Após ter fundado nove bispados e tantos mosteiros, no alto de sua glória, à idade de setenta e três anos, ele renuncia ao arcebispado de Mainz em favor de seu discípulo Lulle e retorna, simples missionário, aos bosques e pântanos da Frísia pagã onde, quarenta anos antes, ele pregara a primeira vez. Aí, ele encontrou o martírio[586].

Quatro anos antes de sua morte (751), ele sagrara rei, em nome do Papa de Roma, Pepino e transferira a coroa a uma nova dinastia. Este filho de Carlos Martelo, único prefeito pelo retiro de um de seus irmãos ao Monte Cassino e pela fuga de outro, era o bem-amado da Igreja. Ele reparava as espoliações de Carlos Martelo; ele era o único apoio do Papa contra os Lombardos. Tudo isso o encorajou a findar a longa comédia que encenavam os prefeitos do palácio desde a morte de Dagoberto e a tomar para si próprio o título de rei. Havia perto de cem anos que os Merovíngios, confinados em sua villa de Marmagne ou em algum mosteiro, conservavam uma vã sombra da realeza[587]. Não era senão à primavera, quando da abertura do Campo de Marte, que se mostrava ao povo o seu rei. Silencioso e grave, esse rei cabeludo, barbudo (eram, qualquer que fosse a idade do príncipe, as insígnias obrigatórias da realeza[588]), aparecia lentamente carregado sobre o carro germânico atrelado aos bois, como aquele da deusa Herta[589]. Entre tantas revoluções que se faziam em nome desses reis, vencedores, vencidos, a sorte deles pouco mudava. Eles passavam do palácio ao claustro, sem notar a diferença. Mesmo com frequência, o prefeito vencedor abandonava seu rei pelo rei vencido, se este figurasse melhor. Geralmente, esses pobres reis não viviam muito; últimos descendentes de uma raça enfraquecida, fracos e débeis, eles pagavam a pena de seus pais. Mas essa própria juventude, essa inação, essa inocência, devem ter inspirado no povo a idéia profunda da santidade real, do direito do rei. O rei cedo pareceu-lhe como um ser irrepreensível, talvez como um companheiro de suas misérias, ao qual faltava apenas o poder que as repararia. E mesmo o silêncio da imbecilidade não diminuía o respeito. Esse ser taciturno parecia guardar o segredo do amanhã. Ainda hoje, em várias regiões, o povo crê haver algo de divino nos idiotas como, outrora, os pagãos reconheciam a divindade nos animais.

Após os Merovíngios, diz Eginhardo[590], os Francos se constituíram dois reis[591]. De fato, essa dualidade se encontra quase sempre no início da dinastia Carolíngia. Ordinariamente, dois irmãos reinam juntos: Pepino e Martinho, Pepino e Carlomano, Carlomano e Carlos Magno. Quando há um terceiro irmão (por exemplo, Grifo, irmão de Pepino o Breve), ele é excluído da partilha.

Essa realeza de Pepino, fundada pelos padres, foi devotada aos padres. O descendente do bispo Arnulfo, o parente de tantos bispos e santos, deu grande influência aos prelados.

Em toda parte, os inimigos dos Francos se encontravam entre aqueles da igreja: Saxões pagãos, Lombardos perseguidores do Papa, Aquitânios espoliadores dos bens eclesiásticos. A grande guerra de Pepino foi contra a Aquitânia. Ele não fez senão uma campanha no Saxe, obtendo a liberdade de pregação para os missionários e encarregando o tempo do resto. Duas campanhas bastaram contra os Lombardos, o próprio Papa Estevão[592] veio-lhe implorar o socorro dos Francos. Pepino forçou os Alpes, forçou Pavia e exigiu do Lombardo Astolfo que rendesse, não ao Império grego, mas a São Pedro e ao Papa[593], as cidades de Ravena, de Emilia, do Pentapolo[594] e do ducado de Roma. Era necessário que os Lombardos e Gregos inspirassem muito pouco temor para que Pepino pudesse crer essas províncias em segurança nas mãos desarmadas de



um padre.

Foi bem um outro tipo de guerra aquela da Aquitânia: uma palavra a explicará em duração. Esse país, encostado nos Pirineus ocidentais que os antigos Iberos, Vascos, Guascos ou Bascos (Eusken) ocupavam e ainda ocupam, recrutava incessantemente sua população entre esses montanheses. Esse povo, agricultor por gosto e temperamento, salteador por posição, foi por muito tempo mantido nos rochedos pelos Romanos e, depois, pelos Godos. Os Francos expulsaram esses últimos, mas não os substituíram. Eles fracassaram várias vezes contra os Vascos e encarregaram um duque Genialis, sem dúvida um romano da Aquitânia, de observá-los (cerca do ano 600) [595]. Entretanto, os gigantes da montanha [596] desciam pouco a pouco para entre os homenzinhos do Béarn [597], em suas grossas capas vermelhas e calçados de mocassins de crinas, homens, mulheres, crianças, tropas de animais, avançando em direção ao Norte: as vegetações rasteiras são um vasto caminho. Primogênitos do mundo antigo, eles vinham reclamar sua parte de belas planícies sobre tantos usurpadores que se sucederam, Galos, Romanos e Germanos. Assim, no século VII, na dissolução do império nêustrio, a Aquitânia se encontra renovada pelos Vascos, como a Ostrásia pelas novas imigrações germânicas. Dos dois lados, o nome seguiu o povo e se espalhou com ele; o norte se chamou *França*, o sul, a Vascônia, *Gasconha*. Esta última avançou até o rio Adour, até o Garonne e, durante um instante, até o Loire. Então, o choque teve lugar.

Segundo as tradições muito pouco certas, o aquitânio Amandus, por volta do ano 628, se fortificara em seus grotões, derrotando os Francos em favor dos Bascos e os Bascos em favor dos Francos. Ele teria dado sua filha a Cariberto, irmão de Dagoberto [598]; após a morte de seu genro, ele teria defendido a Aquitânia, em nome de seus netos órfãos, contra o tio deles Dagoberto. Talvez o casamento de Cariberto não seja nada além de uma fábula inventada mais tarde para estreitar as grandes famílias da Aquitânia à primeira raça. Todavia, vemos, pouco depois, os duques aquitânios esposarem três princesas ostrasianas.

Os últimos netos de Amandus foram Eudes e Huberto. Este passou à Nêustria, onde então reinava o prefeito Ebroín, depois à Ostrásia, país de sua tia e de sua avó. Aí, ele se fixou perto de Pepino. Grande caçador, ele corria com eles a imensidão das Ardenas; a aparição de um cervo milagroso o decidiu a abandonar o século para entrar na Igreja. Ele foi discípulo e sucessor de São Lamberto (de Maastricht) e fundou o bispado de Liège. É o protetor dos caçadores, desde a Picardia até o Reno.

Seu irmão Eudes seguiu uma outra carreira; ele acreditou, um tempo, ser o rei de todas as Gálias; senhor da Aquitânia até o Loire, senhor da Nêustria, em nome do rei Chilperico II, o qual estava em suas mãos. Mas a sorte de diversas dinastias de Toulouse, como veremos mais tarde, foi de sempre serem esmagadas entre a Espanha e a França do norte. Eudes foi batido por Carlos Martelo, e o temor dos Sarracenos, que o ameaçavam pelas costas, o convenceu a entregar-lhe Chilperico. Vencedor dos Sarracenos em frente a Toulouse, mas ameaçado pelos Francos, ele resolveu negociar com os infieis. O emir Munuza, que se fizera independente no norte da Espanha, se encontrava, na visão dos tenentes do califa, na mesma posição que Eudes em relação a Carlos Martelo. Eudes se uniu ao emir e deu-lhe sua filha [599]. Essa estranha aliança, sem precedente anterior, logo caracteriza a indiferença religiosa da qual a Gasconha e a Guiana nos dão tantas provas: povo móvel, espiritual, muito hábil nas coisas desse mundo, mediocrementemente ocupado daqueles do outro, o país de Henrique IV, de Montesquieu e de Montaigne, não é um país de devotos.

Essa aliança política e ímpia foi muito mal recebida. Munuza foi encarcerado em uma fortaleza por Abder-Rahman, tenente do califa, e não evitou o cativeiro senão pela morte: ele se precipitou do alto de um rochedo. A pobre Francesa foi enviada ao harém do califa de Damasco. Os Árabes franquearam os Pirineus e Eudes foi derrotado como seu genro. Mas os próprios Francos se uniram a ele e Carlos Martelo o ajudou a expulsar os Árabes em Poitiers (732). A Aquitânia, convencida de sua impotência, se encontrou numa espécie de dependência em relação aos Francos.

O filho de Eudes, Hunaldo, o herói dessa raça, não se resignou. Ele começou, contra Pepino o Breve e Carlomano (741), uma luta desesperada que despertou o interesse de todos os inimigos declarados ou secretos dos Francos; ele foi até o Saxe, na Baviera, procurar aliados [600]. Os Francos queimaram o Berry, cercaram a Auvérnia, repeliram Hunaldo para trás do Loire e foram reconvocados pelas incursões dos Saxões e dos Alemães. Hunaldo atravessou o Loire por seu turno e incendiou Chartres; talvez ele tivesse maior sucesso, mas parece ter sido traído por seu irmão Hatto que, em seu nome, governava o Poitou. Eis, já aí, a causa das desgraças futuras da Aquitânia, a rivalidade entre Poitiers e Toulouse.

Hunaldo cedeu, mas vingou-se de seu irmão, vazando-lhe os olhos e, depois, ele próprio se confinou num convento da ilha de Ré [601] para fazer penitência. Seu filho Guaifer (745) encontrou um auxiliar em Grifo, jovem irmão de Pepino, assim como Pepino achara um no irmão de Hunaldo. Mas a guerra do sul não começou seriamente senão em 759, quando Pepino

venceu os Lombardos. Era a época onde o califado acabava de se dividir. Alfonso o Católico, entrincheirado nas Astúrias, aí reerguia a monarquia dos Godos. Aqueles da Septimania[602] (o Languedoc, menos Toulouse), agitaram-se para recuperar também sua independência. Os Sarracenos, que ocupavam essa região, foram logo obrigados a se fechar em Narbonne. Um chefe dos Godos se fez reconhecer como senhor por Nîmes, Maguelonne, Agde e Béziers[603]. Mas os Godos não eram suficientemente fortes para retomar Narbonne. Eles chamaram os Francos; estes, inábeis na arte dos sítios, permaneceriam para sempre diante desse lugar se os moradores cristãos não tivessem terminado por surrupiar os Sarracenos e, eles próprios, abrissem suas portas. Pepino jurou respeitar as leis e liberdades do país[604].

Então, Pepino começou com vantagem a guerra contra os Aquitânios que ele podia, doravante, contornar do lado leste. “Depois que o país repousara de guerras durante dois anos, o rei Pepino enviou deputados a Guaifer, príncipe da Aquitânia, para exigir-lhe entregar às igrejas de seu reino os bens que elas possuíam na Aquitânia. Ele desejava que essas igrejas gozassem de suas terras com todas as imunidades que lhe foram outrora asseguradas; que esse príncipe lhe pagasse, segundo a lei, o preço da vida de certos Godos que ele matara contra toda justiça; enfim, que ele colocasse em seu poder aqueles homens de Pepino que haviam fugido do reino dos Francos e se refugiado na Aquitânia. Guaifer repeliu com desdém todas essas exigências[605].”

A guerra foi lenta, sangrenta, destruidora. Várias vezes os Aquitânios e Bascos[606], em investidas ousadas, penetraram até Autun, até Châlons. Mas os Francos, melhor organizados e avançando por grandes massas, fizeram maior mal a seus inimigos. Eles queimaram todo o Berry, árvores e casas, e isso mais de uma vez. Depois, mergulhando na Auvérnia, eles tomaram os fortes, atravessaram e queimaram o Limousin. Depois, com a mesma regularidade, eles queimaram o Quercy, cortando as vinhas que faziam a riqueza da Aquitânia. “O príncipe Guaifer, vendo que o rei dos Francos, com a ajuda de suas máquinas, tomara o forte de Clermont, assim como Bourges, capital da Aquitânia, e cidade muitíssimo fortificada, desesperou-se de, daí para frente, resitir-lhe e mandou derrubar os muros de todas as cidades que lhe pertenciam na Aquitânia, a saber: Poitiers, Limoges, Saintes, Périgueux, Angoulême e muitas outras[607].”

O infeliz se retirou para praças fortes em montanhas selvagens. Mas, a cada ano, um dos seus era levado. Ele perdeu seu Conde de Auvérnia que pereceu combatendo; seu Conde de Poitiers foi morto na Touraine pelos homens de São Martinho de Tours[608]. Seu tio Remisto, que o abandonara, depois novamente sustentara, foi preso e enforcado pelos Francos. O próprio Guaifer foi, enfim, assassinado pelos seus, cuja volubilidade se cansara de uma guerra gloriosa mas sem esperança. Pepino, triunfando pela perfídia, se viu, então, único senhor de todas as Gálias, todo-poderoso pela humilhação dos Lombardos, todo-poderoso na igreja pela amizade dos Papas e dos bispos para os quais transferiu quase toda a autoridade legislativa. Sua reforma da igreja pelos cuidados de São Bonifácio, as numerosas translações de relíquias das quais ele despojou a Itália para enriquecer a França, fizeram-lhe uma honra infinita. Ele mesmo aparecia nas cerimônias solenes portando as relíquias sobre os ombros, entre outras as de Santo Austremônio e de São Germano de Paris[609].

Carlos[610], filho e sucessor de Pepino (768), logo se tornou o único senhor do império pela morte de seu irmão Carloman, como ocorreu com Pepino o Antigo pela de Martinho e com Pepino o Breve pela retirada do primeiro Carloman. Os dois irmãos asfixiaram sem trabalho a guerra que se reavivava na Aquitânia. O velho Hunaldo, saindo de seu convento ao cabo de vinte e três anos, tentou em vão vingar seu filho e libertar seu país. Ele mesmo foi entregue por um filho daquele irmão (Hatto) a quem mandara vazar os olhos. Esse homem indomável não cedeu e chegou a se retirar na Itália, ao lado de Desidério, rei dos Lombardos. Desidério, a quem Carlos, seu genro, havia ultrajosamente devolvido a filha, sustentava, em represália, os sobrinhos de Carlos e ameaçava fazer valer os direitos desses. O rei dos Francos passou à Itália e sitiou Pavia e Verona. Essas duas cidades resistiram por muito tempo. Para dentro da primeira, Hunaldo havia se lançado e impedido os habitantes de se renderem até que foi lapidado[611]. O filho de Desidério se refugiou em Constantinopla e os Lombardos não conservaram senão o ducado de Benevento. Era a parte central do reino de Nápoles; os Gregos possuíam os portos. Carlos tomou o título de rei dos Lombardos.

O império dos Francos já estava velho e fatigado quando caiu entre as mãos de Carlos Magno, mas todas as nações circunvizinhas se haviam enfraquecido. A Nêustria nada mais era; os Lombardos, não eram grande coisa: divididos algum tempo entre Pavia, Milão e Benevento, eles não se tinham jamais bem reunidos. Os Saxões, bem ao contrário temíveis, é verdade, eram, às costas, pressionados pelos Eslavos. Os Sarracenos, no mesmo ano em que Pepino se fez rei, perderam a unidade de seu império; a Espanha se isolou da África e viu-se, ela própria, enfraquecida pelo cisma que dividia o califado; este último evento assegurava a Aquitânia do lado dos Pirineus. Assim, duas nações restavam erguidas nessa prostração comum do Ocidente, fracas, mas as menos fracas de todas: os Aquitânios e os Francos da Ostrásia. Estes últimos deviam vencer: mais unidos que os Saxões, menos fogosos, menos caprichosos que os Aquitânios, eles eram melhor disciplinados que aqueles e esses. “Parece”, diz *M. de Sismondi*, t. II, p. 267), que os Francos haviam conservado alguma coisa dos hábitos da milícia romana, onde seus avós serviram tão longamente”. Eram, de fato, os mais disciplináveis dos bárbaros, os que tinham o temperamento menos individualista, o menos original, o menos poético[612]. Os sessenta anos de guerras que preenchem os

reinos de Pepino e de Carlos Magno oferecem poucas vitórias, mas devastações regulares, periódicas; eles desgastavam seus inimigos muito mais que os domavam; eles quebravam, com o tempo, o ardor e o ímpeto deles. A lembrança mais popular que restou dessas guerras é aquela de uma derrota: Roncevaux[613]. Não importa, vencedores, vencidos, eles produziam desertos e, nesses desertos, eles erguiam alguma praça forte[614] e forçavam mais longe, pois recomeçava-se a construir. Os Bárbaros tinham bem caminhado; eles procuravam a estabilidade; o mundo se assentava, ao menos de lassidão.

O que ainda favoreceu a imobilização desse mundo inconstante foi a longa duração dos reinos de Pepino e de Carlos Magno. Após todos aqueles reis que morriam aos quinze ou vinte anos, surgem dois que preencheram quase um século com seus reinos (741-814). Eles puderam construir e fundar por lazer; eles recolheram e puseram juntos os elementos dispersos das épocas precedentes. Eles herdaram de tudo e fizeram esquecer tudo o que precedia. Sucedeu a Carlos Magno o que ocorreu, oito séculos mais tarde, com Luís XIV: tudo datava do *grande reino*. Instituições, glória nacional, tudo foi-lhe relacionado. As próprias tribos que o haviam combatido, atribuem-lhe suas leis, tão antigas quanto a raça germânica[615]. Na realidade, a própria velhice, a decadência do mundo bárbaro, foi favorável à glória desse reino; esse mundo se extinguindo, toda a vida se refugiou no coração. Os homens ilustres de qualquer grotão afluíram à corte do rei dos Francos. Três chefes-escola, três reformadores das letras ou dos costumes, aí criaram um movimento passageiro; da Irlanda vem Clemente, dos Anglo-Saxões Alcuíno, da Gócia ou Languedoc São Bento de Aniane. Cada nação pagou, assim, seu tributo; citemos, ainda, o lombardo Paulo Warnefred[616], o godo italiano Theodulfo, o espanhol Agobardo. O feliz Carlos Magno aproveita de tudo. Cercado desses padres estrangeiros que eram a luz da igreja, filho, sobrinho, neto de bispos e de santos, seguro do Papa que sua família protegera contra os Gregos e Lombardos, ele dispunha de bispados, de abadias, deu-os, mesmo, a laicos. Mas ele confirmou a instituição do dízimo[617] e libertou a igreja da jurisdição secular[618]. Esse Davi, esse Salomão dos Francos, se encontra mais padre que os padres e foi, assim, o rei deles.

As guerras da Itália, a própria queda do reino dos Lombardos, não foram senão episódicas nos reinos de Pepino e de Carlos Magno. A grande guerra do primeiro é, nós o vimos, contra os Aquitânios, a de Carlos, contra os Saxões. Nada indica que esta última tenha sido motivada, como se poderia acreditar, pelo temor de uma invasão. Sem dúvida houvera, constantemente pelo Reno, uma imigração de povos germânicos. Eles passavam em grande número para procurar fortuna na rica região do Oeste. Esses recrutas fortificavam e renovavam sem cessar os exércitos dos Francos. Mas invasões de tribos inteiras, como aquelas que tiveram lugar nos últimos tempos do império romano, nada faz suspeitar que um fato parelho tenha acompanhado o soerguimento da segunda raça, nem que ela estivesse ameaçada de ver-se renovada quando do advento de Carlos Magno.

O verdadeiro motivo da guerra foi a violenta antipatia das raças franca e saxônica, antipatia que crescia a cada dia, à medida que os Francos se tornavam mais romanos, desde que receberam uma organização nova sob a mão toda eclesiástica dos carolíngios. Estes haviam, de início, esperado, segundo o sucesso de São Bonifácio, que a Alemanha fosse pouco a pouco subjugada e ganha pelos missionários. Mas o estranhamento dos dois povos se tornara muito forte para que a fusão pudesse se operar. Os últimos progressos dos Francos na civilização tinham sido muito rápidos. Os homens da *terra Vermelha*[619], como os Saxões orgulhosamente se autoproclamavam, dispersos, segundo a liberdade de seu temperamento, em suas *marches*, nas profundas clareiras dessas florestas, onde os esquilos corriam sete léguas sem descer, não conhecendo e não querendo outras barreiras que não fosse a vaga limitação de seus *gau*[620], tinham horror às terras limitadas, às *mansi*[621] de Carlos Magno. Os Escandinavos e os Lombardos, como os Romanos, orientavam e dividiam os campos. Mas, na própria Alemanha não há traço de algo assim. As divisões de território, os recenseamentos dos homens, todos esses meios de ordem, de administração e de tirania, eram temidos pelos Saxões que, divididos pelos próprios Ases em três reinos e doze tribos, não desejavam outra divisão. Suas *marches* não eram, de forma alguma, terras vãs e vagas; *cidade* e *prado* são sinônimas nas antigas línguas do Norte[622]: o campo era a cidade deles. O estranho que passa na *marche* não se deve fazer conduzir sobre sua charrua, ele deve respeitar a terra e erguer o arado.

Essas tribos, altivas e livres, se agarraram às suas velhas crenças pelo ódio e pela inveja que os Francos lhes inspiravam. Os missionários, dos quais se fatigavam, cometeram a imprudência de ameaçá-los com as armas do grande Império[623]. São Libuíno, que pronunciou esse discurso, teria sido feito em pedaços sem a intercessão dos anciãos saxões. Mas eles em nada impediram que os jovens queimassem a igreja que os Francos haviam construído em Deventer[624]. Estes últimos, que talvez desejassem um pretexto para precipitar pelas armas a conversão de seus vizinhos bárbaros, marcharam direto ao principal santuário dos Saxões, no lugar onde se encontrava o principal ídolo e as mais caras lembranças da Germânia. O Herman-saul[625], misterioso símbolo, onde se podia ver a imagem do mundo ou da pátria, de um deus ou de um herói, essa estátua, armada dos pés à cabeça, segurava uma balança na mão esquerda e, na destra, uma bandeira na qual se via uma rosa, sobre seu escudo, um leão comandando outros animais e, a seus pés, um campo semeado de flores. Todos os lugares vizinhos eram consagrados pela lembrança da grande e primeira vitória dos Germanos sobre o Império[626].

Se os Francos tivessem guardado a lembrança de sua origem germânica, eles teriam respeitado esse lugar sagrado. Eles o violaram, eles despadaçaram o símbolo nacional. Essa vitória fácil foi santificada por um milagre: inesperadamente, uma fonte jorrou para dar de beber aos soldados de Carlos Magno[627]. Os Saxões, surpreendidos em suas florestas, deram doze reféns, um por tribo. Mas eles logo reconsideraram e devastaram o Hesse. Cometer-se-ia uma injustiça se, após esse fato e tantos outros do mesmo gênero, os Saxões fossem acusados de perfídia. Independentemente da mobilidade de espírito própria aos bárbaros, aqueles que cediam deviam ser geralmente a população vinculada ao solo por sua fraqueza, as mulheres, os anciãos. Os jovens, refugiados nos pântanos, nas montanhas, nos cantões do norte, retornavam e recomeçavam. Não se podia contê-los senão permanecendo no meio deles. Assim, Carlos fixou sua residência sobre o Reno, em Aix-la-Chapelle[628], da qual ele amava, além da questão estratégica, as águas termais, e fortificou, construiu mesmo, no Saxe, o castelo de Eresburgo[629].

No ano seguinte (775), ele passou o rio Weser. Os Saxões Angários se submeteram, assim como uma parte dos Westfálios. O inverno foi empregado para castigar os duques lombardos que reconvocavam o filho de Desidério. Na primavera, a assembléia ou concílio de Worms jurou continuar a guerra até que os Saxões se convertessem. Sabe-se que, sob os carolíngios, os bispos dominavam essas assembléias. Carlos penetrou até às fontes do Lippe e aí construiu um forte[630]. Os Saxões aparentavam ter se submetido. Todos aqueles que foram procurados em seus lares receberam sem dificuldade o batismo. Essa cerimônia, cujo sentido eles certamente mal compreendiam, não parece ter jamais inspirado muita repugnância aos Bárbaros pagãos. Essas populações, mais orgulhosas que fanáticas, prendiam-se à sua religião talvez menos do que se podia acreditar, segundo sua resistência. Sob Luís o Piedoso, os homens do norte se faziam batizar em multidão: a dificuldade não era outra senão encontrar túnicas brancas em número suficiente e um fulano se fizera batizar três vezes para ganhar três túnicas[631].

Assim, enquanto Carlos Magno acreditava tudo terminado e batizava os Saxões em Paderborn, aos milhares, o chefe westfálio Viduquind[632] retorna com seus guerreiros refugiados no norte, com aqueles mesmos do norte que, pela primeira vez, apareciam em face dos Francos. Derrotado no Hesse, Viduquind entra em suas florestas e retorna aos Dinamarqueses para logo voltar.

Era precisamente o ano de 778, quando os exércitos de Carlos Magno tiveram o revés tão memorável de Roncevaux. O enfraquecimento dos Sarracenos, a amizade dos pequenos reis cristãos, os rogos dos emires revoltados do norte da Espanha, tinham favorecido os progressos dos Francos: eles haviam se estendido até o Ebro e chamavam seus acampamentos na Espanha de uma nova província, sob os nomes de passo da Gasconha e passo da Gótia. Do lado oriental, tudo ia bem, pois os Francos eram sustentados pelos Godos mas, ao Ocidente, os Bascos, velhos soldados de Hunaldo e de Guaifer, os reis de Navarra e das Astúrias, que viam Carlos Magno tomar posse do país e colocar todos os fortes entre as mãos dos Francos, armaram-se sob Lope, filho de Guaifer[633]. Em volta, os Francos, atacados por esses montanheses, perderam muita gente nessas porções difíceis, nessas gigantescas escadas em que se sobe em fila, homem a homem, seja a pé, seja ao lombo da mula: os rochedos dominam e parecem sempre prontos a esmagar aqueles que violam esse limite solene dos dois mundos[634].

A derrota de Roncevaux não foi, alguns asseguram, senão uma questão menor. Entretanto, Eginhardo reconhece que os Francos aí perderam muita gente, inclusive vários de seus chefes mais distinguidos e o famoso Rolando. Talvez os Sarracenos tenham ajudado; talvez a derrota iniciada com eles sobre o Ebro, tenha sido consumada pelos Bascos nas montanhas. O nome do famoso Rolando se encontra em Eginhardo sem outra explicação: *Rotlandus praefectus britannici limitis*[635]. A brecha imensa que os Pirineus abrem sobre as voltas do Monte Marboré, e de onde um olho penetrante poderia ver, à sua escolha, Toulouse ou Saragoza, não é outra coisa, como se sabe, senão um golpe de espada de Rolando[636]. Seu olifante[637] foi guardado por muito tempo em Blaye, cidade às margens do Garonne, essa trompa na qual ele soprava tão furiosamente que, diz o poeta, tendo quebrado sua durindana[638], ele chamou, até que as veias de seu pescoço se rompessem, o despreocupado Carlos Magno e o traidor Ganelão (Ganelon em francês) de Mainz. O traidor, nesse poema eminentemente nacional, é um Alemão.

O ano seguinte (779) foi mais glorioso para o rei dos Francos: ele penetra entre os Saxões ainda sublevados, encontra-os reunidos em Buchholz e aí os derrota. Chegando assim sobre o Elba, fronteira dos Saxões e dos Eslavos, ele se ocupou em estabelecer a ordem no país que acreditava ter conquistado; ele novamente recebeu os juramentos dos Saxões em Orheim, batizou-os aos milhares e encarregou o abade de Fulda de estabelecer um sistema regular de conversão, de conquista religiosa[639]. Um exército de padres vem após o exército dos soldados. Todo o país, dizem os cronistas, foi dividido entre os abades e os bispos[640]. Oito grandes e poderosos bispados foram sucessivamente criados: Minden e Halberstadt, Verdun, Bremen, Munster, Hildesheim, Osnabrück e Paderborn (780-802): fundações ao mesmo tempo eclesiásticas e militares, onde os chefes mais dóceis tomavam o título de condes para executar contra seus irmãos as ordens dos bispos. Tribunais erigidos por todo o condado deveriam perseguir os relapsos e fazer-lhes entender, por sua conta, a gravidade desses votos que eles



faziam e violavam com frequência. É a esses tribunais que remontam as famosas cortes weimicas[641] que, verdadeiramente, não se constituíram senão entre os séculos XIII e XV[642]. Nós já vimos que as nações germânicas atribuíam, com prazer, a origem de suas instituições a Carlos Magno. Talvez o segredo terrível desses procedimentos seja vagamente lembrado na imaginação dos povos, as medidas inquisitoriais outrora empregadas contra seus avós pelos padres de Carlos Magno; ou, se acaso queira-se enxergar nas cortes weimicas um resto das antigas instituições germânicas, é mais provável que esses tribunais de homens livres, que batiam, à sombra, num culpado mais forte que a lei, tivessem por primeiro objetivo punir os traidores que passavam ao partido do estrangeiro, que sacrificavam-lhe sua pátria e seus deuses e que, sob seu patrocínio, bradavam as velhas leis do condado. Mas eles não manejavam a flecha que assoviava às orelhas sem que alguma mão não parecesse guiá-la; e mais de um empalidecia pela manhã, quando via pregado, à sua porta, o símbolo fúnebre que o convocava a comparecer ao tribunal invisível.

Enquanto os padres reinam, convertem e julgam, enquanto eles perseguem com segurança essa educação assassina dos bárbaros, Viduquind desce ainda uma vez do norte para tudo revirar. Uma turba de Saxões se junta a ele. Esse bando intrépido derrota os tenentes de Carlos Magno perto de Sonnenthal (Vale do Sol)[643] e, quando o pesado exército dos Francos vem em socorro, eles desaparecem. Havia alguns, entretanto, quatro mil e quinhentos dentre eles que, talvez, tivessem na Saxônia uma família a alimentar e não puderam seguir Viduquind em sua rápida retirada. O rei dos Francos queimou e devastou até que eles lhe fossem entregues. Os conselheiros de Carlos Magno eram homens da igreja, imbuídos da ideia do Império, governo sacerdote e jurista, friamente cruel, sem generosidade, sem compreensão do temperamento bárbaro. Eles não viram nesses cativos nada além de criminosos culpados de lesa-majestade e aplicaram-lhes a lei. Os quatro mil e quinhentos foram decapitados em um único dia em Verden[644]. Os que tentaram vingar-se, foram massacrados em Detmold e próximo a Osnabrück. O vencedor, detido mais de uma vez nessas paragens úmidas pelas chuvas, pelas inundações, pelos lodaçais profundos, teimou em continuar a guerra durante o inverno. Então, tanto quanto as folhas ocultam o proscrito, os brejos endurecidos não o defendem: o soldado o aguarda isolado em sua cabana, no lar doméstico, entre sua mulher e seus filhos, assim como a besta selvagem patea o covil cobrindo seus pequenos.

A Saxônia permaneceu tranquila durante oito anos. O próprio Viduquind se rendera. Mas aos Francos não faltaram inimigos. As nações dependentes não estavam nada mais que resignadas. Dentro do próprio palácio, parece, os Turíngios tiraram a espada contra os Francos que, à ocasião do casamento de um de seus chefes, quiseram submetê-los à leis sálicas[645]. Essa causa, e ainda outras que nos são pouco conhecidas, provocou uma conjuração dos grandes contra Carlos Magno. Eles detestavam sobretudo, segundo se disse, o orgulho e a crueldade da sua jovem esposa Fastrada[646], a quem um marido de cinquenta anos nada sabia recusar. Os conjurados, descobertos, não negaram; um deles teve a audácia de dizer: “Se me crês, tu não terias jamais passado o Reno vivo”. O soberano, piedoso, impôs-lhes, como pena, algumas peregrinações longínquas aos túmulos dos santos, mas ele os mandou matar em rota[647]. Alguns anos depois, um filho natural de Carlos Magno se associou aos grandes para derrubar seu pai[648].

Outra conjuração de fora entre os príncipes tributários: os Bávaros e os Lombardos eram dois povos irmãos. Os primeiros tinham, por muito tempo, dado reis aos segundos. Tassilão, duque da Baviera, desposara uma filha de Desidério, uma irmã daquela que Carlos Magno desposara e que ele ultrajosamente mandara devolver ao pai. Tassilão era, assim, cunhado do duque Lombardo de Benevento. Este se entendia com os Gregos, senhores do mar; Tassilão chamava os Eslavos e os Avaros. Os movimentos dos Bretões e dos Sarracenos os encorajavam[649]. Mas os Francos cercaram Tassilão com três exércitos: vencido sem combate, ele foi acusado de traição na assembléia de Ingelheim como um criminoso ordinário, processado e condenado à morte; mas teve apenas os cabelos tosquiados e foi aprisionado no monastério de Jumièges. A Baviera morreu como nação. O reino dos Lombardos também perecera; dele restara algo nas montanhas do sul do ducado de Benevento, que Carlos Magno nunca pôde forçar, mas que ele enfraqueceu e atrapalhou, opondo-lhe um concorrente ao filho de Desidério que os Gregos reconduziam.

Carlos Magno tinha mais um tributário e uma guerra a mais. Dera-se o mesmo na Alemanha: vindo sobre o Elba, em face dos Eslavos, ele viu-se obrigado a intervir em suas querelas e a secundar os Obotritas contra os Veletos (ou Liutzianos). Os Eslavos deram reféns. O império pareceu ter ganho tudo o que está entre o Elba e o Oder... sempre se estendendo, sempre se enfraquecendo.

Entre os Eslavos do Báltico e aqueles do Adriático, atrás da Baviera tornada simples província, Carlos Magno encontrava os Avaros, cavaleiros infatigáveis, entrincheirados nos brejos da Hungria que, daí, fundiam-se, quando bem entendiam, sobre os Eslavos e sobre o império grego. Todos os invernos, diz o historiador, eles iam dormir com as mulheres dos Eslavos. O campo deles, ou *ring*, era uma prodigiosa aldeia de madeira que cobria toda uma província, fechada de galhos das árvores entrelaçadas; lá, encontravam-se as rapinas de vários séculos, os despojos dos Bizantinos, amontoamento estranho de objetos os mais brilhantes, os mais inúteis aos bárbaros, bizarro museu da bandidagem. Esse campo, conforme um velho



soldado de Carlos Magno, teria tido doze ou quinze léguas de diâmetro[650], como as cidades do Oriente, Nínive ou Babilônia: tal é o gênio dos Tártaros. O povo unido em um só campo, o resto em pastos desertos. Aquele que visitou o khagan[651] dos Turcos no sexto século, encontrou o bárbaro que se sentava sobre um trono de ouro no meio do deserto. O dos Avaros, no seu povoado de madeira, ganhou leitos de ouro maciço do imperador de Constantinopla[652].

Esses bárbaros, tornados vizinhos dos Francos, teriam levantado tributos sobre eles como sobre os Gregos. Carlos Magno os atacou com três exércitos e avançou até o Rába, queimando as poucas habitações que encontrava; mas o que importava aos Avaros o incêndio dessas cabanas? Entretanto, a cavalaria de Carlos Magno se desgastava nesses desertos contra um inapaneável inimigo, o qual não se sabia onde encontrar. Mas o que se encontrava em todo lugar eram as planícies úmidas, os brejos, os rios transbordantes. O exército dos Francos aí deixa todos os seus cavalos[653].

Dizemos sempre “o exército dos Francos”, mas esse povo dos Francos é o vaso de Teseu. Renovado peça a peça, ele quase nada tem de si mesmo. Era, então, na Frísia, na Saxônia, tanto quanto na Ostrásia, que se recrutavam os exércitos de Carlos Magno. Era sobre esses povos que tombavam efetivamente os reveses dos Francos. Não era suficiente trazer sobre eles o jugo dos padres; era também necessário, coisa intolerável aos bárbaros, que, deixando seus costumes, vestes, a língua de seus pais, eles fossem se perder nos batalhões dos Francos seus inimigos, vencessem, morressem por eles. Pois eles nunca retornavam aos seus países, enviados a trezentas ou quatrocentas léguas contra os Sarracenos da Espanha ou os Lombardos de Benevento. Para perecer, os Saxões preferiam perecer em suas terras. Eles massacraram os tenentes de Carlos Magno, queimaram as igrejas, expulsaram ou degolaram os padres e retornaram com paixão ao culto de seus antigos deuses. Eles fizeram causa comum com os Avaros, ao invés de fornecer um exército contra eles. No mesmo ano, o exército do califa Hisham I, encontrando a Aquitânia desguarnecida de tropas, passou o Ebro, franqueou as Marcas e os Pirineus, queimou as cercanias de Narbonne e derrotou, com uma grande carnificina, as tropas que Guilherme do Nariz-Curto[654], conde de Toulouse e regente da Aquitânia, havia reunido; então, eles retomaram a rota da Espanha levando todo um povo como cativo e carregados de ricos despojos com os quais o califa ornamentou a magnífica mesquita de Córdoba[655]. Tudo se armava contra Carlos Magno, até a própria natureza. Quando essas notícias desastrosas lhe chegaram, ele estava na Suábia para apressar os trabalhos de um canal que juntaria o Reno ao Danúbio e facilitado, em caso de invasão, a defesa do império. Mas a umidade da terra e a continuidade das chuvas impediram a execução desse trabalho[656]. Foi como a grande ponte de Mainz que assegurava a passagem da França e da Alemanha e que foi queimada pelos barqueiros das duas margens.

Apesar de todos esses reveses, Carlos Magno logo retomou a ascendência sobre os inimigos dispersos. Ele conseguiu despovoar o Saxe, uma vez que não podia domá-lo. Ele se estabeleceu sobre o rio Weser e, talvez para convencer os Saxões que ele não desistiria, chamou seu campo de Heerstall[657], como se chamava o castelo patrimonial dos carolíngios no rio Mosa. A partir daí, alargando de todos os lados as suas incursões, eram-lhes entregues, em mais de um cantão, até um terço dos habitantes. Essas tropas de cativos eram, em seguida, expulsas para o sul, para o oeste, fixadas sobre novas terras entre populações todas hostis, todas cristãs e de língua diferente. Assim os reis dos Babilônios e dos Persas transportavam os judeus sobre o Tigre, os Calcídicos pelas bordas do Golfo Pérsico. Assim Probus transplantara colônias dos Francos e dos Frísios até as margens do Ponto Euxino.

Ao mesmo tempo, um filho de Carlos Magno, aproveitando-se de uma guerra civil dos Avaros, penetrava no território destes pelo sul com um exército de Bávaros e de Lombardos; ele passou os rios Danúbio e Tisza e, enfim, pôs a mão sobre esse precioso *ring* onde dormiam tantas riquezas. O butim foi tal, disse o analista, que, antes, os Francos eram pobres em comparação com o que se tornaram desde então. Parece que aquele povo entesourador perdeu sua alma com o ouro que encubava, como o dragão das poesias escandinavas. Ele caiu, a partir daí, numa extrema fraqueza. O Khagan se fez cristão. Aqueles que restam pagãos comem em pratos de madeira com os cães, às portas dos bispos enviados para convertê-los[658]. Alguns anos depois, vêmo-los pedir humildemente a Carlos Magno um abrigo na Baviera; eles não podem mais, diziam, resistir aos Eslavos a quem antes dominavam.

Desta vez, Carlos Magno começou a esperar um pouco de sossego. A julgar pela extensão de seu domínio, senão pelas suas reais forças, ele se encontrava como o maior soberano do mundo. Por que não consumaria aquilo que Teodorico não pudera fazê-lo, isto é, a ressurreição do Império Romano? Tal devia ser o pensamento de todos esses conselheiros eclesiásticos dos quais ele estava cercado. No ano 800, Carlos Magno se apresenta em Roma sob pretexto de restabelecer o Papa que fora expulso[659]. Às festas de Natal, enquanto se encontrava absorvido pelas orações, o Papa coloca-lhe sobre a cabeça a coroa imperial e o proclama Augusto. O Imperador se espanta e humildemente se aflige por lhe imporem um fardo superior às suas forças[660]; hipocrisia pueril que, de resto, ele desmentiu adotando os títulos e o cerimonial da corte de Bizâncio. Para restabelecer o Império, não era preciso senão uma coisa, casar o velho Carlos Magno com a velha Irene que reinava em Constantinopla após ter mandado assassinar seu filho. Era a idéia do Papa[661], mas não a de Irene, que preservou-se de dar-se um senhor[662].

Uma boa quantidade de pequenos reis ornamentava a corte do rei dos Francos e o ajudava a fazer essa fraca representação do Império. O jovem Egberto de Sussex, Eardulfo, rei da Nortúmbria[663], vinham se educar na polidez dos Francos[664]. Ambos foram restabelecidos em seus domínios por Carlos Magno. Lope, duque dos Bascos, fora também educado em sua corte. Os reis cristãos e os emires da Espanha o seguiam até as florestas na Baviera, implorando seu auxílio contra o califa de Córdoba. Alfonse, rei da Galícia, desenrolava as ricas tapeçarias que ele tomara na pilhagem de Lisboa e as oferecia ao Imperador. Os Idríssidas de Fez[665] também enviaram-lhe uma embaixada. Mas nenhuma foi tão brilhante como aquela de Harun al-Rashid, califa de Bagdá, que acreditou dever travar relações com o inimigo de seu inimigo, o califa cismático da Espanha. Ele mandou, segundo se disse, oferecer a Carlos Magno as chaves do Santo Sepulcro, presente forte honorável do qual o rei dos Francos não podia abusar. Espalhou-se que o chefe dos infiéis transmitira a Carlos Magno a soberania de Jerusalém. Um relógio sonante, um símio, um elefante, deixaram boquiabertos os homens do Oeste[666]. Não nos resta senão acreditar que a trompa gigantesca que se mostra em Aachen seja um dente desse elefante[667].

É em seu palácio de Aachen que se faz necessário ver Carlos Magno[668]. Esse restaurador do império do Ocidente havia despojado Ravena de seus mais preciosos mármore para ornamentar sua Roma bárbara. Ativo, mesmo em seu repouso, ele aí estudava com Pedro de Pisa, com o saxão Alcuíno, a gramática, a retórica, a astronomia; ele aprendia - coisa muita rara na época, a escrever[669]. Ele bem se melindrava de cantar ao falcistol[670] e observava impiedosamente os clérigos que se desincumbiam mal desse ofício[671]. Ele ainda encontrava tempo para observar aqueles que entravam ou saíam da residência imperial[672]. Rótulas de janela tinham sido colocadas por conta disso nas galerias elevadas do palácio de Aachen. À noite, ele se levantava regularmente para as matinas[673]. Alta estatura, cabeça redonda, pescoço grosso, nariz longo, ventre um pouco projetado, voz baixa, tal é o retrato de Carlos pelo historiador contemporâneo[674]. Ao contrário, sua mulher Hildegarda possuía uma voz forte; Fastrada, que ele desposou em seguida, exercia sobre ele uma dominação viril. Ele teve, entretanto, muitas amantes e foi casado cinco vezes; mas, após a morte de sua quinta esposa, ele não mais se casou e escolheu quatro concubinas com as quais passou, desde então, a se contentar[675]. O Salomão dos Francos teve seis filhos e oito filhas, estas muito bonitas e frívolas. Assegura-se que ele as amava bastante e nunca quis casá-las. Era um prazer vê-las cavalgar atrás de si em suas guerras e viagens[676].

A glória literária e religiosa do reino de Carlos Magno tem a ver, nós o dissemos, com três estrangeiros. O Saxão Alcuíno e o escocês Clemente fundaram a escola palatina, modelo de todas as outras que se ergueram depois. O godo Bento de Aniane, filho do conde de Maguelone[677], reformou os monastérios destruindo as diversidades introduzidas por São Columbano e pelos missionários Irlandeses do século VII. Ele impôs a todos os monges do Império a regra de São Bento[678]. O quanto essa reforma minuciosa e pedantesca foi inferior à instituição primeira, é o que M. Guizot bem demonstrou[679]. Não menos pedantesca e infecunda foi a tentativa de reforma literária dirigida sobretudo por Alcuíno: sabe-se que os principais conselheiros de Carlos Magno formaram uma espécie de academia, onde ele mesmo tinha assento sob o nome de rei David e os outros se chamavam Homero, Horácio etc. Malgrado todos esses nomes pomposos, algumas poesias apenas, do godo italiano Teodulfo, bispo de Orléans, algumas cartas de Leidrado, arcebispo de Lyon, merecem, talvez, alguma atenção; para o resto, é a vontade que se deve louvar, o esforço de restabelecer a unidade do ensino no Império. A única tentativa de estabelecer, onde quer que fosse, a liturgia romana e o canto gregoriano custou muito a Carlos Magno; entre tantos povos e tantas línguas, ele tinha muito a fazer, a dissonância reaparecendo sempre[680]. Drogon, irmão do imperador, dirigia a escola de Metz.

Com esse gosto pela literatura e pelas tradições de Roma, não é de se espantar que Carlos Magno e seu filho Luís adorassem se cercar de estrangeiros, de letrados de baixa extração. “Ocorreu que, nas praias da Gália, desembarcaram, com mercadores bretões, dois Escotos da Hibérnia, homens de uma ciência incomparável nos escritos profanos e sagrados. Eles não exibiam qualquer mercadoria e se puseram, cada dia, a apregoar para a multidão que vinha para comprar: “Se alguém quer sabedoria, que venha a nós e que a receba, nós a temos para vendê-la...” Enfim, eles gritaram por tanto tempo, que as pessoas espantadas, ou tomando-os por loucos, fizeram a coisa chegar aos ouvidos do rei Carlos, amante sempre apaixonado da sabedoria. Ele os fez vir com toda a rapidez e perguntou-lhes se era verdade, segundo a notícia que soubera, que eles tivessem a sabedoria com eles. Eles disseram: Nós a temos e, em nome do Senhor, nós a damos àqueles que a procuram dignamente. E como o rei lhes perguntasse o que desejavam em retorno, eles responderam: Um lugar cômodo, criaturas inteligentes e aquilo sem o qual não se pode passar para consumir a peregrinação aqui em baixo: alimentação e vestimenta. O rei, cheio de júbilo, os guardou inicialmente perto de si próprio, por pouco tempo. Depois, forçado a empreender expedições militares, ordenou a um deles, chamado Clemente, permanecer na Gália, confiou-lhe um número deveras grande de crianças de alta, média e baixa condições, e ordenou dar-lhes alimentos, segundo suas necessidades, e uma habitação cômoda. O outro (João Mailros, discípulo do venerável Beda), ele enviou à Itália e deu-lhe o monastério de Santo Agostinho, próximo à cidade de Pavia, para aí abrir uma escola. - Com essas notícias, Albino, da nação dos Anglos, também discípulo do venerável Beda, vendo o bom acolhimento que Carlos, o mais religioso dos reis, fazia aos sábios, embarcou e veio a ele.... Carlos deu-lhe a abadia de São Martinho, próxima à cidade de Tours, a fim de que, na ausência do rei, ele aí pudesse se recolher e ensinar

àqueles que acoressem para escutá-lo[681]. Sua ciência trouxe tantos frutos que os modernos Gauleses ou Francos passaram a igualar-se aos Romanos e Atenienses da antiguidade.

“ Quando, após uma longa ausência, o vitorioso Carlos Magno retornou à Gália, ele mandou trazer-lhe as crianças que haviam sido confiadas a Clemente e quis que as mesmas lhe mostrassem suas letras e seus versos. Aqueles de média e baixa condições apresentaram obras além de toda a expectativa, curtidas nos temperos da sabedoria; os nobres, insípidas tolices. Então, o sábio rei, imitando a justiça do Juiz Eterno, ordenou que passassem à direita aqueles que haviam bem feito e falou-lhes nesses termos: 'Mil graças, meus filhos, ao que vós vos aplicastes de todo o vosso poder a trabalhar, segundo minha ordens e por vosso bem. Agora, esforçai-vos a atingir a perfeição e eu vos darei magníficos bispados e abadias e, para sempre, sereis honoráveis a meus olhos'. Em seguida, ele se virou para aqueles à esquerda, fronte irritada e inquietando suas consciências com um olhar rutilante, e lançou-lhes com ironia, trovejando, mais que falando, essa terrível apóstrofe: 'Vós outros, nobres, vós, filhos dos grandes, delicados e formosos mimosos, orgulhosos de vossa nascerça e de vossas riquezas, vós negligenciastes minhas ordens e vossa glória e o estudo das letras, vós vos entregastes à maciez, ao jogo e à preguiça ou a exercícios frívolos'. Após esse preâmbulo, erguendo em direção ao céu sua augusta cabeça e seu braço invencível, ele fulminou seu juramento comum: 'Pelo Rei dos Céus, eu não me preocupo em nada com vossa nobreza e com vossa beleza, com qualquer admiração que outros tenham por vós e, tende isto por dito: que se não reparardes por um zelo vigilante vossa negligência passada, nada obtereis, jamais, de Carlos'.

Um desses pobres dos quais falei, muito hábil em ditar e em escrever, foi por ele colocado na Capela; é o nome que os reis Francos dão a seu oratório por causa da capa de São Martinho que trajavam constantemente no combate para sua própria defesa e derrota do inimigo - Um dia no qual se anunciou ao prudente Carlos a morte de certo bispo, ele perguntou se o prelado enviara antes dele, para o outro mundo, alguma coisa dos seus bens ou do fruto de seus trabalhos. E como o mensageiro respondesse 'Senhor, nada além de duas libras de prata', nosso jovem clérigo suspira e, não podendo conter sua vivacidade em seu peito, ele deixou, apesar de não querer, escapar essa exclamação na frente do rei: 'Pobre viático para uma tão longa jornada[682]!' Carlos, o mais moderado dos homens, após ter refletido alguns instantes, disse-lhe 'Que pensas tu? Se tivesses esse bispado, farias tu maiores provisões para essa longa estrada?'. O clérigo, boquiaberto ante essas palavras como às uvas da primeira estação que caem por si próprias, lançou-se aos pés do rei e ganiu: 'Senhor, eu me remeto, lá em cima, à vontade de Deus e ao vosso poder'. E o rei disse-lhe: 'Mantém-te sob a cortina que ali pende atrás de mim: tu vais escutar quantos protetores tens'. Em efeito, ante a notícia da morte do bispo, as pessoas do palácio, sempre à espreita das infelicidades ou da morte de alguém, esforçaram-se, todos impacientes e invejosos uns dos outros, em obter, pelos familiares do imperador, o lugar para si. Mas ele, firme na sua resolução, recusava a todo mundo, dizendo que não queria faltar à palavra com esse jovem homem. Enfim, a rainha Hildegarda enviou, de início, os grandes do reino e, depois, ela própria veio encontrar o Rei, a fim de obter o bispado para seu próprio clérigo. Como ele acolhesse seu pedido do ar mais gracioso, dizendo que nada queria nem podia recusar-lhe, mas que ele jamais poderia se perdoar por enganar o jovem clérigo, ela fez como fazem todas as mulheres quando querem dobrar a vontade de seus maridos aos seus próprios caprichos. Dissimulando sua cólera, adocicando sua voz grave, ela se esforçava em fletir, pos suas denguiçes, a alma inquebrantável do Imperador, dizendo-lhe: 'Querido príncipe, meu senhor, por que perder o bispado nas mãos dessa criança? Eu vos suplico, meu mui doce senhor, minha glória e meu apoio, que vós o entregueis, antes, ao meu clérigo, vosso fiel servidor'. Então, o jovem homem que Carlos postara atrás da cortina, perto de seu assento, para escutar a solicitações de todos os suplicantes, abraçou o próprio rei com a cortina e exclamou num tom de lamento: 'Mantém-te firme, senhor rei, e não deixa arrancarem das tuas mãos o poder que Deus te confiou'. Então, o corajoso amigo da verdade ordenou-lhe mostrar-se e disse-lhe: 'Recebe esse bispado e tem o cuidado de enviar, perante mim e perante tu mesmo, no outro mundo, maiores esmolas e um melhor viático para essa longa viagem da qual não se retorna jamais[683]!'.

Todavia, qualquer que fosse a preferência de Carlos Magno pelos estrangeiros, para os letrados de condição servil, ele tinha muita necessidade dos homens de raça germânica, em suas intermináveis guerras, para se fazer completamente romano. Ele falava quase sempre alemão. Ele quis, mesmo, como Chilperico, fazer uma gramática dessa língua e ordenou recolherem os velhos cânticos nacionais da Alemanha[684]. Talvez ele aí procurasse um meio de reavivar o patriotismo de seus soldados; foi assim que, em 1813, a Alemanha, não mais reencontrado seu despertar, foi se procurar nos Nibelungos. As vestes germânicas foram sempre aquelas de Carlos Magno[685]; penso que não teria sido político se apresentar de outra forma aos seus soldados.

Ei-lo, então, encenando, de seu melhor, o Império, falando com frequência a língua latina[686], formando a hierarquia de seus oficiais segundo aquela dos ministros imperiais. No quadro que Hincmar nos deixou, nada é mais imponente. A assembléia geral da nação, convocada regularmente, duas vezes por ano, deliberava, os eclesiásticos de um lado, os laicos de outro, sobre as matérias propostas pelo rei; depois, reunidos, eles conferenciavam com um senhor que nada pedia além de ser esclarecido. Quatro vezes por ano, as assembléias provinciais se realizavam sob a presidência dos *missi dominici*. Estes eram os olhos do imperador, os prontos e fiéis mensageiros que, percorrendo sem cessar todo o Império, reformavam, denunciavam todo abuso. Abaixo dos *missi*, os condes presidiam as assembléias inferiores, onde entregavam a justiça, assistidos dos *boni homines*, jurados escolhidos entre os proprietários. Ainda abaixo, existiam outras assembléias: aquelas dos vicários, dos centenários[687], que digo? os menores beneficiários, os intendentess das fazendas reais, julgavam as causas como os condes.

Certo, a ordem aparente não deixa aqui nada a desejar, as formas não faltam; não se verifica governo mais regular que esse. Entretanto, é visível que as assembléias gerais não eram gerais: não se pode supor que os *missi*, os condes, os bispos, corressem duas vezes por ano até o Imperador, em suas longínguas expedições, donde ele data seus capitulares[688], que eles transpusessem tanto os Alpes, quanto os Pirineus, legisladores equestres que teriam galopado toda a sua vida, do Ebro ao Elba. O povo, ainda bem menos. Nos brejos da Saxônia, nas vegetações rasteiras da Espanha, da Itália, da Baviera, não havia lá senão populações vencidas ou inimigas. Se o nome do *povo* não é aqui uma mentira, ele significa exército; ou bem alguns

notáveis que seguiam os grandes, os bispos, etc, representavam a grande nação dos Francos, como em Roma os trinta lictores representavam as trinta cúrias no *comitia curiata*. Quanto às assembleias dos condes, os *boni homines*, os *scabini* (schoeffen[689]) que as compõem, são eleitos pelos condes com o consentimento do povo: o conde pode desalojá-los. Não são aí os velhos Germanos julgando seus pares; eles tem, antes, o ar de pobres decuriões[690], presididos, dirigidos por um agente imperial. A triste imagem do império romano se reproduziu nesta jovem caducidade do império bárbaro. Sim, o Império está restaurado e ele não o foi senão em excesso: o conde toma o lugar dos dumvires[691], o bispo lembra o *defensor das cidades*; e esses *herimans* (homens do exército) que deixam seus bens para se subtraírem às esgotantes obrigações que lhes são impostas, eles reproduzem os curiais romanos[692], proprietários livres que encontravam sua salvação ao abandonarem suas propriedades, ao fugirem, ao se fazerem soldados, padres, e que a lei não sabia como fixá-los.

A desolação do Império é a mesma aqui. O preço enorme do trigo, o baixo preço das bestas, são indicadores bastantes de que a terra permanece em mato[693]. A escravidão, suavizada, é verdade, se alastra e ganha rapidamente. Carlos Magno gratifica seu mestre Alcuíno com uma fazenda de vinte mil servos[694]. Cada dia, os grandes forçam os pobres a se darem a eles, corpos e bens; a servidão é um asilo onde o homem livre se refugia a cada dia.

Nenhum gênio legislativo pôde imobilizar a sociedade ante o precipício rápido no qual ela descia. Carlos Magno não fez senão confirmar as leis bárbaras. “Assim que tomou o nome de Imperador”, disse Eginhardo, “ele teve a idéia de preencher as lacunas que as leis apresentavam, de corrigi-las e de pô-las de acordo e em harmonia. Mas ele não fez que adicionar-lhes alguns artigos e, ainda assim, imperfeitos[695]”.

Os capitulares são, em geral, leis administrativas, ordenanças civis e eclesiásticas. Neles se encontra, é verdade, uma parte legislativa bastante considerável que parece destinada a preencher essas lacunas das quais Eginhardo fala. Mas talvez, esses atos, que trazem todos o nome de Carlos Magno, não façam senão reproduzir os capitulares dos antigos reis Francos. É pouco provável que Pepino, que Clotário II e Dagoberto, tenham deixado tão poucos capitulares, que Brunilda, que Fredegunda, Ebroin, não tenham nada deixado[696]. Adviria para Carlos Magno o mesmo que chegaria a Justiniano se todos os monumentos anteriores do direito romano tivessem perecido. O compilador teria se passado por legislador. A discordância de língua e das formas que choca nos capitulares tende a fortificar esse conjectura[697].

A parte original dos capitulares é aquela que toca à administração, aquela que responde às necessidades diversas que as circunstâncias faziam sentir. É impossível não admirar-lhes a atividade, impotente, é verdade, desse governo que se esforçava para colocar um pouco de ordem na imensa desordem de um tal império, para reter alguma unidade num todo heterogêneo, no qual todas as partes tendiam ao isolamento e fugiam umas das outras, por assim dizer. O lugar enorme que ocupa a legislação canônica[698] faz sentir, ainda que não conhecêssemos resto, que os padres tiveram a parte principal nisso tudo. Reconhece-se, ainda melhor, nos conselhos morais e religiosos, dos quais essa legislação está semeada; é o tom pedantesco[699] das leis visigóticas feitas, como se sabe, pelos bispos. Carlos Magno, como os reis dos Visigodos, deu aos bispos um poder inquisitorial atribuindo-lhes o direito de perseguição nos limites de suas dioceses. Algumas passagens dos Capitulares que condenam os abusos da autoridade episcopal não bastam para nos fazer duvidar de todo o poder do clero sob esse reino. Eles poderiam ter sido ditados pelos padres da corte, pelos capelães, pelo clero central naturalmente ciumento do poder local dos bispos. Carlos Magno, amigo de Roma, e cercado de padres como Leidrado e tantos outros que não receberam o episcopado senão pela aposentadoria, devia estar muito de acordo com esse clero sem título que formava seu conselho habitual.

Esse espírito de pedantismo bizantino e gótico que notávamos nos Capitulares sobressai na conduta de Carlos Magno relativamente às questões de dogma. Ele mandou escrever, em seu nome, uma longa carta ao herético Felix de Urgel que sustentava, com a igreja da Espanha, que Jesus, como homem, era simplesmente filho adotivo de Deus. Em seu nome também aparecem os famosos livros *Carolinos* contra a adoração das imagens[700]. Trezentos bispos condenaram em Frankfurt aquilo que trezentos e cinquenta bispos acabavam de aprovar em Nicéia. Os homens do Ocidente, que lutavam no norte contra a idolatria pagã, deviam reprovar as imagens; aqueles do Oriente, honrá-las, para ódio dos Árabes que as quebravam. O Papa, que partilhava a opinião dos Orientais, não ousou, entretanto, se explicar contra Carlos Magno[701]. Ele mostrou a mesma prudência quando a igreja da França, imitando a da Espanha, adicionou ao símbolo de Nicéia que o Espírito Santo também procede do Filho (*Filioque*).



Enquanto Carlos Magno disserta sobre teologia, sonha o Império Romano e estuda a gramática, a dominação dos Francos desaba vagarosamente. O jovem filho de Carlos Magno, no seu reino da Aquitânia, tendo, por fraqueza ou justiça, dado, restituído, todas as espoliações de Pepino, seu pai fez-lhe uma reprovação[702]; mas ele não fez senão cumprir voluntariamente o que já se fazia por si mesmo. A obra da conquista se desfazia naturalmente[703]: os homens e as terras escapavam, pouco a pouco, ao poder real para se darem aos grandes, aos bispos sobretudo, quer dizer, aos poderes locais que iriam constituir a república feudal.

Externamente, o império também enfraquecia. Na Itália, ele se batera em vão contra Benevento, contra Veneza; na Germânia, ele recuara do Oder ao Elba e fora dividido com os Eslavos. E, de fato, como sempre combater, como sempre lutar contra novos inimigos? Atrás dos Saxões e Bávaros, Carlos Magno encontrara os Eslavos, depois os Avaros; atrás dos Lombardos, os Gregos; atrás da Aquitânia e do Ebro, o Califado de Córdoba. Esse cinturão de bárbaros, que ele acreditou simples e que, de início, foi rompido, esse cinturão dobrou-se, triplicou-se à sua frente; e quando os braços tombavam de lassidão, apareceu, então, com as frotas dinamarquesas, essa móvel e fantástica imagem do mundo do norte que há muito se havia esquecido: estes últimos, os verdadeiros Germanos, vinham pedir contas aos Germanos bastardos que se fizeram romanos e se chamaram Império.

Um dia que Carlos Magno estava parado numa cidade da Gália Narbonense, barcos escandinavos vieram piratear até no porto. Uns acreditavam que eram mercadores judeus, africanos; outros diziam bretões; mas Carlos os reconheceu pela ligeireza de suas remadas: “Não são mercadores”, ele disse, “mas inimigos cruéis”. Perseguidos, eles desapareceram. Mas o imperador, levantando-se da mesa, colocou-se, disse o cronista, à janela que descortinava o Oriente e aí permaneceu por um longo tempo, a face inundada de lágrimas. Como ninguém ousasse interrogá-lo, ele disse aos grandes que o cercavam: “Sabeis, meus fiéis, por que choro amargamente? Certo, eu não temo que me prejudiquem com essas miseráveis piratarias: mas me aflijo profundamente que, estando eu vivo, eles estivessem perto de tocar essa praia, e eu fico atormentado por uma violenta dor quando prevejo tudo o que eles farão de mal aos meus e aos seus povos[704].”

Assim, já rondam, em volta do império, as frotas Dinamarquesas, Gregas e Sarracenas, à semelhança do abutre que plana sobre o agonizante que promete um cadáver. Uma vez, duzentos barcos armados tombam sobre a Frísia, enchem-se de butins, desaparecem. Entretanto, Carlos Magno “reunia os homens” para repeli-los. Outra invasão: “o imperador reúne os homens na Gália, na Germânia[705]” e construiu na Frísia a cidade de Esselfeld. Atleta infeliz, ele leva lentamente a mão a seus ferimentos para aparar os golpes já recebidos.

“O rei dos Normandos[706], Godfried, prometia a si próprio o império da Germânia. A Frísia e o Saxe, ele os olhava como se já fossem a si. Os Obotritas, seus vizinhos, ele já os havia subjugado e tornado seus tributários; ele se vangloriava, mesmo, que logo chegaria com tropas numerosas até Aachen onde o rei mantinha sua corte. Vãs e levianas que fossem essas ameaças, não se lhes recusava, entretanto, todo crédito; pensava-se que ele ousaria alguma coisa desse gênero se não tivesse sido precedido por uma morte prematura[707].”

O velho império põe-se em guarda; barcos armados fecham a foz dos rios; mas como fortificar todas as praias? Aquele mesmo que sonhou a unidade é obrigado, como Diocleciano, a partilhar seus estados para defendê-los: um de seus filhos guardará a Itália, o outro a Alemanha, o último a Aquitânia.

Mas tudo vira contra Carlos Magno: seus dois mais velhos morrem e é preciso que ele deixe esse fraco e imenso império nas mãos pacíficas de um santo.





# CAPÍTULO III

## Sequência do Capítulo II Dissolução do Império Carolíngio

-----

É sob Luís o Debonário ou, para traduzir mais fielmente seu nome, sob o santo Luís[708], que devia se operar o destrinchamento e o divórcio das partes heterogêneas das quais se compunha o Império. Todos sofriam por estarem juntos. O mal era a solidariedade de uma guerra imensa que fazia ressentir sobre o Loire os reveses da Ostrásia; era o tirânico esforço de uma centralização prematura. Mais Carlos Magno dela se aproximava, mais ele ponderava. Sem dúvida, Pepino e seu pai *do martelo de forja* tinham batido fortemente as nações. Eles, ao menos, não tinham tentado trazê-las, diversas e hostis que ainda eram, a essa intolerável unidade: unidade administrativa de início, mas Carlos Magno meditava aquela da legislação. Seu filho consumou a unidade religiosa nomeando Bento de Aniane reformador dos mosteiros do Império e trazendo-lhes, todos, à regra de São Bento.

É uma lei da história: um mundo que termina fecha-se e expia-se através de um santo. O mais puro da raça carrega as culpas, o inocente é punido. Seu crime, o do inocente, é o de continuar uma ordem condenada a perecer, é o de cobrir com sua virtude uma antiga injustiça que pesa ao mundo. Através da virtude de um homem, a injustiça social é abalada. Os meios são odiosos: contra o santo Luís I, foi o parricídio. Seus filhos cobriram com seus nomes as nações diversas que queriam se separar do Império.

O desafortunado que vem emprestar sua vida a essa imolação de um mundo social, chame-se ele santo Luís I, Carlos I ou Luís XVI, não é, entretanto, isento de toda crítica. Sua catástrofe tocara menos se ele estivesse além do homem. Mas não, ele é um homem de carne e de sangue como nós, uma alma doce, um espírito fraco, desejando o bem, praticando, por vezes, o mal e sem medida no arrepender-se, entregando a quem o cerca e vendido pelos seus.

O santo Luís do século IX[709], como aquele do XIII, foi nutrido pelas idéias da cruzada. Ainda jovem, ele conduziu várias expedições contra os Sarracenos da Espanha e deles tomou a grande cidade de Barcelona, após um sítio de dois anos. Educado pelo toulousense São Guilherme, como São Luís o fora por Branca de Castela, ele teve na religião, ao mesmo tempo, o fervor do sul e a candura do norte. Os padres que o formaram fizeram mais que desejavam: seu aluno encontrou-se mais padre que eles próprios e, por sua intratável virtude, ele começou por reformar seus mestres. Reforma dos bispos: eles deveriam abandonar suas armas, seus cavalos, suas esporas[710]. Reforma dos mosteiros: Luís os submeteu à inquisição do mais severo dos monges, São Bento de Aniane, que achava que a própria regra beneditina fora dada para os fracos e para as crianças[711]. Esse novo rei reencaminhou aos seus conventos Adelardo e Wala [712], dois monges intrigantes e hábeis, netos de Carlos Martelo, e que nos últimos anos haviam governado Carlos Magno. E o palácio imperial teve também sua reforma: Luís expulsou as concubinas de seu pai e os amantes de suas irmãs e, mesmo, as suas próprias irmãs[713].

Os povos oprimidos por Carlos Magno encontraram em seu filho um juiz íntegro, pronto a decidir contra si próprio. Rei da Aquitânia, ele acolhera as reclamações dos Aquitanios e se reduzira a uma tal pobreza, disse o historiador, que ele nada mais podia dar, salvo sua benção[714]. Imperador, ele escutou as queixas dos Saxões e rendeu-lhes o direito de suceder[715], assim suprimindo dos bispos, dos governantes das regiões, o poder tirânico de transmitir as heranças a quem eles desejassem. Os cristãos da Espanha, refugiados nas Marchas, eram despojados pelos grandes e pelos tenentes imperiais das terras que Carlos Magno lhes atribuíra; Luís ordenou um édito que confirmava seus direitos[716]. Ele respeitou o princípio das eleições episcopais, constantemente violado por seu pai: ele deixou os Romanos elegerem, sem sua autorização, os papas Estevão IV[717] e Pascoal I[718].

Desta forma, essa herança de conquistas e de violências tombara nas mãos de um homem simples e justo que desejava, a qualquer preço, reparar. Os bárbaros, que reconheciam sua santidade, submetiam-se à sua arbitragem[719]. Ele permanecia no meio dos povos como um pai fácil e confiante. Ele ia reparando, curando, restituindo: parecia que teria, com prazer, restituído todo o império.

Nesse dia de restituição, a Itália também reclamou. Ela não desejava nada menos que a liberdade[720]. As cidades, os bispos, os povos se ligaram; sob um príncipe franco, não importa. Carlos Magno fizera Bernardo, filho de seu primogênito

Pepino, rei da Itália. Bernardo, aluno de Adelardo e Wala, há muito governado por eles na sua realeza da Itália, acreditava ter direito ao império como filho do primogênito de Carlos Magno.

Entretanto, o direito do irmão nascido após o primogênito prevalecia sobre aquele do sobrinho[721]. Carlos Magno, além disso, designara Luís; ele consultara os grandes, um a um, e obtivera seus votos[722]. Enfim, o próprio Bernardo reconheceu seu tio[723]. Este tinha para si o costume, a vontade de seu pai, enfim, a eleição.

Assim, Bernardo, abandonado por uma grande parte dos seus, foi obrigado a se entregar às promessas da imperatriz Hermengarda que lhe oferecia sua mediação. Ele próprio se rendeu em Châlons-sur-Saône e denunciou todos os seus cúmplices, um dos quais outrora conspirara contra a vida de Carlos Magno[724]. Bernardo e todos os outros foram condenados à morte. O Imperador não podia consentir com a execução[725]. Hermengarda obteve, ao menos, que se privasse Bernardo da vista; mas o castigo se fez de tal maneira que ele morreu ao cabo de três dias.

A Itália não se agitou sozinha: todas as nações tributárias tomaram armas. Os Eslavos do norte tiveram o apoio dos Dinamarqueses; aqueles da Panônia contavam com os Búlgaros; os Bascos da Navarra estendiam a mão aos Sarracenos[726]; os Bretões contavam com si próprios. Todos foram reprimidos. Os Bretões viram seu país completamente invadido, talvez pela primeira vez; os Bascos foram derrotados e os Sarracenos repelidos; os Eslavos vencidos ajudaram contra os Dinamarqueses: um rei destes últimos abraçou, mesmo, o cristianismo. O arcebispado de Hamburgo foi fundido; a Suécia teve um bispo dependente do arcebispo de Reims[727]. Bem verdade que essas primeiras conquistas do cristianismo não foram bem recebidas: o rei cristão dos Dinamarqueses foi expulso pelos seus.

Até aqui, o reino de Luís era, necessário dizer, brilhante de força e de justiça. Ele mantivera a integridade do Império e alargado sua influência. Os Bárbaros temiam suas armas e veneravam sua santidade. No meio dessas prosperidades, a alma do santo amoleceu e lembrou-se da humanidade. Sua mulher morrendo, ele ordenou que fossem exibidas perante si as filhas dos grandes de seus domínios e escolheu a mais bela[728]: Judith, filha do conde Welf[729], unia em si o sangue das nações mais odiosas aos Francos; sua mãe era do Saxe, seu pai Welf, da Baviera, desse povo aliado dos Lombardos e por quem os Eslavos e os Avaros foram chamados para dentro do império[730]. Sábria[731], diz a história, e mais do que seria necessário, ela entregou seu marido à influência dos homens elegantes e polidos do sul. Luís já era favorável aos Aquitânicos, entre quem fora educado. Bernardo, filho de seu antigo tutor São Guilherme de Toulouse, tornou-se seu favorito e, ainda mais, o da imperatriz. Bela e perigosa Eva, ela degradou, ela fez perder seu esposo.

Desde essa queda, Luís, mais fraco porque cessara de ser puro, mais homem e mais sensível porque não era mais santo, abriu seu coração aos lamentos, aos escrúpulos. Ele se sentia diminuído, *uma virtude saíra dele*[732]. Ele começou a se arrepender de sua severidade em relação a seu sobrinho Bernardo, em relação aos monges Wala e Adelardo que ele, entretanto, se contentara em reencaminhar aos deveres de suas ordens. Era-lhe preciso consolar seu coração. Ele pediu e ele obteve ser submetido a uma penitência pública: era a primeira vez, desde Teodósio, que se via esse grande espetáculo da humilhação voluntária de um homem todo-poderoso. Os reis Merovíngios, após os maiores crimes, se contentavam em fundar conventos. A penitência de Luís é como a nova era da moralidade: o advento da consciência.

Todavia, o orgulho brutal dos homens desse tempo envergonhou-se pela realeza, da humilde confissão que ela fazia de sua fraqueza e de sua humanidade. Pareceu-lhes que aquele que baixara a fronte perante o padre não podia mais comandar os guerreiros. O império pareceu, ele também, degradado, desarmado. As primeiras infelicidades que começaram uma dissolução inevitável foram imputadas à fraqueza de um rei penitente. Em 820, treze embarcações normandas[733] correram trezentas léguas de costas e se entupiram de tanto butim que foram obrigadas a libertar os cativos que tinham feito[734]. Em 824, o exército dos Francos, tendo invadido a Navarra, foi derrotado como em Roncevaux. Em 829, temeu-se que aqueles Normandos, cujos menores barcos eram tão temíveis, invadissem por terra e os povos receberam ordem de se manterem prontos a caminhar em massa[735]. Assim se acumulou o descontentamento público. Os grandes, os bispos, o fomentavam; eles acusavam o Imperador, eles acusavam o aquitânico Bernardo; o poder central os irritava; eles estavam impacientes com a unidade do império; eles queriam reinar cada um em seu domínio.

Mas eram necessários chefes contra o imperador: esses foram seus próprios filhos. Desde o início de seu reino, ele lhes dera, com o título de rei, duas províncias fronteiriças para governar e defender: a Luís, a Baviera, a Pepino, a Aquitânia, as duas barreiras do Império[736]. O primogênito, Lotário, devia ser imperador, com a realeza da Itália. Quando Luís teve um filho de Judith, ele deu a essa criança, chamada Carlos, o título de rei da Alamânia (Suábia e Suíça). Essa concessão nada mudava às possessões dos príncipes, mas muito às suas expectativas. Eles emprestaram seus nomes à conjuração dos grandes. Estes recusaram-se a mandar marchar seus homens contra os Bretões a quem Luís desejava reprimir as devastações. O

imperador se viu só; Franco de nascença, mas governado por um Aquitânio, ele não foi sustentado nem ao sul, nem ao norte: nós já vimos Brunilda sucumbir nessa posição equívoca. O filho primogênito, Lotário, já se acreditava imperador: ele expulsou Bernardo, aprisionou Judith, lançou seu pai em um monastério; pobre rei Lear que, entre seus filhos, não encontrou Cordélia.

Entretanto, nem os nobres, nem os irmãos de Lotário, estavam dispostos a se submeter a ele. Imperador por imperador, eles preferiam Luís. Os monges que o mantinham cativo trabalharam por seu restabelecimento. Os Francos perceberam que o triunfo dos filhos de Luís suprimia-lhes o Império; os Saxões e os Frísios, que deviam-lhe a liberdade, se preocuparam com ele. Uma dieta foi reunida em Nimegue ao meio dos povos que o apoiavam. “Toda a Germânia para ali acorreu para prestar auxílio ao imperador[737]”. Lotário, por sua vez, se encontrou só e à disposição de seu pai; Wala, todos os chefes da facção, foram condenados à morte. O bom imperador desejou que fossem poupados[738].

Mas o aquitânio Bernardo, suplantado no favor de Luís, reacende, pelo monge Gondebaudo, um de seus libertadores, a guerra no sul; ele anima Pepino. Os três irmãos se compõem de novo. Lotário leva consigo o italiano Gregório IV que excomunga todos aqueles que não obedecerem ao rei da Itália. Os exércitos do pai e dos filhos se encontram na Alsácia. Estes últimos fazem o Papa falar; eles agem à noite, não sei por quais meios. De manhã, o imperador, vendo-se abandonado por uma parte dos seus, diz aos outros: “Eu não desejo que ninguém morra por mim[739]”. O teatro dessa vergonhosa cena foi chamado “Campo da Mentira”[740].

Lotário, novamente senhor da pessoa de Luís, deseja sê-lo de uma vez por todas e findar com seu pai. Esse Lotário era um homem a quem o sangue não repugnava: ele mandou degolar um irmão de Bernardo e lançar sua irmã no rio Saône[741]; mas ele temia a execração pública se pusesse sobre Luís as mãos parricidas. Ele pensou degradá-lo impondo-lhe uma penitência pública tão humilhante que ele jamais pudesse se reerguer novamente. Os bispos de Lotário apresentaram ao prisioneiro uma lista de crimes dos quais ele devia se confessar culpado. De início, a morte de Bernardo (ele era inocente); em seguida, os males aos quais ele expusera o povo pelas novas divisões do império; depois, de ter feito a guerra durante a quaresma; de ter sido muito severo contra os partidários de seu filho (ele os havia subtraído à morte!); de ter permitido a Judith e outros se justificarem por juramentos; em sexto lugar, de ter exposto o estado aos assassinios, pilhagens e sacrilégios, incentivando a guerra civil; sétimo, de ter incentivado essas guerras civis pelas divisões arbitrárias do império; enfim, de ter arruinado o estado que ele deveria defender[742].

Quando leu-se essa absurda confissão na igreja de Saint-Médard de Soissons, o pobre Luís não contestou nada, ele assinou tudo, humilhou-se tanto quanto quiseram, confessou-se culpado por três vezes, chorou e pediu a penitência pública para reparar os escândalos que causara[743]. Ele depôs seu talabarte militar, pegou o cilício e seu filho o levou assim, miserável, degradado, humilhado, para a capital do Império em Aachen, na mesma cidade onde Carlos Magno o fizera pegar, ele próprio, a coroa sobre o altar[744].

O parricida acreditava ter matado Luís. Mas uma imensa piedade se ergueu no Império. Esse povo, tão infeliz por si mesmo, encontrou lágrimas para seu velho imperador. Contava-se, com horror, como o filho o empurrava ao altar, chorando e batendo a poeira de seus cabelos brancos; como ele se informara dos pecados de seu pai, novo Cam que entregava ao riso a nudez paterna[745]; como ele armara sua confissão; e que confissão! toda cheia de calúnias e de mentiras. Fora o arcebispo Ebbon, condiscípulo de Luís e seu irmão de leite, um desses filhos de servos que ele tanto amava[746], que lhe arrancara o talabarte e pusera-lhe o cilício. Mas, em arrebatando-lhe o cinturão e a espada, em suprimindo-lhe as vestes dos tiranos e dos nobres, eles o fizeram aparecer ao povo como povo, como santo e como homem. E sua história não era outra senão aquela do homem bíblico: sua Eva o fizera perder-se; ou, se quisermos, uma das filhas desses Gigantes que, no Gênese, seduzem os filhos de Deus. De outro tanto, nesse maravilhoso exemplo de sofrimento e de paciência, nesse homem injuriado, vilipendiado e, ainda assim, abençoando todos os ultrajes, acreditava-se reconhecer a paciência de Jó ou, antes, uma imagem do Salvador: nada lhe havia faltado, nem o vinagre, nem o absinto.

Desse modo, o velho imperador se viu reerguido em virtude do seu rebaixamento: todo mundo se distanciou do parricida. Abandonado pelos grandes (834-5) e não podendo, dessa vez, seduzir os partidários de seu pai[747], foge para a Itália. Ele próprio, doente, viu, no curso de um verão (836), todos os chefes de seu partido morrerem, os bispos de Amiens e de Troyes, seu sogro Hugo, os Condes Matfried e Lambert, Agimbert de Perche, Gotfrid e seu filho, Borgarit, prefeito de suas caçadas e muitos outros[748]. Ebon, deposto da sé de Reims, passou o resto de sua vida na obscuridade e no exílio. Wala se retirou no monastério de Bobbio, perto do túmulo de São Columbano; um irmão de Santo Arnulfo de Metz, o avô dos Carolíngios, tinha sido abade desse monastério. Ele aí morreu, no mesmo ano onde tantos homens de seu partido morreram, lamentando-se: “Por que nasci um homem de querela, um homem de discórdia?[749]”. Esse neto de Carlos Martelo, esse

monge político, esse santo faccioso, esse homem duro[750], ardente, apaixonado, aprisionado por Carlos Magno em um monastério, depois seu conselheiro e quase rei da Itália sob Pepino e Bernardo, teve a infelicidade de ligar seu nome, até aí sem manchas, às revoltas parricidas dos filhos de Luís.

Entretanto, o Piedoso, dominado pelos mesmos conselhos, fazia o que era necessário para renovar a revolta e cair de novo. De um lado, ele intimava os nobres a devolver às igrejas os bens que haviam usurpado[751]; de outro, ele diminuía a parte de seus filhos mais velhos que, é verdade, bem o haviam merecido, e dotava, às expensas deles, o filho de sua escolha, o filho de Judith, Carlos o Calvo. Os filhos de Pepino, que acabara de morrer, foram despojados. Luís o Germânico fora reduzido à Baviera. Tudo estava partilhado entre Lotário e Carlos. O velho imperador teria dito ao primeiro: “Vê, meu filho, todo o reino à frente dos teus olhos; divide e Carlos escolherá ou, se quiseses escolher, nós partilharemos[752]”. Lotário ficou com o Oriente e Carlos devia ficar com o Ocidente. Luís da Baviera armava para impedir a execução desse tratado e, por uma estranha mudança, desta vez o pai tinha a França por si, enquanto o filho a Alemanha. Mas o velho Luís sucumbiu às mágoas e às fadigas dessa nova guerra. “Eu perdôo Luís”, ele disse, “mas que ele reflita sobre si mesmo, ele, que desprezando a lei de Deus, conduziu ao túmulo os cabelos brancos[753] de seu pai”. O Imperador morreu em Ingelheim, numa ilha do Reno próxima a Mainz[754], no centro do Império, e a unidade do Império morreu com ele.

Era uma vã empresa a de tentar sua ressurreição, como o fez Lotário. E com quais forças? Com a Itália, com os Lombardos que tão mal defenderam Desidério contra Carlos Magno e Bernardo contra Luís, o Piedoso. O jovem Pepino que se juntou a ele para opor-se a Carlos o Calvo trazia, por contingente, o exército da Aquitânia, tão frequentemente derrotado por Pepino o Breve e Carlos Magno. Coisa bizarra! eram os homens do sul, os vencidos, os homens de língua latina que desejavam sustentar a unidade do Império contra a Germânia e a Nêustria. Os Germanos não pediam outra coisa que não fosse a independência.

Todavia, esse nome de filho primogênito dos filhos de Carlos Magno, esse título de imperador, de rei da Itália e, também, o fato de ter Roma e o Papa por si, tudo isso ainda era imponente. Foi então, humildemente, em nome da paz, da igreja[755], dos pobres e órfãos, que os reis da Germânia e da Nêustria se dirigiram a Lotário quando os exércitos se encontraram em presença um do outro, em Fontenai ou Fontenaille[756], próximo de Auxerre: “Eles ofereceram-lhe como presente tudo o que tinham em seus exércitos, à exceção dos cavalos e das armas; se ele não quisesse, eles consentiam ceder-lhe, cada um, uma porção do reino, um até as Ardenas, outro até o Reno; se ele, ainda assim, recusasse, eles dividiriam toda a França em porções iguais e deixar-lhe-iam a precedência de escolha. Lotário respondeu, segundo o costume, que lhes daria conhecimento do quê seria de seu agrado através de mensageiros; e, então, enviando Drogon, Hugues e Heriberto, ele os participa que, como precedentemente nada daquele tipo lhe fora proposto, ele deseja ter algum tempo para refletir. Mas, na verdade, Pepino não chegara e Lotário desejava esperá-lo[757]”.

Na manhã seguinte, no dia e hora que eles próprios haviam indicado a Lotário, os dois irmãos o atacaram e o derrotaram. A se crer nos historiadores, a batalha teria sido encarniçada e sangrenta: tão sangrenta que teria esgotado a população militar do Império e o deixado sem defesa às devastações dos Bárbaros[758]. Um tal massacre, difícil de acreditar em qualquer tempo, o é ainda mais nesta época de afrouxamento[759] e de influência eclesiástica. Nós já vimos, e veremos ainda melhor, que o reino de Carlos Magno e de seus primeiros sucessores tornou-se, para os homens dos tempos deploráveis que seguiriam, uma época heróica, da qual amavam ressaltar a glória por fábulas tão patrióticas quanto insípidas. Era, ademais, impossível aos homens dessa era explicar, por causas políticas, o despovoamento do Ocidente e o enfraquecimento do espírito militar. Era, antes, mais fácil e mais poético supor que, em uma só batalha, todos os bravos e valentes tivessem perecido, restando apenas os covardes.

A batalha foi tão pouco decisiva que os vencedores não puderam perseguir Lotário; ao contrário, foi ele quem, na campanha seguinte, estreitou de perto Carlos o Calvo. Carlos e Luís, sempre em perigo, formaram uma nova aliança em Estrasburgo e tentaram despertar o interesse dos povos falando-lhes, não a língua da igreja, única até aí em uso nos tratados e concílios, mas a língua popular usada na Gália e na Germânia. O rei dos “Alemães” jurou em língua românica ou francesa; aquele dos “Franceses” (podemos, a partir daí, empregar esses patronímicos), jurou em língua germânica. Essas palavras solenes pronunciadas às margens do Reno, sobre o limite dos dois povos, são o primeiro monumento de suas nacionalidades.

Luís, como primogênito, jurou primeiro: “Pro Deu amur, et pro christian poblo, et nostro commun salvamento, dist di in avant, in quant Deus savir et podir me dunat, si salvareio cist meon fradre Karlo et in adjudha, et in cadhuna cosa, si cùm om per dreit son fradre salvar dist, in o quid il mi altre si fazet. Et ab Ludher nul plaيد numquam prindari, que meon volt cist meo fradre Karle, in damno sit”[760]. Quando Luís terminou esse juramento, Carlos jurou a mesma coisa em língua alemã: “In Godes minna ind um tes christianes folches, ind unser bedhero gehaltnissi, fon thesemo dage frammordes, so fram so mir Got gevviwei indi madh furgibit so hald ih tesan minan brudher soso man mit rehtu sinan bruder seal, inthiu thaz er mig soso ma duo; indi mit Lutheren inno kleinnin thing ne geganga zhe minan vvilon imo ce scadhen vverhen”.



O juramento que os dois povos em seguida pronunciaram, cada um em sua própria língua, é assim concebido em língua românica: “Si Lodhuvigs sacrament que son fradre Karlo jurat, conservat, et Karlus meos sendra de suo part non los tanit, si io returnar non lint pois, ne io ne nuels cui eo returnar int pois, in nulla adjudha contrà Lodhuwig nun lin iver[761]”. Em língua alemã: “Oba Karl then ei then er sineno bruodher Ludhuwige gesuor geleistit, ind Luduwig min herro then er imo gesuorforbriehchit, ob ina ih nes irrwenden ne mag, nah ih, nah thero, noh hein then ih es irrwenden mag, vvindhar Karle imo ce follusti ne wirdhit”.

“Os bispos declararam”, acrescenta Nitardo[762], que o justo julgamento de Deus rejeitara Lotário e transmitira o reino aos mais dignos. Mas eles não autorizaram Luís e Carlos a tomar posse senão após ser-lhes perguntado se desejavam reinar segundo os exemplos de seu irmão destronado ou segundo a vontade de Deus e os reis, tendo respondido que, tanto quanto Deus a colocasse em seus poderes e conhecimento, eles se governariam e a seus súditos, segundo Sua vontade, os bispos disseram: “Em nome da autoridade divina, tomai o reino e governai-o segundo a vontade de Deus; nós vos aconselhamos, nós a isso vos exortamos e vos ordenamos. Os dois irmãos escolheram, cada um, doze dos seus (eu estava entre eles), e se reportaram à decisão daqueles para partilharem o reino entre si”.

O que assegurou a superioridade a Carlos e a Luís é que Lotário e Pepino, tendo tentado se apoiar nos Saxões e nos Sarracenos, a Igreja se declarou contra eles. Foi necessário que Lotário se contentasse com o título de imperador sem exercer a autoridade daí decorrente. “Os bispos, estando de acodo que a paz reinasse entre os três irmãos, os reis receberam os deputados de Lotário e acordaram-lhe o que ele pedia. Eles passaram quatro dias e pouco a partilhar o reino. Decretou-se, enfim, que toda a região situada entre o Reno e o Mosa[763], até o nascedouro do Mosa, daí até o nascedouro do Saône, ao longo do Saône até sua confluência com o Ródano, e ao longo do Ródano até o mar, seria oferecido a Lotário como a terça parte do reino, e que ele possuiria todos os bispados, todas as abadias, todos os condados, e todos os domínios reais dessas regiões aquém dos Alpes, à exceção de ....[764]” (Tratado de Verdun, 843).

“Os comissários de Luís e de Carlos, tendo feito diversas queixas sobre a partilha projetada, foi-lhes perguntado se algum deles possuía um claro conhecimento de todo o reino. Como não se encontrou alguém que pudesse responder, foi-lhes perguntado o porquê, no tempo que já se havia passado, de não terem despachado mensageiros para percorrer todas as províncias e preparar o quadro. Descobriu-se que fora Lotário quem não o quisera e foi-lhes dito que era impossível dividir igualmente uma coisa que não se conhecia. Examinou-se, então, se eles tinham podido prestar de forma leal o juramento de partilhar o reino igualmente e de seu melhor, quando sabiam que nenhum dentre eles o conhecia. Remeteu-se essa questão à decisão dos bispos[765].”

O odioso socorro que Lotário rogara aos pagãos[766], e do qual, mais tarde, seu aliado Pepino também fez uso na Aquitânia, pareceu trazer desgraça à sua família. Carlos o Calvo e Luís o Germânico, apoiados pelos bispos de seus reinos, perpetuaram o nome de Carlos Magno e fundaram, ao menos, a instituição real que, durante muito tempo eclipsada sob a feudalidade, devia um dia tornar-se poderosa. Lotário e Pepino nada puderam fundar. Esse Carlos o Calvo, que as pessoas acreditavam ser filho do languedocquense Bernardo, o favorito de Luís o Piedoso e de Judith e que, efetivamente, se parecia com Bernardo[767], parecia ter, de fato, a astúcia toda meridional deste último. Primeiramente, é o homem dos bispos, o homem de Hincmar, o grande arcebispo de Reims: foi, de algum modo, em nome da Igreja, que ele fizera a guerra a Lotário, a Pepino, aliados dos pagãos. Este, dirigido pelos conselhos de um filho de Bernardo, não hesitara em chamar os Sarracenos, os Normandos[768] na Aquitânia. Nós já vimos, pelo casamento da filha de Eudes com um emir, que o cristianismo das gentes do sul não se alarmava dessas alianças com os descrentes. Os Sarracenos, em nome de Pepino, invadiram a Septmânia; os Normandos tomaram Toulouse. Falou-se que ele chegara, mesmo, a renegar Cristo e a jurar, sobre um cavalo, em nome de Odin. Mas tais auxílios seriam-lhe mais funestos que úteis: os povos detestaram o amigo dos bárbaros cujas devastações foram-lhe imputadas. Entregue a Carlos o Calvo pelo chefe dos Gascões, frequente prisioneiro, frequente fugitivo, ele não fundou senão a anarquia.

A família de Lotário não foi mais feliz. Quando de sua morte (855), seu primogênito Luís II foi imperador; os dois outros, Lotário II e Carlos, rei da Lorena (províncias entre o Mosa e o Reno) e rei da Provença. Carlos logo morreu. Luís, atormentado pelos Sarracenos, prisioneiro dos Lombardos, foi sempre infeliz, apesar de sua coragem. Quanto a Lotário II, seu reino se assemelha ao evento da supremacia dos Papas sobre os Reis[769]. Ele expulsara sua mulher Teuberga para viver com a irmã do arcebispo de Colônia, sobrinha daquele de Tréveris, e acusava Teutberga de adultério e incesto. Ela negou por muito tempo, depois, sem dúvida intimidada, confessou. O Papa Nicolau I, a quem ela primeiro se dirigiu, recusou-se a acreditar nessa confissão. Ele obrigou Lotário a retomá-la. Lotário veio se justificar em Roma e aí recebeu a comunhão das mãos de Adriano II. Mas este, ao mesmo tempo, o ameaçara, se ele não mudasse, com a punição do céu. Lotário morreu naquela semana e a maior parte dos seus naquele ano[770]. Carlos o Calvo e Luís o Germânico aproveitaram-se desse julgamento de Deus: eles partilharam entre si as propriedades de Lotário.



O rei da França, ao contrário, foi, ao menos nos primeiros tempos, o homem da Igreja. Desde que essa região escapara à influência germânica, apenas a Igreja era aí poderosa, os seculares não mais contrabalançavam o seu poder. Os Germanos, os Aquitânios, mesmo os Irlandeses e Lombardos, parecem ter tido mais lugar que os Nêustrios na corte carolíngia. Governada, defendida por estrangeiros, a Nêustria, desde há muito tempo, não possuía mais força e vida senão em seu clero. De resto, parece que ela não exibia senão servos esparsos sobre terras imensas e meio incultas dos nobres do país; os primeiros entre os grandes, os mais ricos, eram os bispos e os abades. As cidades nada eram, salvo as cidades episcopais; mas, nas vizinhanças de cada abadia, estendia-se uma cidade, um vilarejo ou, ao menos, uma burgada[771]. As mais ricas eram Saint-Médard de Soissons, Saint-Denis, fundação de Dagoberto, berço da monarquia, túmulo de nossos reis. E, por cima de toda a região, dominava, pela dignidade da sé, pela doutrina e pelos milagres, a grande metrópole de Reims, tão grande no norte quanto Lyon o era no sul. Saint-Martin de Tours, Saint-Hilaire de Poitiers estavam bem decaídas entre as guerras e as devastações. Reims sucedeu à influência destas últimas sob a segunda raça, estendendo suas possessões para as províncias mais distantes, até o Vosges, até a Aquitânia [772]; ela era a cidade episcopal por excelência. Laon, encarapitada sobre seu inacessível cume, foi a cidade real e teve a triste honra de defender os últimos carolíngios. Foi preciso que as devastações dos Normandos tivessem passado para que nossos reis da terceira raça se apressassem a descer à planície e viessem se assentar em Paris, na ilha da Cidade (*île de la Cité*), ao lado de Saint-Denis, assim como os Carolíngios tiveram como último asilo Laon, ao lado de Reims.

Carlos o Calvo foi, de início, o humilde cliente dos bispos. Antes, após a batalha de Fontenay, nas suas negociações com Lotário, ele se queixou sobretudo deste último não respeitar a igreja[773]. Assim, Deus o protege. Quando Lotário chega sobre o Sena com seu exército bárbaro e pagão, do qual faziam parte os Saxões, o rio milagrosamente se encrespa, enche e protege Carlos o Calvo[774]. Os monges, antes de resgatarem Luís o Piedoso, perguntaram-lhe se desejava restabelecer e apoiar o culto divino[775]; o mesmo interrogaram a Carlos o Calvo e Luis o Germânico; depois, conferiram-lhes o reino[776]. Mais tarde, os bispos *são da opinião que a paz reine entre os três irmãos* [777]. Após a batalha de Fontenay, os bispos se reúnem, declaram que Carlos e Luís combateram pela equidade e pela justiça e ordenam um jejum de três dias[778]. - “Os Francos, como os Aquitânios”, disse seu partidário Nitardo, “desprezaram o pequeno número daqueles que seguiam Carlos. Mas os monges de Saint-Médard de Soissons vieram a seu encontro e rogaram-lhe carregar sobre seus ombros as relíquias de São Medardo e de quinze outros santos que eram transferidas para a nova basílica. Ele as carregou, em efeito, sobre seus ombros, em completa veneração, depois ele foi para Reims[779]...” .

Criatura dos bispos e dos monges, ele devia transferir-lhes a maior parte do poder. Nada era mais justo; apenas eles sabiam e podiam ainda pôr alguma ordem na desordem absoluta em que se encontrava o país. Assim, o capitular de Epernay (846) confirma a partilha das atribuições dos comissários reais[780] entre os bispos e os laicos; aquele de Quierzy (857) confere aos curas um direito de inquisição contra todos os malfetores[781]. Essa legislação toda eclesiástica prescreve, como remédio para as turbulências e bandidagens que desolavam o reino, promessas e juramentos sobre as relíquias que os homens livres e os centenários prestarão. Ela recomenda os bandidos às instruções episcopais e os ameaça, se persistirem, abatê-los com o gládio espiritual da *excomunhão* [782].

Então, os senhores do país eram os bispos. O verdadeiro rei, o verdadeiro papa da França, era o famoso Hincmar, arcebispo de Reims. Ele nascera no norte da Gália, mas era aquitânio de origem, parente de São Guilherme de Toulouse e desse Bernardo, favorito de Judith, de quem se acreditava que Carlos era filho. Ninguém contribuiu mais à elevação de Carlos e exerceu maior autoridade em seu nome nos primeiros anos. É Hincmar que, à cabeça do clero da França, parece ter impedido Luís o Germânico de se estabelecer na Nêustria e na Aquitânia, onde os nobres o chamavam. Luís, tendo invadido o reino de Carlos em 859, o Concílio de Metz enviou-lhe três deputados para oferecer-lhe a indulgência da Igreja, desde que ele pagasse, através de uma penitência proporcional, o pecado que cometera ao ter invadido o reino de seu irmão e tê-lo exposto às devastações de seu exército. Hincmar chefiava essa deputação. “O rei Luís”, disseram os bispos ao voltarem ao Concílio, “deu-nos audiência em Worms, em 4 de junho, e disse-nos: 'Rogo-vos, se por algo vos ofendi, bem querer me perdoar para que eu possa, em seguida, falar em segurança convosco'. A isso, Hincmar, que era o primeiro à sua esquerda, respondeu: 'Nosso negócio, então, será logo resolvido, pois vimos justamente oferecer-vos o perdão que nos rogai'. Grimold, capelão do rei, e o bispo Teodorico, tendo feito alguma observação a Hincmar, este retrucou: 'Nada tendes feito contra mim que tenha deixado em meu coração um rancor condenável; se assim não o fosse, eu não ousaria me aproximar do altar para oferecer o sacrifício ao Senhor'. - Grimold e os bispos Teodorico e Salomão dirigiram ainda algumas palavras a Hincmar e Teodorico disse-lhe: 'Fazei o que o senhor rei vos roga; perdoai-o'. Ao que Hincmar respondeu: 'Pelo que toca a mim e à minha pessoa, eu vos perdoei e perdôo. Mas quanto às ofensas contra a igreja que me foi atribuída e contra meu povo, eu posso somente oferecer-vos, oficiosamente, meus conselhos e o socorro de Deus para que daí obtenheis a absolvição, se a desejardes'. - Então, os bispos lamentaram-se: 'Certamente, ele disse bem'. - Todos nossos irmãos, encontrando-se unânimes a esse respeito e dele não se desviando, essa foi toda a indulgência que foi-lhe concedida e nada além... pois aguardávamos que eles nos

pedisse conselho sobre o auxílio que fora-lhe ofertado, e então o teríamos aconselhado conforme a instrução escrita dos quais éramos portadores; mas ele nos respondeu de seu trono que não se ocuparia dessa instrução antes de se consultar com seus bispos”.

Pouco tempo depois, um outro concílio mais numeroso foi reunido em Savonnières, próximo a Toul, para restabelecer a paz entre os reis dos Francos. Carlos o Calvo se dirigiu aos padres desse concílio (859) para pedir-lhes justiça contra Wénilon, clérigo de sua capela que ele nomeara arcebispo de Sens e que, entretanto, o abandonara para abraçar o partido de Luís o Germânico. A queixa do rei dos Franceses é notável por seu tom de humildade. Após ter recapitulado todos os benfeitos que ele acordara a Wénilon, todos os empenhos pessoais deste, e todas as provas de sua ingratidão e má-fé, ele acrescenta: “Em consequência de sua própria eleição e daquela dos outros bispos e fiéis de nosso reino que expressavam sua vontade e seu consentimento por aclamações, Wénilon, em sua própria diocese, na igreja da Santa-Cruz de Orléans, consagrou-me rei, segundo a tradição eclesiástica, na presença dos outros arcebispos e bispos; ele ungiu-me com o Santo Crisma, ele deu-me o diadema e o cetro real e fez-me subir ao trono. Após essa consagração, eu não devia ser afastado do trono ou suplantado por ninguém, ao menos sem ter sido ouvido e julgado pelos bispos, pelo ministério dos quais fui sagrado rei. São eles os que são chamados os tronos da divindade; Deus repousa sobre eles e por eles rende seus julgamentos. Em qualquer tempo, eu estive pronto a me submeter às suas correções paternas, aos seus julgamentos punitivos e, no presente, eu ainda o estou”[\[783\]](#).

O reino da Nêustria era realmente uma república teocrática. Os bispos alimentavam e apoiavam esse rei que eles haviam feito; eles permitiam-lhe convocar soldados entre seus homens; eles governavam as coisas da guerra como aquelas da paz. “Carlos”, disse o analista de São Bertino, “anunciara que iria em socorro de Luís com um exército tal que ele pudera reunir, convocado em grande parte pelos bispos[\[784\]](#)”. “O rei”, disse o historiador da igreja de Reims, “encarregava o arcebispo Hincmar de todas as questões eclesiásticas e, ainda, quando era preciso convocar o povo contra o inimigo, era a ele quem competia essa missão e, logo, ele, em nome do rei, convocava os bispos e os condes”[\[785\]](#).

Os poderes temporal e espiritual se encontravam, então, reunidos nas mesmas mãos. Os bispos, magistrados e grandes proprietários comandavam sob esse triplo título. Desnecessário dizer que o episcopado iria se tornar mundano e político e que o estado não seria nem governado e nem defendido. Dois eventos quebraram esse fraco e letárgico governo sob o qual o mundo fatigado teria podido ir dormir. De um lado, o espírito humano reclamou em sentido diverso contra o despotismo espiritual da igreja; de outro, as incursões dos Normandos obrigaram os bispos a renunciar, ao menos em parte, ao poder temporal em favor de mãos mais capazes de defender o país. A feudalidade se fundou; a filosofia escolástica fora, pelo menos, preparada.

A primeira querela foi aquela da Eucaristia, a segunda, a da graça e da liberdade: de início, a questão divina e, depois, a questão humana: é a ordem necessária. Assim, Ário precede a Pelágio, e Berengário a Abelardo. Foi no nono século que o panegirista de Wala, o abade de Corbie, Pascase Ratbert, quem primeiro ensinou, de uma maneira explícita, essa maravilhosa poesia de um Deus contido num pão, o espírito dentro da matéria, o infinito dentro do átomo. Os antigos padres entreviram essa doutrina, mas o tempo não havia chegado. Não foi senão no século IX, à véspera das derradeiras provas da invasão bárbara, que Deus dignou-se descer para confirmar o gênero humano em suas misérias extremas e se deixou ver, tocar e saborear. A igreja irlandesa houve por bem reclamar em nome da lógica, mas nem por isso o dogma triunfante deixou de seguir sua rota através da Idade Média.

A questão da liberdade foi a ocasião de uma controvérsia mais viva. Um monge alemão, um saxão[\[786\]](#), Gotteschalk (glória de Deus) professara a doutrina da predestinação, esse fatalismo religioso que imola a liberdade humana à presciência divina. Assim, a Alemanha aceitava a herança de Santo Agostinho; ela entrava na carreira do misticismo, do qual não mais saiu depois. O saxão Gotteschalk pressagiava o saxão Lutero. Como Lutero, Gotteschalk foi a Roma e dela não retornou mais dócil; como aquele, ele fez anular seus votos monásticos.

Refugiado na França do Norte, ele aí foi mal recebido. As doutrinas alemãs não podiam ser bem acolhidas num país que se separava da Alemanha. Contra o novo predestinarianismo ergueu-se um novo Pelágio.

Inicialmente, o Aquitânio Hincmar, arcebispo de Reims, reclamou em favor do livre arbítrio e da moral em perigo. Violento e tirânico defensor da liberdade, ele mandou prender Gotteschalk que se refugiara na sua diocese, mandou-o julgar por um concílio, condenar, fustigar, aprisionar. Mas Lyon, sempre mística e, além disso, rival de Reims sobre a qual queria fazer valer seu título de metrópole das Gálias, Lyon tomou partido por Gotteschalk. Os homens eminentes na igreja das Gálias,

Prudêncio, bispo de Troyes, Lupo, abade de Ferrières, Ratramne, monge de Corbie, que Gottschalk chamava seu mestre, tentaram justificá-lo, interpretando suas palavras de uma maneira favorável. Houve santos contra santos, concílios contra concílios. Hincmar, que não previra essa tempestade, pediu, de início, auxílio ao sábio Raban, abade de Fulda, onde Gottschalk tinha sido monge e quem, primeiro, denunciara seus erros. Raban hesitante, Hicmar se dirigiu a um Irlandês que combatera Pascase Ratbert sobre a questão da Eucaristia e que, à ocasião, tinha grande crédito junto a Carlos o Calvo. A Irlanda sempre fora a escola do Ocidente, a mãe dos monges e, como se dizia, a *ilha dos Santos*. Sua influência sobre o continente diminuía, é verdade, desde que os Carolíngios tinham feito prevalecer, em todo o lugar, a regra de São Bento sobre aquele de São Columbano. Entretanto, ainda no reino de Carlos Magno, a escola do Palácio fora conferida ao irlandês Clemente; com ele, vieram Dungal e São Virgílio. Sob Carlos o Calvo, os irlandeses foram ainda melhor acolhidos. Este príncipe, amigo das letras como sua mãe Judith, confiou a escola do Palácio a João-o Irlandês (antigamente chamado o *Escoto* ou o *Erígena*). Ele assistia às suas lições e deferia-lhe o privilégio de uma familiaridade extrema[787]. Não se dizia mais *a escola do Palácio* mas o *Palácio da Escola*.

Esse João, que sabia o grego e talvez o hebreu, era então célebre por ter traduzido, a pedido de Carlos o Calvo, os escritos de Dionísio Aeropagita, cujos manuscritos o Imperador de Constantinopla vinha de encaminhar, como presentes, ao Rei da França. Imaginava-se que esses escritos, cujo objeto é a conciliação do neoplatonismo Alexandrino com o cristianismo, eram a obra do Dionísio Aeropagita de quem fala São Paulo, e quem as pessoas se apraziam em confundir com o apóstolo da Gália.

O Irlandês fez o que Hincmar pediu. Ele escreveu contra Gottschalk em favor da liberdade: mas ele não ficou dentro dos limites onde o arcebispo de Reims quis, sem dúvida, restringi-lo. Como Pelágio, que ele reergue, como Orígenes, mestre comum de ambos, ele afirmou menos a autoridade que a própria razão; ele admitiu a fê, mas como início da ciência. Para ele, a escritura é simplesmente um texto entregue à interpretação e a religião e a filosofia são a mesma palavra[788]. É verdade que não defendia a liberdade contra o predestinarianismo de Gottschalk senão para absorvê-lo e perdê-lo no panteísmo Alexandrino. Todavia, a violência com a qual Roma atacou João Escoto Erígena é prova bastante do quanto sua doutrina assustou a autoridade. Discípulo do bretão Pelágio, predecessor do bretão Abelardo, esse Irlandês marcou, de uma vez, o renascimento da filosofia e a renovação do livre gênio celta contra o misticismo da Alemanha.

Ao mesmo tempo em que a filosofia tentava assim se libertar do despotismo teológico, o governo temporal dos bispos era acusado de impotência. A França lhes escapava: ela necessitava de mãos mais fortes e mais guerreiras para defendê-la das novas invasões bárbaras. Mal desembarçada dos Alemães que a haviam por tão longo tempo governado, ela se encontrava fraca, inábil, administrada e defendida por padres; e, entretanto, chegavam por todos os seus rios, por todas suas praias e margens, outros Germanos, bem mais selvagens que aqueles dos quais ela havia se livrado.

As incursões desses salteadores do norte (Northmen - Normandos) eram bem diferentes das grandes migrações germânicas que tiveram lugar entre os séculos IV e VI. Os Bárbaros dessa primeira época, que ocuparam a margem esquerda do Reno ou que se assentaram na Inglaterra, aí deixaram sua língua. A pequena colônia dos saxões de Bayeux guardou a sua por pelo menos quinhentos anos[789]. Ao contrário, os Normandos dos séculos IX e X adotaram a língua dos povos entre os quais se estabeleceram. Seus reis, Rou, de Rússia e de França (Ru-Rik, Rollon), não introduziram o idioma germânico em sua nova pátria. Esta diferença essencial entre as duas épocas das invasões me levaria a acreditar que as primeiras, que ocorreram por terra, foram feitas por famílias, por guerreiros seguidos de suas mulheres e crianças: menos miscigenados aos vencidos por meio de casamentos, eles puderam melhor conservar a pureza de sua raça e de sua língua. Os piratas da época onde nós chegamos parecem ter sido mais frequentemente exilados, banidos, que se fizeram *reis do mar*, porque faltava-lhes terra. Lobos[790] furiosos que a fome expulsara da toca paternal[791], eles desembarcaram sós e sem família[792]. E, quando eles ficaram fartos de pilhagem, quando, à força de retornar anualmente, eles se fizeram uma pátria da terra que devastavam, eram necessárias Sabinas a esses novos Rômulos: eles tomaram mulheres; e as crianças, como necessariamente acontece, falaram a língua de suas mães. Alguns conjecturaram que esses bandos puderam ter sido fortificados pelos Saxões fugitivos, ao tempo de Carlos Magno. Por mim, eu acreditaria, sem problemas, que não somente pelos Saxões, mas que todo fugitivo, todo bandido, todo servo corajoso, fosse recebido por esses piratas, ordinariamente pouco numerosos, os quais deviam fortalecer, com prazer, seus bandos com um companheiro robusto e ousado. A tradição quer que o mais terrível dos reis do mar, Hastings, fosse originariamente um camponês de Troyes[793]. Esses fugitivos deviam-lhes ser preciosos como intérpretes e guias. Frequentemente, talvez, o furor dos Normandos e a atrocidade de suas devastações fossem menos inspirados pelo fanatismo odínico do que pela vingança do servo e pelo ódio do apóstata.

Longe de continuar a construir e a armar os barcos que Carlos Magno quisera opor aos piratas na foz dos rios, seus sucessores chamaram os bárbaros e os tomaram por auxiliares. O jovem Pepino deles se serviu contra Carlos o Calvo e

acreditou, dizia-se, assegurar-se de seu auxílio adorando seus deuses. Eles tomaram as periferias de Toulouse, pilharam Bordeaux três vezes[794], saquearam Bayonne e outras cidades aos pés dos Pirineus. Todavia, as montanhas, as torrentes do Sul, cedo os desencorajaram (a partir de 864). Os rios da Aquitânia não lhes permitiam subir facilmente como eles o faziam no Loire, no Sena, no Escout (Escalda) e no Elba.

Eles foram melhor sucedidos no Norte. Depois que seu rei Haroldo obteve do piedoso Luís uma província para um batismo (826)[795], eles vieram, todos, a esse pasto. De início, eles se fizeram batizar para terem túnicas. Não se podia encontrar o suficiente para todos os neófitos que se apresentavam. À medida que se lhes recusava o sacramento do qual faziam um jogo lucrativo, eles se mostravam tanto mais furiosos. Desde que seus *dragões*, suas *serpentes*[796] sulcassem os rios; desde que a trompa de marfim[797] ribombasse sobre as margens, ninguém olhava para trás de si próprio. Todos fugiam para a cidade, para a abadia vizinha, tocando rápido as bestas; à pena tinha-se tempo. Vis bestas, eles próprios, sem força, sem unidade, sem direção, eles se amontoavam nos altares sob as relíquias dos santos. Mas as relíquias não paravam os bárbaros. Eles pareciam, ao contrário, encarniçados em violar os santuários mais reverenciados. Eles forçaram Saint-Martin de Tours, Saint-Germain-des-Prés em Paris, uma porção de outros monastérios. O pavor era tão grande que não se ousava mais fazer a colheita. Viu-se as pessoas misturarem terra à farinha. As florestas se tornaram mais espessas entre o Sena e o Loire. Uma matilha de trezentos lobos[798] corria a Aquitânia sem que ninguém pudesse detê-la. As bestas selvagens pareciam tomar posse da França.

O que faziam, entretanto, os soberanos da região, os abades, os bispos? Eles fugiam levando as ossadas dos santos; impotentes como suas relíquias, eles abandonavam os povos sem direção, sem asilo. Tanto quanto, eles enviavam alguns servos armados a Carlos o Calvo para timidamente vigiarem a marcha dos bárbaros, negociarem com eles, mas de longe, perguntando-lhes por quantas libras de prata eles desejariam deixar tal província ou render qual abade cativo. Pagou-se um milhão e meio de nossa moeda pelo resgate do abade de Saint-Denis[799].

Esses bárbaros desolaram o Norte, enquanto os Sarracenos infestavam o sul[800]; eu não darei aqui a monótona história de suas incursões. Basta-me distingui-las nos três períodos principais: aquele das incursões propriamente ditas, aquele das estações e aquele dos assentamentos fixos. As estações dos *Northmen* eram geralmente nas ilhas das fozes do Escout (Escalda), do Sena e do Loire; as dos Sarracenos em Fraxinet (Garde-Fraisnet) na Provença e em Saint-Maurice-en-Valais; tal era a audácia desses piratas que eles assim ousaram se descartar do mar e se estabelecer no próprio seio dos Alpes, nos desfiladeiros onde se cruzam as principais rotas da Europa. Os Sarracenos não tiveram assentamentos importantes senão na Sicília. Os Normandos, mais disciplináveis, findaram por adotar o cristianismo e se estabeleceram sobre vários pontos da França, particularmente na região batizada com seu nome, a Normandia.

Alguns textos dos anais de São Bertino bastarão para dar conhecimento da audácia dos *Northmen*, da impotência e da humilhação do rei e dos bispos, suas vãs tentativas para combaterem esses bárbaros ou para opor-lhes uns aos outros:

“Em 866, foi convencionado que todos os servos presos pelos Normandos que viessem a escapar de suas mãos ser-lhes-iam devolvidos ou recomprados pelo preço que lhes agradasse e, que se algum dos Normandos fosse morto, pagar-se-ia uma soma pelo preço de sua vida.”

“Em 861, os Dinamarqueses, que tinham ultimamente incendiado a cidade de Térouanne, retornando, sob seu chefe Weland, do país dos Anglos, sobem o Sena com mais de duzentos navios e sitiaram os Normandos no castelo que estes tinham construído na ilha dita Oissel. Carlos ordenou levantar, para dar aos sitiados, a título de prêmio, cinco mil libras de prata, com uma quantidade considerável de animais e grãos, os quais deveriam ser tomados em seu reino, a fim de que ele não fosse devastado; depois, passando o Sena, ele foi ter a Meung-sur-Loire e aí recebeu o conde Roberto com as honras convencionais. Guntrid e Gozfrid, pelo conselho dos quais Carlos recebera Roberto, o abandonaram entretanto, eles com seus companheiros, conforme a inconstância típica de sua raça e de seus costumes nativos, e se juntaram a Salomão, duque dos Bretões. Uma outra parte dos Dinamarqueses entrou pelo Sena com sessenta navios na ribeira de Hières, de lá se dirigiu àqueles que sitiavam o castelo e se juntou a eles. Os sitiados, vencidos pela fome e pela mais espantosa miséria, dão aos sitiados seis mil libras, tanto ouro quanto prata, e se juntaram a eles.”

“Em 869, Luís, filho de Luís, rei da Germânia, resolvendo fazer a guerra com os Saxões contra os Wendos que estão no país dos Saxões, obtém uma espécie de vitória, com uma grande carnificina de ambas as partes. Retornando de lá, Rolando, arcebispo de Arles, que (não sem as mãos vazias) obtivera do imperador Luís e de Ingelberg a abadia de Saint-Césaire, ergueu na ilha da região da Camargue, extremamente rica de todos os lados, onde estão a maior parte dos bens dessa abadia, e na qual os Sarracenos tinham o costume de possuir um porto, uma fortaleza somente de terra e construída às pressas; sabendo da chegada dos Sarracenos, ele aí entra de forma bastante imprudente. Os Sarracenos, desembarcando nesse castelo, aí mataram mais de trezentos dos homens de Rolando e ele próprio foi preso, conduzido ao navio daqueles e acorrentado. Aos ditos Sarracenos foram dados, por resgate, cento e cinquenta libras de prata, cento e cinquenta mantos, cento e cinquenta espadas e cento e cinquenta escravos, sem contar o que se deu de boa vontade. Nesses entretantos, esse mesmo bispo morreu nos barcos. Os Sarracenos habilmente aceleraram sua venda, dizendo que ele não podia mais se demorar por tanto tempo e que se se desejasse revê-lo, era necessário àqueles que o resgatavam que entregassem prontamente seu resgate, o que foi feito: e os Sarracenos, tendo tudo recebido, assentaram o bispo numa cadeira, vestido com seus hábitos sacerdotais com os quais ele fora preso e, como em sinal de honra, o carregaram do navio à terra; mas quando aqueles que o resgataram desejaram falar-lhe e felicitar-lhe, deram-se conta que ele estava morto. Eles o levaram com grande luto e o enterraram em 22 de setembro no sepulcro que ele mesmo preparara para si.”



Desta forma foi demonstrada a impotência do poder episcopal para defender e governar a França. Em 870, o chefe da igreja galicana, o arcebispo de Reims, Hincmar, escrevia para o Papa essa penosa confissão: “Eis as queixas que o povo ergue contra nós: cessai de vos encarregar de nossa defesa, contentai-vos em ajudá-la com vossas preces se desejais nosso auxílio para a defesa comum... Rogai o senhor apostólico não mais nos impor um rei que não pode, de tão longe, nos ajudar contra as frequentes e repentinas incursões dos pagãos[801]...”.

O poder local dos bispos, o poder central do rei, encontram-se igualmente condenados por essas graves palavras. Esse rei, que nada é sem a Igreja, não será senão mais fraco dela se separando. Ele pode dispor de alguns bispados, humilhar os bispos[802], opor ao Papa de Roma o papa de Reims. Ele pode acumular vãos títulos, se fazer coroar rei da Lorena e dividir, com os Alemães, o reino de seu sobrinho Lotário II: nem por isso ele é mais forte. Sua fraqueza foi ao cúmulo quando se tornou imperador. Em 875, a morte de seu outro sobrinho (Luís II) deixava a Itália vacante, assim como a dignidade imperial. Ele se faz presente em Roma antes do filho de Luís o Germânico, ganha-lhes pela celeridade[803] e extorque, por assim dizer, o título de imperador. Mas no próprio dia de Natal, triunfante em Roma sob as vestes de grega dálmata[804], seu irmão, senhor um instante da Nêustria, também triunfa no próprio palácio de Carlos; o pobre imperador fugiu da Itália ante a aproximação de um de seus sobrinhos e morreu de doença num vilarejo dos Alpes (877)[805].

Seu filho, Luís o Gago (Luís II), não pôde sequer conservar a sombra do poder que tivera Carlos o Calvo. A Itália, a Lorena, a Bretanha, a Gasconha não desejam ouvir falar dele. Mesmo no norte da França, ele é obrigado a confessar aos prelados e aos grandes que não possui a coroa senão por eleição[806]. Ele viveu pouco, seus filhos menos ainda. No reino de um deles, o jovem Luís, o analista lança *en passant* essa terrível palavra que nos faz medir bem até onde a França decaía: “Ele construiu um castelo de madeira que serviu antes a fortificar os pagãos que a defender os cristãos, pois o dito rei não pôde encontrar ninguém a quem confiar-lhe a guarda[807]”.

Entretanto, Luís teve, em 881, um sucesso sobre os Normandos do Escaut. Os historiadores não souberam como celebrar esse raro acontecimento. Ainda existe em língua germânica um canto que foi composto nesta ocasião[808]. Mas esse revés apenas os tornou mais terríveis. O chefe deles Gotfried desposou Gizla, filha de Lotário II, e fez com que lhe cedessem a Frísia; e quando Carlos o Gordo, o novo rei da Germânia, consentiu, ele desejou ainda um assentamento sobre o Reno, no próprio coração do Império. A Frísia, ele dizia, não dava vinho: eram-lhe necessárias Koblenz e Andernach. Ele teve uma entrevista com o Imperador numa ilha do Reno. Lá, ele erguia novas pretensões em nome de seu cunhado Hugues. Os imperiais perderam a paciência e o assassinaram. Seja para vingar sua morte, seja de concerto com Carlos o Gordo, o novo chefe Siegfried foi se unir aos Normandos do Sena e invadiu a França do Norte que mal admitia o jugo do rei da Germânia e, assim, Carlos o Gordo tornou-se rei da França pela extinção do ramo francês dos Carolíngios.

Mas a humilhação não é completa até o advento do príncipe alemão (884). Este reuniu todo o império de Carlos Magno. Ele é imperador, rei da Germânia, da Itália, da França. Magnífico escárnio! Sob seu reino, os Normandos não mais se contentam em devastar o Império. Eles começam a querer se assenhorar das praças fortes. Eles sitiavam Paris com um prodigioso encarniçamento. Esta cidade, várias vezes atacada, jamais fora tomada. Ela o teria sido, então, se o Conde Eudes, filho de Roberto o Forte, o bispo Gozlin e o abade de Saint-Germain-des-Prés, não tivessem se lançado para dentro dela e a defendido com grande coragem. Eudes até ousou dela sair para implorar auxílio a Carlos o Gordo. O Imperador, de fato, até veio, mas se contentou em observar os bárbaros e os convenceu a deixar Paris para irem devastar a Borgonha que ainda desprezava sua autoridade (885-886). Esta covarde e pérfida convivência desonrava Carlos o Gordo.

É, ao mesmo tempo, triste e cômico ver os esforços do monge de São Galo para reanimar a coragem do Imperador. Os exageros nada custam ao bom monge. Ele contou-lhe que seu avô Pepino cortara a cabeça de um leão com um só golpe, que Carlos Magno (como outrora Clotário II) matara no Saxe tudo o que fosse mais alto que sua espada[809]; que o debonário filho de Carlos Magno espantava com sua força os mensageiros dos *Northmans* e se divertia a quebrar espadas com as mãos[810]. Ele mandou dizer a um soldado que Carlos Magno carregava sete, oito, nove bárbaros enfileirados em sua lança como se fossem passarinhos[811]. Ele o incentivava a imitar seus pais, a se conduzir como homem, a não negociar com os nobres e os bispos. “Carlos Magno, tendo mandado consultar um de seus filhos, o qual se fizera monge, sobre a maneira pela qual os grandes deveriam ser tratados, ele é encontrado quando arrancava urtigas e ervas daninhas: 'Reportai ao meu pai', ele disse, 'o que me vistes fazer'... Seu monastério foi destruído. Por qual motivo, isso não é duvidoso. Mas não direi a ele que eu não tinha visto vosso pequeno Bernardo empunhando uma espada[812]”.

Esse pequeno Bernardo passava por filho natural do Imperador. O próprio Carlos, entretanto, considerava a coisa duvidosa quando, acusando sua mulher perante a dieta de 887, ele parecia se proclamar impotente: ele assegurava “que, de



forma alguma, conhecera a imperatriz, ainda que estivessem unidos, depois de dez anos, em legítimo matrimônio”[813]. Não havia senão muita aparência: o Imperador era impotente como o Império. A infertilidade de oito rainhas e a morte prematura de seis reis é prova bastante da degeneração dessa raça: ela se findou por esgotamento, como aquela dos Merovíngios. O ramo francês é extinto; a França desdenha obedecer por mais tempo o ramo alemão. Carlos o Gordo é deposto na dieta de Trebur, em 888. Os diversos reinos que compunham o império de Carlos Magno são novamente separados; e não somente os reinos, mas logo os ducados, os condados, as simples senhorias.

No mesmo ano de sua morte (877), Carlos o Calvo assinara a hereditariedade dos condados[814]; a dos feudos já existia. Os condes, até aí magistrados amovíveis, tornaram-se soberanos hereditários em cada uma das regiões que administravam. Essa concessão foi trazida pela força das coisas. Carlos o Calvo, de início, proibira aos senhores construir castelos, proibição vã e reprovável no meio das devastações dos Normandos. Ele findou por ceder à necessidade: ele reconheceu a hereditariedade dos condados (877)[815]: significava renunciar à soberania. Os condes, os senhores, eis os verdadeiros herdeiros de Carlos o Calvo. E já ele casava suas filhas com os mais valentes dentre aqueles, os da Bretanha e de Flandres.

Esses libertadores do país ocuparão os desfiladeiros das montanhas, os passos dos rios, eles aí erigirão seus fortes, eles aí vão se manter ao mesmo tempo contra os bárbaros e contra o príncipe que, de tempos em tempos, terá a tentação de reassumir o poder que ele, com arrependimento, abandonara. Mas os povos não tem nada além de ódio e desprezo por um rei que não sabe absolutamente defendê-los. Eles se cerram em volta de seus defensores, em torno dos senhores e dos condes. Nada mais popular que a feudalidade em seu nascimento. As lembranças confusas dessa popularidade permaneceram nos romances onde Gérard de Roussillon, onde Renaud e os outros filhos de Aymon, sustentam uma luta heróica contra Carlos Magno. O nome de Carlos Magno é, aqui, a designação comum dos Carolíngios.

O primeiro e mais poderoso desses fundadores da feudalidade é o próprio cunhado de Carlos o Calvo, Boson[816], que toma o título de rei da Provença ou Borgonha Cisjurana[817] (879). Quase ao mesmo tempo, Rodolfo Welf ocupa a Borgonha Transjurana da qual ele também faz um reino[818]. Eis a barreira da França a sudeste. Os Sarracenos aí combaterão contra Boson, contra Gérard de Roussillon, o célebre herói do romance, contra o bispo de Grenoble e o Visconde de Marselha.

Ao sopé dos Pirineus, o Ducado da Gasconha é restabelecido por essa família de Hunaldo e de Guaifer[819], tão maltratada pelos Carolíngios que a ela devem o desastre de Roncevaux. Na Aquitânia, erguem-se as poderosas famílias da Gótia (Narbonne, Roussillon, Barcelona), de Poitiers e de Toulouse. As duas primeiras pretendem descender de São Guilherme, o grande santo do sul, o vencedor dos Sarracenos. É como todos os reis da Alemanha e da Itália, que descendem de Carlos Magno, e como as famílias heróicas da Grécia, reis da Macedônia e de Esparta, Aléuades de Tessália, Báquides de Corinto, que descendem de Hércules.

A leste, o conde de Hainaut, Reinier[820], disputará a Lorena aos Alemães, ao feroz Zuentiboldo (*Zwentibold*), filho do rei da Germânia. Reinier-*Raposa* permanecerá o tipo e o nome popular do ardil com vantagem contra a brutalidade da força.

Ao norte, a França toma por dupla defesa contra os Belgas e os Alemães os *forestiers* de Flandres[821] e os condes de Vermandois, parentes e aliados, mais ou menos fiéis, dos Carolíngios.

Mas a grande luta é a oeste, na direção da Normandia e da Bretanha. Lá, desembarcam, anualmente, os homens do Norte. O bretão Nomenoé põe-se à testa do povo, bate Carlos o Calvo, bate os Normandos, defende contra Tours a independência da igreja bretã e deseja fazer da Bretanha um reino[822]. Após ele, os Normandos retornam em maior número, o país não passa de um deserto; e, quando um de seus sucessores (937), o heróico Alain Barbatorta, conseguiu retomar-lhes Nantes, é preciso, para chegar à catedral onde ele vai agradecer a Deus, que ele abra seu caminho com a espada à mão através dos espinheiros e sarças. Mas, desta vez, o país é libertado; os Normandos, os Alemães, chamados pelo rei contra a Bretanha, são igualmente repelidos. Alain reúne, pela primeira vez, os domínios do condado e o rei findou por reconhecer que todo servo refugiado na Bretanha torna-se, apenas por isso, homem livre[823].

Em 859, os senhores impediram o povo de se armar contra os Normandos[824]. Em 864, Carlos o Calvo proibira os senhores de erguerem castelos, mas, poucos anos correm, e um monte de castelos foi construído; onde quer que se olhe, os senhores armam seus homens. Os bárbaros começam a encontrar obstáculos. Roberto o Forte pereceu combatendo os Normandos em Brissarthe (866). Seu filho Eudes, mais feliz, defende Paris contra eles em 885. Ele sai da cidade e para ela retorna através do campo dos Normandos[825] que, enfim, levantam o cerco e vão ainda fracassar sob os muros de Sens. Em 891, o rei da Germânia Arnulfo força o campo deles perto de Louvain e os precipita no Dyle. Em 933 e 955, os imperadores

saxões Henrique o Passarinheiro[826] e Othon o Grande impõem sobre os Húngaros suas famosas vitórias de Mersebourg e de Augsburg. Em torno da mesma época, o bispo Izarn expulsa os Sarracenos do Dauphiné (Delfinado) e o visconde de Marselha, Guilherme, livra a Provença deles (965, 972).

Pouco a pouco, os bárbaros desencorajam-se e resignam-se ao repouso. Eles renunciam ao banditismo e pedem terras. Os Normados do Loire, tão terríveis sob o velho Hastings que os conduziu até a Toscana, são repelidos da Inglaterra pelo rei Alfredo. Eles não se preocupam em morrer, como seu herói Ragnar Lodbrok, num tonel de víboras. Eles preferem se estabelecer na França, sobre o belo Loire. Eles possuem Chartres, Tours e Blois. Seu chefe Teobaldo, tronco da Casa de Blois e Champagne, fecha o Loire às novas invasões, como logo RadHolf ou Rollo vai fechar o Sena sobre o qual ele se assenta (911) com o consentimento do rei da França, Carlos o Simples ou o Tolo[827]. Ele, porém, não era tão tolo em se vincular a esses Normandos e dar-lhes a onerosa suzerania da Bretanha que devia desgastar Bretões e Normandos uns pelos outros. Rollo recebeu o batismo e prestou honras, não pessoalmente, mas por um dos seus: este aqui se colocou de uma forma tal que, ao beijar o pé do rei, ele o derrubou de costas[828]. Tal era a insolência desses bárbaros.

Os Normandos, então, fixam-se e assentam-se. Os indígenas fortificam-se. A França toma consistência e se fecha pouco a pouco. Sobre todas as suas fronteiras, erguem-se tanto torres quanto grandes senhorias feudais. Ela encontra alguma segurança na formação de potências locais, no desmembramento do Império, na destruição da unidade. Mas o quê! essa grande e nobre unidade da pátria, cujo governo romano e frâncico nos deu ao menos a imagem, não tem ele a esperança de, um dia, a ela retornar? Perecemos, decididamente, como nação? Não haverá no meio da França alguma força centralizadora que permita acreditar que todos os membros se reaproximarão e formarão novamente um corpo?

Se a idéia de unidade subsiste, é dentro das grandes sés eclesiásticas que conservam a pretensão da primazia. Tours é um centro no Loire, Reims também o é, ao Norte. Mas, em todo lugar, o poder feudal limita aquele dos bispos. Em Troyes, em Soissons, o conde o leva sobre o prelado. Em Cambrai e em Lyon, há divisão. Não é senão no domínio do rei que os bispos obtêm ou conservam a senhoria de sua cidade. Aqueles de Laon, Beauvais, Noyons, Châlons-sur-Marne, Langres, tornam-se pares do reino; o mesmo ocorre com os metropolitanos de Sens e de Reims. O primeiro expulsa o conde, o segundo resiste-lhe. O arcebispo de Reims, chefe da igreja galicana, é por muito tempo o apoio fiel dos Carolíngios[829]. Apenas ele parece ainda se interessar pela Monarquia, pela dinastia.

Esta velha dinastia, sob a tutela dos bispos, não pode mais reunir a França. Entre as guerras e devastações dos Bárbaros, o título de rei deve passar a qualquer um dos chefes que começa a armar o povo. É preciso que esse chefe saia das províncias centrais. A idéia de unidade não pode ser retomada e defendida pelos homens da fronteira pois essa unidade é-lhes odiosa: eles preferem a independência.

O centro do mundo Merovíngio fora a igreja de Tours. Aquele das guerras Carolíngias contra os Normandos e os Bretões é também no Loire, porém mais a Oeste, é dizer, na região de Anjou, sobre a Marche da Bretanha. Lá, duas famílias se erguem, troncos dos Capetos e dos Plantagenetas, os reis da França e da Inglaterra. Todas as duas saem de chefes obscuros que se tornaram ilustres defendendo o país.

A segunda pretende remontar a um Tortulfo ou Tertúlio, bretão de Rennes, “simples camponês”, diz a crônica, “vivendo de sua caça e do que encontrava nas florestas”. Carlos o Calvo o chamou de *forestier* da floresta de Nid-de-Merle[830]. Seu filho de mesmo nome recebeu o título de senescal de Anjou. Seu neto Ingelger[831] e os Fulcos, seus descendentes, foram inimigos terríveis para a Normandia e a Bretanha.

Os Capetos, de início, estão também estabelecidos no Anjou. Parece que eram chefes Saxões a serviço de Carlos o Calvo[832]. Ele confia a seu primeiro ancestral conhecido, Roberto o Forte, a defesa da região entre o Sena e o Loire. Roberto morreu em Brisarthe combatendo o chefe dos Normandos, Hastings. Seu filho Eudes, mais feliz, os repele no cerco de Paris (885) e colhe sobre eles uma grande vitória em Montfaucon[833]. À época da deposição de Carlos o Gordo, ele foi eleito rei da França (888).

M. Augustin Thierry, em seu *Lettres sur l'Histoire de France*, seguiu com muita sagacidade as alternativas dessa longa luta que, no espaço de um século, fez prevalecer a nova dinastia. É-me impossível não tomar emprestadas algumas páginas dessa bela narrativa[834]. A questão é tratada sob um ponto de vista, mas com uma clareza singular:

“À revolução de 888, corresponde da maneira mais precisa um movimento de um outro gênero, que eleva ao trono um homem inteiramente estranho à família dos Carolíngios. Esse rei, o primeiro ao qual nossa história deveria dar o título de Rei da França por oposição ao Rei dos Francos, é Ode ou, segundo a pronúncia romana que começava a prevalecer, Eudes, filho do conde de Anjou Roberto o Forte. Eleito em detrimento de um herdeiro

que se qualificasse como legítimo, Eudes foi o candidato nacional da população mista que combatera por cinquenta anos para formar um estado para si própria, e seu reino marca a abertura de uma segunda série de guerras civis, terminadas, após um século, pela exclusão definitiva da raça de Carlos o Grande. Em efeito, esta raça toda germânica, vinculando-se pelos laços das lembranças e das afeições de parentesco aos países de língua tedesca, não podia ser olhada pelos Franceses senão como um obstáculo à separação sobre a qual acabava de ser fundada sua existência independente.

Não foi, absolutamente, por capricho, mas por política, que os senhores do Norte da Gália, Francos de origem, mas unidos ao interesse do país, violaram o juramento prestado por seus avós à família de Pepino e sagraram rei, em Compiègne, um homem de descendência saxônica. O herdeiro desapossado por essa eleição, Carlos, cognominado "o Simples" ou "o Tolo" [835], não tardou a justificar sua exclusão do trono, colocando-se sob a patronagem de Arnulfo, rei da Germânia. 'Não podendo lidar', disse um historiador, 'contra o poder de Eudes, ele foi reclamar, suplicando, a proteção do rei Arnulfo. Uma assembléia pública foi convocada na cidade de Worms: Carlos aí chegou e, após ter oferecido grandes presentes a Arnulfo, foi investido pelo segundo na realeza da qual ele recebera o título. A ordem de prestar-lhe auxílio e de fazê-lo entrar em seu reino para que fosse coroado foi dada aos condes e aos bispos que residiam no entorno do Mosela; mas nada disso lhe aproveitou'.

O partido dos Carolíngios, sustentado pela intervenção germânica, não conseguiu fazê-lo sobrepujar o partido que se pode chamar francês. Ele foi várias vezes derrotado com o seu chefe que, após cada derrota, punha-se em segurança atrás do Mosela, além dos limites do reino. Carlos o Simples chegou, entretanto, graças à proximidade da Alemanha, a obter algum poder entre o Mosela e o Sena. Um resto da velha opinião germânica, que olhava os Welcos ou Valões como os súditos naturais dos filhos dos Francos, contribuía a render popular essa guerra de dinastias em todas as regiões vizinhas do Reno. Sob pretexto de sustentar os direitos da realeza legítima, Zuentiboldo, filho natural de Arnulfo e rei da Lorena, invadiu o território francês no ano de 895. Ele chegou até Laon com um exército composto de Lorenos, Alsacianos e Flamengos, mas logo foi forçado a bater em retirada perante o exército do rei Eudes. Essa grande tentativa, tendo assim fracassado, fez-se na corte da Germânia uma espécie de reação política em favor daquele a quem se tinha, até então, qualificado de usurpador. Eudes foi reconhecido rei e se lhe prometeu de, no porvir, não mais se prestar qualquer auxílio ao pretendente. De fato, Carlos nada obteve enquanto seu adversário viveu mas, à ocasião da morte do rei Eudes, quando a mudança de dinastia foi recolocada em questão, o *Keisar* [836], ou imperador, novamente tomou partido em favor do descendente dos reis Francos.

Carlos o Simples, reconhecido rei em 898 por uma grande parte daqueles que haviam trabalhado para excluí-lo, reinou inicialmente vinte e dois anos sem qualquer oposição. É nesse espaço de tempo que ele abandona ao chefe Normando Rolf (*nt: Rollo*) todos os seus direitos sobre o território vizinho da embocadura do Sena e confere-lhe o título de Duque (912). O Ducado da Normandia serviu mais tarde para flanquear o reino da França contra os ataques do império germânico e de suas embarcações lorenas ou flamengas. Mas o primeiro duque foi fiel ao tratado de aliança que fizera com Carlos o Simples e o manteve, ainda que debilmente, contra Rodberto ou Roberto, irmão do rei Eudes, eleito rei em 922. Seu filho, Guilherme I, seguiu de início a mesma política e, quando o rei hereditário foi deposto e aprisionado em Laon, ele se declarou por este último contra Rioulfo (ou Raul), cunhado de Roberto, eleito e coroado rei, em ódio da dinastia franca. Mas poucos anos depois, mudando de facção, ele abandonou a causa de Carlos o Simples e fez aliança com o rei Rioulfo. Em 936, esperando que um retorno aos seus primeiros volteios lhe trouxessem maiores vantagens, ele apoiou de uma forma enérgica a restauração do filho de Carlos, Luís, cognominado "d'Ultramar".

O novo rei, a quem o partido francês, seja por fadiga, seja por prudência, não opôs qualquer competidor, levado por uma inclinação hereditária a procurar amigos além-Reno, contratou uma aliança estreita com Oton (ou Otão), primeiro de nome, rei da Germânia, o príncipe mais poderoso e mais ambicioso da época. Essa aliança descontentou vivamente os senhores, os quais tinham uma grande aversão pela influência teutônica. O representante dessa opinião nacional, e o homem mais poderoso entre o Sena e o Loire, era Hugo (Hugues), Conde de Paris, a quem se deu o epíteto de "Grande", em virtude de seus imensos domínios. Desde que as desconfianças mútuas aumentaram ao ponto de trazer, em 940, uma nova guerra entre as duas facções que, depois de cinquenta anos, se encontravam presentes, Hugo o Grande, ainda que não tenha tomado o título de rei, fez contra Luís d'Ultramar o mesmo papel que Eudes, Roberto e Rioulfo encenaram contra Carlos o Simples. Seu primeiro cuidado foi de tomar da facção oposta o apoio do Duque da Normandia; ele aí teve sucesso e, graças à intervenção normanda, conseguiu neutralizar os efeitos da influência germânica. Todas as forças do rei Luís e do partido franco se quebraram, em 945, contra o pequeno ducado da Normandia. O rei, vencido em batalha campal, foi preso com dezesseis de seus condes e confinado na torre de Rouen, de onde saiu apenas para ser entregue aos chefes do partido nacional que o aprisionaram em Laon.

Para tornar mais durável a nova aliança dessa facção com os Normandos, Hugo o Grande prometeu entregar sua filha em casamento ao duque daqueles. Mas essa confederação das duas potências gaulesas mais vizinhas da Germânia fez lançar contra si uma coalizão de poderes teutônicos, dos quais os principais eram o rei Othon e o conde de Flandres. O pretexto da guerra devia ser de tirar o rei Luís de sua prisão; mas os coligados prometiam-se resultados de um outro gênero. O objetivo deles era aniquilar a potência normanda reunindo esse ducado à coroa da França após a restauração do rei seu aliado: em troca, eles deviam receber uma cessão de território que aumentaria seus estados às expensas do reino da França [837]. A invasão, conduzida pelo rei da Germânia, teve lugar em 946. À testa de trinta e duas legiões, dizem os historiadores do tempo, Othon avançou até Reims. O partido nacional, que mantinha um rei na prisão e não tinha rei à sua frente, não pôde reunir à sua volta forças suficientes para repelir os estrangeiros. O rei Luís foi colocado em liberdade e os coligados avançaram até os muros de Rouen: mas essa campanha brilhante não teve qualquer resultado definitivo. A Normandia permaneceu independente e o rei entregue não teve mais amigos que antes. Ao contrário, foram-lhe imputadas as desgraças da invasão e, logo ameaçado de ser deposto pela segunda vez, ele retornou para além-Reno para implorar novo socorro [838].

No ano de 948, os bispos da Germânia se reuniram em concílio, por ordem do rei Othon, em Inghelheim, para tratar, dentre outras questões, dos agravos de Luís d'Ultramar contra o partido de Hugo o Grande. O rei dos Franceses veio fazer o papel de solicitador perante essa assembléia estrangeira. Sentado ao lado do rei da Germânia, após o legado do Papa ter anunciado o objeto do sínodo, ele se ergueu e falou nesses termos: 'Nenhum dentre vós ignorais que mensageiros do conde Hugo e de outros senhores vieram encontrar-me em terra d'ultramar convidando-me a retornar ao reino que era minha herança paterna. Eu fui sagrado e coroado pelo voto e sob as aclamações de todos os chefes e do exército da França. Mas, pouco tempo depois, o conde Hugo se livrou de mim por traição, me depôs e me aprisionou durante um ano inteiro; enfim, eu não obtive minha libertação senão rendendo em seu poder a cidade de Laon, a única cidade da coroa que meus fiéis ainda ocupavam. Toda essa infelicidade que fundiu sobre mim depois de minha elevação, se há alguém que sustente que ela me aconteceu por erro meu, eu estou pronto a me defender dessa acusação, seja pelo julgamento do sínodo e do rei aqui presente, seja por um combate singular'. Esse "alguém", como era de se esperar, não se apresentou, e nem advogado, nem campeão da parte adversa, para submeter um diferendo nacional ao julgamento do imperador d'além-Reno: assim, o concílio foi transferido para Trier, sob as instâncias de Leudulfo (ou Ludolfo), capelão e delegado do Kaiser, que pronunciou a seguinte sentença: 'Em virtude da autoridade apostólica, nós excomungamos o conde Hugo, inimigo do rei Luís, por causa dos males de todos os gêneros que ele fez, até que o dito conde venha à respiscência e dê plena satisfação perante o legado do soberano pontífice. Que caso se recuse a submeter-se, ele deverá fazer a viagem para Roma para receber sua absolvição'.

No ano da morte de Luís d'Ultramar, no ano 954, seu filho Lotário sucedeu-lhe sem oposição aparente. Dois anos depois, o conde Hugo morreu, deixando três filhos, dos quais o primogênito, que portava o mesmo nome que ele, herdou o condado de Paris que se chamava também Ducado da França. Seu pai, antes de morrer, o recomendara a Rikard ou Ricardo, duque da Normandia, como o defensor natural de sua família e de seu

Esse sono, que *M. Thierry* negligencia explicar, não foi outra coisa que a menoridade do rei Lotário e do duque de França Hugo Capeto, sob a tutela de suas mães Hedwige (Edvige) e Gerberga, ambas irmãs do saxão Othon, rei da Germânia[840]. Esse poderoso monarca parece, então, ter governado a França pelo intermediário de seu irmão, Bruno, arcebispo de Colônia e duque da Lorena e dos Países-Baixos[841]. Essas relações explicam suficientemente o caráter germânico que *M. Thierry* observa nos últimos Carolíngios. Era natural que Luís d'Ultramar, criado entre os Anglo-Saxões, que Lotário, filho de uma princesa Saxônica, falassem a língua alemã. A preponderância da Alemanha nessa época, a glória de Othon, vencedor dos Húngaros e senhor da Itália, justificaria, além disso, a predileção desses príncipes pela língua do grande rei. Por serem parentes dos Othons, os últimos Carolíngios e os primeiros Capetíngios não mais foram belicosos. Hugo Capeto e seu filho Roberto, príncipes votados à igreja, não evocam em nada o temperamento aventureiro de Roberto o Forte e de Eudes, seus avós, que tiveram poucos escrúpulos em guerrear contra os bispos, notadamente contra o arcebispo de Reims[842]. Mas, retomemos a narrativa de *M. Thierry*.

Após a morte de Othon o Grande, “o rei Lotário, abandonando-se à impulsão do espírito francês, rompeu com as potências germânicas e tentou recuar até o Reno, fronteira de seu reino. Ele entrou de improviso nas terras do império e descansou, como vencedor, no palácio de Aachen. Mas essa expedição aventureira, que elogiava a vaidade francesa, apenas serviu para trazer os Germanos, ao número de sessenta mil, Alemães, Lorenos, Flamengos e Saxões, até as alturas de Montmartre, onde esse grande exército cantou em coro uma das estrofes do *Te Deum*[843]. O imperador Othon, que o conduzia, foi mais feliz, como acontece frequentemente, na invasão do que na retirada. Batido pelos Franceses na passagem do rio Aisne, não foi senão por meio de uma trégua concluída com o rei Lotário que ele pôde retomar sua fronteira. Esse tratado, concluído, segundo dizem as crônicas, contra a vontade do exército francês, reacendeu a querela entre os dois partidos ou, antes, forneceu um novo pretexto aos ressentimentos que não haviam deixado de existir[844].

“Ameaçado, como seu pai e seu avô, pelos adversários implacáveis da raça dos Carolíngios, Lotário virou os olhos para o lado do Reno para obter um apoio em caso de aflição. Ele mandou devolver à corte imperial suas conquistas na Lorena e todas as pretensões da França sobre uma parte desse reino. “Essa coisa apertou grandemente”, disse um autor contemporâneo, “o coração dos senhores da França”. Entretanto, eles não deixaram explodir seu descontentamento de uma maneira hostil. Educados pelo mau sucesso das tentativas feitas depois de quase cem anos, eles não desejavam empreender mais nada contra a dinastia reinante, salvo se estivessem seguros de serem bem sucedidos. O rei Lotário, mais hábil e mais ativo que seus dois predecessores[845], se julgamos sua conduta, prestava-se conta exata das dificuldades de sua posição e não negligenciava nenhum meio de vencê-las. Em 983, aproveitando-se da morte de Othon II e da menoridade do filho deste, ele subitamente rompeu a paz que concluía com o Império e invadiu de sopetão a Lorena; agressão que devia render-lhe um pouco de popularidade. Assim, até o fim do reino de Lotário, nenhuma rebelião se ergueu contra ele. Mas, a cada dia, seu poder ia decrescendo; a autoridade, que se extraía dele, por assim dizer, passou inteira para as mãos do filho de Hugo o Grande, Hugo, conde de Ille-de France e d'Anjou, a quem se denominava, *Capet* ou *Chapet*, na língua francesa do tempo. “Lotário é rei apenas de nome”, escrevia em uma de suas cartas um dos personagens mais distintos do século X, “Hugo não tem o título, mas ele o é de fato e por obras”[846].

As dificuldades de todos os tipos que, em 987, apresentavam uma quarta restauração dos Carolíngios, assustaram os príncipes da Alemanha: eles não ordenaram a marcha de nenhum exército em auxílio do pretendente Carlos, irmão do antepenúltimo rei, e duque da Lorena sob a suzerania do Império. Reduzido à fraca assistência de seus partidários do interior, Carlos não conseguiu senão apoderar-se da cidade de Laon, onde se manteve em estado de bloqueio, em virtude da força do lugar, até o momento quando foi traído e entregue por um dos seus. Hugo Capeto o mandou aprisionar na torre de Orléans, onde ele morreu. Seus dois filhos, Luís e Carlos, nascidos na prisão e banidos da França após a morte de seu pai, encontraram asilo na Alemanha, onde se conservavam, em relação aos mesmos, as antigas simpatias da origem e do parentesco.

“Ainda que o novo rei fosse oriundo de uma família germânica, a ausência de qualquer parentesco com a dinastia imperial, a própria obscuridade de sua origem, na qual não se encontrava mais traço seguro após a terceira geração, o designavam como candidato da raça indígena, cuja restauração se operava de alguma forma depois do desmembramento do Império.

O advento da terceira dinastia é, na nossa história nacional, de uma importância bastante diferente que aquele da segunda; é, para falar apropriadamente, o fim do reino dos Francos e a substituição do governo fundado pela conquista por uma realeza nacional. Desde então, nossa história torna-se simples: é sempre o mesmo povo que se segue e que se reconhece, apesar das mudanças que sobrevêm aos costumes e à civilização. A identidade nacional é o fundamento sobre o qual repousa, depois de tantos séculos, a unidade da dinastia. Um singular pressentimento dessa longa sucessão de reis parece ter preparado o espírito do povo para o advento da terceira raça. O rumor correu que, em 981, Santo Valério (Saint-Valéri), cujas relíquias vinham de ser transferidas por Hugo Capeto, então conde de Paris, apareceu-lhe em sonho e disse-lhe: “Por causa do que fizeste, tu e teus descendentes, vós sereis reis até a sétima geração, quer dizer, pela perpetuidade”[847].

Essa lenda popular é repetida por todos os cronistas sem exceção, mesmo pelo pequeno número daqueles que, em nada aprovando a mudança de dinastia, dizem que a causa de Hugo é uma causa ruim e o acusam de traição contra seu senhor e de revolta contra os decretos da Igreja[848]. Era uma opinião difundida entre as pessoas de condição inferior que a nova família reinante provinha da classe plebéia; e esta opinião, que se conservou por diversos séculos, não foi, de forma alguma, nociva à



sua causa[849].

O advento de uma dinastia nova mal foi notado nas províncias longínquas[850]. Quê importava aos senhores da Gasconha, do Languedoc, da Provença, saber se aquele que portava, lá pelo Sena, o título de rei, se chamava Carlos ou Hugo Capeto?

Durante muito tempo, o rei não terá importância maior que um duque ou um conde comum. É alguma coisa, entretanto, que ele seja, ao menos, um igual dos grandes vassallos, que a realeza tenha descido da montanha de Laon e saído da tutela do arcebispo de Reims[851]. Os últimos Carolíngios tinham, com frequência, lutado às duras penas contra os menores barões. Os Capetos são poderosos senhores, capazes de fazer frente, com suas próprias forças, ao conde de Anjou, ao conde de Poitiers. Eles reuniram vários condados em suas mãos. A cada coroação, eles adquiriram um título novo, como resgate da realeza, como compensação da coroa que eles não mais desejavam manter. Hugo o Grande obtém de Luís IV o ducado da Borgonha e de Lotário o título de duque da Aquitânia.

No abaixamento para onde a haviam reduzido os últimos Carolíngios, a realeza não era nada além de um nome, uma lembrança bem próxima de ser apagada; transferida aos Capetos, é uma esperança, um direito vivo, que dormita, é verdade, mas que, no tempo útil, vai pouco a pouco despertar. A realeza recomeça com a terceira raça, como começara com a segunda, por uma família de grandes proprietários amigos da igreja. A propriedade e a igreja, a terra e Deus, eis as bases profundas sobre as quais a monarquia deve se reposicionar para reviver e reflorescer.

Tendo chegado ao termo da dominação alemã, ao advento da nacionalidade francesa, devemos parar por um momento. O ano 1.000 se aproxima, a grande e solene época onde a Idade Média aguardava o fim do mundo. E, de fato, um mundo aí findou. Levemos nossos olhares para trás. A França já percorreu duas eras na sua vida de nação.

Na primeira, as raças vieram se colocar uma sobre a outra e fecundar o solo gaulês com seus aluviões. Por cima dos Celtas, puseram-se os Romanos, enfim os Germanos, os últimos chegados do mundo. Eis aí os elementos, os materiais vívidos da sociedade.

Na segunda era, a fusão das raças começa e a sociedade procura se assentar. A França gostaria de se tornar um mundo social, mas a organização de um mundo assim supõe a fixação e a ordem. A fixação, a afeição ao solo, à propriedade, essa condição impossível de preencher tanto quanto durem as imigações das novas raças, ela, à pena, o foi, sob os Carolíngios; ela não o será completamente senão pela feudalidade.

A ordem, a unidade, foram, aparentemente, obtidas pelos Romanos, por Carlos Magno. Mas por que essa ordem foi tão pouco durável? Porque ela era toda material, toda exterior, é porque ela escondia a desordem profunda, a discórdia obtida de elementos heterogêneos que encontravam-se unidos pela força. Diversidade de raças, de línguas, de espíritos, falta de comunicação, ignorância mútua, antipatias instintivas; eis o que escondia essa magnífica e enganadora unidade da administração romana, mais ou menos reproduzida por Carlos Magno. “*Mortua quin etiam jungebat corpora vivis, tormenti genus*”[852]. Não era senão uma tortura esse acoplamento tirânico de naturezas hostis. Que tal se julgue pela prontidão e pela violência com as quais todos esses povos se esforçaram para se livrar do Império.

A matéria deseja a dispersão, o espírito deseja a unidade. A matéria, essencialmente divisível, aspira à desunião, à discórdia. Unidade material é um *nonsense*. Em política, é uma tirania. Só o espírito tem o direito de se unir; só ele compreende, abraça e, para dizer tudo, só ele ama. Como o disse tão bem a metafísica cristã: a unidade implica em Poder, Amor e Espírito.

A unidade devia recomeçar pelo espírito, pela igreja. Mas para dar a unidade, a própria igreja deve possuir uma. A aristocracia episcopal fracassou na organização do mundo carolíngio. É preciso que ela se humilhe, essa aristocracia impotente, que ela aprenda a conhecer a subordinação, que ela aceite a hierarquia, que ela se torne, para ser eficaz, a monarquia pontifical. Então, na dispersão material aparecerá a invisível unidade das inteligências, a unidade real, aquela dos espíritos e das vontades. Assim, o mundo feudal conterà, sob a aparência do caos, uma harmonia real e forte, enquanto que a pomposa mentira da unidade imperial não continha senão a anarquia.

Aguardando que o espírito venha e que Deus sopra do alto, a matéria vai-se e dissipa-se pelos quatro cantos do mundo. A divisão subdivide-se, o grão de areia aspira ao átomo. Eles abjuram-se e maldizem-se, eles não querem mais se conhecer. Cada um diz: “Quem são meus irmãos?”. Eles se fixam isolando-se. Aquele ali empoleira-se como a águia, o outro entricheira-se atrás da torrente. O homem logo não sabe se existe um mundo além de seu cantão, de seu vale. Ele cria raízes, ele se incorpora à terra, “Pes, modo tam velox, pigris radicibus hæret”[853]. Recentemente, ele classificava-se e julgava-se pela lei própria à sua raça, sálica ou bávara, borguinha, lombarda ou gótica. O homem era uma pessoa, a lei era pessoal. Hoje, o homem fez-se terra, a lei é territorial. A jurisprudência torna-se uma questão de geografia.

Nesta época, a natureza encarrega-se de regular os negócios dos homens. Eles combatem, mas ela faz as partilhas.

Inicialmente, ela ensaia e, sobre o Império, desenha os reinos em traços grosseiros. As bacias do Sena e Loire, aquelas do Mosa, do Saône, do Ródano, eis aí os quatro reinos. Não lhes falta senão os nomes: vós os chamareis, se desejardes, reinos da França, da Lorena, da Borgonha e da Provença. Acredita-se reuni-los e, longe disso, eles ainda se dividem. Os rios e ribeirões, as montanhas, cada ponto do espaço volta a ser independente. O vale torna-se um reino, a montanha um reino.

A história deveria obedecer a esse movimento e também se dispersar, e seguir, sobre todos os pontos onde se erguem, todas as dinastias feudais. Experimentemos preparar o desenrolar desse vasto objeto, marcando, de uma maneira precisa, o caráter original das províncias onde essas dinastias surgiram. Cada uma delas obedeceu, em seu desenvolvimento histórico, à influência do solo e do clima. A liberdade é forte nas eras civilizadas, a natureza o é nos tempos bárbaros; então, as fatalidades locais são todas-poderosas, a simples geografia é uma história.



FIM DO LIVRO II

# ESCLARECIMENTOS

---

## Sobre os Iberos ou Bascos

No seu livro intitulado *Prüfung der untersuchungen über die urbewohner Hispaniens, vermittelt der Waskischen sprache* (Berlim, 1821), *Monsieur* W. de Humboldt procurou estabelecer, pela comparação dos restos da antiga língua ibérica com a língua basca atual, a identidade dos Bascos e dos Iberos. Esses restos não são outra coisa que os nomes dos lugares e os nomes dos homens que nos foram transmitidos pelos autores antigos. Ainda assim, eles nos chegaram bem desfigurados. Plínio declara reportar somente os nomes que ele pôde expressar em latim: “*Ex his digna memoratu aut latiali sermone dictu facilia, etc.*”. Mela e Estrabônio são também impedidos pela dificuldade de verter para suas línguas a pronúncia bárbara. Assim, os antigos tiveram de omitir precisamente os nomes mais originais. Algumas palavras transmitidas sobre as moedas tem a maior importância...

Após ter colocado os princípios de etimologia, *M.* de Humboldt os aplica no seguinte método: 1º) procurar a existência de antigos nomes bárbaros que, pelo som e significado, estejam de acordo (pelo menos em parte) com as palavras bascas ainda hoje em uso; 2º) no curso de todas essas pesquisas e, antes de entrar no exame especial, comparar a impressão que esses antigos nomes produzem sobre o ouvido com o caráter harmônico da língua basca; 3º) examinar se esses antigos nomes estariam de acordo com os nomes de lugares, de províncias, onde se fala o basco atualmente. Essa convergência pode mostrar, ainda quando não se encontre o significado do nome, que circunstâncias análogas extraíram de uma língua idêntica os mesmos nomes para diferentes lugares.

O método conduziu aos seguintes resultados:

“1º. A proximidade dos antigos nomes de lugares da península ibérica com a língua basca mostra que esta língua era aquela dos Iberos e, como esse povo parece não ter tido senão uma língua, povos iberos e povos que falam basco são expressões sinônimas.

2º. Os nomes dos lugares bascos são encontrados, sem exceção, sobre toda a Península e, por consequência, os Iberos estavam espalhados em todas as partes dessa região.

3º. Mas, na geografia da antiga Espanha, há outros nomes de lugares que, próximos daqueles das regiões habitadas pelos Celtas, pareciam ser de origem céltica; e esses nomes nos indicam, à falta de testemunho histórico, os assentamentos dos Celtas miscigenados aos Iberos.

4º. Os Iberos não miscigenados com os Celtas habitavam somente a região dos Pirineus e a costa meridional. As duas raças estavam misturadas no interior das terras, na Lusitânia e na maior parte das costas do Norte.

5º. Os Celtas ibéricos relacionavam-se, pela língua, aos Celtas, donde provêm os antigos nomes dos lugares da Gália e da Bretanha, assim como as línguas ainda vivas na França e na Inglaterra. Mas, verdadeiramente, não eram, de forma alguma, povos do mesmo tronco gálico, ramos destacados de um mesmo galho que ficara para trás deles; a diversidade de temperamento e de instituições testemunham o suficiente que não era assim. Talvez estivessem assentados nas Gálias numa época pré-histórica ou, ao menos, aí estivessem estabelecidos bem antes (antes dos Gauleses?). Em todo caso, na sua miscigenação com os Iberos, era o temperamento ibérico que prevalecia e não o caráter gaulês, tal como os Romanos nos fizeram saber.

6º. Fora da Espanha, na direção Norte, não se encontra vestígio dos Iberos, talvez com exceção da Aquitânia ibérica e uma parte da costa do Mediterrâneo. Os Caledônios, notadamente, pertenciam à raça céltica, não à ibérica.

7º. Para o sul, os Iberos estavam assentados sobre as três grandes ilhas do Mediterrâneo; os testemunhos históricos e a origem basca dos nomes dos lugares estão de acordo para prová-lo. Todavia, eles para aí não vieram, ao menos exclusivamente, da Ibéria ou da Gália; eles ocupavam esses assentamentos desde sempre ou bem vieram do Oriente.

8º. Pertenciam os Iberos também aos povos primitivos da Itália continental? a coisa é incerta; entretanto, aí se encontram vários nomes de lugares de origem basca, o que tendia a fundamentar essa conjectura.

9º. Os Iberos são diferentes dos Celtas, tais como conhecemos esses últimos pelos testemunhos dos Gregos e dos

Romanos e pelo que nos resta da suas línguas. Entretanto, não há qualquer motivo para negar o parentesco entre as duas nações; haveria, mesmo, espaço para se acreditar que os Iberos são uma dependência dos Celtas, a qual fora cortada bem cedo”.

Não extrairemos desse trabalho o que se relaciona diretamente à Gália e à Itália. Reproduziremos, de início, as etimologias dos nomes: Bascos, Biscaia, Espanha, Ibéria (p. 54)[854].

*Basoa*, floresta, bosquedo, urzes. Basi, basti, bastetani, basitani, bastitani [bas *eta*, país de floresta, bascontum (como baso-coa, pertencente às florestas)]. Essa etimologia dada por Astallos não é boa. - Os Bascos se chamam não Basocoac mas *Euscaldunac*, seu país *Euscalerria*, *Eusquerria*, e sua língua *euscara*, *eusquera*, *escuara* (a terminação *ara* indica uma relação de sequência, de consequência, de uma coisa a outra; assim, *ara-uz*, conformemente; *ara-ua*, regra, relação. *Eusk-ara* quer então dizer “à maneira basca”). *Aldunac* vem de *aldea*, lado, parte; *duna*, terminação de adjetivo e, *c*, marca do plural[855]. *Erria*, *ara*, *era*, não são senão sílabas auxiliares. A raiz é *Eusken*, *Esken*[856], donde as cidades Vesci, Vescelia e a Vescitânia, onde se encontrava a cidade de *Osca*; duas outras *Osca* entre os Túrdulos[857] e os Bœturi, e *Ileosca*, *Etosca* (*Etrusca*?), *Menosca* (*Mendia*, montanha), *Virovesca*; os Auscos (*Auscii* em latim) da Aquitânia com sua capital Elimberrum (Illiberis, cidade nova?); *Osquidatas*? - O nome de *Osca* deve se relacionar a todo o povo dos Iberos. As somas imensas de *argentum oscense* mencionadas por Tito Lívio não podem definitivamente ter sido cunhadas em uma das pequenas cidades chamadas *Osca*. Florez acredita que a semelhança do antigo alfabeto ibérico com aquele dos Oscas italianos pode ter dado lugar a esse nome.

Nomes bascos que se encontram na Gália (p. 91):

AQUITÂNIA: Calagorris[858], Casères[859] em Comminges. - Vasatos e Basabocats, de *Basoa*, floresta. Igualmente a diocese de Bazas entre os rios Garonne e Dordogne - Iluro, como a cidade dos Cosetanos (Oléron). - Bigorra, de *bi*, dois, e *gora*, alto. - *Oscara*[860], Ouche[861]. - Garitas, país de Gavre[862], de *gora*, alto - Garoceli... (Cæsar, de Bell. Gall, I, 10, e não *Graioceli*). Também o *eusken*, *esken*, *vesci* (*osci*?), nome dos Bascos (sua cidade é Elimberrum como Illiberis). - *Osquidatos*, mesma raiz, vale do Ossau, do pé dos Pirineus até Oléron. - Curianum (cabo de Buch[863], promontório perto do qual a bacia do Arcachon se aprofunda nas terras), o *gur*, curvado (o ribeirão *Corense* na Bética).- Bercorcates, mesma raiz; Biscarosse, burgo do distrito de Born, na fronteira de Buch - As terminações célticas são *dunum*[864], *magus*, *vices* e *briga* (p. 96). *Segodunum apud Rutenos* (NT: Segodunum depois Rutenos) pertencem mais à Narbonense que à Aquitânia. *Lugdunum apud Convenos* é misto, como o indica *Convenæ*, depois Comminges. Não são encontrados, tanto quanto *briga*, entre os verdadeiros Aquitânios. A terminação em *riges* parece comum aos Celtas e aos Bascos. Coisa notável: o único povo que Estrabônio nos designa como estranho na Aquitânia, os *Bituriges*, têm um nome realmente basco; igualmente os *Caturiges*, Celtas da região dos Hautes-Alpes; são os assentamentos primitivamente ibéricos.

Costa meridional da Gália: Illiberis Bebryciorum, Vasio Vocontiorum (Vaison) na Narbonense. Bebryces lembra *briges*, e talvez Alo-Brogas (Étienne de Bizâncio escreveu Alóbriges pois, segundo o mesmo, é assim que se encontra com mais frequência entre os Gregos). Entretanto, o escólio de Juvenal diz que essa palavra é celta (St. VIII, v. 234), significando terra, região.

No resto da Gália são encontrados poucos nomes análogos ao basco, com exceção de Bituriges[865]. Entretanto, Gelduba, como Corduba, Salduba, Arverni, Arvii, Cadurci, Caracates, Carasa, Carcaso (e Ardyes no Valais, Carnutos, Carocotinum (Crotoy), Carpentoracte (Carpentras), Crosici, Carsis ou Cassis, Corbilo (Coiron sur Loire, Turones?). Essas analogias com o basco são provavelmente fortuitas. A própria palavra *Britannia* não derivaria dessa raiz fecunda? *prydain*, brigantes?

*Brigantium* na Espanha entre os Galaicos - depois Galegos - (*callaeci* ou *gallaeci*, em latim), *Brigæcium* na Astúria. Da mesma forma na Gália *Brigantium* e o porto *Brivates* - Na Bretanha, os *Brigantes* e sua cidade *Isubrigantium*: o mesmo nome do povo se encontra na Irlanda. - *Brigantium*, sobre o lago de Constance, *Bregetium*, na Hungria, sobre o Danúbio. Na Gália, sobre a costa sul, os *Senobriges*; na própria Aquitânia, os *Nitiobriges* (Agen); *Samarobriva* (Amiens); *Eburobriva*, entre Auxerre e Troyes; *Baudobrica*, acima de Coblenz, *Bontobrice* e ad *Magetobria*, entre o Reno e o Mosela; na Suíça, os *Latobriges* e *Latobroges*; na Bretanha, *Durobrivæ* e *Ourobrivæ*; *Artobriga* (Ratisbonnes), na Alemanha céltica.

Pesquisas de nomes célticos nos nomes de lugares ibéricos (p. 100): *Ebura* ou *Ebora*[866], na Bética entre os Túrdulos, Edetanos, Carpetanos, Lusitanos e *Ripepora* na Bética, *Eburobritium*[867] entre os Lusitanos; na Gália *Eburobrica*, *Eburodunum*[868] na costa meridional, os *Eburões* sobre a margem esquerda do Reno, Aulercos (ou Aulercos) *Eburovices* na Normandia; na Bretanha, *Eboracum*, *Eburacum*[869]; na Áustria, *Eburodunum*; na Hungria, *Eburum*[870]; na Lucânia[871], os *Eburinos*? o gaulês *Eporedorix* em César?



Nomes célticos na Espanha:

Ebora, Ebura, Segobriga(?), p. 102. Os *Segobriges* na costa sul da Gália. *Segobriga*[\[872\]](#), cidades espanholas dos *Celtíberos*; *Segontia*[\[873\]](#). Segedunum, na Bretanha. *Segodunum*[\[874\]](#), na Gália. *Segestica*, na Panônia. - Na Espanha, *Nemetobriga*[\[875\]](#), *Nemetates* - *Augustonemetum*[\[876\]](#), na Auvérnia, *Nemetacum*[\[877\]](#), *Nemetocenna* e os *Nemetas* na Germânia superior, *Nemausus*, Nîmes; do irlandês *Naomhtha*, (V. Llyud), sacro, santo?

Página 106. Pesquisas de nomes *bascos* nos nomes dos lugares célticos. Na Bretanha: o rio Ilas. Isca. Isurum. Verurium. O promontório Ocelum ou Ocellum. Sobre o Danúbio, entre a Nórica e a Panônia, Astura e o rio Carpis. Urbate e o rio Urpanus - Na Espanha: Ula. Osca. Esurir. O monte Solorius. Ocelum entre os Galaicos (Galegos).

Nomes *bascos* na Itália: *Iria* apud Taurinos, como *Iria Flavia Callaicorum* (*ira*, cidade). *Ilienses*, na Sardenha, Troianos? Entretanto, de vestes e costumes líbios, segundo Pausânias. - *Uria*, na Apúlia, como *Urium Turdulorum*. - de *Ura*, água: *Urba Salovia* Picenorum, *Urbium*, *Ucinium* da Córsega, como *Urce Bastetanorum*. - *Urgo*, ilha entre a Córsega e a Etrúria, como *Urgao* Bética. - *Ursentini* na Lucânia, como *Urso*, *Ursao* na Bética - *Agurium* na Sicília, *Argiria* na Espanha. - *Astura*, rio e ilha próximos a Ânzio (Antium) - De *asta*, rocha, *Asta* na Ligúria, e *Astá Terdetanorum* etc. etc. na Espanha. - *Osci* não se relaciona a *osca*, ele é uma contração de *opici* (mas por que *opici* não seria uma extensão de *osci*?). - *Ausones*, análogo ao espanhol *Ausa* e *Asetani*. Entretanto, ele se liga com *Aurunci* - *Arsia*, na Ístria; *Arsa* na Betúria. - *Basta* na Calábria, *Basti* apud Bastetanos - *Basterbini* Salentinorum, de *basoa*, montanha e de *erbestatu*, emigrar, mudar de país (erria) - *Biturgia* na Etrúria, *Bituris* entre os Bascos - *Hispellum* na Úmbria - O Lambrus, que se lança no Pó, Lambriaca e Flavia lambris Callaicorum - *Murgantia*, cidade bárbara na Sicília, *Murgis* na Espanha, *Suessa* e *Suessula*[\[878\]](#), como os *Suessetani* dos Ilergetes - *Curenses* Sabinorum, *Gurulis* na Sardenha, como a costa *Corense* na Bética e o promontório Curianum na Aquitânia. - *Curia*, mesma raiz que *urbs*, *urvus*, *curvus*, *urvaré*, *urvum aratri*, ὄρος, ὄρω, κρητὸς; em alemão *aëren*, laborar; em basco, *ara-tu*, laborar (ἄρω, laborar); *gur*, curvo; *uria*, *iria*, cidade. - O alemão *ort* é também dessa família. - Os Bascos e os Romanos teriam se ligado uns aos outros por intermédio dos Etruscos. “Não digo com isso que os Etruscos sejam pais dos Iberos, nem seus filhos[\[879\]](#)”

Pag. 122 - É com erro que os Franceses e Espanhóis confundem os Cântabros e os Bascos (Oihenart os distingue); os Cântabros eram separados daqueles pelos Autrigones e as tribos pouco guerreiras dos Carístios e Várdulos. Entre os Cântabros começa essa mistura de nomes de lugares que eu não encontro de forma alguma entre os Bascos. Os Cântabros são essencialmente guerreiros, os Bascos também, e eles até se vangloriavam de não usar elmos (Sil. It. III, 358. V. 197, IX, 232). Isso prova, entretanto, que eles mais raramente faziam guerras. Presos em suas montanhas, eles não tiveram guerras contra os Romanos, salvo a guerra desesperada de Calagurris[\[880\]](#) (Juven, XV, 93-110).

Pag. 127 - Os nomes bascos se apresentam sobretudo entre os Túrdulos e os Turdetanos da Bética. Assim, não havia nenhuma região da Península onde os nomes dos lugares não indicassem um povo falando e pronunciando como os Bascos de hoje em dia. As formas infinitamente variadas da língua basca seriam inexplicáveis se esse povo não tivesse formado tribos muito numerosas e outrora dispersas sobre um vasto território. - *Atzean* significa atrás, para trás e *Atzea* o estrangeiro; assim, esse povo pensava primitivamente que o estrangeiro não estivesse senão atrás de si: isso faz-nos crer que, desde um tempo imemorial, eles estivessem assentados no fim da Europa.

Pag. 149 - Os Celtas e os Iberos são duas raças diferentes (Strab. IV, I, pag. 176, c. 2, I, pag. 189). Niebuhr pensa da mesma forma contra a opinião de Bullet, Vallancey, etc. Os Iberos eram mais pacíficos; de fato, os Túrdulos e os Turdetanos. Ao invés de fazerem expedições, eles foram repelidos do Ródano para o Oeste. Eles não faziam ligas com outros, por confiaram em si próprios (Strab. III, 4. p. 158); assim, nenhuma grande empreitada (Florus, II, 17, 3), somente pequenas bandidagens; teimosos contra os Romanos, mas sobretudo contra os *Celtíberos*; empurrados pela tirania dos pretores, pela frequente esterilidade das regiões das montanhas, com uma população crescente; obrigados, anualmente, a afastar de si uma parte de seus próprios homens em idade de portar armas; exasperados pelo estado de guerra permanente na Espanha, sob os Romanos.

O mundo Ibérico é anterior ao mundo Céltico... Dele nada se conhece, senão a decadência. Os Váceos (Diod. V. 34) faziam todo ano uma divisão de suas terras, sendo seus frutos comuns a todos: símbolo de uma sociedade bem antiga.

Não encontramos entre os Iberos o instituto dos Druidas e dos Bardos. Também nenhuma união política (os Druidas possuíam um chefe único). Desta forma, menos regularidade na língua basca para, das derivadas, retornar-se às raízes.

Acusa-se os Gauleses, e não os Iberos, de pederastia (Athen. XIII, 79. Diod. V, 32); ao contrário, os Iberos preferem a honradez e a castidade à própria vida (Strab. III, 4, p. 164). Os Gauleses, e não os Iberos, são ruidosos, vaidosos etc (Diod. V, 31, pag. 157), os Iberos desprezam a morte, mas com menos leviandade que os Gauleses, os quais davam suas vidas por

qualquer dinheiro ou por alguns copos de vinho (Athen. IV, 40).

Deodoro assimila os Celtíberos aos Lusitanos. Uns e outros parecem ter empregado na guerra o ardil, a agilidade, características dos Iberos (Strab., III). Mas os Celtíberos temiam menos as batalhas em forma, campanhas, ranqueadas; eles conservaram o escudo gaulês enquanto os Lusitanos utilizavam um mais curto (Scutatæ ceterioris provinciæ, et cetrata ulterioris Hispaniæ cohortes, Cæs., de B., liv. 1, 39. Entretanto, id. I, 48).

Os Celtíberos tinham (sem dúvida, após os Iberos) botas tecidas de crinas (Deodoro: Τρχίνας ἐλκοῦσι κνημίδας). Os Biscaios de hoje têm a perna enrolada em bandagens de lã que vão encontrar a *abarca*, espécie de sandália.

Os montanheses viviam dois terços do ano de um pão de bolotas de carvalho (alimento dos Pelágios, Dodone, etc; “glandem ructante marito, Juvenal, VI, 10). Os Celtíberos comiam muita carne; os Iberos tomavam uma bebida de hordeum fermentado; os Celtíberos de hidromel.

As semelhanças entre Iberos e Celtíberos são numerosas, por exemplo: todo cuidado doméstico é abandonado às mulheres; força e endurecimento dessas que se encontram na Biscaia e províncias vizinhas (e em várias partes da Bretanha, como em Ouessant).

Entre o Iberos e os Celtas (Aquitânia) homens que devotam suas vidas a um outro homem (Plut. Sertor. 14, Max. VII, 6 ext. 3 – Cæsar em *de Bellum Gall.*). Val. Max., II, 6, 11, diz expressamente que tais devoções eram particulares aos Iberos.

Pag. 158 – Os Gauleses amavam as vestes multicoloridas e vistosas; os Iberos, mesmo os Celtíberos, as vestiam escuras, de lã grossa, como os cabelos, suas mulheres com véus negros. Na guerra, por exemplo em Cannes (Políb. III, 114, Livius XXII, 46), vestimentas de linho branco e por cima vestes de púrpura (é um meio-caminho entre o multicolorido gaulês e a simplicidade ibérica).

O que se sabe da religião dos Iberos aplica-se também aos Celtas, salvo uma exceção: *Alguns*, diz Estrabão (III, 4, p. 164), *recusam aos Galegos qualquer fé nos deuses e dizem que, nas noites de lua cheia, os Celtíberos e seus vizinhos do norte fazem danças e uma festa à frente de suas portas com suas famílias, em honra de um deus sem nome*. Vários autores (dos quais Humboldt parece adotar o sentimento) acreditam ver um crescente e estrelas sobre as moedas da antiga Espanha. Florez (Medallas, I), observa que nas medalhas da Bética (e não de outras províncias), o touro está sempre acompanhado de um crescente (o crescente é fenício e druídico; a vaca está nas armas dos Bascos, dos Galegos etc). Nas outras províncias, encontra-se o touro, mas não o crescente.

Nula menção a templos, salvo nas províncias que tem relação com os povos meridionais (entretanto, alguns nomes celtas: exemplo, *Nemetobriga*) – Strab. (III, 1, p. 138), numa passagem obscura onde dá as opiniões opostas de Artemidoro e de Éforo sobre o pretenso templo de Hércules no promontório Cuneus (ou Cúneo) [881], fala de certas pedras que, em vários lugares, encontram-se três ou quatro vezes juntas e que tem relação a usos religiosos (trad. fr. I, 385, III, 4. 5). (Um viajante inglês na Espanha diz que nas fronteiras da Galícia pode-se encontrar grandes montes de pedras, uma vez ser costume de todo Galego que emigra para encontrar trabalho aí colocar uma pedra na partida e outra no retorno. Arist. polit. VII, 2, 6: Sobre o túmulo do guerreiro ibérico, tantas lanças (ὀβελίσκους) quanto os inimigos que ele matou.

Não encontramos entre os Iberos, como havia entre os Gauleses, o costume de jogar ouro nos lagos ou de colocá-lo nos lugares sagrados sem outra relação que não seja a religião. No templo de Hércules, em Cadiz, havia oferendas que César mandou respeitar após a derrota dos filhos de Pompeu (Dio, c. 43, 39); mas o culto desse templo era ainda fenício, mesmo no tempo de Apiano, Vi, 2, 35. - Justino, XLIV, 3: “A terra é tão rica entre os Galícios, que a carroça aí expõe o ouro quando passa; eles tem uma montanha sagrada a qual é proibida de ser violada pelo ferro; mas se o raio aí cai, pode-se recolher o ouro que foi revelado como um presente dos deuses”. Eis o ouro como propriedade dos deuses.

Pag. 163 – Para os nomes de lugares, nenhum traço dos Iberos na Gália não aquitânica, nem na Bretanha (entretanto, vide mais acima), ainda que Tácito (Agric. II) creia encontrá-los na tez dos Siluros, nos cabelos frisados e sua posição geográfica. (Manner acredita encontrá-los na Caledônia). É preciso aguardar que se tenha comparado o basco com as línguas célticas. Esperemos, acrescenta M. de Humboldt, que Ahlwardt nos faça conhecer seus trabalhos...

Pag. 166 - As antigas línguas célticas não podem ser diferentes do bretão e galês atuais; a prova está nos nomes de lugares e de pessoas, em muitas outras palavras, na impossibilidade de se supor a existência de uma terceira língua que tenha perecido inteiramente.

Pag. 173 - Pode-se dizer dos Iberos o que disse, com muita sagacidade, Mannert dos *Lígures*, isto é, que eles não derivam dos Celtas que conhecemos na Gália, mas que, entretanto, eles poderiam ser um ramo irmão de um tronco mais antigo.

Pag. 175 - Parentesco muito duvidoso do basco e das línguas americanas.

Não acreditamos que se nos possa culpar por oferecermos um extrato desse admirável livro que ainda não foi traduzido.

=====

## Sobre as Tradições Religiosas da Irlanda e do País de Gales

No texto, proibimo-nos severamente todo e qualquer detalhe sobre as religiões célticas que não tivessem sido extraídos de fontes antigas, de escritores gregos e romanos. Todavia, as tradições irlandesas e galesas que nos chegaram sob uma forma menos pura podem lançar uma luz indireta sobre as antigas religiões da Gália. Vários traços, além disso, são profundamente indígenas e carregam o caráter de uma alta antiguidade: assim, o culto do fogo, o mito do castor e do grande lago, etc. etc.

### § 1º

O pouco que sabemos das velhas religiões da Irlanda chegou-nos sem dúvida alterado pela mais impura mistura de fábulas rabínicas, de interpolações alexandrinas e, talvez, ainda desnaturado pelas explicações quiméricas dos críticos modernos. Todavia, apesar da alguma desconfiança que se deve ter, é impossível repelir a espantosa analogia que apresentam os nomes dos deuses da Irlanda (Axiro, Axcearas, Coismaol, Cabur) com os Cabiros da Fenícia e da Samotrácia (Axieros, Axiokersos, Camilos, Cabeiros). Baal se encontra igualmente como deus supremo na Fenícia e na Irlanda. A analogia não é menos atordoante com vários dos deuses egípcios e etruscos. *Æsar*, deus em etrusco (donde *Cæsar*), é, em irlandês, o deus que acende o fogo[882]. O fogo aceso é Moloch. O Axiro irlandês, água, terra, noite, lua, chama-se indiscriminadamente Ith (pronuncia-se Iz como Isis), Anu Mathar, Ops e Sibhol (como Magna Mater, Ops e Cibeles). Até aqui é a natureza potencial, a natureza não fecundada: após uma sequência de transformações, ela se torna, como no Egito, Neith-Nath, deus-deusa da guerra, da sabedoria e da inteligência, etc.

M. Adolphe Pictet estabeleceu como base da religião primitiva da Irlanda o culto dos Cabiros, potentades primitivas, começo de uma série ou progressão ascendente que se ergue até o deus supremo Beal. É, então, o oposto direto de um sistema de emanação.

“De uma dualidade primitiva, constituindo a força fundamental do universo, eleva-se uma dupla progressão de potências cósmicas que, após se cruzarem por uma mútua transição, vêm ambas se reunir numa unidade suprema como em seu princípio essencial. Tal é, em poucas palavras, o caráter distintivo da doutrina mitológica dos antigos Irlandeses, tal é o resumo de todo nosso trabalho”. Essa conclusão é quase idêntica àquela obtida por Schelling na sequência de suas pesquisas sobre os Cabiros da Samotrácia. “A doutrina dos Cabiros”, ele diz, “era um sistema que se erguia de divindades inferiores, representando as forças da natureza, até um deus supra-mundano que as dominava”; e, em outra passagem: “A doutrina dos Cabiros, no seu sentido mais profundo, era a exposição da marcha ascendente pela qual a vida se desenvolve numa progressão sucessiva; a exposição da magia universal, da teurgia permanente que manifesta sem cessar aquilo que, de sua natureza, é superior ao mundo real e revela o que é invisível”.

“Essa quase identidade é tanto mais chocante quanto os resultados obtidos por duas vias diversas. Em todo lugar, eu me apoiei sobre a língua e as tradições irlandesas e eu não relatei as etimologias e os fatos apresentados por Schelling senão como analogias curiosas, nunca como provas. Os nomes de AXIRO, de AXCEARAS, de COISMALOL e de CABUR são explicados pelo irlandês como o teriam sido pelo hebreu os nomes de AXIEROS, de AXIOKERSOS, de CASMILOS e de KABEIROS. Quem aí não reconheceria uma evidente conexão?

Além disso, Estrabão fala expressamente da analogia do culto da Samotrácia com aquele da Irlanda. Ele diz, segundo Artemidoro, que escrevia cem anos antes de nossa era: Ὅτι φασὶν ἰς νῆσον πρὸς τῇ Βρεΐτανικῇ, καθ’ ἣν ὁμοῖα τοῖς ἐν Σαμοθράκῃ περὶ τὴν Δήμηθραν καὶ τὴν Κόρην ἱεροποιεῖται (Ed. Casaubon, IV, p. 137). Cita-se, ainda, uma passagem de Dionísio Periegeta, mais vaga e pouco conclusiva (v. 365).

Aquele em quem esse sistema encontra sua unidade é SAMHAIN o espírito maligno (Satã), a imagem do sol (literalmente, Sam-hain), o juiz das almas que as puniu reenviando-as para a terra ou enviando-as para o inferno. Ele é o senhor da morte (Bal-Sab). Era na véspera do dia 1º de novembro que ele julgava as almas daqueles que haviam morrido no curso do ano: esse dia, ainda hoje, se chama a “noite de Samhain”[883] (Beaufort e Vallancey, *Collectanea de rebus hibernicis*, t. IV, p. 83). - É o Cadmilos ou Kasmilos da Samotrácia, ou o Camillus dos Etruscos, o servidor (coismaol, cadmaol, em irlandês, significa servidor). Samhain é, então, o centro da associação dos Cabiros (*sam*, *sum*, *cum* indicam união em muitas línguas). Lê-se num antigo glossário irlandês: “*Samhandraoic, eadhon Cabur*, a magia de Samhan, quer dizer, CABUR”, e ele acrescenta como explicação: “associação mútua”. Cabur, associado; como em hebreu, *Chaberim*; os Consentes etruscos[884] (também igualmente *Kibir*, *Kbir* significa Diabo no dialeto maltês, restos da língua púnica; Creuzer, *Symbolique*, II, 286-8). O sistema Cabírico Irlandês encontrava ainda um símbolo na harmonia das revoluções celestes. Os astros eram chamados *Cabara*. Segundo Bullet, os Bascos chamavam os sete planetas *Capirioa* (?). O nome das constelações



significava, ao mesmo tempo, inteligência e música, melodia. *Rimmin*, *rinmin*, tinham o sentido de sol, lua, estrelas; *rimham* quer dizer contar; *rimh*, número (em grego ῥιθμος, em francês rima, etc).

Parece que a hierarquia dos próprios Druidas compunha uma verdadeira associação cabírica, imagem de seu sistema religioso.

O chefe dos Druidas era chamado *Coibhi*<sup>[885]</sup>. Esse nome, que se conservou em algumas expressões proverbiais dos Gaélicos da Escócia, liga-se também àquele de *Cabiro*. Entre os Galezes, os druidas eram chamados *Cowidd*, associados<sup>[886]</sup>. Aquele que recebia a iniciação recebia o título de *Caw*, associado, cabiro, e *Bardd caw* significava um bardo graduado (Davies, myth., 165. Owen, *Welsh dict.*). Entre as Ilhas Scilly<sup>[887]</sup>, a de Trescaw<sup>[888]</sup> outrora levava o nome de *Innis Caw*, ilha da associação e nela encontra-se restos de monumentos druídicos (Davies). Na Samotrácia, o iniciado era também recebido como *Cabiro* na associação dos deuses superiores e ele próprio se tornava um elo da corrente mágica (Schelling, *Samothr. Gottesd.*, p. 40).

A dança mística dos Druidas certamente tinha alguma relação com a doutrina cabírica e com o sistema de números. Uma passagem curiosa do poeta galês Cynddelw, citada por Davies, p. 16, segundo a *Archéologie de Galles*, mostra-nos Druidas e Bardos movendo-se rapidamente em círculo e em números ímpares, como os astros em suas órbitas, celebrando o condutor. Essa expressão de números ímpares mostra-nos que as danças druídicas eram, como o templo circular, um símbolo da doutrina fundamental, e que o mesmo sistema de números era aí observado. De fato, o poeta galês, em outro lugar, dá ao monumento druídico o nome de Santuário do Número Ímpar.

Talvez cada divindade da cadeia cabírica tivesse nos Druidas seu sacerdote e representante. Já tivemos ocasião de ver entre os Irlandeses o sacerdote adotar o nome do deus a quem ele servia; e, entre os Galezes, o chefe dos Druidas parece ter sido considerado o representante do deus supremo (Janieson, *Hist. of the Culdees*, p. 29). A hierarquia druídica teria sido assim uma imagem microcósmica da hierarquia do universo, como nos mistérios da Samotrácia e de Elêusis...

Sabemos que os Caburs eram adorados nas cavernas e na obscuridade, enquanto os fogos em homenagem a Beal eram acesos nos picos das montanhas. Esse costume explica-se pelo doutrina abstrata.

O mundo cabírico, em efeito, em seu isolamento do grande princípio da luz, não é mais que a força tenebrosa, que a obscura matéria de toda realidade. Ele constitui a base ou a raiz do universo por oposição à suprema inteligência que está no cimo. Era, sem dúvida, por conseguinte, uma maneira análoga de se ver que as cerimônias do culto dos Cabiros, na Samotrácia, não fossem celebradas senão durante a noite”.

Pode-se acrescentar a essas induções de M. Pictet que, seguindo uma tradição dos montanhese da Escócia, os Druidas trabalhassem à noite e repousassem durante o dia (Logan, II, 351).

O culto de Beal, ao contrário, era celebrado por fogueiras acesas sobre as montanhas. Esse culto deixou marcas profundas nas tradições populares (Tolland, XIª carta, p. 101). Os Druidas acendiam as fogueiras sobre o *cairn*, na véspera do 1º de maio, em honra de *Beal*, *Bealan* (o sol). Esse dia ainda guarda na Irlanda o nome de *Bealtene*<sup>[889]</sup>, quer dizer, o dia do fogo de Beal. Próximo a Londonderry, um *cairn* posicionado de frente para um outro *cairn* se chama *Bealtene* - Logan, II, 326. Não foi senão em 1220 que o arcebispo de Dublin apagou o fogo perpétuo que era mantido numa pequena capela próxima à igreja de Kildare, mas ele foi logo reaceso e continuou a queimar até a supressão dos monastérios (Archdall's mon. Hib. apud Anth. Hib., III, 240). Essa fogueira era mantida por virgens, frequentemente de boa estirpe, chamadas *filhas do fogo* (inghean an dagha) ou *guardiãs do fogo* (breochuidh), o que as fez serem confundidas com as freiras de Santa Brígida.

Um redator do *Gentleman's Magazine*, 1795, disse: que encontrando-se na Irlanda, na véspera de São João, foi-lhe dito que veria as fogueiras serem acesas, à meia-noite, em honra do sol. Riches assim descreveu os preparativos da festa: “What watching, what rattling, what tinkling upon pannes and candlesticks, what strewing of hearbes, what clamors, and other ceremonies are used”<sup>[890]</sup>.

Spencer diz que, ao acender a fogueira, o Irlandês sempre faz uma prece. Em Newcastle, os cozinheiros acendem as fogueiras em homenagem a São João. Em Londres e arredores, os limpadores de chaminés fazem danças e procissões em vestes grotescas. Os montanhese da Escócia atravessavam a fogueira em honra de Beal e acreditavam ser um dever religioso caminhar levando o fogo em torno de seu tropel e de seus campos. - Logan, II, 364. Ainda hoje, os montanhese escoceses fazem a criança passar por cima do fogo, algumas vezes dentro de uma espécie de bolsa onde puseram pão e queijo. (Diz-se que, nas montanhas, às vezes se batizava uma criança sobre uma grande espada. Igualmente na Irlanda, a mãe fazia com que a ponta de uma espada tocasse seu filho recém-nascido. Logan, I, 122). - Id. ibid. 213. Os Caledônios queimavam os criminosos entre duas fogueiras; daí o provérbio: “Ele está entre as duas chamas de Bheil” - Ibid. 140. O costume de fazer correr a cruz

*de fogo* ainda subsistia em 1745; ela percorreu em um cantão trinta e seis milhas em três horas. O chefe matava uma cabra com sua própria espada, mergulhava no sangue as pontas de uma cruz de madeira meio queimada e a dava, com a indicação do local de reencontro, a um homem do clã que corria para passá-la a um outro. Esse símbolo ameaçava com o ferro e com o fogo aqueles que se ausentassem ao encontro. - Caumont, I, 154: Segundo uma tradição, acendia-se outrora, em certas circunstâncias, fogueiras sobre os *tumuli*, próximo a Jebourg (departamento da Mancha) - Logan, II, 64. Para destruir os sortilégios que atingiam os animais, as pessoas que tem o poder de destruí-los são encarregadas de acender o *Needfire*: numa ilha ou sobre uma pequena margem ou lago, ergue-se uma cabana circular de pedras ou de relva sobre a qual posiciona-se uma pequena viga de bétula; no centro, encontra-se um caldeirão preso pelo alto nessa trave de bétula; esse caldeirão perpendicular é girado sobre uma madeira horizontal por meio de quatro braços de madeira. Os homens, que devem ter o cuidado de não portar qualquer objeto de metal, giram o caldeirão, enquanto outros, por meio de cunhas de madeira, o esfregam contra a madeira horizontal que tem os braços, de forma que ela se inflame pelo atrito; então, apaga-se qualquer outra fogueira. Aqueles que, dessa maneira, obtiveram as chamas, são considerados sagrados e deles fazem aproximar, sucessivamente, as bestas.

## § 2º

Na religião Galesa (vide Davies, *Myth. and rites of the British druids* e, mesmo, *Celtic Researchs*), o deus supremo é o deus desconhecido, DIANA (*dianaff*, desconhecido em bretão; *diana* em leonês, *dianan* no dialeto de Vannes). Seu representante sobre a terra é HU o grande, ou *Ar-bras*, ou de outra forma, CADWALCADER, o primeiro dos Druidas.

O castor negro rói o dique que sustenta o grande lago, o mundo é inundado, tudo perece, com exceção de DOUYMAN e DOUYMEC'H (*man*, homem, *mec'h*, mulher) que se salvam num barco sem velas, com um casal de cada espécie de animais. HU atrela dois bois à terra para afastá-la do abismo. Ambos os animais morrem com o esforço: os olhos de um saltam das órbitas, o outro recusa a comida e se deixa morrer.

Entretanto, Hu dá as leis e ensina a agricultura. Seu carro é feito de raios de sol e conduzido por cinco gênios; seu cinto é o arco-íris. Ele é o deus da guerra, o vencedor dos gigantes e das trevas, o suporte do trabalhador, o rei dos bardos, o regulador das águas. Uma vaca santa o segue em todo lugar.

Hu tem por esposa uma feiticeira, KED ou CERIDGUEN, no seu domínio de Penlynn ou Penleen, na extremidade do lago onde ele mora.

Ked tem três filhos: Mor-vran (a corvina, guia dos navegadores), a bela Creiz-viou (a gema do ovo, o símbolo da vida) e o pavoroso Avagdu ou Avank-du (o castor negro). Ked desejou preparar para Avagdu, segundo os ritos misteriosos do livro de Pheril, a água do vaso Azeuladour (sacrifício), a água da inspiração e da ciência. Ela então rendeu-se à terra do repouso, onde se encontrava a cidade do justo e, dirigindo-se ao pequeno Gouyon, o filho do arauto de Lanvair, o guardião do templo, ela o encarregou de vigiar a preparação da beberagem. O cego Morda foi encarregado de ferver o licor, sem interrupção, durante um ano e um dia.

Durante a operação, Ked (ou Ceridguen) estudava os livros astronômicos e observava os astros. O ano estava para expirar quando, do licor borbulhante, escaparam três gotas que caíram sobre o dedo do pequeno Gouyon que, sentindo a queimadura, levou-o à sua boca... Repentinamente, o porvir revelou-se a ele: ele viu que devia temer as ciladas de Ceridguen e pôs-se em fuga. Com exceção dessas três gotas, todo o licor estava envenenado: o vaso virou por si próprio e se quebrou ... Entretanto, Ceridguen, furiosa, perseguia o pequeno Gouyon que, para fugir mais rápido, se transforma em lebre. Ceridguen se transforma num galgo e o caça vigorosamente até a borda de uma margem. O pequeno Gouyon toma a forma de um peixe, Ceridguen se transforma numa lontra e se aproxima tão perto que ele é forçado a se metamorfosear em passáro e a fugir a todas-asas. Mas já Ceridguen planava sobre sua cabeça sob a forma de um gavião... Gouyon, trêmulo, deixa-se cair sobre uma pilha de fromento e se transforma em grão de trigo, mas Ceridguen se transforma em galinha e engole o pobre Gouyon.

Imediatamente, ela ficou grávida e Hu-Ar-Bras jurou colocar à morte a criança que dela nascesse. Mas, ao cabo de nove meses, ela deu à luz uma criança tão bela, um menino, que ela não pôde se convencer de matá-lo.

Hu-Ar-Bras aconselhou-a a colocá-lo numa cesta coberta de pele e lançá-lo ao mar. Ceridguen o abandona, então, às correntezas, no dia 29 de abril.

Nesses tempos, Gouydn possuía, perto da margem, um reservatório que dava, cada ano, na tarde de 1º de maio, cerca de cem libras de peixe. Gouydn tinha apenas um filho que se chamava Elfin, o mais infeliz dos homens, a quem nada dava certo; seu pai acreditava que ele tivesse nascido numa hora fatal. Os conselheiros de Gouydn o incentivaram a confiar a seu filho o esvaziamento do reservatório.

Elfin nada encontra e, quando retornava triste, percebeu uma cesta coberta de pele, presa na eclusa... um dos guardas levantou a pele e gritou para Elfin: “Olha, Thaliessin! (que face radiosa!)”. “Face radiosa será seu nome”, respondeu Elfin. Ele pegou a criança e a colocou sobre seu cavalo. Repentinamente, a criança entoou um poema de consolação e elogio para Elfin e profetizou sua celebridade. Levou-se a criança a Gouydno que se perguntou se se tratava de um ser material ou um espírito. A criança respondeu por uma canção onde declarava ter vivido em todas as eras e na qual se identificava com o sol. Gouydno, espantado, pediu uma outra canção e a criança replicou: “A água traz a felicidade. É preciso pensar em seu Deus; é preciso orar para seu Deus, porque não saberíamos contar as bênçãos que dele decorrem... Eu nasci três vezes. Eu sei como é necessário estudar para chegar ao saber. É triste que os homens não desejem atribuir-se o fardo de procurar todas as ciências cuja fonte está no meu peito; pois eu sei tudo o que já foi e tudo o que deverá ser”.

Essa alegoria se relacionava ao sol, daí porque o nome Thaliessin (face radiosa) tornou-se aquele de seu avô. A primeira iniciação, os estudos, a instrução, duravam um ano. O bardo, então, embriagava-se da água da inspiração, recebia as lições sagradas. Ele era submetido, na sequência, às provas; examinava-se com cuidado seus hábitos, sua constância, sua atividade, seu saber. Ele então entrava no seio da deusa, na célula mística, onde era sujeitado a uma nova disciplina. Ele depois saía e parecia ter nascido de novo; mas, desta vez, ornado com todos os conhecimentos que deviam fazê-lo brilhar e torná-lo um objeto de veneração pelos povos.

São também conhecidos os lagos da Adoração, da Consagração, o bosquedo de Ior (sobrenome de Diana). Eles, os Druidas, ofereciam, perto do lago, vestimentas de lã branca, toalha, alimentos. A festa dos lagos durava três dias.

Perto de Landélorn (Landerneau), no 1º de maio, a porta de uma rocha se abria sobre um lago acima do qual nenhuma ave voava. Numa ilha, cantavam fadas com a cantora dos mares: quem aí penetrasse, era bem recebido, mas era necessário que nada daí retirasse para levar consigo. Um visitante leva uma flor que devia impedir o envelhecimento e a flor se desfz, desaparecendo. Daí em diante, nunca mais foi permitida a passagem; uma breve tentativa foi feita, mas um fantasma ameaça destruir o região... Segundo Davies (*Myth. and rites*), encontra-se uma tradição quase semelhante em Brecknockshire. Existe também um lago nesse condado que cobre uma cidade. O rei envia um servidor... é-lhe recusada hospitalidade. Ele entra numa casa deserta e aí encontra uma criança chorando num berço, mas esquece sua luva; no dia seguinte, ele reencontra sua luva e a criança que boiavam. A cidade havia desaparecido.

=====

### Sobre as pedras célticas

Sem dúvida, a pedra foi ao mesmo tempo o altar e o símbolo da Divindade. O próprio nome de *Cromlech* (ou dolmen)[891] significa *pedra de Crom*, o deus supremo (Pictet, p. 129). Enfeitava-se frequentemente o cromeleque com lâminas de ouro, de prata ou de cobre, por exemplo, o *Crom-cruach* da Irlanda, no distrito de Bresin, condado de Cavan (*Tolland's letters*, p. 133)[892] - O número de pedras que compõem os perímetros druídicos é sempre um número misterioso e sagrado: nunca menos de doze, algumas vezes, dezenove, trinta, sessenta. Esses números coincidem com aqueles dos deuses. No meio do círculo, algumas vezes fora, ergue-se uma pedra maior que podia representar o deus supremo (pictet, p. 134) - Enfim, a essas pedras eram atribuídas virtudes mágicas como se vê pela famosa passagem de Geoffroy (Godofredo) de Montmouth (l. V). Aurélio consulta Merlin sobre o monumento que é preciso dar àqueles que pereceram pela traição de Hengist... - “Choream gigantum[893] ex Hiberniâ adduci jubeas... Ne moveas, domine rex, vanum risum. Mystici sunt lapides, ed ad diversa medicamina salubres, gigantesque olim asportaverunt eos ex ultimis finibus Africæ... Erat autem causa ut balnea intrâ illos conficerent, cùm infirmitate gravarentur. Lavabant namque lapides et intrâ balnea diffundebant, undè ægroti curabantur; miscebant etiam cum herbarum infectionibus, undè vulnerati sanabantur. Non est ibi lapis qui medicamento careat”[894]. Após um combate, as pedras são levadas por Merlin. Quando se procura Merlin por todos os lugares, ele não é encontrado senão “*ad fontem* Galabas, quem solitus fuerat frequentare”[895]. Ele próprio parece um desses médicos gigantes.

Acreditou-se encontrar sobre os monumentos celtas alguns traços de letras ou signos mágicos. Em Saint-Sulpice-sur-Risle, próximo a L'Aigle, observa-se, sobre um dos suportes da mesa de um dólmen, três pequenos crescentes gravados em concavidade e dispostos em triângulo[896]. Próximo a Locmariaquer, existe um dólmen cuja mesa é coberta, na superfície interior, por baixos-relevos redondos dispostos simetricamente em círculos[897]. Uma outra pedra exhibe três signos suficientemente semelhantes a espirais. Na caverna de New Grange (próxima de Drogheda, condado de Meath, vide as *Collect. de reb. Hib.*, II, p. 161 etc.) encontra-se caracteres simbólicos e sua explicação em ogham. O símbolo é uma linha espiral repetida três vezes. A inscrição em ogham se traduz por A È, quer dizer, *o Ele*, quer dizer, o deus sem nome, o ser inefável (?) [898]. Na caverna, há três altares (Pictet, p. 132). Na Escócia, encontra-se igualmente um grande número de pedras assim cobertas de cinzeluras diversas. Algumas tradições, enfim, devem chamar a atenção sobre esses hieróglifos grosseiros e quase ininteligíveis: as Tríades dizem que sobre as pedras de Gwiddon-Ganhebon “podia-se ler as artes e as

ciências do mundo”, o astrônomo Gwydion ap Don (ou Gwydion fab Dôn) foi enterrado em Caernarvon (Caernarfon) “sob uma pedra de enigmas”. No País de Gales, encontra-se sobre as pedras certos signos que parecem representar tanto uma pequena figura de animal, tanto árvores entrelaçadas. Essa última circunstância pareceria reunir o culto das pedras àquele das árvores. Além disso, o *Ogham* ou *Ogum*, alfabeto secreto dos Druidas, consistia em ramos de diversas árvores e suficientemente análogo aos caracteres rúnicos. Tais são as inscrições colocadas sobre um monumento mencionado nas crônicas da Escócia, como estando no bosquedo de Aongus, sobre uma pedra do *Cairn do vigário*, em Armagh, sobre um monumento da ilha de Arran e sobre muitos outros espalhados pela Escócia. - Viu-se, mais acima, que as pedras serviam às vezes para a adivinhação. Relataremos a esse respeito uma passagem importante de Talliesin (não dispondo sob os olhos do texto galês, eu trago a tradução inglesa”: *I know the intent of the trees, I know which was decreed praise or disgrace, by the intention of the memorial trees of the sages,” and celebrates “the engagement of the sprigs of the trees, or of devices, and their battle with the learned.” He could “delineate the elementary trees and reed” and tells us when the sprigs “were marked in the small tablet of devices they uttered their voice”*.<sup>[899]</sup> (Logan, II, 388).

As árvores são ainda empregadas simbolicamente pelos Galeses e Gaélicos, por exemplo, a aveleira indica o amor traído. O caledônio Merlin (“Talliesin” é em Câmbrio) se queixa que “a autoridade dos ramos começa a ser desdenhada”. A palavra irlandesa *aos* que inicialmente significava uma árvore, aplicava-se a uma pessoa letrada; *feadha*, bosque ou árvores, torna-se a designação dos profetas ou homens sábios. Igualmente no sânscrito, *bôd'hi* significa a figueira indiana e o budista, o sábio.

Os monumentos célticos parecem não ter sido consagrados exclusivamente ao culto. Era sobre uma pedra que se elegia o chefe do clã (vide mais acima, capítulo I, do Livro I). Os cinturões de pedras serviam de cortes de justiça. Disso foram encontrados traços na Escócia, na Irlanda, nas ilhas do Norte (King, I, 147; Martin's Desc. of the Western isles), mas sobretudo na Suécia e na Noruega (vide meu III volume). Os antigos poemas ersas nos ensinam, de fato, que os ritos druídicos existiam entre os Escandinavos e que os druidas bretões deles obtiveram socorro no perigo (Ossian's Cathlin, II, p. 216, not. edic. 1765, t. II; Warton, t. I).

O mais vasto círculo druídico era aquele de Avebury ou Abury, em Wiltshire. Ele abraçava vinte e oito acres de terra cercados de uma fossa profunda e de uma muralha de setenta pés. Um círculo exterior, formado de cem pedras, fechava dois outros círculos duplos exteriores um ao outro. Nestes últimos, a linha exterior continha trinta pedras e doze no interior. No centro de um desses círculos estavam três pedras, no outro, uma pedra isolada; duas avenidas de pedras conduziam a todo o monumento (vide O'Higgin's, Celtic druids).

Stonehenge, menos largo, indicava mais arte. Segundo Waltire, que ali acampou por vários meses para estudá-lo (foram perdidos os papéis desse antiquário entusiasta mas cheio de sagacidade e profundidade), a extensão exterior era de trinta pedras direitas; o total, aí incluído o altar e as impostas, montava a cento e trinta e nove pedras. As impostas eram presas por caixas-e-espigas. Não há outro exemplo nos países celtas do estilo trilita (salvo dois em Holmstad e em Drenthiem).

O monumento de Classerness, na ilha de Lewis, forma, em virtude de quatro avenidas de pedra, uma espécie de cruz cuja cabeça está direcionada para o sul e o encontro dos quatro braços forma um pequeno círculo. Alguns acreditam reconhecer nele o templo hiperboreano do qual falam os antigos. Eratostenes diz que Apolo escondeu sua flecha onde se encontrava um templo alado.

Eu falarei, mais à frente, dos alinhamentos de Carnak e de Loquemariaquer (t. II; vide também o *Cours* de M. de Caumont, I, p. 105).

Restaram na França numerosos traços do culto das pedras, seja nos nomes de lugares, seja nas tradições populares:

1º. Sabe-se que se chamava *pedra-ficha* ou *fichada* (em celta, *menhir*, pedra longa, *peulvan*, pilar de pedra), essa espécie de pedras brutas que se encontram plantadas na terra como marcos. Vários burgos da França têm esse nome. *Pierre-Fiche*, a cinco léguas NE de Mendes, em Gévaudan. - *Pierrre-Fiques*, na Normandia, a uma légua do Oceano, a três de Montivilliers - *Pierrefitte*, próxima a Pont-l'Évêque - *Pierrefitte*, a duas léguas NO de Argentan - *Pierrefitte*, a três léguas de Falaise - *Pierrefitte*, em Perche, diocese de Chartres, a seis léguas S de Mortagne - *Idem*, em Beauvoisis, a duas léguas NO de Beauvais - *Idem*, perto de Pris, a meia-légua N de Saint-Denis - *Idem*, na Lorena, a quatro léguas de Bar - *Idem*, na Lorena, a três léguas de Mirecourt - *Idem* em Sologne, a nove léguas SE de Orléans - *Idem* no Berry, a três léguas de Gien, a cinco de Sully, - *Idem* no Languedoc, diocese de Narbonne, a duas léguas e meia de Limoux - *Idem* na Marche, próximo a Bourgneuf - *Idem* na Marche, próximo a Guéret - *Idem* no Limousin, a seis léguas de Brives - *Idem*, em Forest, diocese de Lyon, a quatro léguas de Roanne, etc.

2º. Em Colombiers, as jovens que desejam se casar devem subir sobre a pedra-de-pé, aí depositar uma espécie de



moeda, depois saltar do alto para baixo. Em Guérande, elas vem depositar flocos de lã cor-de-rosa atados a lantejoulas nas fendas da pedra. Em Croisic, durante muito tempo, as mulheres celebraram danças em torno de uma pedra druídica. Em Anjou, são as fadas que, descendo das montanhas fiando, trouxeram essas rochas em seus aventais. Na Irlanda, vários dólmens são ainda conhecidos pelo nome *leitos dos amantes*: a filha de um rei fugira com seu amante; perseguida por seu pai, ela errava de vilarejo em vilarejo e, todas as noites, seus anfitriões preparavam-lhe um leito sobre a rocha, etc.



## Tríades da Ilha da Bretanha

O que são as tríades das coisas memoráveis, das lembranças e das ciências, concernentes aos homens e aos fatos famosos que ocorreram na Bretanha e concernentes às circunstâncias e infortúnios que desolaram a nação dos Câmbrios em diversas épocas (*traduzidas por Probert*).

Eis os três nomes dados à ilha da Bretanha - Antes que fosse ela habitada, chamava-se o “Espaço Verde cercado pelo Mar” (*Sea-girt Green Space*); depois que foi habitada, ela foi chamada “Ilha do Mel” e, após o povo ter sido organizado em sociedade por Prydain, filho de Aedd o Grande, ela foi chamada “Ilha de Prydain”. E ninguém tem direito sobre ela senão a tribo dos Câmbrios, pois foram os primeiros a tomar posse dela e, antes desse tempo, homem algum aí vivia, pois estava infestada de ursos, de lobos, de crocodilos e de bisões.

Eis as três principais divisões da ilha da Bretanha - Câmbrica, Loégria e Alba[900] e o ranque de soberania pertence a cada uma delas. E sob uma monarquia, sob a voz da região, elas são governadas segundo os ensinamentos de Prydain, filho de Aedd o Grande; e, à nação dos Câmbrios, pertence o direito de estabelecer a monarquia segundo a voz da região e do povo, segundo o ranque e o direito primordial. E sob a proteção dessa regra, a realeza deve existir em cada região da ilha da Bretanha, e toda realeza deve estar sob a proteção da voz da região; é por isso que existe esse provérbio: uma nação é mais poderosa que um chefe.

Eis os três pilares da nação na ilha da Bretanha - A voz da região, a realeza e a judicatura, de acordo com os ensinamentos de Prydain, filho de Aedd o Grande. O primeiro foi Hu o Poderoso, quem primeiro trouxe a nação para a ilha da Bretanha; e eles vieram da região do verão que é chamada Defrobani (Constantinopla?); e eles vieram pelo mar Hazy (do norte) à ilha da Bretanha e à Armórica, onde se fixaram. O segundo foi Prydain, filho de Aedd o Grande, quem primeiro organizou o estado social e a soberania na Bretanha. Pois antes desse tempo, não havia justiça que não se fizesse por favor, nem lei alguma, com exceção daquela da força. O terceiro foi Dynwal Moelmud, pois foi ele quem primeiro fez os regulamentos concernentes às leis, às máximas, aos costumes e aos privilégios relativos ao país e à tribo. E, por essas razões, eles foram chamados os três pilares da nação dos Câmbrios.

Eis as tribos sociais da ilha da Bretanha - A primeira foi a tribo dos Câmbrios, que vem à ilha da Bretanha com Hu o Poderoso, pois eles não desejavam possuir um país por combate e conquista, mas por justiça e tranquilidade. A segunda foi a tribo dos Loegrianos que vinham da Gasconha; eles descendiam da tribo primitiva dos Câmbrios. A terceira foi a dos Brytões que descendiam da tribo primitiva dos Câmbrios. Essas tribos eram chamadas as “tribos pacíficas” pois vieram em acordo mútuo, e essas tribos tinham, todas, a mesma palavra e a mesma língua.

As três tribos refugiadas: Caledônios, Irlandeses, o povo de Galedin, que vieram em barcos nus à Ilha de Wight, quando seu país foi inundado; foi estipulado que eles não teriam o ranque dos Câmbrios senão quando de sua nona geração de descendência.

Os três invasores sedentários: os Coranianos, os Irlandeses pictos, os Saxões.

Os três invasores passageiros: os Escandinavos; Ganwall o Irlandês (conquista de 29 anos), vencido por Caswallon e os Cesarianos[901].

Os três invasores trapaceiros: os Irlandeses vermelhos em Alba, os Escandinavos e os Saxões.

Eis os três desaparecimentos da ilha da Bretanha: o primeiro é aquele de Gavran e seus homens, que foram à procura das ilhas verdes das inundações e deles jamais se ouviu falar novamente. O segundo foi o de Merddin[902], o bardo de Emrys (Ambrósio, sucessor de Vortigern?), e seus nove bardos, que foram ao mar em uma casa de vidro; o lugar para onde foram é desconhecido. O terceiro foi Madog, filho de Owain, rei de Gales do Norte, que foi para o mar com trezentas pessoas em dez navios; o lugar para onde foram é desconhecido.

Eis os três eventos terríveis da ilha da Bretanha: o primeiro foi a erupção do lago transbordado com inundações sobre todo o país até que todas as pessoas fossem destruídas, salvo Dwyvan e Dwyvach, que escaparam num barco sem vela e por quem a ilha de Prydain foi repovoada. O segundo foi o terremoto de uma torrente de fogo até que a terra estivesse estiolada até o abismo e que a maior parte da vida estivesse destruída. O terceiro foi o verão tórrido, quando as árvores e as plantas entravam em combustão pelo calor queimante do sol e quando as pessoas e os animais, diversas espécies de pássaros, vermes, árvores e plantas, foram inteiramente destruídos.

Eis as três expedições combinadas que partiram da ilha da Bretanha: a primeira partiu com Ur, filho de Erin, o poderoso guerreiro da Escandinávia (ou talvez o vencedor dos Escandinavos, “the bellipotent of Scandinavia”); ele veio a essa ilha no tempo de Gadiol, filho de Erian, e obteve auxílio sob condição de que não tiraria de cada fortaleza principal mais homens que ele não trouxesse consigo. Na primeira, ele vem só com seu valete Mathata Vawr: ele então obtém dois homens, quatro da segunda, oito da terceira, dezesseis da quarta e, assim, de todas as outras, em proporção, até que, enfim, o número não poderia ser fornecido senão por toda a ilha. Ele conduziu sessenta e três mil homens, não podendo obter, em toda a ilha, um número maior de homens capazes de ir à guerra: as crianças e os idosos permaneceram sós na ilha. Ur, o filho de Erin o poderoso guerreiro, foi o mais hábil recrutador que jamais existiu. Mas foi inadvertidamente que a tribo dos Câmbrios deu-lhe essa permissão estipulada de forma irrevogável: os Coranianos colheram essa ocasião para invadir a ilha sem dificuldade. Nenhum dos homens que partiu retornou, nenhum de seus filhos e nem de suas descendências. Eles fizeram velas para uma expedição belicosa até o mar da Grécia e, fixando-se nas regiões de Galas e de Avena (Galácia?), aí permanecem até hoje e se tornaram Gregos.

A segunda expedição combinada foi conduzida por Caswallawn, o filho de Beli e neto de Manogan, e por Gwenwynwin e Gwanar, os filhos de Liaws, filho de Nwyvre e Arianrod, filha de Beli, mãe deles. Eles descendiam da extremidade da encosta de Galedin e Silúria, e das tribos combinadas dos Boulonheses, e seu número era sessenta e um mil. Eles marcharam com seu tio Caswallawn, após os Cesarianos, em direção ao país dos Gauleses da Armórica, que descendiam da primeira raça dos Câmbrios. E nenhum deles, nenhum de seus filhos, retornou a esta ilha, pois eles se fixaram na Gasconha, entre os Cesarianos, onde estão até hoje; foi para se vingarem dessa expedição que os Cesarianos vieram pela primeira vez a esta ilha.

A terceira expedição combinada foi conduzida fora dessa ilha por Ellen, poderoso nos combates, e Cynan, seu irmão, senhor de Meiriadog na Armórica, onde eles obtiveram terras, poder e soberania do imperador Máximo, para apoiá-lo contra os Romanos. ... E nenhum deles retornou pois eles lá permaneceram, e em Ystre Gyvaelwg, onde formaram uma comunidade. Por consequência dessa expedição, os homens armados da tribo dos Câmbrios diminuíram de tal forma que os Pictos irlandeses os invadiram. Eis porque Vortigern foi forçado a chamar os Saxões para repelir essa invasão. Os Saxões, vendo a fraqueza dos Câmbrios, perfidamente voltaram suas armas contra eles e, aliando-se aos Pictos e a outros traidores, tomaram posse do país dos Câmbrios, assim como de seus privilégios e de sua coroa.

Essas três expedições combinadas são chamadas as três grandes Presunções da tribo dos Câmbrios e, também, os Três Exércitos de prata, pois eles levaram da ilha todo ouro e prata que pudessem obter pela fraude, pelo artifício e pela injustiça, além daquilo que adquiriram por direito e por consentimento. Eles também foram chamados de Os Três Exércitos Imponderados, visto que eles enfraqueceram a ilha ao ponto de dar ocasião às três grandes invasões, a saber: a invasão dos Coranianos, aquela dos Cesarianos e, finalmente, a dos Saxões.

Eis os três pérfidos encontros que tiveram lugar na ilha da Bretanha - O primeiro foi aquele de Mandubratius, o filho de Llud, e daqueles que traíram com ele. Ele designou aos Romanos um lugar sobre a estreita extremidade verde para aí desembarcarem; nada mais. Não era necessário mais nada aos Romanos para ganharem toda a ilha. O segundo foi o dos nobres Câmbrios e dos Saxões... sobre a planície de Salisbury, onde foi tramado o complô dos Punhais-Longos, pela traição de Vortigern, pois foi sob seu conselho que, com a ajuda dos Saxões, quase todos os notáveis dos Câmbrios foram massacrados. O terceiro foi a entrevista de Medrawd[903] e de Iddawg Corn Prydain com seus homens em Nanhwynain, onde conspiraram contra Artur e, por esse meio, fortificaram os Saxões na ilha da Bretanha.

Os três insígnies traidores da ilha da Bretanha - O primeiro é Mandubratius, filho de Llud, filho de Beli o Grande que, convidando Júlio César e os Romanos a virem a esta ilha, causou a invasão dos Romanos. Ele e seus homens se fizeram os guias dos Romanos, dos quais receberam anualmente uma quantia de ouro e prata. Foi por isso que os habitantes dessa ilha foram constrangidos a pagar um tributo anual aos Romanos de 3.000 moedas de prata até o tempo de Orvain, filho de Máximo, que recusou-se a pagar o tributo. Sob pretexto de satisfação, os Romanos levaram da ilha da Bretanha a maior parte dos homens capazes de portar armas e os conduziram até Arávia (Arábia) e a outras regiões longínquas donde jamais retornaram. Os Romanos que se encontravam na Bretanha marcharam para a Itália e não deixaram atrás de si senão as mulheres e as crianças: é por isso que os Bretões ficaram tão fracos a ponto de não serem mais capazes, por falta de homens e de força,

de repelir a invasão e a conquista.

O segundo traidor foi Vortigern que massacrou Constantino o Santo, colheu a coroa da ilha por violência e, pela injustiça, foi o primeiro a convidar os Saxões a virem à ilha como auxiliares, desposou Alis Rowen, a filha de Hengist, e deu a coroa da Bretanha ao filho que dela teve, cujo nome era Gotta. É daí que os reis de Londres são chamados “filhos de Alis”. Foi assim que os Câmbrios perderam, por Vortigern, suas terras, seu ranque e sua coroa em Loégria.

O terceiro foi Medrawd, filho de Llew, filho de Cynvarch: pois, quando Artur marchou contra o imperador de Roma, deixando o governo da ilha a seus cuidados, Medrawd subtraiu a coroa à Artur pela usurpação e sedição; e, para se assegurar, ele se aliou aos Saxões. Foi assim que os Câmbrios perderam a coroa da Loégria e a soberania da ilha da Bretanha.

Os três traidores desprezíveis que inspiraram os próprios Saxões a arrebataram a coroa da ilha da Bretanha aos Câmbrios - O primeiro foi Gwrgi Garwlwg que, após ter experimentado o gosto da carne humana na corte de Edelfled, rei dos Saxões, tomou tanto gosto a ponto de não mais desejar outro tipo de carne. Foi por isso que ele e sua gente se uniram a Edelfled, rei dos Saxões: ele fez incursões secretas contra os Câmbrios, as quais valiam-lhe, todo dia, um menino e uma menina que ele devorava. E todas as pessoas más dentre os Câmbrios foram a ele e aos Saxões e obtiveram boa parte no butim feito sobre os naturais da ilha. O segundo foi Medrad que, para assegurar o reino contra Artur, uniu-se com seus homens aos Saxões; essa traição foi a causa de um bom número de Loegrianos tornar-se Saxão. O terceiro foi Aeddan, o traidor do Norte, que submeteu-se com seus homens aos Saxões para poder, sob a proteção destes, manter-se pela anarquia e pela pilhagem.

Esses três traidores fizeram os Câmbrios perderem suas terras e sua coroa na Loégria. Sem tais traições, os Saxões jamais teriam ganho a ilha dos Câmbrios.

Os três Bardos que cometeram os três assassinatos benfeitores da ilha da Bretanha - O primeiro foi Gall, filho de Dysgywedawg, que matou os dois pássaros selvagens (os filhos) de Gwenddolen, filho de Ceidiaw, que tinham uma coleira de ouro e que devoravam, todo dia, dois corpos de Câmbrios, um no almoço, outro na ceia. O segundo, Ysgawneil, filho de Dysgywedawg, matou Edelfled, rei da Loégria, que arrebatava, toda noite, duas jovens da nação câmbria e as estuprava e, na manhã seguinte, as matava e devorava. O terceiro, Difedel, filho de Dysgywedawg, matou Gwrgi Garwlwyd, que desposara a irmã de Edelfled, e que praticou traições e assassinatos contra os Câmbrios em concerto com Edelfled. E esse Gwrgi matava, todo dia, dois Câmbrios, homem e mulher, e os devorava; e, no sábado, ele matava dois homens e duas mulheres a fim de não ter de fazê-lo no domingo. E essas três pessoas, que executaram esses três assassinatos benfeitores, eram Bardos.

As três causas frívolas de combate na ilha da Bretanha - A primeira foi a batalha de Godden, causada por uma cadela, uma cabra e um quero-quero[904]; setenta e um mil homens morreram nessa batalha. A segunda foi a batalha de Ardrydd, causada por um ninho de pássaro; oitenta mil Câmbrios aí pereceram. A terceira foi a batalha de Camlann, entre Artur e Mordred, na qual Artur pereceu com cem mil homens da elite dos Câmbrios. Na sequência dessas três batalhas, os Saxões suprimiram aos Câmbrios a região da Loégria porque os Câmbrios não tinham mais um número suficiente de guerreiros para oporem aos Saxões, à traição de Gwrgi Garwlwyd e à fraude de Eiddilie o Anão.

As três receptações e revelações da ilha da Bretanha: A primeira foi a cabeça de Bran o Santo, filho de Llyr, a qual Owain, filho de Ambrósio, escondera na colina branca de Londres e que, tanto quanto ela permaneceu nessa situação, nenhum acidente deplorável aconteceu a essa ilha. A segunda foi os ossos de Gwrthwyn o Santo, que foram enterrados nos principais portos da ilha e que, enquanto aí estavam, nenhum inconveniente chegou nessa ilha. A terceira foi os dragões, escondidos por Llud, filho de Beli, na fortaleza de Pharaón entre os rochedos de Snowdon. E essas três receptações foram postas sob a proteção de Deus e dos atributos divinos. O infortúnio devia tombar imediatamente sobre os homens que os descobrissem. Vortigern revelou os dragões para, com isso, se vingar da oposição dos Câmbrios contra si e, então, ele chamou os Saxões sob pretexto de, juntos, combaterem os Pictos irlandeses. Após isso, ele revelou os ossos de Gyrthwin o Santo por amor à Rowen, filha de Hengist o Saxão. E Artur descobriu a cabeça de Bran o Santo, filho Llyr, porque ele desdenhava guardar a ilha senão por seu próprio valor. Essas três santas coisas, tendo sido reveladas, os invasores ganharam a superioridade sobre a nação câmbria.

As três energias dominantes da ilha da Bretanha - Hu o Poderoso, que trouxe a nação câmbria da região do verão chamada Defrobani para a ilha da Bretanha; Prydain, filho de Aedd o Grande, que organizou a nação e estabeleceu um júri sobre a ilha da Bretanha; e Rhitta Gawr, que ordenou fazerem-lhe uma túnica com as barbas dos reis que ele aprisionara como punição pelas suas opressão e injustiça.

Os três homens vigorosos da ilha da Bretanha - Gwrnerth-o-bom-atirador, que matara com uma única flecha de palha o maior urso jamais visto; Gwgawn-da-mão-poderosa, que rolava a pedra de Macnarch do vale ao pico da montanha e que seriam necessários sessenta bois para fazer o mesmo; e Eidiol o Poderoso que, no complô de Stonehenge, matou com uma

acha de sorva seiscentos Saxões entre a aurora e o crepúsculo.

Os três fatos que causaram a diminuição da Loégria e que a arrancaram dos Câmbrios - A acolhida dos estrangeiros, a soltura dos prisioneiros e o presente do homem careca (César? ou Santo Agostinho? Este último incentivou os Saxões a massacrarem os monges e a levarem a guerra ao País de Gales).

As três primeiras obras extraordinárias da ilha da Bretanha - O navio de Nwydd-Nav-Neivion que desembarcou na ilha o macho e a fêmea de todas as criaturas vivas, quando o lago da inundação transbordou; os bois de grandes chifres de Hu o Poderoso que tiraram o crocodilo do lago sobre a terra, de sorte que o lago não mais transbordou; e a pedra de Gwyddon-Ganhebom, na qual foram gravadas todas as artes e todas as ciências do mundo.

Os três homens apaixonados da ilha da Bretanha - o primeiro foi Caswallawn, filho de Beli, enamorado de Flur, filha de Mygnach-o-Anão: por ela, ele marchou contra os Romanos até a Gasconha, a trouxe de volta e matou seis mil Cesarianos. Para se vingarem, os Romanos invadiram essa ilha. O segundo foi Tristão, filho de Tallwch, enamorado de Essylt, filha de March, filho de Meirchion, seu tio. O terceiro foi Cynon, enamorado de Morvydd, filha de Urien Rheged.

As três primeiras amantes de Artur - A primeira foi Garwen, filha de Henyn de Tegyrn Gwyr e de Ystrad Tywy. A segunda foi Gwyl, filha de Eutaw de Caervorgorn. A terceira foi Indeg, filha de Avarwy o Alto de Radnorshire.

As três principais cortes de Artur- Caerllion sobre o Usk na Câmbrria; Celliwig em Cornwall e Edimburgo ao Norte. São as três cortes onde ele celebrava as três grandes festas: Natal, Páscoa e Pentecostes.

Os três cavaleiros da corte de Artur que guardavam o Graal - Cadawg, filho de Gwynlliw; Ylltud, o cavaleiro canonizado e Percedur, filho de Evrawg.

Eis os três homens que calçavam sapatos de ouro na ilha da Bretanha: Caswallawn, filho de Beli, quando ele foi à Gasconha para obter Flur, filha de Mygnach-o-anão, a qual ele trouxera clandestinamente para o imperador César, por um homem chamado Mwrchan-o-ladrão, rei dessa região e amigo de Júlio César, e Caswallawn a leva de volta para a ilha da Bretanha. O segundo, Manawydan, filho de Llyr Llediaith, quando foi tão longe que Dyved impõe restrições. O terceiro, Llew Llaw Gyfes, quando foi com Gwydion, filho de Don, procurar um nome e executar um plano de sua mãe Riannon.

Os três domínios reais que foram estabelecidos por Rhadri o Grande na Câmbrria - O primeiro é Dinevor, o segundo Aberfraw e o terceiro Mathavael. Em cada um desses domínios, há um príncipe cingido com um diadema; e o mais velho desses três príncipes, seja quem for, deve ser soberano, quer dizer, rei de toda a Câmbrria. Os dois outros devem obedecer suas ordens e suas ordens são imperativas para eles. Ele é o chefe da lei e dos antigos em cada reunião geral e em cada movimento do país e da tribo. (Maldições contínuas contra Vortingern, Rowena, os Saxões, os traidores da nação).[\[905\]](#)

=====

### Sobre os Bardos

Os Bardos estudavam durante dezesseis ou vinte anos. “Eu os vi”, diz Campion, “em suas escolas, dez anos num quarto, deitados de barriga para baixo sobre a palha e os livros sob o nariz” - Brompton diz que as lições dos Bardos na Irlanda eram dadas secretamente e não eram confiadas senão à memória (Logan, *The Scottish Gaël*, t. II, p. 215). - Havia três espécies de poetas: panegiristas dos nobres; poetas que agradavam o povo; bufões satíricos dos camponeses (*Tolland's letters*). - Buchanan pretende que os tocadores de harpa na Escócia fossem todos Irlandeses. Giraldus Cambrensis diz, entretanto, que a Escócia ultrapassava a Irlanda na ciência musical e que para lá se ia para aperfeiçoamento. Quando Pepino fundou a abadia de Neville, ele mandou trazer músicos e coristas escoceses (Logan, II, 251). Giraldus compara a lenta modulação dos Bretões com os acentos rápidos dos Irlandeses; segundo ele, entre os Galeses, cada um faz sua parte; aqueles de Cumberland cantam em partes, em oitavas e em conjunto. - Por volta do ano 1.000, o galês Gryffith ap Cynan, tendo sido educado na Irlanda, levou seus instrumentos para seu país, convocou os músicos das duas regiões e criou vinte e quatro regras para a reforma da música (Powel, *Hist. of Cambria*).

Quando o cristianismo se espalhou na Escócia e na Irlanda, os padres cristãos adotaram o gosto deles pela música. À mesa, eles se passavam a harpa de mão em mão (Bède, IV, 24). No tempo de Giraldus Cambrensis, os bispos sempre carregavam uma harpa consigo - Gunn diz em seu *Enquiry*: “Eu possuo um antigo poema gálico onde o poeta, dirigindo-se a uma velha harpa, pergunta-lhe o que ocorreu no seu primeiro lustro. Ela responde que pertencera a um rei da Irlanda e que assistira a inúmeros banquetes, que, em seguida, ela esteve sucessivamente na posse de Dargo, filho do druida de Beal, de Gaul, de Fillon, de Oscas, de Oduína, de Diarmid, de um médico, de um bardo e, enfim, de um padre que, num canto retirado, meditava sobre um livro branco” (Logan, II, 268).



Os Bardos, ainda que muito ligados às pessoas dos chefes, eram muito respeitados. *Sir* Richard Cristeed, que foi encarregado por Ricardo II de iniciar os quatro reis da Irlanda nos costumes ingleses, relata que os mesmos se recusaram a comer porque ele colocara seus bardos e principais servidores a uma mesa aquém da deles (Ibid., 138). - O tocador da gaita-de-foles, como o harpista, ocupava esse encargo na casa do chefe por direito hereditário; ele possuía terras e um servidor que carregava seu instrumento.

O famoso tocador de gaita-de-foles irlandês dos últimos tempos, Macdonald, possuía servidores, cavalos, etc. Um grande senhor manda-o vir um dia para tocar durante o jantar. São-lhe disponibilizadas uma mesa e uma cadeira na antecâmara da sala de jantar com uma garrafa de vinho e um doméstico atrás de sua cadeira; a porta da sala estava aberta. Ele ignora a antecâmara, apresenta-se na sala de jantar e diz bebendo: “À vossa saúde e à de vossa companhia, senhor...”. Depois, jogando dinheiro sobre a mesa, ele diz ao laçao: “Aí tem dois shillings pela garrafa e seis pences para ti, meu menino”. E ele torna a montar seu cavalo (ibid., 277-279). - A última escola bárdica da Irlanda, *Filean School*, era mantida em Tipperary, na época de Carlos I[906] (ibid. 215) - Um dos últimos bardos acompanhava Montrose e, durante sua vitória de Inverlochy, ele contemplava a batalha do alto do castelo que tem esse mesmo nome. Montrose, reprovando-lhe não tomar parte dela, ouviu sua resposta: “Se eu estivesse combatendo, quem vos cantaria?” (Ibid. 247). - A gaita-de-foles do clã Chattan, que Walter Scott menciona como tendo caído das nuvens durante uma batalha em 1396, foi tomada emprestada por um clã vencido que dela esperava receber a inspiração da coragem e que não a devolveu senão em 1822 (ibid. 298). - Em 1745, um tocador de gaita-de-foles compôs, durante a batalha de Falkirk, um pibroch que restou célebre - Na batalha de Waterloo, um tocador de gaita-de-foles, quando tomava um bom fôlego, recebeu uma bala em seu instrumento; ele o amassa com os pés, desembainha sua claymore[907] e se lança no meio do inimigo onde acaba morrendo (? ibid., 273-276).

=====

### Sobre a lenda de São Martinho

Parece-nos que essa lenda do santo mais popular da França merece ser relatada quase inteiramente como sendo uma das mais antigas; além disso, escrita por um contemporâneo, acrescenta-se que ela serviu de modelo para muitas outras.

**Ex Sulpicii Severi vitá B. Martini** (De Sulpício Severo, vida do Beato Martinho):

“São Martinho nasceu em Sabaria, na Panônia, mas foi criado na Itália, perto de Ticino; seus pais não eram os últimos do mundo, entretanto, eram pagãos. Seu pai, de início, foi soldado, depois, tribuno. Ele mesmo, na juventude, seguiu a carreira das armas, contra sua vontade, é verdade, pois, desde a idade de dez anos, ele se refugiara na igreja e se fez admitir entre os catecúmenos; ele não tinha senão doze anos e já desejava viver a vida no deserto e, ele teria consumado seu voto se a fraqueza da infância o tivesse permitido... Um édito imperial ordenou alistar os filhos dos veteranos; seu pai o entregou; ele foi levado amarrado em correntes e engajado no juramento militar. Ele se contentou, para o seu serviço, com apenas um escravo e, com frequência, era o senhor quem servia; ele desamarrava-lhe os calçados e lavava seus pés com suas próprias mãos; a mesa de ambos era comum... Tal era sua temperança que já o olhavam não como um soldado, mas como um monge.

Durante um inverno mais rude que o ordinário e que fazia morrer muitas pessoas, ele encontrou, na porta de Amiens, um pobre quase nu; o miserável suplicava a todos os passantes e todos se desviavam. Martinho nada possuía senão seu próprio manto, pois ele dera todo o resto: ele pega sua espada, corta o manto em dois e dá a metade ao pobre. Alguns espectadores puseram-se a rir de vê-lo assim meio-vestido e como diminuído... Mas, na noite seguinte, Jesus Cristo apareceu-lhe coberto dessa metade de manto com o qual ele vestira o pobre.

Quando os Bárbaros invadiram a Gália, o imperador Juliano reuniu seu exército e mandou distribuir o *donativum*... Quando foi a vez de Martinho: “Até aqui”, ele disse a César, “eu te servi; permita-me servir a Deus; eu sou soldado do Cristo, eu não posso mais combater... Se alguém pensa que não é minha fé, mas covardia, eu voltarei amanhã, sem armas, na primeira fileira e, em nome de Jesus meu Senhor, protegido pelo signo da cruz, penetrarei sem temor os batalhões inimigos”. No dia seguinte, o inimigo vem pedir a paz, entregando-se corpos e bens. Quem poderia duvidar que isso não fosse outra coisa senão a vitória do santo, assim dispensado de ir-se ao combate sem portar armas?

Deixando as bandeiras, ele foi encontrar Santo Hilário, bispo de Poitiers, que desejou fazê-lo diácono... mas Martinho recusou declarando-se indigno e o bispo, vendo que era necessário dar-lhe funções que parecessem humilhantes, o fez exorcista... Pouco tempo depois, ele foi aconselhado em sonho a visitar, por caridade religiosa, sua pátria e seus pais, ainda mergulhados na idolatria, e Santo Hilário desejou que ele partisse, suplicando-lhe, porém, com lágrimas, para voltar. Ele então partiu, mas triste, pois segundo se diz, ele predissera a seus irmãos que provaria vários obstáculos no caminho. Nos Alpes, seguindo veredas afastadas, ele topou com ladrões... Um deles o conduziu, mãos atadas às costas... mas Martinho pregou-lhe a palavra de Deus e o ladrão teve fé: desde então, ele levou uma vida religiosa e é dele que recebi esta história. Martinho, continuando sua rota, como passasse perto de Milão, o diabo apareceu-lhe em forma humana e perguntou-lhe onde ia, ao que ele respondeu que iria onde quer que o Senhor o chamasse; e o diabo disse-lhe: “Onde fores, e qualquer coisa que tu tentes, o diabo se lançará de través”. Martinho respondeu com essas palavras proféticas: “Deus é meu apoio, eu não temerei o que o homem possa fazer”. Repentinamente, o inimigo se esvaneceu de sua presença. - Ele fez sua mãe abjurar o erro do paganismo; seu pai perserverou no mal. - Em seguida, a heresia ariana, tendo se propagado por todo o mundo, e sobretudo na Ilíria, ele combateu só e com coragem a perfídia dos padres e sofreu mil tormentos (ele foi açoitado com varas e expulso da cidade)... Enfim, ele se retirou para Milão e aí construiu um monastério - Expulso por Auxentius, o chefe dos arianos, ele se refugiou na ilha Gallinara[908], onde viveu de raízes por muito tempo.

Quando Santo Hilário retornou do exílio, ele o seguiu e construiu um monastério perto da cidade. Um catecúmeno se juntou a ele... Durante a ausência de São Martinho, ele vem a morrer tão subitamente que deixou esse mundo sem o batismo... São Martinho acorreu chorando e gemendo - Ele manda todo mundo sair, deita-se sobre o corpo inanimado de seu irmão... Após ter orado por algum tempo, mal duas horas tinham decorrido, ele vê o morto agitar, pouco a pouco, todos os seus membros e palpar suas pálpebras reabertas sob a luz. Ele ainda viveu por vários anos.

Martinho era então convocado para ocupar a sé episcopal de Tours; mas como não se podia arrancá-lo de seu monastério, um dos habitantes, fingindo que sua mulher estava doente, vem se lançar aos pés do santo e consegue fazê-lo sair de sua célula. Entre grupos de habitantes dispostos sobre o caminho, ele foi conduzido sob escolta até a cidade. Uma multidão numerosa viera das cidades das redondezas para dar seu sufrágio. Um pequeno número, entretanto, e alguns dos bispos, recusavam Martinho com uma obstinação ímpia: “Era um homem de nada, indigno do episcopado e de pobre figura, com suas vestes miseráveis e seus cabelos em desordem”. ... Mas, na ausência do leitor, um dos assistentes, tomando o saltério[909], empaca logo no primeiro versículo que encontra. Era o salmo: *Ex ore infantium et lactentium, Deus, perfecisti laudem, ut destruas inimicum et defensorem*[910]. O principal adversário de Martinho se chamava precisamente *Defensor*. Repentinamente, um alvoroço se eleva entre o povo e os inimigos do santo ficam atrapalhados.

Não distante da cidade, havia um lugar consagrado por uma falsa opinião como sendo uma sepultura de mártires. Os bispos anteriores tinham aí construído um altar... Martinho, de pé perto do túmulo, orou a Deus para revelar-lhe quem era o mártir e seus méritos. Então, ele viu à sua esquerda uma sombra pavorosa e terrível. Ele ordenou-lhe falar: ela confessou ser a alma de um ladrão posto à morte por seus crimes e que nada tinha em comum com um mártir. Martinho mandou destruir o altar.

Um dia, ele encontrou o corpo de um gentio que era transportado ao túmulo com toda a parafernália dos funerais supersticiosos; ele estava a quinhentos passos de distância e não podia distinguir muito bem o que ocorria. Entretanto, como ele visse uma tropa de camponeses e que os linhos voltejassem agitados pelo vento, ele acreditou que seriam executadas as profanas cerimônias dos sacrifícios, pois era o costume dos camponeses gauleses fazer passear pelos campos, com uma deplorável alegria, as imagens dos demônios cobertos de véus brancos[911]. Ele ergueu, então, o sinal da cruz e comandou à tropa parar e despojar-se de seu fardo. Ó prodígio! Vós teríeis visto os miseráveis permanecerem duros como a pedra. Depois, como se esforçassem em avançar, não podendo, porém, dar um passo, eles giravam ridiculamente em torno de si próprios; enfim, esgotados pelo peso do cadáver, eles o arriam ao chão e olham-se uns aos outros consternados, perguntando-se o que lhes ocorrera. Mas o santo homem, finalmente percebendo que o cortejo se reunira para um funeral e não para um sacrifício, ergueu de novo a mão e permitiu-lhes partir levando o corpo.

Como ele destruíra num vilarejo um templo muito antigo e quisesse cortar um pinheiro vizinho àquele, os sacerdotes do lugar e o resto dos camponeses se opuseram a isto... “Se tens”, disseram-lhe, “alguma confiança em teu Deus, nós próprios cortaremos essa árvore e tu a receberás na queda; se teu Senhor está, como dizes, contigo, tu escaparás...”. Quando o pinheiro tombava e pendia para um lado do qual ninguém tinha dúvidas sobre onde cairia, o santo foi trazido garroteado... Já o pinheiro começava a balançar ameaçando tombar; os monges olhavam de longe empalidecendo. Mas Martinho, intrépido, quando a árvore já havia rachado, no momento exato em que ela tombava e se precipitava sobre ele, levanta a mão e a saúda. A árvore reergueu-se, como se um vento impetuoso a empurrasse, e foi cair do outro lado, esmagando a multidão que pensava estar ao abrigo de qualquer perigo.

Como ele desejasse derrubar um templo guarnecido de todas as superstições pagãs na cidade de Leprosum (Loroux),

uma multidão de gentios se opôs e o repeliu com ultraje. Ele então se retirou para as vizinhanças e lá, durante três dias, sob o cilício e a cinza, sempre jejuando e orando, ele suplicou ao Senhor, visto que a mão de um homem não pôde derrubar aquele templo, que a virtude divina viesse destruí-lo. Então, dois anjos se ofereceram a ele, com a lança e o escudo, como soldados da milícia celeste, e se dizem enviados de Deus para dissipar os camponeses sublevados, defender Martinho e impedir qualquer um de se opor à destruição do templo. Ele retorna e, à vista dos camponeses imóveis, reduziu a pó os altares e os ídolos... Quase todos passaram a crer em Jesus Cristo.

Vários bispos vieram de vários lugares para se reunirem perto do imperador Máximo, homem de temperamento violento. Martinho, frequentemente convidado à mesa daquele, abstém-se de frequentá-la dizendo que não podia ser o conviva daquele que despojara dois imperadores, um do trono e o outro da vida. Cedendo, porém, às razões dadas por Máximo ou às suas reiteradas instâncias, ele finalmente acede ao convite. No meio do festim, segundo o costume, um escravo apresentou a taça ao imperador que ordenou fosse servida ao santo bispo a fim de que, depois, tivesse a felicidade de recebê-la de suas mãos. Mas Martinho, quando bebeu, passou a taça a seu padre, convencido, sem dúvida, que ninguém mais merecia beber após ele. Essa preferência provocou de tal forma a admiração do imperador e dos convivas que eles viram com prazer esse ato pelo qual o santo parecia desdenhá-los. Martinho, antes, predissera a Máximo que se ele partisse, como desejava, para a Itália a fim de fazer a guerra a Valentiniano, ele seria o vencedor no primeiro embate mas que, logo depois, morreria. De fato, foi o que vimos ocorrer.

Sabe-se também que ele recebia, mui regularmente, a visita dos anjos que vinham conversar à sua frente. Ele possuía o diabo tão frequentemente sob os olhos, que o via sob todas as formas. Como este estivesse convencido que Martinho não podia escapar-lhe, ele o cobria de injúrias não tendo sucesso em enredá-lo em suas peças. Um dia, tendo à mão um chifre ensanguentado de boi, o diabo precipitou-se com estrondo em sua célula e, mostrando-lhe seu braço que pingava sangue, glorificava-se de um crime que acabara de cometer, dizendo-lhe: “Martinho, onde está tua virtude? Eu venho de matar um dos teus”. O santo homem reuniu seus irmãos, contou-lhes o que o diabo dissera, ordenou-lhes procurar em todas as células a fim de descobrirem a vítima. Vieram-lhe dizer que não faltava ninguém entre os monges, mas que um infeliz mercenário, o qual fora encarregado de transportar troncos, jazia agonizante perto da floresta. Ele vai a seu encontro e, não distante do monastério, dá com esse camponês a meio caminho da morte. Logo, ele deixou de viver. Um boi o havia furado com um chifrada na virilha.

O diabo aparecia-lhe com frequência sob as formas mais diversas. Logo tomava os traços de Júpiter, dentro em pouco aqueles de Mercúrio, outras vezes aqueles de Vênus e de Minerva. Martinho, sempre firme, armava-se do sinal da cruz e do auxílio da oração. Um dia, o demônio fez-se preceder e cercar por uma luz brilhante a fim de enganá-lo, de forma mais convincente, com esse esplendor tomado emprestado: ele está coberto por um manto real, a fronte cingida por um diadema de ouro e pedrarias, seu calçado bordado em ouro, a expressão serena e plena de contentamento. Em todo esse adereço, que não indicava nada menos que o diabo, ele vem se colocar na célula do santo durante sua oração. Num primeiro momento, Martinho ficou consternado e ambos guardaram um longo silêncio. O diabo o rompeu primeiro: “Martinho, reconhece aquele que está à tua frente. Eu sou o Cristo. Antes de retornar à terra, eu primeiro desejei me manifestar a ti”. Martinho manteve-se calado e não respondeu. O diabo voltou à carga audaciosamente: “Martinho, por que hesitas em acreditar quando vês? Eu sou o Cristo”. Martinho respondeu: “Nosso Senhor Jesus Cristo nunca predisse que retornaria com a púrpura e o diadema. Eu não acreditaria na vinda do Cristo senão se o visse tal como estava em sua Paixão: carregando, sobre o corpo, os estigmas da cruz”. A essas palavras, o diabo se dissipa repentinamente como fumaça, deixando a célula preechida de um pavoroso fedor. Eu recebi essa narrativa da própria boca de Martinho; assim, que ninguém a tome por uma fábula.

Pois, ante o estrépito de sua religião, queimando de desejo de vê-lo e de também escrever sua história, nós empreendemos, para ir encontrá-lo, uma viagem que nos foi muito agradável. Ele nos falou do abandono que era necessário fazer das seduções desse mundo e do fardo do século para seguir, de passo livre e ligeiro, Nosso Senhor Jesus Cristo. Oh! Qual gravidade, qual dignidade ele possuía em suas palavras e em sua conversa! Que força, que facilidade maravilhosa para solucionar as questões que tocam às divinas Escrituras! Jamais a língua descreverá essa perservança e esse rigor no jejum e na abstinência, esse poder de velar e orar, essas noites passadas como dias, essa constância em nada ceder ao repouso nem às necessidades, a não deixar em sua vida qualquer instante que não fosse empregado à obra de Deus; à pena, mesmo, ele consagrava ao repasto e ao sono o tempo que a natureza exigia. Ó homem verdadeiramente bem-aventurado, tão simples de coração, não julgando ninguém, não condenando ninguém, não devolvendo a ninguém o mal pelo mal! E, de fato, ele se armara contra todas as injúrias de uma tal paciência que, ainda que ocupasse o mais alto posto na hierarquia, ele se deixava ultrajar impunemente pelos menores clérigos sem, por isso, suprimir-lhes seus postos ou excluí-los de sua caridade. Ninguém jamais o viu irritado; sempre o mesmo e carregando na expressão uma alegria celeste, tanto ele parecia superior à natureza humana. Ele não tinha na boca senão o nome do Cristo, não possuía no coração senão a piedade, a paz, a misericórdia. Com muita frequência, ele tinha o hábito de chorar pelos pecados daqueles que o caluniavam e que, na solidão de seu retiro, o feriam com

seu veneno e com sua língua de víbora.

Por mim, eu tenho a consciência de ter sido guiado nessa narrativa pela minha convicção e pelo amor de Jesus Cristo. Posso fornecer esse testemunho que relatei dos fatos notórios, eis que digo a verdade”

**Ex Sulpicii Severi Historiâ sacrâ, libr. II:** (De Sulpício Severo, História Sacra, livro II)

“Um certo Marcus de Mênfis trouxe do Egito para a Espanha a perniciosa heresia dos gnósticos. Ele teve por discípulos uma mulher de alta estirpe, Ágape, e o reitor Helpidus. Prisciliano recebeu lições deles... Pouco a pouco, o veneno desse erro ganhou a maior parte da Espanha. Vários bispos foram por ele contaminado, entre eles Instantius e Salvianus... O bispo de Córdoba os denunciou a Idácio, bispo da cidade de Mérida... Um sínodo foi reunido em Saragoza e nele foram condenados, ainda que ausentes, os bispos Instantius e Salvianus, com os laicos Helpidus e Prisciliano. Ithacius foi encarregado da promulgação da sentença... Após longos e tristes debates, Idácio obtém do imperador Graciano um mandado que baniu os heréticos de toda a terra... Quando Máximo tomou a púrpura e entrou vencedor em Trêves, Idácio o cobriu de preces e denúncias contra Prisciliano e seus cúmplices: o Imperador ordenou levar ao sínodo de Bordeaux todos aqueles que haviam sido infectados pela heresia. Assim, foram levados Instantius e Prisciliano (Salvianus estava morto). Os acusadores Idácio e Ithacius os seguiram. Confesso que os acusadores me são mais odiosos pelas violências que os próprios culpados. Esse Ithacius era cheio de audácia e de palavras vãs, atrevido, pomposo, entregue aos prazeres da mesa... O miserável, um novel apóstolo!, ousou acusar do crime de heresia o bispo Martinho. Pois Martinho, encontrando-se então em Trêves, não cessava de perseguir Ithacius para que ele abandonasse a acusação, de suplicar a Máximo que não derramasse o sangue desses desafortunados: era o suficiente a sentença episcopal que expulsara os heréticos de suas sés e que seria um crime estranho e inaudito um juiz secular julgar uma causa da Igreja. Enfim, enquanto Martinho esteve em Trêves, adiou-se o processo e, quando estava a ponto de partir, ele arrancou de Máximo a promessa que nenhuma medida sangrenta seria tomada contra os acusados”.

**Ex Sulpicii Severi Dialogo III:** (De Sulpício Severo, Diálogo III)

“Seguindo o conselho dos bispos reunidos em Trêves, o imperador Máximo decretara que tribunos armados seriam enviados à Espanha com plenos poderes para investigar os heréticos e suprimir-lhes a vida e seus bens. Nula dúvida que essa tempestade não tenha também desabado sobre uma multidão de homens pios; a distinção não era fácil de fazer pois lia-se, antes, nos olhos, e julgava-se a heresia com base na palidez ou na veste usada do que propriamente sobre a questão da fé. Os bispos sentiam que essa medida não agradaria Martinho. Sabendo que ele chegava, eles obtiveram do Imperador uma ordem para proibi-lo de se aproximar da cidade se ele não promettesse aí permanecer senão *em paz com os bispos*. Ele ilude astutamente esse pedido e prometeu vir *em paz com J.-C.* Ele entrou à noite e se rendeu à igreja para rezar; no dia seguinte, ele vem ao palácio... Os bispos lançam-se aos joelhos do Imperador, suplicando-lhe com lágrimas não deixar-se entregar à influência de um só homem... O Imperador expulsou Martinho de sua presença. E ele logo enviou assassinos para matar aqueles por quem o santo homem intercedera. Assim que Martinho tomou conhecimento disso, era noite, ele correu ao palácio. Ele promete que, caso se concedesse graça, ele comungaria com os bispos, desde que os tribunos já enviados para a destruição das igrejas da Espanha fossem chamados de volta. Imediatamente, Máximo concedeu tudo. No dia seguinte... Martinho se apresentou à comunhão, preferindo ceder ao momento em que se encontrava a expor aqueles cuja cabeça estava sob o gládio. Entretanto, os bispos fizeram todos seus esforços para que ele tomasse a comunhão e não a obtiveram. No dia seguinte, ele deixou a cidade e ele se ia ao longo da estrada, triste e gemendo por ter se juntado, por um instante, a uma comunhão culpada: não distante do subúrbio que se chama Andethanna, onde a vasta solidão das florestas oferece retiros ignorados, ele deixou seus companheiros caminharem alguns passos à frente e sentou-se, espírito turbilhonante, justificando e culpando, vez por vez, o motivo de sua dor e de sua conduta. Repentinamente, apareceu-lhe um anjo: “Tens razão, Martinho”, disse-lhe, “de afligir-te e te bateres o peito; mas tu não podias fazê-lo de outra forma. Retoma a coragem, reafirma-te o coração, não vá agora arriscar tão somente tua glória, mas tua própria salvação”. Desde esse dia, ele bem se guardou de se juntar à comunhão dos partidários de Ithacius. De resto, como ele curasse os possuídos mais raramente que outrora e com menos poder, ele se lamentava conosco, com lágrimas, que pela nódoa dessa comunhão à qual ele, por um instante, assitira por necessidade e não por sua própria vontade, ele sentia enfraquecer sua virtude. Ele ainda viveu mais dezesseis anos, não foi mais a nenhum sínodo e proibiu-se participar de qualquer outra assembléia de bispos”.

**Ex Sulpicii Severi Dialogo II:** (De Sulpício Severo, Diálogo II)

“Como lhe fizéssemos algumas perguntas sobre o fim do mundo, ele nos disse: “Nero e o Anticristo virão depois; Nero reinará no Ocidente sobre dez reis vencidos e exercerá a perseguição até conseguir fazer que adorem os ídolos dos gentios. Mas o Anticristo se apoderará dos império do Oriente; ele terá Jerusalém como sede de seu reino e capital; por ele, a cidade e o templo serão reparados. A perseguição que ele exercerá será de fazer renegarem Jesus Cristo Nosso Senhor, dando-se a si



próprio como o Cristo e forçando todos os homens a se circuncisarem segundo a lei. Eu mesmo, enfim, serei morto pelo Anticristo, e ele porá sob seu poder todo o universo e todas as nações, até que a chegada do Cristo esmague o ímpio. “Não saberíamos suspeitar”, ele acrescentou, “que o Anticristo, concebido pelo espírito maligno, não fosse agora criança e que, uma vez saído da adolescência, não tomasse o Império”.

=====

## Excerto da obra de M. Price sobre as raças da Inglaterra

*Monsieurs* Thierry e Edwards adotaram a opinião da persistência das raças; *M. Price* adota aquela de sua mutabilidade. Mas ele devia ser francamente espiritualista e explicar as modificações que elas experimentaram pela ação da liberdade trabalhando a matéria. Ele não soube encontrar, para apoio de seu ponto de vista bíblico, senão hipóteses materialistas.

Todavia, extrairemos de sua obra alguns resultados interessantes (*An essay on the physiognomy and physiology of the present inhabitants of Britain, with reference to their origins, as Goths and Celts*, by the Rev. T. Price, London, 1829).

Tudo isso que os antigos dizem dos olhos azuis e cabelos louros dos Germanos não designa apenas os Godos, senão também os Celtas, pois havia Celtas na Germânia. Os CÍMBRIOS eram Celtas; Plínio, falando do Báltico, e citando Filemon, diz: *Morimarusam à Cimbris vocari, hoc est, mortuum mare*<sup>[912]</sup> (em Galês *Môrmarw*).

O autor pensa que houve uma mudança de cabelos, do ruivo ao amarelo e do amarelo ao castanho. Tácito: “*Rutilæ Caledoniam habitantium comæ, magni artus germanicam originem asseverant*”<sup>[913]</sup>. Nas triades bretãs, uma colônia gaélica da raça Escoto-Irlandesa é chamada: *Os vermelhos gaélicos da Irlanda*. No velho gálico Duan que foi recitado pelo bardo de Malcolm III em 1057, vê-se que os montanheses tinham, então, os cabelos *amarelos*:

*A Eolcha Alban nile.*

*A Shluagh fela foltbhuidle.*

(*O ye learned Albanians all, ye learned yellow-haired hosts!*)<sup>[914]</sup>

Hoje, o *castanho* é a cor predominante entre os montanheses. Não se deve acreditar que os homens distintos sejam de origem Gótica e os outros Celtas. A diversidade de alimentação explica a diferença, como tal se vê nos animais transportados para pastos mais ricos (como, por exemplo, os da Bretanha na Normandia).

O clima<sup>[915]</sup> e os hábitos mudam as raças; Camper observa que já os Anglo-Americanos tem o rosto longo e estreito, o olho cerrado. West acrescenta que eles possuem a tez menos colorida que os Ingleses. O olho torna-se escuro nas vizinhanças das minas de carvão e em qualquer lugar em que esse é queimado (?)

César atribui aos BELGAS uma origem germânica: “... Plerosque à Germanis ortos”<sup>[916]</sup>. Mas Estrabão diz que eles falam a língua dos Gauleses: “*μικρὸν ἑξῆς λατοῦντας τῇ γλώσσῃ...*”. A crônica saxã fala de Hengis que “engajou os Galeses de Kent e Sussex”. Esses Galeses eram os Belgas, segundo Pinkerton. Os nomes das cidades belgas na Inglaterra são bretões.

Na Inglaterra, não se encontra traço de sangue Dinamarquês - Os NORMANDOS conquistadores eram um povo misturado de Gauleses, Francos, Bretões, Flamengos, Escandinavos etc. Os homens do norte não puderam exterminar os habitantes da Normandia, nem mesmo diminuir em muito seu número pois que, em 160 anos, eles perderam sua língua escandinava para adotarem aquela dos vencidos. Seria ridículo procurar na Inglaterra os traços de uma população tão miscigenada quanto o exército de Guilherme. Parece que, desde aquela época, os cabelos ruivos eram raros, já que foram objeto de um epíteto, Guilherme-o Ruivo<sup>[917]</sup>.

Em York e Lancastre, onde a influência dos hábitos manufatureiros não se faz sentir, os Ingleses são maiores mas mais pesados que no Sul; o olho azul prevalece no condado de Lancastre. Os homens de Cumberland (são os Cymry que perderam sua língua mais cedo que aqueles da Cornualha) nada tem que os distinga dos Ingleses do Sul.

Entre o ESCOCÊS e o Inglês, há uma diferença indefinível, os traços duros e a proeminência dos ossos das bochechas não são particulares à Escócia. Os montanheses raramente são grandes, mas bem feitos; geralmente, cabelos castanhos, menos vivacidade que na Irlanda, altura menor, população mais variada. O que se diz dos assentamentos dos Noruegueses no Oeste, é a mesma língua e a mesma fisionomia que se vê nas montanhas da Escócia.

PAÍS DE GALES, variedade infinita, nariz romano muito frequente, homens de média altura, mas fortemente formados; diz-se que a milícia de Carmarthenshire demanda mais espaço para formar suas linhas que aquela de qualquer outro condado. No Norte, estatura mais elevada, beleza clássica, mas traços pequenos.

A IRLANDA mais miscigenada que a Grã-Bretanha; hoje, surpreendente uniformidade de caráter moral e físico;

somente duas classes: os bem-nutridos e os mal-nutridos. Entre os camponeses, cabelos castanhos ou negros, negros sobretudo numa parte do Sul, mas o olho sempre plúmbeo ou azul, sobrancelhas baixas, espessas e negras, face longa, nariz pequeno com tendência a arrebitar; grande estatura, geralmente, todos homens bem feitos; esta última característica é menos verdadeira de quarenta anos para cá, em consequência da miséria em várias partes, sobretudo no Sul. Boca aberta, o que lhes dá um ar estúpido; extraordinária facilidade para falar, o que contrasta com seus farrapos. Todo mendigo é um belo espírito, um orador, um filósofo. Espanhóis ao sul da Irlanda depois de Elizabeth. Alemães Palatinos das margens do Reno.

Na FRANÇA, rosto redondo; na INGLATERRA, oval, na ALEMANHA, quadrado. Os olhos são mais proeminentes no continente que na Inglaterra. - Nem na Normandia, nem na Borgonha, há vestígios dos traços dos homens do norte (exceções em Bayeux e Vire).

SAVOIANOS, pequenos, ativos; mandíbulas muito quadradas, olhos plúmbeos, cabelos negros, sobrancelhas baixas, espessas.

SUIÇOS, mesmo tipo de mandíbula, homens maiores, olho azul-celeste com um brilho que nem sempre agrada, cabelos castanhos.

ALEMÃES, olhos plúmbeos, cabelos castanhos ou brancos-pálido, mandíbula angular, nariz raramente aquilino, mas baixo na base; grande separação entre os olhos, muito mais que na França.

BELGAS, olho de um perfeito azul-da-Prússia, mais escuro ao redor da íris, rosto mais longo que na Alemanha.

Eu acreditaria graciosamente (o que não diz o autor) que, pela ação do tempo e da civilização, os cabelos puderam acastanhar-se, os olhos escurecerem-se, quer dizer, tomarem o aspecto de uma vida mais intensa.

*“Moi, je veuil l'œil et brun le teint,  
Bien que l'œil verd toute la France adore”.*

*(Ronsard)*[\[918\]](#)

Ode a Jacques Lepeletier – Legrand d'Aussy, I, 369: os cabelos de minha mulher que hoje se me apresentam negros e retos, me pareciam, outrora, *louros*, lustrosos e cacheados. Seus olhos, que me parecem pequenos, eu os achava *azuís*, charmosos e bem contornados (*Le Mariage; alias: Le jeu d'Ardam, le Bossu d'Arras*).

=====

## Sobre a Auvérnia no século V [\[919\]](#)

No século V, a Auvérnia encontrou-se entre as invasões do sul e do norte, entre os Godos, os Burgúndios e os Francos. Sua história, então, apresenta um vivo interesse que é o de ser a última província romana.

Sua riqueza e sua fertilidade eram um poderoso atrativo para os bárbaros. Sidônio Apolinário, l. IV, epist. 21 (ap. Scr. rer. franc., t. I, p. 793):

“Taceo territorii (*ele fala da planície de Limagne*) peculiarem jocunditatem; taceo illud æquor agrorum, in quo sine periculo quæstuosæ fluctuant in segetibus undæ; quod industrius quisque quò plus frequentat, hoc minùs naufragat; viatoribus molle, fructuosum aratoribus, venatoribus voluptuosum; quod montium cingunt dorsa pascuis, latera vinetis, terrena villis, saxosa castellis, opaca lustris, aperta culturis, concava fontibus, abrupta fluminibus; quod denique hujusmodi est, ut semel visum advenis, multis patriæ oblivionem sæpè persuadeat”[\[920\]](#). - Carmen VII, p. 804:

“... Fœcundus ab urbe  
Pollet ager, primo qui vix proscissus aratro,  
Semina tarda sitit, vel luxuriante juvenco  
Arcana exponit piceam pinguedine glebam”[\[921\]](#).

Childeberto dizia (em 531): Quando verei essa bela Limagne?. “*Velim Arvernam Lemanem, quæ tantæ jocunditatis gratiâ refulgere dicitur, oculis cernere!*”[\[922\]](#). Teuderico dizia aos seus: “*Ad Arvernus me sequimini, et ego vos inducam in patriam ubi aurum et argentum accipiatis quantum vestra potest desiderare cupiditas, de quâ pecora, de quâ mancipia, de quâ vestimenta in abundantiam adsumatis*”[\[923\]](#) (Greg. Tur., l. III, c. 9,11).

Os bárbaros aliados de Roma também não poupavam a Auvérnia em sua passagem. Os Hunos, auxiliares de Litorius, a atravessaram em 437 para irem combater os Visigodos e a cobiçaram com ferro e sangue (Sidon. Panegy. Aviti, p. 805. Paulin., l. VI, vers. 116). O advento de um imperador auverno, em 455, permitiu-lhe alguns anos de tranquilidade. Avito fez a paz com os Visigodos; Teodorico II se declarou amigo e soldado de Roma (Ibid., p. 810: “... Romæ sum, te duce, amicus, Principe te, miles). Mas, com a morte de Majoriano[\[924\]](#) em 461, ele rompeu o tratado e tomou Narbonne; desde então, a Auvérnia presenciou a chegada e a subida da maré da conquista bárbara e, logo, a cidade dos antigos Arvernos (Clermont), a antiga Gergóvia, boiava só, isolada sobre sua alta montanha (Γεργούϊαν, ἐφ’ ὕψηλοῦ ὄρους κειμένην. Strabon., l. IV) - Quæ posita in altissimo monte omnes aditus difficiles habebat (Cæsar, l. VI, c. 36. Dio Cass., l. XL).

Sidon. Apollin., l. III, epist. 4 (ann. 474): *Oppidum siquidem nostrum, quasi quemdam sui limitis oppositi obicem, circumfusarum nobis gentium arma terrificant. Sic æmulorum sibi in medio positi populorum lacrymabilis præda, suspecti Burgundionibus, proximi Gothis, nec impugnantum ira, nec propugnantum caremus invidia*”[\[925\]](#). - L. VII, ad Mamert: “*Rumor est Gothos in Romanum solum castra movisse. Huic semper irruptioni nos miseri Arverni janua sumus. Namque odiis inimicorum hinc peculiaria fomenta subministramus, quia, quòd necdùm terminos suos ab Oceano in Rhodanum Ligeris alveo limitaverunt, solam sub ope Christi moram de nostra tantum obice patiuntur. Circumjectarum verò spatium, tractumque regionum jam pridem regni minacis importuna devoravit impressio*”[\[926\]](#).

Desta forma, entregue a si própria, abandonada pelos fracos sucessores de Majoriano, a Auvérnia se defendeu heroicamente sob o patronato de uma poderosa aristocracia: era a Casa de Avito (*Avitus*) com seus dois aliados, as famílias dos Apolinários (*Apollinaires*) e dos Férreols; todas as três procuraram salvar seu país, unindo estreitamente sua causa àquela do Império.

Também os Apolinários ocupavam, já de há muito tempo, as mais elevadas magistraturas da Gália (l. I, epist. 3): “*Pater, socer, avus, proavus, præfecturis urbanis prætorianisque, magisteriis palatinis militaribusque micuerunt*”[\[927\]](#). O próprio Sidônio desposou, assim como Tonantius Ferréol, uma filha do imperador Avito, e foi prefeito de Roma sob Anthemius (Scr. fr.. I, 783).

Todos eles empregaram suas forças para consolar seu país destruído pelos impostos e pela tirania dos governadores - Em 469, Tonantius Ferréol mandou condenar o prefeito Arvandus que mantinha entendimentos com os Godos. - Sidon, l. I, ep. VII: “*Interea legati provinciæ Galliæ Tonantius Ferreolus præfectorius, Afranii Syagrii consulis è filia nepos. Thaumastus quoque et Petronius, maxima rerum verborumque scientiâ præditi, et inter principalia patriæ nostræ decora ponendi, prævium Arvandum publico nomine accusaturi cum gestis decretalibus insequuntur. Qui inter cætera quæ sibi provinciales agenda mandaverant, interceptas litteras deferebant, quas Arvandi scribe correptus dominum dictasse profitebatur. Hæc*



*ad regem Gothorum charta videbatur emitti, pacem cum Græco imperatore dissuadens, Britannos super Ligerim sitos oppugnari oportere demonstrans, cum Burgundionibus jure gentium Gallias dividi debere confirmans*” [928]. - O próprio Ferréol havia administrado a Gália e diminuído os impostos (Sid., l. VII, ep. XII): “... *Prætermisit Gallias tibi administratas tunc, cum maxime incolumes erant. Prætermisit Attilam Rheni hostem, Thorismodum Rhodani hospitem, Ætium Ligeris liberatorem sola te dispositionum salubritate tolerasse: propterque prudentiam tantam providentiamque, currum tuum provinciales cum plausuum maximo accentu spontaneis subisse cervicibus; quia sic habenas Galliarum moderare, ut possessor exhaustus tributario jugo relevaretur*” [929]. - Avito, em sua juventude, tomara parte de uma deputação junto a Honório para obter uma redução de impostos (Panegy. Aviti, verso 207). Sidônio denunciou e fez punir (471) Senoratus, o qual oprimia a Auvérnia e a traía como Arvandus (L. II, ep. I): *Rediit ipse Catilina saeculi nostri ...implet quotidie silvas fugientibus, villas hospitibus altaria reis, carceres clericis; exsultans Gothis, insultans Romanis, illudens praefectis, colludensque numerariis; leges Theodosianas calcans, Theodoricianasque proponens, veteres culpas, nova tributa perquiri*” [930]. - *Proindè moras tuas citus explica, et quicquid illud est quod te retentat, incide.*” [931]

Essas últimas palavras são dirigidas ao filho de Avito, ao poderoso Ecdício (Ecdicius Avitus)... “*Te expectat palpitantium civium extrema libertas. Quidquid sperandum, quidquid desperandum est, fieri te medio, te præsule, placet. Si nullæ a republicâ vires, nulla præsidia, si nullæ quantum rumor est. Anthemii principis opes: statuit te auctore nobilitas, seu patriam dimittere, seu capillos*” [932].

Ecdício é, em efeito, o herói da Auvérnia: ele a alimentou durante uma fome, levantou um exército às suas expensas, e combateu contra os Godos com um valor quase fabuloso, opondo-lhe os Burgúndios e ligando a nobreza Arverna à causa do Império, encorajando-a à cultura das letras latinas.

Gregor. Turon., l. II, c. 24: “*Tempore Sidonii episcopi magna Burgundiam fames oppressit. Cumque populi per diversas regiones dispergerentur, ... Ecdicius quidam ex senatoribus... misit pueros suos cum equis et plaustis per vicinas sibi civitates, ut eos qui hâc inopiâ vexabantur, sib adducerent. At illi euntes, cunctos pauperes quotquot invenire potuerunt, adduxêre ad domum ejus. Ibique eos per omne tempus sterilitatis pascens, ab interitu famis exemit. Fuereque, ut multi aiunt, ampliùs quàm quatuor millia... Post quorum discessum, vox ad eum è cælis lapsa pervenit: 'Ecdici, Ecdici, quia fecisti rem hanc, tibi et semini tuo panis non deerit in sempiternum'*” [933]. Sidon., l. III, epistola III: *Si quando, nunc maxime Arvernus meus desideraris, quibus dilectio tui immane dominatur, et quidem multiplicibus ex causis. ...Mitto istic ob gratiam pueritiæ tuæ undique gentium confluisse studia litterarum, tuæque personæ quondam debitum, quod sermonis Celtici squamam depositura nobilitas, nunc oratorio stylo, nunc etiam camænalibus modis imbuebatur. Illud in te affectum principaliter universitatis accendit, quod quos olim Latinos fieri exegeras, barbaros deinceps esse vetuisti... Hinc jam per otium in urbem reduci, quid tibi obviam processerit officiorum, plausuum, fletuum, gaudiorum, magis tentant vota conjicere, quam verba reserare. .... dum alii osculis pulverem tuum rapiunt, alii sanguine ac spumis pinguis lupata suscipiunt. ...Hic licet multi complexibus tuorum tripudiantes adhærescerent, in te maximus tamen lætitiæ popularis impetus congregabatur, etc.... Taceo deinceps collegisse te privatis viribus publici exercitus speciem ... te aliquot superventibus cuneos mactasse turmales, e numero tuorum vix binis ternisque post prælium desideratis*” [934].

Em 472, o rei dos Godos, Eurico, conquistara toda a Aquitânia à exceção de Bourges e de Clermont (Sidon. l. VII, ep. 5). Ecdício pôde prolongar por algum tempo uma guerra de *partisans* nas montanhas e nas gargantas da Auvérnia (Scr. fr. XII, 53... Alvernorum difficiles aditus et obviantia castella) - Renaud, segundo a tradição, não ousou entrar na Auvérnia e se contentou em cercá-la. Sem dúvida, como mais tarde ao tempo de Luís o Gordo [935], os auvernenses abandonaram seus castelos para se refugiarem na sua pequena, mas impenetrável, cidade (loc. cit. Arverni præsidio civitatis, quia peroptimè erat munita, relictis montanis acutissimis castellis, se commiserunt [936]). Sidônio, então, era bispo; ele instituía, para repelir esses Arianos, preces públicas: “*non nos aut ambustam murorum faciem, aut putrem sudium cratem, aut propugnacula vigilum trita pectoribus confidimus opitulatura: solo tamen invectarum te auctore rogationum palpamus auxilio: quibus inchoandis instituendisque populus Arvernus, et si non effectum pari, affectu certe non impari cæpit initiari, et ob hoc circumfusus necdum dat terga terroribus*” [937] (L. VII, ep. ad Mamert).

Vimos que Ecdício repeliu os Godos; o inverno os obrigou a levantar o sítio (Sidon., l. III, ep. 7). Mas em 475, o imperador Nepos fez a paz com Eurico e cedeu-lhe Clermont, tendo Sidônio se lamentado amargamente (l. VII, ep. 7): “*Siquidem nostri hic nunc est infelicis anguli status; cujus, ut fama confirmat, melior fuit sub bello quam sub pace conditio. Facta est servitus nostra pretium securitatis alienæ. Arvernorum, proh dolor! servitus: qui, si prisca replicarentur, audebant se quondam fratres Latio dicere, et sanguine ab Iliaco populos computare*” [938] (e, ainda: “...*Tellus... quæ Latio se sanguine tollit alumnam*” [939] - Pangyr. Avit., v. 139) ... “*Hoccine meruerunt inopia, flamma, ferrum, pestilentia, pingues cædibus gladii, et macri jejuniis præliatores!*” [940]

Ecdício, não vendo mais esperança, se retirara para perto do imperador com o título de Patrício (Sidon., l. V, ep. 16; l.

VIII, ep. 7; Jordanes, c. 45). - Eurico relegou Sidônio para o castelo de Livia, a doze milhas de Carcassone, mas ele recuperou a liberdade em 478 ante o pedido de um Romano, secretário do rei dos Godos, e foi reconduzido à sé de Clermont (Sidon. I. VIII, ep. 8). Quando ele morreu (484), houve um luto público: “*Factum est post hæc, ut accedente febre ægrotare cœpisset; qui rogat suos ut eum in ecclesiam ferrent. Cumque illuc inlatus fuisset, conveniebat ad eum multitudo virorum ac mulierum, simulque etiam et infantium plangentium atque dicentium: 'Cur nos deseris, pastor bone, vel cui nos quasi orphanos derelinquis? Numquid erit nobis post transitum tuum vita? ... Hæc et his similia populis cum magno fletu dicentibus...*”[\[941\]](#) (Greg. Tur., I. II, c. 23).

Malgrado a conquista de Eurico, os Arvernos gozaram de uma relativa independência. - Alarico, é verdade, os engajou em sua milícia para combater em Vouglé (507) [\[942\]](#), mas pode-se vê-los, entretanto, eleger sucessivamente para bispos dois amigos dos Francos, duas vítimas das suspeitas dos Arianos, Burgúndios e Godos: em 484, Aprúnculo, cuja vinda o agonizante Sidônio predissera (Greg. Tur., I. II, c. 23) e São Quintiano, em 507, no mesmo ano da batalha de Vouglé.

As grandes famílias de Clermont conservaram também, sem dúvida, uma parte de sua influência. Encontra-se, entre os bispos de Clermont, um Avito “*non infimis nobilium natalibus ortus*” (Scr. fr., II, 220, nota), que foi eleito pela “assembléia de todos os Arvernos” (Greg. Tur., I. IV, c. 35), e foi muito popular (Fortunat., I. III, carm. 26). Um outro Avito é bispo de Viena - Um Apolinário foi bispo de Reims. O filho de Sidônio foi bispo de Clermont após São Quintiano: foi ele quem comandou os Arvernos em Vouglé: “*Ibi tunc Arvenorum populus, qui cum Apollinare venerat, et primi qui erant ex senatoribus, conruerunt.*”

Da passagem seguinte e de algumas outras também, poderíamos induzir que essa família estivera originariamente à testa dos clãs Arvernos:

Greg. Tur., I. III, c. 2: “*Cùm populus (Arvernorum) sanctum Quintianum, qui de Rutheno ejectus fuerat, elegisset, Alchima et Placidina, uxor sororque Apollinaris, ad sanctum Quintianum venientes, dicunt: 'Sufficiat, domine, senectuti tuæ quòd es episcopus ordinatus. Permittat, inquit, pietas tua servo tuo Apollinari locum hujus honoris adipisci...' Quibus ille: ' Quid ego, inquit, præstabo, cujus potestati nihil et subditum: sufficit enim ut orationi vacans, quotidianum mihi victum præstet ecclesia*”[\[943\]](#). Os Avitos, aparentemente, não eram menos poderosos. Sua terra levava seu nome (*Avitacum*. Sidônio nos dá uma longa e pomposa descrição a respeito dela, Carmen, XVIII). Ecdício, o filho de Avito, parece cercado de “devotados”. Sidônio escreveu-lhe (I. III, ep. 3): “*... vix duodeviginti equitum sodalitate comitatus, aliquot millia Gothorum; non minus die quam campo medio (quod difficile sit posteritas creditura) transisti.... cum tibi non daret tot pugna socios, quot solet mensa convivas*”[\[944\]](#). O próprio nome de Apolinário indica, talvez, uma família originariamente sacerdotal - O neto de Sidônio, o senador Arcadius, chamou Childeberto à Auvérnia em prejuízo de Teuderico (530), preferindo, sem dúvida, o domínio do primeiro àquele do amigo de São Quintiano, do bárbaro rei de Metz (Greg. Tur., I. III, c. 9, segs.).

Um Ferréol era bispo de Limoges em 585 (Scr. fr. II, 296). Um Ferréol ocupou a sé de Autun antes de São Leodegário. Sabe-se que a genealogia dos Carolíngios os liga aos Ferréois. Um capitular de Carlos Magno (ap. Scr. fr. V, 744), contém dispositivos favoráveis a um Apolinário, bispo de Riez (a própria Riez se chamava *Reii Apollinares*). - Talvez os Arvernos tenham tido grande parte na influência que os Aquitânios exerceram sobre os Carolíngios. Raoul Glaber atribui aos Aquitânios e aos Arvernos a mesma roupa, os mesmos costumes e as mesmas idéias (I. III, ap. Scr. fr. X, 42).

=====

# Sobre o cativoiro de Luís I

Audite omnes fines terre orrore cum tristitia.  
Quale scelus fuit factum Benevento civitas,  
Lhuduicum comprehendunt, sancto pio Augusto.

Beneventani se adunârunt ad unum consilium,  
Adalferio loquebatur et dicebant Principi:  
Si nos eum vivum dimittemus, certe nos peribimus.

Celus magnum preparavit in istam provintiam:  
Regnum nostrum nobis tollit, nos habet pro nihilum,  
Plures mala nobis fecit, rectum est moriad.

Deposuerunt sancto pio de suo palatio ;  
Adalferio illum ducebat usque ad Pretorium,  
Ille vero gaude visum tanquam ad martyrium.

Exierunt Sado et Saducto, invocabant imperio;  
Et ipse sancte pius incipiebat dicere:  
Tanquam ad latronem venistis cum gladiis et fustibus.

Fuit jam namque tempus vos allevavit in omnibus.  
Modo vero surrexistis adversus me consilium,  
Nescio pro quid causam vultis me occidere.

Generacio crudelis veni interfieere,  
Eclesieque Sanctis Dei vcnio diligere.  
Sanguine veni vindicare quod super terram fusus est.

Kalidus ille temtador, ratum atque nomine  
Coronum Imperii sibi in caput pronet et dicebat Populo:  
Ecce sumus Imperator, possum vobis regero.

Leto animo habebat de illo quo fecerat;  
A demonio vexatur, ad terram ceciderat,  
Exierunt multæ turbæ videre mirabilia.

Magnus Dominus Jesus Christus judicavit iudicium;  
Multa gens paganorum exit in Calabria,  
Super Salerno pervenerunt, possidere civitas.  
Juratum est ad Surete Dei reliquie  
Ipse regnum defendendum, et alium requirere.

“Escutai, fronteiras da terra, escutai com horror, com tristeza, qual crime foi cometido na cidade de Benevento. Eles prenderam Luís, o santo piedoso Augusto.

Os Benevencianos se reuniram em conselho; Adalfieri falava e eles disseram ao príncipe: se nós o devolvermos com vida, todos nós sem dúvida pereceremos.

Ele preparou vinganças cruéis contra essa província: ele nos toma nosso reino, ele nos estima como nada; ele nos destruiu com males: é muito justo que ele pereça.

E esse santo, esse pio monarca, eles o fizeram sair de seu palácio; Adalfieri o conduziu ao pretório e ele, ele parecia se regozijar com sua perseguição como um santo no martírio.

Sado e Saducto saíram invocando os direitos do Império; ele próprio dizia ao povo: vinde a mim como à frente de um ladrão, com espadas e bastões;

Houve um tempo onde vos consolei mas, no presente, conspirastes contra mim, e eu não sei porque desejais me matar

Eu vim para destruir a raça dos infíéis, eu vim para render um culto à Igreja e aos santos de Deus, eu vim para vingar o sangue que fora derramado sobre a terra.

O tentador ousou colocar sobre sua cabeça a coroa do Império; ele disse ao povo: Nós somos imperador, nós podemos vos

governar,

Ele se regozijou de sua obra; mas o demônio o atormentou e o jogou por terra, e a multidão saiu para ser testemunha do milagre.

O grande senhor Jesus Cristo pronunciou seu julgamento: a multidão de pagãos invadiu a Calábria, ela chegou a Salerno para possuir esta cidade.

Mas nós juramos sobre as santas relíquias de Deus defender esse reino e um outro conquistar”.

=====

## Sobre os Colliberts, Cagots, Caqueux, Gesitanos etc

(segundo volume, pag. 31)[\[945\]](#)

Encontra-se, no oeste e no sul da França, alguns destroços de uma população oprimida das quais nossos antigos monumentos fazem frequente menção, e que ainda experimentam um horror e um desgosto tradicionais. Os sábios que procuraram descobrir-lhes a origem não chegaram, até hoje, senão a conjecturas contraditórias, mais ou menos plausíveis, mas pouco decisivas.

Ducange deriva a palavra *Collibert* de *cum* e de *libertus*. “Parece”, ele diz, “que os Colliberts não eram nem escravos, nem livres. O senhor deles podia, é verdade, vendê-los ou dá-los e confiscar-lhes a terra”. - “*Iratus graviter contrà eum, dixi ei quod meus Colibertus erat, et poteram eum vendere vel ardere, et terram suam cuicumque vellem dare, tamquam terram Coliberti mei* (Charta Juelli de Meduana, ap. Carpentier, Supplem. gloss.)”. Eram libertados da mesma maneira que os escravos (vide Tabul. Burgul., Tabul. S. Albini Andegav., Chart. Lud. VI, ann. 1103, ap. Ducange). Enfim, um autor disse:

*Libertate carens Colibertus dicitur esse;  
De servo factus liber, Libertus, etc.*

(Ebrardus Betun., ibid. Vid. Acta pontific. Cenoman., ap. Scr. fr. X, 385). Mas, por outro lado, a lei dos Lombardos conta os Colliberts entre os livres (L. I, tit. 29; l. II, t. 21, 27, 55). Eles eram em geral, sem dúvidas, *servos sob condição*, e em uma situação pouco diferente daquela dos *homines de capite*. O *Domesday Book*[\[946\]](#) os chama *colons*. Nós os vemos sujeitos a frequentes recenseamentos: “De Colibertis S. Cyrici, qui unoquoque anno solvere debent de capite tres denarios” (Liber char. S. Cyrici Nivern., nº 83, ap. Ducange).

É sobretudo no Poitou, no Maine, em Anjou, em Aunis, que se encontra a palavra Colliberts. O autor de uma história da ilha de Maillezais os representa como uma colônia de pescadores que se assentara sobre o Sèvre, dando de seu nome uma etimologia particular: “In extremis quoque insulæ, suprâ Separis alveum quoddam genus hominus, piscando quæritas victum, nonnulla tuguria confecerat, quod à majoribus Collibertorum vocabulum contraxerat. Collibertus à *cultu imbrium* descendere putator”. Ele acrescenta que os Normandos destruíram uma grande quantidade e que ainda se canta a respeito desse evento: “Deleta cantatur maxima multitudo”.

Na Bretanha, eram os *Caqueux*, *Caevas*, *Cacous*[\[947\]](#), *Caquins*. Lê-se, num antigo registro, que eles não podiam viajar pelo ducado senão vestidos em vermelho (D. Lobineau, II, 1350. Marten. Anecd., IV, 1142). O parlamento de Rennes foi obrigado a intervir para ser-lhes dada sepultura. Era-lhes proibido cultivar outros campos com exceção de seus jardins. Mas essa disposição, que condenava aqueles que não tinham terra a morrer de fome, foi modificada em 1477 pelo Duque François.

Na Guiana, eram os *Cahets*; entre os Bascos e os Bearneses, na Gasconha e na Bigorre, os *Cagots*, *Agots*, *Agotas*, *Capots*, *Caffos*, *Crétins*, na Auvérnia, os *Marrons*.

No antigo foral do Béarn, eram necessários sete depoimentos de *Cagots* ou *Crétins* para valer um testemunho (Marca, Béarn, p. 73). Eles tinham, na igreja, uma porta e uma pia-batismal à parte[\[948\]](#), e um édito do parlamento de Bordeaux os proibia, sob pena de flagelo, apresentarem-se em público de outra forma senão calçados e vestidos de vermelho (como na Bretanha). Em 1460, os estados do Béarn pediram a Gastão que fosse proibido aos Cagots caminharem com pés nus nas ruas, sob pena de terem os pés furados com um ferro, e que eles exibissem sobre suas roupas sua antiga marca de um pé de ganso ou de pato. O príncipe não respondeu a esse pedido. Em 1606, os estados de Soule proibiram-lhes o ofício de moleiros (Marca.

Marca deriva a palavra Cagots de *caas goths*, cães godos. Viria, então, dos Godos. Entretanto, o nome de Cagots não se encontra senão na nova codificação dos costumes do Béarn, reformada em 1551, enquanto os antigos forais manuscritos dão aquele de *Chrestiaas*, ou cristãos; no uso comum, são chamados mais frequentemente Cristãos que Cagots. O lugar onde moram se chama o quarteirão dos Cristãos.

Oihenar conjectura que os Cagots eram outrora chamados Cristãos (*Crétins* - Cretinos) pelos Bascos, quando estes ainda eram pagãos. Eram também chamados *pelluti* e *comati*; entretanto, os Aquitânios deixavam igualmente crescerem seus cabelos.

O que ainda poderia fazer considerá-los como os restos de uma raça germânica, é que as famílias *agotes*, entre os Bascos, são geralmente louras e belas. Segundo *M. Barraut*, médico, os Cagots de sua cidade são belos homens louros (*Laboulinière*, I, 89).

Marca pensa que são descendentes dos Sarracenos que permaneceram após a fuga dos infiéis, apelidados, talvez, *Caas-Goths*, por derrição, no sentido de caçadores de Godos. Teriam sido chamados Cristãos na qualidade de novos convertidos. O isolamento onde eles vivem parece lembrar o retiro dos neófitos. É dito, nos atos do concílio de Mainz, capítulo V: “Os neófitos não devem comer com os batizados nem abraçá-los; ainda mais os gentios”. E, por outro lado, uma carta de Bento XII, dirigida em janeiro de 1340 a Pedro IV de Aragão, prova que as habitações dos Sarracenos, como aquelas dos Cagots, estavam situadas em lugares separados: “Soubemos”, disse o Papa, “pela narrativa de vários fiéis habitantes de vossos domínios, que os Sarracenos, que aí estão em grande número, tinham, nas cidades e outros lugares de suas moradas, habitações separadas e cercadas por muralhas para serem distanciados do comércio com os Cristãos e de sua perigosa familiaridade; mas, no presente, esses infiéis estendem seu quarteirão ou o deixam inteiramente e vivem misturados aos Cristãos, às vezes, nas mesmas casas. Eles cozinham no mesmo fogo, servem-se dos mesmos bancos e mantêm comunicações escandalosas e perigosas” (*Vide Laboulière*, I, 82).

A palavra *Crétin* (Cretino), segundo Fodéré (ap. Dralet, t. I), vem de Cristão, bom Cristão, Cristão por excelência, título que se dá a esses idiotas porque, segundo se diz, eles são incapazes de cometer qualquer pecado. Dá-se-lhes, ainda, o nome de Bem-Aventurados e, após sua morte, conserva-se com cuidado suas pás e suas roupas.

Em uma petição que dirigiram em 1514 a Leão X, a respeito dos padres se recusarem a ouvi-los em confissão, eles próprios afirmam serem descendentes dos Albigenses. Entretanto, desde o ano 1.000, os Cagots são chamados Cristãos no Cartulário da abadia de Luc e antigo foro de Navarra. Mas o que vem em apoio de seu testemunho é que, no Delfinado e nos Alpes, os descendentes dos Albigenses são ainda chamados *Caignards*, corrupção de *canards* (patos), pois eram obrigados a usar sobre suas roupas o pé-de-pato do qual se fala na história dos Cagots do Béarn. Rabelais, pela mesma razão, chama de Patos da Sabóia (*Canards de Savoie*) os Vaudeses Savoianos[949].

Os descendentes dos Sarracenos, como Marca, teriam também sido chamados *Gesitanos*, como leprosos, do nome do sírio Giézi, castigado pela lepra em virtude de sua avareza. Os Judeus e os Agarenianos ou Sarracenos acreditavam, segundo os escritores da Idade Média, poder escapar ao fedor inerente à sua raça submetendo-se ao batismo cristão ou bebendo o sangue das crianças cristãs. - O padre Gregório de Rastrenen (*Dicionário Celt.*) diz que *caccod*, em celta, significa *leproso*. Em espanhol: *gafo*, leproso e *gafi*, lepra. O antigo aforamento de Navarra, compilado por volta de 1074, ao tempo do rei Sancho Ramirez, fala dos *Gaffos* e os trata como leprosos. Entretanto, o aforamento de Béarn distingue os Cagots dos leprosos, sendo o porte de arma permitido a estes e defeso àqueles.

De Bosquet, tenente-general no cerco de Narbonne, em suas notas sobre as cartas de Inocente III, acredita reconhecer os *Capots* em certos mercados judeus designados, nos capitulares de Carlos o Calvo, pelo nome de *Capi* (*Capt. ann.* 877, c. 31).

Darlet pensa que foram os doentes de bócio que formaram essas raças. Os primeiros habitantes, ele diz, deveriam ser mais sujeitos ao bócio porque o clima, então, devia ser mais frio e úmido. De fato, encontra-se poucos portadores de bócio sobre a enconsta espanhola: as noites aí são menos frias, há menos geleiras e neves, e o vento sul suaviza o clima. Segundo *M. Boussingault*, essa doença vem do fato de beberem as águas que descem das altas montanhas, onde sofrem uma fraquíssima pressão atmosférica e não podem se impregnar com ar. (Igualmente, vê-se muita “papeira” em Chantilly, pois aí se bebe a água de lençóis subterrâneos, onde a pressão do ar tem pouca ação sobre aquela - *Annal. de Chimie*, février 1832)[950].

De resto, deve-se talvez admitir, por sua vez, as opiniões diversas que relatamos; todos esses elementos entraram, sem



dúvida sucessivamente, nessas raças malditas que parecem os Párias do Ocidente.

## **FIM DO TOMO PRIMEIRO**

**HISTÓRIA DA FRANÇA – J. MICHELET**

# ***TÁBUA DE MATÉRIAS***

## **HISTÓRIA DA FRANÇA - TOMO I** **(até 987 d. C.)**

### **LIVRO PRIMEIRO – TOMO I** **CELTAS – IBEROS – ROMANOS**

#### **CAPÍTULO PRIMEIRO - Celtas e Iberos**

Raça Gaulesa ou Céltica; temperamento simpático; tendência à ação; ostentação e retórica  
Raça Ibérica; temperamento menos sociável, espírito de resistência  
Os Galos expulsam os Iberos e os seguem além dos Pirineus e dos Alpes  
Colônias no sul da Gália  
1º Assentamento dos Fenícios  
2º Assentamento dos Jônios de Focéia. Marselha.  
Invasões célticas no norte da Gália  
1º Invasão e assentamento dos Kymry. Superioridade moral dos Kymry sobre os Galos. Druidismo  
Passagem dos Galos, depois dos Kymry, na Itália. Guerra contra os Etruscos. Luta da Tribo contra a Cidade  
Intervenção dos Romanos. Tomada de Roma  
Reveses dos Gauleses; vitórias da Cidade sobre a Tribo  
2º Invasão dos Belgas ou Bolgas. Seus assentamentos no Languedoc  
Expedição dos Gauleses na Grécia e na Ásia  
Gauleses mercenários  
Insurreição dos Gauleses da Itália, Boios e Insúbios  
222 a. C. - Roma destrói os Boios, depois os Insúbios  
Aníbal desperta os Gauleses  
201-170 a.C. - Ruína dos Boios e Insúbios. A Itália fechada para os Gauleses  
Roma destrói os Gauleses da Ásia ou Gálatos  
Primeira expedição dos Romanos na Gália  
112 a.C. – Invasão dos Cimbrios e Teutões. Derrotas dos Romanos  
102-101 a.C. - Mário. Extermínio dos Teutões e dos Cimbrios

#### **CAPÍTULO II - Estado da Gália no século que precede à conquista – Druidismo – Conquista de César (58-51 antes J. C.)**

Primeira religião dos Galos. Culto da natureza  
Religião dos Kymry, ou druidismo. Dogma moral da imortalidade, as penas e as recompensas  
Ciência druidica. Astrologia, medicina. Samolus, visgo, ovo da serpente  
Sacerdotisas et profetisas. Virgens de Sein. Sacrifícios humanos  
Hierarquia sacerdotal. Druidas, Ovatos, Bardos  
Assembléias dos Druidas no País dos Carnutos  
Impotência do druidismo para fundar uma sociedade. A Gália escapa-lhe. Triunfo do espírito do clã  
César. – situação interior da Gália. Duas facções: 1ª. O partido gálico ou dos chefes de clãs (Arvernos e Sequanos); 2ª o partido kímrico ou do druidismo (Eduos, etc.); hereditariedade e eleição  
Os Sequanos chamam contra os Eduos os Suevos que oprimem uns e outros  
Um Eduo, Dumnorix, chama os Helvécios  
Um Druida, irmão de Dumnorix, chama os Romanos  
58 a. C. - César repele os Helvécios e expulsa os Suevos  
Os Gauleses do Norte se coalizam contra César, chamado pelos Eduos, os Senones e os Rêmes  
57 a.C. - Guerra penosa de César contra os povos da Bélgica  
56 a.C. - Ele subjuga as tribos das margens e a Armórica  
55 a.C. – Era necessário golpear os dois partidos que dividiam a Gália, na Germânia e na Bretanha: 1º César passa o Reno; 2º ele passa à Bretanha  
54-53 a.C. – A insurreição explode na Gália em todas as partes  
Rebelião e extermínio dos Eburões  
52 a.C - Rebelião das duas facções: kímricos e gálicos (Carnutos, Arvernos etc)  
César acorre da Itália, toma Genabum e Noviodunum  
Rebelião dos Eduos  
César sitia na Alésia o Vercingetórix

***CAPÍTULO III - A Gália sob o Império – Decadência do Império –Gália cristã***

César, gênio cosmopolita favorável aos vencidos, deixa os Gauleses entrarem na Cidade  
Antônio, imitador de César. Reção de Otávio; ele repele os Gauleses da Cidade e impõe à Gália a forma romana  
Associação do paganism romano com a religião gálica  
Perseguição do druidismo. A Gália amotinada pelos Trévires e os Eduos  
Calígula, Cláudio, Nero, descendentes de Antônio, favoráveis aos vencidos  
Calígula, nascido em Trêves, institui os jogos do Ródano em Lyon  
Cláudio nascido em Lyon; ele reabre a cidade aos Gauleses  
Perseguição dos Druidas. Submissão da Bretanha  
Nero. A Gália toma partido por Galba e por Vitélio.  
Revoltas de Civilis e de Sabinus contra Vespasiano  
Relações entre Roma e a Gália. Ação recíproca.  
Influência da Gália sobre os destinos do Império. Imperador gaulês.  
Tentativa de um império galo-romano. Posthumius, etc.  
Decadência do Império. A culpa não é dos imperadores e nem da administração.  
O mal incurável da sociedade antiga era a Escravidão  
Substituição dos escravos pelos pequenos agricultores. Extinção gradual e necessária da população escrava  
Nenhuma indústria. A sociedade absorve e nada produz. Miséria universal, fiscalidade intolerável.  
Revolta dos Bagaudes  
Constantino. Esperança do Império  
Despovoamento crescente. Miséria dos Curiais  
Condenação da sociedade antiga  
Todavia, Roma deixa na Gália a ordem civil, a Cidade  
O Cristianismo nela colocou a ordem eclesiástica  
Os monges de São Bento iniciam o trabalho livre  
A nacionalidade gaulesa desperta no cristianismo  
Um Grego funda a mística igreja de Lyon  
Santo Irineu, Santo Hilário, Santo Ambrósio, São Martinho  
Idéia da personalidade livre, lei da filosofia céltica, posta pelo bretão Pelágio.  
Os Pelagianos, discípulos de Orígene. Simpatia do temperamento grego e do gênio gaulês  
Luta de Santo Agostinho contra os Pelagianos  
Semi-pelagianismo da Provença  
O racionalismo dos Pelagianos era prematuro.

***CAPÍTULO IV - Recapitulação - Sistemas diversos - Influência das raças indígenas, das raças estrangeiras - Fontes célticas e latinas da língua francesa - Destino da raça celta***

Sistemas diversos. Uns relacionam todo o desenvolvimento da nacionalidade francesa ao elemento indígena, outros à influência estrangeira  
Erro comum desses dois sistemas exclusivos  
Recapitulação. Gaélicos, Iberos, Kymrys, Bolgos, Gregos e Romanos  
A França resulta do trabalho da liberdade sobre esses elementos  
Não foi exagerada a influência grega e a influência romana?  
É verdade que a língua latina era universal?  
Da língua gaulesa vulgar e da analogia que ela pôde apresentar com os modernos dialetos célticos  
Tenacidade das raças célticas  
Destino infeliz das raças que permaneceram puras  
Gales e Bretanha, Irlanda e Terras-Altas da Escócia

**LIVRO SEGUNDO – TOMO I  
OS ALEMÃES**

***CAPÍTULO PRIMEIRO - Mundo Germânico - Invasão - Merovíngios***

Mundo germânico, flutuante e vago  
Primeira Alemanha ou Alemanha suévica  
A invasão das tribos odínicas (Godos, Lombardos, Burgúndios, Saxões) traz uma civilização mais elevada  
Godos, Lombardos e Burgúndios; chefes militares  
Saxões; Ases, descendentes dos deuses  
Temperamento impessoal da raça germânica  
O heroísmo comum aos bárbaros não teria sido erradamente tomado como o caráter próprio dos Germano?  
Espírito de aventura dos tempos heróicos. Sigurd  
Objetivo das andanças heróicas: o Ouro e a Mulher. Brunilda  
375. Primeira migração dos Bárbaros no Império. Invasão dos Godos.  
383. Rebelião das populações célticas da Gália e da Bretanha. Maximo, Constantino

412. Assentamento dos Godos na Aquitânia. Desorganização da tirania imperial  
413. Assentamento dos Burgúndios no oeste do Jura  
451. Invasão dos Hunos na Gália. Átila  
Resistência dos Godos. Batalha de Châlons. Combate fratricida das tribos germânicas. Retirada dos Hunos  
Civilização romana dos Godos. Ressurreição da tirania imperial  
O clero chama os Francos para a Gália  
A Igreja apóia os Francos católicos contra os Godos e os Burgúndios arianos  
486. Início da invasão Franca. Siágrio vencido  
496. Clóvis. Ele repele as tribos Suévicas (Alemães) e abraça o cristianismo  
507. Vitória dos Francos sobre os Godos  
A invasão franca finaliza a dissolução da organização romana  
511. Os filhos de Clóvis (Teuderico, Clotário, Childeberto e Clodomiro) dividem as conquistas ou, melhor, o exército  
523-534. Guerras contra os Turingios e os Burgúndios  
Morte de Clodomiro. Assassinato de suas crianças  
Expedição de Teuderico na Auvérnia  
539. Expedição de Teudeberto na Itália – Reveses dos Francos  
As tribos germânicas se rebelam contra os Francos  
558-561. Reunião sob Clotário I  
561. Partilha entre os quatro filhos de Clotário (Sigeberto, Chilperico, Gontran e Cariberto)  
Os Francos entregues à influência romana e eclesiástica  
Fredegunda, mulher de Chilperico, rei da Nêustria. Brunilda, mulher de Sigeberto, rei da Ostrásia  
Sigeberto chama os Germanos contra Chilperico; morreu assassinado  
Na Nêustria, tentativa de ressurreição do governo imperial. Fiscalidade opressiva  
584. Assassinato de Chilperico  
Gontran, rei da Borgonha, protege Fredegunda e seu filho Clotário II contra a Ostrásia  
A Gália meridional tenta se dar um rei, Gondovaldo  
Childeberto, rei da Ostrásia, apóia Gondovaldo contra Gontran  
Gontran se reconcilia com Childeberto. Abandono e morte de Gondovaldo  
Morte de Gontran, de Fredegunda e de Childeberto  
Teudeberto II na Ostrásia, Teuderico II na Borgonha, Clotário II na Nêustria  
Vitórias de Teuderico II sobre Teudeberto II. A Ostrásie reunida à Borgonha. Poder de Brunilda  
613. Abandono, derrota e morte de Brunilda  
Vitória da Nêustria, quer dizer, dos Galo-Romanos  
613-638. Clotário II. Dagoberto – Fraqueza real da Nêustria  
Reino da Igreja. A Igreja, asilo das raças vencidas  
Centros eclesiásticos da Gália, Reims e Tours  
A Igreja absorve tudo, se materializa e torna-se bárbara  
O espiritualismo se refugia nos monges  
A reforma vem da igreja celta, esclarecida e florescente  
Chegada de São Columbano  
Regra de São Columbano (morte em 615)  
Impotência dessa reforma  
Dissolução da monarquia nêustria  
Clovis II reúne os três reinos. Minoridade de seus três filhos. Poder dos prefeitos do palácio, Erquinoaldo e Ebroin  
660-681. Luta de Ebroin contra a Ostrásia e a Borgonha. Morte de São Leodegário, 678.  
687. Vitória dos nobres da Ostrásia sobre a Nêustria e o partido popular. Batalha de Tetry  
Degeneração dos Merovíngios

**CAPÍTULO II - Carolíngios - Séculos VIII, IX e X**

Origem eclesiástica dos Carolíngios  
A batalha de Testry alcança e legitima a dissolução  
Impotência de Pepino e da Ostrásia  
715-741. Carlos Martelo. Fisionomia pagã desse chefe dos Francos  
Ele derrota os Nêustrios, os Aquitânios e os Sarracenos  
732. Batalha de Poitiers  
Ele rechaça os Frísios, os Saxões, os Alemães  
Ele despoja o clero  
Depois, ele se reconcilia com a Igreja. Missão de São Bonifácio na Germânia  
751. São Bonifácio, em nome do Papa, sagra rei Pepino  
Guerras de Pepino contra os inimigos da Igreja, Saxões, Lombardos, Aquitânios  
Situação da Aquitânia. Progressos dos Bascos  
Amandus, 628. Poder de seu bisneto Eudes  
Eudes alia-se aos Sarracenos, é vencido por Carlos Martelo  
741. Prisão e derrota de Hunaldo  
745. Guaifer, filho de Hunaldo  
759. Pepino derrota Guaifer e devasta o sul da Gália  
Poder de Pepino fundado sobre o apoio da Igreja  
768. Carlos Magno e Carlomano. Revolta de Hunaldo. Carlos Magno, rei dos Lombardos  
A fraqueza das nações vizinhas, a velhice do mundo bárbaro, a duração dos reinos de Pepino e de seu filho não teriam teriam criado uma ilusão sobre a real grandeza de Carlos?  
A grande guerra foi contra os Saxões. A causa teria sido a iminência de uma invasão?

772. Primeira expedição no Saxe. Carlos fixa sua residência em Aix-la-Chapelle (Aachen)  
775-777. Passagem do Weser. Submissão dos Saxões Angários. Carlos Magno batiza os vencidos em Paderborn  
778. Guerra da Aquitânia e da Espanha. Derrota de Roncevaux  
779. Retomada da guerra do Saxe. Vitória de Buckholz  
Organização eclesiástica do Saxe. Fundação de oito bispados. Tribunais de inquisidores  
782. Viduquind desce do Norte e derrota os Francos em Sonnenthal  
Massacre de Verden. Vitórias de Dethmold e de Osnabruck. Submissão de Viduquind  
Conjuração contra Carlos Magno  
787. Liga dos Bávaros e dos Lombardos  
Guerra contra os Eslavos; o império Franco alarga-se e enfraquece-se. Guerra contra os Avaros  
791. Revolta dos Saxões. Invasão dos Sarracenos  
796-797. Carlos Magno realiza o despovoamento do Saxe  
800. Viagem de Carlos Magno a Roma. O Papa o proclama Imperador  
Pálida representação do Império – Embaixada de Haroun-al-Raschid  
Zelo de Carlos Magno com a cultura das letras latinas e as cerimônias do culto  
Suas mulheres e suas filhas  
Reforma dos monges por São Bento de Aniane  
Literatura pedantesca e vazia  
Preferência de Carlos Magno pelos estrangeiros e as pessoas de baixa extração  
Aparências de administração  
Miséria do Império  
O que pensar da glória legislativa de Carlos Magno?  
Caráter eclesiástico dos Capitulares  
Intervenção de Carlos Magno nas questões de dogma  
A dominação dos Francos se arrasta  
Primeiras aparições do Norte  
O Império, em vão, se coloca em defesa

**CAPÍTULO III – Sequência do Capítulo II**  
**Dissolução do Império Carolíngio**

O império Franco aspira à divisão  
814. Luís reforma os bispos, os mosteiros, o palácio imperial  
Ele se mostra favorável aos vencidos, deseja reparar e restituir  
Insurreição da Itália sob Bernardo, sobrinho de Luís. Suplício de Bernardo  
Rebelião dos Eslavos, dos Bascos, dos Bretões  
Casamento de Luís com Judith  
822. Ele deseja fazer uma penitência pública  
820-829. Incursões dos Normandos (Northmans, Vikings).  
830. Conjuração dos nobres e dos filhos do Imperador, Lotário, Luís, Pepino  
Lotário aprisiona Luís num mosteiro  
Os Germanos o libertam  
833. Lotário volta a ser o senhor de seu pai e impõe-lhe uma penitência pública  
Indignação e rebelião do Império  
834-835. Lotário abandona fuga para a Itália  
839. O Imperador partilha seus estados entre seus filhos  
Ele morre e, com ele, a unidade do Império  
841. Pepino e a Aquitânia unem-se a Lotário contra os reis da Germânia e da Nêustria. Derrota de Lotário em Fontenaille  
842. Aliança e juramento de Carlos e Luís  
Os bispos conferem-lhes o direito de reinar  
843. Partilha do Império. Tratado de Verdun  
O apoio da Igreja faz com que Carlos e Luís prevaleçam sobre Lotário e Pepino  
Poder da Igreja na Nêustria. Reims, a cidade episcopal sob a segunda raça. Laon, a cidade real  
Carlos o Calvo entrega a maior parte do poder à Igreja  
O verdadeiro rei é o arcebispo de Reims, Hincmar.  
O reino da Nêustria era uma república teocrática  
Dois acontecimentos quebram esse governo espiritual e temporal: 1º as heresias; 2º as incursões dos Normandos  
Questão da Eucaristia  
Questão da Predestinação. O alemão Gottschalk  
Hincmar defende o livre arbítrio e chama para sua ajuda João o Escoto  
Os Normandos. Caráter de suas incursões  
Impotência do rei e dos bispos  
Carlos o Calvo distancia-se dos bispos e não se torna senão mais fraco  
875-877. Ele se faz imperador e morre na Itália  
Luís o Gago e seus filhos  
884. Carlos o Gordo reúne todo o império de Carlos Magno  
Sítio de Paris pelos Normandos  
Fraqueza e covardia de Carlos o Gordo  
888. Deposição de Carlos o Gordo. Extinção da dinastia carolíngia  
Fundação das diversas dominações locais; feudalidade  
Os fundadores da feudalidade fecham a França às incursões bárbaras  
Os Normandos renunciam ao banditismo e se estabelecem na França (Normandia)



Ao centro do desmembramento do Império, grandes centros eclesiásticos

As duas família dos Capetos e dos Plantagenetas

A família popular e nacional dos Capetos sucede aos Carolíngios

Carlos o Simples põe-se sob a proteção do rei da Germânia

O partido carolíngio o leva

898. Carlos o Simples reconhecido rei

936. Luís d’Ultramar alia-se ao rei da Germânia, Othon

Oposição de Hugo o Grande, apoiado pelos Normandos

954. Minoridade de Lotário e de Hugo Capeto. Preponderância da Germânia

987. Hugo Capeto. Advento da terceira dinastia

## ESCLARECIMENTOS

- i) Sobre os Iberos ou Bascos
- ii) Sobre as Tradições Religiosas da Irlanda e do País de Gales
- iii) Sobre as pedras célticas
- iv) Tríades da Ilha da Bretanha
- v) Sobre os Bardos
- vi) Sobre a lenda de São Martinho
- vii) Excerto da obra de M. Price sobre as raças da Inglaterra
- viii) Sobre a Auvérnia no século V
- ix) Sobre o cativo de Luís I
- x) Sobre os Colliberts, Cagots, Caqueux, Gesitanos etc

### *Fim da Tábua de Matérias*

---

[1] (N.T): Daniel, capítulo 12, versículo 4: muitos correrão por todas as partes e a ciência se multiplicará.

[2] Eu falo aqui dos escritores que abraçaram a história da França no seu conjunto. Reconhecerei, em tempo e lugar, minhas obrigações relativas àqueles que trataram, com um mérito superior, alguma parte de nossa história política ou literária. Devo destacar, entre outros, os sábios continuadores dos Beneditinos e meus colegas da sociedade dos Antiquários da Normandia. Terei também ocasião de dizer tudo que devo a vários sábios estrangeiros, J. Grimm, Gans etc. O Manual de M. Gieseler me foi da maior utilidade para a história eclesiástica. Falarei dos dois outros, e de alguns de seus compatriotas, no início de meu terceiro volume. – Para não esquecer alguma de minhas obrigações, uma mencionarei de natureza diferente. Vários de meus alunos me secundaram habilmente, particularmente MM. Monin, Duruy, Ravaisson. O último me ajudou com tanto zelo quanto inteligência nas notas, esclarecimentos e índices dos dois primeiros volumes.

Vejam ao fim do segundo volume as circunstâncias pessoais que decidiram esta publicação.

[3] A partir da Wikipédia ([http://fr.wikipedia.org/wiki/Jules\\_Michelet](http://fr.wikipedia.org/wiki/Jules_Michelet))

[4] basicamente, a fonte em inglês foi a tradução inglesa realizada por G. H. Smith, F.G.S, publicada em 1882 pela editora D. Appleton and Company/Nova York, tombada junto à Universidade de Toronto e digitalizada pela organização *Internet Archive* – [www.archive.org](http://www.archive.org) – com fundos da *Microsoft Corporation*. Como foram várias dezenas de notas extraídas a partir desta obra, preferi fazer essa menção particular a ter de citá-la todas as vezes em que as verti para o português.

[5] Συναγαναχλούντες τοῖς ἀδικεῖσθαι δοκοῦσιν αἰετῶν ὠλησίων - Strab., lib. IV, 211

[6] Diodor. Sic., lib. V:... Τοῖσδε σαρκί χόθυγροι καὶ λευχοί - Appian. apud Scriptores rerum Francicarum, I, 462: ὑπό τε ἰδρωῖος καὶ ἄσθματος ... ἐξελεύοντο ταχέως

[7] Plut. in Alex., c. 96. Mesmo longo tempo após a morte de Alexandre, Cassandro, que se tornara rei da Macedônia, passeava um dia em Delfos e examinava as estátuas; tendo percebido, repentinamente, aquela de Alexandre, ele foi de tal forma apanhado pela imagem que estremeceu o corpo inteiro e ficou atordoado.

[8] ... Εἰ μὴ ἄρα ὁ οὐρανὸς αὐτοῖς ἐπιπέσοι - Strab., I, VII.

[9] Aritot. de Morib., I. III, c. 10.

[10] Ælian., I. XII... Ἰὺ μὲν τὰ ξίφη καὶ τὰ δόρατα προσείοιες. Aristot. Eudemior. I. III, c.1: Οἱ Κελτοὶ πρὸς τὰ χόμματα ὅπλα ἀπαντῶσι λαδόντες

[11] Ælian., ibid.

[12] Posidon., I. XXIII, ap. Athen., I. IV, c. 13: Ἄλλοι δ' ἐν θεάτρῳ λαδόντες ἀργύριον ἢ ζρυσίον, οἱ δὲ οἶνον χεραιμίων ἀριθμὸν τινα, καὶ οἰστωσάμενοι τὴν δόσιν, καὶ τοῖς ἀναγκαίῃς φίλοις διαδορησάμενοι, ὕπιοι ἐχθισθέντες ἐπὶ οὐρεῶν χεῖνται παραστῆς δὲ τις ξίφει τὸν λαιμὸν ἀποκόπτει.

[13] Posid. apud. Athen., I. IV, c.13

[14] Diod. Sic., lib. V, p. 306 – Caesar, bell. Gall., lib IV, c.5: *Est autem hoc gallicae consuetudinis, ut et viatores etiam invitos consistere cogant; ... et mercatores in oppidis vulgus circumstat.* (NT: Tal é a curiosidade destes povos, que não só obrigam os viajantes a parar, ainda contra a vontade, para inquirir deles o que ouviram dizer ou sabem, mas o mesmo vulgo cerca os mercadores nas cidades, para dizerem de que terra vêm e o que aí se passa. – fonte: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/cesarPL.html#4>)

[15] Diodor. Sicul., I. IV. Εἰσὶ καὶ ταῖς φωναῖς βραυήχοι, καὶ παντὲς τραχύφωνοι καὶ τὰ δὲ τὸς ὁμιλίας βραχυλόγοι, καὶ ἀνιγμάτιοι καὶ τὸ πᾶν ἄλλ' ἀνιγιόμενοι συνεχδοχικῶς. Πολλὰ δὲ λέγοντες ἐν ὑπερβολαῖς...

[16] ... Ὅσον ἂν χρησθῶν ποιῇσαι τὸ λοιπὸν - Strab., I. IV, ap. Scr. R. fr. I, 30 – Eu não posso deixar esse assunto sem observar como os antigos foram atingidos pelo espírito retórico e o caráter barulhento dos Gauleses. *Nata in vanos tumultus gens* - Tit. Liv., na tomada de Roma (NT: “um povo nascido para tumultos vãos”). Os pregadores públicos, os trompetes, os advogados eram frequentemente Gauleses. *Insuber, id est, mercator et praeco* - Cicer. grgm. or. contra Pisonem (NT: Insúbrio, quer dizer, um vendedor e gritador). Vide também o discurso *pro Fonteio* – *Pleraque Gallia duas res industriosissimè persequitur, virtutem bellicam*

*et argutè loqui* [(Cato in Charisio? Eu cito de memória) NT: A maior parte da Gália persegue duas coisas com muita indústria: a virtude bélica e a sagacidade retórica) . Ἀπειληαί, καὶ τετραγνημένοι. Diodor. Sic. lib. IV.

[17] Strab., l. IV. – Casar, bell. Gall., l. III, c. 20.

[18] É preciso não confundir os Iberos com os seus vizinhos os Cântabros. *Monsieur* W. de Humboldt estabeleceu esta distinção em seu admirável livreto sobre a língua dos Bascos. Vide os Esclarecimentos.

[19] Τριχίνας εἰλοῦσι χνημῖδας – Diodor

[20] Diodor. Sicul., l. V: Χιτῶνας μὲν βαπτίζουσιν, χρώμασι παντοδαποῖς διηνοισμένους, καὶ ἀναξυρίσιν ἐπιποροῦντες δὲ σάγους ῥα βδωτοὺς... πλινθίοις οὐλοανθέναι καὶ σφυγνοῖς διειλημμένους (NT: *Eles vestem túnicas coloridas, estampadas com cores de todos os tipos, e calças e capas, apertadas com fivelas e divididos em muitas praças coloridas*) – Virgil. *Aeneid.*, l. VIII: Virgatis lucent sagulis... (NT: *Eles brilham com suas capas listradas*) – Eu recolhi alhures outras passagens análogas.

[21] Diod. Sicul., l. V: Περὶ τοὺς χερσὶ καὶ τοὺς βραχίονας ψέλλια φοροῦσι περὶ δὲ τοὺς αὐχένους χρίζουσιν παχεῖς ὀλοχρύσους, καὶ δακτυλίου ἀξιολόγους, ἔτι δὲ χρυσοῦς θώρακας. (NT: Eles vestem braceletes e perneiras e envolvem seus pescoços com largas gargantilhas, todos de ouro e ricos anéis de dedo e, mesmo, cotas de malha douradas).

Virgil. *Aeneid.*, l. VIII:

<i>Aurea caesaris ollis, atque aurea vestis</i> .....; tūm lactea colla <i>Auro innectuntur.</i>	Áurea a cabeleira, áureas as vestes, .....; aos lácteos colos; Adornados com ouro (NT)
--	--

[22] Diodor. Sicul., l. V, Scr. fr., I, 310 – Strab. l. IV. – Athen., l. XIII, c. 8 – Nós encontramos mais tarde, entre os Celtas da Irlanda e da Inglaterra, algum traço dos costumes dissolutos da Gália antiga. O doutor Lelan, t. I, p. 14, diz que os irlandeses olhavam o adultério como uma “galanteria perdoável”. O’Halloran, I, 394. – Lanfranc, St. Anselme e o Papa Adriano em sua famosa suma a Henrique II, reprova-lhes o incesto. – Vide Usset., syl. epis. 70, 94, 95. – São Bernardo in. vit. S. Malach., 1932, sqq. Girald. Cambr., 742, 743.

[23] (NT) Rindo, quebravam sua fê (Tito Lívio)

[24] Diodor. Sicul., l. V. – Isidori originum l. IX. – Plin. L. III, c3.

[25] Ibéricos das montanhas. W. de Humboldt. Vide os esclarecimentos.

[26] Vide Am. Thierry, Hist. des Gaulois, I, 10.

[27] Strabon, l. III, IV.

[28] Alh-montanha (língua gaélica); Gor-elevação (basco); W. de Humboldt.

[29] (NT): em francês Col de Tende. Ainda hoje existe, sendo pontuada, em toda a sua extensão, por ruínas de fortes de todas as épocas. Um passeio virtual com o programa Google Earth dá a extensão e a importância do Passo da Tenda (português), Col de Tende (francês e inglês), Coli di Tenda (italiano), Paso de Tenda (espanhol).

[30] Strab., l. XVII: .... Καρχηδονίος δὲ καὶ Ἰαπωνιοῦν, εἴ τις τῶν ξένων εἰς Σαρδῶ παραπλεύσειεν, ἢ ἐπὶ γῆλας. {NT: Os Cartagineses afogavam todos os estrangeiros que encontrassem costeando a Sardenha ou o Estreito (*de Gibraltar*)}

[31] (NT) Massalia: nome grego de Marselha. Sob os romanos, Massilia

[32] Vide em Am. Thierry, t. II, c. 1, a interessante história de Massilia. É uma das partes mais destacadas desta excelente obra. – Quanto à influência das colônias gregas sobre a civilização da Gália, eu tentei mostrar mais à frente como ela fora exagerada.

[33] Appiano (Illyr., p. 1196, et de B. civ., I, p. 625) e Diodoro (lib. V, p. 309) dizem que os Celtas eram Cimérios. – Plutarco (in Mario) dá a entender a mesma coisa. – “Os cimérios”, disse Éforo de Cime (apud Strab. V, p. 375), “habitam os subterrâneos que eles chamam argilas”. A palavra argel quer dizer subterrâneo nas poesias dos Kymry de Gales (W. Archaiol, I, p. 80, 152) – Os Cimbrios juravam por um touro. As armas de Gales são duas vacas. – vários críticos alemães distinguem, todavia, os Cimérios dos Cimbrios e, estes últimos, dos Kymry. Eles vinculam os Cimbrios à raça germânica.

[34] Vide os Esclarecimentos.

[35] (NT) Sigovèse e Bellovèse no original.

[36] Tit. Liv., l. V, c. 34 – Plutarco, in Camillo.

[37] IS, IOS, baixo, inferior. – IS-OMBRIA, Baixa-Úmbria.

[38] Segundo a interpretação de Am. Thierry, I, p. 43. – Tit.-Liv., V, c. 35.

[39] Alguns sábios duvidam mesmo que suas *oppida*, ao tempo de César, fossem outra coisa senão locais de refúgio.

[40] Tit.-Liv., l. V, c. 24. *M. Papirius Gallo barbam suam, ut tūm omnibus promissa erat, permulcenti, scipione eburneo in caput incusso, iram movisse dicitur.* (NT: um Gaulês, passando a mão sobre a barba de Marcus Papirius, que era longa como a de todos naquela época, ele bateu com sua bengala de marfim na cabeça do bárbaro – *a partir do texto em francês em <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/Tite/livre5.htm>*).

[41] Polibo e Suetônio, no meu Hist. Romaine, 1º vol., liv. I, c. 3.

[42] (NT) no original, *Latium*.

[43] Aulus Gell., l. IV, 3. – Tit.-Liv., l. VII, c.10.

[44] Tit.-Liv., l. XXII. *Gladii... Gallis praelongi ac sine mucronibus* (NT: Os Gauleses tem espadas longas, mas sem pontas). – Polyb., l. II. apud Script. r. fr. 1, 167. Τοῖς θυμοῖς χαλὰ τὴν πρώτην ἐφοδόν, ἕως ἂν ἀχέραιον ᾗ, φοδερῶτατόν ἐστι πᾶν τὸ Γαλατικὸν φύλον, αἱ τε μάχαιραι... μὴν ἔχουσι μὲν πρώτην χαλκωρὴν χαίριαν, ἀπὸ δὲ ταύτης εὐθεὶς ἀποξυροῦνται χαμπύμεναι χαλὰ μήκος καὶ χαλὰ πλάτος... (NT: *Pelo espírito que demonstram em seu ataque inicial, a raça gálica, enquanto descansada, é a mais temível. Suas espadas fazem um incisão fatal mas, uma vez usadas, tornam-se cegas e giram ao largo e se achatam*) - verdadeiro símbolo da raça gálica.

[45] Flor., lib. I, c. 13.

[46] Vide mais abaixo.

[47] O ímpeto, a prontidão e a mobilidade das resoluções caracterizam igualmente os *Bolg* da Irlanda, da Bélgica e da Picardia (Bellovaci, Bolci, Bolgæ, Volci etc.), e aqueles do sul (“*midi*”) da França, apesar da diversa mistura das raças. Os Belgas, nas antigas tradições irlandesas, são designados pelo nome de *Fir-Bholg*.

Ausônio (de clar. urb. Narbo.) testemunha que o nome primitivo dos Tectósagos era Bolg: “Tectosagos primævo nomine *Bolgas*”. Cícero lhes dá aquele de *Belgæ*: “Belgarum allobrogumque testimoniis credere non timetis?” (Pro Man. Fonteio). Os manuscritos de César trazem, indiferentemente *Volgæ* ou *Volcæ*. – Enfim São Jerônimo nos ensina que o idioma dos *Tecósagos era o mesmo de Tréveris*, cidade capital da Bélgica. Am. Thierry, I, 131.

[48] Seus últimos conselhos foram seguidos no que tange aos feridos, porque o novo *brenn* fez degolar dez mil homens que não podiam sustentar a marcha; mas ele conservou a maior parte das bagagens. – Diod. Sic., XXII, 870. – Se havia crianças que parecessem mais gordas que outras, ou alimentadas de um leite melhor, os Gauleses, na invasão da Grécia, bebiam seu sangue e se saciavam de sua carne. Pausanias, I. X, p. 650. – Após o combate, os Gregos deram sepultura a seus mortos, mas os Kymry-Galos não enviaram nenhum arauto para reivindicar os seus, pouco se inquietando que eles fossem enterrados ou que servissem de pasto às bestas selvagens e aos abutres. Pausan., I. X, p. 649. – “Em Egéia, eles jogaram ao vento as cinzas dos reis da Macedônia. Plut., Pyrrh., Diod. ex. Val. – Logo que o *brenn* tomou conhecimento, pelos relatos dos desertores, do número das tropas gregas, cheio de desprezo, ele se postou à frente de Heracléia e atacou os desfiladeiros, desde o dia seguinte, ao alvorecer, “sem ter consultado sobre o sucesso futuro da batalha, observa um antigo escritor, qualquer padre de sua nação, nem, à falta desses, qualquer oráculo grego.”. Pausan., I. X, p. 648. Am. Thierry, passim. – O *brenn* disse, em Delfos: “*Locupletes Deos largiri hominibus oportere... eos nullis opibus egere, ut qui eas largiri hominibus soleant*” (NT: Os deuses afortunados devem enriquecer os homens... que eles não precisavam de riquezas, sendo os doadores da riqueza para o homem).” Justin.x XXIV, 6.

[49] Tit.-Liv., I. XXXVIII, c. 16. – Strabon, I. XIII.

[50] Ela abandona quatro mil aos Romanos. Vide Diodoro da Sicília e Frontin, I. III, 16.

[51] Florus, II, 3, trad. de M. Ragon. – O vigor dos Lígures era proverbial: O mais forte Gaulês é abatido pelo mais magro Ligure. Diod., V, 39. Vide também liv. XXXIX, 2. Strabon, IV. Os Romanos tomaram-lhes emprestado o emprego de escudos oblongos, *sculum ligusticum*. Liv. XLIV, 35. Suas mulheres, que trabalhavam nas pedreiras, licenciavam-se um instante quando as dores do parto as tomavam e, após dar à luz, elas retornavam ao trabalho, Strabon, III. Diod., IV. Os Lígures conservavam fielmente seus antigos costumes, por exemplo, aquele de usar cabelos longos. Eram chamados *Capillati*. – Catão diz em Sérvio: “*Ipsi undè oriundi sint, exactâ memoriâ, illiterati, mendaces*” *quæ sunt et vera meminere*” (NT: Eles têm uma perfeita memória de suas origens mas, iletrados e mentirosos, eles não têm memória para a verdade). Nigidius Figulus, contemporâneo de Varrão, fala no mesmo sentido.

[52] Atis e Galatus, segundo os historiadores gregos e latinos. Polyb., II, Vide Améd. Thierry, História dos Gauleses, 1º. vol.

[53] (NT) Ariminum é a atual cidade de Rimini, na Itália.

[54] Vide a passagem de Políbio no cap. V, do livro II do meu *História Romana*.

[55] Polib., liv. II, Am. Thierry, t. I, p. 243.

[56] (NT) *spolia opima*: ricos espólios. O primeiro spolia opima foi ofertado por Rômulo, rei de Roma, após sua vitória sobre os cenomanos.

[57] Vide meu Hist. Romaine, II, início.

[58] (NT) batalha do Lago Trasimeno na segunda guerra púnica

[59] Ibidem

[60] (NT) A legião romana era composta de um número de 4.000 a 5.000 soldados, enquanto um exército consular compunha-se de quatro legiões. Fontes: Wikipedia e [www.tropasdeelite.xpg.com.br](http://www.tropasdeelite.xpg.com.br)

[61] Vide Am. Thierry, II, 164. – Tit.-Liv., epitom., I. LX. – Florus, I. III, c. 2.

[62] (NT) Atual Aix-en-Provence.

[63] (NT) *rotte*: espécie de harpa.

[64] Am. Thierry, II, 169, Appian. Fulv. Ursin.

[65] Paul. Oros., I. V. Fabius... adèo cum parvo exercitu occurrit, ut Bituitus paucitatem Romanorum vix escam canibus, quos in agmine habebat, sufficere posse jactaret.

[66] Cæsar, Bell. Gall., libr. VII, c. 77. *In oppida compulsi, ac inpiâ subacti, eorum corporibus qui ætate inutiles ad bellum videbantur, vitam toleraverunt* (NT: compelidos para a praça e coagidos por penúria, sustentaram a vida com os corpos dos que eram inúteis para a guerra .. – fonte *De Bello Gallico* em <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/cesarPL.html#7>)

[67] (NT) TOLOSA é a palavra latina para a cidade de Toulouse.

[68] Paul. Oros., I. V, c. 16., *Aurum argentumque in flumen abjectum... equi ipsi gurgitibus immersi* (NT: O ouro e a prata foram levados para o rio... os próprios cavalos eram imersos em redemoinhos).

[69] (NT) Caius Marius, nascido em Arpino, no ano 157 a. C e falecido em Roma, no ano 86 a.C

[70] Florus, I. III, Rex Teutobochus, quaternos senosque equos transilire solitus.

[71] (NT) Embora haja algumas explicações para o nome da cidade de Pourrières, é notável que, em francês, *pourrir* significa “apodrecer”, sendo essa uma das origens possíveis (vide “Histoire” em <http://fr.wikipedia.org/wiki/Pourrières>).

[72] Am. Thierry, Hist. des Gaul., 2ª. v., p. 226.

(NT) Ainda hoje, 180 anos após a publicação do livro Prof. Jules Michelet, essas são as armas da cidade de Pourrières.

[73] Florus, I. III c.3. Hi jam (quis crederet?) per hiemen, quæ altiûs Alpes levat, Tridentinis jugis in Italiam provoluti ruinâ descenderant. Plut. c. 22. Τοὺς θυρεοὺς πλάϊς ὑποῖθ'έν'τες τοῖς σώμασιν.

[74] Ibid. In Venetiâ, quo ferè tractu Italia mollissima est, ipsâ soli coelique clementiâ robur elanguit. Ad hoc panis usu carnisque coctæ et dulcedine vini mitigatos...

[75] Plut., c. 37. Θηρίων φοδερῶν χάσμαι ... λόγοις πετρωτοῖς

[76] Florus, I. III. – Plut., in Mar., c. 27. Κοινῶ τοῦ ἀρθέν'Ιος ἀπλέ'Ιου... συναγωνίσασθαι τοῖς Ρωμαῖοις τὸ καὶ τὸν ἥλιον.

[77] Paul. Oros., I. V, c. 16. Consuluerunt consulem, ut si inviolata castitate virginibus sacris ac diis serviendum esset, vitam sibi reservarent. – Florus, I. III. c. 3. Quùm, missà ad Marium legatione, libertatem ac sacerdotium non impetrassent.

[78] (NT) “É assim que se deve viver, é assim que se deve perecer” (fonte: “Germania”, de Públio Cornélio Tácito, traduzida pelo Professor João Penteadó Erskine Stevenson, versões em latim e português disponíveis no sítio <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/germania.html#11>).

[79] (NT) “as mães e as esposas pensam-lhes as feridas; nem se arreceiam de contar ou sugar (curar) as chagas” (Fonte: ibid)

[80] Plin., I. VIII, c. 40. *Canes defendere, Cimbris cæsis, donius corum plaustris impositas* (NT: Após o massacre dos Cimbrios, seus cães defenderam suas casas que eram transportadas em carroças – a partir do texto em francês disponível em <http://remacle.org/bloodwolf/erudits/plineancien/livre8.htm>)

[81] Valer. Max. I. III, c. 7. – Sallust. B. Jug. ad calc.: *Ex eâ tempestate spes atque opes civitatis in illo sitæ* (NT: “A partir de então, ele foi visto como a

esperança e a força do estado) – Vell. Patern. l. II, c. 12: Videtur meruisse ... ne ejus nati rempublicam pœniteret – Florus, l. III, c. 3: *Tàm lactum tamque felicem liberatæ Italiæ assertique imperii nuntium...* *populus Romanus accepit per ipsos, si credere fas est, Deos, etc.* (NT: O povo Romano recebeu a notícia da preservação da Itália e da salvação do império, como se viesse das mãos dos deuses) – Plut. in Mario, p. 421: Οἱ πολλοὶ χρίσιν τε Πώμης τρίτον ἐξείνον εὐηγόρουον ... εὐθούμενοι τε μετὰ παιδῶν καὶ γυναικῶν ἔχαστοι χαλ’ οἶχον, ἅμα τοῖς θεοῖς, καὶ Μαρίῳ δείπνου καὶ λοιδορῆς ἀπήρχοντο.

[82] Maxim. Tyr., Serm. 18. – Senec., Quæst. nat., l. V, c. 17. – Posidon., ap. Strab., l. IV. – P. Oros., l. V, c. 16. Greg. Turon. de Glor. confess., c.5.  
[83] TARANIS, Lucan., l. I. – VOSEGE, Inscript. Grut., p. 94 – PENNIN., l. XXI, c. 38. – ARDOINNE, Inscript. Grut. – GENIO ARVERNORUM, Reines, append. 5 – BIBRACTE, Inscr. ap. Scr. rer., fr. I, 24. – NEMAUSUS, Grut., p. 111, Spon., p. 169 – AVENTIA, Grut., p. 110 – BELENUS, Auson., carni. I Tertull., Apolog. c. 24.

[84] Em um baixo-relevo encontrado sob a igreja de Notre-Dame de Paris, em 1711, via-se Hésus coroado de folhagens, seminu, uma machadinha à mão e o joelho esquerdo apoiado sobre uma árvore que ele corta.

[85] (NT) em português, há as variantes Tutatis ou Toutatis.

[86] A escritura sagrada dos Irlandeses se chamava *Oghaim*, vide Tolland, O’Halloran et Vallancey et Beaufort, em *Collectanea de rebus Hibernicis*, etc.

[87] Vide Cæsar, Bell. Gall., l. VI, c. 17.

[88] Cæs., l. VI, c. 14. Diodor., l. V, p. 306. Val. Max., l. II, c. 9.

[89] Strab., l. VI, p. 197. Αφθάρτους λέγουσι τὰς ψυχὰς καὶ τὸ χόσμον ἐπύχρατῆσθαι δέ ποτε καὶ ὕδωρ. – Casar, l. IV, c. 14. Mela, l. III, c. 2. Amm. Marc. L. XV, c. 9. Val. Max. L. II.

[90] Lucan., l. I. Mela, l. III, c. 2. Vide, ao fim do volume, os esclarecimentos sobre as tradições religiosas dos Galos e dos Irlandeses. Eu reporteí essas tradições; todas recentes que possam parecer, elas trazem um caráter profundamente indígena; o mito do castor e do lago bem possui o ar de ter nascido à época onde nossas regiões ocidentais ainda eram cobertas por florestas e pântanos.

[91] Diod., l. V. p. 306

[92] Mela, l. III, c.2. Val. Max., l. II, c. 9.

[93] Cæs., l. VI, c. 13. Mela, l. III, c. 2. Plin., l. VXi, c. 44.

[94] Cæs., l. VI, c. 18.

[95] Plin., l. XXIV, c. 11. – Ibid.

[96] Ibid.

[97] *Ommia santem* apelantes. Plin., l. XVI, c. 44

[98] Plin., l. XVI, c. 44.

*Quale solet silvis brumali frigore viscum*

*Fronde vivere nova, quod nou sua seminat arbor,*

*Et croceo fœtu teretes circumdare ramos.*

VIRG., Æn., l. VI.

[99] (NT) “manta”: no original “saie”: peça de vestuário de lã que os gauleses usavam entre o manto e a túnica, cobrindo as costas, ombros e peito e que se afivelava abaixo do queixo. Assemelha-se às atuais pelerines.

[100] Plin., l. XXIX, c. 44. Esse pretensio ovo parece não ter sido outra coisa que um equinodermo ou petrificação de um ouriço-do-mar.

Durante o verão, diz Plínio, vê-se reunirem-se, em certas cavernas da Gália, numerosas serpentes que se misturam, se entrelaçam e, com sua saliva juntada à espuma que se destila de suas peles, produzem esta espécie de ovo. Assim que ele está perfeito, eles o levantam e o sustentam no ar por seus sopros; é então que se apoderam dele antes que tenha tocado a terra. Um homem, à espreita deste efeito, se lança, recebe o ovo em um linho, salta sobre um cavalo que o espera e se distancia à toda velocidade, pois as serpentes o perseguem até que ele tenha posto um rio entre elas e ele. Era preciso arrebatá-lo numa certa época da lua, sendo testado com um mergulho na água; se ele emergisse, desde que cercado por um círculo de ouro, ele tinha a virtude de fazer ganhar os processos e de abrir um livre acesso perto dos reis. Os Druidas o carregavam ao pescoço, ricamente engastado, e o vendiam a um altíssimo preço.

[101] Plin., l. XXII, c. 2. Tacit., Annal., l. XIV.

[102] Galli Senas vocant. Mela, l. III, c. 5. (NT): île de Sein, localizada no Oceano Atlântico, próxima da costa da Bretanha.

[103] Strab., l. IV, p.198

[104] Ibid. – Dionys. perieget., v. 565, e seqq.

[105] Fest. Avien. peripl. Dionys. perieg. – Strab., l. IV, p. 198.

[106] Strab., ibid. – Diod., l. V, p. 308

[107] Cæsar, l. VI, c. 16. Strab., l. IV, p. 198.

[108] Assim em Toulouse. Vide mais acima.

[109] (NT) rotte: espécie de harpa.

[110] *Ovates* (ou *vates*), do latim *vatis*, significando “profeta” ou “vidente”

[111] Ο ὃ ἀτεις ιεροποιοι καὶ φουτισιογυ. Strab., l. IV, p. 197. Diod. l. V., p. 308. Amm. Marc. L. XV, c. 9.

[112] *Derw* (címbrico), *Deru* (armoricano), *Dari* (gaélico): *carvalho*.

[113] Diod., l. V, p. 308. Strab., l. IV, p. 197. Amm. Marc., l. XV, c. 9

[114] Cæs., l. VI, c. 14.

[115] Sobre as revoluções da província romana, entre Mário e César, vide Am. Thierry. Uma grande parte da Aquitânia seguiu o exemplo da Espanha e se declarou por Sertório; é da Gália que Lépidio invadiu a Itália. Mas o partido de Sylla o arrebatou. A Aquitânia foi subjugada por Pompeu. Aí ele funda colônias militares em Toulouse, em Biterræ (Béziers), em Narbonne (ano 75) e reuniu todos os banidos que infestavam os Pirineus na sua nova cidade de *Convenæ* (reunião de homens amontoados de todo o país); é Saint-Bertrand de Comminges. O principal agente das violências do partidos de Sylla na Gália fora um Fonteius, que Cícero encontra uma forma de fazer absolver (vide o “Pro Fonteio”). A Gália romana teve tanto sofrimento que os deputados dos Alóbrogos engajaram, imediatamente, sua pátria na conjuração de Catilina. Vide meu “História Romana”.

[116] Suetônio., in J. Cæs., c. 45. Fusse traditur colore candido.

[117] Id. Ibid. Comitali quoque morbo bis inter res gerendas correptus est.



[118] Suet., Plut. passim. – Plin., VII, 25. Um milhão oitocentos e doze mil homens antes das guerras civis. *Sublimitatem omnium capacem quæ cælo continentur, sed proprium vigorem celeritatemque quodam igne volucrem... epistolas tantarum rerum quaternas pâriter librariis dictare, aut sib nihil aliud ageret, septenas*. (NT: Essa grande capacidade de abraçar tudo que está sob o céu, mas com o vigor que lhe era próprio e a celeridade que parecia a do fogo ... ele ditava quatro cartas ao mesmo tempo ou, se não estivesse fazendo nada, até mesmo sete – a partir do texto em francês disponível no sítio internet em <http://remacle.org/bloodwolf/erudits/plineancien/livre7.htm>)

[119] Os Carnutos (Chartres), povo druídico, estavam na clientela dos Remis (Rheims), os Senones (Sens), ligados aos Carnutos e os Parisii, tinham sido vassallos ou clientes dos Eduos (Autun), como, talvez, também os Bituriges (Berry). Cæs., B. Gall., lib. VI, c. 1, e *passim*.

[120] Cæs., I I, c. 16. Vergobretum (ver-go-breith, gaélico, homem para o julgamento), qui creatur annuus et vitæ necisque in suos habet potestatem. – L. VII, c. 33. Legibus Æduorum iis qui summum magistratum obtinerent, excedere ex finibus non liceret... quum leges duo ex unâ familiâ, vivo utroque, non solum magistratus creari vetarent, sed etiam in senatu esse prohiberent. – L. V, c. 7. Esse ejus modi imperia, ut non minus haberet juris in se (regulum?) multitudo, quam se in multitudine... *et passim*.

[121] (NT) Franche-Comté, em francês original.

[122] Strab., liv. VI, p. 192. Ὅθεν αἱ χάλλικαι ταριχεῖαι τῶν ὑέων χρεῶν εἰς τὴν Ῥώμην χαλαιομύζιονται (NT: A partir de então, o mercado Romano tem seu mais fino suprimento de porco salgado).

[123] Cíc., De divin., I

[124] Cæs., I I, c. 28. Cæsar... reductos in hostium numero habuit.

[125] Cæs., I I, c. 36. *Quum vellet, congregaretur; intellecturum quid invicti Germani, exercitissimi in armis, qui inter annos XIV tectum non subiissent, virtute possent*. – César tranquiliza seus soldados (c. 40), lembrando-lhes que na guerra de Spartacus eles já haviam batido os Germanos.

[126] Cæs., I II, c. 30. Os Gauleses dizem sobre o cerco de Genabum: Quibus viribus præsertim homines tantulæ staturæ... tanti oneris turrin collocare confiderent?

[127] É já esse divitiac que explorara o caminho quando César marchava contra os Suevos, I I, c. 41. – Os Germanos não tem Druidas, disse César, I VI., c. 21. (Neque Druides habent... neque sacrificiis student.). Eles eram, ao que parece, os protetores do partido anti-druídico nas Gálias.

[128] Cæs., lib. II, c. 1, et lib. VI, in principio.

[129] Até a expedição da Bretanha, nós vemos o divitiac dos Eduos acompanhar, em todo o lugar, César que, sem dúvida os fazia acreditar que ele restabeleceria na Bélgica a influência do partido eduno, quer dizer, druídico e popular. – L. II, c. 14. Quòd si fecerit, Æduorum auctoritatem apud omnes Belgas amplificaturum, queram auxiliis atqæ opibus, si qua bella inciderint, sustentare consuerint.

[130] Cæs., I III, c. 28. *Duees ii deliguntur qui unâ cum Q. Sertorio omnes annos fuerant, summanque scientiam rei militaris habere existimabantur* (NT: Escolhem para líderes os veteranos que serviram com Sertório em todas as suas campanhas e que supostamente são mestres da ciência militar)

[131] Cíc., De provinc. consularibus: Ille ipse C. Marius... non ipse ad eorum urbes sedesque penetravit.

[132] Cæs., I V, c. 6. Quòd religionibus sese diceret impediri.

[133] Sueton., in J. Cæsare, c. 47: *Britanniam petiisse spe margaritarum... multi prodiderunt* (NT: Foi dito por muitos que ele partira para a Bretanha à procura das pérolas de lá).

[134] Sæpius ob prædam quam ob delictum. Ibid., c. 54.

[135] (NT) Genabum ou Cenabum, depois Aurelianum, onde, hoje, se situa a cidade de Orléans.

[136] Cæs., I VII, c. 3. Nàm, ubi major... incidit res, clamore per agros regionesque significant; hunc alii deinceps excipiunt et proximis tradunt.

[137] Cæs., I VII, c. 4. Igni... necat; leviores de causâ, auribus desectis, defossis oculis, domum remittit.

[138] (NT) É, provavelmente, a cidade de Neung-sur-Beuvron.

[139] Cæs., I VII, c. 15. Pulcherrimam propè totius Galliæ urbem, quæ et præsidio et ornamento sit civitati.

[140] Cæs., I VII, c. 66. Ne ad liberos, ne ad parentes, ne ad uxorem, redditum habeat, qui non bis hostium agmen perequarit.

[141] (NT) Quando da publicação desse primeiro volume, no ano de 1833, havia um consenso geral de que Alésia era a atual cidade de Alise-Sainte-Reine, no monte Auxois, tal como está escrito. Entretanto, após 1855, ocorreram debates entre historiadores e arqueólogos (vide, a respeito, o excelente resumo das controvérsias na Wikipedia, cujo título é *Historiographie du débat sur la localisation d'Alésia*. Pesquisas e escavações realizadas na última década do século XX, cujos resultados foram publicados no ano de 2001, parecem ter resolvido a questão, reconhecendo válido o consenso que imperou até o início dos debates no século XIX.

[142] Plut. in Cæs. – Dio., I XL, ap. Scr. r. fr. I, 513: ... Εἴτε μὲν ὁ ὕδ' ἐν, π' ἐστὼν δ' ἐ γόνυ...

[143] Sueton., in C. J. Cæs., c. 25. In singulos annos stipendii nomen imposuit.

[144] Id. ibid., c. 24. Unam ex transalpinis conscriptam (legionem) vocabulo quoque Gallico (alauda cuim appellabatur)... postea universam civitate donavit.

[145] Plutarco. in Cæs. Ξιφιδίῳ ... ὁ ζεασάμενος αὐτὸς ὕπερον, ἐμειδίασε, καὶ τῶν φίλων χαλεπὲν ἐν χαλεπὸν ἴων, ὁ ὅς ἔιασεν, ἱερὸν ἡγούμενος

[146] Se não se deseja que Alexandre tenha perecido pelo veneno, não se pode negar, ao menos, que ele foi pouco lamentado pelos Macedônios. Sua família foi exterminada em poucos anos.

[147] Os Romanos, disse Santo Agostinho (de Civit. Dei., lib. V, c. 16), não prejudicaram os vencidos senão pelo sangue que derramaram. Eles viviam sob os frangalhos que impuseram aos outros. Todos os súditos do Império se tornaram cidadãos; a gentilha que não tinha terras sobrevivia às expensas do público. Salvo a vã glória, que vantagem tiraram eles de tantas guerras? Suas terras não pagavam tributos? Tem eles algum privilégio de participarem daquilo que outros não poderiam? Não há, mesmo, em outras regiões, senadores que sequer viram Roma?"

[148] É ele quem aconselha César a permanecer sentado quando o Senado, em corpo, se apresentou perante ele. Vide meu História Romana.

[149] Ele criou, no estreito da Mancha, direitos alfândegários sobre o marfim, o âmbar e o vidro. Strabon.

[150] César assentou os veteranos da 10ª legião em Narbonne que, então, tomou os sobrenomes de *Julia*, *Julia Paterna*, *colonia Decumanorum*. – Inscript. ap. Pr. de L'Hist. du Languedoc – Arles, *Julia Paterna Arelate*. – Biterræ, *Julia Bierra*. Scr. fr. I, 135. – Bibracte, *Julia Bibracte*, etc. – Sob Augusto, Nemausus adicionou a seu nome aquele de *Augusta* e recebeu o título de colônia romana; o mesmo se deu em *Alba Augusta*, entre os Hélvios; *Augusta*, entre os Tricastinos. – *Augusto-Nernetum* tornou-se a capital dos Arvernos. – Noviodunum tomou o nome de *Augusta*; Bibracte, de *Augustodunum*, etc. Am. Thierry, III, 281.

[151] Senec. Quæst. natur., I V, c. 17. Aulo-Gélio, I II, c. 22 – Para o Monge de Santo Gallo (Scr. r. fr., V, 132), Circinus é sinônimo de Boreas.

[152] Mela, I III, c. 2: Ut ab ultimis cædibus abstinent, ita nihilominus ubi devotos altaribus admovere, delibant.

[153] Tácito, Annal. I III, c. 40. Tomo aqui emprestada a excelente tradução de M. Burnouf

[154] (NT) Machado-de-guerra (*hache*), machado-de-tronco (*cognée*). As diferenças entre “*hache*” e “*cognée*” são significativas. *Cognée* é um grande, robusto e rústico machado utilizado para cortar troncos de árvores, enquanto o outro (*hache*) é, mais apropriadamente, uma arma de guerra, por ter cabo mais curto, cabeça e lâminas menores e por contar, às vezes, com lâminas duplas e/ou uma ponta para permitir estocadas sendo, portanto, mais leves, mais ágéis, de melhor portabilidade e equilíbrio. Para tentar transmitir ao leitor a diferença, ao primeiro chamei “machado-de-guerra” e ao segundo “machado-de-tronco”. Sobre machados-de-guerra, vide [http://fr.wikipedia.org/wiki/Hache\\_de\\_guerre](http://fr.wikipedia.org/wiki/Hache_de_guerre)

[155] À sua morte, disse Suetônio, *Barbaros ferunt... velut in domestico communique mæore, consensisse ad inducias; regulos quosdam babam posuisse, et uxorum capita rasisse, ad indicium maximi luetûs; regum etiam regem et exercitatione venandi et convictu Megistnum (?) abstinuisse, quod apud Parthos iustitii instar est*. Suetônio, in Calig., c. 5. {NT: Os bárbaros consentiram (uma trégua) como se houvesse uma dor doméstica; em sinal de luto, alguns príncipes cortaram suas barbas e fizeram raspar a cabeça de suas mulheres e que o rei dos reis absteve-se da caça e não admitiu os nobres à sua mesa, fato que, entre os Partos, equivale ao fechamento dos tribunais – fonte: a partir da tradução do texto em francês em <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/suetone/caligula.htm> }

[156] Um Gaulês o contemplava em silêncio. Que vês tu em mim? disse-lhe Calígula. – Um magnífico disparate (μέγα παραλήρημα): o Imperador não o fez punir, e não passava de um sapateiro. Dion. Cass., I. XLIX, apud. Script. r. fr. I, 524.

[157] Dio. Cassius, I. LIX, 656.

[158] Sua viagem pela Gália foi assinalada de uma forma mais honorável; ele fez construir o farol que iluminava a passagem entre a Gália e a Bretanha. Acreditou-se, nos tempos modernos, avistar alguns de seus restos.

[159] Sueton., in Claud., c. 2. Senec., de morte Claudii, ap. Scr. fr. I, 667.

[160] Sueton., in Claud., c. 20.

[161] Tacit., Annal., I XII, c. 37, Dio lib. LX.

[162] Græcas scripsit historias, Tyrrenicon viginti, Carchedoniacos acto, etc. Sueton., in Claud., c. 42

[163] Suet. in Claud., c. 25: *Cum quidam ægra et affecta mancipia in insulam Æsculapii tædio medendi exponerent, omnes qui exponerentur, liberos esse sanxit, nec redire in ditonem domini, si convaluissent; quòd si quis necare mallet quem, quàm exponere, cædis crimine teneri* (NT: Alguns cidadãos, expondo seus escravos na ilha de Esculápio, foi decretado que todos aqueles que fossem expostos seriam livres, em caso de cura; e que se alguém matasse seu escravo ao invés de expô-lo, ele seria culpado de crime de assassinato – a partir do francês em <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/suetone/claude.htm> ).

[164] Vide Tacit., Annal. I. X, c. 24, e meu História Romana.

[165] (NT) Camulodonum situa-se onde hoje se encontra a cidade de Colchester, condado de Essex, na Grã-Bretanha.

[166] Tacit. Annal., I. XIV, c. 29. (NT): a “ilha de Mona” é a ilha Anglesey, situada no extremo noroeste do País de Gales. Para a etimologia e história, vide <http://pt.wikipedia.org/wiki/Anglesey>.

[167] Tacit. Annal., I. XIV, c. 20: ... *Intercursantibus feminis, in modum furiorum, quæ veste ferali, crinibus dejectis, faces præferebant. Druidæque circum, preces diras, sublati ad cælum manibus, fundentes...* (NT: Entre mulheres, que pareciam fúrias, com vestes lúgubres, descabeladas, faces marcadas. Druidas em círculo, dizendo preces horríveis, com as mãos erguidas para o céu... – a partir do texto em francês em <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/tacite/annales14.htm>)

[168] (NT) Boadicéia, também conhecida como Boudica, Boudicca, Budica.

[169] Tacit., Annal. I. XIII, c. 53

[170] Dio Cass., I LXIII, 694. Πρὸς πᾶν ἔργον εὐτολμῶς.

[171] Tacit. Histor., I. I, c. 57, 61. – L. II, c. 69.

[172] Tacit. Histor., I. IV, c. 54. Fatali nunc igne signum cælestis iræ datum, et possessionem rerum humanarum Transalpini gentibus portendi, superstitione vanâ Druidæ canebant.

[173] Ela lhe disse: “Ταῦτα, Καῖσαρ, καὶ ἐγέννησα ἐν τῷ μνημείῳ, καὶ ἔθρεψα, ἵνα σὲ πλείονες ἴξῃ ἱεῖσωμεν.” Dio Cass., I. LXVI.. (NT): “Essas crianças, César, eu as coloquei no mundo e as criei no túmulo a fim que fôssemos mais numerosos para te suplicar” (a partir do texto em francês de E. Gros., disponível em <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/Dion/livre66.htm>).

[174] Strab., I. IV: “Roma submeteu os Gauleses bem mais comodamente que os Espanhóis.” - Discurso de Cláudio, ap. Tacit., Annal. II, c. 14: *Si cuncta bella recenseas, nullum brevior spatio quàm adversùs Gallos confectum: continua indè ac firma pax* (NT: De todas as guerras, descobrirei que nenhuma foi terminada tão brevemente como aquela contra os Galos: doravante, constância e firmar a paz) – Hirtius ad Cæs., I. VIII, c. 49: *Cæsar... defessam tot adversis prælis Galliam, conditione parendi meliore, facile in pace continuit* (NT: César manteve a Gália, abatida por tantas derrotas, dócil na continuação da paz) – Dio C. I. LII, ap. Scr. r. fr. I, p. 520: “Augusto proibiu aos senadores de sair da Itália sem sua autorização; o que se observa ainda hoje; nenhum senador pode viajar se não for para a Sicília ou Narbonense.”.

[175] Strab., I. IV, ap. Scr. fr., I, 9: “Esta cidade tornara os Gauleses tão filelenos, que eles escreviam em grego até as fórmulas dos contratos (...ὥς καὶ τὰ συμβόλαια Ἑλληνικῇ γράφειν), e hoje ela persuadiu os Romanos mais distintos a viajarem para Marselha no lugar de viajarem para Atenas”. - As cidades pagavam com recursos públicos os sofistas e os médicos. Juvenal: “De conducendo loquitur jam rhetore Thule.” – Marcial (I. VII, epist. 87) se felicita de que, em Viena, mesmo as mulheres e as crianças lêem poesias. – As escolas mais célebres eram aquelas de Marselha, de Autun, de Toulouse, de Lyon, de Bordeaux. Foi nesta última que persistiu por mais tempo o ensino do grego.

[176] Strab., ibid. “Entre os Marselheses, não se vê dote acima de cem peças de ouro; não se coloca mais de cinco em um vestido, e outro tanto para ornamento de ouro, τῆς λιτότος καὶ σοφροσύνης τῶν Μασσαλιωτῶν οὐκ ἐλάχιον τεκμήριον.” – Tacit., vit Agric., c. 4: *Arcebat eu (Agricolam) ab inlecebris peccantium, præter ipsius bonam integramque naturam, quod statim parvulus sedem ac magistram studiorum Massiliam habuerit, locum Græcâ comitate et provinciali parcimoniâ mistum ac benè compositum* (NT: A própria predisposição para a ingenuidade de Agrícola o guardou contra as seduções do prazer e manteve este alegre temperamento de prosseguir seus estudos em Marselha, esse trono do aprendizado, onde os refinamentos da Grécia eram felizmente misturados aos costumes parcimoniosos da economia provincial) – Encontra-se em Athenas, I. XII, c. 5, um provérbio que parece contradizer essas autoridades: πλεῖσταις εἰς Μασσαλίαν (NT: “Velejem para Marselha!”).

[177] Plínio cita três que tiveram uma fama prodigiosa no primeiro século; um deles deu um milhão para reparar as fortificações de sua cidade natal.

[178] (NT) sobre Quintus Roscius Gallus, consulte-se a Wikipedia.

[179] Justin., I. XLIII, c. 5: Trogius maiores suos à Voncontiis originem ducere... disit.

[180] Nascido próximo a Marselha. Sidon. Apollinar. carmen XXIII. (NT) Trata-se de Petrônio, autor de Satiricon.

[181] Resta desse Varro uma estrofe notável:

*Marmoreo Licinus tumulo jacet, at Cato parvo,*

*Pompeius nullo. Credimus esse Deos.*

(NT): *Licinus possui um túmulo de mármore, Cato um simples/Pompeius nenhum. Acreditamos nesse Deus?* - Varro é conhecido, em português, como Públio Terêncio Varrão.

[182] Pauca meo Gallo, sed quæ legat ipsa Lycoris,  
Carmina sunt dicenda; neget quis carmina Gallo?  
Gallo cujus amor tantum mihi crescit in horas...  
Virg. Eclog 10.

(NT: Ao meu amigo Gallo, alguns versos,

Que por Lycoris hão de ser lidos

Quem negar poderá versos a Gallo?

Gallo para quem minha ternura todos os dias cresce...) – adaptado a partir da tradução da Écloga X de Virgílio, do livro “Nova Tradução das Eclogas de Virgílio” de A.T.M., Porto, Portugal, 1825, disponível em [books.google.com.br](http://books.google.com.br))

[183] Suet., de illustr. gramm., c. 7: In domo divi Julii, adhuc pueri.

[184] Id. ibid.

[185] (NT) Decimus Valerius Asiaticus

[186] Tacit. Annal., I, XI, c. 1. *Quando genitus Viennæ, multisque et validis propinquitatibus subnixus, turbare gentiles nationes promptum haberet*  
(NT: Tendo nascido em Viena e sendo apoiado por um parentesco numeroso e poderoso, ele sublevaria sem problemas os povos dos quais era compatriota – a partir do texto francês disponível no sítio internet <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/tacite/annales11.htm>)

[187] Dion Cass., I, LIX.

[188] Suet., in Nerone, 2, c. 31. – Plin. I, XXXIV, c. 7. - (NT) O monte Albano é hoje conhecido como Monte Cavo (ponto culminante) e os italianos dão ao conjunto de montanhas o nome de colinas albanas (*colli albani*)

[189] Suet. in Vitell., c. 18.: Cui Tolosæ nato cognomen in pueritiâ Becco fuerat. Id valet gallinacei rostrum. – Bek (Armoricano), Big (Cimério), Gob (Gaélico). Am. Thierry, t. III, 417. (NT): Que era nativo de Toulouse e cognominado Becco em sua infância; o que significa bico de galo (a partir da tradução feita do latim por Maurice Levesque na edição latim-francês de Histoire des Douze Césars, disponível para consulta no Google Books).

[190] Suas famílias, ao menos, eram originárias da Espanha.

[191] (NT) Favorinus foi descrito como tendo nascido hermafrodita.

[192] Philostratus, in Apollon. Thyan., I, V, c. 4. – Dio. Cass., I, LXIX.

[193] Vide sua correspondência com seu aluno na elegante introdução de M. Cassan, que nela anexou excelentes notas sobre a história da literatura latina.

[194] Lugduni genitus. Aureli Victor. Epitome, c. 21. – Dio Cass. Excerpt. ad ann. J-C 69.

[195] (NT) Publius Licinius Egnatius Gallienus (218-268 a.D).

[196] Zozim., I, I – P. Oros., I, VII: Invasit tyrannidem, multo quidem reipublicæ commodo (NT: Ele assumiu a púrpura (tirania) para grande vantagem da república) – Trebell. Pollio, ad. ann. 260: Posthumius... Gallias ab omnibus circumfluentibus barbaris validissimè vindicavit. – Nimius amor erga Posthumium omnium erat in Gallicâ gente populorum, quod sumotis omnibus Germanicis gentibus, romanum in pristinam securitatem revocasset imperium. Ab omni exercitu et ab omnibus Gallis Posthumius gratanter acceptus talem se præbuit per annos septem, ut Gallias instauraverit (NT: Posthumius libertou a Gália, com mão forte, de todos os bárbaros que a cercavam... Foi intensamente amado na Gália por ter expulso as hordas dos Germanos e restaurado ao Império Romano sua anterior segurança. Sendo espontaneamente proclamado imperador pelo exército e pelos Gauleses em geral, ele levou sete anos para reabilitar a Gália). – Lê-se sobre uma medalha de Posthumius: RESTITUTORI GALLIÆ. Script. fr. I, 538.

[197] Aurel. Victor, c. 33 – Treb. Pollio, ad. ann. 260: Quum multis auxiliis Posthumius juvaretur Celtis ac Francicis.

[198] Eutropo, I, IX - P. Oros., I, VII – Aurel. Victor., c. 33.

[199] Vide meu artigo *Zénobie*, na Biografia universal de Michaud.

[200] (NT) o destaque à palavra “tiranos” remete à lista dos “Trinta Tiranos”, da “História Augusta”, que é uma compilação de escritos e textos sobre a biografia dos imperadores romanos, iniciada por Suetônio e seguida por Aelius Spartianus, Julius Capitolinus, Vulcatius Gallicanus, Aelius Lampridius, Trebellius Pollio e Flavius Vopiscus. Vide introdução, em inglês: [http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Historia\\_Augusta/Introduction\\*.html](http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Historia_Augusta/Introduction*.html) - (“Bill Thayer’s Website”).

[201] No caso de Serenus, Tibério se declarou para os acusadores, *contra morem suum* (NT: contra seu gosto, contra seu hábito, contra seu costume), Tácito, Annal., I, IV, c. 30 – *Accusatores, si facultas incideret, pænis afficiebantur*, I, VI, c. 30 (NT: Os acusadores foram punidos por sua vez). – Os bens de um grande número de usurários, tendo sido vendidos em favor do fisco, *“tulit opem Cæsar, dispositio per mensas millies tertio, factaque mutuandi copiam sine usuris per triennium, si debitor populo in duplum prædiis cavisset. Sic reflecta fides”*. Annal., I, VI, c. 17 (NT: César aliviou essa aflição, criando um fundo de cem milhões de sestércios sobre os quais o Estado emprestava sem juros, durante três anos, sob condição do devedor apresentar caução em bens no dobro da soma emprestada) – *Præsidibus onerandas tributo provincias suadentibus, rescriptit: “Boni pastoris esse tondere pecus, non deglubere.”*. Suetônio in Tiber., c. 32. (NT: Ele escreveu aos comandantes das províncias que o aconselhavam a aumentar os impostos: “Um bom pastor deve tosquiar suas ovelhas, e não escorchá-las”) – *Principem præstiti, etsi varium, commodiorem tamen sæpius, et ad utilitates publicas prouorem. Ac primò eatenus interveniebat, ni quid perperam fieret.... Et si quem reorum elabi gratiâ rumor esset, subito aderat, judicesque... religionis et noxæ de quâ cognoscerent, admonerat: atque etiam si qua in publicis moribus desidiâ aut malâ consuetudine labarent, corrigenda suscepit.*, c. 33 (NT: Pouco a pouco ele encena o papel de Príncipe, sempre caprichoso, sem dúvida, mas em geral sábio e em favor do bem público. Ele não intervém senão para impedir o abuso... e se soubesse que alguém quisesa empregar o favor para salvar um culpado, ele repentinamente aparecia no tribunal... lembrando o caráter sagrado das leis e o delito que eles deveriam julgar. Para onde fosse e visse a negligência ou o mal hábito influir sobre os costumes públicos, ele os corrigia) – *Ludorum ac numerum impensas corripuit, mercedibus scenarum rescissis, paribusque gladiatorum ad certum numerum redactis...; adhibendum suppellectili modum censuit. Annonamque macelli, senatûs arbitratu, quotannis temperandam, etc.* – *Et parcimoniam publicam exemplo quoque iuvit*, c. 34 (NT: Ele restringiu as despesas dos jogos e dos espetáculos, reduzindo o salário dos atores e determinando o número de gladiadores... pôs limites aos preços dos móveis e ordenou regular todos os anos, pelo Senado, os preços dos gêneros etc. E para dar exemplo de parcimônia...). – *Neque spectacula omnino edidit*, c. 47. (NT: ele não ordenou nenhum espetáculo) – *In primis tuendæ pacis à grassaturis, ac latrocinii seditio numque licentiâ, curam habuit.*, etc. – *Abolevit et jus moremque asylorum quæ usquàm erant*, c. 37 (NT: Primeiramente, ele procurou fazer com que a paz não fosse perturbada por assassinatos, ladroagens ou sedições etc. – Ele aboliu o direito de asilo em qualquer lugar). – (as traduções desta NT tiveram por base textos em francês disponíveis em <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/tacite/>, <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/suetone/> e [http://www.mediterranees.net/histoire\\_romaine/suetone/index.html](http://www.mediterranees.net/histoire_romaine/suetone/index.html))

[202] *Non defuernt qui peer longum tempus vernis æstivisque floribus tumulum ejus ornarent, ac modò imagines prætextatas in Rostris præferrent, modò edicta, quasi viventis, et brevi magno inimicorum malo reverturi. Quin etiam Vologesus. Parthorum Rex, missis ad senatum legacis de instaurandâ societate, hoc etiam magnoperè oravit, ut Neronis memoria coleretur. Deniquè cùm post vigint annos exstisset conditionis incertæ, qui se Neronem esse*



*jactaret, tàm favorable nomen ejus apud Parthos fuit, ut vehementer adjutus, et vix redditus sit. Suet., in Nerone, c. 57.* (NT: Entretanto, houve pessoas que ornamentaram por muito tempo seu túmulo com flores da primavera e do verão. Que levaram, à tribuna, retratos de Nero, onde era representado em túnica senatorial. O rei dos Partos, Vologésio, tendo enviado embaixadores ao Senado para renovar a aliança, pediu que, acima de qualquer coisa, a memória de Nero fosse honrada. Enfim, vinte anos depois, durante minha juventude, um aventureiro, vangloriando-se de ser Nero, organizou entre os Partos, a quem esse nome era querido, uma facção poderosa e só nos foi entregue a muito custo” – a partir dos textos em francês em <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/suetone/> e [http://www.mediterranees.net/histoire\\_romaine/suetone/index.html](http://www.mediterranees.net/histoire_romaine/suetone/index.html)).

[203] (NT) Dião Cássio. Será mantida o nome latino “Dion Cassius”.

[204] (NT) Aristóteles escreveu, em 330 a.C., como Esopo teria defendido um político corrupto da sua época ao contar a história da “Raposa e o Ouriço”.

[205] *Petitum est à principe cognitionem exciperet: quòd ne reus quidem abnnebat, studia populi et patrum meutens: contrà, Tiberium spernendis rumoribus validum... veraque .... judice aba uno facilius discerni: odium et invidiam apud multos valere... Paucis familiarium adhbitis, minas accusantium, et hinc preces audit, integramque causam ad senatum remittit.* Tacit., Annal, III, c. 10. (NT: Na causa de Piso, acusado de ter envenenado Germânico, Tácito afirma que o pedido foi feito ao imperador de que a causa fosse levada à sua presença. O pedido era perfeitamente agradável para o acusado, que sabia que o senado e o povo já o tinham prejudicado. Tibério, ele sabia, era firme o suficiente para resistir ao clamor popular... Além disso, a verdade, ele pensou, seria melhor investigada perante um juiz singular do que numa assembléia mista, onde a intriga e a violência da facção tão frequentemente prevaleciam... Tibério consentiu ouvir, na presença de alguns poucos amigos, os acusadores e as respostas do réu; e, então, encaminhar tudo para o referendo do Senado).

[206] Messalinus... à primoribus civitatis revincebatur: iisque instantibus ad imperatorem provocavit. Tacit., Annal., I, VI, c. 5. – Vulcatius Tullinus, ac Marcellus, senatores, et Calpurnius, eques romanus, appellato principe instantem damnationem frustrati. Ibid., I, XII, c. 28. – Dois delatores poderosos, Domicio Afer e P. Dolabella, tendo se associado para a perda de Quintilius Varus, “*restitit tamen senatus et opperiendum imperatorem censuit, quod unum urgentium malorum suffugium in tempus erat*” (o Senado parou o progresso da conspiração ordenando que a causa fosse suspensa até o retorno do imperador: a procrastinação sendo o único refúgio dos infelizes), Ibid., I, IV, c. 66.

[207] Allium interpellatum ab adversariis de propriâ lite, negantemque cognitionis rem, sed ordinarii juris esse, agere causam confestim apud se coegit, proprio negotio documentum daturum, quàm æquis iudex in alieno negotio futurus esset. Sueton., in Claudio, c. 5.

[208] Jus diligenter et industriè dixit, plerumque et in foro pro tribunali extrâ ordinem ambitiosas centumvirorum sententias recidit. Suet. in Dom., c. 8.

[209] Quùm judicaret (Adrianus), in consilio habuit, non amicos suos... solum, sed jurisconsultos. Spartian.

[210] Amm. Marcellin., I, XXII, c. 10 – Libanius, orat. parent., c. 90, 91 – São Gregório de Naz., orat. IV.

[211] Tacit., Annal., I, VI, c. 26. *Cocceius Nerva, continuus principis, omnis divini humanique juris sciens* (NT: Cocceius Nerva, sempre ao lado do príncipe, distinto pelo conhecimento das leis, tanto humanas quanto divinas)

[212] Foi encontrada em Antibes a inscrição seguinte:

D.M.  
PVERI SEPTENTRI  
ONIS ANNOR XII QVI  
ANTIPOLI IN THEATRO  
DIDVO SALTAVIT ET PLA  
CVIT

“À alma da criança Septentrion, de doze anos de idade, que embelezou dois dias o teatro de Antibes, dançou e agradou”. Essa pobre criança é, evidentemente, um desses escravos que se educava para alugá-los por altos preços a empreendedores de espetáculos e que pereciam vítimas de uma educação bárbara. Eu não conheço nada de mais trágico que esta inscrição em sua brevidade, nada que melhor faça sentir a dureza do mundo romano.... “Embelezou dois dias o teatro de Antibes, dançou e agradou.”. Nenhum lamento. Não é mesmo, de fato, um destino bem cumprido? Nula menção aos pais; o escravo era sem família. É, ademais, uma singularidade que se lhe tenham erguido um túmulo. Mas os Romanos os erguiam frequentemente para os seus bibelôs quebrados. Nero construiu um monumento “à alma de um vaso de cristal”.

[213] Vide M. Moreau de Jonnés. Tabela do preço médio de mercadorias, de acordo com o édito de Diocleciano encontrado em Estratonice. Um par de *caligæ* (o mais grosseiro calçado) custava 22 francos e 50 centavos; a libra de carne de boi ou de ovelha, 2 francos e 50 centavos; de porco, 3 francos e 60 centavos; o vinho de última qualidade, 1 franco e 80 centavos o litro; uma ave gorda, 45 francos; uma lebre, 33 francos; uma galinha, 13 francos; um cento de ostras, 22 francos, etc...

[214] Tacit., Ann. I, 17. – O Imperador findou por ser obrigado a vestir e a nutrir o soldado. Vide Lamprid., in Alex. Sev., LIII.

[215] Lactant. de m. persecut., c. 7, 23. *Adeò major esse cæperat numerus accipientium quàm dantium... Filii adversùs parentes suspendebantur... – Uma espécie de guerra se estabeleceu entre o fisco e a população, entre a tortura e a obstinação do silêncio. “Erubescit apud eos, si quis non inficiando tributa, in corpore vibices ostendat* (NT: Muitos deles enrubesceriam pois não poderiam exibir as marcas dos açoites recebidos por elidirem o pagamento dos impostos). Amman. Marc. in Comment. Cod. Theod., lib. XI, tit. 7, leg. 3.

[216] Prosper Aquit., in Chronic. *Omnia penè Galliarum servitia in Bagaudam conspiravêre* (NT: Muitos dos escravos Gauleses entraram na conspiração dos Bagaudas) – Ducange, v. BAGAUDÆ, BACAUDÆ: Ex. Paul. Oros., I, 7, c. 15, e Eutrop., I, 9, Hieronymus in Chronico Euseb. “*Diocletianus consortem regni Herculum Maximianum assumit, qui rusticorum multitudine oppressa, quæ factioni suæ Bacaudarum nomen indiderat, pacem Gallis reddit.*” Victor Scotti: “*Per Galliam excita manu agrestium ac latronum, quos Bagaudas incolæ vocant, etc.*” (NT: Diocleciano partilhou a dignidade imperial com Herculus Maximiano que, tendo esmagado a população rural que se rebelara sob o nome de Bagaudas, conseguiu pacificar as Gálias). - Pæcanius Eutropii interpretes Gr. “Σ’Ιασιάζον’Ιος δὲ Γάλλοις τοῦ ἀγροικικοῦ, καὶ Βακαύδας καλοῦν’Ιας τοὺς συνκρο’Ιηθέν’Ιας, ὄνομα δὲ ἔσ’Ι τοῦ’Ιο τυράννου δηλοῦν ἐπιχωρίους...” Βαγεῦειν est vagari apud Suidam. At cum Gallicam vocem esse indicet Aurelius Victor, quid si à *Bagat*, vel *bagad*, quæ vox Armoricis et Wallis, proindre veteribus Gallis, turmam sonat, et hominum collectionem? – Catholicum Armoricum: “*Bagat*, Gall., assembléia, multidão de gentes, tropa. – Cæterum *Baogandas*, sens *Bogaudas* habet prima Salviani editio, na. 1530. – *Baugaredus* vocat liber de castro Ambasiæ, num. 8. *Baccharidas*, Idacius in Chronico, in Diocletiano. – Non desunt, qui Parisiensis vulgò *Badauts* per ludibrium appellant, tanquam à primis Bagaudis ortum duxerint. – Turner, hist. of A. I. *Bagach*, em irlandês é aguerrido. *Bagach*, em erse, é lutando. – *Bagand* in galês é multidão. – São Mauro das Valetas, perto de Paris, chamava-se o castelo dos Bagaudes (le château des Bagaudes). Vide S. Baboleni.

[217] Milliu, vide no sul da França, t. I.

[218] Eumen. de Schol., instaurat.

[219] Sob os reis Réquila e Teodorico.

[220] Salviano. De vero jud. et provid., I, V: Imputamus nomen quod ipi fecimus. Quibus enim rebus aliis Bagaudæ facti sunt, nisi iniquitatibus nostris...

[221] Sext. Aurel. Victor, in Cæsar. ap. Scr. rer. franc. I, 566 – Eutrópio, Hist. Rom., I, IX, ibid, 572.

[222] Schaeplin adota, entretanto, uma outra opinião. Vide sua dissertação: *Constantinus magnus non fuit Britannus*. Bâle, 1741, in-4º

[223] Eumên. Panegírico. ap. Scrip. fr. I, 720. Uma grande parte do território de Autun era sem cultivo.

[224] Cessent jam nunc rapaces offialium manus... Lex Constantin., in Cod. Theod., lib. I, tit. 7, leg. 1ª. – Si quis est cujuscumque loci, ordinis, dignitatis, que se in quemcumque judicum, comitum, amicorum, vel palatinorum meorum, aliquid... manifeste probare posse confidit, quod non integrè, atque justè gessisse videatur, intrepidus et securus accedat; interpellat me, ipse audiam omnia; ... si probaverit, ut dixi, ipse me vindicabo de eo, qui me usque ad hoc tempus simulatà integritate deceperit. Illum autem, qui hoc prodiderit, et comprobaverit, et dignitatisbus et rebus auego. (Ex lege Constantini in Cod. Theod., lib. IX, tit. 1, eg 4ª) – Si pupilli, vel viduæ, allique fortunæ injuria miserabilis, judicium nostræ serenitatis oraverint, præsertim cum alicujus potentiam perhorrescant, cogantur eorum adversarii examini nostro sui copiam facere. Ex lege Constantini, l. I., tit. leg. 2ª – A sextâ indictione ... ad undecimam nuper transactam, tam curiis, quam possessori... reliqua indulgemus: ita ut quæ in istis viginti annis... sive in speciebus, sive pecuniâ... debentur, nomine reliquorum omnibus concedantur: nihil de his viginti annis speret pblicorum cumulus horreorum, nihil arca amplissimæ præfecturæ, nihil utrumque nostrum ærarium. Constantin., in Cod. Theod., lib. XI, tit. 28, leg. 16ª – Quinque annorum reliqua nobis remisisti, disse Eumênio a Constantino (vide Ammian. Marc. in comm. Cod. Theod., lib. XI, tit. 28, leg. 1ª)

[225] *Quisquis colonus plus à domino exigitur, quàm antè consueverat et quàm in anterioribus temporibus exactum esta, adeat judicem,... et facinus comprobet: ut ille qui vincitur ampliùs postulare, quàm accipere consueverat, hoc facere in posterum prohibeatur, priùs reddito quod superexactione perpetrata noscitur extorsisse.* Constant. in Cod. Justinian., lib XI, tit. 49. (NT: Se algum colono tiver alguma renda exigida além daquela que seu senhorio costumava exigir ou que ele estava habituado a pagar, que apele ao juiz e traga sua prova, de forma que aquele, que foi condenado por ter exigido mais do que estava acostumado a receber, possa ser prevenido a não repetir tal ofensa. Este último deverá reembolsar aquilo que for provado excessivo ao devido).

[226] *Apud quemcumque colonus juris alieni fuerit inventus, is non solùm eumdem origini suæ restituat, .... ipsos etiam colonos, qui fugam meditantur, in servilem conditionem ferro ligari conveniet, ut officia quæ liberis congruunt, merito servilis condemnationis compellantur implere* (NT: Onde quer que se encontre abrigado o colono de outrem, este deverá ser devolvido a seu legítimo senhorio... Colonos que tentarem fugir devem ser postos a ferros como escravos e obrigados a fazer o trabalho de homens livres como se escravos fossem), Ex lege Constantini, in Cod. Theod., lib. V, leg. 9ª, l. I. – *Si quis colonus óriginalis, vel inquilinus, antè triginta annos de possessione discessit, neque ad solum genitale,... repetitus est, omnis ab ipso, vel à quo fortè possidetur, calumnia penitùs excludatur;* ... (NT: Se algum colono nascer na propriedade, ou para ela for transferido, se vier a abandoná-la por trinta anos, e não tiver sido reclamado neste período, nenhuma acusação recairá sobre ele ou seu senhorio imediato), Ex lege Hon., et Theod. in Cod. Theod., lib V., tit. 10, leg. 1ª – *In causis civilibus hujusmundi hominum generi adversùs dominos, vel patronos aditum intercludimus, et vocem pegamus; (exceptis superexactionibus in quibus retrò principes facultatem eis super hoc interpellandi præbuerunt)* (NT: Em causas cíveis dos colonos contra seus senhores ou patrões, recusamos acesso e negamos ouvir homens daquela classe (com exceção dos casos de superexação retromencionados, para os quais os príncipes tenham previamente concedido o direito de apelo), Arc. e Hon., in Cod. Justin., lib. XI, tit. 49 – *Si quis alienum colonum suscipiendum, retinendumve crediderit, duas auri libras ei cogatur exsolvere, cujus agros transfugâ cultore vacuaverit: ita ut eumdem cum omni peculio suo et agnitione restituat* (NT: Quem der abrigo a colono fugitivo, deverá pagar duas libras de ouro para aquele que tiver suas terras deixadas sem cultivo e deverá restituir o campo com todos os frutos e rendimentos que não puderam ser auferidos), Theod. e Valent., in Cod. Just., lib. XI, tit. 51, leg. 1ª.

A lei findou por identificar o colono ao escravo: “O colono troca de senhor com a terra vendida”, Valent. Theod. et Arc., in Cod. Justin., lib. XI, tit. 49, leg. 2ª – Cod. Justin., tit. 51. “Que os Colonos sejam ligados pelo direito de sua origem e, bem que pela sua condição, eles pareçam ingênuos, que eles sejam tidos por servos da terra sobre a qual nasceram” – Cod. Justin. tit. 47. Se um colono se esconde ou se esforça em se separar da terra onde mora, que ele seja considerado como tendo desejado se esquivar fraudulentamente de seu patrão, assim como o escravo fugitivo”. Vide o Curso de Guizot, t. IV. – M. de Savigny pensa que a condição deles era, em um sentido, pior do que a dos escravos, pois não havia, em seu entendimento, nenhuma libertação para os colonos.

[227] Pela lei Julia, o solteiro não pode receber nada de um estranho, nem da maior parte de seus afins, com exceção daquele que tomar “concubina, liberorum quærendorum causâ”.

[228] Vide Herodiano.

[229] Probi epist. ad senatum, in Vopisc. Arantur Gallicana rura barbaris bobus, et juga germanica captiva præbent nostris colla cultoribus.

[230] Vide Aurel. Vict. in Cæsar. – Vopisc. ad ann. 281. – Eutrop., l. IX. – Euseb. Chronic. – Sueton., in Domit., c. 7.

[231] Eumen., Panegír. Constant.: Sicut tuo, Maximiane Auguste, nutu Nerviorum et Treverorum arva jacentia letus postliminio restitutus, et receptus in leges Francus excoluit: ita nunc per victorias tuas, Constanti Cæsar invicte, quidquid infrequens Ambiano et Bellovaco et Tricassino solo Lingonicoque restabat, barbaro cultore revirescit.... etc.

[232] Ao menos vinte e sete jugera. (NT) “Jugera” ou “jugada” ou “jeira” é uma antiga medida romana que, na Roma primitiva, ao tempo de Rômulo, equivalia a 0,25 hectares; assim, 27 jugera equivalem a 6,75 hectares . (fonte: Wikipedia em [http://fr.wikipedia.org/wiki/Unités\\_de\\_mesure\\_romaines](http://fr.wikipedia.org/wiki/Unités_de_mesure_romaines) e [http://pt.wikipedia.org/wiki/Unidades\\_de\\_medida\\_da\\_Roma\\_Antiga](http://pt.wikipedia.org/wiki/Unidades_de_medida_da_Roma_Antiga)).

[233] Também não dispõem livremente de seus bens. Eles não podem vender sem autorização (Interpellet judicem.. omnesque causas sigillatim quibus strangulatur, exponat. Cod. Theodos., l. X, tit. 33). O curial que não possui filhos não pode dispor que da quarta parte de seus bens; os outros três quartos pertencem à cúria.

[234] Todavia, a lei é boa e generosa; ela não fecha a cúria nem aos Judeus, nem aos bastardos. “Não é uma nódoa para a ordem, porque importa-lhe estar sempre completa”. Cod. Theod., l. XII, tit. 1. – Spurios .... etc. L. *generaliter* 3, § 2, D., l. L, tit. 2.

[235] Cod. Theod., l. X, t. 31. *Non antè discedat quàm, insinuato júdici desiderio, proficisendi licentiam consequatur* (NT: Não deverá se ausentar sem ter antes insinuado sua vontade ao juiz e obtido sua autorização).

[236] Ibid., l. XII, t. 18. *Curiales omnes jubemus interminatione moneri ne civitates fugiante at descrant, rus habitandi causâ; fundum quem civitati prætulertint scientes fisco esse sociandum, eoque rure esse carituros, cujus causâ impios se, vitando patriam, demonstrârint* (NT: Todos os curiais devem ser severamente advertidos a não deixarem nem abandonem suas cidades pelo campo, sabedores que são que a propriedade de suas cidades é sensível ao Fisco e que eles nada tem a fazer nos campos, contra a segurança do quê eles tem agido de forma ímpia pelo esvaziamento de suas terras pátrias).

[237] L. *si cohortalis* 30, Cod. Theod. l. VIII, t. 4. *Si quis ex his ausus fuerit affectare militiam... ad conditionem propriam retribatur* (NT: Aquele que ousar tornar-se soldado, deverá retornar à condição anterior) – Esta disposição desarmava todos os proprietários.

[238] Quidam ignaviæ sectatores, desertis civitatum muneribus, captant solitudines ac secreta.... L. *quidam* 63, Cod. Theod., l. XII, t. 1 – Nec enim eos aliter, nisi contemptis patrimoniis, liberamus. Quippè animos divinâ observatione devinctos non decet patrimoniorum desideriis occupari. L. *curiales* 104, ibid.

[239] Constantino, in Cod. Justin., l. XI, t. 58, lex. 1. Prædia deserta decurionibus loci cui subsunt assignari debent, cum immunitate triennii.

[240] (NT) *Arpent* é uma antiga medida agrária, herdada dos Gauleses e ainda hoje em uso, seja na França, seja no Québec e em algumas regiões da Lousiana (estado americano de origem francesa) Serve tanto para mensurar o comprimento quanto a superfície (fonte: Wikipedia em <http://fr.wikipedia.org/wiki/Arpent>).

[241] Honorii indulgentiâ Campaniæ tributa, aliquot jugerum velut desertorum et squalidorum... Quingena viginti octo millia quadraginta duo jugera, quæ Campania provincia, juxta inspectorum relationem et veterum monumenta chartarum, in desertis et squalidis locis habere dignoscitur, iisdem provincialibus concessimus, et chartas superflue descriptionis cremari censemus (Arc. et Hon., in Cod. Theod., lib. XI, tit. 28, l. II).



[242] Em 382, uma lei traz: “Seja que todas as províncias reunidas deliberem em comum, seja que cada província queira se reunir em particular, que a autoridade de nenhum magistrado não ponha nem obstáculo, nem retardo às discussões que exige o interesse público.” L. sive integra 9, Cod. Theod., I. XII, t. 12, Vide Raynouard, Hist. do Direito municipal na França (*Historie du Droit municipal en France*), I. 192.

[243] Eis as principais disposições da lei de 418: - I. A assembleia é anual; II. Ela ocorre pelos idos de agosto; III. Ela é composta dos honorários, dos possuidores e dos magistrados de cada província; IV. Se os magistrados da Novempopulani e da Aquitânia, que estiverem distantes, se encontrarem retidos no exercício de suas funções, essas províncias, segundo o costume, enviarão deputados; V. A pena contra os ausentes será de cinco libras de ouro para os magistrados e de três para os honorários e curiais; VI. O dever da assembleia é de deliberar sabiamente sobre os interesses públicos. Ibid. p. 199.

[244] Mamertin. in Panegir. Juliani: *Alicæ, quas à vastitate barbaricæ terrarum intervalla distulerant, iudicum nomine a nefariis latronibus obtinebantur. Ingenua indignis cruciatibus corpora (hacerabantur); nemo ab injuriâ liber... ut jam barbari desiderarentur, ut præoptaretur à miseris fortuna captorum* (NT: Terras, seguras pela distância dos bárbaros, eram tomadas por ladrões desavergonhados que as pleiteavam em julgamentos favoráveis a si. Homens livres eram submetidos a chocantes crueldades; ninguém estava livre da injúria... assim, eram esperados os bárbaros e as desafortunadas pessoas ansiavam a cativez) - P. Oros: *...Ut inveniantur quidam Romani, qui malint inter Barbaros pauperem libertatem, quam inter Romanos tributariam servitutem* (NT: Há romanos que preferem a pobreza com liberdade entre os bárbaros à escravidão tributária entre os romanos) - Salvian. de provid. I. V: *Malunt enim sub specie captivitatis viveri liberi... nomn civium romanorum aliquandò... magno aestimatum... nunc ultrò repudiatur. - Sic sunt ... quales captivi jugo hostium pressi: tolerat supplicium necessitate, non voto: animo desiderant libertatem, sed summan sustinent servitutem. Leviore his hostes, quam exactores sunt, et res ipsa hoc indicat; ad hostes fugiunt, ut vim exactionis evadant. Una et consentiens illic romanæ plebis oratio, ut liceat eis vitam... agere cum barbaris... Nom solum transfugere ab eis ad nos fratres nostri omninò nolunt, sed ut ad eos confugiant, nos reliquunt; et quidem mirari satis non possunt, quòd hoc non omnes ominò faciunt tributarii pauperes, ... nisi quòd una causa tantum est, quâ non faciunt, quia transferre illuc... habitatiunculas familiasque non possunt; nam cum plerique eorum agellos ac tabernacula sua deserant, ut vim exactionis evadant... Nonnulli eorum... qui ... fugati ab exatoribus deserunt, ... fundos majorum expetunt, et coloni divitum fiunt* (NT: Eles desejam antes a cativez nominal com liberdade que a liberdade nominal com cativez. O nome romano, antes altamente prezado, é agora repudiado. Eles vivem como cativos sob o jugo do inimigo, suportando a punição de sua existência de necessidades, mas não de vontades; aspirando à liberdade, mas sofrendo sob uma extrema servidão. Eles temem o inimigo menos que o coletor de impostos: a prova é que eles fogem para o primeiro para evitar o segundo. Em razão disso, o unânime desejo da população romana é bandear-se para viver com os bárbaros. Não somente nossos irmãos declinam fugir deles para nós, mas eles fogem de nós para eles e, de veras, eles ficariam espantados que nossos empobrecidos tributários não seguissem seu exemplo, se não fossem detidos pela impossibilidade de removerem suas famílias e domicílios. Alguns que deixam seus campos e cabanas, sob a pressão da tributação, fogem para as terras dos mais ricos e transformam-se em seus trabalhadores) - *Vide também em Prisco, a história de um grego que buscou refúgio perto de Átila.*

[245] No início do quinto século, Inocente I avança algumas tímidas pretensões, invocando o costume e as decisões de um sínodo: Epist. 2: *Si majores causæ in medium fuerint devolutæ, ad sedem apostolicam, sicut synodus statuit et beat consuetudo exigit, post iudicium episcopale referantur* (NT: Se causas maiores se apresentarem, deverão ser encaminhadas, após o julgamento do bispo, à sé apostólica, como autorizado por um sínodo e exigido pelo santo costume e forma) - Epist. 29: *Patres non humanâ sed divinâ decreverê sententiâ, ut quidquid, quamvisde disjunctis remotisque provinciis ageretur, non prius ducerent finiendum, nisi ad hujus sedis notitiam pervenirent* (NT: Os padres decretam, não animados por si próprios, mas pela divindade, que nenhuma questão seja estimada como resolvida, ainda que surja em distantes e remotas províncias, até que a mesma seja submetida a esta sé). - Disputava-se muito sobre o sentido dessa célebre passagem do Evangelho: *Petrus es etc.* e Santo Agostinho e São Jerônimo não a interpretavam em favor do bispado de Roma. (Agostinho, de divers. Sermão, 108, Id. in Evangelho João, tract. 124. - Hieronym., in Amos 6, 112, Id. adv. Jovin., I. I). Mas Santo Hilário, São Gregório de Nissa, Santo Ambrósio, São Crisóstomo etc. reconheciam os direitos de São Pedro e de seus sucessores. À medida que se avança no século V, vê-se a oposição cair pouco a pouco; os Papas e seus partidários elevam o tom da voz. (Concil. Ephes. ann. 431, actio III: Οὐδενί ἄμφιβόλόν ἐστι, ὁ Ἰησοῦς Χριστός, ὁ ἐξαρχος καὶ κεφαλὴ τῶν ἀποστόλων, ὁ κίον τῆς ἐκκλησίας, ὁ θεμέλιος τῆς καθολικῆς ἐκκλησίας... ὁ Ἰησοῦς ἐως τοῦ νῦν καὶ αἰεὶ ἐν τοῖς αὐτοῦ διαδόχοις καὶ ζῇ, καὶ δικάζει. (NT: Para que ninguém duvide que Pedro é o chefe e líder dos apóstolos, o pilar da fé, a pedra de fundação da igreja católica; que ele, deste dia e para sempre, vive e julga na pessoa de seus sucessores) - Leonis I epist. 10 : *Divinaecultum religionis ita Dominus insti uit, ut veritas per apostolicam tubam in salutem universitatis exiret...* ut (id officium) in B. Petri principaliter collocaret. — Epist. 12 : *Curam quam universis ecclesiis principaliter ex divinâ institutione debemus, etc., etc.)* - Enfim, Leão o Grande tomou o título de chefe da Igreja Universal (Leonis I epist. 103, 97).

[246] Regula S. Bened., c. 48 : *Otiositas inimica est animæ* « A ociosidade é inimiga da alma: assim, os irmãos devem ser ocupados, em certas horas, com os trabalhos manuais; em outras, com as santas leituras. » — Após ter regrado as horas do trabalho, ele acrescenta: “E se a pobreza do lugar, a necessidade ou a colheita dos frutos deixa os irmãos constantemente ocupados, que eles não se aflijam, pois são verdadeiros monges se vivem do trabalho de suas mãos, assim como fizeram nossos pais e os apóstolos.”

Assim, aos Ascetas do Oriente, orando solitariamente no fundo da Tebaida, aos Estilitas, sós em suas colônias, aos Ευχίσται errantes, que rejeitavam a lei, e se abandonavam a todos os desvarios do misticismo desenfreado, sucederam no Ocidente sábias comunidades afeiçoadas ao solo pelo trabalho. A independência dos cenobitas asiáticos foi substituída por uma organização regular, invariável; a regra não foi mais uma compilação de conselhos, mas um código. A liberdade aniquilara-se no Oriente, na quietude do misticismo; ela se disciplinou no Ocidente, ela se submeteu, para se resgatar, à regra, à lei, à obediência, ao trabalho.

[247] Nascido, segundo uns, na nossa Bretanha, segundo outros, nas ilhas britânicas, o que, de resto, nada muda à questão. Basta que ele tenha pertencido à raça céltica.

[248] (NT) Trata-se de Abelardo (Abailard), um dos mais ousados pensadores do século XII e que se envolveu emocional e intelectualmente com sua discípula Heloísa. O autor, no segundo volume, se ocupa tanto de Abelardo, quanto do relacionamento que, passados quase um milênio, ainda inspira almas e corações.

[249] ÆlianusSpartianus, in Pescenn. Nigro: *Pescennius sacra quædam in Galliâ quæ castissimis decernuntur, consensu publico celebranda suscepit* (NT: Pescênio autorizou, com aprovação geral, a celebração de certos ritos sagrados, os quais, na Gália, eram realizados em honra dos mais castos)

[250] Vopisc. in Numeriano : *Cum apud Tungros in Galliâ , quâdam in cauponâ moraretur, et cum Druide quâdam muliere rationem convictûs sui quotidiani faceret, at illa diceret : Diocletiane, nimium avarus, nimium parvus es ; joco , non serio , Diocletianum respondisse fertur : Tunc ero largus, cum imperator fuero. Post quod verbum Druis dixisse fertur : Diocletiane, joci noli : nam imperator crîs , cum Aprum occideris. — Id. in Diocletiano: Dicebat (Diocletianus) quodam tempore Aurelianum Gallicanas consuluisse Druidas, sciscitantem utrum apud ejus posteros imperium permaneret : tum illas respondisse dixit : Nullius clarius in republicâ nomen quam Claudii posteriorum futurum.*

[251] Æl. Lamprid., in Alex. Sever.: *Mulier Druis eunti exclamavit gallico sermone : Vadas, nec victoriam speres, nec militi tuo credas.*

[252] É nesta época, em torno de 177, sob o reino de Marco Aurélio, que se situam as primeiras conversões e os primeiros mártires da Gália. Sulpic. Sever., Hist. sacra, ap. Scr. fr. I, 578. Sub Aurelio ... persecutio quinta agitata ac tum primum intrâ Gallias martyria visa (NT: Sob Aurélio, a quinta perseguição ocorreu e o martírio foi pela primeira vez testemunhado nas Gálias)- Com São Potino morreram quarenta e seis mártires. Gregor. Turonens. de glor. marty., I. I, c. 49. - Em 202, sob Severo, São Irineu, de início bispo de Viena e, após, sucessor de São Potino, sofreu o martírio com nove mil (segundo outros, dezoito mil) pessoas de todos os sexos e idades. - Meio século depois dele, São Saturnino e seus companheiros fundariam sete outros bispados; Passio S. Saturn., ap. Greg. Tur., I. I, c.28: *Decii tempore, viri episcopi ad prædicandum in Gallias missi sunt; ... Turonicis Gatianus, Arelatensibus Trophimus, Narbonæ Paulus, Tolosæ Saturninus, Parisiacis Dionysius, Arvernîs Stremonius, Lemovicinis Martialis destinatus episcopus* - O Papa Zózimo reclama a primazia para Arles. Epist. I, ad Episc. Gall.

[253] (NT) Tendo sobrevivido ao encarceramento, Sta. Blandina foi entregue às bestas que se recusaram a fazer-lhe mal. Ela foi, então, torturada e teve de assistir à morte de seus companheiros. Em seguida, ela foi flagelada, colocada sobre uma grelha fervente, então posta sobre o lombo de um touro que a lançou ao ar com seus chifres. Tendo sobrevivido ao touro, Sta. Blandina ficou sob o gládio. Sta. Blandina é a padroeira da cidade de Lyon. O Anfiteatro das Três Gálias, onde ela sofreu o martírio, foi redescoberto no século XIX e tornou-se objeto de escavações mais dedicadas nas décadas de 50 a 70 do século XX; suas ruínas se integram ao

*Jardin des plantes* de Lyon, podendo ser visitado e venerado.

[254] (NT) São Martinho de Tours, nascido em 316, na Panônia (Hungria) e falecido em 397 na cidade de Candes, na Gália (França). Vide Esclarecimentos.

[255] Quais templos? Eu serei levado a crer que se tratam de templos nacionais, de religiões locais. Os Romanos que penetraram no norte não podem, em tão pouco tempo, ter inspirado nos indígenas uma tal afeição pelos seus deuses. Sulp. Sev., *vita S. Martini*. Vide os Esclarecimentos.

[256] (NT) Magnus Maximus, usurpador romano.

[257] Id. *ibid.* ap. Scr. fr., I, 573. Vide também Greg. de Tours, I, X, c. 31. - Santo Ambrósio, que se encontrava ao mesmo tempo em Tréveris, se juntou a ele (Ambrós., *epist.* 24, 26). São Martinho fundara um convento em Milão, do qual Santo Ambrósio logo ocupou a sede (Greg. Tur., I, X, c. 31). Sabe-se qual resistência Ambrósio opôs aos Milanenses que o chamavam para bispo. Foi necessário também empregar o ardil e quase a violência para fazer São Martinho aceitar o bispado de Tours (Sulp. Sev., *loco citato*). Tais coincidências são curiosas no destino dos dois homens igualmente distintos pela caridade ardente e corajosa.

[258] (NT) “O bom entendimento de Santo Ambrósio com o imperador Teodósio, que se estabeleceu temporariamente em Milão, foi rompido. Em Tessalônica, o governador da cidade fora morto pela população enraivecida porque havia posto a ferros um comediante muito querido da multidão. Num primeiro assomo de ira, Teodósio decretou que todos, sem exceção, fossem passados a fio de espada, num total de sete mil pessoas. Quando o imperador arrependeu-se desse ato, já era tarde.

Santo Ambrósio admoestou-o, proibindo-o de entrar na catedral enquanto não fizesse penitência pública pelo pecado cometido. Na oração fúnebre que fez desse imperador, Santo Ambrósio narra o que seguiu: 'Despojando-se de todo emblema da realeza, ele deplorou publicamente na igreja o seu pecado. Essa penitência pública, da qual os particulares fogem, um imperador não se envergonhou em fazer; nem houve, depois, um dia em que ele não se afligisse por seu erro' - “Santo Ambrósio, ilustre Padre da Igreja”, de Plínio M<sup>a</sup>. Solimeo, revista “Catolicismo” de dez/2009, em [www.catolicismo.com.br](http://www.catolicismo.com.br).

[259] (NT) Ou Zoroastrismo ou Masdaísmo. Religião monoteísta da antiga Pérsia (atual Irã), fundada por Zaratrusta ou Zoroastro (em grego).

[260] Vide os Esclarecimentos.

[261] Euseb. *hist. eccl.*, v. 37. ap. Gieseler's *Kirchengeschichte*, I, 139. Πολυθύλλητον παρὰ τοῖς αἵρεσιώταις ζήτημα τὸ πότεν ἢ κακία (NT: “De onde vem o mal?” É questão muito discutida pelos heréticos); - *Tertuliano de præs. hæret.*, c. 7. *ibid.*: *Eadem materiæ apud hæreticos et philosophos volutantur, iidem retractus implicantur; undè malum et quare? et unde homo e quomodò?* (NT: Os mesmos assuntos são revolidos pelos heréticos e filósofos, as mesmas complexidades são tolamente discutidas de um lado para o outro: “de onde vem o mal e por quê? E de onde vem o homem e como surgiu?”

[262] S. Hieronym. ad Pammach. : *In libro Περὶ ἀρχῶν loquitur :... quod in hoc corpore quasi in carcere sunt animae relegatae, et antequàm homo fieret in Paradiso, inter rationales creaturas in coelestibus commoratae sunt.* (NT: No seu tratado Sobre os Princípios, ele diz que as almas estão confinadas no corpo como em uma masmorra e que elas viviam entre criaturas racionais nos céus, antes que o homem fosse feito no Paraíso) - São Jerônimo reprova-lhe em seguida o fato de alegorizar de tal modo o Paraíso que ele lhe suprime o caráter histórico: *quod sic Paradisum allegoriset ut historiæ auferat veritatem, pro arboribus angelos, pro fluminibus virtutes cælestes intelligens, totamque Paradisi continentiam tropologicâ interpretatione subvertat* (NT: de tal forma alegoriza o Paraíso que o priva de sua verdade histórica, compreendendo-o como árvores de anjos, rios de virtudes celestiais e destruindo toda a compreensão do Paraíso por uma interpretação tropológica). Assim, Orígenes torna inútil, dando uma outra explicação para a origem do mal, o dogma do pecado original e, ao mesmo tempo, ele lhe destrói a história. Ele nega-lhe a necessidade e, depois, a realidade. - Ele dizia também que os demônios, anjos caídos como os homens, viriam ao arrependimento e seriam felizes como os santos (*et cum sanctis ultimo tempore regnatueros*). Logo, esta doutrina, toda estóica, esforçava-se em estabelecer uma exata proporção entre a falta e a pena; ela fazia o homem o único responsável; mas a terrível questão retornava inteira: restava sempre explicar como o mal começara numa vida anterior.

[263] Agostinho, t. XII, Diss. de primis auct. hæ. Pelagianæ.

[264] (NT) Carlos II, rei dos Francos (823-877), filho de Luís I, o Piedoso.

[265] Ele também era chamado Morgan (môr, mar, nas línguas celtas). - Ele tivera por mestre o origenista Rufino, que traduziu Orígenes para o latim (Anastasii epist., ap. Gieseler, I, 372), e publicou em sua defesa uma veemente invectiva contra São Jerônimo. Assim, Pelágio compila a herança de Orígenes.

[266] S. Heronym., præf., l. II, in Jerem.: Tu qui Milonis humeris intumescis. - *Ipse (Rufinus) mutus latrat per Albinum canem (Pelagium), grandem et corpulentum, qui calcibus magis possit sævire quàm dentibus* (NT: O tolo Rufino ladra através do cão de Álbion (Pelágio), grande e corpulento, que mais enfurece por chutar do que por morder).

[267] Santo Agostinho, t. XII, diss. 1ª, de primis auctor. her. Pelag.

[268] “Não pode haver pecado hereditário”, dizia Pelágio, “pois é somente a vontade que constitui o pecado”. “*Quærendum est, peccatum voluntatis an necessitatis est? Si necessitatis est peccatum, non est; si voluntatis, vitari potest.* (Agostinho, de pecc. origin., 14). Logo, ele acrescentava, o homem pode ser sem pecado; é a palavra de Teodoro de Mopsuéstia “*Quærendum utrùm debeat homo sine peccato esse? Procul dubio debet. Si debet, potest. Si præceptum est, potest*” (NT: É questionado se um homem poderia ser sem pecado? Indubitavelmente, poderia. Se poderia, ele pode. Se for ordenado, ele pode); Id. de perfectione justitiæ homin.) - Orígenes também não demandava para a perfeição senão “a liberdade auxiliada pela lei e pela doutrina” (ibidem, XII, 47).

[269] Orígenes, que também negara o pecado original, pensara que a encarnação era uma pura alegoria. Ao menos, tal era-lhe reprovado (Id. ibid. 49, Vide Pamphylus in apol. pro Origen.) - Santo Agostinho bem sentiu a necessidade dessa consequência. Vide o tratado *De naturâ et gratiâ*, t. X., p. 128.

[270] O primeiro que tentou esta conciliação difícil foi o monge João Cassiano, discípulo de São João Crisóstomo, e que rogou ao Papa retirar-lhe o exílio. Ele adiantou que o primeiro movimento em direção ao bem partia do livre arbítrio e que a graça vinha em seguida aclará-lo e sustentá-lo; ele não a considerou, como Santo Agostinho, gratuita e obsequiosa, mas somente eficaz (*Collat. XIII, c. 8: Qui (Deus) cum in nobis ortum quemdam bonæ voluntatis inspexerit, illuminat eam confestim atque confortat, et incitat ad salutem.* - *Apostollus testis est, dicens: Velle adjacet mihi, perficere autem bonum non invenio.*) Ele dedicou um de seus livros a Santo Honorato de Arles que havia, como ele, visitado a Grécia (Gallia Christ. I), e que fundou Lérins, de onde saíam os mais ilustres defensores do semi-pelagianismo. A luta logo se iniciou. São Próspero de Aquitânia denunciara a Santo Agostinho os escritos de Cassiano e ambos se associaram para combatê-lo. Lérins opôs-lhes Vicente e esse Fausto que sustentou contra Claudiano Mamerto a materialidade da alma e que escreveu, como Cassiano, contra Nestorius, etc. Arles e Marselha se inclinavam ao semi-pelagianismo. O povo de Arles expulsa seu bispo, Santo Héros, que perseguia Pelágio, e escolheu, após aquele, Santo Honorato; a Santo Honorato sucede Santo Hilário, seu parente, que sustenta, como ele, as opiniões de Cassiano e foi, como ele, enterrado em Lérins, etc. Genádio escreveu, no nono século, a história do semi-pelagianismo. Vide sobre essa controvérsia as excelentes lições de M. Guizot. A questão não foi posta, em nenhum outro lugar, com mais precisão.

[271] Sidon. Apollin., epist. ad Basil: ... Sacratissimorum pontificum, Leontii, Fausti, etc. - Em 447, Sto Hilário de Arles o obriga a sentar-se, embora simples padre, entre dois santos bispos, o de Fréjus e o de Riez. Hist. literária da França, I, 540.

[272] Gallia Christ, III, 1189. Lérins fora fundada por Sto. Honorato, na diocese de Antibes, ao final do século IV. Sto. Hilário de Arles e São Cesário, Sidônio de Clermont, Enódio de Tésin, Honorato de Marselha, Fausto de Riez, chamam Lérins a “ilha bem-aventurada”, a “terra dos milagres”, a “ilha dos Santos” (deu-se também esse nome à Irlanda), a morada daqueles que vivem em Cristo, etc. (vide também Eucher. ad Hilar., Sid. Apoll. in eucharist., Cæsarius in Hom. XX). Inocente fez reformar esse monastério; ele foi submetido a Cluny, depois a São Victor de Marselha (1366); enfim, a Monte Cassino (1516). “Hoje”, dizem os autores de a Gallia Christiana (1725), “hão restam senão seis religiosos, três dos quais septuagenários”. Lérins tinha fortes relações com S. Victor de Marselha, fundada por Cassiano (cerca de 410). Segundo um contemporâneo, seguia-se em S. Victor as práticas monásticas do Egito (Gall. Christ. II); e Enódio disse de Lérins (de laude Eremi ad Hilar.): “Hæc (Lerina) nunc habet senes illos qui divisis cellulis Ægyptios patres Gallis nostris intulerunt” - Os dois conventos foram um viveiro de livres pensadores.

[273] (NT) Jacques Le Brigant (1720-1804), afirmava que a língua celta não deve nada a nenhuma outra e que o bretão é a língua-mãe de todos os idiomas. Sua divisa: “quem nega a Céltia, nega o universo” (“Celtica negatur, negatur orbis”). Foi, ironicamente, cognominado “Príncipe dos Celtômanos”. Voltaire ria-se dele, de seus excessos e puerilidade. Fonte: Wikipedia.

[274] Eles foram frequentemente maltratados, é verdade, mas bem menos que em outros lugares. Eles tiveram escolas em Montpellier e em diversas outras cidades do Languedoc e da Provença.

[275] Vide mais abaixo.

[276] Independentemente desse liame comum, alguns se devotarão a este homem que os alimenta, que eles amam. Assim nascerão os *devotados* dos Galos e dos Aquitânios. - Cæsar, B. Gall., l III, c. 22. Devoti, quos illi soldurios appellant... Neque adhuc repertus est quisquam qui, eu interfecto, cujus se amicitia devovisset, mori recusaret. - Athenæus, l. VI, c. 13: ...Αδιάτομον τὸν Σωτιανὸν βασιλέα (ἔθνος δὲ τὸ τὸ Κελτίον) ἔξαικίους ἔχειν λογάδας περὶ ἅ τ' ἴον, οὔς καλεῖσθαι ὑπὲρ Γαλαῶν Σιλοδοῦρους, ἐλληνιστὴς ὑποκλιμαίους – Zaldi/Saldi: cavalo na língua basca.

[277] *Mitis Sicamber*. Vide o capítulo seguinte.

[278] M. Champollion Figeac as encontrou até no Delfinado (NT: *Dauphiné: antiga província da França, cuja capital era Grenoble e que hoje corresponde aos departamentos de Isère, Drôme e Hautes-Alpes*). - Encontra-se em Marselha, sob forma cavaleiresca, a tradição do reconhecimento de Ulisses e de Penélope. - Ainda há pouco tempo, a igreja de Lyon seguia os ritos da igreja grega. - Parece que as medalhas celtas, anteriores à conquista romana, oferecem uma grande semelhança com as moedas macedônicas. Caumont, Curso de Antiguidade. monument. I, 219. - Tudo isso não me parece suficiente para concluir que a influência grega tenha modificado profundamente, intimamente, o temperamento gaulês. Antes, eu creio mais na analogia primitiva das duas raças que na influência das comunicações.

[279] Vide mais acima a passagem de Strabon (l. IV, ap. Scr. fr., I, 9).

[280] St. August., de Civ. Dei., l. XIX, c. 7: *At enim opera data est ut imperiosa civitas non solum jugum, verum etiam linguam suam domitis gentibus, per pacem societatis, imponeret* (NT: Os trabalhadores da cidade do império não impuseram apenas seu jugo às nações conquistadas, mas deram-lhes também sua língua para impor um vínculo de paz)

[281] Val. Max., l. II, c. 2: *Magistratus verò prisci, quantopere suam populique romani majestatem retinentes se gesserint hinc cognosci potest, quòd, inter cætera obtinendæ gravitatis indicia, illud quoque magnâ cum perserverantiâ costodiebant, ne Græcis unquam nisi latinè responsa darent. Quin etiam ipsâ linguæ volubilitate, quâ plurimum valent, excussâ, per interpretatem loqui cogeant; non in urbe tantum nostrâ, sed etiam in Græciâ et Asiâ; quo scilicet latinæ vocis honos per omnes gentes verabilior diffunderetur* (NT: Pode-se ter uma idéia da preocupação dos antigos magistrados em preservar sua própria dignidade e aquela do povo de Roma pelo fato de que, dentre outros símbolos de grave autoridade, eles eram muito rigorosos em jamais responder os demandantes Gregos senão em latim. Ou melhor, negando-lhes as vantagens derivadas da plasticidade de sua própria língua, os magistrados os compeliavam a falar através de um intérprete, não somente em nossa cidade mas, mesmo, na própria Grécia e na Ásia, com vistas a espalhar através do mundo um profundo respeito pelo discurso de Roma) – Edward Gibbon\*, diz: “Tão sensíveis eram os Romanos a respeito da influência da língua sobre os costumes nacionais, que era sua mais cara preocupação expandir, com o progresso de seus exércitos, o uso da língua latina (\* esta nota foi tomada emprestada da tradução em inglês feita por G. H. Smith, mencionada na Nota-Préface do Tradutor).

[282] L. *Decreta*, D. l. XLII, t. 1: *Decreta à prætoribus latinè interpon debent.* - Tibério se desculpa perante o Senado de empregar a palavra grega “monopólio”: “... *Adeo ut monopolium nominaturus, prius veniam postulârit quòd sibi verbo peregrino utendum esset; atque etiam in quodam decreto patrum, cum ἐμὸλμα recitaretur, commutandam censuit vocem*” (NT: “... antes de pronunciar a palavra ‘monopólio’, ele começou desculpando-se por utilizar uma palavra

estrangeira; e quando, tendo ouvido num decreto do Senado a palavra “emblemata”, ele foi da opinião que deveriam censurá-la para substituí-la por uma palavra em latim - a partir do texto francês em <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/suetone/tibere.htm>) - Suet. in Tiber., c. 71.

- [283] Dio Cass., l. LX, ed. Reymar, p. 955.
- [284] Suet., in Claud., c. 16: *Splendidum virum, Græciæque provinciæ principem, verùm latini sermonis ignarum* (NT: Ele riscou do quadro de juizes um dos mais ilustres cidadãos da província grega que não sabia o latim - a partir do texto francês em <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/suetone/claude.htm>)
- [285] Strab., l. III, ed. Oxon., p. 202, l. IV, p. 258
- [286] Confess., l. I, c. 14.
- [287] (NT) Marcus Valerius Martialis, poeta latino (40 - 104).
- [288] Martial, l. VII, epist. 87.
- [289] Sid. Apoll., l. II, ep. 9. Roquefort, Glossário da língua Romana, 1808. Vide particularmente sobre esse questão a sábia obra de M. Raynouard, l. I.
- [290] (NT) pato (francês moderno: *canard*).
- [291] Institut. orat., l. VI, c. 3. init.
- [292] Suet., in Vitell., c. 18, ad calcem.
- [293] Digest., l. XXXII, tit. 1 - Desde o oitavo século, o casamento das duas línguas, gaulesa e latina, parece ter dado lugar à formação da língua românica.

No nono século, um Espanhol se fez compreender por um Italiano (Acta SS. ord. S. Ben., sec. III, P. 2ª, p. 258). É nesta língua românica *rústica* que o Concílio de Auxerre proíbe às jovens moças cantar os cânticos misturados de latim e de românico, enquanto que, ao contrário, aqueles de Tours, de Reims e de Mainz (813, 847) ordenam a tradução das preces e homilias; é, enfim, nesta língua, que foi concebido o famoso juramento de Luís o Germânico a Carlos, o Calvo, primeiro monumento de nosso idioma nacional. - O latim e o gaulês devem ter aí entrado, sem sombra de dúvida, seguindo as localidades, em proporções bem diferentes. Um italiano pôde escrever, em torno de 960, que “nossa língua vernacular aproxima-se do latim” (*vulgaris nostra lingua quæ latinitati vicina est* - Martene, vet. Scr., I, 298), o que explica porque a língua vulgar provençal era comum a uma parte da Espanha e da Itália; mas nada nos diz que fora o mesmo com a língua vulgar do centro e do norte da Gália. Gregório de Tours (l. VIII), contando a entrada de Gontran em Orléans, distingue claramente a língua latina da língua vulgar. Em 995, um bispo prega em gaulês (gallicè, Concil. Hardouin, v. 731). O Monge de Santo Galo usa a palavra *veltres* (labradores) como sendo da língua gaulesa (gallica língua). Pode-se ler na vida de São Columbano (Acta SS. sec. II, p. 17):*ferusculam, quam vulgò homines squirium vocant* {NT: um animalzinho selvagem que os homens vulgarmente chamam esquilo (*squirium*)} É curioso ver-se colocar assim, pouco a pouco, em um patoá desprezado, nossa língua francesa.

[294] *Quòd sermonis celtici squaman depositura nobilitas, nunc oratorio stylo, nunc etiam camænalibus modis imbuebatur* (NT: que te foram devedores de os nobres, outrora, terem abandonado a rudez da língua celta para se exercitarem tanto no estilo oratório, quanto nos modos poéticos – a partir do texto em francês em <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/sidoine/lettres3.htm>). Sidon. Apollin. epist. 3, lib. III, ap. Scr. rer. fr. I, 790.

[295] *Alb*, donde: Alpes, Albânia. *Penn*, pico, donde: Alpes Peninos. - *Bardd*, *Βάρδοι*, ap. Strab., l. IV, e Diod., l. V. Bardi, ap. Amm. Marc., l. XV, etc. - *Derwidd* (vide nota 6 do capítulo precedente). Ainda hoje na Irlanda, *Druí* significa mágico; *Druidheacht*, magia; Tolland's letters, p. 58. No País de Gales, chama-se os amuletos de vidros de *gleini na Droedh*, vidros dos Druidas. - *Trimarksia*, de *tri*, três e *marc*, cavalo. Owen's welsh dictionn.. Armstrong's gael diction. “Cada cavaleiro gaulês”, disse Pausânias (l. X, ap. Scr. fr. I, 469) “é seguido de dois servidores que lhe dão, de acordo com a necessidade, seus cavalos; é o que chamam na língua deles Trimarksia (τριμαρκσία), da palavra celta marca.” - A esses exemplos poderíamos acrescentar-lhes muitos outros. Encontra-se o *gæsum* (dardo gaulês) dos autores clássicos nas palavras gálicas *gaisde* (armado); *gaïsg* (bravura) etc. *Cateia*, em *gath-teth* (pronuncia-se ga-tê). A *rotta* ou *chrotta* (Fortunato, VII, 8), no gaélico *cruit*, o cínrico *crwdd* é a *roite* da Idade Média - O *sagum*, na Armórica, *sae*, etc.

[296] Não existe um homem iletrado na Irlanda, Gales e Escócia do Norte que não compreenda (latim, gaélico, galês):

Arma	virumque (ac)	cano	Trojæ	qui	primus	ab	oris
Arm	agg fer	can		pi	pim	fra	or
Arvau	ac gwr	canwyo	Troiaiu	cw	priv	o	or

Ιήνη/Ιηθω	φάος	καί	ἐγενέτο	φάος
G'ennet	pheor	agg	genneth	pheor
Ganed	fawdd	ac y	genid	fawdd

Fiat	lux	et (ac)	lux	facta	fuit
Feet	lur	agg	lur	feet	fet
Tydded	lluch	a	lluch	a	feithied

*Cambro-Bretão, janeiro 1822*

[297] ARDENNÆ: o artigo ar e den (cimo), don (baixo-bretão), domhainn (gaélico), profundo. - ARELATE: ar (sobre) e lath (gaélico), llaeth (cínrico), pântano. - AVENIO: abhainn (gaélico), avon (cínrico), água. - BATAVIA: bat, profundo e ao, água. - GENABUM (Orléans e, igualmente GENEBRA): cen, ponta e ao, água. - MORINI (o Bolonhês): môr, mar. - RHODANUS: rhed - an, rhod-an, água rápida (Adelung, Dicionário gaélico e galês) etc.

[298] Pode-se citar os exemplos seguintes:

<i>Francês</i>	<i>Bretão</i>	<i>Galês</i>	<i>Irlandês</i>	<i>Latim</i>
Bâton (1)	...	...	Batta	Baculus
Bras (2)	...	Braich	...	Brachium
Carriole/ Chariot (3)	Carr	...	Carr	Currus
Chaîne (4)	Chadden	...	Caddan	Catena
Chambre (5)	Cambr	...	...	Câmera
Cire (6)	...	...	Ceir	Cera
Dent (7)	...	Dant	...	Dens
Glaive (8)	Glaif	...	...	Gladus
Haleine (9)	Halan	Alan	...	Halitus
Lait (10)	...	Laeth	Laith	Lac, lactis
Matin (11)	Mintin	...	Madin	Manè/matutinus
Prix (12)	Pris	...	Pris	Pretium



[299] Essas idéias que eu arrisco aqui, encontram sua demonstração completa e invencível na grande obra que *M. Edwards* vai publicar sobre as línguas do ocidente da Europa. Visto que eu topei com o nome de meu ilustre amigo, eu não posso me impedir de expressar minha admiração sobre o método verdadeiramente científico que ele segue por vinte anos em suas pesquisas sobre a história natural do homem. Após ter tomado de início seu objeto do ponto de vista exterior (*Influência dos agentes físicos sobre o homem*), ele a considerou no seu princípio de classificação (*Carta sobre as raças humanas*). Enfim, ele procurou um novo princípio de classificação na *linguagem*, e ele empreendeu tirar da reaproximação das línguas as leis filosóficas da palavra humana. É ter agarrado o ponto por onde se confundem a existência exterior do homem e sua vida íntima.

[300] Bem compreendido (eu já me expliquei) que os germens primitivos são pouca coisa em comparação com todos os desenvolvimentos que deles tirou o trabalho espontâneo da liberdade humana.

[301] Tal terra, tal raça. A idéia da libertação, diz *Turner* (*História dos Anglo-Saxões*, I, 313) entusiasmava os *Kymry* em seu selvagem País de Gales, em seus paraísos de pedras; *stony Wales*, segundo a expressão de *Taliesin*. (NT): *Taliesin* “é o poeta mais antigo da língua galesa cujo trabalho sobrevive” (fonte Wikipedia em [www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org)).

[302] *J. Logan* o Gaélico escocês ou os hábitos Celtas, como preservados entre os *Highlanders*, (“*the scotish Gaël, or Celtic manner, as preserved among the Highlanders*”), 1831; t. II, p. 354: “Os gaélicos observam cuidadosamente que aqueles que levantaram a mão contra as pedras druídicas jamais prosperaram.”

[303] *Logan*, II, 308: CLACH CUID FIR, é erguer uma grande pedra do peso aproximado de duzentas libras e posicioná-la sobre uma outra de quatro pés de altura. Um jovem que seja capaz de fazê-lo é doravante contado como um homem e ele pode, então, vestir uma boina – Não parece, em efeito, que os cromeleques (cromlech) sejam jogos de gigantes?

[304] *W. Von Humboldt*, “Pesquisas sobre a língua dos Bascos”

[305] *Logan*, II, 371.

[306] (NT) *Ossian* foi um famoso e legendário bardo escocês do final do século III. No século XVIII, seu nome viu-se envolvido em uma fraude literária, tendo-lhe sido atribuída a autoria de poemas gaélicos que, traduzidos e publicados em inglês pelo escocês *James MacPherson*, causaram um verdadeiro furor na Europa. Logo, a autenticidade dos poemas foi contestada e, no final do século XIX, a fraude literária foi, enfim, comprovada. No século XX (1952), pesquisas conduzidas por *Derick Thomson* confirmaram que os originais de diversos poemas “gaélicos” referentes ao ciclo ossiânico foram encontrados na casa de *Macpherson* após sua morte. Ainda no século XVIII, o filósofo, ensaísta e historiados escocês *David Hume* escreveu a *Edward Gibbon*, célebre historiador e autor de “Declínio e Queda do Império Romano”, o seguinte: ““*é de facto estranho que qualquer homem de bom senso possa achar possível que mais de 20.000 versos, juntamente com inúmeros factos históricos, possam ter sido preservados por tradição oral durante 50 gerações entre a talvez mais rude das nações europeias, os mais pobres e necessitados, os mais turbulentos e desesperados, quais sejam, os escoceses das highlands*”. (fonte Wikipedia em inglês, francês e português).

Há de se lembrar que o autor, *Jules Michelet*, fez publicar este livro no início dos anos 30 do século XIX, quando a fraude literária ainda não havia sido comprovada.

[307] *Ibid*, 373.

[308] *Logan*, I, 208. - vide também meu IIIº volume.

[309] *Logan*, II, 325. Em todo lugar onde o cristianismo não destruiu os círculos druídicos, eles continuaram a servir de cortes de justiça. - Em 1380, *Alexandre*, lorde de *Stewart Badenach*, mantém corte nas pedras levantadas (the Standing Stones) do conselho de *Kingsule*. - Um cânon da igreja escocesa proíbe que se mantenha cortes de justiça nas igrejas.

[310] Vide os Esclarecimentos.

[311] (NT) *Vert galant*, no original, é uma expressão literária que designa um homem ainda solícito em relação às mulheres, apesar de sua idade relativamente avançada. Foi também usada para designar o rei *Henrique IV* (*Henrique de Navarra*), como tal reproduzida na música de 1590 “La Marche d’Henri IV”, também conhecida como “Vive Henri IV” ou “Vive le roi Henri” – vide em [http://en.wikipedia.org/wiki/Marche\\_Henri\\_IV](http://en.wikipedia.org/wiki/Marche_Henri_IV) e ouça em [www.youtube.com](http://www.youtube.com))

[312] *Guillelm. Pictav.*, ap. *Scr. Fr.* XI, 88: “A confiança de *Conan II* era sustentada pelo incrível número de gente de guerra que seu país lhe fornecia; pois é preciso saber que nesse país, ademais bem vasto, um só guerreiro procria outros cinquenta já que, libertados das leis da honestidade e da religão, eles tem, cada um, dez mulheres e ,mesmo, mais que isso.” - O conde de *Nantes* diz a *Luis o Piedoso*\*: ... *Coeunt frater et ipsa soror* (NT: “coitam irmão e irmã), etc. *Ermold. Nigellus*, I, III, ap. *Scr. fr.* VI, 52 - *Hist. Brit. Armoricae*, *ibid*, VII, 52: *Sorores suas, neptes, consaguineas, atque alienas mulieres adulterantes, nec non et hominum, quod pejus est, interefectores... diabolici viri* - César dizia dos Bretões da grande Bretanha: *Uxores habent deni duodeniquie inter se communes, et maximè fratres cum fratribus et parentes cum liberis. Sed si qui sunt ex his nati, eorum habentur liberi, à quibus primùm virgines quæque ductæ sunt* (NT: As mulheres são comuns entre eles aos dez, e aos doze, principalmente a irmãos com irmãos, e a pais com filhos; mas os filhos delas pertencem àqueles que primeiro as receberam\*\*) *Bell. Gall*, I, V, c. 14 - Vide também a carta do sínodo de *Paris a Nominoë* (849), ap. *Scr. fr.* VII, 504, e aquela do concílio de *Savonnières* aos Bretões (859), *ibid*. 584.

\* (NT): *Luis I*, também conhecido como *Luis o Piedoso* ou *Luis o Debonário* (“de bom ar” - *Débonnaire*). O autor usa, com frequência, o cognome *débonnaire* mas, para a tradução, será invariavelmente utilizado epíteto “o Piedoso” ou “*Luis I*”. Embora haja, no texto, o cognome “santo”, não se trata de *São Luis*, que foi o rei *Luis IX*. Quando o autor se refere a *Luis I* como “santo”, o faz de forma minúscula; talvez para diferenciá-lo do *Santo (São) Luis* reconhecido como tal pela Igreja Católica.

\*\* Fonte: “*De Bello Gallico*”, de *Caius Julius César*, traduzida por *Francisco Sotero dos Reis*, versões em latim e português disponíveis no sítio <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/cesarPL.htm#5XIV>.

[313] *Ducange*, *Glossarium*: Dizia-se *Bretão* como sinônimo de soldado, andarião, salteador. *Guibert. de laude B. Mariæ*, c. 10. *Charta ann. 1395: Per illas partes transierunt gentes armorum, Britones et pillardi, et amoverunt quatuor jumenta* (NT: Por essas partes, passavam homens armados, Bretões e pilhadores, e levaram quatro cabeças de gado) - *Bretão* também significava: conselheiro daquele se bate em duelo. Édito de *Felipe*, o Belo: “... e deve ir aquele que desafiou à frente, e seus *Bretões* levam seu escudo à frente dele” (*et doit aler cius ki a apelet devant, e ses Bretons porte sen escu devant lui*). *Carpentier*, *Supplément au Glossaire de Ducange*. - (*Breton? Breteur? Bretailleur?* - Bretão? Espadachim? Brigão?) - *Willelm. Malmstur.*, ap. *Scr. fr.*, XIII, 13: *Est illud genus hominum egens in patriâ, aliasque externo ære laboriosa vitæ mercatur stipendia; si dederis, nec civilia, sine respectu juris et cognationis, detrectans prælia; sed pro quantitate nummorum ad quascumque voles partes obnoxium* (NT: Há uma classe de homens sem dinheiro em sua pátria, que recebe pagamento e não recusa os mais duros trabalhos no exterior. Pode-se comprá-los para guerras civis, nas quais se engajarão sem qualquer preocupação pelo direito ou pela humanidade, mas que lutarão pelo lado que pagar melhor).

[314] Ainda assim, ela é escrava entre os Germânicos, como entre os Celtas. É a lei comum da época, onde reina, sem exceção, a brutalidade da força. Vide mais acima, pags. 6/7. - Estrabão, *Dion Cassius*, *Solino* (*Gaius Julius Solinus*), *São Jerônimo* estão de acordo sobre a licenciosidade da moral celta. - *O'Connor* diz que a poligamia era perniciosa entre eles; *Derrick*, que eles trocavam de mulher uma ou duas vezes por ano; *Campion*, que eles se casavam por um ano e um dia. - Os *Pictos* da Escócia tomavam seus reis de preferência na linhagem feminina (*Fordun*, apud *Low*, *Hist. of Scotland*): igualmente entre os *Naires* do *Malabar*, na região mais corrompida da Índia, a linha feminina é preferida, a descendência maternal sendo a única certeza. - É talvez como mães de reis que *Boadiceia* e *Cartimandua* são rainhas dos Bretões, em *Tácito*. - As leis galesas limitam a três casos o direito que o marido tem de bater em sua mulher (ter-lhe desejado desgraça à sua barba, ter tentado



matá-lo ou cometer adultério). Essa limitação indica a brutalidade dos maridos. - Entretanto, a ideia da igualdade cedo aparece no casamento celta. Os Gauleses, diz César (B. Gall., lib. VI, 17), traziam uma porção igual àquela da mulher e o produto de tudo era para o sobrevivente. Nas leis de Gales, o homem e a mulher podiam igualmente pedir o divórcio. Em caso de separação, a propriedade era dividida pela metade. Enfim, nas poesias Ossianicas, bem modificadas, é verdade, pelo espírito moderno, as mulheres dividem a existência enevoadas dos heróis. Ao contrário, elas são excluídas do Wahalla escandinavo.

[315] Na Itália antiga, DEIVEI PARENTES. Vide a carta de Cornélio a Caio Graco.

[316] A divisão igualitária cedo cai em desuso na Alemanha; o Norte permaneceu-lhe fiel por mais tempo. Vide Grimm, Alterthümer, p. 475, e Mittermaier, Grundsätze des deutschen Privatrechts, 3. ausg., 1827, p. 730. - Eu li, numa viagem (de *M.* de Staël, se não me engano), uma anedota bem peculiar. O viajante francês, causando com operários mineiros, muito os surpreendeu fazendo-os saber que diversos operários franceses possuíam um pouco de terra que cultivavam nos intervalos de seus trabalhos. “Mas, quando eles morrem, a quem passa essa terra? - Ela é igualmente dividida entre seus filhos”. Novo espanto dos Ingleses. No domingo seguinte, eles se colocavam as seguintes perguntas: “É bom que os operários tenham terras?” Resposta unânime: “Sim!”. “É bom que essas terras sejam divididas e não passem exclusivamente ao primogênito?”. Resposta unânime: “Não!”.

[317] Ou, então, eles emigram. Daí o *wargus* germânico, o *ver sacrum* das nações itálicas. O direito de primogenitura que equivale frequentemente à proscricção, ao banimento dos caçulas, torna-se assim um princípio fecundo das colônias. (NT): *Ver sacrum* significa “primavera sagrada” ou “primavera sacra”.

[318] Vide meu IIIº volume e as obras de Sommer, Robinson, Palgrave, Dalrymple, Sullivan, Hasted, Low, Price, Logan, os *Collectanea de rebus Hibernicis* e os Costumes de Rohan, etc. Blackstone nada compreendeu.

[319] Seguindo Turner (Hist. of the Anglo-Saxons, I, 233), o que deixou a Bretanha aos Saxões foi o costume do gavelkind, que subdividia incessantemente as heranças dos chefes em pequenas tiranias. Ele cita dois exemplos notáveis, segundo as Vidas dos Santos.

[320] Sabe-se que na Bretanha dá-se o título de tio ao primo que é superior em um grau. Esse costume tendia evidentemente a reforçar os laços de parentesco. - Em geral, o espírito de clã foi mais forte na Bretanha do que se possa imaginar, assim como ele é menos dominante entre os Kymry que entre os Gaélicos (vide no IIIº vol. uma nota sobre o importante artigo de Laurière, Glossaire du Droit Français: CRIMINALIZAR OS FATORES).

[321] Também a obediência desses primos não é sem independência e sem orgulho. Um provérbio celta diz: “Mais fortes que o *laird*\* são seus navios”. Logan, II, 187: - O jovem chefe do clã Rannald, vindo tomar posse e vendo a quantidade de bestas que se havia matado para celebrar sua chegada, observa que apenas algumas galinhas teriam bastado. Todo o clã se insurgiu e declarou que nada queria ter com um chefe de galinhas. Os Frasers, que tinham elevado o jovem chefe, livraram um combate sangrento onde foram derrotados e o chefe morto. I. I, 192.

\*(NT) O *laird* é um título hereditário destinado a proprietários de terras na Escócia.

[322] Provérbio bretão: cem países, cem modas, cem paróquias, cem igrejas: *Kant brot, kant kis, Kant parrez, kant ilis*.

Provérbio galês: dois galeses jamais se porão de bom acordo.

[323] (NT) “Culdeus ou solitários de Deus. *Deus* e *Celare*, *Cella* tem raízes análogas nas línguas latina e celta” - nota tomada emprestada do Livro II.

[324] Vide o livro seguinte.

[325] Seguindo Gildas, p. 8, os Saxões possuíam uma profecia de acordo com a qual eles deviam devastar a Bretanha por cento e cinquenta anos e possuí-la por outro tanto (interpolação cambriana?)

*A serpent with chains*

*Towering and plundering*

*With armed wings*

From Germania (Talesin, p. 94 e *apud* Turner, I, p. 312)

Narraremos também a famosa profecia de Myrdhin\*, segundo Geoffroi de Monmouth (NT: Godofredo de Monmouth, 1100-1155, clérigo galês que escreveu Historia Regum Britanniae e que trouxe, pela primeira vez, o nome de Artur), o qual nos transmitiu as tradições religiosas da Bretanha, encerradas outrora nos livros de exaltação, como diziam os Latinos (libri exaltationis):

“Vortiguern, estando sentado sobre a margem de um lago seco, dois dragões dele saíram, um branco e outro vermelho”. O vermelho caça o branco; o rei pergunta a Myrdhin o que isso significa. ... Myrdhin chora: o branco é o Bretão, o vermelho é o Saxão... - “O javali das Cornualhas pisoteará os pescoços sob seus pés. As ilhas do Oceano ser-lhe-ão submissas e ele possuirá as ravinas das Gálias. Ele será célebre na boca dos povos e suas ações serão o alimento daqueles que as dirão. Virá o leão da justiça: a seu rugido tremerão as torres das Gálias e os dragões das ilhas. Virá o bode de chifres de ouro, a barba de prata. O sopro de suas narinas será tão forte que cobrirá de vapores toda a superfície da ilha. As mulheres terão o andar das serpentes e todos os seus passos serão fartos de orgulho. As chamas da fogueira transformar-se-ão em cisnes que nadarão sobre a terra como num rio. O cervo de dez ramadas ostentará quatro diademas de ouro. As seis outras ramadas modificar-se-ão para chifres de bois que espalharão, com um espantoso ruído, as três ilhas da Bretanha. A floresta bramirá e lamentará por uma voz humana: “Chega, Câmbrío, enlance as Cornualhas ao teu lado e diga a Guintonhi: a terra te engolirá”.

O que precede foi tomado emprestado à tradução que lhe deu *M.* Edgar Quinet em seu Relatório sobre as epopéias francesas do século doze. Eis a sequência: “Então, haverá massacre dos estrangeiros. As fontes da Armórica extravasarão, a Câmbría será cheia de alegria, os carvalhos das Cornualhas verderjarão. As pedras falarão, o estreito das Gálias será diminuído... Três ovos serão chocados no ninho, de onde sairão a raposa, o urso e o lobo. Sobrevirá o gigante da iniquidade, cujo olhar gelará o mundo de pavor.”

Galfridus Monemutensis, I. IV.

\* (NT) Myrdhin é o nome galês de Merlin, também grafado Myrddin. Em latim é Merlinus, em bretão é Mellin ou Merzhin. “Esses nomes vem de “mori-dunon” ou “fortaleza do mar” em língua celta”. Esse mesmo termo mori se encontra bem vinculado a Morgana, derivação de Muirgen, saído do celta “Mori Genos”: “nascido do mar”. A forma latina é uma eufonia da forma celta, provavelmente para aproximá-la do melro branco, pássaro associado à magia no mundo celta e no qual Merlin, com seus poderes xamânicos, pode se metamorfosear no que desejar” (fonte: Merlin na Wikipedia em <http://fr.wikipedia.org/wiki>). O tradutor usará a forma mais conhecida para a ele se referir, isto é, “Merlin”.

[326] (NT) Guilherme o Bastardo é um dos nomes pelos quais é conhecido Guilherme o Conquistador. Outros nomes são Guilherme II da Normandia e, finalmente, após ter partido da Normandia e conquistado a Inglaterra, em 1066 (batalha de Hastings), Guilherme I da Inglaterra. Sua conquista deu origem à dinastia Normanda até ser substituída, em 1154, pela casa Plantageneta. Contrariando o texto original, o tradutor utilizará o cognome “o Conquistador”.

[327] Gervasius Tilburiensis, de Otiis imperialibus, apud script. rer. brunswic., p. 721. - Thierry, Conquête de l'Angleterre, 2ª ed., t. IV, p. 25.

[328] É a história de Adão e Eva, de Sansão e Dalila, de Hércules e Ônfale; mas a lenda celta é mais tocante.

[329] Eis a mais popular das canções galesas; ela é misturada de inglês e galês:

Doce é o canto do alegre bardo,

Ar hyd y Nós (toda a noite);

Doce o repouso dos pastores fatigados,

Ar hyd y Nós

E para os corações oprimidos de pesar,

Obrigados a tomar emprestada a máscara da alegria,  
Há trevas até a manhã.

Ar hyd y Nôs.

(Câmbrio-Bretão, novembro 1819)

[330] Coroava-se o rei da Irlanda sobre uma pedra enegrecida chamada a Pedra do Destino. Ela produzia um som claro se a eleição fosse boa (vide Tolland, p. 138). De Iona ela foi transportada ao condado de Argyll, depois a Scone\* onde se consagravam os Reis da Escócia. Eduardo I fez colocá-la, em 1300, em Westminster, sob o trono de coroação. Os Escoceses conservam o seguinte oráculo: “O povo livre da Escócia florescerá, se este oráculo não for mentiroso: aonde quer que esteja a pedra fatal, ele prevalecerá pelo direito do céu”. Logan, I, 197 - Na Dinamarca e na Suécia, como na Irlanda e na Escócia, era sobre uma pedra que se fazia a consagração dos chefes. - Id. p. 198. Sobre uma bela colina verde, nos arredores de Lanark, está uma pedra escavada pela mão do homem, onde assentava-se Wallace para conferenciar com seus chefes. - V. também o III vol.

\* (NT) Conhecida como “Pedra de Scone” ou “Pedra do Destino”, é colocada sob o assento do trono de Eduardo o Confessor o qual, ainda hoje, é utilizado na coroação dos monarcas ingleses. O trono pode ser visto na abadia de Westminster, em Londres. A pedra, depois de ter sido “roubada” por estudantes escoceses na década de 50, foi “recuperada” pelos ingleses. A partir de 1996, ela foi simbolicamente devolvida à Escócia com a condição de ser posta à disposição da Inglaterra quando das coroações. O “roubo” da pedra pelos estudantes escoceses foi objeto de um filme realizado em 2008 chamado “Stone of Destiny”.

[331] Os Tudors puseram o dragão galês nas armas da Inglaterra que os Stuarts, em seguida, ornamentaram com a triste flor de cardo da Escócia; mas os bravos leopardos não o admitiram em pé de igualdade, tanto quanto a harpa irlandesa.

[332] Mémoires de la Société des Antiquaires de Londres, II, 305, Thierry, Conq. de l'Anglet., IV, 241. (NT: o documento mencionado pelo Autor encontra-se no quinto volume do *Transactions of the London Antiquarian Society*, sendo uma carta de Daines Barrington, de 21 de março de 1776, em continuação a algumas observações feitas em seu *On the Expiration of the Cornish Language*, publicado no terceiro volume da *Society's Transactions*. Anexada à sua carta, está uma carta escrita em corno e em inglês (depositada perante a Sociedade) que lhe fora remetida por um idoso pescador Corno, da qual reproduz-se essa parte: “Tenho sessenta e cinco anos de idade, Eu aprendi Corno quando era um menino, Eu estava no mar com meu pai e cinco outros homens num barco, Eu aprendi corno indo para o mar com homens velhos, Não há mais que quatro ou cinco em nossa cidade, Que podem falar corno agora, Velhos de sessenta anos, Corno foi esquecido pelos jovens.” Essa carta é datada de Mousehole, 3 de julho de 1776 e está escrita em linhas de várias extensões: em corno acima e em inglês abaixo. A pontuação da mencionada carta, acima reproduzida, mostra a extensão de cada linha – esta nota foi tomada emprestada da tradução em inglês feita por G. H. Smith, mencionada na Nota-Prefácio do Tradutor).

[333] Vide o Cambro-Britão (com essa epígrafe: KYMRY FU, KYMRY FUD). - Várias leis vedavam aos Irlandeses falar o celta e, de mesmo, aos Galeses, em torno de 1700. - Cambro-Britão, dezembro, 1821. Nas principais escolas galesas, sobretudo no norte, o galês, longe de ser encorajado, foi, desde muitos anos, proibido sob pena severa. Assim, as crianças o falam incorretamente, dele não conhecem a gramática e são incapazes de escrevê-lo. Mas parece que as línguas celtas se refugiaram nas academias. Em 1711, o País de Gales possuía setenta obras impressas na sua língua: hoje, há mais de dez mil. Logan, the Scottish Gaël, 1831. - A vestimenta não foi menos perseguida que a língua. Em 1585, o Parlamento proibiu o comparecimento às sessões em trajes irlandeses (todavia, os Irlandeses já haviam abandonado seus trajes típicos, no meio do século XVII, mais facilmente que os Highlanders da Escócia). - Lê-se, num jornal escocês de 1750, que um assassino fora absolvido porque sua vítima vestia um tartan\*.

\* (NT) O tartan é um tecido quadriculado, que lembra o xadrez, e que é utilizado como o padrão típico dos *kilts* escoceses.

[334] Giraldus Cambrensis (Topograph, Hiberniæ, III, c. 29) reprova a Irlanda por não contar, entre seus santos, com um só mártir. “Non fuit qui faceret hoc bonum: non fuit usque ad unum!”. Moritz, arcebispo de Cashel, respondeu que a Irlanda podia, ao menos, vangloriar-se de um grande número de personagens cuja ciência aclarara a Europa. “Mas, talvez”, ele completou, “hoje, que vosso senhor, o rei da Inglaterra, mantém a monarquia entre suas mãos, nós irlandeses talvez possamos adicionar mártires à lista de nossos santos”. - O'Halloran, Introduction to the History of Ireland, Dublin, 1803, p. 177.

[335] Eu não creio que, desde Mirabeau, qualquer assembleia tenha ouvido nada superior ao discurso improvisado por (Daniel) O'Connell, em 05 de fevereiro de 1833.

[336] Logan, II, 380. É uma improvisação em versos sobre as virtudes do morto. Ao fim de cada estância, um coro de mulheres solta um grito de lamento. Nos cantões distantes da Irlanda, dirige-se ao morto e reprova-se-lhe estar morto visto que ele tinha uma boa mulher, uma vaca leiteira, belas crianças e suficiência em batatas. Ibid, 383. Entre os montanhese da Escócia, o canto do Coronach é agora, pouco a pouco, substituído pelas gaitas-de-fole.

[337] O'Halloran, I, 283, 288. Luís XIV escreveu várias vezes, de sua própria mão, a Carlos II (Inglaterra), para recomendar-lhe os Irlandeses. Vide, entre outras cartas, aquela de 07 de setembro de 1660. O'Halloran pretende que, de acordo com os registros do ministério da guerra, desde o ano 1691 até o ano 1745 inclusive, quatrocentos mil Irlandeses se abrigaram sob a bandeira da França. Talvez isso tenha sido percebido por todos os Irlandeses que ingressaram em nossos exércitos até 1789.

[338] Logan, II, 56. “Hoje, os montanhese da Escócia são obrigados, pela miséria, a emigrar; as terras se transformam, em todos os lugares, em matagais; os regimentos podem, à pena, se erguer. O píbroque pode soar, os guerreiros a ele não responderão”.

[339] Latifundia perdidit Italiam. Plin., XVIII. - Na Escócia, os *lairds* se apropriaram das terras de seus clãs: eles converteram suzeranidade em propriedade. - Na Bretanha, ao contrário, muitos fazendeiros que possuíam a terra a título de arrendamento (*domaine congéable*), tornaram-se proprietários: muitos proprietários foram espoliados como senhores feudais.

[340] Logan, II, 75.

[341] (NT) Walter Scott, 1771-1832, escritor, poeta e nobre escocês que escreveu, dentre outros, o romance Ivanhoé.

[342] (NT) Claymore: espécie de espada montante tipicamente escocesa que, por seu tamanho (invariavelmente do tamanho do guerreiro que a empunhava), era utilizada com as duas mãos, impedindo o guerreiro de utilizar-se de um escudo defensivo

[343] Id, Ibid., 56.

[344] (NT) as *marches* eram terras coletivas das tribos germânicas.

[345] (NT) no original PRUD'HOMMES (homens probos, sábios, prudentes) e, em Direito, conselho de juizes que julga pendências trabalhistas ou profissionais (*Conseil des Prud'hommes*). À falta de uma palavra específica em língua portuguesa, o tradutor ousou criar uma galicismo, aportuguesando a palavra em questão, mas mantendo a aglutinação que nos remete à PRUDência e aos HOMENS.

[346] Vide o IIIº vol.

[347] Majorem enim Germaniæ partem obinent. Tacit. German., c. 38.

[348] Visto que São Bonifácio foi converter os Hessianos, ... *alii lignis et fontibus clanculò, alii autem apertè sacrificabant, etc.* (NT: ... alguns faziam sacrifícios para bosques e fontes privadamente, outros abertamente), Acta SS. ord. S. Ben., sæc. III, in S. Bonif. (\*NT: A adoração de pedras e árvores e tudo o mais foi proibida por um concílio de Latrão, no ano 452. Gregório de Tours afirma que árvores, águas, pássaros, bestas, pedras eram adorados em seu tempo, século VI; e que aos Germanos foram proibidos os sacrifícios ou augúrios em bosques ou fontes sagradas, por volta de 740, pelo Papa Gregório III. “Tão difícil foi isso”, diz Logan (ii. 354), para quem os fatos antes mencionados foram impostos, “de afastar as pessoas da religião de seus pais, a qual foi venerada por tão longo tempo, que os primeiros

Cristãos viram-se na contingência de conciliar seus prosélitos tolerando alguns de seus preconceitos; talvez eles próprios estivessem, de alguma forma, afetados por um respeito pelos usos antigos - (\* esta nota foi tomada emprestada da tradução em inglês feita por G. H. Smith, mencionada na Nota-Prefácio do Tradutor).

[349] (NT) Hertha, também conhecida por Nerthus. “Seu nome vem da tradução ao latim de *Njörðr* por Tácito, em sua obra *De origine et situ Germanorum*. Tácito descreve o culto e os sacrifícios praticados em um lago, que posteriormente foi identificado como a ilha dinamarquesa de Fiônia” (fonte Wikipedia, em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Nerthus>). Fiônia é também conhecida como *Fyn*, em dinamarquês.

[350] Tacit. Germania, c. 40: “Eles adoram ERTHA, quer dizer, a Terra-Mãe. Eles crêem que ela intervém nos negócios dos homens e que ela, às vezes, passeia no meio das nações. Numa ilha do Oceano, está um bosque consagrado e, dentro desse bosque, um carro coberto dedicado à deusa. Somente o sacerdote tem o direito de tocá-lo; ele conhece o momento quando a deusa está presente nesse santuário; ela parte arrastada por vacas e ele a segue com todos os respeitos da religião. São, então, dias de alegria; é uma festa para todos os lugares que ela se digna, com sua presença, visitar e honrar. As guerras são suspensas; não se pega em armas; o ferro é guardado. Essa ocasião é a única onde esses bárbaros conhecem, a única onde eles amam, a paz e o repouso; ela dura até que a deusa, satisfeita do comércio com os mortais, o sacerdote a conduz a seu templo. Então, o carro e os véus que o cobrem e, se pudermos neles acreditar, a própria divindade, são banhados em um lago solitário. Os escravos se encarregam desse serviço e, tão logo terminam, o lago os engolfa. Daí um terror religioso e uma santa ignorância sobre esse objeto misterioso que não se pode ver sem perecer”.

O *Castum nemus* (NT: nome do bosque sagrado, segundo Tácito) de Tácito não seria a ilha Santa dos Saxões, *Heligeland*, na embocadura do Elba, também chamada *Fosetlesland*, do nome do ídolo que se adorava? (... à nomine dei sui falsi FOSETE, Fosetlesland est appellata. Acta SS. d. S. Bened., sec. 4, p. 25). Os marinheiros ainda a reverenciavam no século XI, segundo Adão de Bremen. Pontanus a descreveu em 1630. - Os Ingleses possuem, desde 1814, essa ilha dinamarquesa, berço de seus avós (ela tem por armas um barco vogando com velas cheias); mas o mar, que aniquilou North-Strandt em 1631, quase destruiu Heligolândia. Ela é formada de dois rochedos como o Monte Saint-Michel e o rochedo de Delfos. Vide Turner, hist. of the Anglo-Saxons., I, 125. (\*NT: Gibbon supõe que a Ilha de Rügen, na costa da Pomerânia, no Mar Báltico, é a ilha em questão; e, a respeito da suspensão da guerra, a qual honrava a presença da deusa, observa: “A *Trégua de Deus*, tão frequente e tão ineficientemente proclamada pelo clero do século XI, era uma óbvia imitação desse antigo costume”; *Decline and Fall...*, VOL. I, C. IX, p. 373. Veja, também, mencionada por ele, Dr. Robertson’s *Hist. Of Charles V*, vol. I, nota 10 - \* esta nota foi tomada emprestada da tradução em inglês feita por G. H. Smith, mencionada na Nota-Prefácio do Tradutor)

[351] Esses aí tinham respeito pela posição astronômica dos lugares; daí os nomes de Visigodos, Ostrogodos, Wessex, Sussex, Essex, etc. Os Celtas, ao contrário. Vide o Iº capítulo do Livro I e o IIIº vol

[352] Vide uma lembrança interessante de M. Leo sobre o culto de Odin na Alemanha. - Na saga de Ragnar Lodbrok, os Normandos vão à procura de Roma, cujas riquezas e glórias foram-lhes vangloriadas; eles chegam à Luna, a tomam por Roma e a pilham. Desenganados, eles encontram um idoso que caminha com calçados de ferro; ele lhes diz que vai a Roma, mas que essa cidade é tão distante que ele já gastara um par idêntico aos que calçava, o que os desencoraja. - Vide a obra de M. Ampère sobre a Literatura do norte.

[353] Jornandes (c. 13, 14) deu a genealogia de Teodorico, o décimo-quarto descendente da raça dos AMALI, desde Gapt, um dos Ases ou semi-deuses. - BALTHA ou BOLD (ousado, bravo). “origo mirifica”, ou “origem maravilhosa”, diz o mesmo autor, c. 29. É a essa raça ilustre que pertencia Alarico - A família dos Baux, da Provença e de Nápoles, se dizia proveniente dos Balti. Vide Gibbon, V., 430.

[354] (NT) *Comitatus* é um termo latino empregado por Tácito para designar a relação entre o chefe germânico e o bando guerreiro. Um dos guerreiros era normalmente escolhido como o elo de ligação entre o bando e o chefe e Tácito empregou o termo não só para designar a relação moral como a pessoa em quem era materializada. Historiadores vêem no *comitatus* o desenho inicial da futura relação feudal. “Considera-se, em geral, que o *comitatus* germânico descrito por Tácito corresponde ao *Männerbund* posto em evidência pelos estudos comparativos nas sociedade indo-européias”. A palavra *comitatus* deriva do latim *comes*, “aquele que acompanha”. (fonte <http://fr.wikipedia.org/wiki/Comitatus>)

[355] (NT) Frâmea era uma lança utilizada pelas tribos germânicas.

[356] Tácit., German., c. 13, 14. Eu segui, aqui como mais alto, com pequenas modificações, a excelente tradução de M. Burnouf.

[357] Saxones, Saxen Sacæ, Asi, Arii? - Turner, I, 115, Saxones, i.e., *Sakai-suna*, filhos dos Sacæ, conquistadores da Bactriana - Plínio diz que os Sakai assentados na Armênia se chamavam *Saccassani* (l. VI, c. 11); essa província da Armênia se chamou *Saccasena* (Strab., l. XI, p. 776-8). Encontra-se os *Saxoi* no Euxino (Stephan. de urb. et pop., p. 657). Ptolomeu chama *Saxões* um povo cita dos Sakai.

[358] Eu lamento não poder encontrar em qual autor eu li esse fato importante.

[359] Vide meu História Romana, 2ª edição, I, 58.

[360] Jacob Grimm, Deutshe rechts alterthumer, 1828, p. 396.

[361] Cuidadosamente, distinguimos da Germânia primitiva as duas formas sob as quais ele se produziu ao exterior: primeiramente, os bandos aventureiros de bárbaros que desceram ao sul e entraram no Império como conquistadores e como soldados mercenários; em segundo lugar, os piratas desenfreados que, mais tarde, impedidos a oeste pelos Francos, saíram de início do Elba, depois do Báltico, para pilharem a Inglaterra e a França. Uns e outros cometeram terríveis devastações (vide ao fim desse volume). Ao primeiro contato das raças, quando ainda não havia nem língua, nem hábitos comuns, os males foram indubitavelmente grandes, mas os vencidos não esqueceram nenhum exagero para acrescentá-lo, por si próprios, a seus temores.

[362] Eu falei, em outra obra, da profunda impessoalidade do gênio germânico e a ele tornarei. Esse caráter é frequentemente disfarçado pela força sanguínea que é bem notável na juventude alemã; tanto quanto dure essa embriaguez de sangue, haverá muita audácia e entusiasmo. A impessoalidade é, todavia, o caráter fundamental (vide meu *Introduction à l'Histoire Universelle*). É isso que foi admiravelmente compreendido pela escultura antiga, testemunham os bustos colossais dos cativos Dácios que estão no *Braccio Nuovo* do (museu) do Vaticano e as estátuas policrômicas, bem inferiores, é verdade, àquelas que vemos no vestíbulo de nosso Museu. Os Dácios do Vaticano, nas suas proporções enormes, com sua floresta de cabelos incultos, não dão toda a idéia da ferocidade bárbara mas, antes, de uma grande força bruta, como a do boi e do elefante, com alguma coisa singularmente indecisa e vaga. Eles vêem sem parecer olhar, mais ou menos como a estátua do Nilo, na mesma sala do Vaticano, e da encantadora Ninfa do Sena de Vietti, que está no Museu de Lyon. Essa imprecisão no olhar frequentemente me impressionou nos homens mais eminentes da Alemanha.

[363] Vide as fórmulas de iniciação da corporação alemã que eu traduzi nas notas de meu *Introduction à l'Histoire Universelle*.

[364] Prisco, in Corp. Histor. Byzantinæ, p. 40.

[365] (NT) “Sigurd (Sigurðr em antiga língua nórdica) é um herói legendário da mitologia nórdica que aparece em vários poemas heróicos da Edda poética, compilada no século XIII. Sigurd aparece igualmente na Edda de Snorri e é o personagem central das Sagas dos Valsungos (*Völsunga saga*) escritas em prosa no século XIII, a partir de poemas heróicos mais antigos e, provavelmente, de outras fontes que não nos chegaram. Sigurd aparece igualmente na saga lendária *Norna-Gests þátr* onde ele derrotou o herói Starkadr. Siegfried é um herói da *Canção dos Nibelungos*, a versão continental e cristã do mito, igualmente composta no século XIII, que se tornou a epopéia nacional alemã”. (fonte:<http://fr.wikipedia.org/wiki/Sigurd>).

[366] (NT) “Teodorico de Verona, em alemão Dietrich von Bern, é um dos personagens lendários mais importantes entre os povos germânicos da Idade Média. O personagem é associado e inspirado na figura histórica de Teodorico o Grande (454-526), rei dos ostrogodos. O mais antigo testemunho relacionado a Teodorico, como figura heróica lendária, é a Canção de Hildebrando (*Hildebrandslied*), um poema datado do século IX em que o personagem do título é Hildebrando, o



mais importante dos guerreiros de Teodorico. Este poema está relacionado, seguramente, a tradições transmitidas oralmente ainda mais antigas”. (fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Teodorico\\_de\\_Verona](http://pt.wikipedia.org/wiki/Teodorico_de_Verona))

[367] Durch sines Liber Sterche er reit in menegiu Lant (Der Nibelungen). Parece que, em suas admiráveis composições, Cornélio teve sob os olhos os *Nibelungen* alemães mais que os Edda e as Sagas escandinavas. Há de se lamentá-lo.

[368] Vide o belo artigo inserido por M. Ampère na Revista dos dois mundos (*Revue de deux mondes*), 1º de agosto de 1833.

[369] (NT) Mausoléu de Teodorico (*Mausoleo di Teodorico*), ainda hoje existente e a cerca de 1 km do centro de Ravena, na Itália.

[370] Vide a Viagem, digamos melhor, a epopéia, de Edgar Quinet (1830).

[371] (NT) Flavius Aetius (395 – 454): senador romano e generalíssimo do exército do Império do Ocidente durante o reinado de Valentiniano III. Seu pai era de origem cita. Foi cognominado o “último dos romanos”.

[372] Vide o começo do Nialsaga - Salviano de Provident., l. VII. *Gothorum gens perfida, sed pudica est. Saxones crudelitate efferi, sed castitate mirandi*. (NT: Os Godos são gente pérfida, mas pudica. Os Saxões são furiosamente cruéis, mas de entusiasmo casto). Salvino de Marselha, em *De Gubernatione Dei*.

[373] Tacit. German., c. 15. *Fortissimus quisque... nihil agens, delegatâ domûs et penatium et agrorum curâ feminis senibusque, et infirmissimo cuique ex familiâ...* (NT: “os mais fortes... nada fazem, delegados o cuidado do lar e da família e dos campos às mulheres e aos velhos e às pessoas mais fracas de cada casa” - (texto bilíngue em <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/germania.html#15>)

[374] Aguardamos com impaciência a grande obra de Augustin Thierry sobre as invasões bárbaras. Eu também forneço o quadro dessas invasões no meu *Histoire de l'Empire Romain* (História do Império Romano).

[375] Hieron. chron. Ad rebellionem fame coacti sunt. (NT: À rebelião, a fome os coagiu).

[376] Zozim., l. IV, ap. Script. fr. I, 584: Α ρ θ ο γ α ρ η ς... το σο υ το ς η ν, ὥ στε καί τ ο ρ ὀ ς τ ὁ ν βασιλέα τ α ῤ ρ η σά ζ ε σ θ α ι, καί ὁ σα μ ῆ καλ ὤ ς αὐ τ ῶ, μηδέ τ ο ρ ο σ η κ ὰ ν τ ὼ ς ἔ χ ε ι ν ἔ δ ὶ κ ε ι, κ ω λ ῦ ε ι ν (NT: Arbogasto foi de consequência o suficiente para ser capaz de falar com confiança ao rei e, até mesmo, para impedir a execução de quaisquer ordens que o afetassem por serem impróprias ou inadequadas) - Paul. Oros. l. VII, c. 35: *Eugenium tyrannum creare ausus est, legitque hominem, cui titulum imperatoris imponeret, ipse acturus imperium* (NT: Ele ousou elevar Eugênio à púrpura e dar-lhe o nome de Imperador, reservando-se, porém, o poder). Prosper. Aquitan. ann. 394. Marcellin. chrom. ap. Scr. fr. I, 640. - Claudiano (IV consul. Honor. v. 74) diz, desdenhosamente: *Hunc sibi Germanus famulum delegerat exul*. (NT: Ele escolheu servir no exílio alemão).

[377] Zózimo, IV, 47. - Socrat., IV. - Sulpic. Sever., dialog. II, c. 7: *vir omni vitæ merito etiam prædicandus, si ei, vel diadema... repudiare, vel armis civilibus abstinere licuisset* (NT: ele teria sido um homem de predicados meritórios, se houvesse rejeitado a coroa ou se abstinido da guerra civil) - Seguindo alguns autores, ele foi eleito apesar de sua própria vontade.

[378] *Triades da ilha da Bretanha*, trad. por Probert, p. 381. “A terceira expedição combinada foi conduzida fora dessa ilha por Ellen, poderosa nos combates, e Cynan, seu irmão, senhor de Meiriadog na Armórica, onde obtiveram terras, poder e soberania do imperador Máximo para apoiá-lo contra os Romanos... e nenhum deles retornou, mas permaneceram lá e em Ystre Gyvaelwg\*, onde formaram uma comunidade.” - Em 462, vê-se ao Concílio de Tours um bispo dos Bretões. - Em 468, Antêmio (*Procopius Anthemius*) chama da Bretanha doze mil bretões, os quais foram assentados em Bourges. Jordanes (ou Jornandes), *de reb. Geticis*, c. 45. - Seguindo Turner (Hist. of the Anglo-Sax., p. 282), os Bretões só se estabeleceram na Armórica em 532, como diz a Crônica do Monte Saint-Michel. - De resto e sem dúvida, sempre houve em toda a antiguidade, entre a Grã-Bretanha e a Armórica, um fluxo e refluxo de emigrações motivadas pelo comércio e sobretudo pela religião (vide César). Não se pode discutir senão sobre a época de uma colonização conquistadora.

\* (NT) “Ystre Gyvaelwg era, provavelmente, uma parte do que hoje é a Normandia: o nome indica um distrito compreendendo a junção de cumes ou cimos de colinas.” (fonte *The Cambro-Briton*, vol. 1, p. 88, edição de 1820, digitalizado e disponível no Google Books).

[379] Máximo também alugou soldados germanos. Gibbon, t. V, p. 289.

[380] Ibid, 294.

[381] (NT) Como Arbogasto era de origem bárbara, não podia ascender ao trono, razão pela qual ele posicionou Eugênio como imperador nominal enquanto ele agia como imperador de fato.

[382] Eles tiveram o posto de honra na batalha. Ibid., 325.

[383] (NT) Constantino III, usurpador romano, que reinou de 407 a 411.

[384] Gerôncio (Gerontius), que comandara, na Espanha, durante a ausência do filho de Constantino. Zozim., l. VI, ap. Scr. fr. I, 586. Sozomen, l. IX, ib. 605.

[385] P. Oros., l. VII, c. 43, citado e traduzido por Thierry, cartas sobre a História da França, VI (*lettres sur l'Histoire de France*).

[386] Os Hérulos e os Lombardos se contentaram com um terço.

[387] Paulinus, in Eucharist., v. 564-581, ed. 1681, in -8º. - Vide também l'Histoire litt. de Fr., II, 363-369.

[388] Socrates, l. VII, c. 30, ap. Scr. fr. I, 604: Quippè omnes ferè sunt fabri lignari, et ex hâc arte mercedem capientes semetipsos alunt.

[389] (NT) “Arrivista”. No original: **parvenu**. No Brasil de hoje, diríamos “emergente social”, o que encontra eco no significado francês: “pessoa que se alçou bem além de sua condição primeira sem ter, contudo, adquirido os modos que conviriam a seu novo meio social” ([www.larousse.fr](http://www.larousse.fr)).

[390] Aug. Thierry, lettres sur l'Histoire de Fr., VI.

[391] Sidon. Apollin. carmen XII, ap. Scr. fr. I, 811:

Laudantem tetrico subindè vultu,  
Quod Bungundio cantat esculentas,  
Infundens acido comam butyro.

.....

Quem non ut vetulum patris parentem,  
Nutricisque virum, die nec ort,  
Tot tantique petunt simul gigantes.

[392] Procópio opõe os Godos às nações germânicas. De Bello Gothico, l. III, c. 33, ap. Scr. fr., II, 41. Paul. Oros. ap. Scr. fr. I. *Blandè, mansuetè, innocenterque vivunt, non quasi cum subjectis, sed cum fratribus* (Pela caridade divina, todos se tornaram Cristãos e Católicos e, submetendo-se aos nossos sacerdotes, levaram uma vida calma e inocente, tratando os Gauleses não como súditos, mas como irmãos Cristãos).

[393] “Etzel, Atzel, Athila, Athela, Ethela – Atta, Atti, Aetii, Vater, significam em quase todas as línguas, sobretudo na Ásia, pai, juiz, chefe, rei. - É o radical dos nomes do rei marcomano Átalo, do mouro Atala, do cita Ateas, de Átalo de Pérgamo, de Atalrico, Etico, Ediko – Mas há um senso mais profundo e mais vasto. ÁTILA é o nome do Volga, do Don, de uma montanha da província de Einsiedeln\*, o nome geral de um monte ou de um rio. Ele teria, assim, uma relação íntima com o

ATLAS dos mitos gregos”. Jac. Grimm, *Altdeutsche Wälder*, I, 6.

\*(NT) a montanha mencionada situa-se na província suíça de Einsiedeln e é hoje chamada de Monte Conner; mas é também conhecida por Átila ou Ártila.

[394] Vê-se em Prisco e Jornandes, os Gregos e Romanos acalmá-lo frequentemente com presentes (Priscus, in Corp. Histor. Byzantinæ, I, 72: ...Υπήχθη τῷ παλῆθει τῷ ν δόρων. - Pelos presentes que Genserico recebia, Átila se convenceu a invadir a Gália. - Como reparação por uma atentado contra sua vida, ele exigiu um aumento de tributo etc.). - Na saga Wilkina, c. 87, ele é chamado de o mais ávido dos homens; é pela esperança de receber um tesouro, que Cremilda (*Kriemhild*) o convence a fazer vir seus irmãos a seu palácio.

[395] Prisco, in Corp. Histor. Byzantinæ, I, 66: Δευτέρων δὲ τῶν τήν ἐνόνυμον, ἐν ἧ ἐτυγχάνομεν ὄντες, προκαθεσέντος ἡμιν Βερίχου παρὰ Σκυθαίς ἐυγεγονός ἀνδρός (NT: Eles estavam sentados do lado esquerdo e Berico, um chefe do clã Cita, tinha a precedência deles).

[396] Jornandes, de rebus Getica, ap. Duchesne, I, 226: *Formâ brevis, lato pectore, capite grandiori, minutis oculis, rarus barbâ, canis aspersus, simo naso, teter colore, originis suæ signa referens* (NT: Baixa estatura, peito largo, cabeça forte, olhos pequenos, barba rala, cabelos acinzentados, nariz amassado, tez escurecida, mostrava todos os traços de sua raça – *a partir do texto bilingue latim-francês em <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/jornandes/goths2.htm>* ) - Amm. Marcel, XXXI, 1. *Hunni ... pandi, ut bipedes existimes bestias; vel quales in commarginandis pontibus effigiati stipites dolantur incompiti* (NT: Os Hunos podem ser comparados a animais de duas pernas ou àquelas figuras disformes que são colocadas no término de nossas pontes) - Jornandes, c. 24. *Species pavendâ nigredine, sed veluti quædam (si dici faz est) offa, non facies; habensque magis puncta quàm lumina* (NT: Em efeito, sua tez é de um horrível negrume, sua face (se podemos assim chamá-la) é mais uma massa informe de carne do que propriamente um rosto e, menos que olhos, ele tem furos no lugar - *a partir do texto bilingue em <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/jornandes/goths2.htm>* )

[397] Chronic. Alexandrin. p. 734.

[398] Jornandes, ap. Scr. fr., I, 22: Gizericus..., Attilam multis numeribus ad Wesegotharum bella præcipitat, etc. (NT: Por presentes luxuriantes, Genserico induz Átila a cair sobre os Visigodos).

[399] Greg. Tur., I, II, ap. Scr. fr. I, 163: *Gaudentius, Aëtii pater, Scythiæ provinciæ primoris loci* (NT: Gaudêncio, pai de Aécio, era um homem do primeiro ranque na província da Cítia) - Jornandes diz (ap. Scr. fr. I, 22): *Fortissimorum Mæsiorum stirpe progenitus, in Dorostenâ civitate* (Da altíssima estirpe de Mésia, nascido em Durostorum\*) – O general Flávio Aécio fora refém entre os Hunos (Greg. Tur., loc. cit.). - Entre os embaixadores de Átila estavam Orestes, pai de Augústulo, o último imperador do Ocidente, e o huno Edeção, pai de Odoacro, que conquistou a Itália. Vide a relação de Priscus. (\*atual Silistra, cidade situada na Bulgária

[400] A invasão de Átila na Itália não deixara uma impressão menos profunda. Em uma batalha que travou contra os Romanos, às portas, mesmo, de Roma, dizia-se que tudo perecera dos dois lados. “Mas as almas dos mortos se levantaram e combateram com infatigável furor, por três dias e três noites”. Damascius, ap. Phot. Bibl., p. 1039.

[401] Átila, em sua retirada, massacra, segundo a lenda, as onze mil virgens de Colônia

[402] (NT) *Anianus*, Aignan d'Orléans, Santo Aniano.

[403] Gregor. Tur., I, II, c. 7: *Aspicite de muro civitatis, si Dei miseratio jam succurrat ... Aspicite iterum etc.*

[404] Idatius, ap. Fredeg., Scr. fr. II, 462. As passagens de Fredegário são vistas como suspeitas.

[405] (NT) Também conhecido por Jordanes.

[406] Jornandes, c. 36, ap. Scr. fr. II, 23.

[407] Vide Jornandes, c. 36, apud Scr. fr., e as notas dos editores. A maior parte do exército que Aécio reunira nas Gálias seria composto de Francos que os modernos supuseram ser Sálcos e súditos de Meroveu, de Ripuários que também eram da raça dos Francos, de Saxões que tinham sede em Bayeux, de Borguinhões que, há quarenta anos, haviam fundado sua monarquia próxima ao lago de Genebra, de Sármatas que haviam passado para a Gália quando da grande invasão de Bárbaros em 406, de Alanos de Orléans ou de Valência, de Taifalos do Poitou, de Breones acantonados na Récia, de Armóricos, talvez soldados das províncias que haviam repreendido o jugo, e dos Letes, ou de veteranos bárbaros que, após terem servido ao Império, receberam, em recompensa, terras que se engajaram a defender”. Sismondi, Hist. des Français, I, 156, segundo Jornandes, c. 36.

[408] Jornand., c. 40: *Equinis sellis construxisse pyram, seseque, si adversarii irrumperent, flammis injicere voluisse* (NT: Mandou fazer uma pira de selas de cavalos, pronto para nela se precipitar, se os inimigos irrompessem em seu campo – *a partir do texto bilingue latim-francês em <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/jornandes/goths2.htm>* ) - Nos Nibelungos, Cremilda faz tocar fogo nos quatro cantos da sala onde se encontram seus irmãos.

[409] Do lado dos Romanos estavam os Visigodos e seu rei Teodorico; do lado dos Hunos, os Ostrogodos e os Gépidas. Um ostrogodo matou Teodorico.

[410] (NT) Margrave, do alemão *Markgraf*: o defensor da região, da província.

[411] *Wie gerne ich dir wäre gut mit minem Schilde,*

*Torst' ich dir'n bieten vor Chriemhilde!*

*Doch nim du in hin, Hagene unt trag'en an der hant:*

*Hei, soldestu in füren heim in der Burgunden lant!*

*Der Nibelungen Not. 888-892,*

(NT) Eu te daria graciosamente meu escudo,

Se eu ousasse te oferecê-lo diante de Cremilda!

Não importa! toma-o, Hagen, e vista-o no teu braço.

Ah! Possas tu usá-lo até tua casa, na terra dos Burgúndios!

[412] O canto de Hildebrando e Hadubrando foi reencontrado e publicado em 1812 pelos irmãos Grimm. Eles crêem que seja do século VIII. Não pude me impedir de reproduzir esse venerável monumento da primitiva literatura germânica. Ele foi traduzido por M. Gley (Língua dos Francos, 1814) e por M. Ampère (*Études hist. de Châteaubriand*). Aqui, eu tento dar-lhe uma tradução nova:

“Eu ouvi dizer que, um dia, entre os combatentes, desafiaram-se Hildbraht e Hathubraht, o pai e o filho... Eles arrumavam suas armaduras, cobriam-se com seus braços de armas, cingiam-se os cinturões, afivelavam-se as espadas; eles caminhavam um sobre o outro. O nobre e sábio Hildbraht pergunta ao outro, em breves palavras: “Quem é teu pai entre os homens do povo e de qual raça és tu? Se desejas me fazer saber, eu te dou tua armadura a três filhos. Eu conheço toda raça de homens”. - Hathubraht, filho de Hildbraht, respondeu: “Os homens velhos e sábios, que outrora eram, me diziam que Hildbraht era meu pai; eu me chamo Hathubraht. Um dia, ele se foi para o Oriente, fugindo à cólera de Othachr (Odoacro?), ele foi com Theothrich (Teodorico?) e com grande número de seus servidores. Ele deixou na região uma jovem esposa sentada em sua casa, um filho criança, uma armadura sem senhor, e ele foi em direção ao Oriente. A desgraça cresceu para meu primo Dietrich e todos o deixaram; ele, que estava sempre à frente do povo, e encontrava sua alegria no combate. Não creio que ainda viva”. - “Deus do céu, senhor dos homens!”, diz, então, Hildbraht, “Não permita o combate entre aqueles que são parentes!”. Ele então retira de seu braço uma corrente trabalhada em bracelete que lhe dera o rei, senhor dos Hunos. “Deixa-me”, ele diz, “te fazer aqui essa doação!”. - Hathubraht respondeu: “É com a azagaia que posso recebê-la e ponta contra ponta! Velho huno, indigno espião, tu me enganas com tuas palavras. Em um momento eu te lanço meu dardo. Velho, então esperavas tu me ludibriar? Eles me disseram, esses que navegavam a oeste, sobre o mar dos Vândalos, que houve uma grande batalha onde pereceu Hildbraht, filho de Heeribrath”. - Então, prosseguiu Hildbraht, filho de Heeribrath: “Eu



bem vejo à tua armadura que não és um nobre chefe, que tu ainda nada venceste...Ai de mim! que destino é o meu! Erro há sessenta verões, sessenta invernos, expatriado, banido. Sempre me notavam na confusão de combatentes; jamais inimigo me arrastou ou me acorrentou em seu forte. E agora, é preciso que meu filho querido me fure de seu gládio, me fenda de seu machado, ou que eu me torne seu assassino. Sem dúvida, isso se pode fazer se teu braço é forte: que tu arrebares a um homem de coração a sua armadura, que tu pilhes seu cadáver; faze-o se tu tens o direito, e que ele seja o mais infame dos homens do Leste, aquele que te desviasse do combate que desejas. Bravos companheiros, julgai com vossa coragem aquele que hoje melhor saberá lançar a azagaia, aquele que vai dispor de duas armaduras”. - Lá em cima, as azagaias pontiagudas voaram e se prenderam nos escudos; após, eles se vieram às mãos, os machados de pedras soavam, batendo a grandes golpes os níveis escudos. Seus membros foram um pouco sacudidos, não suas pernas todavia...”

[413] *Cùm jam terror Francorum resonaret in his partibus, et omnes eos amore desiderabili cuperent regnare, sanctus Aprunculus Lingonicæ civitatis episcopus apud Burgundiones cæpit haberi suspectus. Cùmque odium de die in diem cresceret, jussum est ut clâm gladio feriretur. Quo ad eum perlato nuntio, nocte à castro Divionensi... demissus, Arvernus advenit, ibique... datus est episcopus* (NT: Como o nome dos Francos aterrorizasse essa região e que todos desejassem que eles levassem o Império, santo Aprúnculo, bispo da cidade de Langres, começou a tornar-se supeito aos Borguinhões. O ódio crescendo a cada dia contra ele, sua morte pelo gládio foi ordenada em segredo. Tomando conhecimento, ele escapa à noite, descendo ao longo do muro do castelo de Dijon... entrou na Auvérnia onde... tornou-se bispo) - *Multi jam tunc ex Galliis habere Francos dominos summo desiderio cupebant. Undè factum est, ut Quintianus Ruthenorum episcopus... ab urbe depelleretur. Dicebant enim ei: “quia desiderium tuum est, ut Francorum dominatio teneat terram hanc”... Orto inter eum et cives scandalo, Gothos qui in hâc urbe morabantur, suspicio attigit, exprobrantibus civibus, quòd velit se Francorum ditionibus subjugare; consilioque accepto, cogitaverunt eum perfodere gladio. Quod cùm viro nuntiatum fuisset, de nocte consurgens; ab urbe Ruthenâ egrediens, Arverno advenit. Ibique à sancto Eufrasio episcopo, ... benignè susceptus est, decedente ab hoc mundo Apollinari, ... cùm hæc Theodorico regi nuntiata fuissent, jussit inibi sanctum Quintianum constituit, ... dicens: “Hic ob nostri amoris zelum ab urbe sua ejectus est”. - Hujus tempore jam Chlodovechus regnabat in aliquibus urbibus in Galliis, et ob hanc causam hic pontifex suspectus habitus à Gothis, quòd se Francorum ditionibus subdere vellet, apud urbem Tholosam exilio condemnatus, in eu oiit... Septimus Turonum episcopus Volusianus... et octavus Veus... pro memoratæ causæ zelo suspectus habitus à Gothis in exilium deductus vitam finivit* (NT: Muitas pessoas nas Gálias desejavam, então, serem submissas ao domínio dos Francos. Ocorreu que Quintiano, bispo de Rodez, odiado por isso, foi expulso da cidade. Era-lhe dito: “É porque teu desejo é o de que o poder dos Francos se estenda sobre essa região”... uma querela tendo se apresentado entre ele e os cidadãos, os Godos, que habitavam essa cidade, levantavam suspeitas violentas; pois seus cidadãos reprovavam a Quintiano querer submetê-los aos Francos e, tendo se reunido em conselho, resolveram matá-lo. O homem de Deus, tendo sido avisado, levantou-se durante a noite com seus mais fiéis ministro e, saindo da cidade de Rodez, retirou-se para a Auvérnia, onde o bispo Eufrázio... o recebeu com bondade e, quando Apolinário deixou este mundo... a notícia foi trazida ao rei Teodorico que ordenou que o santo Quintiano fosse eleito para seu lugar, dizendo “Ele foi expulso de sua cidade por causa do seu zelo por nós” – Nesse tempo, Clóvis reinava em algumas cidades das Gálias e, a partir do momento em que os Godos suspeitaram que esse pontífice desejava submeter-se aos Francos, eles o baniram para Toulouse, onde ele morreu... Volusiano, sétimo bispo de Tours, e Verus, o oitavo, sendo suspeitos aos olhos dos Godos de favorecerem a causa daqueles, terminaram suas vidas no exílio), Greg. Tur., lib. II, c. 23, 36; I. X, c. 31. Vide também c. 26 e vit. patr. ap. Scr. fr., t. III, p. 408.

[414] Montesquieu, Espírito das Leis, I. XXVIII, c. 1.

[415] Em 254, sob Galiano, os Francos invadiram a Gália e atravessaram a Espanha até a Mauritânia (Zózimo, I. I, p. 646. Aurel. Victor, c. 33). Em 277, Probus os bateu duas vezes sobre o Reno e assentou um grande número deles sobre as bordas do Mar Negro. É conhecida a intrépida viagem desses piratas que partiram, entendidos de seu exílio, para irem rever seu Reno, pilhando, em rota, as costas da Ásia, da Grécia e da Sicília, vindo a desembarcar tranquilamente na Frísia ou na Batávia (Zózimo, I, 666) - Em 296, Constâncio transportou para a Gália uma colônia franca. - Em 358, Juliano (o Apóstata) repeliu os Chamavos além-Reno e subjugou os Sális, etc. - Clóvis (ou melhor, Hlodwig) derrotou Afrânio Siágrio em 486. - Gregório de Tours, I. II, c. 9: Tradunt multi eosdem de Pannoniâ fuisse digressos, et primùm quidem litora Rheni amnis incoluisse: dehinc transacto Theno, Thoringiam transmeasse.

[416] Por exemplo, dos exércitos de Constantino. Zózimo, I. II, Gibbon, IV, 95.

[417] Amm. Marcellin., I. XV, ad ann. 355: ... *Franci, quorum eâ tempestate in Palatio multitudo florebat*... (NT: Os Francos, naquele tempo, infestavam o Palácio) - Quando o Imperador Anastácio enviou a Clóvis, mais tarde, as insignias do consulado, os títulos romanos já eram familiares aos chefes dos Francos. - Agatias diz, pouco depois, que os Francos são os mais civilizados dos Bárbaros e que não diferiam dos Romanos senão pela língua e pelas vestes. - O que não quer dizer que as vestimentas fossem desprovidas de elegância. “O jovem chefe Sigismar”, diz Sidônio Apolinário, “marchava precedido ou seguido de cavalos cobertos de pedrarias brilhantes; ele caminhava a pé, ornado de seda branca como leite, brilhante de ouro, púrpura ardente; com essas três cores combinavam sua cabeleira, sua tez e sua pele. ... Os chefes que o cercavam estavam calçados de peles até os calcanhares. As pernas e os joelhos estavam nus. Seus sobretudos altos, estreitos, mesclados de diversas cores, à pena desciam até as coxas e as mangas não cobriam que o alto dos braços. Suas mantas verdes eram bordadas com uma faixa escarlate. A espada, pendendo do ombro por um longo talabarte, cingia seus flancos cobertos de uma renônia\*. As armas estavam também adornadas...” Sidon. Apollin., I. VI, epist. 20, ap. Scr. fr., I, 793. - “No túmulo de Childerico I, descoberto em 1653, encontrou-se seu nome escrito em letras romanas, um globo de cristal, um estilete com tabuletas, medalhas de vários imperadores... Não há nada de bárbaro nisso tudo”. Châteaubriand, Études historiques, III, 212. - São Jerônimo (em Fredegário) crê os Francos, como os Romanos, descendentes dos Troianos e relaciona sua origem a um Frâncio, filho de Príamo. “*De Francorum verò regibus, beatus Hieronymus, qui jam olim fuerant, scripsit quod prius... Priantum habuisse regem... cùm Troja caperetur... Europam media ex ipsis pars cum Francione corum rege ingressa fuit... cum uxoribus et liberis Rheni ripam occupârunt... Vocati sunt Franci, multis post temporibus, cum ducibus externas dominationes semper negantes* (O beato Jerônimo escreveu dos antigos Francos que Príamo era seu rei e que, quando Tróia foi tomada, metade deles, com Frâncio por rei, invadiu a Europa e se estabeleceu nas margens do Reno com suas mulheres e crianças.... Muito tempo depois, eles foram chamados Francos, eles e seus chefes sempre rejeitando o domínio estrangeiro”. Fredeg., c. 2, - Sabe-se o quanto essa tradição foi vivamente acolhida na Idade Média.

\* (NT) *\*rhénone*: tipo de manta utilizada pelos povos às margens do Reno (vide nota nº 31 em “La chute de l’empire romain, la naissance et les progrès du christianisme et l’invasion des barbares”, em

[www.mediterranee-antique.info/Auteurs/Fichiers/ABC/Chateaubriand/Etudes\\_historiques/Etude\\_6.htm#\\_edn31](http://www.mediterranee-antique.info/Auteurs/Fichiers/ABC/Chateaubriand/Etudes_historiques/Etude_6.htm#_edn31)

[418] Durante a longa estadia que fizeram na Bélgica, eles tiveram que se miscigenar aos indígenas e, sem dúvida, não chegaram à Gália senão tornando-se, em parte, Belgas.

[419] Procop. Bell. Goth. c. 12. ap. Scr. fr. II, 30: Γερμανοί... εταίριζεσθαί τε ηξίουν... ἃ δὴ Ἀρβόρυχοι οὔτι ἀκούσιοι ἐνεδέχοντο. Χριστιανοὶ γὰρ ἀμφοτέρου ὄντες ἐτύγχανον (NT: Os Germanos procuravam confraternizar com eles, e os Armorianos não eram, afinal de contas, antipáticos a isso, visto ambos serem Cristãos)

[420] Id. ibid.: Καὶ στρατιῶται δὲ Ἰωμαίων... οὔτε ἐς Ρώμην ὅπως ἐπανάξουσιν ἔχοντες, οὐ μὴν οὔτε προχωρεῖν Ἀρειανοῖς οὔσι τοῖς πολεμίοις βουλόμενοι, σφῶς... Ἀρβόρυχοις τε καὶ Γερμανοῖς ἔδοσαν (E os soldados Romanos, não tendo conseguido retornar a Roma, e não querendo que o inimigo Ariano vencesse, juntaram-se aos Armorianos e aos Francos) - Assim, os Francos associam todos os católicos da Gália contra os Arianos.

[421] (NT) Clódio: também chamado Chlogion ou Clodion, viveu entre cerca de 390 a cerca de 450. Cognominado *O Cabeludo*, foi o rei mais antigo da era merovíngia cuja existência é certa (fonte wikipedia.org.br).

[422] Greg. Tur., I. II, c. 9, ap. Scr. fr. II, 166.

[423] Vários críticos ingleses e alemães pensam agora, como o abade Dubos, que a realeza dos Francos nada tinha de germânica, mas que era uma simples imitação dos governadores imperais, praesides, etc. Vide Palgrave, *Upon the Commonwealth of the England*, 1832, 1º volume. - Em 406, os Francos tentaram, em vão, defender suas fronteiras contra a grande invasão dos Bárbaros e, em diversas vezes, eles obtiveram terras como soldados romanos. Sismondi, I, 174. - Enfim, os

Benedictinos dizem em seu prefácio (Scr. r. fr. I, LIII): “Não há nada, nem na história, nem nas leis dos Francos, de onde se possa inferir que os habitantes das Gálias tivessem sido despojados de uma parte de suas terras para formar as terras sálicas aos Francos”.

[424] As passagens seguintes, recolhidas por M. Guizot, *Essais*, p. 103, mostram a que ponto eles eram independentes de seus reis: “Se tu não queres ir a Borgonha com teus irmãos”, dizem os Francos a Teodorico, “nós aí te deixaremos e marcharemos com eles”. Greg. Tur., I, III, c. 11. - Ademais, os Francos desejam marchar contra os Saxões que pedem a paz. - “Não vos obtineis a partir para essa guerra onde vós vos perdereis”, disse-lhes Clorário I, “se desejais ir, eu não vos seguirei”. Mas, então, os guerreiros se jogaram contra ele, fizeram sua tenda em pedaços, o arrancaram à força, o cobriram de injúrias e resolveram matá-lo se ele se recusasse a partir. Clotário, vendo isso, parte com eles, malgrado não desejá-lo”. Ibid., liv. IV, c. 14. - O título de rei era, primitivamente, de nula consequência entre os bárbaros. Enódio, bispo de Paris, diz a respeito do grande exército de Teodorico: “*Havia tantos reis* nesse exército, que seu número era ao menos igual àquele de soldados que se podia alimentar com as subsistências exigidas dos habitantes do distrito onde ele acampava”.

[425] Greg. Tur., lib. II, c. 31. - Sigeberto e Chilperico não se casaram com Brunilda e Galswinta até que estas tivessem abjurado o arianismo - Clotsinda, filha de Clotário I, Ingunda, mulher de Hermenegildo, Berta, mulher do rei de Kent, converteram seus maridos.

[426] Cùm pugnatis, vicinus. Sanctus Aviti, epist. in append. ad Greg. Tur.

[427] Mitis depono colla, Sicamber: adora quod incendisti, incendere quod adorasti. Greg. Tur., I II, c. 31.

[428] Id. ibid., c. 34.

[429] Gesta regum francorum, ap. Scr. fr. II, 553. Thierry, *Conquête de l'Angl.*, I, 43.

[430] Greg. Tur., I II, c. 37. (NT) Viena, neste caso, não é a cidade de Viena, na Áustria, mas um rio de 372 km de extensão que compõem a bacia do Loire, sendo um dos grandes afluentes do rio que tem este mesmo nome.

[431] Id. ibid.

[432] Id. ibid.

[433] (NT) S. Martinho de Tours, Martinho de Tours, Martinho o Misericordioso.

[434] Id. ibid.: “Et ubi erit spes victoriæ, si beatus Martinus offenditur?”

[435] (NT) Franquisque (ou frâncica): machado de guerra utilizado pelos Francos, sendo-lhe normalmente associado. Vide <http://pt.wikipedia.org/wiki/Franquisque>

[436] Greg. Tur. I II, c. 28.

(NT) A cidade de Soissons é conhecida como a “cidade do vaso”, em virtude de um acontecimento que é narrado por Gregório de Tours no capítulo 27, do livro II, da História dos Francos. Ele o situa por volta do ano de 486, antes, portanto da conversão de Clóvis, no curso da guerra contra Siágrio e pouco após a tomada de Soissons, que se tornou a capital merovíngia. Naquela época, muitas igrejas foram saqueadas pelo exército de Clóvis “porque ele ainda estava enterrado nos erros do fanatismo” (*quia erat ille adhuc fanaticis erroribus involutus*). Foi assim que os soldados arrebataram de um edifício religioso, situado na diocese de Reims, dentre outros, um vaso litúrgico, provavelmente em prata, de um tamanho e beleza extraordinários. O bispo Rémi enviou um emissário a Clóvis para pedir-lhe que fosse devolvido, ao menos, esse objeto ao qual ele tinha muito estima. O rei convidou o homem a segui-lo até Soissons onde teria lugar a partilha do butim, assegurando-lhe que, desde que o vaso viesse a lhe pertencer, ele daria satisfação ao bispo. É, então, em Soissons, a cidade que vem de ser capturada, que ocorre a cena central. O exército está reunido em torno do saque amontoado. O rei pede aos “mui valorosos guerreiros” que lhe cedam o vaso a mais em sua parte. Os homens de bom senso (*illi quorum erat mens sanior*) respondem: “Tudo que vemos aqui é a ti, glorioso rei, e nós mesmos somos súditos de tua autoridade” (*non ipsi tuo sumus dominio subjugati*). Aja como te agrada, ninguém pode te resistir”. Mas, todo mundo tendo falado, um soldado - homem leviano, invejoso e impulsivo (*levis, invidus ac facilis*) - para estupefação geral, quebra o vaso pela alça gritando: “Tu não receberás senão o que a sorte verdadeiramente te atribuir”. O rei engoliu a afronta mas “guardou sua mágoa escondida no seu coração”. Ainda assim, o bispo recuperou seu vaso quebrado e amassado. No ano seguinte, dá-se o episódio da revista das tropas no qual o rei reconhece o soldado insolente, arranca-lhe a franquisque e, ao fender-lhe a cabeça, diz: “Lembra-te do vaso de Soissons!” (versão popular) ou, “Assim tudo fizeste ao vaso em Soissons!” (fonte [http://fr.wikipedia.org/wiki/Vase\\_de\\_Soissons](http://fr.wikipedia.org/wiki/Vase_de_Soissons))

[437] Ele mandou dizer secretamente ao filho do rei de Colônia, Sigeberto o Manco: “Teu pai envelheceu e manca de seu pé doente. Se ele morresse, eu te entregaria o reino dele com minha amizade...”. Cloderico enviou assassinos contra seu pai e o fez morrer esperando, com isso, obter seu reino.... E Clóvis fez-lhe dizer: “Eu dou graças à tua boa vontade e rogo-te mostrar teus tesouros aos meus enviados, após o quê, possuí-los-ás todos”. Cloderico diz-lhes: “É dentro desse cofre que meu pai guardava suas moedas de ouro”. Eles disseram: “Mergulha tua mão até o fundo para encontrar tudo”. Ele, tendo-o feito, e estando abaixado, um dos enviados levantou seu machado e quebrou-lhe o crânio. - Clovis, tendo ciência da morte de Sigeberto e de seu filho, veio a esta cidade, convocou o povo e disse: “... Eu não sou, de forma alguma, cúmplice dessas coisas. Porque eu não posso derramar o sangue de meus parentes: isso é proibido. Mas, como tudo isso aconteceu, eu vos darei um conselho, vide se ele vos agradará: vinde a mim e colocai-vos sob minha proteção”. O povo aplaudiu com grande ruído de vozes e de escudos, o ergueu sobre o escudo e o tomou como rei. - Em seguida, ele marchou contra Chararico... o fez prisioneiro com seu filho e fez tonsurar a ambos. Como Chararico chorava, seu filho lhe diz: “É sobre um caule verde que essa folhagem foi cortada, ele tornará a crescer e ficará novamente verde bem rápido. Queira Deus que pereça assim tão rápido aquele que fez tudo isso!”. Essa frase vem aos ouvidos de Clóvis... Ele fez-lhes cortar as cabeças. Eles mortos, Clóvis adquiriu seu reino, seus tesouros, seu povo. - Ranhacário era, então, rei em Cambrai... Clóvis, tendo mandado fazer braceletes e talabartes de falso ouro (pois não era nada além de cobre dourado), os deu aos Leudos de Ranhacário para excitá-los contra este.... Ranhacário foi batido e feito prisioneiro com seu filho Ricário... Clóvis lhe diz: “Por que fizeste vergonha a nossa família deixando-te acorrentar? Melhor valia morrer.” E, levantando seu franquisque, ele plantou-lho na testa. Depois, virando-se para Ricário, disse: “Se tivesses socorrido teu irmão, ele não teria sido acorrentado”. E também o matou com uma machadada. - Rignomar foi morto por ordem de Clóvis na cidade de Mans... Tendo igualmente matado muitos outros reis e seus parentes mais próximos, ele estendeu seu reino sobre todas as Gálias. Enfim, tendo um dia reunido os seus, ele então falou de seus parentes que ele próprio fizera perecer. “Infeliz que sou, restei como um viajante entre estranhos, e não tenho mais parentes para me socorrer se a adversidade vier”. Mas não era porque se afligisse da morte deles; ele não falava senão por ardil e para descobrir se ainda havia algum parente a fim de matá-lo”. Greg. Tur., I II, c. 42.

[438] Greg. Tur. lib. II, c. 40. *Presternebat enim quotidie Deus hostes ejus sub manu ipsius et augebat regnum ejus, eò quòd ambularet recto corde coram eu, et faceret quæ placita erant in oculis ejus* (NT: Cada dia, Deus fazia tombar seus inimigos sob sua mão e aumentava seu reino, porque ele caminhava com o coração reto diante do Senhor e fazia as coisas que são agradáveis a Seus olhos - a partir do texto bilingue em <http://agoraclass.fltr.ucl.ac.be/concordances/intro.htm>). - Essas palavras sangrentas espantam na boca de um historiador que mostra, em toda parte, muita doçura e humanidade.

[439] *Qui cum illis domo ipsorum consistere videbantur... De ceteris quidem captivis laicis...* \* Epist. Clodovæi ad episc. Gall. apud Scr. fr. IV, 54. - Esta carta foi escrita por Clóvis à ocasião da sua guerra contra os Godos.

\* (NT) “Quem com eles parece estar em sua própria casa... sobre os restos dos prisioneiros e leigos”.

[440] Vide Gregório de Tours, I. III, c. 15. - Esta história foi traduzida por Aug. Thierry, em suas *Lettres sur l'Histoire de France*. Sobre o Estado das pessoas na Gália sob os reis da primeira raça, vide o sábio memorando de M. Nandet.

[441] Greg. Turon., I. III, c. 7. - No Hesse e na Francônia, os Túrings espartilharam ou esmagaram sob as rodas de suas carroças mais de duzentas juvenzinhas e, em seguida, distribuíram os membros a seus cachorros e às aves de caça. - Vide o Discurso de Teuderico aos seus\*, ibid.

\*(NT) Discurso de Teuderico: “Experimentai, eu vos rogo, com cólera, minha injúria e a morte de vossos parentes; lembrai-vos que os Túrings vieram atacar violentamente nossos pares e fizeram-lhes muitos males; que esses últimos, tendo-lhes oferecido reféns, quiseram entrar em paz com eles, mas eles fizeram perecer os reféns por várias formas de morte e, voltando a se jogar sobre nossos parentes, levaram-lhes tudo que possuíam, suspenderam as crianças às árvores pelo nervo da coxa, mataram de uma morte cruel mais de duzentas juvenzinhas, ligando-as pelos braços aos pescoços dos cavalos que eram forçados, a golpes de agulhões pontudos, a se afastarem cada um de seu lado, de sorte que elas foram destrinchadas em pedaços; outras foram estendidas sobre as trilhas dos caminhos e pregadas na terra com espinhões de caça; depois, fez-se passar sobre elas carroças carregadas e, seus ossos assim quebrados, eles as deixaram para servir de pasto aos cães e às aves. Agora, Hermanfredo falta com aquilo que prometeu e parece esquecê-lo completamente. Nós temos o direito ao nosso lado; marchemos contra eles com a ajuda de Deus”. (traduzido, a partir do francês, do texto disponível na edição bilingue latim-francês em <http://agoraclass.fltr.ucl.ac.be/concordances/intro.htm>).

[442] (NT) Sigismundo da Borgonha (São Sigismundo)

[443] Greg. Tur., lib. III, trad. de M. Guizot. Um terceiro filho de Clodomiro escapou e se refugiou em um convento. É São Clodoaldo ou São Cloud.

[444] Ubi aurum et argentum accipiatis, quantum vestra potest desiderare cupiditas, de qua pecora, etc. - Greg. Tur., I. III, c. 11.

[445] Greg. Tur., I. III, Gesta reg. Franc., c. 17. (NT: O Autor escreveu “Vouglé”, mas as referências que o tradutor encontrou trazem a palavra “Vouillé”, sem alteração de contexto histórico sobre a “batalha de Vouillé”, quando Alarico II enfrentou Clóvis, rei dos Francos. Mas a referência a Vouglé não está errada. Quanto à situação geográfica, houve, após a publicação deste livro, em 1833, discussões sobre o real local da batalha que teria ocorrido não em Vouillé, mas na planície de Voulon (vide sobre a discussão: [http://fr.wikipedia.org/wiki/Bataille\\_de\\_Vouillé](http://fr.wikipedia.org/wiki/Bataille_de_Vouillé))

[446] Procop. De Bell goth., I. II, c. 25.

[447] A expedição de Teudeberto não foi a última dos Francos na Itália. Em 584, “o rei Childeberto foi para a Itália e, sendo isso conhecido pelos Lombardos, estes, temendo serem derrotados pelo exército daquele, se submeteram à sua dominação, deram-lhe muitos presentes e prometeram permanecer-lhe fiéis e submissos. O rei, tendo obtido deles o que desejava, retornou às Gálias e ordenou que se pusesse em movimento um exército que ele fez marchar para a Espanha. Entretanto, ele parou. O Imperador Maurício dera-lhe, no ano precedente, cinquenta mil soldos de ouro para expulsar os Lombardos da Itália. Tomando conhecimento que ele fizera as pazes com os Lombardos, ele exigiu a devolução de seu dinheiro. Mas o rei, confiando-se às suas forças, não quis apenas responder-lhe lá de cima.

[448] Ferido por um touro selvagem, segundo Agatias, apud. Scr. r. fr., t. I, p. 50.

[449] Procop. De Bell. Gothico, I. III, c. 33.

[450] A primeira vez que eles a invadiram, Childeberto e Clotário pretendiam vingar sua irmã maltratada por seu marido Amalarico, rei dos Visigodos, que desejava convertê-la ao arianismo. Ela enviara a seus irmãos um lenço tinto de seu sangue. Gret. Tur., I. III, c. 10.

[451] Quingentas vaccas inferendales annis singulis à Chlotario seniore censit reddebant. Gesta Dagoberti, c. 39

[452] Sidon. Apollin., I. VIII, epist. 9: *Istic (em Bordeaux) Saxona cærulum videmus assuetum antè salo, solum timere* (NT: Aqui, vemos os Saxões de olhos azuis, ele recentemente, o rei das marés), Carmen VIII:

*Quin et Aremoricus piratam Saxona tractus  
Sperabat, cui pelle salum sulcare Britannum  
Ludus, et assulo glaucum mare findere lembo.*

(NT: D’outro lado, as costas da Armórica desafiavam o pirata Saxão, para quem é um jogo sulcar o mar da Bretanha e fender as vagas azuladas sobre esquifes de peles costuradas – a partir do texto bilingue francês-latim disponível em <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/sidoine/poesies7.htm>)

[453] O próprio Clóvis escolhia Romanos para enviá-los em embaixada, Aureliano em 481, Paternus em 507 (Greg. Tur., epist. c. 18, 25). Encontra-se uma enormidade de nomes romanos em volta de todos os reis germanos: um Aridius é o conselheiro assíduo de Gondebaude (Greg. Tur. I. II, c. 32) – Arcadius, senador arverno, chama Childeberto I na Auvérnia e se interpõe pela morte dos filhos de Clodomiro (id. I. III, c. 9, 18). - Asteriolus e Secundinus “ambos sábios e hábeis nas letras e na retórica”, possuíam muito crédito (em 547) junto a Teudeberto (ibid. c. 33). - Um embaixador de Gontran se chama Félix (Greg. Tur. I. VIII, c. 13); seu *referendário*, Flavius (I. V, c. 46). Ele envia um Claudius para matar Eberulf\* em Saint-Martin de Tours (I. VII, c. 29). - Um outro Claudius é *chanceler* de Childeberto II (Greg. De mirac. S. Martini, I. IV) – Um *doméstico* de Brunilda se chama Flavius (Greg. Tur. I. IX, c. 19). A seu favorito Protadius sucede “o romano Cludius, bem letrado e agradável narrador” (Fredegar. c. 28). Dagoberto tem por embaixadores Servatus e Paternus, por generais Abudantius e Veneradus, etc (Gesta Dagoberti, passim)...etc. Etc. - Sem dúvida, mais de um rei Merovingio perdeu, nesse contato com os vencidos, a rudez bárbara e quis aprender com seus favoritos a elegância latina: Fortunato escreveu a Cariberto:

*Floret in eloquio língua Latina tuo.  
Qualis es in propriâ docto sermone loquetâ  
Qui nos Romano vincis in eloquio.*

(NT: A língua latina floresce em tua eloquência. Tu, que mesmo a tua própria língua falas doutamente, a nós Romanos venceu-nos em nossa língua).

- Sigebertus erat elegans et versutus. - Sobre Chilperico, vide mais abaixo – Os Francos parecem ter logo adquirido a perfídia bizantina: Franci mendaces, sed hospitales (sociáveis?). Salvian. I. VII, p. 169. *Si pejeret Francus, quid novi faceret; qui perjurium ipsum sermonis genus esse putat, non criminis* (NT: Se um Franco renega-se, qual é a novidade? Pois pensam que o perjúrio é apenas um tipo de discurso, não um crime). Salviano I. IV, c. 14. - *Franci, quibus familiare est ridendo fidem frangere* (NT: Os Francos, que estão habituados a quebrar sua palavra com uma risada). Flav. Vopiscus, in Proculo.

\* (NT) Eberulf: Santo Eberulfo ou Santo Evroul (em francês, também conhecido por (Évroult d'Ouche ou Saint Évroult), sendo Eberulfus a forma latinizada.

[454] Greg. Tur. I. III, c. 36.

[455] Id. I. IV, c. 41. (NT) poitevino: originário da região do Poitou na França.

[456] Greg. Tur., I. IV, c. 24. *Rex Guntchaarmnus Celsus patriciatûs honore donavit, virum procerum statu, in scapulis validum, lacerto robustum, in verbis tumidum, in responsis opportunum, juris lectione peritum; cui tanta deinceps habendi cupiditas extitit, ut sæpius ecclesiarum res auferens...* (NT: O Rei Gontran honrou com o patriciado Celso, homem de alta estatura, ombros largos, robusto de punho, soberbo em suas palavras, pronto à réplica e versado nas leis; ele foi,



na sequência, tomado de uma tal cupidiez para enriquecer-se que, com frequência, tomava as propriedades eclesiásticas... – *a partir do texto em francês disponível em <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/gregoire/francs4.htm>*

[457] Id. *ibid.*, c. 39, 47.

[458] Fredegário fala da tirania fiscal de um Protadius, prefeito do palácio em 605, sob Teuderico e favorito de Brunilda: “... Fisco nimium tribuens, de rebus personarum ingeniosè fiscum vellens implere.” c. 27.

[459] Quando os Saxões retornaram a seu país, eles encontraram o lugar tomado: “ao tempo da passagem de Alboíno para a Itália, Clotário e Sigeberto tinham colocado, no lugar que ele deixava, os Suevos e outras nações; aqueles que acompanharam Alboíno, tendo se lembrado do tempo de Sigeberto, ergueram-se contra eles e quiseram expulsá-los e fazê-los desaparecer do país; mas eles lhes ofereceram a terceira parte das terras dizendo: “Podemos viver juntos sem nos combatermos”. Os outros, irritados porque tinham, antes, possuído essa região, não quiseram, de forma alguma, fazer a paz. Os Suevos lhes ofereceram então a metade das terras, depois, dois terços, não guardando para si que a terceira parte. Os outros se recusando, os Suevos lhes ofereceram todas as terras e todas as tropas de animais, desde que eles apenas recusassem combater; mas eles não consentiram e pediram o combate. Antes de iniciá-lo, eles trataram entre si da partilha das mulheres dos Suevos e qual seria de cada um após a derrota de seus inimigos, os quais eles já olhavam como mortos; mas a misericórdia de Deus, que agiu segundo a justiça, os obrigou a virar seus pensamentos, pois o combate, tendo se iniciado, vinte mil de vinte mil Saxões foram mortos e, dos Suevos, que eram seis mil e quatrocentos, apenas oitenta foram abatidos e os outros obtiveram a vitória. Aqueles Saxões que ficaram após a derrota, juraram, com imprecações, não cortar a barba, nem os cabelos, até que tivessem se vingado de seus inimigos; mas, tendo recommençado o combate, eles provaram, de novo, uma derrota maior e foi assim que a guerra cessou”. Greg. Tur., l. V, c. 15. Vide também Paul Diacre, *De gestis Langobardorum*, ap. Muratori, l.

[460] O rex, quid nunc ad te, nisi ut... communione priveris? – At ille: Non, inquit, ego nisi audita narravi. Greg. Tur., liv. V, c. 50.

[461] É a opinião de Valois e de D. Ruinart, o editor de Gregório de Tours: “... Uxorius magis quam crudelis”. Script. fr. II, præfatio.

[462] Greg. Tur., lib. VIII, c. 29 – Fredegunda dá uma poção a dois clérigos para que fossem assassinar Chilberto (medicatos potione direxit...).

[463] (NT) ou “Ordem dos Assassinos”. Seita fundada por Hassan-in Sabah, também conhecido como “o velho da montanha”, no século XI, cujo objetivo era difundir uma nova corrente do Islã. Eram conhecidos por sua ferocidade e, uma das etimologias para a palavra “assassino” deriva de “*Assass*” – ou seja, “os fundamentos” da fé islâmica. Vide <http://fr.wikipedia.org/wiki/Nizârites> e [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ordem\\_dos\\_Assassinos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ordem_dos_Assassinos)

[464] Uma liberta, possuída pelo espírito de Píton, rica, vestida com roupas magníficas, se refugia perto de Fredegunda. Id. l. VII, c. 44 – Cláudio promete a Fredegunda e a Gontran matar Eberulf, assassino de Chilperico, dentro da basílica de Tours: “et cum iter ageret, ut consuetudo est barbarorum, auspicia intendere cœpit. Simulque interrogare multos si virtus beati Martini de præsentis manifestaretur in perfidis”, c. 29.

O paganismo ainda é bem forte nessa época. Em um concílio onde assistiram Sonnat, bispo de Reims, e quarenta bispos, decide-se: “que aqueles que seguem os augúrios e outras cerimônias pagãs, ou que fazem refeições supersticiosas com os pagãos, sejam de início suavemente admoestados e advertidos a abandonar seus antigos erros, que se eles negligenciarem fazê-lo e se juntarem aos idólatras e a todos os que fazem sacrifícios aos ídolos, sejam submetidos a uma penitência proporcional à sua falta”. Frodoard., l. II, c. 5. – Em Gregório de Tours (l. VIII, c. 15), São Wulfilaic\*, eremita de Tréveris, conta como ele derrubou (em 585) a Diana do lugar e os outros ídolos. – Os Concílios de Latrão, em 402, de Arles, em 452, proibem o culto das pedras, das árvores e das fontes. Lê-se nos cânones do concílio de Nantes, em 658: *Summo decertare debent studio episcopi et eorum ministri, ut arbores daemonibus consecrate quas vulgus colit et in tantâ veneratione habet ut nec ramum nec surculum indè audeat amputare, radicitiùs excindantur atque comburantur. Lapides quoque quos in ruinosis locis et silvestribus daemonum ludificationibus decepti venerantur; ubi et vota vovent et defesunt, funditiùs effodiantur, atque in tali loco projiciantur; ubi nunquam à cultoribus suis inveniri possint. Omnibusque interdicitur ut nullus candelam vel aliquod munus alibi deferat nisi ad ecclesiam Domino Deo suo...* (Bispos e seu clero devem se esforçar, ao máximo, para extipar e queimar as árvores consagradas aos demônios e que são adoradas pelas pessoas comuns, e atentarem para que, em tal veneração, não se atrevam a cortar um galho ou aproveitar a seiva que corre. Igualmente em relação às pedras, para as quais são atraídos, pelos enganos dos demônios, para adorarem em lugares arruinados e lenhosos, aos quais prometem votos e trazem oferendas; que elas sejam, pois, completamente desenterradas e levadas a lugares onde nunca mais poderão ser encontradas por seus adoradores. E seja proibido tudo para que ofereçam velas ou qualquer outra oferenda, salvo se o fizerem na Igreja, ao Senhor seu Deus), Sirmund., t. III, Conc. Galliæ. Vide também o vigésimo segundo cânon do Concílio de Tours, em 567, e os Capitulares de Carlo Magno, ann. 769.

\*(NT) Ou São Walfroy ou Wolf ou Vulfe, também conhecido como o único estilita ocidental.

[465] “De Fredegunda, lembra-te”, diz Santo Audoeno\* a seu amigo Ebroin, defensor da Nêustria contra a Ostrásia – A predominância pertence de início à Nêustria. Desde Clóvis, e antes da completa destruição da autoridade real sob os prefeitos do Palácio, quatro reis reuniram toda a monarquia franca: são os reis da Nêustria, Clotário I (558-561), Clotário II (613-628), Dagoberto I (631-638), Clovis II (655-656). Em efeito, foi na Nêustria que se estabeleceu Clóvis com a tribo então preponderante. – A Nêustria era mais central, mais romana, mais eclesiástica – A Ostrásia era presa das flutuações contínuas da emigração germânica. Guizot, *Essais sur l'Histoire de France*, p. 73.

\*(NT) Santo Audoeno é Saint-Ouen.

[466] Greg. Tur., l. IV, c. 50: Sigebertus rex gentes illas quæ ultrà Rhenum habentur, commovet, ... et contrà fratrem suum Chilpericum ire destinat.

[467] “Os burgos situados nas redondezas de Paris foram inteiramente consumidos pelas labaredas”, diz Gregório de Tours, “o inimigo destruiu as casas como todo o resto e levou os habitantes em cativeiro. Sigeberto conjurava que não se fizesse nada, mas ele não podia conter o furor dos povos vindos da outra margem do Reno. Ele, então, tudo suportava com paciência, até que pudesse retornar a seu país. Alguns desses pagãos se sublevaram contra ele, reprovando-lhe ter se subtraído ao combate; mas ele, cheio de intrepidez, montou ao cavalo, apresentou-se à frente dos mesmos, acalmou-os com palavras amenas e, em seguida, ordenou a lapidação de um grande número deles.” l. IV, c. 50.

[468] (NT) Pavês, em francês *pavois*: grande escudo utilizado pelas tribos germânicas, sobre o qual celebrava-se a elevação de um rei. Era uma arma utilizada pela infantaria e arbaletreiros na Idade Média.

[469] Id. *ibid.*, c. 52. *Duo pueri cum cultris validis, quos vulgò scramasaxos vocant, infectis veneno, maleficati à Fredegunde regina, utraquesci latera feriunt* (NT: dois jovens servidores da rainha Fredegunda, que ela enfeitiçara com malefícios, aproximaram-se dele armados de facas scramasax\* cujas lâminas estavam envenenadas e o feriram nos flancos) – \* Scramasax: *Schram/schräg*, oblíquo; *sahs*, faca (Giesebrecht) – *a partir do texto em francês disponível em [http://remacle.org/bloodwolf/historiens/gregoire/francs4.htm#\\_edn63](http://remacle.org/bloodwolf/historiens/gregoire/francs4.htm#_edn63)*

[470] Id. *ibid.*: Ibi et Sigila, qui quondam ex Gothiâ venerat, multum laceratus est.

[471] Id., l. V, c. 1. Chilperico vem a Paris tomar os tesouros de Brunilda e a relega a Rouen e seus filhos a Meaux.

[472] Greg. Tur., l. VI, c. 4.

[473] Id., l. V, c. 27.

[474] Id. l. VI, c. 31.

[475] Greg. Tur., l. V, c. 18. Apud Suessionas atque Parisios circos ædificare præcepti, in eis populo spectaculum præbiturus.

[476] *Sed versiculi illi*, diz Gregório de Tours, *nulli penitus metricæ conveniunt rationi* (NT: seus versos, porém, violavam todas as leis da métrica), l. V, c.

45. Entretanto, a tradição atribui-lhe o seguinte epitáfio sobre Saint-Germain-des-Prés:

*Ecclesiae speculum, patriae vigor, ara reorum,  
Et pater, et medicus, pastor amorque gregis,  
Germanus virtute, fide, corde, ore beatus.  
Carne tenet tumulum, mentis honore plum.  
Vir cui dura nihil nocuerunt fata sepulcri:  
Vivit enim, nam morsquem tili ipsa timet.  
Crevit adhuc potius justus post funera; nam qui  
Fictile vas fuerat, gemma superna micat.  
Hujus opem et meritum mutis data verba loquuntur,  
Redditus et cæcis prædicat ore dies.  
Nunc vir apostolicus, rapiens de carne trophæum,  
Jure triumphali considet arce throni\*.*

Apud. Aimoin, l. III, c. 10.

\*(NT: Espelho da Igreja, vigor da pátria, refúgio dos condenados/E pai, e médico, pastor e deleite de seu rebanho/Germano, abençoado na virtude, na fê, no coração, nos sentimentos/Sua carne enche este túmulo, sua memória o mundo/Seu sepulcro não obteve vitória sobre ele/Ele, a quem a morte agora teme, floresce e vive/Pois o que era um vaso de terra, agora brilha com uma gema em cima/O mudo, restaurado ao discurso, fala de sua ajuda e méritos/E tu, homem cego, contempla o dia e as proclama/O homem apostólico, triunfando sobre a mortalidade, agora senta, por direito conquistado, num trono celestial).

Ele acrescentou letras ao alfabeto, ... “*et misit epistolas in universas civitates regni sui, ut sic pueri docerentur, ac libri antiquitus scripti, planti pumice rescriberentur...*” (NT: e enviou cartas para toda parte de seu reino ordenando fossem ensinados os jovens e determinando que todos os livros escritos na forma antiga fossem apagados com pedras-pomes e reescritos), Greg. Tur, l. V, 45.

[477] Ut si chartam potuisset attingere, in frustra discerneret. Et sic rex ab hac intentione quievit. Id. Ibid.

[478] Vide, em Gregório de Tours (l. VI, c. 22), sua clemência em relação a um bispo que dissera, dentre outras injúrias, que, em passando do reino de Gontran para o de Chilperico, ele passava do paraíso para o inferno. - Entretanto, em outras vezes, ele se lamentava amargamente dos bispos (ibid, l. VI, c. 46): Nullum plus odio habens quam ecclesias, aiebat enim plerumque: “Ecce pauper remansit fiscus noster, ecce divitiarum nostrarum ad ecclesias sunt translatae, nulli penitus, ni soli episcopi regnant: perit honor noster, et transiit ad episcopos civitatum.”.

[479] Greg. Tur., l. V, c. 29: Descriptiones novas et graves in omni regno fieri jussit... statutum enim fuerat, ut possessor de propria terra unam amphoram vini per aripennem, id est simi-jugerem continentem 120 pedes, redderet... Sed et aliae functiones infligebantur multae, tam de reliquis terris, quam de mancipiis...

[480] Pode-se julgar a violência desse governo pela maneira com a qual Chilperico fez o dote de sua filha Rigunta. Ele mandou transportar como escravos, para segui-la à Espanha, uma multidão de colonos reais; um grande número deles se entregou à morte; o cortejo partiu cobrindo o rei de maldições. É preciso ver em Gregório de Tours essa tragédia (l. VI, c. 45).

[481] (NT) São Crispim e São Crispiniano. Irmãos e cristãos mártires do século III.

[482] Greg. Tur, l. V, c. 35.

[483] Id. Ibid., capite ultimo.

[484] Guntchamnus rex... cum sacerdotibus utique sacerdotis ad instar se ostendebat. Fredeg. ap. Scr. r. fr., t. II, p. 414. - Uma mulher curou seu filho da febre-quartã dando-lhe água na qual ela fizera uma infusão com uma pedaço do manto de Gontran. Greg. Tur., l. IX. c.

[485] Patrocinio suo fovebat. Greg. Tur., l. VII, c. 7.

[486] Greg. Tur., l. VII, c. 7: “Gontran protegia Fredegunda e a convidava com frequência aos lautos banquetes, prometendo-lhe que ele seria, para ela, um sólido apoio. Um certo dia que estavam juntos, a rainha se levanta e diz adeus ao rei que a retém dizendo-lhe: “Tomai e comei ainda alguma coisa.” Ela lhe responde: “Permiti-me, eu vos rogo, senhor, pois me ocorre, segundo o costume das mulheres, ser necessário que eu me levante para dar à luz”. Essas palavras deixaram-no estupefato pois ele sabia que não havia sequer quatro meses que ela pusera um filho no mundo: ele permitiu, entretanto, que ela se retirasse”.

[487] Greg. Tur. l. VII, c. 8.

[488] Id. Ibid., c. 13

[489] (NT) Ballomer significa “falso príncipe” ou “mau merovíngio” (fonte <http://fr.wikipedia.org/wiki/Gondovald>)

[490] “Como Gondovaldo procurasse auxílio de todos os lados, alguém contou-lhe que um certo rei do Oriente, tendo roubado o polegar do mártir São Sérgio, o implantara em seu braço direito e, quando ele se encontrava na necessidade de repelir seus inimigos, bastava-lhe levantar o braço com confiança; o exército inimigo, como destruído pelo poder do mártir, punha-se em derrota. Gondovaldo se informou, rapidamente, se havia alguém nesse lugar que fosse julgado digno de receber algumas relíquias de São Sérgio. O bispo Bertrand designou-lhe um certo negociante chamado Eufrônio que ele odiava pois, ávido por seus bens, ele o fizera, uma vez, ter a cabeça raspada e, contra sua vontade, para fazê-lo clérigo; mas Eufrônio se mudou para uma outra cidade e retornou assim que seus cabelos cresceram. O bispo, então, disse: “Há aqui um certo Sírio que se chama Eufrônio e que, tendo transformado sua casa em uma igreja, aí colocou as relíquias desse santo e, pelo poder do mártir, ele viu vários milagres se operarem; quando a cidade de Bordeaux estava ameaçada por um grande incêndio, essa casa, cercada de chamas, foi preservada”. Logo em seguida, Mummole correu prontamente com o bispo Bertrand à casa do Sírio, aí penetrou à força e ordenou-lhe exibir as santas relíquias; Eufrônio recusou-se mas, pensando que se lhe preparavam armadilhas por maldade, ele disse: “Não atormente um ancião e não cometa ultrajes contra um santo; mas receba essas cem moedas de ouro e retire-te”. Mummole insistindo, Eufrônio ofereceu-lhe duzentas moedas de ouro; mas ele não conseguiu, a esse preço, que eles se retirassem. Então, Mummole ordenou que fosse apoiada uma escada contra a muralha (as relíquias estavam escondidas num relicário no alto da muralha, contra o altar), e determinou ao diácono subir. Este, estando no meio da escada, foi tomado de um tal tremor após ter pego o relicário, que ninguém acreditou que pudesse descer vivo. Entretanto, tendo pego o relicário, ele o levou. Mummole, tendo-o examinado, aí encontrou o osso do dedo do santo e não temeu quebrá-lo com uma faca. Ele pusera uma faca sobre a relíquia e batia em cima com outra. Após alguns golpes que demoraram a quebrá-lo, o osso, cortado em três partes, repentinamente desapareceu. A coisa não foi agradável ao mártir como se pôde ver na sequência” - Esses Romanos do Sul respeitavam as coisas santas e os padres bem menos que os homens do norte. Vê-se, um pouco mais à frente, que um bispo, tendo insultado um pretendente à mesa, os duques Mummole e Didier o abateram a golpes. Greg. Tur, lib. VII, ap. Scr. r. fr., t. II, p. 302. As passagens de Gregório que precedem e seguem foram tomadas de empréstimo, quase literalmente, da tradução de M. Guizot.

[491] (NT) Santa Radegunda de Poitiers .

[492] Assim em Shakespeare, Macbeth, ato V... “Eu olhava do lado de Birnham quando, de repente, me pareceu que a floresta se colocava em movimento...” - Igualmente, o exército dos homens de Kent que marchou contra Guilherme o Conquistador, após a batalha de Hastings.

[493] (NT) “Prefeito do palácio”: também conhecidos como “mordomos do palácio”. Em francês *maire du palais*. Alto cargo equivalente ao que hoje é o Primeiro-Ministro nas Monarquias. O tradutor utilizará ora uma, ora outra.

[494] Fredegar, Schol., c. 24.



[495] (NT) Sundgau: território situado ao sul da Alsácia/França e do sudeste do território de Belfort/França. O nome é de origem alemânica, podendo ser traduzido como “condado do sul” (gau = condado e sund ou süd = sul). Vide <http://fr.wikipedia.org/wiki/Sundgau>

[496] (NT) Thurgau: desde 1798 é um cantão suíço, situado no nordeste desse país. Dista cerca de 200 km de Belfort/França.

[497] Fredegarii Schol. cap 33, ap. Scr. fr. II, p. 128.

[498] (NT) Tolbiac é a atual cidade alemã Zülrich (Renânia do Norte - Westfália).

[499] (NT) em francês: *chambellan*, que deu origem à palavra inglesa de mesmo significado *chamberlain*.

[500] Fredegarii Schol., cap. 38, p. 429.

[501] (NT) Saint-Didier, em francês. Também conhecido por Desidério (ou Didier) de Viena.

[502] Monach. S. Gall., lib. II, ap. Scr. fr. fr., t. V. p. 122: *Cùm à regno Romanorum... Franci vel Galli defecissent... ipsique reges Gallorum vel Francorum propter interfectionem S. Desiderii Viennensis episcopi, et expulsionem sanctissimorum advenarum; Columbanum videlicet et Galli, retrò labi cœpissent...*

[503] (NT) “Chaussées de Brunehaut”, no original. Algumas dessas vias, hoje em dia, são assinaladas por placas, como pode ser verificado através de pesquisas na internet.

[504] Capitul. Baluz. t. I, p. 21; e apud Scr. r. fr., t. IV, p. 118.

[505] (NT) Carlos Martelo - *Charles Martel* em francês.

[506] Vide o III vol.

[507] Gesta Dagob., c. 17, sqq.

[508] Vide o III vol.

[509] Fredegarii, c. 60: *Luxuriæ suprà modum deditus, tres habetat, ad instar Salomonis, reginas, maximè et plurimas concubinas... Nomina concubinarum, eò quòd plures fuissent, increvit huic chronicae inseri* (Excessivamente dedicado à luxúria, ele possuía, como Salomão, três rainhas e várias concubinas... Entediar-me-ia inserir o nome de cada uma de suas concubinas, tantas elas eram).

[510] Fredegarii, c. 45. - Chron. Moissiac. cænobi ap. Scr. fr. II, 651.

[511] Gesta Dagob., c. 1. ap. Scr. r. fr. II, 580. *Clotharius tùm præcipuè illud memorabile suæ potentia posteris reliquit indicium, quod rebellantibus adversus se Saxonibus, ità eos armis perdomuit, ut omnes virilis sexûs ejusdem terræ incolæ, qui gladii, quem tùm forte gerebat, longitudinem excesserint, peremerit* (NT: Clotário, então, deixou essa memorável prova de seu poder para a posteridade pois quando os Saxões se rebelaram, ele os castigou de tal forma que matou todos os homens viris que fossem maiores que a espada que ele costumava usar).

[512] Fredegarii, c. 48. Homo quidam, nomine Samo, natione Francus, de pago Sennonago, plures secum netiantes adscivit; ad exercendum negotium in Sclavos, cognomento Winidos, perrexit. Sclavi jàm contra Avaros, cognomento Chunos, ... cœperant bellare... Cùm Chuni in exercitu contrà gentem quamlibet adgredebant, Chuni pro castris adunato illorum exercitu stabant; Winidi verò pugnabant, etc.... Chuni ad hiemandum annis singulis in Sclavos veniebant: uxores Sclavorum et filias eorum stratu sumebant... Winidi cernentes utilitatem Samonis, cum super se eligunt regem. Duodecim uxores ex genere Winidorum habebat.

[513] Fredegarii, c. 72. *Cùm dispersi per domos Bajoariorum ad hyemandum fuissent, consilio Francorum Dagobertus Bajoariis jubet ut Bulgaros illos cum uxoribus et liberis unusquisque in domo suâ in unâ nocte Bajoarii interficerent: quod protinus à Bajoariis est impletum* (NT: Quando estavam espalhados pelas casas dos Bávaros, por causa do inverno, Dagoberto, por conselho dos Francos, a estes ordena acordar todos os homens, à noite, numa determinada noite, para massacrarem seus anfitriões com suas mulheres e crianças; e isso foi implementado a contento).

[514] Fredegarii, c. 78.

[515] Τοῦ χόρου ἐπίσκοποι. - Nos Capitulares de Carlos Magno (Charlemagne), são chamados “Episcopi villani” - Hincmar, opusc. 33, c. 16 “vicani”. - Canones Arabici Nicænæ Synodi: Chorepiscopus est loco Episcopi super villas et monasteria, et sacerdotes villarum - vide o Glossário de Ducange, t. II.

(NT) **Corepiscopado** vem da junção de duas palavras gregas: *khora* ("campo") e *episkopos* ("vigilante") e significa, literalmente, “bispo do campo”. (vide <http://pt.wikipedia.org/wiki/Chorepiscopus> e <http://fr.wikipedia.org/wiki/Chorévêque>).

[516] (NT) 2, Reis, capítulo 4, versículos 8-37, dos quais se destacam os versículos 32 a 37 a seguir transcritos:

“Quando Eliseu chegou à casa, lá estava o menino, morto, estendido na cama.

Ele entrou, fechou a porta e orou ao Senhor.

Depois deitou-se sobre o menino, boca a boca, olhos com olhos, mãos com mãos.

Enquanto se debruçava sobre ele, o corpo do menino ia se aquecendo.

Eliseu levantou-se e começou a andar pelo quarto; depois subiu na cama e debruçou-se mais uma vez sobre ele. O menino espirrou sete vezes e abriu os olhos.

Eliseu chamou Geazi e o mandou chamar a sunamita. E ele obedeceu. Quando ela chegou, Eliseu disse: "Pega teu filho".

Ela entrou, prostrou-se a seus pés, curvando-se até o chão. Então pegou o filho e saiu”.

[517] São Donolo (*Saint Domnole*), querido a Clotário por ter frequentemente escondido seus espiões de Childeberto, seria, em recompensa, alçado à sé de Avignon. Mas ele suplica ao rei: Ne permetteret simplicitatem illius inter senatores sophisticos ac judices philosophicos fatigari. Clotário o fez bispo de Mans. Greg. Turon., I. VI, c. 9.

[518] Greg. Tur., I. VII, c. 21, sqq.

[519] Script. rer. fr. II, p. 81.

[520] Gesta Dagob., c. 35: In archivo ipis ecclesiæ... viginti et septem villarum nomina...

[521] Vita S. Sigeberti Austras., c. 5, ap. Scr. fr. I., 601: Tradici ei ex ipsâ forestâ duodecim leucas in latitudine, totidem in longitudine.

[522] (NT) A cidade de Épernay é a terceira maior cidade da região do Marne, após Reims e Châlons-en-Champagne. Está umbilicalmente ligada à produção de *champagne*.

[523] Frodoard., II, c. 14; I. II, c. 11. Eu reproduzi, quase textualmente, a tradução de M. Guizot.

[524] Na ilha de Anglesey, há dois lugares ainda chamados o “Cículo do Astrônomo” (cærrig-bruydn) e a “Cidade dos Astrônomos” (cœr-edris). Rowland, Mona antiqua, p. 84. Low, Hist. of Scotl., p. 277.

[525] Solitários de Deus. *Deus e Celare, Cella* tem raízes análogas nas línguas latina e celta.

[526] Ducange, II, - Low, p. 315.

[527] As mulheres e as crianças dos Culdeus reclamavam uma parte nas doações feitas ao altar. Low, p. 318.

[528] Carpentier, *Suppl. au Gloss.* de Ducange. In Hyberniâ lac adhibitum fuisse ad baptizandos divitum filios, qui domi baptizabantur, testis est Bened. abbas Petroburg., t. I, p. 30. (Mergulhava-se três vezes as crianças na água ou, se os pais fossem ricos, no leite; o Concílio de Cashel (1171) ordenou batizar na igreja) - Ex

Concil. Neocesariensi in vet. Pænitenziali, discimus infantem posse baptizari inclusum in utero materno, cujus hæc sunt verba: “Prægnan mulier baptizetur, et postea infans.” - Via-se na Irlanda, com frequência, bispos casados. O'Halloran, t. III. - No século IX, os Bretões se aproximavam, pela liturgia e disciplina, da igreja bretã-inglesa. Luís o Piedoso, observando que os religiosos da abadia de Landévenec portavam a tonsura na forma comum entre os Bretões insulares, ordenou-lhes conformar-se nesse particular, como de resto, às decisões da igreja de Roma. D. Lobineau, provas II, 26. - D. Morice, provas I, 228.

[529] (NT) Há diversos artigos e imagens na Internet sobre a Abadia de Iona, localizada na Ilha de Iona, que faz parte das Ilhas Hébridas interiores, na costa ocidental da Escócia.

[530] Britannia, fertilis provincia tyrannorum. São Jerônimo.

[531] Low, ad ann. 451, de acordo com Æneas Gazæus, em *Theophrasto*.

[532] São Lupo nasceu em Toul, desposou a irmã de Santo Hilário, bispo de Arles, foi monge em Lerins, depois bispo de Troyes. - São Germano, nascido em Auxerre, foi de início duque das tropas da marcha Armórica e Nervicana. De volta a Auxerre, ele se entregava completamente à caça e erguia troféus em memória dos sucessos que nelas obtinha. Santo Amador, bispo da cidade, o expulsou, depois o converteu e ordenou padre, contra a vontade dele. Ele teve por discípulos Santa Genoveva e São Patrício. São Germano e São Martinho, o caçador e o soldado, eram os dois santos mais populares da França. Mas Santo Huberto sucedeu a São Germano no patronato dos caçadores.

[533] São Columbano explica, ele próprio, a relação mística de seu nome com as palavras *jona*, *barjona*, que significam pombo nos livros santos. Bibl. max. PP, III, 29, 31.

[534] Acta SS. ordin. S. Bened., II, 12 - Vita S. Columb., ab auctore fere æquali: Invenitque castrum... Luxovium... Ibi imaginum lapidearum densitas vicina salūs densabat, quas cultu miserabili rituque profano vetusta paganorum tempora honorabant.

[535] Ibid... Ibi nobilium liberi undique concurrere nitebantur.

[536] Nós vimos sua eloquente resposta a um concílio reunido contra ele - Biblioth. Max. Patrum, III, epist. 2, ad patres cjsdam gallicanæ super quæstiones paschæ congregatæ: “Unum deposco à vestrà sanctitæ ut... quia hujus diversitatís author non sim, ac pro Christo salvatore communi domino ac Deo in has terras peregrinus processerim, deprecor vos per communem dominum qui judicaturum... ut mihi liceat cum vestrà pace et charitate in his sylvis silere et vivere juxtà ossa nostrorum fratrum decem et septem defunctorum, sicutusque nunc licuit nobis inter vos vixisse duodecim annis... Capiat nos simul, oro, Gallia, quos capiet regnum cœlorum, si boni simus meriti... Confiteor conscientiæ meæ secreta, quod plus credo traditioni patriæ meæ...”

[537] Acta SS. ord. S. Ben., II, p. 21.

[538] Gesta Dagoberti, c. 17, sqq., ap. Scr. fr. II, 585. - Sancti Eliggi vita, ibid. III, 552-556. Hanc mihi, domine mi Rex, serenitas tua concedat, quo possim et mihi et tibi sacalam construere, per quam mercamur ad cœlestia regna uterque conscendere.

[539] Esse livro está perdido.

[540] Acta SS. ord. S. Ben., II, p. 664, 465.

[541] Acta SS. ord. S. Ben., III, 24, 25.

[542] Acta SS. ord. S. Ben., II, præfat. - A igreja de Roma estava muito interessada em suprimir os escritos de um inimigo que tinha, entretanto, deixado na memória dos povos uma grande reputação de santidade. Assim, a maioria dos livros de S. Columbano pereceu. Alguns ainda eram encontrados no século XVI em Besançon e em Bobbio de onde foram, diz-se, levados às bibliotecas de Roma e de Milão.

[543] Bibl. Max. PP, XII, p. 2. A base da disciplina é a obediência absoluta até à morte. “*Obedientia usque ad quem modum definitur? Usque ad mortem certè, quia Christus usque ad mortem abedivit patri pro nobis.*” (Qual limite deve ser prescrito para a obediência? Seguramente, até à morte, eis que Cristo obedeceu seu Pai, para nossa salvação, até à morte) - Qual é a medida da oração: “Est vera orandi traditio, ut possibilitas ad hoc destinati sine fastidio vot prævaleat”. Aquele que perde a hóstia, terá por punição um ano de penitência. - Quem a deixa ser comida pelo verme, seis meses. - Quem deixa o pão consagrado tornar-se rubro, vinte dias - quem o joga na água por desprezo, quarenta dias - Quem o vomita por fraqueza estomacal, vinte dias - por doença, dez dias. Seis pancadas, doze pancadas, doze salmos para recitar etc. para aquele que não tiver respondido amém ao benedicite\*, que tiver falado comendo, que não tiver feito o sinal da cruz sobre sua colher (qui non signaverit cochlear quo lambit) ou sobre a lanterna acesa por irmão mais novo - Cem pancadas àquele que tiver feito uma obra à parte. - Dez golpes àquele que tiver batido na mesa com sua faca ou que derramou a cerveja - Cinquenta àquele que não se curvou para orar, que não cantou bem, que tossiu ao entoar o salmo, que sorriu durante a oração ou que se diverte a contar histórias - Aquele que relata um pecado seu já expiado será posto a pão e água por um dia (para que nele não despertem as tentações passadas?) - “*Si quis monachus dormierit in unâ domo cum muliere, duos dies in pane et aquâ; si nescivit quod non debet, unum diem. - Castitas vera monachi in cogitationibus judicatur... et quid prodest virgo corpore, si non sit virgo mente?*” (NT: Se um monge dormir em uma casa com uma mulher, dois dias a pão e água; se não sabia que era uma falta, um dia... “Certamente, a tradução do Autor restringe o ponto. O texto diz ‘se um monge dormir em uma casa (ou a mesma) com uma mulher etc.’, o que certamente não é a mesma coisa que ‘pecar com uma mulher’, eis que nenhum monge poderia ignorar ou não compreender corretamente o voto de castidade” – adaptada da nota inserida na tradução em inglês feita por G. H. Smith, mencionada na Nota-Prefácio do Tradutor)

\* (NT) *benedicite*: oração feita pelos católicos antes das refeições.

[544] Para se dispensar de seguir Columbano na Itália, Santo Galo fingia ter febre... *Ille verò existimans eum pro laboribus ibi consummandis amore loci detentum, viæ longioris detractare laborem, dicit ei: Scio, frater, jam tibi onerosum esse tantis pro me laboribus fatigari; amen hoc discessurus denuntio, ne, vivente me in corpore, missam celebrare præsumas* {NT: (São Columbano), julgando que ele (St. Galo) se sentia detido pelo vínculo que passara a ter com o lugar e com o desejo de aí trabalhar e, desta forma, evitar a fadiga de uma longa viagem, disse-lhe: Sei, irmão, que é um fardo para ti passar por tais grandes trabalhos por mim, e eu me despeço de ti encarregando-te solenemente de não te atreveres a celebrar a missa, enquanto eu habitar a carne} - Um urso vem servir Santo Galo em sua solidão e trazer-lhe madeira para sustentar seu fogo. Santo Galo deu-lhe um pão: “*Hoc pacto montes et colles corcompositos habeto communes*” (Por este pacto, tenha as montanhas e colinas em comum comigo) - Poético símbolo da aliança do homem e da natureza viva, na solidão.

[545] Acta SS. ord. S. Bened., sec. II: Cogitatio in mentem irruit ut Venetiorum, qui et Slavi dicuntur, terminos adiret - Angelus Domini ei per visum apparuit, parvoque ambitu, velut in paginali solent stylo orbis describere circulum, mundi compagem monstravit, etc.

[546] Os Bolandistas\* dizem muito bem que há, entre a regra de São Columbano e a de São Bento, a mesma diferença que há entre as regras dos Franciscanos e dos Dominicanos. É a oposição da lei e a da graça. A ordem de São Bento prevaleceria: 1º sobre o RACIONALISMO dos Pelagianos; 2º sobre o MISTICISMO de São Columbano. - Por ela começa o TRABALHO LIVRE, cuja ausência era a grande praga do Império moribundo.

\* (NT) “Os Bolandistas (latim: *Bollandistæ*) são um grupo de jesuítas que tira seu nome do seu fundador, o padre jesuíta belga Jean Bolland (por vezes aportuguesado para João Bolando, 1596-1665). Esta sociedade de padres foi constituída com a finalidade científica de recolher e submeter a exame crítico toda a literatura hagiográfica existente, completando o que haviam omitido os antigos compiladores, valorizando as fontes relativas aos santos a que se referem os martirológios, distinguindo os dados historicamente verdadeiros dos falsos e lendários, reconstruindo assim a história e a espiritualidade dos que a Igreja reconhece como santos e beatos”. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bolandistas>).

[547] Gesta reg. fr., c. 45. Ad beatum Audoenum direxit, quid ei consilii daret, interrogaturus. At ille per internuntios hoc solùm scripto dirigens, ait: De Fredegunde tibi subveniat in memoriam. At ille, ingeniosus ut erat, intellexit.

[548] (NT) também conhecido como Grimoaldo o Velho.

[549] Vitæ S. Leodegarii, c. 1. etc., ap. Scr. fr. II, 611, sqq. - Fredegar. tin, ibid., 450.

[550] Script. rer. fr., II, 449.

[551] In infantia Sigiberti omnes Austrasii, cum eligerent Chrodinum majorem domus... Ille respuens... Tunc Gogonem eligunt. Greg. Tur. epitom., c. 58. - An. 628. Defuncto Gundualdo, ... Dagobertus rex Erconaldum virum illustrem in majorem-domus statuit... - 656. Defuncto Erconaldo, ... Franci in incertum vacillantes, praefinito consilio Ebruino hujus honoris altitudine Majores domo in aula regis statuunt (Dagoberto estava morto e eles haviam eleito para rei Clotário III). Gesta reg. fr., c. 42, 45. - 626, Clotarius II... cum proceribus et Leudis Burgundiae Trecassis conjungitur, cum eos sollicitasset, si vellent mortuo iam Warnachario alium in ejus honoris gradum sublimare. Sed omnes unanimiter denegantes se nequaquam vitae Majorem domus eligere, regis gratiam obnixè petentes cum rege transigere... Fredegar., c. 54, ap. Scr. fr., II, 435 - 641. Flaochatus, genere Francus, Major domus in regnum Burgundiae, electione pontificum et cunctorum ducum, à Nantichilde reginâ in hunc gradum honoris nobiliter stabilitur. Id. c. 89, ibid. 447. - Vide meu III volume - M. Pertz, em sua obra intitulada Geschichte der Merowingischen Hausineier (1819), reuniu todos os nomes pelos quais eram designados os prefeitos do palácio: Major domus regiae, domus regalis, domus, domus palatii, domus in palatio, palatii, in aula. - Senior domus - Princeps domus - Princeps palatii - Praepositus palatii - Praefectus domus regiae - Praefectus palatii. - Praefectus aulae - Rector palatii. - Nutritor et bajulus regis? (Fredeg., c. 86) - Rector aulae, imò totius regni - Gubernator palatii. - Moderator palatii - Dux palatii, Custos palatii e tutor regni. - Subregulus - Assim, o prefeito torna-se quase rei e, reciprocamente, governar o reino expressou-se por governar o palácio. “Bathilda regina, quæ cum Chlotario filio Francorum regebat palatium”.

[552] (NT) Antrustião: forma antiquada para vassalo. “Entre os Francos e os Merovíngios, o antrustião (*antrustion*) era um homem livre que jurara fidelidade à pessoa do rei e o acompanhava notadamente em suas campanhas guerreiras” (<http://fr.wikipedia.org/wiki/Antrustion>).

[553] Vita S. Leodegarii, c. 1, ap. Scr. rer. fr., II, 618.

[554] Ibid. Interea Hilderico regi expetunt universi, ut talia daret decreta per tria quæ obtinuerat regna, ut uniuscujusque patriæ legem vel consuetudinem observaret, sicut antiqui iudices conservavere.

[555] Vitæ S. Leodeg., *passum*

[556] A querela de São Leodegário e de Ebroin envolvia também uma querela nacional, um ódio de cidades. São Leodegário, bispo de Autun, tinha com ele o bispo de Lyon (vide Vita 1ª S. Leodeg., c. 8, 11) e contra ele os bispos de Valence e de Châlon (c. 9). Essas duas cidades faziam assim a guerra às suas rivais, as duas capitais da Borgonha. - Quando São Leodegário se entregou voluntariamente a seus inimigos, nem por isso Autun viu-se menos obrigada a se resgatar (c. 10). Eles queriam expulsar o bispo de Lyon, mas os lyonnenses se armaram para impedi-los (c. 11). As cidades tomam, evidentemente, uma parte ativa na querela.

[557] Vita S. Leodeg., c. 5. Vir quidam nobilis, Hictor vocatus nomine, qui tunc regebat in fascibus Patriciatum Massiliæ... ad Hildericum regem pro quâdam causa advenerat... Meticem fabulam de Leodegario et Hictore confingunt, quasi ideò insimul fuissent conjuncti ut regiam dominationem everterent, et potestatis jura sibimet usurparent.

[558] Gesta reg. fr., c. 45.

[559] Vita 1ª S. Leodeg., c. 16. Cuidam optimati, qui tunc functionem fiscalem ministravit, inventâ occasione, eu usque intulit spoliū, donec penè auferret omne ejus praedium: insuper minabatur etiam mortis periculum - M. de Sismondi não parece ter traduzido exatamente essa passagem.

[560] Annal. Metenses, ad ann. 690 - Contin. Fredeg., c. 100. - Chronic. Moissiac. ap. Scr. fr. II, 653.

[561] (NT) em 457.

[562] Greg. Tur. epitom., ap. Scr. fr., II, 397 - Basina tem o dom da segunda visão, como a Brunilda do Edda. Como Brunilda, ela se entrega ao mais valente: “Novi utilitatem tuam, quòd sis valde strenuus, ideòque veni ut habitem tecum: nam noveris si in transmarinis partibus aliquem cognovissem utiliores te, expretissem utique cohabitationem ejus.” Greg. Tur. ap. Script. fr. II, 168.

[563] (NT) “Os 'Enervados de Jumièges' é uma lenda que concerne aos dois filhos do rei merovíngio Clóvis II.

Por volta de 660, Clóvis teria empreendido uma peregrinação à Terra Santa. Durante sua ausência, ele confia o governo a seu primogênito, sob a regência de sua mãe Batilda. Mas, durante esse período, seu filho se opõe à sua mãe e se une a um de seus irmãos mais novos para fazer um complô contra o rei e a rainha. Clóvis toma conhecimento dessa revolta e retorna à França. Seus filhos lhe opõem um exército, mas o rei finda por triunfar sobre os rebeldes.

O rei está bem decidido a executar os dois traidores. Mas sua esposa Batilda propõe, antes, puni-los queimando-lhes os nervos de suas pernas: “Julgo que devem ser enfraquecidos a força e o poder de seus corpos, visto que ousaram empregá-los contra o rei seu pai”. Assim, é preciso compreender o termo “enervado” ao inverso de seu significado moderno, seu senso primeiro designando alguém de quem se retirou ou cortou os nervos (na verdade, os tendões), e que é, então, apático, incapaz de reação.

Tornados fracos e deficientes, os dois irmãos se refugiam na oração e solicitam entrar na religião. Não sabendo em qual monastério colocá-los, Batilda decide confiá-los ao acaso e manda construir uma jangada, a bordo da qual os dois irmãos são enviados à deriva sobre o Sena.

A embarcação deriva de Paris até Jumièges, perto de Rouen. Lá, São Feliberto, o fundador da abadia de Jumièges, os vê e reconhece seus trajes reais. Ele os recolhe e os conduz à abadia onde se tornam monges. Mais tarde, o rei e a rainha, tomando conhecimento de onde seus filhos foram recolhidos, visitam a abadia e mandam aumentar o monastério e legar terras aos monges.

Está historicamente demonstrado que essa lenda é totalmente falsa. Em efeito, Clovis II morreu jovem, seus filhos não teriam jamais a idade de se colocarem contra ele. Ademais, ele nunca peregrinou na Terra Santa. Seus três filhos, Clotário, Childerico e Thierry reinaram, vez por vez, e nenhum era um monge “enervado”.

No século XVII, o monge Jean Mabillon deu uma outra versão dessa lenda dizendo que se tratava do Duque da Baviera Tasillon e seu filho Theodon, punidos por se revoltarem contra o poder de Carlos Magno. Essa lenda bem servia aos monges que assim mostravam a origem real dos bens cuja propriedade lhes era contestada”. - (extraído de [https://fr.wikipedia.org/wiki/Énervés\\_de\\_Jumièges](https://fr.wikipedia.org/wiki/Énervés_de_Jumièges))

[564] Fredegarius, ap. Scr. r. fr. II, 414: Optaveram et ego ut mihi succumberet talis dicendi facundia, ut vel paululum esset ad instar. Sec carius hauritur, ubi non est perennitas aquæ. Mudus iam senescit, ideoque prudentiæ acumen in nobis tepescit, nec quisquam potest hujus temporis, nec praesumit oratoribus praecedentibus esse consimilis.

[565] Aiebant enim numquam se audissee Merovingium, in regno sblimatum, voluntarium clericum fuisse. Detestantibus ergo omnibus...” Vita S. Columb., in actis ord. S. Ben., sæc. II, p. 27.

[566] Acta SS. ord. S. Ben., sæc. II - sobre a vida de Santo Arnulfo, escrita por um certo Umno, que afirma escrever por ordem de Carlos Magno, é dito: Carolus... cui fuerat tritavus Arnolfus. - ... regem Chlotarium, cujus filiam, Bhilthildem nomine, Ansbertus, vir aquitanicus praepotens divitiis et genere, in matrimonium accepti, de qua Burtgisum genuit, patrem B. hujus Arnulli. - E, mais à frente: natus est B. Arnulfus aquitanico patre; Sueviâ matre in castro Lacensi (em Lay, diocese de Tulle), in comitatu Calvinontensi.

[567] Vide Lefebvre, Disquisit. e Valois, rerum fr. lib. VIII e XVII. Encontra-se na antiga vida de São Ferreol.: *Sanctus Ferreolus natione Narbonensis à nobilissimis parentibus originem duxit; hujus genitor Anspertus, ex magno senatorum genere prosapiam nobilitatis deducens, accepit Chlotarii regis Francorum filiam, vocabulo Bliitil* (NT: O santo Ferreól nasceu em Narbonne, de nobre família; seu genitor, Anspertus, sendo de alta estirpe senatorial, recebeu em casament Bliitil, filha de Clotário, rei dos Francos). - O monge Egídio, em suas adições à história dos bispos de Utrecht, composta pelo abade Harigero, diz que Bodegisile ou Boggis, filho de Ansberto, possuía cinco ducados na Aquitânia. De acordo com essa genealogia, as guerras de Carlos Martelo e Eudes, de Pepino e de Hunaldo de



Aquitânia, teriam sido guerras de parentes.

[568] Vide o importante mapa de 845 (Hist. du Lang. I, provas, p. 85 e notas, p 688). Os duques da Aquitânia, Boggis e Bertrand, desposaram as ostrasianas Ode e Bhigberta. Eudes, filho de Boggis, desposou a ostrariana Waltrude. Esses casamentos deram ocasião a Santo Huberto, irmão de Eudes, de se estabelecer na Ostrásia, sob a proteção de Pepino e de aí fundar o bispado de Liège.

[569] A casa Carolíngia faz três bispos de Metz em século e meio, Arnulfo, Crodulfo e Drogon. Os bispos, estando com frequência casados antes de entrar nas ordens, transmitiam sem custo suas sés a seus filhos ou netos. Assim, os Apolinários pretendiam, hereditariamente, o bispado de Clermont. Gregório de Tours diz a respeito de um homem que desejava suplantá-lo: “Ele não sabia, o miserável, que, com exceção de cinco, todos os bispos que haviam ocupado a sé de Tours eram aliados de parentagem de nossa família” (L. V. c. 50, ap. Scr. fr. II, 261).

[570] Annal. Met., apud Script. fr. II, 681.

[571] Vide o III volume.

[572] (NT) Em francês, Charles Martel.

[573] A se acreditar em alguns autores, a França, nessa época, tinha pensado tornar-se pagã. - Bonifac., epist. 32, ann. 742: Franci enim, ut seniores dicunt, plus quam per tempus DXXX annorum synodum non fecerunt, nec achiepiscopum habuerunt, nec ecclesiae canonica jura alicubi fundabant vel renovabant. - Hincmar, epit. 6, c. 19. Tempore Caroli principis... in Germanicis et Belgicis ac Gallicanis principiis ominis religio Christianitatis penè fuit abolita, ita ut... multi jam in orientalibus regionibus idola adorarent et sine baptismo manerent.

[574] Em 725, eles tomaram Carcassone, receberam Nîmes na composição e destruíram Autun (Chronic. Moissiac., ap. Scr. fr. II, 655). Em 731, eles queimaram a igreja de Santo Hilário de Poitiers (Fredegarii contin., ibid 454. - Gesta reg. fr., ibid. 574).

[575] (NT) Midi: região ao sul da França que pode ser assim definida:

“... corresponde, grosso modo, à porção sul da França metropolitana. Essa região, de limite vago, confunde-se em parte com a Occitânia, cujas fronteiras são mais precisas, mas cobre também as regiões de cultura catalã (Pirineus Orientais), arpitana (norte de Rhône-Alpes) ou santongeásia (Aunis, Saintong, Angomois, essas últimas designadas, como a Gasconha vizinha sob o nome de “Midi Atlantique”). Ela é frequentemente definida pela maneira que aí se fala o francês (francês meridional), com acentos mais ou menos “cantados” que apresentam especificidades fonológicas comuns herdadas de diferentes dialetos occitanos, desde o gascão até o nissart, mas também do catalão”. ([https://fr.wikipedia.org/wiki/Midi\\_de\\_la\\_France](https://fr.wikipedia.org/wiki/Midi_de_la_France)).

A palavra “midi” pode ter vários significados segundo a noção de uso que se faz. Pode ser um ponto cardeal, uma indicação geográfica, cultural, turística e pode significar, também, o meio-dia. Empregada em sua forma minúscula, significa geralmente “sul” ou “a parte sul” e, como maiúscula, refere-se à região (noção geográfica limitada, cultural ou turística). No caso desta NT, o tradutor reproduziu literalmente o autor, que empregou “Midi”, significando, pelo contexto, uma região geográfica.

[576] Segundo Paulo Diácono (l. VI), os Sarracenos perderam trezentos e setenta e cinco mil homens - Isidoro de Bêjà contou essa guerra vinte e dois anos após a batalha, em um latim bárbaro. Uma parte de sua narrativa está em rima, ou melhor, em assonâncias (encontra-se a assonância na canção dos habitantes de Módena, composta em torno de 924):

*Abdirraman multitudine repletam  
Sui exercitus prospiciens terram,  
Montana Baccorum disccans,  
Et fretosa et plana percalcans,  
Trans Francorum intus expeditat*

.....  
Isidor., Pacensis, ap. Scr. rer. fr., II, 721

[577] (NT) A Arena de Nîmes foi construída no ano 27 e, depois de várias vicissitudes (fortaleza, construção de habitações em seu interior etc), foi restaurada continuamente a partir do século XIX. Funciona até hoje com diversos eventos ao longo do ano. Já acolheu o *Nîmes International Jazz Festival* de 1976 a 1988, com a participação de músicos famosos tais como Miles Davis, Charlie Mingus, Dizzy Gillespie, Michel Petrucciani, Sonny Rollins, Ray Charles. Outros artistas, bandas de rock e concertos também se realizaram ali a partir do quarto final do século XX: Mettatica (2009, com o lançamento de um DVD), Rammstein (banda alemã de metal, com lançamento de DVD), Radiohead, The Police, Depeche Mode, Björk, Elton John, Phil Collins, Michel Sardou, David Guetta, Peter Gabriel, Muse, Texas, Placebo, ZZ Top, Daft Punk, Alicia Keys, Stevie Wonder, The Offspring, Dire Straits (com diversas músicas gravadas na arena, em 1992, para o álbum *On the night*). Vide: [http://fr.wikipedia.org/wiki/Arènes\\_de\\_Nîmes](http://fr.wikipedia.org/wiki/Arènes_de_Nîmes). Sítio oficial das *Arènes de Nîmes* em <http://www.arennes-nimes.com/fr/home>.

[578] Chronic. Virdun. ap. Scr. fr., III, 364. *Tantâ enim profusione thesaurum totius aerari publici dilapidatus est, tanta dedit militibus, quos soldarios vocari mos obtinuit* (soldarii, soldurii?) viu-se que os devotos da Aquitânia se chamavam assim), ... *ut non ei suffecerit thesaurus regni, non deprædatio urbinum... non exspoliatio ecclesiarum et monasteriorum, non tributa provinciarum. Ausus est etiam, ubi hæc defecerunt, terras ecclesiarum diripere, et eas commilitonibus illis tradere, etc.* {NT: Ele tão profusamente dilapidou o tesouro público e tão liberal ele foi com seus soldados, a quem ele costumava chamar soldarii (soldaril, soldurii?) que nem o tesouro do reino, nem a pilhagem das cidades, nem os espólios das igrejas e monastérios, nem os tributos das províncias, o satisfiziam} - Frodoard., l. II, c. 12: “Quando Carlos Martelo derrotou seus inimigos, ele expulsou de sua sede o piedoso Rigoberto, seu padrinho, que lhe houvera segurado sobre as santas fontes do batismo, e deu o bispado de Reims a um chamado Milon, simples tonsurado, que o seguira na guerra. Esse Carlos Martelo, nascido do concubinato de uma escrava, como se lê nos Anais dos reis francos, mais audacioso que todos os reis seus predecessores, deu não somente o bispado de Reims, mas também muitos outros do reino da França a laicos e a condes; de sorte que ele suprimiu todo poder dos bispos sobre os bens e as questões da igreja. Mas todos os males que ele fizera a esse santo personagem e às outras igrejas de Jesus Cristo, por um justo julgamento, o Senhor os fez recair sobre sua cabeça; pois lê-se nos escritos dos Pais, que Santo Euquério, outrora bispo de Orléans, cujo corpo está colocado no monastério de Saint-Trudon, pondo-se um dia em orações e, absorvido na meditação das coisas celestiais, ficou radiante na outra vida; e lá, pela revelação do Senhor, viu Carlos atormentado no baixo dos infernos. Como ele perguntava a causa ao anjo que o conduzia, este lhe respondeu que, por sentença dos santos, os quais, no futuro julgamento, segurarão a balança com o Senhor, ele estava condenado às penas eternas por ter invadido seus bens. De volta a esse mundo, Santo Eucário apressou-se em contar o que vira a Santo Bonifácio, o qual a Santa-Sé enviara à França para aí restabelecer a disciplina canônica, e a Fulrad, abade de Saint-Denis e primeiro capelão do rei Pepino, dando-lhes como prova da verdade do que ele contara sobre Carlos Martelo que, se eles fossem ao túmulo deste, eles aí não encontrariam seu corpo. Em efeito, tendo os mesmos partido para o lugar da sepultura de Carlos e tendo aberto seu túmulo, dele saiu uma serpente e o túmulo foi encontrado vazio e enegrecido, como se fogo o tivesse lambido.”

[579] Acta SS. ord. S. Ben., sæc. III. O Papa Zacarias escreveu a São Bonifácio: *Provincia in quâ natus et nutritus es, quam et in gentem Anglorum et Saxonum in Britannîâ insulâ primi prædicatores ab apostolicâ sede missi, Augustinus, Laurentius, Justus et Honorius, novissimè verò tuis temporibus Theodorus, ex græco latinus, arte philosophus et Athenis eruditus, Romæ ordinatus, pallio sublimatus, ad Britanniam præfatam transmissus, judicabat et gubernabat....* (NT: A província na qual nasceste e crescestes, onde, entre os Anglos e os Saxões na ilha da Bretanha, os primeiros pregadores foram enviados da sé apostólica, Agostinho, Laurêncio, Justo e Honório e, ultimamente, Teodoro, um greco-romano, um homem de ciência e que ensinou filosofia em Atenas, que recebeu sua ordenação de Roma, foi elevado ao pálio e enviado para a retromencionada Bretanha para julgar e governar...) - Esse Teodoro, monge grego de Tarso na Cilícia, fora enviado para preencher a sé de Canterbury pelo Papa Vitaliano; ele era forte sábio em astronomia, em música, em métrica, em língua grega e latina; ele trouxe um Homero e um São Crisóstomo. Ele era conduzido por Adriano, monge napolitano, nascido na África, não menos sábio, e que estivera duas vezes na França. (Usquê

hodiè supersunt de corum discipulis, qui latinam græcamque linguam æquè ut propriam norunt). Sob eles, o monge notumbriano, Benedicto Biscop, mandou vir artistas da França e construiu o monastério de Weremouth, segundo a arquitetura romana; as paredes estavam ornadas de pinturas compradas em Roma e de vidros trazidos da França. Um mestre cantor fora chamado de São Pedro de Roma. (Beda, hist. abbat. Wiremuth.) - Teodoro e Adriano tiveram por alunos Alcuíno e Adelmo, parente do rei Ina, o primeiro Saxão que escreveu em latim, segundo Camdem; ele próprio cantava suas *Cantiones Saxonicae* nas ruas, para a populacho. Guill. Malmesbury o qualifica: “Ex acumine Græcum, ex nitore Romanum, ex pompâ Anglum”. Warton, Diss. on the introd. of learning into England, l. CXXII.

[580] Poderíamos nos espantar que o exemplo tenha sido dado pelos Saxões que, sobre o solo germânico, repeliram por tanto tempo o cristianismo e sacudiram primeiramente o jugo de Roma à voz de Lutero. Mas esses Saxões, transplantados na Bretanha, haviam cessado de obedecer aos descendentes dos Ases para seguir os chefes militares; as necessidades de suas expedições longínquas, as novidades da conquista, os haviam tornado outros homens e ainda era uma conquista tentadora para esses novos cristãos a conversão de sua antiga pátria.

[581] (NT) Carlos V do Sacro Império Romano-Germânico e Carlos I, da Espanha (1500-1558).

[582] Bonifác., epist. 105: *Decrevimas in nostro synodali conventu et confessi summus fidem catholicam et unitatem, et subjectionem Romanæ ecclesiæ, fine tenus vitæ nostræ, velle servare: sancto Petro et vicario ejus velle subjici.... Metropolitanos pallia ab illâ sede quærere: et per omnia, præcepta Petri canonice sequi desiderare, ut inter oves sibi commendatas numeremur* (NT: Em nosso sínodo, proclamamos e professamos nosso desejo de preservar a fé Católica e unidade, e submissão à igreja Romana, até o fim de nossas vidas, para sermos súditos de São Pedro e seu Vigário... E que os Metropolitanos devem procurar seus pálios naquela sé; e que, de todas as formas, devemos seguir os preceitos de Pedro, de acordo com os cânones, a fim de que possamos estar entre o rebanho daquele que é seu pastor).

[583] O Papa escreve a Bonifácio: *Talia nobis à te referuntur, quasi nos corruptores simus canonum et patrum rescindere traditiones studeamus: ac per hoc (quod absit) cum nostris clericis in simoniacam hæresim incidamus, expetentes et accipientes ab illis præmia, quibus tribuimus pallia. Sed hortamur, carissime frater, ut nobis deinceps tale aliquid minimè scribas...* {NT: Tu dizes que te contaram que corrompemos os cânones e rejeitamos as tradições dos Pais e, além disso (o que está longe de nós!), que somos culpados de simonia pela dádiva do pálio. Mas, nosso mais querido irmão, rogamos-te para nunca mais escrever tais coisas novamente...) Acta SS. ord. S. Ben., sæc. III, 75.

[584] Acta SS. ord. S. Ben., sæc. III, 308-309:

*Protulit in lucem quem mater Hibernia primum*

*Ins it it, docuiti, nutrivit, ... amavit.*

(NT: A Irlanda deu-lhe o berço, educação, ensinamento, carinhos e o amou)

É aquele que afirmava que a terra era redonda.

[585] Sto. Bonifácio escreve ao Papa Zacarias: *Maximus mihi labor fuit adversus duos hæreticos pessimos..., unus qui dicitur Adelbert, natione Gallus, alter qui dicitur Clemens, genere Scotus* (NT: A maior adversidade para meu trabalho é com dois heréticos inveterados, um chamado Adalberto, Gaulês de nascimento, e outro chamado Clemente, um Escoto) - *Fecit quoque (Adelbert) cruciculas et oratoriola in campis, et ad fontes; ... ungulas quoque et capillos dedit ad honorificandum et portandum cum reliquiis S. Petri principis apostolorum* (NT: Também fez, Adalberto, cruzezinhas e oratoriozinhos nos campos e nas fontes; ... unhas e cabelos dados para honificação e utilização como relíquias de São Pedro, príncipe dos apóstolos). Epist. 135.

[586] Acta SS., sæc. III: Eginhardo., annal. ap. Script. rer. fr., V, 197.

[587] Era como o pontífice-rei de Roma, o Califa de Bagdá na decadência ou o Dairo no Japão.

[588] (NT) No livro “*The Holy Blood and the Holy Grail*”, publicado no Brasil pela Ed. Nova Fronteira, em 1982, sob o título “O Santo Graal e a Linhagem Sagrada” (BAIGENT, Michael; LEIGH, Richard e LINCOLN, Henry), o capítulo IX - “Os monarcas de cabelos longos”, dedica-se a essa particularidade dos reis merovíngios. Aliás, sobre o livro “O Santo Graal e Linhagem Sagrada” - e sobre o outro livro lançado logo depois pelo trio “A Herança Messiânica” (*The Messianic Legacy*) - uma nota curiosa: eles trazem a hipótese dos Merovíngios, por meio de casamentos dinásticos, possuírem o sangue de Jesus Cristo e de Maria Madalena, sendo que Jesus, da tribo de Davi, seria, ele próprio, de origem (sangue) real. Relatam, ainda, uma hipotética traição da Igreja Católica contra os Merovíngios, quando passou a apoiar a descendência de Carlos Martelo, com a sagração de seu filho como rei, ou seja, Pepino; quer dizer, a Igreja teria traído os supostos descendentes do Cristo sobre cujo nome ela própria foi fundada: dataria daí o Priorado de Sião, encarregado de guardar e proteger a linhagem do *Sangue Real* - *Sang Real* - *Sangraal* - *Santo Graal* e que, mais tarde, à época das Cruzadas, vai se ligar aos Cavaleiros Templários, seu braço armado multinacional e poderoso. O *bestseller* “Código da Vinci”, lançado no início do século XXI, de autoria de Dan Brown, parece ter se inspirado fortemente naqueles livros, fato que não passou despercebido aos seus autores que processaram Brown por plágio em 2006, tendo, porém, perdido a disputa. Embora não se possa falar propriamente em “plágio”, as hipóteses levantadas nos livros do trio, notadamente aquelas relativas ao casamento de Jesus com Maria Madalena e, em virtude da “traição”, ao conflito entre a Igreja Católica e os descendentes do “sangue real”, foram refletidas na obra ficcional de Brown, fato reconhecido e considerado pelo Juiz da causa.

[589] *Crine profuso, barbâ submissâ... quocumque cumdum erat, carpento ibat, quod junctis, bubulco rustico more agente, trahebatur* (NT: Cabelos esvoaçantes, barba longa... onde quer que precisasse ir, viajava sobre um carro puxado por bois e um boiadeiro o conduzia, à maneira dos camponeses — a partir do texto em francês em <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/eginhard/charlemagne.htm>), Eginhardo., vita Karoli Magni, c. 1, ap. Scr. fr., V, 89. Vide também meu III volume.

[590] (NT) “Eginhardo ou Eginardo (em alemão: *Einhard*; c. 770 - Seligenstadt, 14 de março de 814) foi um escritor carolíngio do século IX, biógrafo de Carlos Magno.” (fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Eginhardo>).

[591] Franci, factò solenniter generali conventu, ambos sibi reges constituunt, eâ conditione præmissâ ut totum regni corpus ex æquo partirentur. Eginhardo, vita Karoli M., c. 3, ap. Scr. fr., V, 90.

[592] (NT) Trata-se de Estevão II, Papa de 26 de março de 752 a 26 de abril de 757, que era conhecido por Estevão III, até que o Concílio Vaticano II (1962-1965) retirou o anterior Estevão II da lista de Papas uma vez que, eleito, não chegou a ser entronizado por ter morrido de apoplexia três dias depois. Assim, houve uma renumeração dos Papas chamados Estevão.

[593] Ele respondeu às reclamações do Imperador dizendo que empreendera essa guerra por amor a São Pedro e pela remissão de seus pecados. - *Hinc de receptis civitatibus à B. Petro, ataque à S. Romanâ ecclesiâ, vel ab omnibus in perpetuum pontificibus Apostolicæ sedis possidendis misit in scriptis donationem*. Anastas. Biblioth., ap. Scr. fr., V, 3.

[594] (NT) Trata-se do dito “Pentapolo bizantino”, compreendendo as cidades de Rimini, Pesaro, Fano, Sinigaglia e Ancona. Fizeram parte da famosa “Doação de Pepino”, a qual findou por viabilizar a criação dos Estados Pontifícios.

[595] Fredeg., Scholast., c. 21. Muito duvido que os Francos, que foram derrotados por eles na infância de seu império, tenham-lhes imposto um tributo, como o pretende Fredegário, sob os fracos filhos de Brunilda.

[596] A altura dos Bascos é muito elevada, sobretudo em comparação com aquela dos bearnenses.

[597] (NT) “Béarn (em língua bearnesa *Bearn* ... ou *Biarn* ... é uma antiga província de França situada no sopé dos Pirineus. Forma com a Baixa Navarra, Labourd e Soule (que compõem o País Basco francês) o departamento dos Pirineus-Atlânticos (n.º 64 em França), do qual ocupa 60% do território”. (fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Béarn>).

[598] Vide 'Histoire général du Languedoc, I, 688.



[599] Isidorus Pacensis, ap. Scr. fr., II, 721: *Filiam suam Eudo, causâ fæderis ei in conjugium copulandam, ad persecutionem Arabum differendam jam olim tradiderat, ad duos libitus inclinandam* (NT: Eudes casou sua filha com ele a fim de cessar os ataques dos Árabes e ganhá-los em favor de seus interesses).

[600] Annal. Met., ap. Scr. fr., II, 687. Bajorarii... conductos in adiutorium Saxones et Alamnos et Sclavos secum habuerunt... Hunaldus, Ligerimtransiens, Carnotis igne cremavit; hæc autem fecit per suggestionem Ogdilonis ducis; qui invicem fœdus inierunt, ut unusquisque eorum, inruentibus Francis, aler alteri subsidium debuissent.

[601] Ibid. In monasterium quod Radis insulâ situm est, intravi. (NT) A ilha de Ré está situada no Oceano Atlântico a cerca de 2,9 km do continente, em frente à cidade de La Rochelle.

[602] (NT) “A palavra Septimania aparece no século V em uma carta de Sidônio Apolinário para designar uma parte do sul da Gália, correspondente talvez, mais ou menos, às sete províncias da diocese de Viena: Aquitânia primeira, Aquitânia segunda, Novempopulania, Narbonense, Gália Vienense, Alpes-Marítimos, por oposição às dez províncias (Decemania) constituindo a diocese das Gálias.” (fonte: <http://fr.wikipedia.org/wiki/Septimanie>)

[603] Chornic. Moissiac., ap. Scr. r. fr., V. 68.

[604] Ibid., 69. Dato sacramento Gothis qui ibi erant, ut si civitatem partibus traderent Pipini regis Francorum, permetterent eos legem suam habere.

[605] Contin. Fredeg., ap. Scr. r. fr., V, 4 – Vide também Egin., Annal., ibi., 199: *Cùm res quæ ad ecclesias... pertinebant, reddere, nolnisset.* - Spondet se eccleis sua jura redditurum etc.

[606] Contin. Fredeg., ap. Scr. r. fr., V, 5, 6, 7: *Waifarius cum exercitu magno et plurimorum Waconorum, qui ultrâ Garonnâ commorantur, qui antigaitis voccati sunt Vaceti...* (NT: Guaifer, reunindo um grande exército, formado sobretudo de Gascônios que habitam além do Garonne, e que outrora usavam o nome de Vascos)

[607] Ibid., 6. Pectavis, Lemodicas, Santonis, Petrecors, Equolisma et reliquas quàm civitates et castella, omnes muros cerum in terrani prostravit...

[608] Ibid.: Comes Pictavensis, dum Turonicam infestatam prædaret, ab hominibus Vulfardi abbatis monasterii B. Martini interfectus est.

[609] Secunda S. Austremonii tranlatio, ap. Scr. rer. fr., V, 433. *Rex ad instar David regis, ... oblitâ regali purpurâ, præ gaudio omnem illaux insignem vestem lacrymis perfundebat, et antè sancti martyris exequias exultabat, ipsiusque sacratissima membra propriis humeris evehebat. Erat autem hiems.* - Tranlat. S. Germani Pratensis., ibid., 428... mittentes, tàm ipse quàm optimates ab ipso electi, manus ad feretrum... (NT: O rei, como Davi,... esquecido da realeza da púrpura, em sua alegria, molhava suas caras roupas com lágrimas, e exultava (dançava) diante das relíquias do abençoado mártir, ele próprio, mesmo, carregando as sagradas costelas sobre seus ombros. E isso, na estação do verão).

[610] Diz-se comumente que CHARLEMAGNE (Carlos Magno) é a tradução de CAROLUS MAGNUS. “Challemaines vale tanto quanto grande Challes” (Chron. de Saint-Denis, I, l. c. 4)- Charlemagne (Carlos Magno) não é senão uma corrupção de Carlo-man, KARL-MANN, o homem forte. As crônicas de Saint Denis dizem, elas próprias, Challes e Challemaines, para Charles (Carlos) e Carloman (*maine*, sendo uma corrupção francesa de *mann*; como *lana* de *laine* (lã) etc). Encontra-se na crônica de Théophano um texto ainda mais positivo. Ele chama Carloman: Καρολλόμαγνος; Scr. fr., V, 187. Os dois irmãos possuíam o mesmo nome - No século X, Carlos-o-Calvo também ganhou, graças à ignorância dos monges latinos, o cognome de Grande, como seu avô. Epitaph., ap. Scr. fr. VII, 322.

... *Nomen qui nomine duxit*

*De Magni Magnus, de Caroli Carolus.*

Foi assim que os Gregos se enganaram sobre o nome de Elagabal, do qual eles fizeram, de bom ou mau grado, Heliogábal, do grego *Helios*, Sol.

[611] Sigeberti chronic., ap. Scr. f., V. 376. Ibique non meliò post lapidibus obrutus malè periit.

[612] Isso é muito atordoante em sua jurisprudência. Eles adotam quase indiferentemente a maior parte dos símbolos dos quais cada um é próprio a cada tribo germânica. Vide Grimm, *Alterthümer*, passim.

[613] (NT) A batalha de Roncevaux inspirou a Canção de Rolando três séculos mais tarde. Nela, os Vascos e Bascos são substituídos pelos Sarracenos.

[614] Fronsac (Francicum ou Frontiacum) na Aquitânia (Eginh., annal., ap. Scr. fr., V, 201) ; e no Saxe, a cidade que os cronistas designam sob o nome de *Urbs Karoli* (Annal. Franc., ibid, p. 12), um forte sobre o rio Lippe (na Alemanha).

[615] Vide Jac. Grimm, *Deutsche Rechts Alterthümer*, I. V.

[616] (NT) Também conhecido como Paulo, o Diácono ou Paulo Cassinensis (de Monte Cassino).

[617] Capitulare ann. 779, c. 7. *De decimis, ut unisquisque suam decimam donet, atque per jussionem pontificis dispensetur* (NT: Dos décimos – Cada um deve dar seu décimo para ser disponibilizado ao pontífice) - Capitulario de Saxon. ann. 791, c. 16:... *Undecunque censûs aliquid ad fiscum pervenerit... decima pars ecclesiis et sacerdotibus reddatur.* (NT: Onde quer que os impostos sejam pagos para o tesouro... seja o décimo dado às igrejas e aos padres), C. 17: *Omnes decimam partem substantiæ et laboris sui dent, tàm nobiles quàm ingenui, similiter et liti* (NT: Todos devem dar um décimo de sua subsistência e trabalho, assim como nobres e homens livres e os leudes também) - Vide também Capitul. Francoford., ann. 794, c. 23. - Desde o ano 567, encontra-se menção ao dízimo em uma carta pastoral dos bispos da Touraine; uma constituição de Clotário e os atos do Concílio de Mâcon, em 588, o prescrevem expressamente. Ducange, II, 1334, v. DECIMÆ.

[618] Capitul. add. ad leg. Langob., ann. 801, c. 1. *Volumus primò, ut neque abbates, neque presbyteri neque diaconi, neque subdiaconi, neque quislibet de clero, de personis suis ad publica vel ad secularia judicia trahantur vel distringantur, sed à suis episcopis judicati justitiam faciant* (NT: É nosso desejo que nem abades, nem presbíteros, nem diáconos, nem subdiáconos, nem qualquer tipo de sacerdote, seja trazido perante o público e os tribunais seculares, mas que sejam entregues a seus bispos para julgamento) - Cf. Capitul. Aquisgr., ann. 789, c. 37. - Capitul. Francoford., ann. 794, c. 4: *Statutum est à domino rege et S. Synodo, ut episcopa justitias faciant in suas parochias... Comites quoque nostri veniant ad judicium Episcoporum* (NT: Nosso senhor o Rei e o Santo Sínodo decretam que os bispos devem executar a justiça em suas paróquias... nossos Condes também devem submeter-se ao tribunal dos Bispos).

[619] Vide o III volume e Grimm., *Deutsche Rechts Alterthümer*.

[620] (NT): “Originalmente, *Gau* era um antigo termo frâncico designando uma divisão político-geográfica de uma nação. A palavra é o equivalente alemão do latim *pagus*. O *gau* é, assim, análogo ao *pays* da França feudal. As cognatas em outras línguas germânicas são *gou* em médio alto-alemão, *gawi* em gótico, *gouw* em holandês, *go* em frísio, *gô* em saxão arcaico.

Nas regiões germanófonas a leste do Reno, o *Gau* formava a unidade administrativa do Império Carolíngio nos séculos IX e X. Muitas dessas unidades territoriais se tornaram, em seguida, o que se chama um condado (*Grafschaft* em alemão), quer dizer, um território governado por um conde ou grave. O conde era, no início, um governador nomeado, mas o título torna-se progressivamente hereditário e o condado se torna um feudo”. ([http://fr.wikipedia.org/wiki/Gau\\_\(Moyen\\_Âge\)](http://fr.wikipedia.org/wiki/Gau_(Moyen_Âge)))

[621] Vide Grimm., p. 536

[622] Grimm, p. 518.

[623] S. Libuini vita apud Pagi, crit. 772, § 5. Sismondi, II, 234.

[624] Ibid. - Eles tentaram queimar uma igreja que São Bonifácio mandara construir em Fritzlar, no Hesse. Mas o santo profetizara, ao abençoá-la, que ela jamais pereceria pelo fogo: dois anjos vestidos de branco viram defendê-la; e um Saxão que se ajoelhara para assoprar o fogo foi encontrado morto na mesma posição, as bochechas ainda infladas de seu sopro. Annales de Fulde, ap. Scr. fr.. V, 328.

(NT) Deventer é um cidade situada na Holanda.

[625] Coluna ou estátua da Germânia ou de Arminio.

[626] Stapfer, art. Arminius na Biograf. univers.: “Os locais vizinhos de Detmold são ainda cheios de lembranças desse memorável evento. O campo que está ao pé de Teutoburgo se chama ainda Wintfeld ou Campo da Vitória; ele é cruzado pelo Rodenbeck ou Regato de Sangue e o Knochenbach ou Regato dos Ossos, o qual evoca essas ossadas encontradas, seis anos após a derrota de Varo, pelos soldados de Germânico vindos para render-lhes as últimas honras. Bem perto de lá está Feldrom, o campo dos Romanos; um pouco mais distante, nos arredores de Pymont, o Hermansberg ou monte de Arminio, coberto das ruínas de um castelo que leva o nome de Harminsburg e, sobre as marges do Weser, no mesmo condado de Lippe, encontra-se Varenholz, o bosque de Varo”.

(NT) O monumento a Arminio foi reconstruído em 1875 na floresta de Teutoburgo, perto da cidade alemã de Detmold. Chama-se *Hermannsdenkmal*. O local da derrota de Varo, na batalha de Teutoburgo, é controverso. Entretanto, a tese mais aceita é de que a batalha se deu sobre uma colina chamada Kalkrieser (*Kalkrieser berg*) a cerca de 80 km de Detmold. Essa hipótese está alicerçada em descobertas arqueológicas:

“Após 1885, o historiador alemão Theodor Mommsen situa a batalha de Teutoburgo em Kalkrieser Berg, uma colina a sudeste de Bramsche e norte de Wiehengebirge. Esse sítio de escavação arqueológica, situado a 16 km ao norte de Osnabrück, Lande do Baixo-Saxe, revelou, a partir do século XVIII, moedas romanas datadas da época de Augusto (coleção família von Bar).

Por volta de 1987, o arqueólogo amador Tony Clunn utiliza um detector de metais e descobre outras moedas e três chumbos de funda atribuídos a tropas auxiliares romanas. Nessa zona de 300 hectares, situada entre um pântano drenado e a colina de Kalkrieser, escavações sistemáticas exumaram mais de 6.000 objetos entre os quais: moedas romanas exibindo as letras *VAR*, abreviação do nome de Varo, uma máscara de capacete cerimonial de um oficial romano de cavalaria (em 1990) e uma bainha de espada identificada em 2007 como pertencente à LPA - *Legio Prima Augusta*... (em 1992). A uma distância de 10 km do sítio de escavações, foram descobertos os restos de uma calçada em madeira (*pontes longi*) de 15 d.C. por dendocronologia. Em seguida a essas descobertas, uma maioria de historiadores e de arqueólogos considera que Kalkrieser é bem o lugar da derrota de Varo.

Assim, em sua obra *Renseignement et espionnage dans la Rome antique*, publicada em 2009, Rose Mary Sheldon situa a batalha no Passo de Kalkrieser. Cita-se essa passagem: 'As peças de moeda, por sua vez, trazem um testemunho definitivo sobre a data e sobre a identidade das vítimas do Passo. Entre as cento e cinquenta moedas de bronze (ases) encontradas a partir de 1987, noventa e três por cento são da série Lugdunum I, cunhada entre 8 antes de Cristo e 3 depois de Cristo. Esse era o tipo de moeda utilizada para pagar as tropas romanas. Sobre essas moedas da série Lugdunum I, noventa e seis por cento são contramarcadas com AVG (Augustus), IMP (Imperador), C-VAL (C. Numonius Vala) ou VAR (Varus).’ - “La thèse de la localisation à Kalkrieser”, fonte: [http://fr.wikipedia.org/wiki/Bataille\\_de\\_Teutobourg](http://fr.wikipedia.org/wiki/Bataille_de_Teutobourg).

[627] Eginh., annal., ap. Script. fr., V, 201. Ne diutiùs sit confectus laboraret exercitus, diviniùs factum creditur ut quâdam die, cùm juxtâ morem tempore meridiano cuncti quiescerent, propè montem qui castris erat contiguus tanta vis aquarum in concavitate cujusdam torrentis eruperit, ut exercitui cuncto sfficeret. - Poeta Saxonici annal., l. I.

[628] (NT) Aix-la-Chapelle é a cidade alemã de Aachen. Dada sua extrema importância histórica, o Tradutor utilizou o nome francês nessa passagem que será, a partir de então, paulatinamente substituído pelo atual nome.

[629] Annal. Franc., ibid., 27 - Reædificavit ipsum castellum, et basilicam ibidem construxit. Annal. Fuld., ibid. 328. Eresburgum reædificat.

[630] Annal. Franc., ibid., 29: Et fecit castellum super fluvium Lypia.

[631] Num dia em que se batizavam os homens do norte, faltaram túnicas de linho e deu-se a um deles uma camisa de má qualidade, mal costurada. Ele a olhou algum tempo com indignação e disse ao Imperador: “Eu já fui lavado aqui vinte vezes e sempre vestido de um bom linho, branco como a neve; um saco assim é feito para um guerreiro ou para um guardador de porcos? Se eu não me enrubescesse de ir nu, não tendo mais minhas roupas e recusando as tuas, eu te deixaria aí teu manto e o teu Cristo”. Monachus S. Galli, l. II, c. 29, ap. Scr. fr., V, 134 - Os Avaros, aliados de Carlos Magno, vendo que ele mandava seus compatriotas cristãos comerem na sala e os outros à porta, fizeram-se batizar em multidão para também se sentarem à mesa imperial. Pagi critica ad ann. 801

[632] (NT) Widukind, em alemão arcaico; Wittekind, em alemão moderno (fonte: Wikipedia).

[633] Sismondi o confunde com Lope, filho de Haton., 26 f.

[634] Vide o capítulo I do 2º volume.

[635] Eginh. vita Karoli, ap. Scr. fr., V, 93. - vide também Eginh. annal. ibid., 203 - Poet. Sax., l. I, ibid, 143. - Crônicas de São Denis, l. I, c. 6. - Os outros cronistas nada falam dessa derrota. - Sobre os poemas carolíngios, vide o Curso (*Cours*) de M. Fauriel e a excelente tese de M. Monin, professor à faculdade de Toulouse: “Sobre o romance de Roncevaux” (*Sur le roman de Roncevaux*), 1832.

[636] (NT) A brecha mencionada, que se encontra nos Pirineus, é conhecida como “Brecha de Rolando” e teria sido feita por sua espada indestrutível. A Brecha é majestosa, havendo diversas fotos suas disponíveis na *internet*.

[637] (NT) O olifante é uma trompa, uma espécie de corneta, feita de marfim de elefantes, de onde vem seu nome, sendo utilizada, normalmente, pelos comandantes. O famoso olifante de Rolando encontra-se em exposição na catedral de Santiago de Compostela.

[638] (NT) Durindana, em português (em francês Durandal, em inglês Durendal ou Durandal, em italiano Durlindana, em castelhano Durandal ou Durandarte, e ainda, Duranda ou Durindart), é uma mítica espada que teria sido ofertada por Carlos Magno a Rolando, quando este foi sagrado cavaleiro aos dezessete anos. A sua virtude era ser inquebrável e, possivelmente, o seu nome deriva do verbo francês "durer" ("durar"). “No poema épico *A canção de Rolando*, afirma-se que a espada contém, em seu punho de ouro, um dente de São Pedro, sangue de São Basílio, um fio de cabelo de São Denis e um fio da capa da Virgem Maria. No poema, ao perder o seu cavalo Vigilante ("*Veillantif*") e perceber que está ferido de morte numa emboscada dos sarracenos, Rolando tenta destruir a espada para impedir que ela seja capturada. Como a espada prova-se indestrutível, Rolando esconde-a então sob seu corpo, junto com o olifante, o instrumento usado para alertar Carlos Magno”. (fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Durindana>).

[639] Ele tomou por reféns quinze dos mais ilustres e os pôs sob a guarda do arcebispo de Reims, Vulfário, no qual ele depositava a maior confiança. Vulfário estivera anteriormente investido das funções de *Missus Dominicus*\* na Champagne. Frodoard. Hist. Remens, l. II, c. 18. “O mui-sábio e mui-hábil Carlos”, disse o biógrafo de Luís o Piedoso, “sabia ligar a si os bispos. Ele criou, por toda a Aquitânia, condes e abades e ainda muitos outros que se chamam *Vassi*\*\*, da raça dos Francos; ele confiou-lhes o cuidado do reino, a defesa das fronteiras e o governo das fazendas reais”. Astronom. vita Ludov. Pii, c. 3, ap. Scr. fr., VI, 88. - Os abades preenchiam aqui as funções militares. Carlos Magno escreveu a um abade do Saxe para vir com homens bem armados e com víveres para três meses. Caroli M., epist., 21, ap. Scr. fr., V, 633.

\* (NT) Missus domininus: literalmente, “enviado do senhor”.

“Os *missi dominici* (literalmente, “enviados do senhor”, no singular *missus dominicus*, mais raramente empregado, *Sendgraf* em alemão) são um órgão e um cargo instituídos em 789 e renovados em 802 pelo poder carolíngio. Os *missi* são enviados especiais dos soberanos carolíngios que controlam os representantes dos poder real em nível local. Eles permitem ao soberano hierarquizar sua administração, centralizar o poder e são a expressão de uma ideologia propriamente imperial.

Enviados em colegiado de dois ou três - com frequência, mais - contando, em geral, com pelo menos um conde e um bispo, eles são, em um primeiro momento, estranhos ao distrito - *missatica* - que administram. Os *missi* extraordinários representam o imperador em circunstâncias especiais e, eventualmente, de fora de sua região de exercício habitual.” ([http://fr.wikipedia.org/wiki/Missi\\_dominici](http://fr.wikipedia.org/wiki/Missi_dominici))

\*\* (NT) Vassi: ou *vassi dominici*. Eram os vassallos poderosos do rei. “Esses eram os vassallos do rei e geralmente os filhos de homens poderosos, mantendo

privilégios e formando um contingente no exército real” (en.wikipedia.org/wiki/Government\_of\_the\_Carolingian\_Empire)

[640] Vita S. Sturmii, abbat. Fuld., ap. Scr. fr., V, 447. Karolus, ... assumptis universis sacerdotibus, abbatibus, presbyteris... totam illam provinciam in parochias episcopales divisit... tunc pars maxima beato Sturmio populi et terræ illius ad procurandum committitur. Annal. Franc., ap. Scr. fr., V, 26. Divisitque ipsam patriam inter presbyteros et episcopos seu et abbates, ut in eis baptizarent et prædicarent. - Item Chron. Moissiac., ibid. 71.

[641] (NT) “Cours Weimiques”: também chamadas de Tribunal Secreto da Westfália.

[642] Grimm, Deutsche Rechts Alterthümer

[643] (NT) Süntel, em alemão. “... é um maciço montanhoso alemão da Baixa-Saxônia, fazendo parte do Weserbergland” (<http://fr.wikipedia.org/wiki/Sonnenthal>)

[644] Eginh. ann., V., 206. Cæterorum, qui, persuasioni ejus Vitikindi morem gerentes, tantum facinus peregerunt, usque ad MMMMD traditi, jussu regis ones unâ die decollati sunt. Hjusmodi vindictâ perpetrât, Rex in hiberna concessit. - Annal. Fuld., p. 329. Annal. Met., p. 344.

(NT) O episódio da decapitação em massa se deu na cidade de Verden (ou Verden an der Aller), situada na Baixa-Saxônia, Alemanha. Ficou conhecido como o “massacre de Verden”: “... ele (*Carlos Magno*) ordena decapitá-los no lugar chamado Blutbecken (represa de sangue). Uma cruz de 4 metros de altura aí se ergue hoje. Essa data (782) permanecerá como aquela do *Massacre de Verden*, cuja cifra aproximada seria de 4.500 mortos. Em 1935, para comemorar o acontecimento, o regime nazista contruiu o monumento de *Sachsehain* consistente em 4.500 pedras erguidas descrevendo uma dupla elipse, cujo eixo maior mede 600 metros, assim como uma escola de cavalaria. Nos dias de hoje, o local pertence à Igreja protestante e uma escola protestante tomou o lugar da escola de cavalaria. O sítio é acessível ao público.” (fr.wikipedia.org/wiki/Verden)

[645] ... secundum legem Francorum. Annal. Nazar., ap. Scr. fr., V, 11.

[646] Eginh., Kar. M., c. 20, ibid. 97. *Hareu conjurationum Fastradæ crudelitas causa et origo extitisse creditur; ed ideirco in ambabus (conjurationibus) contrâ Regem conspiratum est, quia uxoris crudelitati consentiens à suæ naturæ benignitate ac solitâ mansuetudine immaniter exorbitasse videbatur* (Além disso, a crueldade da rainha Fastrada é vista como a só causa de nascimento dessas duas conjurações e se, nessas duas circunstâncias, desejava-se a vida do rei, foi porque, cedendo à malignidade de sua mulher, ele parecia ter desumanamente esquecido sua doçura habitual e sua natural bondade – *a partir do texto em francês em <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/eginhard/charlemagne.htm> ). - Eginh. annal., ibid. 210: Facta est contrâ regem conjuratio à filio suo majore, nomine Pepino, et quibusdam Francis, qui se crudelitatem Fastradæ reginæ ferre non posse asseverabant... quæ cûm per Fardulfum Langobardum detecta fuisset, ipse ob meritum fidei servatæ monasterio S. Dionysii donatus est* (O primogênito de Carlos Magno, Pepino, e alguns Francos conspiraram contra ele, alegando que não podiam suportar a crueldade da rainha Fastrada... Fardolfo, um Lombardo, tendo detectado a rebelião, foi recompensado com o monastério de Saint-Denis).

[647] Annal. Nazar., ap. Scr. fr. V, 12.

[648] Annal. Franc., ibid. 65. Filius regis Pippinus, ex concubinâ Himildrudâ, cum aliquibus comitibus Francorum consiliatur...

[649] Eginh. Kar. M., c. 10. Donnuît (an. 786) et Brittones qui... dicto audientes non erant.

[650] Monach. S. Galli., l. II, c. 2. *Terra Hunorum novem circulis cingebatur... tâm latus fuit unus circulus... quantum est spatium de castro Turonico ad Constantiam... Itâ vici et villæ erant locatæ, ude de aliis ad alias vox humana posset audiri. Contrâ eadem quoque ædificia, inter inexpugnabiles illos muros, portæ non satis latæ erant constitutæ... Item de secundo circulo, qui similiter ut primus erat exstructus; viginti milliaria Teutonica, quæ sunt quadraginta Italica, ad tertium usque tendebantur; similiter usque ad nomum; quamvis ipsi circuli alius alio multò contractiores fuerunt... Ad has ergò munitiones per ducentos et eu ampliûs annos, qualescumque omnium occidentalium divitias congregantes... orbem occiduum penê vacuum dimiserunt* (NT: O país dos Hunos era cingido por nove círculos. Um círculo era tão extenso quanto a distância entre Tours e Constance. As ruas e casas eram tão separadas que um grito mal poderia ser ouvido de uma à outra. Contra esses círculos e entre esses impenetráveis cercados, portões não muito largos foram construídos. Igualmente, a partir do segundo círculo, formado como o primeiro, havia vinte milhas Germanas que são iguais a quarenta italianas, até o terceiro; e assim sucessivamente até o nono, apenas que cada círculo era menor que o precedente. Eles tinham acumulado nessas fortificações, por duzentos anos ou mais, riquezas de todo o tipo oriundas de todas as terras do Ocidente, quase levando todo o Oeste).

[651] (NT) “Khagan ou Qaghan (... também grafado Chagan, Khaghan, Khakhan, Kagan, Kağan, Kaan e Qagan) é um título imperial nos idiomas turcomanos e no mongol (equivalente a um imperador), indicando o soberano de um “khaganato” - um império maior que um canato normal (embora possa receber esta denominação nas línguas ocidentais, pela falta de termos equivalentes).

Pode ser traduzido como **Khan dos Khans**, de maneira semelhante ao título de Rei dos Reis. No mongol atual, o título se tornou *Khaan* com o som 'g' ficando praticamente mudo ou inexistente (um fricativo velar surdo muito sutil); o *ğ* no turco moderno *Kağan* também é silencioso. A partir da guerra civil do Império Mongol, os imperadores da Dinastia Yuan chinesa ostentaram o título de Khagan, bem como seus sucessores na Mongólia. *Kağan* é um nome comum na Turquia.

A prática comum no Ocidente de se referir ao khagan como **Grande Khan** (ou **Grande Cã**), especialmente no caso do Império Mongol, vem da tradução de *Yekhe Khagan* (Йѣх Хаан, “Grande Imperador”). (fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Khagan>)

[652] Exc. Menandri, p. 106-164. Theophilact., lib. II, c. 16, 17. - Gibbon, ch. 42, 46.

[653] Poet. Sax., III, ap. Scr. fr. V, 155.

[654] (NT) *Guillaume au Court-Nez*: Guilherme I de Tolosa (Toulouse), também, Guilherme de Orange, Guilherme de Aquitânia ou Guilherme de Gellone. O epíteto “do nariz-curto” deve-se ao fato de ter tido a ponta do nariz cortada, numa batalha, pelo emir Corsolto, quando de um combate sob os muros de Roma. ([http://fr.wikipedia.org/wiki/Guillaume\\_au\\_court\\_nez](http://fr.wikipedia.org/wiki/Guillaume_au_court_nez))

[655] Chronic. Moissiac., v. 74 - Hist. du Languedoc, l. IX, c. 26. - Conde, Histoire (traduzida do árabe para o espanhol) de la domination des Arabes et des Maures em Espagne, t. I, da tradução francesa, p. 264 (História da dominação dos Árabes e dos Mouros na Espanha).

[656] Eginh. annal., ad. ann. 793. “Havíamos persuadido o rei que se fosse escavado, entre o Rednitz e o Altmühl, um canal grande o suficiente para conter as embarcações, poder-se-ia navegar facilmente do Reno ao Danúbio porque um daqueles rios se lança no Danúbio e o outro no Meno. Rapidamente, ele veio a esse lugar com toda a sua corte, aí reuniu uma grande multidão, e empregou nessa obra toda a estação do outono. O canal foi, então, escavado sobre dois mil passos de comprimento e trezentos pés de largura, mas em vão; pois no meio de uma terra pantanosa, já impregnada de água por sua natureza e inundada por chuvas contínuas, o empreendimento não pôde ser concluído; tanto quanto os operários tiravam a terra durante o dia, tanto ela tornava a cair durante a noite, no mesmo lugar. Durante esse trabalho, foram-lhe trazidas notícias bem desagradáveis: os Saxões se haviam revoltado de todos os lados, os Sarracenos tinham invadido a Septimânia, engajado um combate com os condes e os guardas dessa fronteira, matado muitos francos e retornado, vitoriosos, para sua casa.

[657] (NT) a partir de <http://fr.wikipedia.org/wiki/Herstal>:

“Herstal — antigamente Héristal e em valão Hêsta — é uma cidade francófona da Bélgica situada na Região valoa na província de Liège.... Segundo uma primeira hipótese, Herstal se analisa como uma palavra composta de dois termos germânicos, cujo primeiro elemento - *Her* - remonta a *hari* (exército, que se tornará *Heer* em alemão) e o segundo - *stal* - a *stall* (estábulo, escúria, cavalaria, estrebaria). Herstal é, então, topônima de origem do velho baixo frâncico com o senso global de “escúria militar” ou “escúria do exército”. O termo escúria deve ser compreendido em sua acepção mais larga, ou seja, criação, haras, tanto quanto o próprio edifício.

Uma segunda hipótese, mais recente, se igualmente propõe *hari* “exército” para explicar o primeiro elemento, dá, entretanto, um outro sentido a *stall*, quer dizer, aquele de “estabelecimento”, donde o o significado global de “campo militar”.



...  
A pousada carolíngia de Herstal

Do mês de outubro ao mês de maio, era impossível atravessar o vau. Essa dificuldade explica a necessidade de terem sido construídos dois palácios carolíngios de um lado e de outro do Mosa. Se a hipótese da existência de uma ponte romana não deve ser rejeitada (pedras talhadas foram encontradas nas fundações das igrejas de Herstal e Jupille, os Carolíngios esperavam que o vau fosse praticável para reencontrar Aix-la-Chapelle (*Aachen*) ou partir para a guerra na Nêustria)”.  
[658]

Pagi critica ad ann. 804, p. 238. Sismondi, II, 403.

[659] Ele também tinha uma viva afeição pelo predecessor de Leão, o papa Adriano. Eginh. Kar. M. c. 19: *Nuntiatio Adriani obitu, quem amicum præcipuum hbebat, sic flevit, ac si fratrem aut carissimum filium amisisset* (NT: Anunciado o óbito de Adriano, a quem ele estimava como seu mais caro amigo, ele chorou como se tivesse perdido um irmão ou um filho querido), c. 17: *Nec ille toto regni sui tempore quicquam duxit antiquius, quam ut urbs Roma suã operã suoque labore veteri pollert auctoritate....* (NT: Nem, durante o seu reino, ele acalentou idéia mais querida que não fosse a da restauração de Roma à sua antiga influência...); “Ele foi quatro vezes a Roma para cumprir votos e fazer suas preces”. Vide as cartas de Adriano a C. Magno (Scr. fr. V. 403, 544, 545, 546 etc).  
[660]

Eginh. annal., p. 215. Coram altari, ubi ad orationem se inclinaverat, Leo Papa coronam capiti ejus imposuit. - Eginh. vit. Kar. M., ibid. 100. Quod primo in tantum aversatus est, ut affirmaret se eu die, quamvis præcipua festivitas esset, ecclesiam non intraturum fuisse, si pontificis præscire potuisset.

[661] Chonogr. Theophanis, ap. Scr. fr. V, 189. Εφθασαν δὲ ἀποσταλέντες παρὰ Καρόλλου Ἀποκρισιοὶ καὶ τοῦ Πάπα Λέοντος πρὸς τὴν Εἰρήνην, αἰτούμενοι ζευθῆναι αὐτὴν τῷ Καρόλλου πρὸς γάμον.

[662] Um provérbio grego dizia: “tende o Franco por amigo, mas não por vizinho. Τὸν φράγκον φίλον ἔχης γείτονα οὐκ ἔχης. Enginh. in Kar. M., c. 16.

[663] (NT) A Nortúmbria, reino que existiu na Grã-Bretanha, situava-se no centro-leste da ilha, tendo Edimburgo como a maior cidade ao norte e York ao sul.

[664] Eginh. annal., ap. Scr. fr. V, 57. “O rei dos Nortumbrios, da ilha da Bretanha, chamado Eardulfo, expulso de sua pátria e de seu reino, colocou-se perto do Imperador, então em Nimêgue, expôs-lhe a causa de sua viagem e partiu para Roma. À sua volta de Roma, por intermédio dos legados do pontífice romano e do imperador, ele reassumiu seu reino”.

[665] (NT) “Os Idrissidas foram uma dinastia árabe xiita que reinou na parte ocidental do Magreb entre 789 e 985. ... O grande legado dos Idrissidas na região relaciona-se com a introdução de uma cultura urbana e com a difusão da língua árabe” (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Idrissidas>)

[666] “Aquilo que o poeta dizia impossível - Aut Ararim Parthus bibet, aut Germanica Tigrim (*O Partho logo beberá do Arar e os Germanos do Tigre*) - pareceu, então, disse o Monge de São Galo, uma coisa toda simples por causa das relações de Carlos com Harun. Em testemunho desse fato, eu chamarei toda a Germânia que, do tempo de vosso glorioso pai Luís (ele se refere a Carlos o Calvo), foi constrangida a pagar um denário por cada cabeça de gado e por cada chácara dependente do domínio real para o regate dos Cristãos que moravam na Terra Santa. Em sua miséria, eles imploravam a libertação de vosso pai, como antigos súditos de vosso bisavô Carlos e de vosso avô Luís” Monac. Sangal, I, II, c. 15.

[667] (NT) Na Catedral de Aachen, além do dente de elefante, encontram-se outros tesouros, como o trono de Carlos Magno (este na Capela Palatina) e um sarcófago contendo seu crânio, um osso da perna e outro do braço. Todos os imperadores do Sacro-Império Romano Germânico, a partir de Frederico Barba-Ruiva (ou Barbarossa), ou seja, a partir de 1152, foram aí sagrados, sentados sobre o trono de Carlos Magno.

[668] Ele escolheu Aachen para construir seu palácio, disse Eginhardo, em virtude de suas águas termais. “Ele amava esse doce calor e vinha frequentemente nadar. A este lugar, ele convidava os grandes, seus amigos, seus guardas e, às vezes, mais de cem pessoas se banhavam com ele.” Eginh. in Kar. M., c. 22. Ele passava o outono a caçar., c. 30. -- (NT) Do complexo de edifícios que compunham o Palácio, resta hoje a capela palatina.

[669] Eginh., in Karol M., c. 25. “Ele aprendeu a gramática com o diácono Pedro de Pisa e teve por mestre, em seus outros estudos, Albinus, cognominado Alcuino, igualmente diácono, nascido na Bretanha e de raça Saxônica: homem de uma ciência universal e sob a direção da qual ele dispendeu muito tempo e trabalho à retórica e à dialética, mas sobretudo à astronomia. Ele também aprendia o cálculo e estudava a órbita dos astros, com uma curiosa e ardente sagacidade. Ele se esforçava também a escrever e deixava, de hábito, tabuletas sob seu travesseiro a fim de poder, em seus momentos de lazer, exercitar sua mão no traço das letras; mas esse trabalho não foi bem sucedido; ele o começara demasiado tarde”. - “Nos últimos anos de sua vida, ele não fazia outra coisa a não ser se ocupar das orações e de esmolas e a corrigir os livros. À véspera de sua morte, ele havia cuidadosamente corrigido, com os Gregos e Sírios, os evangelhos de São Mateus, de São Marcos, de São Lucas e de São João”. Thegan. de getis Ludov. Pii, c. 7, ap. Scr. fr. VI, 76. - Ele remeteu também “a seu melhor amigo (Eginh.)”, o papa Adriano, um livro de Salmos em latim, escrito em letras de ouro, e com uma dedicatória no verso. (Ap. Script. rer. Franc., t. V, p. 402). Assim, ele foi enterrado com um evangelho de ouro à mão” (Monach. Engolism. in Kar. M., ibid. 186).

[670] (NT) Estante ou apoio para acomodar livros litúrgicos nas igrejas. Também conhecido como faldistório.

[671] Eginh. in Kar. M., c. 26. “Ele executa cuidadosamente a leitura e o canto sagrados; pois ele aí se entendia admiravelmente, ainda que jamais lesse em público e não cantasse senão a meia-voz e em coro”. - Mon. Sangall., I, I, c. 7. “Jamais, na basílica do douto Carlos, havia necessidade de designar a cada um a passagem que se devia ler, nem de marcar seu fim com cera ou com a unha; todos sabiam tão bem o que deviam ler que, se por improviso, fosse-lhes dito para começar, eles nunca seriam apanhados em falta. Ele próprio (Carlos Magno) levantava o dedo ou um bastão ou enviava alguém aos clérigos, sentados longe de si, para designar aquele que ele desejava que lesse. Ele marcava o fim por um som gutural, que todos aguardavam em suspenso, de tal forma que se ele sinalizasse após o fim de uma sentença ou a uma pausa no meio da frase ou mesmo antes da pausa, ninguém retomava muito alto ou muito baixo, por mais estranhamente que o reinício pudesse ser. De sorte que, ainda que nem todos compreendessem bem o que liam, era em seu palácio que se encontravam os melhores leitores e nula pessoa ousava ingressar entre seus coristas (fosse mesmo conhecido) se não soubesse bem ler e bem cantar”. - c. 21: “Em uma determinada festa, como um jovem rapaz, parente do rei, cantasse muito bem a Aleluia, o rei disse a um bispo que ali se encontrava: “Ele cantou muito bem, nosso clérigo”. O outro, tolo, tomando a frase como uma piada, e ignorando que o clérigo fosse parente do imperador, respondeu: ‘Os rústicos também cantam a seus bois’. A essa resposta impertinente, o imperador lançou-lhe um olhar terrível com o qual ele caiu fulminado”.

[672] Mon. S. Galli., I, I, c. 32. *Quæ (mansiones) ità circa palatium peritissimi Caroli ejus dispositione constructæ sunt, ut ipse, per cancellos solari; sui cuncta posset videre, quæcumque ab intransibibus vel executibus quas latenter fierent. Sed et ità omnia procerum habitacula à terrâ erant in sublime suspensa, ut sub eis non solum militum milites et eorum servitores, sed omne genus hominum ab injuriis imbrium vel nivium, vel gelu, caminis possent defendi, et nequaquam tamen ab oculis acutissimi Caroli valerent abscondi* (NT: Os apartamentos dos nobres foram construídos a uma tal altura a partir do chão que, não somente os soldados e seus servos, mas todas as classes, podiam abrigar-se da chuva, do granizo ou da neve e, ao mesmo tempo, os olhos perscrutadores de Carlos podiam descrever tudo o que estava acontecendo).

[673] Eginh. in Kar. M., c. 26. Ecclesiam mane et vespere, item nocturnis horis et sacrificii tempore, quoad eum valetudo permiserat, impigrè frequentabat. - Mon. Sangall., I, I, c. 33: Gloriossimus Carolus ad nocturnas laudes pendulo et profundissimo pallio utebatur - Durante toda a quaresma, ele jejuava até à oitava hora do dia.

[674] Eginh. in Kar. M., c. 22. *Corpore fui amplo atque robusto, staturâ eminenti, quæ tamen justam non excederet... apice corporis rotundo, oculis prægrandibus ac vegetis, naso paululum mediocritatem excedente... Cervix obesa et brevior, venterque projector... Voce clarâ quidem, sed quæ minus corporis formæ conveniret. - Medicos penè exosos habebat, quòd ei in cibis assas quibus assuetus erat, dimittere, et elixis adsuescere suadebant* (NT: Corpo amplo e robusto, eminente estatura, ainda que não desproporcional... cabeça redonda, olhos muito largos e rápidos, nariz excedendo o tamanho moderado... pescoço largo

e pequeno, ventre um pouco proeminente... voz clara, mas não condizente com sua altura – Ele odiava os médicos porque tentavam persuadi-lo a não comer carne assada, com a qual estava acostumado, mas carne cozida) - Nas Grandes Crônicas de Saint-Denis, escritas muito tempo depois, foi permitido dizer que ele fendia um cavaleiro com um só golpe de espada e que levantava um homem armado com sua mão. O Imperador foi tornado proporcional ao Império e concluiu-se que aquele que reinava do Elba ao Ebro devia ser um gigante.

[675] Eginh., in Kar. M., c. 18. Post cujus (Luitgardis) mortem, quatuor habuit concubinas.

[676] Id. ibid., c. 19: ... Nunquâm iter sine illis faceret. Adequitabant ei filii, filia verò ponè sequebantur.... Quæ cùm pulcherrimæ essent et ab eto plurimùm diligenter, mirum dictu quòd nullam earum cuiquant auto suorum aut exterorum nuptum dare voluit. Sed omnes secum usquè ad obitum suum in domo suâ retinuit, dicens se earum contubernio carere non posse. Ac propter hoc, aliàs felix, adversæ fortunæ malignitatem expertus uest. Quod tamen ità dissimulavit, ac si de eis nunquâm alicujus probri puspicio exorta, vel fama dispersa fuisset.

[677] (NT) atualmente, a cidade de Villeneuve-lès-Maguelone, departamento de Hérault, região do Languedoc-Roussillon.

[678] Acta SS. ord. S. Bened., sec. IV, p. 194. Ex Getarum genere, partibus Gotiæ, oriundus fuit... Pater ejus comitatum Magdalonensem tenuit. - Vide também Guizot (1829), 26ª lição.

[679] Vigésima-sexta lição, p. 42 e segs.

[680] Vide uma passagem curiosa de uma vida de São Gregório, t. V., p. 445, os Scriptores rerum Francicarum - Vie também a vida de Carlos Magno, por um monge de Angoulême (ap. Scr. fr. V, 185) - Mon Sangall, l. I, c. 10. “Vendo com dor que o canto era diverso segundo as diversas províncias, ele pediu ao Papa doze clérigos instruídos nos salmos. Mas, por malícia, quando eles foram dispersos de um lado a outro, eles se puseram a ensinar métodos diferentes.; Carlos, indignado, se queixou ao Papa que os colocou na prisão.

[681] Engih. in Kar. M., c. 25. “Albinum, cognomento Alcuinum, item diaconum, de Britanniâ, Saxonici generis hominem.” Alcuino escrevia a Carlos Magno: “Enviei-me de França alguns sábios tratados tão excelentemente quanto os que tenho cuidado aqui (na biblioteca de York), e que acolheram meu mestre Egberto; e eu vos enviarei meus jovens que levarão à França as flores da Bretanha; de sorte que não haja mais nenhum jardim fechado em York e que, em Tours, possam germinar alguns filhos do paraíso”. Epist. I. - Chamado à França, ele se tornou o mestre do escoto Rabanus Maurus, fundador da grande escola de Fulda. Eginhardo disse (c. 16) que Carlos Magno entregava as honras e as magistraturas aos Escotos, estimando sua fidelidade e seu valor; e que os reis da Escócia eram-lhe fortemente devotados. - Na sua vida de São Cesário, dedicada a Carlos Magno, Hericus disse: “Quase toda a nação dos Escotos, desprezando os perigos do mar, vem se estabelecer em nosso país com uma sequência numerosa de filósofos”

[682] (NT) Para a compreensão do gracejo, é preciso entender que “viático” é a comunhão eucarística que, na Igreja Católica, se dá aos moribundos e que provém da palavra latina *viaticum* (via, caminho, estrada), significando a provisão que se deve levar para percorrer o caminho.

[683] Monach. Sangall., l. I, c. 2, segs. - Vide também no capítulo 5, a divertida história de um pobre provavelmente elevado por Carlos a um rico bispado.

[684] Eginh. in Kar. M., c. 29. Barbara et antiquissima carmina, quibus veterum regum actus ac bella caneantur, scripsit, memoriæque mandavit. Inchoavit et grammaticam patrii sermonis. - Seguindo Eginhard (c. 14), Carlos Magno deu aos meses nomes significativos na língua alemã (mês do inverno, mês da lama etc); mas, de acordo com a observação de M. Guizot, eles são encontrados em uso entre diferentes povos germânicos, antes do tempo de Carlos Magno.

[685] “Quando os Francos, que combatiam ao meio dos Gauleses, viram estes vestidos de mantas brilhantes e de diversas cores, tomados de amor pela novidade, eles abandonaram sua vestimenta habitual e começaram a usar a daqueles povos. O severo Imperador, que achava esse último traje mais cômodo para a guerra, não se opôs, de forma alguma, à mudança. Entretanto, desde que viu os Frísios abusando dessa facilidade, vendendo essas pequenas mantas encurtadas tão caras quanto outrora as grandes o eram, ele ordenou não serem comprados, ao preço normal, senão os longos e largos mantos. “A quem podem servir”, ele dizia, “essas mantas pequenas? ao leito, não posso me cobrir; a cavalo, elas não me protegem nem da chuva, nem do vento e, quando eu devo satisfazer as necessidades da natureza, fico com as pernas geladas”. Monach. Sangall., l. I, c. 26.



[686] Eginh. in Kar. M., c. 25. Latinam ita didicit, ut aequè illà ac patriâ linguâ orare esset solitus; græcam verò meliùs intelligere quàm pronunciare poterat. - Poeta Saxon., l. V, ap. Scr. fr. V., 176:

... Solitus linguâ sæpe est orare latinâ;  
Nec Græcæ prorsus nescius extiterat.

Tal era sua loquacidade que ele se parecia com um pedagogo (ut didasculus appareret; alibi dicaculus, petit plaisant).

[687] (NT) No original, *centenier*. “No império carolíngio, os centenários são os adjuntos do conde que devem render a justiça nas subdivisões do condado correspondente às paróquias. Eles se ocupam dos negócios menos importantes”. (<http://fr.wikipedia.org/wiki/Centenier>).

[688] (NT) “O capitular é um ato legislativo da época carolíngia. É dividido em pequenos capítulos chamados *capitula*, donde o nome de capitular. Essas leis refletiam as decisões tomadas quando do Campo de Maio, assembléia de homens livres também chamada de pleito”. (<http://fr.wikipedia.org/wiki/Capitulaire>)

[689] Vide o III volume. Conf. Savigny e Grimm.

[690] (NT) “**Militar**: Na Roma antiga, um decurião é um oficial subalterno do exército que porta, como símbolo de seu ranque, um *pugio* ou uma adaga. Se, no início, o título está ligado à divisão em Decúria, ele rapidamente passou a designar unicamente os oficiais de cavalaria. Sob a república, ele tem o mesmo ranque que um centurião e comanda uma turma de cavalaria (em torno de 32 homens, depois 43 sob Cláudio). No Império, os decuriões dirigem as turmas nas unidades auxiliares: alas, coortes montadas (*equitata*) e unidades de guardas do corpo (*equites singulares*). A cavalaria legionária é dirigida por centuriões

**Assembléia Municipal**: a palavra decurião designa também os membros das cúrias, assembléias locais das cidades ou municípios do Império Romano. ... A instituição decurional se formou no quadro municipal romano sob a República, segundo o modelo do senado de Roma, onde os antigos magistrados são automaticamente incorporados à assembléia e às práticas das elites locais de cada cidade.” (<http://fr.wikipedia.org/wiki/Décursion>).

[691] (NT) “Na Roma antiga, duumvir (em latim "um dos dois homens"; no plural originalmente duoviri, "os dois homens") era o estilo oficial de dois magistrados juntos. Tais pares de magistrados foram apontados em vários períodos da história romana, tanto na própria Roma, quanto nas colônias e municípios”. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Duumvir>)

[692] O Curial devia ter ao menos vinte e cinco arpentos de terra; o Heriman, de trinta e seis a quarenta e oito.

[693] Um boi ou seis alqueires de frumento (ou trigo candial) valiam dois soldos. Cinco bois ou um vestido simples, ou trinta alqueires - dez soldos. Seis bois, ou uma armadura ou trinta e seis alqueires - doze soldos. (*M. Desmichels, Histoire du Moyen-Âge, II*).

Eu adoto essas avaliações baseado na fé que deposito no exato e consciencioso historiador. Mas é um erro que ele se reporte aos cânones do concílio de Frankfurt.

[694] Præf. ad. Elipand., Epist. 37, ap. Fleury, Hist. Ecclésiastiques, l. XLV, c. 17.

[695] Eginh. in Kar. M., c 29. Post susceptum imperiale nomen, cum adverteret multa legibus populi sui deesse (nam Franci duas habent leges plurimis in locis valde diversas), cogitavit quæ deerant addere, et discrepantia unire, prava quoque ac perperam prolata corrigere. Sed de his nihil aliud ab eo factum est, quam quòd pauca capitula, et ea imperfecta, legibus addidit.

[696] Vide a Compilação de Baluze.

[697] Vide o III volume.

[698] Vide Guizot, 21ª lição.

[699] Poderíamos multiplicar os exemplos. Capitul. anni 802, ap. Scr. fr. V, 659. Placuit ut unusquisque ex propriâ personâ se in sancto Dei servitio secundum Dei præceptum et secundum sponsionem suam pleniter conservare studeat secundum intellectum et vires suas; quia ipse domnus Imperator non omnibus singulariter necessariam potest exhibere curam. Capitul. anni 806, ibid. 677. Cupiditas in bonam partem potest accipi et in malam. In bonam juxta apostolum, hæc est radix omnium malorum. Turpe lucrum exercent qui per varias circumventiones lucrandi causâ inhonestè res quaslibet congregare decertant.

[700] Carol. libri, II, c. 21. Solus igitur Deus colendus, solus adorandus, solus glorificandus est, de quo per prophetam dicitur. exaltatum est nomen ejus solus, etc.

(NT) Os livros carolíngios sustentaram a expansão e a adoção de um novo tipo de formato de letra conhecido como “letra carolina” que seria o equivalente ao tipo “corporate typeface” (vide <http://tipografos.net/escrita/carolina.html>). Nesta versão do editor de texto OpenOffice que o tradutor utiliza (3.4.1), aquele tipo parece ter tomado o nome de “Charlemagne STD” ou “Carlos Magno STD”.

[701] (NT) Interessante verificar a existência desse conflito na observação do único mosaico bizantino existente na França, que fica no Oratório Carolíngio de Germigny-des-Prés (ou Igreja da Santíssima Trindade), uma das igrejas mais antigas existentes naquele país (construída entre 803 a 806), situada na cidade de Germigny-des-Prés, comuna do Vale do Loire, no Loiret: “O mosaísta, e atrás dele Teodulfo de Orléans, parecem se situar a meio caminho entre o iconoclasmo e a posição dos partidários bizantinos das imagens (João Damasceno e Theodoro Studita, por exemplo). Essa posição intermediária é exatamente aquela dos teólogos de Carlos Magno, do concílio de Frankfurt de 794, que condena os iconoclastas, e dos Livros Carolinos. Ela não foi aceita, à época, por nenhum Papa” (vide [http://fr.wikipedia.org/wiki/Oratoire\\_carolingien\\_de\\_Germigny-des-Prés](http://fr.wikipedia.org/wiki/Oratoire_carolingien_de_Germigny-des-Prés); vide, também, o sítio [www.loiret.com](http://www.loiret.com)).

Tanto o oratório quanto o mosaico (este, apesar de ter sido coberto de cal na Revolução Francesa) estão em excelente estado de conservação.

[702] Creio que é preciso aqui entender essa dilapidação do domínio, a qual Carlos Magno reprovou em seu filho. Esse domínio tinha se formado com todas as violências da conquista. O caráter escrupuloso de Luís, e as reparações que ele mais tarde fez a outras nações maltratadas pelos Francos, autorizam interpretar dessa forma a sua conduta na Aquitânia. Eis aqui o texto do historiador contemporâneo: In tantum largus, ut antea nec in antiquis libris nec in modernis temporibus auditum est, ut villas regias quæ erant et avi et tritavi (Pepino e Carlos Martelo), fidelibus suis traditi eas in possessiones sempiternas... Fecit enim hoc diu tempore. Theganus, de gestis Ludov. Pii, c. 19, ap. Scr. fr. VI, 78.

[703] Vide o exame dos Capitulares, no III volume.

[704] Mon. Sangall., l. II, c. 22.... Scitis, ó fidelis mei, quid tantoperè ploraverim? Non hoc timeo quod isti nugis mihi aliquid nocere prævaleant: sed nimium constrictor quòd, me vivente, ausi sunt litius istud attingere; et maximo dolore torqueor, quia prævido quanta mala posteris meis et eorum sint facturi subjectis.

[705] Annal. Fran., ad ann. 810, ap. Scr. fr. V, 59. Nuntium accepit classem cc navium de Nortmannia Frisiam appulisse... Missis in omnes circumquaque regiones ad congregandum exercitum nuntiis... - ibid., ad. an. 809. Cumque ad hoc per Galliam atque Germaniam homines congregasset...

[706] (NT) No original “Northmans”, ou seja, os Vikings.

[707] Eginh. in Kar. M., c. 14. Godefridus adeò vana spe inflatus erat, ut totius sibi Germaniæ potestatem, etc. - Vide também Annal. Franc., ap. Scr. fr. V, 57, Hermann. Contract., ibid. 366.

[708] (NT) Apesar de sua santidade, não se deve confundir este Luís - que era Luís I, cognominado “o Piedoso” ou “o de bom ar” ou “o Debonário” (*débonnaire* = *de bon air*) - com o seu descendente e santo católico São Luís (Luís IX), do século XIII.

[709] Há uma singular semelhança entre os retratos que a história nos deixou de Luís o Piedoso e de São Luís. “*Imperator erat... manibus longis, digitis rectis, tibiis longis et ad mensuram gracilibus, pedibus longis*” (NT: O Imperador era... mãos longas, dedos retos, pernas longas e de boa estatura, pés longos)

Theganus, de gest. Ludov. Pii, c. 19, ap. Scr. fr. VI, 78. - “*Ludovicus (São Luís) erat subtilis et gracilis, macilentus et longus, habens vultum anglicum? et, et faciem gratiosam*” {NT: Luís era sutil e gracioso, macilento e longo, tendo vulto anglo (angélico?) e rosto gracioso} Salimbeni, 302, ap. Raumer, Geschichte der Hehenstaufen, IV, 273. - Um e outro evitavam cuidadosamente rir às gargalhadas. “*Nunquam in risu Imperator exaltavit vocem suam, nec quando in festivitibus ad lætitiā populi procedebant themelici, scurræ et mimi cum choraulis et citharistis ad mensam coram eu: tund ad mensuram coram eu ridebat populus; ille nunquam vel dentes candidos suos in risu ostendit*” (NT: Nunca o Imperador elevou o tom de sua voz rindo, nem mesmo nas ocasiões de júbilo público, quando bobos-da-corte e bufões, menestres e harpistas, gracejavam e tocavam à sua mesa para divertir o povo que ria moderadamente em sua presença; nem mesmo, quando ria, mostrava o branco dos seus dentes). Thegan., ibid. - Sobre a gravidade de São Luís e seu horror pelos bufões e os músicos, vide o II volume. - Enfim, os dois santos demonstraram o mesmo desejo de reparar por restituições as injustiças de seus pais.

[710] Astronomi vita Lud. Pii, c. 28, ap. Scr. fr. VI, 101. *Tunc cæperunt deponi ab episcopis et clericis cingula balteis aureis et gemmeis cultris enerata, exquisitæque vestes, sed calcaria talos onerantia relinqui* (NT: Cogitando que a regra de São Bento fora dada apenas para crianças e para os fracos, ele obrigou-se a ater-se àquelas de São Basílio e de Pacômio).

[711] Acta SS. ord. S. Bened., sec. IV, p. 195. Regulam B. Benedicti tironibu seu infirmis positam fore contestans, ad heati Bailii dicta necnou Pachomii regulam scandere nitens. - Astronom., c. 28, ap. Scr. fr. VI, 100: Ludovicus... fecit componi ordinarique librum, canonicæ vitæ normam gestantem; misit... qui transcribi facerent... itidemque constituit Benedictum abbatem, et cum eu monachos strenuæ vitæ per omnia, qui per omnia monachorum euntes redeuntesque monasteria, uniformem cunctis traderent monasteriis, tam viris quam feminis, vivendi secundum regulam S. Benedicti incommutabilem morem.

[712] S. Adhalsardi vit, ibi., 277. Invidiâ... pulsus præsentibus bonis, dignitate exutus, vulgi existimatione fœdatus... exilium tulit. - Acta SS. ord. S. Bened. sæc. IV, p. 464: *Wala.... cujus Augustus, efficaciam auspicatus ingenii, licet consobrinus ipisius esset, patruī ejus filius, decrevit humiliari, cujus libet instinctu, et redigi inter infimos* (NT: Wala... com cuja habilidade o Augusto era familiar, ele determinou, sob a instigação de alguém, humilhar-se e relegar-se entre os menores, embora ele fosse seu próprio primo, o filho de seu tio). - p. 492.

Um dia, ele disse a Luís o Piedoso: *Velim, reverendissime imperator Auguste, dicas nobis tuis quid est quòd tantum propriis interdum relictis officiis, ad divina te transmittis* (NT: Fale, reverendíssimo imperador Augusto, diga-nos onde tu relegaste tão completamente os teus próprios deveres para tomares aqueles de ordem divina) - Astronom., c. 21.: *Timebatur quàm maximè Wala, summi apud Carolum imperatorem habitus loci, ne fortè aliquid sinistri contrà imperatores moliretur* (NT: Havia grande apreensão que Wala, que gozara de elevada autoridade na época de Carlos Magno, procurasse tomar medidas sinistras contra o imperador)

[713] Astronom., c. 21: Moverat ejus animus jamdudum, quanquàm naturâ mitissimum, illud quod à sororibus illius in contubernio exercebatur paterno; quo solo domus paterna inurebatur nævo... Misit... qui ... aliquos stupri immanitate et superbæ fastu, reos majestatis cautè ad adventum usque suum adservarent. - c. 23: Omnem cœtum femineum, qui permaximus erat, palatio excludi judicavit præter paucissimas. Sororum autem quæque in sua, quæ à patre acceperat, concessit.

[714] Astronom., c. 7: “o rei Luís logo deu uma prova de sua sabedoria e fez ver a ternura da misericórdia que lhe era natural. Ele regrou que passaria os invernos em quatro lugares diferentes; após terem decorridos três anos, uma nova estadia devia receber-lhe para o quarto inverno; essas habitações eram Doué, Casseneuil, Audiac e Ebreuil. Assim, cada uma a seu turno, podia ser suficiente à dispensa do serviço real. Após essa sábia disposição, ele proibiu que, no porvir, se exigisse do povo os aprovisionamentos militares que vulgarmente se chamam *foderum*. O pessoal da guerra ficou descontente; mas esse homem de misericórdia, considerando tanto a miséria daqueles que pagavam essa taxa, como a crueldade dos que a percebiam, bem assim a perdição de uns e outros, achou melhor entreter seus homens sobre seus bens a deixar subsistir um imposto tão duro para seus súditos. Na mesma época, sua liberalidade dispensou os Albigenses de uma contribuição de vinho e trigo. ... Tudo isso agradou de tal forma, diz-se, ao rei seu pai que, a esse exemplo, suprimiu em França o imposto dos aprovisionamentos militares e ordenou, ainda, outras reformas, felicitando seu filho pelos felizes progressos” - Vide também Thegan, de gestis, etc.

[715] Astronom., c. 24. Saxonibus atque Frisonibus jus paternæ hæreditatis, quod sub patre ob perfidiam legaliter perdiderant, imperatoriâ restituit clementiâ.... Post hæc easdem gentes semper sibi devotissimas habuit.

[716] Diplomata Ludov. Imperat., ann. 816, ap. Scr. fr. VI, 486, 487 ... *jubemos ut hi, qui vel nostrum vel domni et genitoris nostri præceptum accipere meruerunt, hoc quod ipsi cum suis hominibus de deserto excoluerunt, per nostram concessionem habeant. Hi verò qui postea venrunt, et se aut comitibus aut vassis nostris aut paribus suis se commendaverunt, et ab eis terras ad habitandum acceperunt, sub quali convenientiâ atque conditione acceperunt, tali eas in futurum et ipsi possideant, et suæ posteritati derelinquant, etc.* (NT: ... é nosso desejo que aqueles que foram considerados dignos de receber os preceitos de nós mesmos, ou de nosso senhor e pai, possam possuir de nossa livre graça qualquer terra abandonada que eles e seus descendentes tenham reclamado. Aqueles que chegaram desde então, e recomendaram-se aos nossos condes ou nossos vassal, ou aos seus próprios pares, e receberam terras deles para nelas trabalharem, que as mantenham doravante e as deixem para sua posteridade, com base no mesmo entendimento e condições sob as quais as receberam).

[717] (NT) No original “Estevão IV” (*Étienne IV*). Até o Concílio Vaticano II de 1962 a 1965, era o Papa Estevão V. O tradutor, nesta passagem, não precisou alterar o texto original do livro para colocá-lo de acordo com a mudança ocorrida 130 anos depois de sua publicação. É que o autor provavelmente não deve ter considerado que o Papa originariamente conhecido por Estevão II, e que deixou de sê-lo após aquele Concílio, merecesse as honras papais sem a devida entronização (apesar de eleito). Clarividência ou idiossincrasia do Autor? Fica a pergunta...

[718] Astron., c. 26. Thegan, c. 18, ap. Scr. fr. VI, 77. Baronii annal., p. 650.

[719] Ele foi escolhido para árbitro entre vários chefes Dinamarqueses que se disputavam a herança de Godfried, e decidiu em favor de Haroldo.

[720] A tentativa de Bernardo contra seu tio é o primeiro ensaio da Itália para se livrar dos *Bárbaros*. “Omnes civitates regni et principes Italiæ in hæc verba conjuraverunt, sed et omnes aditus, quibus in Italiam intratur, positis obicibus et custodiis obserarunt. - Astron., c. 29 - Vide também Eginh. Annal., Scr. fr. VI, 177.

[721] Eles querem, antes, por rei, um homem a uma criança e, ordinariamente, o tio é homem, é *útil*, como então se dizia, muito antes do sobrinho.

[722] Thegan, c. 6. *Cùm intellexisset appropinquare sibi diem obitûs sui, vocavit fillium suum Ludovicum ad se cum omni exercitu, episcopis, abbatibus, ducibus, comitibus, loco-positis... interrogans omnes a maximo usquè ad minimum, si eis placuisset ut nomen suum, id est Imperatoris, filio suo Ludowico tradidisset. Illi omnes responderunt Dei esse admonitionem illius rei* (NT: Quando ele sentiu que sua última hora chegara, ele reuniu seu filho Luís, com todo seu exército, bispos, abades, chefes, condes e tenentes... interrogando-os, do maior até o menor, se estavam de acordo que ele nomeasse seu filho Luís imperador, após sua partida. Todos responderam que essa era, claramente, a vontade de Deus) - Ele também consultara Alcuíno no túmulo de São Martinho de Tours: “*Quo in loco tenens manum Albin, ait secretè: Domine magister, quem de his filiis meis videtur tibi in isto honore quem indigno quanquam dedit mihi Deus, habere me successorem? At ille vultum in Ludovicum dirigens, novissimum illorum, sed humilitate clarissimum, ob quam à multis despicabi is notabatur, ait: Habebis Ludovicum humilem successores eximium* (NT: Naquele local, segurando a mão de Albino, ele perguntou secretamente: Senhor mestre, qual dos meus filhos parece o melhor para suceder a essas honras com as quais Deus cobriu-me, apesar de eu ser indigno delas? Ao que um vulto se dirigiu a Luís, o mais jovem, mas distinto por sua humildade, por conta da qual fora desprezado por muitos, e disse: O humilde Luís será teu melhor sucessor), Acta SS, ord. S. Bened., sec. IV, p. 156.

[723] Thegan., c. 12: Venit Bernhardus, ... et fidelitatem ei cum juramento promisit.

[724] Eginh. Annal., ap. Scr. fr. VI, 177. Hujus conjurationis principes... et Reginharius Meginharii comitis filius, cujus maternus avus Hardradus olim in Germaniâ cum multis ex eâ provincia nobilibus contrà Karolum imperatorem conjuravit.

[725] Astron., c. 30. Cùm lege judicioque Francorum deberent capitali invenctione feriri, suppressâ tristiori sententiâ, luminibus orbari consensit, licet multis obnitentibus, et animadverti in eos totâ severitate legali cupientibus. Thegan. ibid 79. Judicium mortale Imperator exercere noluit; sed consilium Bernhardum luminibus

privãrunt... Bernhardus obiit. Ao ouvir sobre a morte de Bernardo, o imperador chorou longa e amargamente (*quod audiens Imperator, magno cum dolore flevit multo tempore*).

[726] Astron., c. 37. Eginh. Annal., ap. Scr. fr. VI, 185.

[727] S. Anscharii vita, ibid. 305. In civitate Hammaburg sedem constituit archiepiscopalem - Ibid. 306. - Ebo (archiep. Remensis) quemdam... pontificali insignitum honore, ad partes direxit Suenoum etc.

[728] Astron., c. 80. Undecumque adductas precerum filias inspiciens, Judith... - Thegan. c. 26. *Accepit filiam Welfi ducis, qui erat de nobilissimâ stirpe Bavarorum, et nomen virginis Judith, quæ erat ex parte matris nobilissimi generis Saxonici, eamque reginam contituit. Erat enim pulchra valde* (NT: Aceitou a filha do chefe Welf, que era de nobilíssima estirpe da Bavária, e o nome da virgem era Judith, que era, por parte de mãe, de uma nobre família Saxã e, dela, fez rainha. Para ele, ela era muito bonita) - O bispo Friculfo escreveu-lhe: *Si agitur de venustate corporis, pulchritudine superas omnes, quas visus vel auditus nostræ parvitatís comperit reginas* (NT: No que tange à beleza do corpo, tua beleza supera a de todas as rainhas que estes humildes olhos viram ou de que tenha ouvido falar), Scr. fr. VI, 355.

[729] (NT) A casa de Welf, ou antiga casa da Baviera, ou casa dos Guelfos, é uma das mais antigas dinastias européias que se ramificou por diversos países. A rainha Vitória do Reino Unido (1819-1901) foi a última representante dos Welfes no trono britânico. A partir dos anos 1050, sob Welfe IV, passa a se chamar Casa de Este ou Casa de Welf-Est (vide wikipedia em francês, inglês e em espanhol).

[730] Vide mais acima. De outra feita, eles tinham sido aliados do aquitânio Hunaldo.

[731] Vide as epístolas dedicatórias do célebre Raban de Fulda e do bispo Friculfo. Este escreveu para ela: *In divinis et liberalibus studiis, ut tuæ eruditionis cognovi facundiam, obstupui* (NT: Quando soube da copiosidade da tua erudição em estudos divinos e humanos, fiquei estupefato). Script. fr. VI, 355, 356 - Walafrid versus, ibid. 268.:

*Organa dulcisono percurrit pectine Judith.*

*O, si Sappho loquax vel no inviseret Holda*

*Ludere jàm pedibus.*

*Quidquid enim tibimet sexûs subtraxit egestas,*

*Reddidit ingeniis culta atque exercita vita.*

(NT) Judith percorre o órgão com toque de doce som  
Ó, se o eloquente Safo ou Holda pudessem nos visitar  
para dançar.

O que quer que tenhas perdido pela fraqueza do sexo

Tu ganhaste em cultura do gênio e em elegância

(Annal. Met., ibid. 212. Pulchra nimis et sapientiæ floribus optimè instructa).

[732] Quando a mulher do Evangelho toca o Cristo que a curou de uma perda de sangue.

[733] (NT) Leia-se Vikings.

[734] Astronom., c. 33. Eginh. Annal., ap. Scr. fr. VI, 180.

[735] Eginh. Annal., ibid. 189: Quo nuncio commotus, misit in omnes Franciæ regiones, et jussit ut summa festinatione tota populi sui multitudo in Saxoniam veniret.

[736] Chronic. Moissiac., ibid. 177. Unum Bajoariæ, alterum Aquitaniæ.

[737] Astron., c. 45. *Hi qui imperatori contraria sentiebant, alicubi in Franciâ convntum fieri generalem volebant. Imperator autem clanculò obnitebatur, diffidens quidem Francis, magisque se credens Germanis. Obtinuit tamen sententia imperatoris ut in Neomago populi convenirent... Omnisque Germania eu confluit, imperatori auxilio futura*” (NT: Os inimigos do imperador ansiavam para que a convenção geral ocorresse em algum lugar da França. Mas o imperador, desconfiando dos Francos e confiante nos Germanos, opôs-se secretamente aos planos daqueles e conseguiu que ela ocorresse em Nimegue... Toda a Germânia para aí aflui, para futuro auxílio do imperador). Luís se reconcilia com seu filho; o povo, furioso, ameaça massacrar o Imperador e Lotário. Os motins foram contidos. - “Quos postea ad judicium adductos, cum omnes juris censores filique imperatoris judicio legali, tanquam reos majestatis, decernerent capitali sententiâ feriri, nullum ex eis permisit occidi” - Vide também Annal. Bertinian., ibid. 193.

[738] Astronom., c. 46. *Cunctis dijudicatis ad mortes, vitam concessit* (NT: Enquanto julgava a morte, a vida concedeu).

[739] Thegan, c. 42. *Dicens: Ite ad filios meos. Nolo ut ullus propter me vitam aut membra dimittat. Illi infusi lacrymis recedebant ab eo* (NT): Dizendo: Ide, meus filhos. Não desejo que ninguém perca sua vida ou membros por mim. Eles o deixaram com lágrimas nos olhos).

[740] (NT) Próximo à cidade de Sigolsheim, na Alsácia. *Champ du Mensonge* (francês), *Campus Mentitus* (latim).

[741] Id., c. 52. *Jussit in vase vinatico claudere, et projicere in flumen Ararim* - (NT): Ele a encerrou numa ânfora de vinho e a lançou no rio Arar (*na antiguidade, Arar era um dos três nomes do rio Saône*).

[742] Acta exaurationis Lud. Pii., ap. Scr. fr., VI, 245 - De todas essas afrontas, a sétima é grave. Ela revela o pensamento do tempo. É a reclamação do espírito local que deseja, doravante, seguir o movimento material e fatal das raças, das regiões, das línguas e que, em toda divisão puramente política, não vê senão violência e tirania.

[743] Ibid, 246. Pœnitentiam publicam expetiit, quatinus Ecclesiæ, quam peccando scandalizaverat, pœnitendo satisfaceret.

[744] Chron. Moissiac., ap. Scr. fr V, 83.

[745] (NT) Gênesis 9:20 a 22: “Começou Noé a ser lavrador, e plantou uma vinha: Bebendo do vinho, embriagou-se e achou-se nu dentro da sua tenda. Cam, pai de Canaã, viu a nudez de seu pai, e contou a seus dois irmãos que estavam fora”.

[746] Thegan., c. 44. *Hebo Remensis episcopus, qui erat ex originalium servorum stirpe... O qualem remunerationem reddidisti ei! Vestivit te purpurâ et pallio, et tu eum induisti cilicio... Patres tui fuerunt pastores caprarum, non consiliarii principum!... Sed tentatio piissimi principis... sicut et patientia beati Job. Qui beato Job insultabant, reges fuisse leguntur; qui istum verò affligebant, legales servi ejus erant ac patrum suorum. - Omnes enim episcopi molesti fuerunt ei, et maximè hi quos ex servili conditione honoratos habebat, cum his qui ex barbaris nationibus ad hoc fastigium perducti sunt* - (NT) “Ebbon, bispo de Reims, que era originariamente servo de estirpe... Ó que retribuição tu deste a ele! Ele te vestiu com a púrpura e o pálio e tu lhe apuseste o cilício... Teus pais eram pastores de cabras, não conselheiros de príncipes... Mas o julgamento do piedosíssimo rei... assim como a paciência de Jó. Aqueles que insultaram o abençoado Jó foram tidos como reis; mas aqueles que o afligiram eram seus próprios servos leais e os servos de seus pais - Todos os bispos o molestaram e principalmente aqueles a quem ele elevava de uma condição servil, juntamente com aqueles bárbaros que foram igualmente prestigiados”.

- Id., c. 20. *Jamdudum illa pessima consuetudo erat, ut ex villissimis servis summi pontifices fierent, et hoc non prohibuit...* (NT: Era um antigo e prejudicial hábito fazer bispos a partir dos mais baixos escravos, e isto não impedia...)

Depois vem um longa invectiva contra os arrivistas. - Vários fatos testemunham a predileção de Luís pelos servos, pelos pobres, pelos vencidos. Ele deu, um



dia, todas as vestes que usava a um servo vidraceiro do convento de Saint-Gall. Mon. Sangall., ad calc. - Vimos sua afeição pelos Saxões e Aquitânios; ele vestira, na sua juventude, as roupas típicas destes últimos: “O jovem Luís, obediente às ordens de seu pai, de todo seu coração e de todo seu poder, veio encontrá-lo em Paderborn seguido por uma tropa de jovens de sua idade e vestido com o traje gascão, é dizer, o pequeno colete arredondado, a camisa de mangas longas e solta até os joelhos, as esporas laçadas sobre as botinas e a azagaia à mão. Tal fora o prazer e a vontade do rei. Astronom., c. 4. - Mon. S. Gall. lib. II, c. 31: “Ademais, e encontrando-se ausente, o rei Luís quis que os processos dos pobres fossem regrados de maneira que um deles, ainda que totalmente enfermo, parecesse dotado de mais energia e de inteligência que os outros, conhecesse de seus delitos, prescrevesse as restituições de roubos, a pena de Talião para as injúrias e as vias-de-fato, pronunciando, mesmo, nos casos mais graves, a amputação de membros, a decapitação, até o suplício do cadafalso. Esse homem nomeou duques, tribunos e centuriões, deu-lhes vigários e cumpriu com correção a tarefa que lhe fora confiada”.

[747] Nithardi historiae, I I, c. 4, ap. Scr. fr. VII, 12. *Occurrebat universæ plebi verecundia et pænitudo, quòd bis Imperatorem dimiserant* (NT: Ocorreu a toda plebe vergonha e arrependimento por terem deposto o Imperador duas vezes) - c. 5: *Franci, eo quod Imperatorem bis reliquerant, pænitude correpti, ad defectionem impelli dediguati sunt* (NT: Os Francos, tendo desertado o Imperador por duas vezes, foram tomados por compunção e se recusaram à rebelião novamente).

Todos os povos retornavam a Luís: “*Gregatim populi tàm Franciæ quàm Burgundiæ necnon Aquitaniæ sed et Germaniæ coeuntes, calamitatis querelis de imperatoris infortunio querebantur etc.*” (NT: Os povos, tanto da França, quanto da Borgonha, ambos da Aquitânia e da Germânia, unidos em altos lamentos pelo infortúnio do imperador etc.) Astronom., c. 49. - Todos se encontravam de acordo, sem dúvida por descontentamento contra Lotário, quer dizer, contra a unidade do império. Bernardo parece estar ao lado do Imperador contra seus filhos, mas está por Pepino, quer dizer, pela Aquitânia, mesmo contra o Imperador.

[748] Astronom., c. 56. *Quanta lues mortalis populum qui Lotharium secutus est, invaserit, mirabile est dictu, etc. Non post multum et ipse moritur* – (NT: Quão maravilhosamente os seguidores de Lotário foram varridos. Não muito depois, ele mesmo morreu).

[749] Acta SS. ord. S. Bened., sec. 4, p. 453: Virum rixæ virumque discordiæ se progenitum frequenter ingemuerit. - Paschase Radbert, autor de A vida de Wala, que escrevia ao tempo de Luís o Piedoso e de seu filho Carlos o Calvo, achou prudente disfarçar seus personagens sob nomes fictícios. Wala se chama *Arsenius*; Adelardo, *Antonius*; Luís o Piedoso, *Justinianus*; Judith, *Justina*; Lotário, *Honorius*; Luís o Germânico, *Gratiatus*; Pepino, *Melanius*; Bernardo de Septimania, *Naso* e *Amisarius*.

[750] Ibid. passim. - Um monge, tendo desejado abandonar seu convento para escapar a uma punição, Wala ordenou posicionar soldados às portas, p. 485.

[751] Annal. Bertiniani, ann. 837, ap. Scr. fr. VI, 198. - Astronom., c. 53. Mandavit Pippino... res ecclesiasticas restitui. Vide também c. 56.

[752] Nithard., I I, c. 7. “Ecce, fili, ut promiseram, regnum omne coràm te est: divide illud prout libuerit. Quod si tu diviseris, partium electio Caroli erit. Si autem nos illud diviserimus, similiter partium electio tua erit”.

*Quod idem cum per triduum vellet, sed minimè posset, Josippum atque Richardum ad patrem direxit, deprecans ut ille et sui regnum dividerent, partiumque electio sibi concederetur... Testati quòd pro nullâ re aliâ, nisi solâ ignorantia regionum, id peragere differret. Quamobrem pater, ut ægrius valuit, regnum omne absque Bajoaria cum suis divisit: et à Mosâ partem Australem Lodharius cum suis elegit. Occiduum verò, ut Carolo conferretur, consensit.* (NT: Quando Lotário estava há três dias tentando fazer a divisão e não conseguia, ele enviou Josippus e Ricardus a seu pai, rogando que ele fizesse a divisão mas que deixasse o direito de escolha para si... eles confessaram que ele fora incapaz de fazer a divisão somente por ignorância dos países. Por conseguinte, estando seu pai muito doente, este dividiu o reino inteiro, com exceção da Bavária, com seus filhos. Lotário ficou com a porção sul desde o Mosa e consentiu que Carlos ficasse com a parte ocidental).

[753] Astronom, 64.

[754] Nithard., I I, c. 8. - Astronom., c. 64 - Wandalbertus, in Martyrol., ap. Scr. fr. VI, 71.

[755] Nithard., I II, c. 9. “Memor sit Dei omnipotentis, et concedat pacem fratribus suis universæquæ ecclesiæ Dei.”

[756] (NT) Trata-se, provavelmente, do vilarejo Fontenay-près-Chablis, a cerca de 20 km de distância de Auxerre.

[757] Nithard, I II, c. 10.

[758] Annal. Met., ap. Scr. fr. VII, 184. In quâ pugna ita Francorum vvis attenuatæ sunt, .... ut nec ad tuendos proprios fines in posterum sufficerent. - “Nesta batalha”, disse uma outra crônica escrita ao tempo de Filipe Augusto, “quase todos os guerreiros da França, da Aquitânia, da Itália, da Alemanha, da Borgonha se mataram mutuamente”. Hist. reg. Franc., 259.

[759] Pode-se julgar o fato pela moderação extraordinária dos jogos militares oferecidos em Worms por Carlos e Luís: “A multidão mantinha-se em toda a volta; e de início, em número igual, os Saxões, os Gascões, os Ostrasianos e os Bretões, de uma e de outra facção, como desejassem se fazer mutuamente a guerra, precipitavam-se uns sobre os outros numa rápida corrida. Os homens de um dos dois partidos tocavam a fugir cobrindo-se com seus escudos e fingindo querer escapar à perseguição do inimigo; mas, dando meia-volta, punham-se a perseguir aqueles de quem acabavam de fugir, até que, finalmente, os dois reis, com toda a jovialidade, soltando um alto brado, lançando seus cavalos e brandindo suas lanças, vissem fazer carga e perseguir em sua fuga tanto os uns quanto os outros. Era um belo espetáculo em homenagem a toda essa grande nobreza e à moderação que aí reinava. Numa tal multidão, e entre pessoas de origens diversas, não se via, mesmo, o que frequentemente se vê entre pessoas em pouco número e que se conhecem: ninguém ousava ferir ou injuriar outrem”. Nithard, I III, c. 6.

[760] Nithard, I III, c. 5, ap. Scr. fr. VII, 27, 35 - Tomo emprestada a tradução de M. Aug. Thierry (Lettres sur l'Histoire de France - *Cartas sobre a História da França*). Mas não acredito dever adotar seus restabelecimentos. É muito temerário modificar as palavras latinas que se encontram nos monumentos de uma época semelhante. O latim devia se encontrar misturado conforme as proporções diferentes nas nascentes línguas da Europa (vide, nos Esclarecimentos, o canto bárbaro composto sobre o cativo de Luís II):

“Pelo amor de Deus e do povo cristão, e nossa salvação comum, desse dia em diante, e tanto quanto Deus me der saber e poder, eu apoiarei meu irmão Karlo aqui presente, por ajuda e em qualquer coisa, como é justo que se apoie seu irmão, tanto que ele fará o mesmo por mim. E nunca, com Lotário, eu farei qualquer acordo que, de minha vontade, seja em dano de meu irmão”.

[761] “Se Ludovico guardar o juramento que ele prestou a seu irmão Karlo, e se Karlo, meu senhor, de sua parte não o guardar, se eu não puder a ele reconduzi-lo, nem eu e nenhum outro, eu não lhe darei qualquer ajuda contra Ludovico” - Os Alemães repetiram a mesma coisa em sua língua, modificando apenas a ordem dos nomes. Nithard, I III, c. 5.

[762] Id. IV, c. 1

(NT) Nitardo era neto de Carlos Magno por parte de mãe (Berta).

“Ele é um dos raros historiadores de sua época, com Eginhardo, que não é homem da Igreja. Ante o pedido de Carlos o Calvo, ele resolve, em 841, “fixar por escrito, para a posteridade, a narrativa dos eventos de seu tempo: suas *Histórias* em latim, em quatro livros, vão da morte de Carlos Magno, em 814, até 843. Ele trata de eventos a respeito dos quais foi testemunha ocular e participante. Sua obra tende a justificar a política de Carlos o Calvo: esse último não tem qualquer responsabilidade pelas perturbações da época, as quais resultam das fraquezas de Luís o Piedoso e das maquinacões de Lotário I.

O primeiro livro faz um elogio de Carlos Magno, então descreve a impotência de Luís o Piedoso em manter o império; o segundo livro conta as lutas abertas entre os três irmãos e arremata com a batalha de Fonenoy, vitória de Luís o Germânico e Carlos o Calvo contra seu irmão Lotário I. O terceiro e o quarto livros são dedicados às manobras diplomáticas após a batalha de Fontenoy-en-Puisaye até as preliminares do tratado de Verdun, onde Nitardo encena um papel importante.

É no terceiro livro que Nitardo transcreveu os “juramentos de Estrasburgo” trocados em 14 de fevereiro de 842 entre seus primos germânicos Luís e Carlos, ambos filhos de Luís o Piedoso, que constituem o mais antigo exemplo conhecido de escrita em língua românica (as premissas da *langue d’oïl*)” - (*traduzido do francês a partir de <http://fr.wikipedia.org/wiki/Nithard>*)

O juramento de Estrasburgo pode ser encontrado em português na Wikipedia. Os livros de Nitardo, podem se encontrados na Internet em latim (<http://www.thelatinlibrary.com/nithardus.html>) e em francês (<http://remacle.org/bloodwolf/historiens/nithard/louis.htm>).

[763] As regiões banhadas pelo Mosa haviam se declarado abertamente por Carlos. “Todos os povos que habitam entre o Mosa e o Sena enviaram mensageiros a Carlos (840), pedindo-lhe para vir a eles antes que Lotário ocupasse a área e prometendo-lhe esperar sua chegada. Carlos, acompanhado de um número reduzido de pessoas, apressa-se em tomar o caminho e chegou da Aquitânia a Quierzy; ele aí recebeu com benevolência as pessoas que a ele vieram da floresta das Ardenas e das regiões situadas abaixo. Quanto às pessoas que habitavam além dessa floresta, Herenfried, Gislebert, Bovon e outros, seduzidos por Odulfo, faltaram à fidelidade que haviam jurado” (Nithard, I, II, c. 2).

[764] Nithard, I, IV, c. 3.

[765] Id. *ibid.*, c. 4.

[766] Nithar., I, IV, c. 2: “Ele enviou mensageiros para o Saxe, prometendo aos homens livres e aos servos (*frilingi e lazzi*), cujo número é imenso, que se eles tomassem seu partido, ele lhes devolveria as leis das quais seus ancestrais gozavam no tempo em que adoravam os ídolos. Os Saxões, ávidos desse retorno, deram-se o novo nome de Stellinga\*, coligaram-se, quase expulsaram do país seus senhores e cada um, segundo um antigo costume, começou a viver sob a lei que lhe agradasse. Lotário chamara, além disso, os Normandos\*\* para seu auxílio, submeteu-lhes algumas tribos de cristãos, e permitiu-lhes, mesmo, pilhar o resto do povo de Cristo. Luís temia que os Normandos, assim como os Esclavônios\*\*\* se reunissem, em virtude de seu parentesco, aos Saxões que haviam tomado o nome de Stellinga, que eles invadissem seus estados e aí abolissem a religião cristã. Vide também os Anais de São Bertino, ano 841, os Anais de Fulda, ano 842, a Crônica de Hermann Contract, ap. Scr. fr. VII, 232, etc.

\* (NT) Stellinga: companheiros, camaradas.

\*\* (NT) Normandos: no original “Northmanns”, ou seja, Vikings.

\*\*\* (NT) Os Esclavônios são o povo que habitava a Esclavônia cujo nome atual é Eslovênia (em croata *Slavonija* ), que “é uma região geográfica e histórica da Croácia oriental. Terra fértil com cultivos agrícolas e com florestas, é delimitada em parte pelo rio Drava ao norte e pelo rio Sava ao sul. Faz parte da região maior da Sirmia. Os seus habitantes chamam-se *eslavônios*”. - (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Eslovênia>)

[767] Thegan, c. 36. *Impii... dixerunt Judith reginam violatam esse à duce Bernharδο* (NT: Ímpios... diziam que a rainha Judith fora violada por Bernardo) - Vita venerab. Walæ, ap. Scr. fr., VI, 289. - Agobardi, Apolog., *ibid.* 248. - Ariberti narratio, ap. Scr. fr. VII, 286: *Et os ejus mirè ferebat, naturâ adulterium maternum prodente* (NT: Sua aparência era incrivelmente parecida e era a prova natural do adultério de sua mãe).

[768] Annal. Bertin, ap. Scr. fr. VII, 66 - Chronic. S. Benigni Divion., *ibid.* 229. - Translat. S. Vincent, 353: Nortmanni... à Pippino conducti mercimoniis, pariter cum eo ad obsidendam Tolosam adventaverant.

[769] Nicolai I, epist. ap. Mansi, XV, p. 373

[770] Annal. Met., ap. Scr. fr. VII, 196.

[771] Uma abadia, bem disse M. de Châteaubriand, não era outra coisa senão a pousada de um rico patricio romano, com as diversas classes de escravos e operários agregados ao serviço da propriedade e do proprietário, com as cidades e vilarejos de sua dependência. O Padre Abade era o Senhor; os monges, como os libertos desse Senhor, cultivavam as ciências, as letras e as artes - A abadia de São Ricário possuía a cidade desse mesmo nome, treze outras cidades, trinta vilarejos, um número infinito de propriedades rurais. As ofensas em dinheiro feitas no túmulo de São Ricário, apenas elas, alcançavam, por ano, dois milhões de nossa moeda. Acta SS. ord. S. Bened., sec. IV, p. 104. - O monastério de São Martinho de Autun, menos rico, possuía entretanto, sob os Merovíngios, cem mil mansos\* - Estudos históricos, III, 271, sqq.

(NT) Burgada, original (*bourgade*):

“Uma burgada (*bougarde*) é uma aglomeração rural menos importante que a cidade, onde se tem o mercado dos vilarejos circunvizinhos. Contrariamente ao burgo (*bourg*), a burgada não dispõe do direito de burgo ou de cidade e não é, assim, fortificada.

O direito de organizar um mercado permitiu constituir um centro administrativo que tem uma função social e econômica. Em geral, na Europa, ele se agrupa em volta de uma igreja, sê de uma paróquia e, hoje em dia, é frequentemente a sede de uma municipalidade administrando uma comuna (esta pode englobar vários vilarejos e aldeias. O burgo é também caracterizado pela presença de artesãos, agricultores, comerciantes e certos serviços públicos, como os correios”. (*traduzido para o português a partir de <http://fr.wikipedia.org/wiki/Bourgade>*).

\* (NT) Manso: no feudalismo, as terras se dividiam em “mansos” que podiam ser (i) senhoriais, pertencendo exclusivamente aos senhores feudais, no qual os servos deviam trabalhar alguns dias na semana, sendo o produto entregue ao senhor e (ii) servis ou comunais, destinadas ao uso, mas não à propriedade, dos servos que dele tiravam o sustento. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Feudo> e [/www.mundoeducacao.com.br/historiageral/a-divisao-das-terras-feudais.htm](http://www.mundoeducacao.com.br/historiageral/a-divisao-das-terras-feudais.htm))

[772] Frodoard., hist. eccles. Rem., lib. II, c. 18; lib. III, c. 26.

[773] *Cesset à persecutione sanctæ Dei ecclesie; misereatur pauperum, viduarum, orfanorumque* (NT: Cessai a perseguição à santa igreja de Deus; misericórdia para os pobres, viúvas e órfãos). Nithard., I, III, c. 3.

[774] Nithard, I, III, c. 3. *Sequana, mirabile dictu!... repente aere sereno tumescere cæpit* (NT: O Sena, maravilha dizer!.. embora o ar estivesse sereno, começou a subir).

[775] Nithar, I, I, c. 3. Percontari... si respublica ei restitueretur, au eam erigere ac fovere vellet, maximèque cultum divinum

[776] Nithar., I, IV, c. 1. Palàm illos percontati sunt... an secundùm Dei voluntatem regere voluissent. Respondentibus... se velle, ... aiunt: “Et auctoritate divinâ ut illud suscipiatis, et secundùm Dei voluntatem illud regatis monemus, hortamur atque præcipimus”.

[777] Id., I, IV, c. 3. *Solito more ad episcopos sacerdotesque rem referunt. Quibus eùm undique ut pax inter illos fieret melius videretur, consentiunt, legatos convocant, postulata concedunt* (NT: Como de costume, a coisa foi referendada pelos bispos e sacerdotes. Que estando unânimes em aconselhar a paz, consentiam, enviavam embaixadores e recebiam postulações).

[778] Nithard., I, III, c. 1.

[779] Nithard, I, III, c. 2. - Antes de deixar Angers (873), Carlos o Calvo quis assistir as cerimônias que os Angevinos fizeram à entrada deles na cidade para colocar, nos caixões de prata que eles trouxeram, os corpos de Santo Albino de Angers e São Lezin.

[780] Por um erro, um historiador recente disse que esse poder fora transferido aos bispos exclusivamente. Baluz., t. II, p. 31, Capitl. Sparnac. ann 846, art. 20. Missos et utroque ordine... mitatis...

[781] Capitul. Car. Calvi; ap. Scr. fr. VII, 630. Ut unusquisque presbyter imbreviet in suâ parrochiâ omnes malefactores, etc. et eos extrâ ecclesiam faciat... Si se emendare noluerint, ad episcopi præsentiam perducantur.

Em 851, “Tratado de aliança e ajuda mútua entre os três filhos de Luís o Piedoso, e para fazer perseguir aqueles que fugiram à excomunhão dos bispos, de um



reino para outro, ou acompanharam uma parente incestuosa, uma religiosa, uma mulher casada”.

[782] Ibid... Si quis hoc transgressus fuerit, ecclesiastico anathemate feriat. Vide também a nota precedente.

[783] Baluz., Capitul., ann 859, p. 127. - Hincmar, mais tarde, expressamente disse que ele *elegeu* Luís III. Hincmari ad Ludov. III epist. (ap. Hincm., opp II, 198): Ego cum collegis meis et cæteris Dei ac progenitorum vestrorum fidelibus, vol elegi ad regimen regni, sub conditione debitas leges servandi.

[784] Annal. Bertin., ann 865, ap. Scr. fr. VII.

[785] Frodoard., Hist. Eccles. Remensis, ibid. 214.... Sed et de populo in hostem convocando.

[786] Vide sobre essa questão os textos reunidos por Gieseler, Kirchengeschichte, II, 101 segs. - Na sua profissão de fê, Gotteschalk pediu para provar sua doutrina passando por quatro tonéis de água fervente, de óleo, de pez e atravessando uma grande fogueira.

[787] Segundo alguns, Raban e seu mestre Alcuino teriam sido Escotos. Low, p. 40.

Guillaume de Malmesbury reporta a seguinte anedota (tradução de Guizot): “João estava sentado à mesa, de frente para o rei, do outro lado da mesa. Os pratos, tendo desaparecido, e como as taças ainda circulassem, Carlos, o rosto alegre, e após algumas piadas, vendo João fazer alguma coisa que chocava a polidez gaulesa, o repreende docemente perguntando-lhe: “Qual distância existe entre um tolo e um escoto? (*Quid distat inter sottum et scotum?*)” - “Nada além de uma mesa”. respondeu João, devolvendo a injúria ao seu autor”.

[788] J. Erig. - De Divina prædestinatione, c.1. (Guizot, 29ª lição)... “A verdadeira filosofia é a verdadeira religião e, reciprocamente, a verdadeira religião é a verdadeira filosofia” - De natura divisione, l. I, c. 66 (ibid)... Não é preciso crer que, para fazer penetrar em nós a natureza divina, a santa Escritura se sirva sempre de palavras e de signos próprios e precisos; ela usa similitudes, rodeios e termos figurados, condescendente com nossa fraqueza, e eleva, por um ensino simples, nossos espíritos grosseiros e infantis”. No Tratado Περὶ φύσεως μερῶν, a autoridade é derivada da razão, nunca a razão da autoridade. Toda autoridade que não é aconselhada pela razão parece sem valor etc. Vide Guizot, ibid, 164, segs.

[789] vide o segundo volume.

(NT) Bayeux é uma cidadezinha da Normandia, a cerca de 30 km de Caen. Teve o privilégio de ser a primeira cidade libertada da ocupação alemã pelas tropas aliadas, após o desembarque nas praias da Normandia, no que ficou conhecido como “Dia D”. Nela também se encontra em exposição a gigantesca “Tapeçaria de Bayeux” ou “Tapeçaria da Rainha Mathilde”, confeccionada no século XII, onde é contada a invasão e conquista da Inglaterra pelos franceses da Normandia, liderados por Guilherme o Conquistador (ou Guilherme o Bastardo), em 1066.

[790] *Wagr*, lobo, *wargus*, banidos. Vide Grimm.

[791] A fome foi o gênio desses reis do mar. Uma fome que desolou a Jutlândia findou por estabelecer uma lei que condenava, a cada cinco anos, os filhos mais novos ao exílio. Odo Cluniac., ap. Scr. fr. VI, 318. Dodo, de mor. Duc. Nornamm, l. I, Guill. Gemetic., l. I, c. 4, 5 - Uma Saga irlandesa dizia que os pais mandavam queimar consigo seu ouro, sua prata etc. para forçar seus filhos a irem procurar fortuna sobre o mar. Vatzdæla, ap. Barth, 438.

“Olivier Barnakall, intrépido pirata, foi o primeiro a proibir seus companheiros de se lançarem as crianças a uns e outros sobre a ponta das lanças, o que era o hábito deles. Por isso, ele recebeu o nome de Barnakall, “salvador das crianças”, Bartholin., p. 457 - Quando o entusiasmo guerreiro dos companheiros do chefe se exaltava ao ponto da frenesia, eles tomavam o nome de *Bersekir* (insensatos, loucos furiosos). O lugar do Bersekir era na proa. As antigas Sagas fazem desse título uma honra para seus heróis (vide a Edda Sæmundar, a Hervarar-Saga e várias outras sagas de Snorro\*). Mas na Vætzdæla-Saga, o nome de Bersekir se tornou uma reprovação. Barthol., 345 - “Furore bersekico si quis grassetur, relegatione puniatur”. Ann. KristiniSaga. Turner, Hist. of the Anglo-Saxons, I, 463 e segs.

\*(NT) Snorro Stirluson (Snorri, filho de Sturla): historiador islandês nascido em 1179 e falecido em 1241.

[792] A forma poética da tradição, que lhes dá por companheiras as *Virgens no escudo*, é suficiente para indicar que isso era uma exceção e que eles raramente tinham mulheres consigo. - Vide Depping, *Expéditions des Normands* (Expedições dos Normandos).

[793] Rad. Glaber, l. I, c. 5, ap. Scr. fr. X, 9. “Na sequência dos tempos, nasceu, perto de Troyes, um homem da mais baixa classe dos campônios, chamado Hastings. Ele era de um vilarejo chamado Tranquille, a três milhas da cidade; ele era robusto de corpo e de um espírito perverso. O orgulho inspirou-lhe, em sua juventude, desprezo pela pobreza de seus pais e, cedendo à sua ambição, ele se exilou voluntariamente de seu país. Ele chegou a fugir para os Normandos. Lá, ele começou por se colocar a serviço daqueles que se votavam à bandidagem contínua para procurar viveres para o resto da nação, e que formou a *frota* (flotta)”.

[794] Fragm. hist. Armoric., ap. Scr. fr. VII, ad ann. 843. - Annal. Bertin., ibid., ad ann. 848, 855.

[795] Thegan., c. 33, ap. Scr. fr. VI, 80...Quem Imperator elevavit de fonte baptismatis... Tunc magnam partem Frisonum dedit ei. Astronom., c. 40, ibid. 107. - Eginh. Annal. ibid. 187. - Annal. Bertin., ann. 870. “Entretanto, foram batizados alguns Normandos, a isso trazidos pelo Imperador, por Hugues, abade e marquês: tendo recebido os presentes, eles retornaram para os seus; e, depois do batismo, eles se conduziram da mesma forma que antes, como Normandos e como pagãos”.

[796] Eles assim chamavam seus barcos: *drakars*, *snekkars*.

[797] A trompa de marfim possui um papel importante nas lendas relativas aos Normandos, por exemplo, na lenda bretã de São Florêncio: “O monge Guallon foi enviado a São Florêncio... Assim que entrou no convento, ele expulsou das criptas as fêmeas de javali que ali tinham se estabelecido com seus pequeninos... Em seguida, ele foi procurar Hastings, o chefe normando, que ainda residia em Nantes... Quando o chefe o viu chegar com presentes, ele logo se ergueu e deixou seu trono e beijou-o nos lábios pois ele professava, ele dizia, tal e qualmente o cristianismo... Ele deu ao monge uma trompa de marfim, chamada a “Trompa dos Trovões”, acrescentando que, quando os seus desembarcavam para a pilhagem, ele tocava dessa trompa e que ele (o monge) nada tinha a temer pois podia soprá-la e o seu som poderia ser ouvido pelos piratas”. D. Morice, Preuves de l'Histoire de Bret., p. 119. Tum Guallo monachus apud S. Florencium dirigitur... postquam monasterium subtravit, illius cryptas tam silvaticis scrofis quam illarum foetibus plenas evacuavit... Dein... Hastensem ad Normannorum ducem... adhuc morantem in urbe Namneticâ... Quem ut dux ad se cum donis agnovit advenisse, protinus surgit relicta sede, orique illius os suum cœpit imponere. Etenim utcumque Christianus dicitur fuisse... Tubam eburneam tonitruum nuncupatam dedit monacho, hæc illi addens, ut suis in prædam exeuntibus eâ buccinaret, et neququam de suo timidus esset, ibicumque à prædatoribus audiri posset.

[798] Annal. Bertin., ann. 846.

[799] Nota dos Editores dos Historiadores da França, t. VII, p. 73 - O convento pagou seu resgate várias vezes e findou por ser reduzido a cinzas. Annal. Bertin., ibid. 72. Chronic. Nortmanniæ, ibid. 53.

[800] Em nenhum lugar as incursões dos Sarracenos no sul da França foram enumeradas e descritas com mais ciência e talento do que na *Histoire du Moyen-Âge* (História da Idade Média), de M. Desmichels, t. II (1831).

[801] Et vos ergo solis orationibus vestris regnum contra Normannos et alios impetentes defendite, et nostram defensionem nolite quærere; et si vultis ad defensionem habere nostrum auxilium, sicut volumus de vestris orationibus habere adjutorium, nolite quærere nostrum dispendium, et petite dominum Apostolicum, ... ut non præcipiat nobis habere regem qui nos in longinquis partibus adjuvare non possit contra subitaneos et frequentes paganorum incursus, etc. - Epist. Hincm., ap. Scr. fr. VII, 540.

[802] Annal. Bertin., ann. 859. “Carlos distribuiu aos laicos certos monastérios que não eram jamais concedidos senão aos clérigos. - Ann. 862: a abadia de São Martinho, que ele dera desarrazoadamente a seu filho Hludowic (*Luís*), ele a deu sem maior razão a Huberto, clérigo casado”. Durante muito tempo, ele deixara vacante o lugar do abade e o guardara para seu benefício. Em 861, ele fizera outro tanto com as abadias de Saint-Quentin e de Saint-Waast. - Ann. 876. Ele

recompensava, dando-lhes abadias, os trãnsfugas (desertores) que passavam para sua facção. - Ann. 865. “Ele nomeou de sua plena autoridade, antes que a causa tivesse sido julgada, Vulfado ao arcebispado de Bourges, etc. etc. - Frodoardo, l. II, c. 17. O Sínodo de Troyes, que desaprovava a nomeação de Vulfado, enviava ao Papa a prestação de contas de suas deliberações. Carlos exigiu que a carta lhe fosse entregue e quebrou, para lê-la, os selos dos arcebispos, etc. - Vide também nos Anais de São Bertino, an. 876, sua conduta dura e ativa em relação aos bispos reunidos no Concílio de Ponthion. - Em 867, ele exigira dos bispos e dos abades um inventário de suas possessões a fim de saber quanto ele podia exigir dos servos para empregá-las em construções. Dez anos depois, ele mandou que todo o clero contribuisse para o pagamento de um tributo aos Normandos. Annal. Bertin. - Em suas expedições militares, ele teve poucos escrúpulos em pilhar as igrejas. Ibid. ann. 851 - Chegou-se a duvidar até da pureza de sua fé (Lotharis adversus Karolum occasione suspectæ fidei queritur... Multa catholicæ fidei contraria in regno Karli, ipso quoque non nescio, concitantur. Ibid., ann. 855). Nós o vemos mesmo humilhar o arcebispo de Reims, a quem ele tudo devia, ao dar a primazia àquele de Sens. - Hincmar possuía vários flancos fracos e vulneráveis. De um lado, ele sucedera o arcebispo Ebbon, cuja deposição foi desaprovada por vários. De outro, ele se comprometera na questão de Gotteschalk, seja por procedimentos ilegais em relação ao herético, seja por sua aliança com João Escoto. Eram-lhe também reprovadas suas violências no que tange a seu sobrinho Hincar, bispo de Laon, jovem e sábio prelado, que ele não achava suficiente submisso à primazia de Reims.

[803] Annald Fuld., ap. Scr. fr. VII, 181. *Quanta potuit velocitate Romam profectus est.*

[804] *Ibid. De Italiâ in Galliam rediens, novos et insolentes habitus assumpsisse perhibetur: nâm talari dalmaticâ indutus, et baltheo desuper accinctus pendente usque ad pedes, necnon capite involuto serico velamine, ac diademate desuper imposito, dominicis et festis diebus ad ecclesiam procedere solebat... Græcas glorias optimas arbitrabatur...* (NT: Voltando da Itália para a Gália, foi dito que ele assumira novas e ousadas vestes: pois, trajando o hábito de uma dâlmata que flutuava até seus calcanhares, mais parecido com uma garota, com um cinto baixo, sua cabeça envolta por um véu (turbante?) de seda e usando sua coroa, ele muito queria ir para a igreja no domingo e nos dias santos... ele achava as glórias Gregas as melhores).

[805] Annal. Fuld., ap. Scr. fr. VII, 183 - Seguindo o analista de São Bertino (ibi. 124), ele foi envenenado por um médico judeu. Vide também os Anais de Metz, ibid. 203.

[806] Annal. Bertin., ap. Scr. Fr. VIII, 27. *Ego Ludovicus misericordiâ Domini Dei nostri et electione populi rex constitutus... pollicor servaturum leges et statuta populo etc.* (NT: Eu, Luís, constituído rei pela misericórdia de Nosso Senhor Deus e pela eleição do povo... prometo ao povo manter suas leis e estatutos etc.)

[807] Annal. Bertin., ann.881, ibid., 35. *Castellum materia ligneâ..., quod magis ad munimen paganorum quàm ad auxilium christianorum factum fuit, quoniam invenire non potuit cui illud castellum ad custodiendum committere posset.*

[808] Scr. fr. IX, 99:

*Einen Kunig weiz ich,  
Heisset er Ludwig  
Der gerne Gott dienet, etc.*

Um cronista, dois séculos mais tarde, não temeu afirmar que Eudes, que fazia a guerra por Luís, matou cem mil homens aos Normandos. Marianus Scottus, ap. Scr. fr. VIII.

[809] Mon. Sangall. l. II, c. 17.

[810] Id. ibid., c. 28. Foi assim que Harun al Rashid fez em pedaços as armas que lhe traziam os embaixadores de Constantinopla. São conhecidas as histórias do arco de Ulisses na Odisséia, do arco do rei da Etiópia em Heródoto, etc.

[811] Id. ibid., c. 20. *Is cùm Behemanos, Wilzos et Avaros in modum prati secaret, et in aviularum modum de hastili suspenderet... aiebat: “Quid mihi ranunculi isti? Septem vel octo, vel certè novem de illis hastâ meâ perforatos et nescio quid murmurantes, huc illucque portare solebam”* (NT: Quando ele ceifara Boêmios, Vilzos e Avaros como grama e os pendurara como passarinhos em sua lança... ele costumava dizer: “O que eram aqueles sapos para mim? Eu costumava transportar, aqui e ali, sete, oito, nove deles, deveras espetados na minha lança e coaxando não sei o quê”).

[812] Id. ibid. c. 19. *Quam antea non solvam, quàm Bernardulum vestrum spatâ femur accintum conspiciam.*

[813] Annal. Metens., ann. 887, ap. Scr. fr. VIII - Gesta reg. Franc., ap. Scr. fr. IX, 47.

[814] Encontro esta observação na história da Idade Média de M. Desmichels (t. II, p. 372). Eu não posso louvar muito essa parte de seu livro.

[815] Capitul. Caroli Calvi, ann. 877, ap. Scr. fr., VII, 705. *Si comes de isto regno obierit... filium illius de honoribus illius honoremus.* - Ele assegura a herança ao filho, ainda que fosse criança, quando da morte do pai. Se não houver filho, o príncipe disporá do condado. - Vide sobre isso o desprezo dos autores da “Arte de verificar as datas”, v. 471.\*

\*(NT) “A arte de verificar as datas” (*l'Art de vérifier les dates*) é uma obra publicada em 1750 e por duas vezes reeditada. Seu título completo é: “A arte de de verificar as datas ou fatos históricos das cartas, das crônicas e antigos monumentos desde o nascimento de Jesus Cristo, por meio de um tábua cronológica onde se encontram os anos de Jesus Cristo e da Era de Espanha, as convocações, o ciclo pascal, as Páscoas de cada ano, os Ciclos solares e lunares. Com um calendário perpétuo, a História abreviada dos concílios, dos papas, dos imperadores romanos, gregos, franceses, alemães e turcos; dos reis de França, da Espanha e da Inglaterra, da Escócia, da Lombardia, da Sicília, de Jerusalém, etc. dos duques da Borgonha, da Normandia, da Bretanha; dos Condes de Toulouse, de Champagne e de Blois pelos religiosos beneditinos da congregação de Saint Maur. Vide: [http://fr.wikipedia.org/wiki/L'Art\\_de\\_vérifier\\_les\\_dates](http://fr.wikipedia.org/wiki/L'Art_de_vérifier_les_dates)).

[816] (NT) ou Bosão.

[817] Ele foi eleito no Concílio de Mantaille por vinte e três bispos do sul e do oriente da Gália.

[818] Annal. Met., ap. Scr. fr. VIII, 68. *Provinciam inter Joram et Alpes penninas occupat, regemque se appellavit.*

[819] Vide a carta de 845, pela qual Carlos o Calvo recusa-se a confiscar as doações prodigiosas que o conde dos Gascões Vandregisilo e sua família (condes de Bigorre etc.) fizeram à igreja de Alahon (diocese de Urgel). Hist. do Languedoc, I, nota 688 e 85 as provas. - Ele não doou menos que todo o antigo patrimônio de seus avós na França, tudo o tiveram de propriedades *e de direitos na Toulousense, no Agenense, o Quiercy, o país de Arles, o Périgueux, a Saintonge e o Poitou*. Os beneditinos não encontram, no estado material e formal desse instrumento, nenhum motivo para suspeitar de sua autenticidade. Seria o testamento da antiga dinastia aquitânia, refugiada entre os Bascos, legando à igreja espanhola tudo que ela sempre possuiu na França. Da terça parte da França, a doação é reduzida por Carlos o Calvo a algumas terras na Espanha sobre as quais não havia grande coisa a reclamar.

[820] (NT) Ou Régnier. Conhecido também por Régnier de Hainaut, Régnier I de Hainaut, Régnier I e Régnier Pescoço Comprido.

[821] Os condes de Flandres ostentavam de início esse nome, assim como os condes de Anjou. - (NT): “Segundo Bouillet, a palavra **Forestier** outrora designava os oficiais que, sob as duas primeiras linhagens dos reis de França, possuíam jurisdição nos países *forestiers*. Segundo Niermayer, *Forestier* era o nome dado ao administrador de uma floresta real ou senhoria/Os governantes de Flandres se chamavam “*grãos-forestiers*”; mas esse título poderia antes vir do flamengo *Dorsf* que significa *presidente* ou *conde* que das florestas que cobriam o país. / Esse título de *Forestier* desapareceu após Carlos o Calvo/Observação: sempre segundo Bouillet, a expressão “*ciudades forestières*” designava especificamente algumas cidades alemãs compreendidas no antigo círculo da Suábia e situada antigamente na Floresta Negra que, hoje em dia, não mais se estende até lá”. (<http://fr.wikipedia.org/wiki/Forestier>)

[822] Histor. Britann., ap. Scr. fr. VII, 49, ... *In corde suo cogitavit ut se regem faceret... Reperit ut Episcopos totius suæ regiones manu Francorum*

*regiâ factos aliquâ seductione à sedibus suis expelleret, et alios concessione suâ constitutos in locis illorum subrogaret, et si sic fieri posset, faciliter per hoc ad regiam dignitatem ascenderet* (NT: Em seu coração, cogitava se fazer rei... Pensou remover os bispos de suas sés os bispos para ela nomeados pelos reis dos Francos e indicar bispos de sua própria escolha, de modo a assegurar sua própria ascensão à dignidade régia).

[823] Vide os autores citados por Daru, *Histoire de Bretagne*, I.

[824] Annal. Bertin., ap. Scr. fr., VII, 74: *Vulgus promiscuum iner Sequanan et Ligerim, inter se conjurans adversus Danos in Sequanâ consistentes, fortiter resistit. Sed quia incautè suscepta est eorum conjuratio, à potentioribus nostris facilè interficiuntur.*

[825] Annal. Vedast., ap. Scr. fr. VIII, 85: *Nortmani, ejus reditum præscientes, accurrerunt ei ante portam Turris; sed ille, emissio equo, à dextris et sinistris adversarios cædens, civitatem ingressus.*

[826] (NT) Henrique o Passarinheiro é Henrique I da Germânia, duque da Saxônia (a partir de 912) e rei dos germanos (919 a 936). “Primeiro da dinastia otôniana de reis e imperadores germanos, é considerado o fundador e primeiro rei do império alemão medieval, até então conhecido como França Oriental. Recebeu o epíteto "passarinheiro" porque teria recebido a notícia da sua ascensão ao trono no momento em que consertava as suas redes de apanhar pássaros”. ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Henrique\\_I\\_da\\_Germânia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Henrique_I_da_Germânia))

[827] (NT) Trata-se de Carlos III, filho de Luís II o Gago. Sobre seu epíteto “o Tolo”, existe a seguinte nota na Wikipedia em francês, cujas remissões não serão aqui trazidas: “o qualificativo de *simplex* aposto em Carlos - tornado “o simples” em francês antigo - aparece desde o fim do século X; ele se encontra pela primeira vez nas crônicas de Richer de Reims e significa “honesto, sincero, franco, doce, puro, comensal”. Não foi senão na sequência, “por uma falsa interpretação da palavra”, que os cronistas a empregaram no sentido de “tolo” ou de “simplório”. A variedade de denominações entre os autores dos séculos XI, XII e XIII se explica pela intensa propaganda dos descendentes dos senhores dos principados desacreditando os soberanos carolíngios: “*stultus*” (“tolo”, “insensato”, “louco”), “*hebes*” (sem profundidade ou acuidade), “*folius*” (louco), “*minor*” (pequeno), “*insipiens*” (insípido) - [http://fr.wikipedia.org/wiki/Charles\\_le\\_Simple](http://fr.wikipedia.org/wiki/Charles_le_Simple)

[828] Guillelm. Gemetic, I. II, c. 17.

[829] Quando Carlos o Simples convocou suas embarcações contra os Húngaros, em 919, nenhuma atendeu sua ordem, fora o arcebispo de Reims, Heriveu, que lhe trouxe mil e quinhentos homens em armas. Frodoard., I. IV, c. 14. - Luís d'Ultramar confirmou, em 953, todos os antigos privilégios da igreja de Reims; eles foram novamente confirmados por Lotário em 955 e, mais tarde, pelos Otonionos.

[830] Gesta consulum Andegav., c. 1, 2, ap. Scr. fr. VII, 256. *Torquatus... seu Tortulfus... habitator rusticanus fuit, ex copiâ silvestri et venatico exercitio vietitams, etc. Vide também (ibid.), Pactius Lochensis, de origin. comitum Andegavensium.*

(NT) “Nid-de-Merle”: Ninho do Melro.

[831] O primeiro Forestier de Flandres se chamou Ingelram.

[832] Aimon de saint Fleury, que escreveu em 1005, diz formalmente “Roberto... homem de raça saxã... Ele teve por filhos Eudes e Roberto”. Acta SS. ord. S. Bened., p. II, sec. IV, p. 357. Alberico de Trois Fontaines, que escreveu dois séculos depois, não foi o primeiro, como acreditou *M.* de Sismondi, a dar essa genealogia. “Os reis Roberto e Eudes foram filhos de Roberto o Forte, marquês da raça dos Saxões... Mas os historiadores não nos ensinam nada a mais sobre essa raça”. Ibid. 285. - Guilherme de Jumièges: “Roberto, conde de Anjou, homem de raça Saxônica, tinha dois filhos, o príncipe Eudes e Roberto, irmão de Eudes”. Item, Chron. de Strozzi, ap. Scr. fr. X, 278 - Um anônimo, autor de uma vida de Luís VIII: “O reino passou da raça de Carlos àquela dos condes de Paris que provinham de origem saxônica”. - Helgald, vida de Roberto, c. 1. “A augusta família de Roberto, como ele próprio assegurava em santas e humildes palavras, tinha sua cepa na Ausônia” (Ausônia, é preciso, talvez, ler “Saxônia”?) - Alguns historiadores dão como local de nascimento de Roberto a Nêustria; alguns em Seez (Saxia, civitas Saxonum), outros em Saisseau (Saxiacum). Vide o prefácio do tomo X dos Historiadores da França. Todas essas opiniões se conciliam e se confirmam por sua própria divergência, admitindo que Roberto o Forte descendia dos Saxões assentados na Nêustria e particularmente em Bayeux. Toda a costa se chamava *littus Saxonicum*. Os nomes de *Seez*, de *Saisseau*, da ribeira de *Sée* etc. tem, evidentemente, a mesma origem.

[833] Abbonis versus de Bellis Paris, ap. Scr. fr. VIII, 24.

[834] Permiti-me somente mudar a ortografia alemã que *M.* Thierry adota para todos os nomes próprios. O caráter germânico é quase inteiramente apagado entre os últimos Carolíngios.

[835] Chronic. Ditmari, ap. Scr. fr. X, 119: *Fuit in occiduis partibus quidam rex ab incolis Karl Sot, id est Stolidus, ironicè dictus. Rad. Glaber, I. I, c. 1, ibid. 4: Carolum Hebetem cognominatum. Chorini. Strozian., ibid. 273: ... Carolum Simplicem - Chron. S. Maxent., ap. Scr. fr. IX, 8: Karolus Follus. Richard Pictav., ibid. 22: Karolus Simplex sive Stultus.*

[836] (NT) Keisar, em alemânico, derivou para Kaiser em alemão moderno. A fonte comum é a palavra latina *Cæsar* (César).

[837] Script. rerum Francic., t. VIII, p. 226.

[838] Script. rer. franc., t. VIII, p. 203.

[839] Richardo duci filium nomine Hugonem commendare studuit, ut ejus patrocinio tutus, inimicorum fraudibus non caperetur. (Script. rer. Francic., tom. VIII, p. 267).

[840] Alberic. Tr. Font., ap. Scr. fr. IX, 66. “Luís d'Ultramar desposou Gerberga, irmã do imperador Othon; o duque Hugo o Grande, vendo isso, e a fim de devolver-lhe golpe com golpe e de contrabalançar o crédito que Luís obtivera junto a Othon, tomou por mulher a outra irmã, Hedwige. Dessas duas irmãs saíram a raça imperial da Germânia e as raças reais da França e da Inglaterra”.

[841] Hedwige e Gerberga se puseram juntas sob a proteção de Bruno e ele restabeleceu a paz entre seus sobrinhos. Frodoard. chronic. ap. Scr. fr. VIII, 211. Vita S. Brunonis, ap. Scr. fr. IX, 124. As duas irmãs viram render visita a Othon quando ele foi a Aix em 965 e jamais, disse o cronista, eles demonstraram tamanha alegria. Chron. Turon., ap. Scr. fr., IX, 54.

[842] Frodoard., I. IV, ap. Scr. fr. VIII, 157... *Quòd Odo civitatem Remensem obsederit, innumeras etiam cædes et depredationes execuerit, et res ecclesiæ Remensis suis satellitibus dederit, hujus ecclesiæ insistens rapinis.*

[843] *Accitis quàm pluribus clericis, alleluia te martyrum etc., in loco qui dicitur Mons Martyrium in tantum elatis vocibus decantari præcipit, ut attonitis auribus ipse Hugo et ominis Parisiorum plebs miraretur* (NT: Trazendo tantos padres quanto possível, ele ordenou que o alleluia te martyrium etc., no local que chamam Monte Martírio, fosse cantado tão alto para que Hugo e todo o povo de Paris ficassem maravilhados) Scr. fr., VIII, 232.

[844] *Pacificatus est Lotharius rex cum Othono rege, Remis civitate, contra voluntatem Hugonis et Hainrici, fratris sui, et contrâ voluntatem exercitûs sui* (Script. rer. Francic., t. VIII, p. 224)

[845] Nós apontaremos, à ocasião dessa observação de *M.* Thierry, que os Carolíngios, em sua degeneração, não caíram tão baixo quanto os Merovíngios. Se Luís o Gago foi cognominado *Nihil-fecit* (Nada-fez), é preciso lembrar que ele reinou por apenas dezoito meses; e os Anais de Metz felicitam sua suavidade e sua equidade. - Luís III e Carloman obtiveram uma vitória sobre os Northmans (879) - Carlos o Tolo fez um tratado com eles, muito útil (911). Ele derrotou seu rival o rei Roberto e o matou, diz-se, de sua própria mão (Chron. Tur., ap. Scr. fr. IX, 51). - Luís d'Ultramar mostrou uma coragem e uma atividade tamanhas que não lhe deveria ser lançada esse sátira: “*Dominus in convivio, rex in cubiculo*” [NT: Senhor na festa, rei no quarto] (Mirac. S. Bened., ibid IX, 140) - Enfim, seguindo a observação



de D. Vaissete, a própria juventude de Luís o Indolente (Luís V de França, *Louis-le Fainéant*), a brevidade de seu reinado e o valor do qual fez prova no sítio de Reims, não mereciam esse cognome dos últimos Carolíngios.

[846] Gerberti epistolæ, apud Script. rer. Franc., t. X, p. 387.

[847] Chron. Sithiens., ap. Scr. fr. X, 298.

[848] Acta SS. ord. S. Bened., sec. V. p. 557.

[849] Raoul Glaber, monge de Cluni, morto em 1048, se contenta em dizer: “Hugo Capeto era o filho de Hugo o Grande e neto de Roberto o Forte; mas eu deixarei de reportar sua origem pois, subindo mais alto, ela é forte obscura”. L. I, c. 2, ap. Scr. fr. X, Dante reproduziu a opinião popular que fazia os Capetos descenderem de um açougueiro de Paris:

*Di me son nati i Filippi i Luigi,*

*Per cui novellamente è Francia retta.*

*Figliuol fui d'un beccaio di Parigi,*

*Quando li regi antichi venner meno,*

*Tutti fuor ch'un renduto in panni bigi*

Dante, Purgatorio, C. XX, v. 49.

[850] Um monge de Maillezaix (Poitou), diz em sua crônica (ap. Scr. fr. X, 182): ... *Regnare Francis rex Robertus ferebatur* (NT: foi dito que o rei Roberto reinava sobre os Francos) - O duque da Aquitânia era, então (1016), Guilherme de Poitiers, reconhecia o rei de Arles como suzerano. Vide a Crônica de Ditmar, l. VII, ap. Scr. fr. X, 132-3.

[851] Já Carlos o Calvo, na primeira época de seu reino, não via senão pelos olhos de Hincmar. “Non solum de rebus ecclesiasticis... etc.” (Frodoard., liv. III, c. 18). Foi ainda Hincmar quem dirigiu Luís o Gago (Hincm. epist., ap. Scr. fr. IX, 254) e quem tornou rei Luís III, como ele próprio se vangloriava (vide mais acima). - Seu sucessor Foulques foi o protetor de Carlos o Simples quando pequeno. Ele o coroou em 893, com a idade de quatorze anos, tratou por ele com o Imperador Arnould e com Eudes, e o fez rei, enfim, em 898 (Chron. Sithiense, ap. Scr. fr. IX, 72. Frodoard., l. IV, c. 3, c. 5) - Depois dele, Heriveu reconduziu a Carlos o Simples, em 920, seus vassallos revoltados e reafirmou sua realzaza balança (Chron. Tur., ap. Scr. fr. IX, 50. Frodoard, l. IV, c. 15). Só, ele veio defendê-lo com seus homens contra a invasão dos Húngaros (Frodoard. l. IV, c. 14) - Luís d'Ultramar fez a guerra contra Heriberto com o arcebispo Arnoul e concedeu-lhe o direito de cunhar moeda (Alberic., ap. Scr. fr. IX, 66. Frodoard., l. IV, 26 e segs.).

[852] (NT) “Os que estavam mortos ligavam-se a corpos vivos, que tormento”. Virgílio, Eneida, canto 8, versos 479-480.

[853] (NT) “Pés, tão velozes, fixam-se em lentas raízes” - Ovídio, Metamorfoses, verso 551. Tradução extraída do trabalho “*Metamorfoses* em Tradução”, de Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho, disponível no sítio internet [www.usp.br/verve/coordenadores/raimundocarvalho/rascunhos/metamorfosesovidio-raimundocarvalho.pdf](http://www.usp.br/verve/coordenadores/raimundocarvalho/rascunhos/metamorfosesovidio-raimundocarvalho.pdf)

[854] (NT) As páginas se referem não a esse livro, mas ao livro de W. Humboldt.

[855] Assim como as terminações *ac, oc* do sul da França ligariam os nomes de homens e lugares a um plural em conformidade ao temperamentos das *gentes* pelágicas, expressado claramente no italiano moderno, onde os nomes de homem são plurais: Alighieri, Fischì, etc.

[856] Vasco, Wasco, em língua basca, significa *homem*, diz o dicionário de Laramandi (edição de 1743, sob esse título pomposo: *El impossible vincido, arte della lingua Bascongada*, impresso em Salamanca. Vide também Laboulinière, *Voyage dans les Pyrénées Françaises*, I, 235 (*Viagens nos Pirineus Franceses*).

[857] (NT) Os Túrdulos são um povo indígena da península ibérica que habitava a região aproximada da atual cidade portuguesa de Leiria (<http://fr.wikipedia.org/wiki/Leiria> e <http://www.portugalromano.com/2011/01/a-cidade-perdida-de-collippo/>).

[858] (NT) atual cidade de Saint-Martory.

[859] (NT) atual cidade de Castres.

[860] Osca, de *eusi*, latir; falar? de *otsa*, ruído, barulho? Cada povo bárbaro se considerava falando só uma verdadeira língua de homem. Em oposição a *cuscaidunac*, eles dizem *er-d-al-dun-ac*; de *arra, erria*, terra; assim, *erdaldunac*, quem fala a língua da região; os Bascos franceses chamam assim os Franceses, os Biscaios os Castelhanos.

[861] (NT) Ouche, cidade situada no departamento francês de Aveyron.

[862] (NT) “O país de Gaure (ou Gavre) é uma pequena região em volta de Fleurance no departamento francês do Gers. Ele hoje está assimilado à Lomagne. Seu nome tem por base a mesma raiz que *gave* (antigo gascão *gabar*) aplicável aos cursos d'água ou a seu vale” ([http://fr.wikipedia.org/wiki/Pays\\_de\\_Gaure](http://fr.wikipedia.org/wiki/Pays_de_Gaure)). “Gave” é uma palavra que significa um curso d'água torrencial, embora possa ser usado genericamente para designar cursos d'água pequenos ou grandes nas regiões do Béarn, Bigorre, Pyrénées-Atlantiques, Hautes-Pyrénées e Chalosse.

[863] (NT) O autor deveria estar se referindo a Cap-Ferret, situado no país de Buch.

[864] Todavia, *dun* (duna, com o artigo) é uma terminação comum do adjetivo basco. De *arra*, verme; *ar-duna*, cheio de vermes. De *erstura*, angústia; *erstura-dun-a*, cheio de angústias. *Eusc-al-dun-ac*, os Bascos. *Caladunum* pode significar, em basco, cantão rico em juncos.

[865] Pode-se, entretanto, ainda citar Mauléon na Gasconha e no Poitou (Maulin em basco). - Na Bretanha: Rennes, Batz, Alet, Morlaix (encontra-se nos Pirineus: Rasez, Rœdæ, pagus Redensis ou Radensis, como Redon, Redonas, Morlaas, etc - Encontra-se ainda na Bretanha um Auvergnac, um Montauban do lado de Rennes). As palavras Auch, Occitânia, Gard, Gers, Garonne, Gironda, parecem também de origem basca - Montesquieu, Montesquieu, de Esken?

[866] (NT) cidade de Évora, em Portugal.

[867] (NT) cidade de Óbidos, em Portugal.

[868] (NT) Eburodunum era uma fortificação celta, depois uma praça-forte romana, situada no Cantão suíço de Vaud, na cidade de Yverdon-les-Bains (<http://fr.wikipedia.org/wiki/Eburodunum>)

[869] (NT) “Eboracum foi uma das mais antigas cidades da Inglaterra, criada na época romana. Foi, por um certo período, a capital da província Britânia inferior, na época em que Sétimo Severo havia lutado pela sucessão do Império Romano, em 190 da era comum. Sua localização corresponde atualmente à cidade de York.” (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Eboracum>)

[870] (NT) A cidade de Eburum (forma latina) é a atual Olomouc, na República Tcheca. O autor a situa na Hungria, uma vez que, em 1833, ainda não existia a República Tcheca. Naquela época, a cidade de Olomouc, região da Morávia, pertencia à Hungria a qual fazia parte do Império Austríaco e, na sequência, ao Império Austro-Húngaro, até que, finalmente, com o fim da I Guerra Mundial (1918) e a criação da República Tcheca, a cidade de Eburum passou a fazer parte deste último Estado.

[871] (NT) Lucânia: região italiana compreendendo as províncias italianas de Potenza e Matera. Atualmente seu nome é Região Basilicata.

[872] (NT) “Segóbriga (ou Parque Arqueológico de Segóbriga) é um importante feito romano situado próximo ao monte *Cerro de Cabeza de Griego* na localidade de Saelices, Província de Cuenca, Castilla-La Mancha (Espanha)”



[873] (NT) Atual cidade de Sigüenza, província de Guadalajara, Espanha.

[874] (NT) Segodunum é a atual cidade de Rodez, na Aquitânia, França. “As raízes *sego* (« fort », Segóvia ou Segóbriga, a capital dos Celtiberos, partilha o mesmo étimon) e *dunum* (« colline ») donde *Segodunum* (« colina alta, praça forte ») está na origem do nome gaulês de Rodez”. - <http://fr.wikipedia.org/wiki/Segodunum>

[875] (NT) Provavelmente é cidade A Pobra de Trives, nome oficial e galego, ou Puebla de Trives, em castelhano.

[876] (NT) Augustonemetum ou Civitas Arvernorum é o nome da cidade galo-romana que se situava numa parte da da aglomeração da atual cidade de Clermont-Ferrand, no departamento de Puy-de-Dôme, na França. - <https://fr.wikipedia.org/wiki/Augustonemetum>

[877] (NT) atual cidade de Arras, na França.

[878] (NT) vide <http://fr.wikipedia.org/wiki/Suessula>

[879] A adivinhação e a flauta dos Vascões eram célebres, como aquela dos Etruscos e Lídios. Lamprid. Alex. Sever. - *Vasca tibia* em Solin, c. 5. - Servius, XI Æn., et apud auctorem veteris glossari latino-græci. Hoje, eles não tem outro instrumento (como os highlanders escoceses a gaita-de-foles.) Estrabônio, I. III.

[880] (NT) Calagurris é o nome atual da comuna de Calahorra, da comunidade autónoma de La Rioja, no norte da Espanha, pertencendo à região da Rioja Baja.

[881] (NT) Sobre o Promontório Cuneus, vide o artigo *A costa portuguesa em Artemidoro* (www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/13\_1/05\_Alarcao.pdf) e o livro disponível no Google Books *Memórias eclesiásticas do Reino do Algarve*, pág. 67, de Vicentii Salgado, Lisboa, 1786).

[882] Segundo Bullet, *Lar*, em celta, significa “fogo”. Em velho irlandês, ele significa o solo de uma casa, a terra ou bem uma família (?). - *Lere*, todo-poderoso. - *Joun, iauna*, em basco, Deus (Janus, Diana). - Em irlandês, *Anu, Ana* (donde Iona, Jona?) mãe dos deuses etc etc.

[883] (NT) trecho do tópico “Etimologia” em <http://en.wikipedia.org/wiki/Samhain>:

“No irlandês moderno, o nome é Samhain, no escocês gaélico é *Samhainn/Samhuinn* e, em gaélico manx (ou manês ou manquês), *Sauin*. Há também os nomes de Novembro em cada língua, abreviados de *Mí na Samhna* (irlandês), *Mì na Samhna* (escocês gaélico) e *Mee Houney* (manx). A noite do 31 de outubro (*Halloween*) é *Oíche Shamhna* (irlandês), *Oidhche Shamhna* (escocês gaélico) e *Oie Houney* (manx), todas significando “Noite de Samhain”. O dia 1º de novembro, ou o festival todo, pode ser chamado *Lá Samhna* (irlandês), *Là Samhna* (escocês gaélico) e *Laa Houney* (manx), todos significando “Dia de Samhain”.

Todos esses nomes vem do irlandês arcaico *samain*, *samuin* or *samfuin* referindo-se, todos, ao dia 1º de novembro (*latha na samna*: 'dia de samhain') e ao festival e à real reunião que ocorriam naquela data na Irlanda medieval (*oenaig na samna*: 'assembleia de samhain’).

[884] (NT) os Dii Consentes (Dei Consentes ou Dii Complices) são os doze grandes deuses do panteão greco-romano: Juno, Vesta, Minerva, Ceres, Diana, Vênus, Marte, Mercúrio, Júpiter, Netuno, Vulcano e Apolo.

[885] Bed. Hist. Eccl., II, c. 13: Cui primus pontificum ipsius Coifi continuo respondit (primeiro sacerdote de Eduíno, rei da Nortúmbria, convertido por Paulinus no início do século VII. Macpherson, Dissert. on the celt. antiq.) - *Coibhi-draoi*, Druida coibhi, é uma expressão comum na Escócia para designar uma pessoa de grande mérito (vide *Mac Intosh's gaelic proverbs*, p. 34. - Haddleton, *notes on Tolland*, p. 279). Um provérbio gaélico diz: a pedra não aperta a pedra tão apertadamente quanto a assistência do Coibhi (benemerência, atributo do chefe dos Druidas?)

[886] Davies Mythol., p. 271, 277. Ammian. Marcell., liv. XV: Druidæ ingenis celsiores, ut autoritas Pythagoræ decrevit, sodalitiis astricti consortiis, quæstionibus occultarum rerum altarumque erecti sunt, etc.

[887] (NT) Situadas a sudoeste da península da Cornualha, na Inglaterra.

[888] (NT) Atualmente conhecida como ilha de Tresco. Outros nomes: Trescaw, Trescau. Vide [http://en.wikipedia.org/wiki/Tresco\\_Isles\\_of\\_Scilly](http://en.wikipedia.org/wiki/Tresco_Isles_of_Scilly)

[889] (NT) Também Beltane ou Beltain. Ainda hoje é uma celebração que ocorre anualmente na Festa da Primavera, ainda que, originalmente, ocorresse no verão. Vide <http://pt.wikipedia.org/wiki/Beltane>

[890] (NT) “Que visão, que estrido, que tinido por sobre as vidraças e candelabros, que cobertura de ervas, que clamores, e outras cerimônias são feitas.”

[891] (NT) A palavra foi aportuguesada para *cromeleque*.

[892] (NT) vide, a respeito dos monumentos megalíticos do condado de Cavan, na Irlanda, o sítio internet <http://www.irishmegaliths.org.uk/cavan.htm>

[893] Sobre a margem do Sena, perto de Duclair, está uma rocha muito alta conhecida sob o nome de Cadeira de Gargântua; próximo a Orléans, a duas léguas de Blois, a *Cadeira de César*; perto de Tancarville, a *Pedra-Gante* ou pedra do gigante.

[894] (NT) “A Dança do Gigante, que é uma montanha da Irlanda... Não te balances, senhor rei, com vão riso. São pedras místicas e de diversas virtudes medicinais; gigantes de outrora as transportaram da mais longínqua costa da África... Seu desígnio era construir banhos nelas para quando precisassem banhar-se por causa de alguma enfermidade. Lavando-se junto às pedras e colocando suas doenças na água, conseguiam suas curas; misturavam também ervas para as infecções, assim o ferimento era sanado. Lá não há pedra que não possa servir de medicamento” - traduzido a partir de [http://www.yorku.ca/inpar/geoffrey\\_thompson.pdf](http://www.yorku.ca/inpar/geoffrey_thompson.pdf), capítulo XI, página 134 - *Geoffrey of Monmouth, History of the Kings of Britain*, tradução de Aaron Thompson com revisão de J. A. Giles, *In Parentheses Publications, Medieval Latin Series*, Cambridge, Ontario, 1999

[895] (NT) “junto à fonte de Galabas, a qual ele normalmente frequentava” - traduzido a partir de [http://www.yorku.ca/inpar/geoffrey\\_thompson.pdf](http://www.yorku.ca/inpar/geoffrey_thompson.pdf), capítulo X, página 133 - *Geoffrey of Monmouth, History of the Kings of Britain*, tradução de Aaron Thompson com revisão de J. A. Giles, *In Parentheses Publications, Medieval Latin Series*, Cambridge, Ontario, 1999

[896] (NT) Chama-se “dólmen do Jarrier”.

Vide [www.t4t35.fr/Megalithes/AfficheSite.aspx?NumSite=5908](http://www.t4t35.fr/Megalithes/AfficheSite.aspx?NumSite=5908)

[897] (NT) Possivelmente, trata-se do dólmen *Pierres Plates*.

[898] (NT) Vide o sítio <http://www.newgrange.com/>

[899] (NT) “Eu conheço o intento das árvores, eu conheço aqueles a quem foi decretado júbilo ou desgraça, pela intenção das árvores memoriais dos sábios,” e celebra “o casamento dos raminhos das árvores, ou dos estratégias, e sua batalha com os instruídos”. Ele podia “delinear as árvores e juncos elementares” e nos contar quando os raminhos “estivessem marcados no pequeno bloco de estratégias que proferiam de sua voz”.

[900] NT: na evolução histórica, a Loégria tornou-se a Inglaterra, a Câmbría tornou-se o País de Gales e Alba a Escócia.

[901] (NT) “Cesarianos”: são, claramente, os Romanos comandados por Júlio César.

[902] (NT) Merlin.

[903] (NT) Mordred.

[904] (NT) no original: *vanneau*. Trata-se de uma designação genérica para o gênero *vanellus*, que conta com 23 espécies, dentre elas o quero-quero. Como

esta última é a mais comum no Brasil, embora de raríssima ocorrência na Europa, o Tradutor sacrificou o bom senso geográfico à conveniência de transmitir ao leitor uma idéia do tipo de ave mencionada no texto.

[905] Um rei da Irlanda, chamado Cormac, escreveu, em 260, *de Triadibus* e algumas tríades permaneceram na tradição irlandesa sob o nome de Fingal. Os Irlandeses marchavam para o combate três-a-três; os highlanders da Escócia sobre três de profundidade. Nós já falamos da *trimarkisia* - Na ceia, diz Giraldus Cambrensis, os Galeses servem uma tigela de vegetais à frente de cada tríade de convivas; eles jamais se colocam dois a dois (*Logan, The Scottish Gaël*).

[906] (NT) Reinou de 1625 a 1649, tendo sido destronado por *Lord* Cromwell, que implantou o Protetorado, sob forma republicana.

[907] (NT) espécie de espada montante tipicamente escocesa que, por seu tamanho (invariavelmente do tamanho do guerreiro que a empunhava), era utilizada com as duas mãos, impedindo o guerreiro de utilizar-se de um escudo defensivo

[908] (NT) a ilha Gallinara é uma ilhota situada no mar da Ligúria, no mar Mediterrâneo, a apenas 1,5 km da costa, de frente para a praia de Ponente, na comuna de Albenga.

[909] (NT) Saltério é um livro contendo os salmos do Livro dos Salmos, utilizado na Igreja Católica e religiões cristãs protestantes.

[910] (NT) “Ó Deus, vós tirastes o louvor mais perfeito da boca das criancinhas e dos lactentes para destruir o inimigo e seu defensor”. Salmo VIII. (traduzido a partir de <http://www.abbaye-saint-benoit.ch/voragine/tome03/167.htm>)

[911] Em Gregório de Tours (ap. Scr. fr., II, 467), São Simplicio vê, à distância, uma estátua de Cibele ser levada a passeio sobre um carro-de-bois. A Cibele germânica, Ertha, era também levada da mesma forma. Tacit. German.

[912] (NT) “é chamado de Morimasuam pelos Cimbrios, isto é, mar morto”. Tradução a partir do italiano em <http://it.wikipedia.org/wiki/Cimbri> (“Filemone disse che è chiamato dai Cimbri Morimarusa, cioè Mare Morto, fino al promontorio di Rubea e dopo quello di Cronio”) - Plínio, o Velho em *Naturalis Historia*.

[913] (NT) “O vermelho do cabelo dos habitantes da Caledônia e os seus grandes membros afirmam a origem germânica”.

[914] (NT) “Ó vós aprendestes tudo dos Albanos, vós aprendestes dos anfitriões de cabelos amarelos”. *Albanos*, no caso, refere-se claramente a Alba, um dos reinos existentes na antiga Grã-Bretanha, como já vimos.

[915] (NT) Sem adentrar em maiores discussões sobre o evolucionismo, sobre os fatores que levaram à diversidade de morfologias faciais e epidérmicas, etc., o leitor há de ter em consideração que o livro original foi escrito em 1833.

[916] (NT) “A maioria deles originados na Germânia” - Commentarius Secundus, IV; *de Bello Gallica*, Julio César.

[917] Vê-se, em o Monge de Santo Gallo, um pobre que tem vergonha de ser ruivo: “Pauperculo valdè rufo, galliculâ suâ quia peileum non habuit, et de colore suo nimium erubuit, caput induto...”

[918] (NT) “Eu desejo castanho o olho e a tez/Ainda que o olho verde toda a França adore” - *Les poësies du roy de Navarre*

[919] (NT) “A Auvérnia” (*Auvergne* em francês) “é uma antiga província da França e uma região administrativa situada no Maciço Central... A região administrativa agrupa quatro departamentos: o Allier, o Cantal, o Alto-Loire e o Puy-de-Dôme”. (fonte: <http://fr.wikipedia.org/wiki/Auvergne>)

[920] (NT) “Eu nada digo dos deleites particulares de nosso territórios, dessa vasta extensão de campo onde as águas, correndo sem oferecerem perigo ao meio das searas, com elas conduzem a fecundidade; mais o agricultor exhibe indústria para trazer a água para suas terras, menos perdas ele experimenta; nossa pátria é agradável àqueles que viajam, aos trabalhadores oferece colheitas abundantes, agrada aos caçadores, apresenta montanhas cobertas de pastos, encostas carregadas de vinhas, planícies embelezadas por fazendas, castelos sobre lugares escarpados de densas florestas, campos cultivados, valedos orvalhados de fontes, precipícios margeados de rios; ela é tal que, em uma palavra, os estrangeiros, após tê-la visto uma vez, frequentemente esqueceram suas próprias pátrias”. (traduzido a partir do francês, disponível em <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/sidoine/lettres4.htm>)

[921] (NT) Fœcundus ab urbe...

“... estende-se um campo fértil depois da cidade mal o arado fere a superfície, que os campos tem sede de uma semente que lhes parece tardia, robustos touros a gleba enegrecida cansam, mas ela fornece uma abundante colheita” (adaptado a partir do texto em prosa em francês, em <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/sidoine/poesies7.htm>)

[922] (NT) “Eu adoraria poder conhecer com meus olhos essa Limagne da Auvérnia que se diz tão risonha”. (a partir do texto em francês, na edição disponível em <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/gregoire/francs3.htm>)

[923] (NT) “Segui-me para a Auvérnia e eu vos conduzirei em um país onde pegareis ouro e prata tanto quanto podereis desejar, aves, servos e vestimentas, vós os levareis em abundância”. (*ibid*)

[924] (NT) Imperador romano do Ocidente de 457 a 461.

[925] (NT) “As armas das nações que nos cercam aterrorizam nossa cidade tornada, por assim dizer, uma barreira entre seus limites. Colocados como uma triste presa no meio de dois povos rivais, suspeitos aos Burgúndios, vizinhos dos Godos, estamos expostos à furia de nossos inimigos e à inveja daqueles que nos defendem”. (*a partir do texto em francês, na edição disponível em http://remacle.org/bloodwolf/historiens/sidoine/lettres3.htm*)

[926] (NT) “O rumor é de que os Godos entraram em território romano: nós outros, infelizes Arvernos, somos sempre os primeiros expostos a tais irrupções. O que nos torna o objeto especial de seu ódio é que, queimando de desejo de expandir suas fronteiras a partir do Oceano até o Ródano e ao Loire, eles em nós encontram o único obstáculo que, com a ajuda do Cristo, ainda retarda suas conquistas. Eis, de há muito, que os ataques inoportunos de uma realza ameaçadora devoraram todas as regiões limítrofes”. (*a partir do texto em francês, na edição disponível em http://remacle.org/bloodwolf/historiens/sidoine/lettres7.htm*)

[927] (NT) “pai, sogro, avô, bisavô foram prefeitos de Roma e do pretório, mestres do palácio e comandantes dos exércitos”. (*a partir do texto em francês, na edição disponível em http://remacle.org/bloodwolf/historiens/sidoine/lettres1.htm*)

[928] (NT) “Nesses entretimentos, chegaram os deputados da província das Gálias, Tonantius Ferréol, ex-prefeito do pretório e neto do cônsul Afranius Syagrius, Thaumastus e Petronius, pessoas dotadas de alta eloquência, de rara habilidade nos negócios e dignas de serem colocadas entre os homens que mais honram a nossa pátria; eles vinham por causa de Arvandus, munidos dos documentos necessários para acusá-lo em nome de sua província. Entre outras provas para sustentar sua acusação, eles portavam uma carta interceptada que o secretário de Arvandus, ele também detido, confessara ter-lhe sido ditada por seu senhor. Essa carta parecia ser dirigida ao rei dos Godos para dissuadi-lo de fazer a paz com o imperador grego, para convencê-lo ser necessário atacar os Bretões estabelecidos sobre o Loire, para assegurar-lhe que, segundo o direito dos povos, as Gálias deviam ser partilhadas com os Burgúndios”. (*ibid*)

[929] (NT) “Tu governaste as Gálias quando elas eram mais florescentes; eu não direi que pela só eficácia das tuas medidas tu repeliste Átila, o inimigo do Reno, Turismundo, o dono do Ródano e amparado Aécio, o libertador do Loire. Tua sabedoria, tua previdência, fizeram, então, acorrer os povos da província em volta do teu carro e os incentivaram a puxá-lo sob o ruído dos aplausos universais; pois tinhas governado as Gálias de tal maneira que o agricultor derrotado sob o peso dos tributos pôde, enfim, reerguer a cabeça”. (*a partir do texto em francês, na edição disponível em http://remacle.org/bloodwolf/historiens/sidoine/lettres7.htm*)

[930] (NT) “A Catilina de nosso século... A cada dia ele enche as florestas de fugitivos, os campos de cidadãos, os templos de culpados e as prisões

de clérigos; ele louva os Godos e insulta os Romanos; ele zomba dos prefeitos e se entende com os cobradores públicos; pisoteando as leis de Teodósio, propondo aquelas de Teodorico, ele procura faltas antigas e perquire novos tributos”. (a partir do texto em francês, na edição disponível em <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/sidoine/lettres2.htm>).

[931] (NT) “Desembaraça-te, então, prontamente, das questões que te retardam e quebra todos os obstáculos que te possam reter”. (*ibid.*)

[932] (NT) “A liberdade, ante os gemidos de nossos cidadãos trêmulos, suspira por teu retorno. Qualquer que seja o temor ou a esperança, nada se deseja fazer senão contigo e sob tua condução. Se não há qualquer recurso, não há nenhum socorro a esperar da república; se, como se diz, o poder do príncipe Antêmio é nulo, a nobreza resolveu aguardar tua opinião para deixar a pátria ou para abraçar o estado eclesiástico”. (*ibid.*)

[933] (NT) “Durante o pontificado de Sidônio, uma grande fome desolou a Borgonha. Como os povos se dispersassem em diferentes regiões... Ecdício, senador e parente de Sidônio... enviou seus domésticos, com cavalos e carroças, para as cidades vizinhas a fim de que trouxessem aqueles que sofriam com a escassez. Aqueles, tendo-o feito, trouxeram à sua casa todos os pobres que puderam encontrar e aí Ecdício os alimentou durante todo o tempo da penúria e os impediu de morrer de fome. Havia, como muitos o relatam, mais de quatro mil pessoas de ambos os sexos... Após a partida deles, ele escutou uma voz que vinha do céu e que lhe disse: 'Ecdício, Ecdício, pois que fizeste essa ação, a ti e à tua semente, o pão jamais faltará.’” (a partir do texto em francês disponível em <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/gregoire/francs2.htm>)

[934] (NT) “Se alguma vez, foste querido pelos meus Arvernos, é sobretudo hoje; eles têm por ti um amor extremo e, claro, não sem grandes razões... não digo que seja por causa de tua infância que se viu para cá acorrerem, de todas as partes, aqueles que desejavam se entregar ao estudo das letras; que te foram devedores de os nobres, outrora, terem abandonado a rudeza da língua celta para se exercitarem tanto no estilo oratório, quanto nos modos poéticos. Uma coisa sobretudo te fez ganhar a afeição geral, foi que tu impediste de se tornarem Bárbaros aqueles que, ontem, tu forçaste a serem Latinos.... Agora, as saudações, os aplausos, as lágrimas, as festas que te acolheram quando, com a paz, tu entraste na cidade, seria mais fácil a meus desejos imaginá-los que as minhas palavras dizê-los... alguns fazem desaparecer, sob abraços, a poeira que te cobre, outros seguram os bridões dos teus corcéis, sujos de sangue e de espuma... Ainda que vários cidadãos, pulando de alegria, estreitassem entre seus braços os companheiros da tua glória, era a ti, não obstante, que se dirigia todo o ardor do júbilo popular... Também não digo que tu reuniste às tuas expensas uma espécie de exército... Também não digo que, mais de uma vez, tu caíste de surpresa sobre o inimigo e que chegaste a fazer em pedaços vários de seus esquadrões, sem perder mais de dois ou três dos teus soldados”. (a partir do texto em francês disponível em <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/sidoine/lettres3.htm>)

[935] (NT) Luís VI, que reinou de 1.081 a 1137.

[936] (NT) “Os Auvernenses então abandonaram os castelos construídos sobre o pico de suas altas montanhas e procuraram um asilo dentro dos muros desta cidade”. (a partir do texto em francês disponível em <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/suger/vie3.htm>)

[937] (NT) “Não será, nem o aspecto desses muros consumidos pelas chamas, nem essas paliçadas arruinadas, nem esses reparos sempre cobertos de nossos sentinelas; nossa só esperança está nos Rogos que tu instituíste; o povo Arverno vem de adotá-los, senão com tanto sucesso, ao menos com um zelo igual àquele dos teus povos, e é isso que o protege contra os terrores dos quais está cercado”. (a partir do texto em francês disponível em <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/sidoine/lettres7.htm>)

[938] (NT) “Tal é, hoje, o estado de nossa infeliz província, que a reputação tem razão de representar nossa sorte como tendo sido melhor durante a guerra do que depois da paz. Nossa escravidão tornou-se o preço da segurança de nossos vizinhos. A escravidão dos Arvernos, ó dor! Se remexo no passado, vejo que eles ousaram, outrora, se dizer os irmãos dos antigos habitante do Lácio e relacionar sua origem ao sangue Troiano” - (*ibid*)

[939] (NT) “... Produto.... que se orgulha de vir do sangue do Lácio”. (a partir do texto em francês disponível em <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/sidoine/poesies7.htm>)

[940] (NT) “Eis então o que nos valeu ter afrontado a fome, as chamas, o ferro, a peste, ter engordurado nossos gládios com o sangue inimigo, termos nos extenuado com jejuns combatendo!” (a partir do texto em francês disponível em <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/sidoine/lettres7.htm>)

[941] (NT) “Após esse fato, tendo sido tomado pela febre, ele ficou doente e pediu aos seus para levá-lo à igreja. Quando ele aí chegou, uma multidão de homens, de mulheres e de crianças se reuniu à sua volta, chorando e dizendo: 'Por que nos abandona, bom pastor, a quem deixas esses que a tua morte tornará orfãos? Como será a nossa vida após a tua morte? ... O povo entremeava essas palavras com grandes lamentos’. (a partir do texto em francês em <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/gregoire/francs2.htm>)

[942] (NT) O Autor escreveu “Vouglé”, mas as referências que o tradutor encontrou trazem a palavra “Vouillé”, sem alteração de contexto histórico sobre a “batalha de Vouillé”, quando Alarico II enfrentou Clóvis, rei dos Francos. Mas a referência a Vouglé não está errada. Quanto à situação geográfica, houve, após a publicação deste livro, em 1833, discussões sobre o real local da batalha que teria ocorrido não em Vouillé, mas na planície de Voulon (vide sobre a discussão: [http://fr.wikipedia.org/wiki/Bataille\\_de\\_Vouillé](http://fr.wikipedia.org/wiki/Bataille_de_Vouillé))

[943] (NT) “Então, tendo o povo eleito São Quintiano, que fora expulso de Rodez, Alquima e Placidina, uma esposa e a outra irmão de Apolinário, vieram a ele e disseram-lhe: 'Santo homem, que baste à tua velhice ter sido designado como bispo, e permita, por tua bondade, a teu servidor Apolinário subir a esse posto de honra... Ao que ele respondeu: 'Por que eu o traria, eu que não tenho ninguém sob meu poder? Tudo o que peço é que, enquanto eu não falte à oração, a igreja me forneça meu alimento cotidiano’. (a partir do texto em francês em <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/gregoire/francs3.htm>)

[944] (NT) “... acompanhado somente de dezoito cavaleiros, passar em pleno dia, em pleno campo, através de milhares de Godos, ação que a posteridade dificilmente acreditará.... ainda que fossem muito menos numerosos que os convivas que se sentam ordinariamente à mesa”. (a partir do texto em francês disponível em <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/sidoine/lettres3.htm>)

[945] (NT) o segundo volume (Tomo II) ainda não foi traduzido para o português. Assim, a referência é a original do Autor, ora mantida.

[946] (NT) O *Domesday Book*, ou mais simplesmente *Domesday* (Livro do Juízo Final), é apenas o registro do grande inventário da Inglaterra realizado, em 1086, a mando de Guilherme o Conquistador, Duque da Normandia, para poder conhecer os bens e proprietários da terra que ele acabara de conquistar. Em 2006, sua visualização *online* foi disponibilizada (<http://www.domesdaybook.co.uk/>)

[947] O chefe supremo dos Vagabundos se chamava, em sua língua, *coërse*, e seus principais oficiais *cagoux*, ou arqui-cúmplice.

[948] (NT) Pode-se ver um exemplo de pia-bastimal e de entrada diferenciada na igreja nos seguintes sítios da Internet: *Les Cagots à Montgaillard...* (<http://loucrup65.fr/pgie2821.htm>) e *Les Cagots: 10% de la population jusqu'au 18e siècle! Tabou français!* ([http://forum.hardware.fr/hfr/Discussions/Societe/cagots-population-francais-sujet\\_101742\\_1.htm](http://forum.hardware.fr/hfr/Discussions/Societe/cagots-population-francais-sujet_101742_1.htm)). Na Wikipédia, há também excelentes narrativas em inglês e francês (em português, posto que existente, é ínfima). Em 2008, uma reportagem do jornal “The Independent”, sob o título “The last untouchables in Europe” (Os últimos intocáveis da Europa), fala dos Cagots da França (<http://www.independent.co.uk/news/world/europe/the-last-untouchable-in-europe-878705.html>).

[949] Bullet acredita encontrar nesse fato uma relação com a história de Berta, a *Rainha Pé de Ganso*\* (*pes aucaë*, pé de ganso; vide meu II volume). Uma passagem de Rabelais indica que se via uma imagem da Rainha Pédaque em Toulouse. Os contos de Eutrapel nos dizem que se jurava em Toulouse *pela roca da Rainha Pédaque*. Esse locução lembra o provérbio “do tempo que a rainha Berta fiava” (Bullet, *Mythologie Française*).

\* (NT) No original “Reine Pédaque”. Mais informações, vide [http://fr.wikipedia.org/wiki/Reine\\_Pédaque](http://fr.wikipedia.org/wiki/Reine_Pédaque).

[950] (NT) Obviamente, como hoje se sabe, a causa do bócio nada tem a ver com o clima ou com o tipo de água que se bebe, devendo-se, isso sim, à falta do mineral iodo que é raro nas localidades distantes do mar. Não sem razão, há décadas, o iodo é obrigatoriamente adicionado ao sal (este, por sua vez, marinho) que se

vende no Brasil. Vide, a propósito, a notícia “Controle da adição de iodo no sal reduz casos de bócio” em [http://www.anvisa.gov.br/divulga/public/boletim/41\\_04.pdf](http://www.anvisa.gov.br/divulga/public/boletim/41_04.pdf)